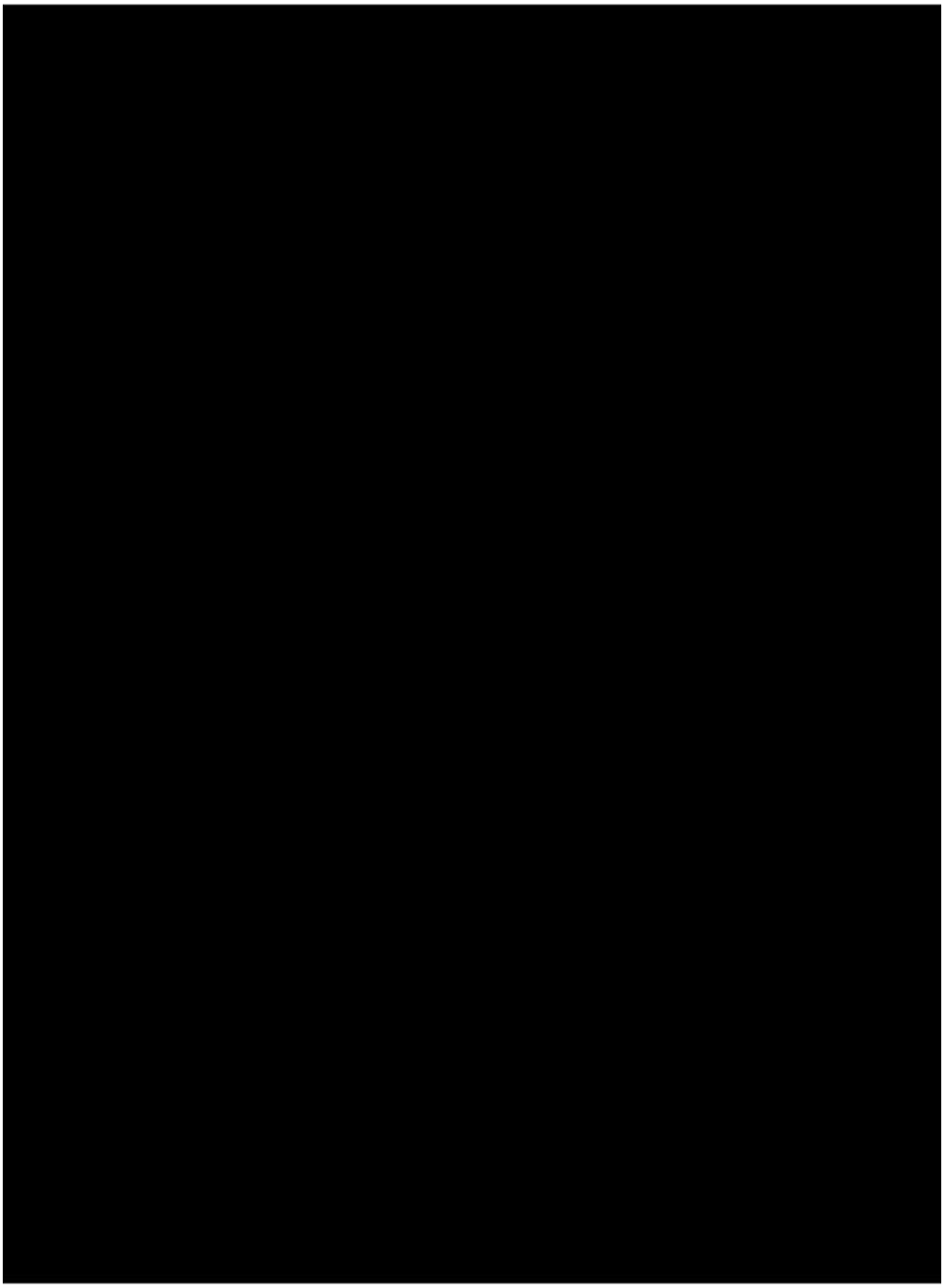
MAIS DE 100 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

PATRICIA CORNWELL

SCARPETTA



BIBLIOTECA
DO EXILADO



O estado mental do louco pode ser descrito
como um sonho desordenado de olhos abertos.
— Montagu Lomax, As experiências de um médico de hospício, 1921

Para Ruth (1920-2007)
E como sempre, com gratidão, para Staci

1

Pedaços de tecido cerebral se agarravam como fiapos de lã cinza molhados às mangas do jaleco da dra. Kay Scarpetta, cuja frente estava salpicada de sangue. Serras zumbiam, água escorria e pó de osso flutuava no ar como se fosse farinha. Três mesas estavam ocupadas. Havia mais corpos a caminho. Era terça-feira, dia 1º de janeiro, o primeiro dia do novo ano.

Scarpetta não ia precisar apressar o departamento de toxicologia para saber que seu paciente havia bebido antes de puxar o gatilho da espingarda com o dedo do pé. No instante em que ela abrira o homem, detectara o cheiro pútrido e pungente que o álcool exala ao ser absorvido pelo corpo. Quando Scarpetta estava fazendo sua residência em patologia forense muitos anos antes, ela costumava se perguntar se um passeio pelo necrotério assustaria alguém que bebia demais a ponto de fazer com que largasse o vício. Se ela lhe mostrasse uma cabeça aberta como se fosse um ovo quente e deixasse que a pessoa sentisse o cheiro do champanhe num corpo morto, talvez passasse a pedir só Perrier. Ah, se fosse assim tão fácil.

Ela viu o subchefe do departamento, Jack Fielding, erguer o lustroso bloco de órgãos de dentro da cavidade torácica de uma estudante universitária que fora assaltada num caixa eletrônico e levara um tiro, e esperou pela explosão dele. Durante a reunião de funcionários daquela manhã, Fielding comentara, indignado, que a vítima tinha a mesma idade de sua filha, e que ambas eram campeãs de corrida e estudavam medicina. Nada de bom acontecia quando ele levava um caso para o lado pessoal.

"A gente não afia mais os bisturis?", gritou Fielding.

A lâmina oscilante de uma serra uivou, enquanto o assistente do necrotério abria um crânio e respondia, também aos gritos: "Parece que eu estou à toa?".

Fielding atirou o bisturi de volta no carrinho com um estrondo. "Como é que eu posso trabalhar nesta porra de lugar?"

"Pelo amor de Deus, alguém dê um Xanax ou alguma coisa assim para esse cara." O assistente do necrotério arrancou o tampo do crânio com um cinzel.

Scarpetta colocou um pulmão sobre uma balança, usando uma caneta eletrônica para anotar o peso num palmtop. Não havia uma caneta esferográfica, prancha ou folha de papel à vista. Quando ela subisse, só teria que passar para seu computador o que escrevera ou desenhara. Mas a tecnologia não tinha como ajudar com seu fluxo de pensamentos, e ela ainda os ditava após ter terminado tudo e tirado as luvas. Seu consultório era como o de um médico-legista moderno, acrescido daquilo

que ela considerava essencial num mundo que não reconhecia mais, no qual o público acreditava em qualquer coisa "forense" que via na tv e a violência não era um problema social, mas uma guerra.

Scarpetta começou a dividir o pulmão, notando que ele tinha o formato típico, com uma pleura visceral de superfície regular e lustrosa, e um parênquima atelectásico vermelho-claro. Havia uma quantidade mínima de espuma rósea. Não havia nenhuma outra lesão visível a olho nu, e a parte vascular do pulmão estava normal. Ela fez uma pausa quando seu assistente administrativo, Bryce, apareceu, com um olhar em seu rosto jovem que misturava desdém e repulsa. Ele não tinha nojo do que acontecia ali, só ficava ofendido pelos mesmos motivos que qualquer um poderia ficar. Bryce pegou diversas toalhas de papel de um porta-toalhas. Cobrindo a mão, ele pegou o fone de um aparelho preto preso à parede, onde o botão de uma das linhas estava piscando.

"Benton, você ainda está aí?", ele disse ao telefone. "Ela está bem aqui, segurando uma faca enorme. Imagino que já tenha anunciado os pratos do dia. A aluna da Tufts é a pior, a vida dela não valeu nem duzentas pratas. O cara era dos Bloods ou dos Crips, um merdinha desses de gangue, você precisa vê-lo no vídeo da câmera de segurança. Está em todos os canais. Jack não devia estar nesse caso. Mas alguém me pergunta alguma coisa? Ele está quase tendo um aneurisma. E o suicídio, é. O cara voltou do Iraque sem nenhum arranhão. Ele está ótimo. Tenha um Feliz Natal e uma boa vida."

Scarpetta tirou sua proteção de rosto. Ela arrancou as luvas manchadas de sangue e atirou-as numa lata de lixo hospitalar vermelho vivo. Lavou as mãos numa pia funda de aço.

"O tempo está ruim aqui dentro e lá fora", tagarelou Bryce para Benton, que não gostava de tagarelar. "A casa está cheia e ainda por cima Jack está deprimido e irritado, já mencionei isso? Acho que a gente devia ter uma conversa séria com ele. Quem sabe obrigá-lo a passar um fim de semana naquele hospital de Harvard onde você trabalha? Podemos ir todos como se fôssemos uma família, pedir um desconto..."

Scarpetta pegou o fone das mãos dele, removeu as toalhas de papel e atirou-as no lixo.

"Pare de implicar com Jack", ela disse para Bryce.

"Acho que ele está tomando esteroides de novo, e é por isso que anda tão rabugento."

Scarpetta virou as costas para ele e para todo o resto.

"O que houve?", ela disse para Benton.

Eles haviam se falado de manhã. Se Benton estava ligando de novo poucas horas mais tarde, enquanto ela estava na sala de autópsia, não devia ser coisa boa.

“Acho que temos um problema.”

Benton dissera a mesma coisa na noite anterior, assim que ela chegara em casa vinda da cena do crime que ocorrera diante do caixa eletrônico e o encontrara vestindo o casaco, a caminho do aeroporto Logan para pegar um voo. A polícia de Nova York tinha um problema e precisava dele imediatamente.

“Jaime Berger perguntou se você poderia vir para cá”, acrescentou Benton.

Ouvir o nome daquela mulher sempre deixava Scarpetta tensa, causava-lhe um aperto no peito que não tinha nada a ver com a promotora de Nova York em si. Berger sempre estaria ligada a um passado que Scarpetta preferia esquecer.

“Quanto antes, melhor”, disse Benton. “Quem sabe o voo da uma da manhã?”

Eram quase dez horas da noite no relógio da parede. Scarpetta teria que terminar aquele exame, tomar um banho e trocar de roupa, e queria passar em casa antes. *Comida*, ela pensou. Mozarela feita em casa, sopa de grão-de-bico, almôndegas, pão. O que mais? A ricota com manjericão fresco que Benton adorava colocar na pizza feita em casa. Ela preparara tudo aquilo e um pouco mais no dia anterior, sem ter ideia de que estava prestes a passar a virada do ano sozinha. Não teria nada para comer no apartamento deles em Nova York. Quando Benton estava sozinho, em geral pedia comida por telefone.

“Venha direto para o Bellevue”, ele disse. “Pode deixar as malas no meu escritório. Estou com sua maleta de cena do crime pronta, esperando por você.”

Scarpetta mal conseguia ouvi-lo devido ao raspar ritmado de um bisturi sendo afiado com movimentos longos e agressivos. O apito do interfone soou. Em cima do balcão, a televisão com a imagem da câmera de segurança mostrou um braço coberto por uma manga escura de camisa emergindo da janela do motorista de uma van branca, no momento em que o funcionário de um serviço de entrega apertava o botão.

“Alguém pode abrir?”, pediu Scarpetta, falando o mais alto que podia.

No andar reservado a prisioneiros do moderno Centro Hospitalar Bellevue, o fio delicado do fone de ouvido de Benton o conectava a sua esposa, que se encontrava a cerca de duzentos e cinquenta quilômetros de distância.

Ele explicou que, no fim da noite anterior, um homem fora internado na unidade de psiquiatria forense. “Berger quer que você examine os ferimentos dele.”

“Ele foi acusado de quê?”, perguntou Scarpetta.

Ao fundo, Benton podia ouvir as vozes indistintas, o barulho do necrotério — ou o que ele ironicamente chamava de “local de desconstrução”.

“De nada, por enquanto”, ele disse. “Uma pessoa foi morta ontem à noite. De uma forma incomum.”

Benton bateu na tecla da seta para baixo, fazendo subir o que estava na tela de seu computador.

"Você quer dizer que não há mandado judicial para o exame?" Scarpetta respondeu na velocidade do som.

"Ainda não. Mas ele precisa ser examinado agora."

"Ele já devia ter sido examinado. No minuto que foi internado. Se havia alguma prova vestigial em seu corpo, a essa altura provavelmente ela já está contaminada ou perdida."

Benton continuava batendo na seta para baixo, relendo o que estava na tela, perguntando-se como faria para abordar o assunto com ela. Pelo tom de voz de Scarpetta, percebeu que ela ainda não sabia de nada e rezou para que ninguém lhe contasse antes dele. Benton achava bom o fato de que Lucy Farinelli, a sobrinha de Scarpetta, tivesse acatado a vontade dele e o deixasse lidar com aquilo. Não que ele estivesse indo muito bem até ali.

Jaime Berger parecera estritamente profissional quando ligara para Benton alguns minutos antes e, pelo que ele deduzira, ela ainda não sabia da fofoca maldosa que estava circulando pela internet. Benton não sabia bem por que não dissera nada para ela quando tivera a chance. Mas não dissera, e deveria ter dito. Deveria ter sido honesto com Berger há muito tempo. Deveria ter explicado tudo para ela quase seis meses antes.

"Os ferimentos dele são superficiais", disse Benton para Scarpetta. "Ele está em isolamento, se recusa a falar, se recusa a cooperar, a não ser que você venha. Berger não quer que ninguém o coaja a fazer nada, e decidiu que o exame podia esperar até que você chegasse. Como é o que ele quer..."

"Desde quando o que o prisioneiro quer importa?"

"Relações públicas, motivos políticos... E ele não é um prisioneiro, não que alguém seja considerado um prisioneiro depois que é internado aqui. Eles são pacientes." Benton achou seu discurso incoerente, como se estivesse saindo da boca de outra pessoa. "Como eu disse, ele não foi acusado de crime nenhum. Não tem mandado. Não tem nada. É basicamente uma internação civil. Nós não podemos obrigá-lo a ficar aqui pelo mínimo de setenta e duas horas, porque ele não assinou um formulário de consentimento e, como eu disse, não foi acusado de nenhum crime, pelo menos não por enquanto. Talvez isso mude depois que você o examinar. Mas, neste momento, ele pode ir embora quando quiser."

"Você está esperando que eu encontre alguma coisa que vai dar à polícia evidência suficiente para acusá-lo de assassinato? E o que você quis dizer quando falou que ele não assinou... Espere aí. Esse paciente se internou numa ala para prisioneiros com a condição de poder sair a hora que quiser?"

"Eu explico melhor quando você chegar. Não estou esperando que você encontre

nada. Sem expectativas, Kay. Só estou pedindo que venha, pois é uma situação muito complicada. E Berger quer muito que você venha."

"Apesar da possibilidade do prisioneiro já ter ido embora quando eu chegar."

Benton detectou a pergunta que ela não ia fazer. Ele não estava agindo como o psicólogo forense imperturbável que Scarpetta conhecia havia vinte anos, mas ela não ia mencionar isso. Ela estava no necrotério, e não estava sozinha. Não ia perguntar que diabos havia com ele.

Benton disse: "Ele definitivamente não vai embora antes de você chegar".

"Eu não entendi por que ele está aí." Ela não ia deixar aquilo passar.

"Não temos certeza. Resumindo: quando a polícia chegou, ele insistiu em ser trazido para o Bellevue..."

"Qual o nome dele?"

"Oscar Bane. Ele disse que não ia permitir que qualquer outra pessoa além de mim fizesse a avaliação psicológica. Então fui chamado e, como você sabe, vim imediatamente para Nova York. Ele tem medo de médicos. Tem ataques de pânico."

"Como ele sabia quem você era?"

"Ele sabe quem você é."

"Ele sabe quem eu sou?"

"A polícia ficou com as roupas dele, mas ele diz que, se quiserem coletar qualquer prova física — e não há mandado judicial, como eu continuo enfatizando —, é você que terá que fazer. Estávamos esperando que ele se acalmasse, que concordasse em deixar que um médico local o examinasse. Impossível. Ele está mais determinado do que nunca. Diz que tem pavor de médicos. Tem odinofobia, disabiliofobia."

"Ele tem medo de dor e de tirar a roupa?"

"E caliginefobia. Medo de mulheres bonitas."

"Entendo. Por isso ele vai se sentir bem comigo."

"Essa parte era para ser engraçada. Ele acha você linda e definitivamente não tem medo de você. Sou eu que devia estar com medo."

Era verdade. Benton não queria que ela fosse para o hospital. Não queria nem que ela fosse para Nova York naquele momento.

"Deixe-me ver se eu entendi. Jaime Berger quer que eu vá para aí no meio de uma tempestade de neve e examine um paciente que está numa ala para prisioneiros, mas que não foi acusado de nenhum crime..."

"Se você conseguir sair de Boston, vai ver que o tempo está ótimo aqui. Só está frio." Benton olhou pela janela e viu um mundo todo cinza.

"Preciso terminar de examinar meu sargento da reserva do Exército que morreu no Iraque, mas só descobriu quando chegou em casa. Vejo você no meio da tarde", ela disse.

“Bom voo. Eu te amo.”

Benton desligou e voltou a bater na seta para baixo e depois na seta para cima, lendo e relendo, como se, com a leitura contínua, a coluna de fofocas deixasse de ser tão ofensiva, tão feia, tão odiosa. “Palavras não me atingem”, dizia Scarpetta sempre. Talvez isso fosse verdade no colégio, mas não na vida adulta. Palavras podiam machucar. Muito. Que tipo de monstro escreveria algo assim? Como ele descobrira?

Benton pegou o telefone.

Scarpetta prestava pouca atenção em Bryce enquanto ele a levava de carro ao aeroporto internacional Logan. Ele falava sem parar nisso ou naquilo desde que a pegara em casa.

Basicamente, Bryce estava reclamando do dr. Jack Fielding, dizendo para ela mais uma vez que uma pessoa voltar ao passado era como um cachorro comer o próprio vômito. Ou como a mulher de Ló, que olhou para trás e virou uma estátua de sal. As analogias bíblicas de Bryce eram infindáveis, irritantes e nada tinham a ver com suas crenças religiosas, se é que ele tinha alguma, mas eram pérolas que haviam sobrado de um trabalho da faculdade que ele fizera sobre a Bíblia como literatura.

O que seu assistente administrativo estava tentando dizer era que não se deve contratar pessoas do seu passado. Fielding era do passado de Scarpetta. Ele tinha problemas, mas quem não tem? Quando ela aceitara aquele cargo em Boston e começara a procurar por um subchefe de departamento, perguntara-se o que Fielding andaria fazendo, encontrara-o e descobrira que ele não estava fazendo muita coisa.

A opinião de Benton fora estranhamente anódina, chegando até a ser condescendente, o que fazia mais sentido para Scarpetta agora. Ele dissera que ela estava procurando estabilidade, e que muitas vezes as pessoas caminham para trás em vez de para a frente quando estão passando por mudanças demais. Sentir vontade de contratar alguém que ela conhecia desde o início da carreira era compreensível, dissera Benton. Mas o perigo de olhar para trás era que só víamos o que queríamos ver, ele acrescentara. Víamos o que fazia com que nos sentíssemos seguros.

O que Benton escolhera ignorar era por que Scarpetta precisava se sentir segura. Seu marido não quisera nem tocar no assunto de como ela realmente se sentia em relação à vida doméstica que levava com ele, que era tão caótica e dissonante quanto sempre fora. Desde que o relacionamento deles começara, há mais de quinze anos, com um caso extraconjugal, os dois jamais haviam morado no mesmo lugar, jamais haviam conhecido o significado da convivência diária — até o verão anterior. O casamento fora uma cerimônia muito simples, no jardim atrás da casa de Scarpetta em Charleston, na Carolina do Sul, onde ela acabara de abrir um consultório próprio

que então fora forçada a fechar.

Depois eles se mudaram para Belmont, Massachusetts, para ficar perto do hospital psiquiátrico onde Benton trabalhava, o McLean, e perto da cidade de Watertown, onde Scarpetta aceitara trabalhar como médica-legista chefe da região nordeste do Estado. Como a cidade não era longe de Nova York, ela achou ótima ideia os dois aceitarem o convite da Faculdade John Jay de Justiça Criminal para serem professores visitantes, o que incluía oferecer consultoria de graça à polícia de Nova York, ao Departamento Médico Legal da cidade e a unidades de psiquiatria forense como aquela de Bellevue.

"... Eu sei que esse não é o tipo de coisa que você lê e que talvez nem considere isso preocupante mas, mesmo correndo o risco de lhe irritar, preciso comentar." A voz de Bryce penetrou os pensamentos de Scarpetta.

Ela disse: "O que não é preocupante?".

"Ah, não precisa prestar atenção em mim. Estou só aqui, falando sozinho."

"Desculpe. Volte a fita."

"Eu não disse nada depois da reunião dos funcionários porque não quis tirar sua atenção de toda a merda que estava acontecendo esta manhã. Achei que era melhor esperar você acabar e aí a gente poderia ter um tête-à-tête com a porta fechada. E, como ninguém disse nada para mim, acho que eles não viram. O que é bom, certo? Como se Jack já não estivesse irritado o suficiente esta manhã. Bom, mas ele sempre está irritado, e é por isso que tem eczemas e alopecia. E, vem cá, você viu aquela ferida atrás da orelha direita dele? Passar o Natal com a família. É *maravilhoso* para os nervos."

"Quantas xícaras de café você tomou hoje?"

"Por que o problema é sempre comigo? Sou só o mensageiro. Você fica viajando até que aquilo que estou tentando dizer atinge a massa crítica, e aí bum! Sou o vilão, adeus mensageiro. Se você for passar mais de uma noite em Nova York, por favor, me diga para eu pedir o serviço de *roaming* no celular. Devo marcar algumas aulas com aquele personal trainer que você gosta tanto? Qual o nome dele?"

Bryce pensou, colocando um dos dedos sobre os lábios.

"Kit", ele mesmo respondeu. "Quem sabe um dia desses, quando você precisar do seu fiel trabalhador em Nova York, ele possa dar um jeito em mim. Estou com um pneuzinho."

Bryce apertou a própria cintura.

"Mas ouvi dizer que depois dos trinta só a lipo dá jeito", ele disse. "Posso falar a verdade?"

Bryce olhou para Scarpetta, com as mãos gesticulando tanto que pareciam estar vivas e não fazer parte de seu corpo.

"Procurei o cara na internet", ele confessou. "Fico espantado que Benton o deixe

chegar perto de você. Ele lembra aquele ator, como é o nome dele, que fez *Queer as Folk*? O jogador de futebol americano... Ele tinha um Hummer e era completamente homofóbico até ficar com Emmett, que todo mundo dizia ser a minha cara, ou o contrário, já que ele é famoso e eu não. Bom, você nunca deve ter visto essa série."

Scarpetta disse: "Não culpe o mensageiro por quê? E, por favor, mantenha pelo menos uma das mãos no volante, já que a gente está atravessando uma tempestade. Quantos refis você pegou no Starbucks esta manhã? Vi dois copos de isopor na sua mesa. Espero que não sejam desta manhã. Lembra nossa conversa sobre cafeína? Sobre como ela é uma droga e por isso vicia?".

"É tudo sobre você", continuou Bryce. "O que eu nunca vi antes. É muito esquisito. Em geral é mais de um famoso, entende? Porque, seja quem for o colunista, ele vaga pela cidade que nem um agente secreto canalha e esmerdeia várias celebridades ao mesmo tempo. Há pouco tempo foi Bloomberg e... ai, ai, como é mesmo o nome dela? Aquela modelo que vive sendo presa por atirar coisas nos outros? Bom, dessa vez ela é que foi atirada... para fora do Elaine's por dizer algo obsceno para Charlie Rose. Não, espere aí. Foi Barbara Walters? Não. Estou confundindo com alguma coisa que eu vi no *The View*. Acho que a tal fulana, a modelo, estava correndo atrás daquele cantor do *American Idol*. Não, ele estava na *Ellen*, não no Elaine's. E não era Clay Aiken nem Kelly Clarkson. Quem é o outro? O TiVo está me matando. Parece que o controle vai mudando de canal sem você encostar em nada. Isso já aconteceu com você?"

A neve parecia um enxame de mosquitos batendo no para-brisa, e os limpadores eram hipnóticos, mas inúteis. O trânsito estava lento, porém andava, e o aeroporto Logan estava a poucos minutos de distância.

"Bryce?", disse Scarpetta, no tom que usava quando queria mandá-lo calar a boca e responder sua pergunta. "O que é preocupante?"

"Aquele site de fofocas nojento. *Quem Ver na Metrópole*."

Ela já vira anúncios do site nos ônibus e no teto dos táxis de Nova York e sabia que o colunista anônimo era conhecido por ser perverso. Diziam que ele podia ser tanto um zé-ninguém quanto um jornalista que ganhara o prêmio Pulitzer e que se divertia horrores espalhando fofocas mesquinhas e ganhando dinheiro com isso.

"Po-dre", disse Bryce. "Bom, eu sei que é para ser podre mesmo, mas isso é podre abaixo da cintura. Não que eu leia essas porcarias. Mas você está no meu alerta do Google, por motivos óbvios. Tem uma foto também, que é o pior. Você não saiu bem nela."

2

Benton se recostou na cadeira de seu escritório, olhando para os tijolos vermelhos e feios que via pela janela, iluminados pela luz oblíqua de inverno.

"Você está com voz de resfriada", ele disse ao telefone.

"Estou me sentindo um pouco mal hoje. Por isso só retornei agora. Não me pergunte o que fizemos ontem à noite para merecer isso. Gerald não sai da cama. E não é por um bom motivo", disse a dra. Thomas.

Ela trabalhava com Benton no McLean. E também era sua psiquiatra. Não havia nada de estranho nisso. A dra. Thomas nascera na região oeste da Virgínia, um lugar remoto cheio de minas de carvão, e gostava de dizer: "Os hospitais são mais incestuosos que os caipiras". Os médicos tratavam uns dos outros, assim como da família e dos amigos uns dos outros. E trepavam uns com os outros, mas de preferência não com a família e com os amigos uns dos outros. De vez em quando, casavam-se. A dra. Thomas se casara com um radiologista do McLean que examinara a sobrinha de Scarpetta, Lucy, no laboratório de neuroimagem onde ficava o escritório de Benton. A médica sabia de praticamente cada detalhe da vida de Benton. Ela fora a primeira pessoa em quem ele pensara alguns meses antes, quando se dera conta de que precisava conversar com alguém.

"Você entrou no link que eu mandei?", perguntou Benton.

"Entrei, e a principal pergunta é: com quem você está mais preocupado? Acho que pode ser com você mesmo. O que acha?"

"Acho que isso faria de mim uma pessoa incrivelmente egoísta", disse Benton.

"É normal se sentir guampudo, humilhado", disse a dra. Thomas.

"Esqueci que você foi uma atriz shakespeariana numa vida pregressa", ele respondeu. "Não consigo me lembrar da última vez em que ouvi alguém se referir a outra pessoa como guampudo, e o termo não se aplica aqui. Kay não fugiu do nosso ninho de amor e caiu nos braços de outro homem. Ela foi agarrada. Se eu fosse me sentir guampudo, teria sido na época em que aconteceu. Mas não senti. Estava preocupado demais com ela. Não diga que estou protestando demais, como em *Hamlet*."

"Só vou dizer que quando tudo aconteceu não havia plateia", disse a dra. Thomas. "Talvez tudo se torne mais real agora que todo mundo sabe. Você contou para ela o que está na internet? Ou ela já tinha visto?"

"Não contei e tenho certeza que ela não viu. Teria ligado para me avisar. Engraçado como ela é assim."

“É. Kay e seus heróis frágeis com pés de barro. Por que você não contou para ela?”

“Não era o momento certo.”

“Para você ou para ela?”

“Ela estava no necrotério”, disse Benton. “Preferi esperar e contar pessoalmente.”

“Vamos rever cada detalhe, Benton. Deixe-me adivinhar, você falou com ela de madrugada. Não é o que vocês sempre fazem quando estão longe um do outro?”

“Nós nos falamos de manhã.”

“Então, quando você falou com ela hoje de manhã, já sabia o que estava na internet, pois Lucy ligou para você a que horas?”, perguntou a dra. Thomas. “À uma da manhã, para lhe contar, já que a sobrinha hipomaníaca da sua esposa tem alarmes sonoros no computador, programados para acordá-la como se ela fosse um bombeiro, assim que um de seus mecanismos de busca encontra algo importante no ciberespaço, certo?”

A dra. Thomas não estava brincando. Lucy tinha mesmo alarmes que apitavam quando um de seus mecanismos de busca encontrava algo que ela precisava saber.

Benton disse: “Na verdade ela me ligou à meia-noite. Quando essa droga foi postada”.

“Mas ela não ligou para Kay.”

“Devo fazer justiça a ela e admitir que não ligou, e que concordou quando eu disse que lidaria com a situação.”

“Mas você não lidou”, disse a dra. Thomas. “Então, voltemos a isso. Você falou com Kay hoje de manhã, e àquela altura já sabia há várias horas o que estava na internet? Mas não disse nada. Mesmo assim, não disse nada. Não acho que seja porque quer contar para ela pessoalmente. É uma pena, mas há uma boa chance de ela descobrir por outra pessoa além de você — se é que isso já não aconteceu.”

Benton deu um suspiro fundo e silencioso. Ele comprimiu os lábios e se perguntou quando fora, exatamente, que começara a perder a fé em si mesmo e sua habilidade de interpretar o ambiente à sua volta e reagir de acordo. Desde sempre, possuíra a misteriosa capacidade de avaliar pessoas após vê-las uma vez ou escutar o que diziam por poucos instantes. Scarpetta dizia que era o truque dele. Benton era apresentado a alguém ou ouvia um pedaço de conversa sem querer, e pronto. Ele raramente se enganava.

Mas nem vislumbrara o perigo que estava à espreita daquela vez e ainda não compreendera bem como pôde ter sido tão arrasadoramente obtuso. Benton observara a raiva e a frustração de Pete Marino aumentar ao longo dos anos. Ele sabia muito bem que era questão de tempo até que a fúria de Marino e o ódio que ele sentia dele mesmo transbordassem. Mas Benton não sentira medo daquilo. Não achara que Marino merecia ser temido dessa forma. Talvez jamais houvesse

imaginado que Marino tinha um pau. Até que ele virou uma arma.

Olhando para trás, não fazia sentido. Para quase todos os outros, era impossível ignorar o machismo tosco e a volubilidade de Marino, e aquela mistura era o elemento que Benton encontrava com maior frequência nos casos que analisava. A violência sexual, não importava com que catalisador, era o que fazia com que os psicólogos forenses nunca ficassem desempregados.

"Ando fantasiando sobre matar Marino", disse Benton. "É claro que jamais faria isso. São só fantasias. Muitas fantasias. Eu acreditava que o havia perdoado e sentia orgulho de mim mesmo, muito orgulho de mim mesmo, pela maneira como lidei com isso. Onde ele estaria sem mim? Fiz tanta coisa por ele e agora quero matá-lo. Lucy quer matá-lo. O lembrete desta manhã não ajudou, e agora todo mundo sabe. Isso fez com que tudo acontecesse de novo."

"Ou talvez com que acontecesse pela primeira vez. Agora, virou realidade para você."

"Mas já era realidade. Sempre senti que era", disse Benton.

"Mas é diferente quando você lê sobre isso na internet e sabe que um milhão de pessoas está lendo também. É um nível diferente de realidade. Você finalmente está tendo uma reação emocional. Antes, era intelectual. Por autodefesa, você processou isso na sua cabeça. Acho que você deu um passo muito importante, Benton. E muito desagradável. Lamento por isso."

"Ele não sabe que Lucy está em Nova York e se ela o vir..." Benton interceptou o próprio pensamento. "Bom, isso não é verdade. Ela não pensaria realmente em matar Marino, porque já passou por isso. Já deixou isso para trás há muito tempo. Ela não o mataria, fique sabendo."

Benton observou o céu cinzento mudar sutilmente o tom de vermelho dos velhos tijolos que via da janela e, quando se remexeu na cadeira e coçou o queixo, sentiu seu próprio cheiro de homem e a aspereza da barba por fazer que Scarpetta sempre dizia ter a cor da areia. Benton passara a noite inteira acordado, nem saíra do hospital. Precisava de um banho. Precisava fazer a barba. Precisava comer e dormir.

"Às vezes, eu me pego de surpresa", ele disse. "Quando digo coisas assim sobre Lucy, por exemplo. É literalmente uma reflexão e um lembrete da vida distorcida que eu levo. A única pessoa que jamais quis matar Marino é Kay. Ela ainda acha que tem culpa, não sei como, e isso me deixa com raiva. Com muita raiva, só isso. Evito tocar no assunto com ela, e deve ser por isso que eu não disse nada. A porra do mundo todo está lendo sobre isso na porra da internet. Estou cansado. Passei a noite acordado com uma pessoa sobre quem não posso falar, e que vai ser o maior problema."

Benton parou de olhar pela janela. Ficou sem olhar para nada.

"Agora, estamos chegando a algum lugar", disse a dra. Thomas. "Estava me

perguntando quando você ia parar de falar bobagens e dizer que é um santo. Você está puto da vida e não é nenhum santo. Não existe santo, aliás."

"Puto da vida. É, estou puto da vida."

"Puto com ela."

"É, estou mesmo", disse Benton, e admitir aquilo o assustava. "Sei que não é justo. Meu Deus, foi ela que saiu machucada. É claro que ela não pediu para isso acontecer. Ela tinha trabalhado com ele por metade da vida, então por que não o deixaria entrar em sua casa quando ele estava bêbado e não pensava direito? É isso que os amigos fazem. Mesmo sabendo o que ele sentia por ela, não foi culpa dela."

"Ele desejou-a sexualmente no minuto em que a conheceu", disse a dra. Thomas. "Igualzinho a você. Ele se apaixonou por ela. Assim como você. Eu me pergunto quem terá se apaixonado primeiro? Vocês dois a conheceram mais ou menos na mesma época, não? Em 1990?"

"Ele a desejava... Bom, isso já estava acontecendo havia muito tempo, é verdade. Ele tinha esse sentimento, mas ela evitava o assunto e fazia de tudo para não magoá-lo. Posso sentar aqui e analisar a situação o quanto quiser, mas sinceramente..."

Benton estava olhando pela janela de novo, conversando com os tijolos.

"Ela não podia ter feito nada diferente", ele disse. "O que ele fez com Kay não foi culpa dela, de jeito nenhum. De muitas maneiras, não foi culpa dele. Marino jamais faria aquilo sóbrio. Nem de longe."

"Você certamente parece convencido disso", disse a dra. Thomas.

Benton desviou o olhar da janela e voltou-se para o que estava na tela de seu computador. Depois olhou para a janela de novo, como se o céu frio e plúmbeo fosse uma mensagem para ele, uma metáfora. Removeu um clipe de papel de um artigo de revista que estava revisando e grampeou as páginas, subitamente furioso. A Sociedade Americana de Psicologia provavelmente não ia aceitar mais uma droga de artigo científico sobre reações emocionais a membros de exogrupos. Alguém de Princeton acabara de publicar mais ou menos a mesma porcaria que Benton estava prestes a oferecer. Ele desdobrou o clipe. O desafio era transformá-lo numa linha reta sem deixar nenhuma dobrinha. No fim, eles sempre acabavam arrebentando.

"Logo eu, tão irracional", ele disse. "Tão fora do ar. E eu fui, mesmo. Desde o início. Irracional em relação a tudo, e estou prestes a pagar por isso."

"Você está prestes a pagar por isso porque outras pessoas sabem o que seu amigo Pete Marino fez com ela?"

"Ele não é meu amigo."

"Achei que era. Achei que você achava que era", disse a dra. Thomas.

"Nunca socializamos. Não temos nada em comum. Jogar boliche, ir pescar, andar de moto, ver jogo de futebol americano e beber cerveja. Bom, cerveja não. Não mais. É Marino que faz isso. Não eu. Agora que estou parando para pensar, não me

lembro de jamais ter saído para jantar com ele, só nós dois. Nem uma vez em vinte anos. Não temos nada em comum. Nunca vamos ter nada em comum."

"Ele não é de uma família elitista da Nova Inglaterra? Nunca fez pós-graduação, nunca ajudou o fbi a traçar perfis de criminosos? Não é professor da Faculdade de Medicina de Harvard? É isso que você quer dizer?"

"Não estou tentando ser esnobe", disse Benton.

"Parece-me que vocês dois têm Kay em comum."

"Não desse jeito. Nunca chegou a esse ponto."

"Até onde precisava ter chegado?"

"Kay me disse que nunca chegou a esse ponto. Ele fez outras coisas. Quando ela finalmente tirou a roupa na minha frente eu pude ver o que ele fez. Kay deu desculpas durante alguns dias. Mentiu. Eu sabia muito bem que ela não tinha fechado a porta da garagem em cima dos pulsos."

Benton se lembrou dos hematomas como nuvens carregadas, com o formato exato que teriam após alguém prender as mãos dela atrás de seu corpo e segurá-la contra a parede. Ela não oferecera qualquer explicação quando Benton finalmente vira seus seios. Ninguém jamais fizera nada parecido com ela antes, e ele jamais vira algo assim a não ser nos casos em que trabalhava. Benton sentou na cama e ficou olhando para ela, sentindo como se um cretino monstruoso tivesse mutilado as asas de uma pomba ou lacerado a pele delicada de uma criança. Ele imaginara Marino tentando devorá-la.

"Você já teve ciúmes de Marino?" A voz da dra. Thomas soou distante enquanto Benton pensava nas chagas de que não queria se lembrar.

Ele respondeu quase sem perceber: "O que é ruim, eu acho, é que eu sempre fui mais ou menos indiferente a ele".

"Ele já passou muito mais tempo com Kay que você", disse a dra. Thomas. "Isso poderia fazer com que algumas pessoas tivessem ciúmes. Se sentissem ameaçadas."

"Kay jamais sentiu atração por ele. Não teria sentido nem se ele fosse o último homem do planeta."

"Acho que não vamos saber a resposta a essa pergunta até que só haja eles dois no planeta. E, nesse caso, eu e você ainda assim não saberemos."

"Eu deveria tê-la protegido melhor", disse Benton. "Isso é uma coisa que eu sei fazer. Proteger as pessoas. Aquelas que eu amo, a mim mesmo, pessoas que eu não conheço. Enfim, não importa. Sou especialista nisso, ou já estaria morto há muito tempo. Muita gente estaria."

"Sim, James Bond, mas você não estava em casa naquela noite. Estava aqui."

As palavras da dra. Thomas tiveram o mesmo efeito que um soco. Benton suportou em silêncio, mal conseguindo respirar. Ele mexeu no clipe de papel, entortando e desentortando, até que ele quebrou.

“Você se culpa, Benton?”

“Já falamos disso. E eu não dormi nada esta noite”, ele respondeu.

“É, já falamos de muitos fatos e muitas possibilidades. Por exemplo, você nunca se deu a chance de sentir o insulto pessoal que foi o que Marino fez com Kay, com quem você rapidamente se casou depois. Talvez rapidamente demais? Porque você sentiu que tinha que manter tudo estruturado, principalmente porque não a protegeu, não impediu aquilo de acontecer. É bem parecido com o que acontece quando você cuida de um caso criminal. Você assume o comando da investigação, cuida de tudo, controla cada detalhe, mantém tudo a uma distância segura de sua psique. Mas essas regras não se aplicam à nossa vida pessoal. Você me disse que fantasia sobre matar Marino, e nas nossas últimas conversas falamos sobre o que você chama de sua reação sexual em relação a Kay, embora ela não necessariamente esteja consciente disso, certo? Assim como não está consciente de que você está encarando outras mulheres de uma maneira que lhe perturba. Isso ainda é verdade?”

“É normal os homens se sentirem atraídos e não fazerem nada.”

“Só os homens fazem isso?”, perguntou a dra. Thomas.

“Você entendeu o que eu quis dizer.”

“Do que Kay tem consciência?”

“Estou tentando ser um bom marido”, disse Benton. “Amo Kay. Estou apaixonado por ela.”

“Está com medo de ter um caso? De trair?”

“Não. De jeito nenhum. Eu jamais faria isso.”

“Não. Não. Nunca. Você traiu Connie. Largou-a para ficar com Kay. Mas isso já faz muito tempo, não?”

“Nunca amei ninguém tanto quanto amo Kay”, disse Benton. “Eu jamais me perdoaria.”

“Minha pergunta é se você tem completa confiança em si mesmo.”

“Não sei.”

“Você tem completa confiança nela? Ela é muito bonita e agora deve ter muitos fãs por causa da cnn. Uma mulher atraente e poderosa pode escolher o homem que quiser. E o personal trainer dela? Você já disse que não aguenta pensar nele colocando as mãos nela.”

“Fico feliz por ela estar se cuidando, e um personal trainer é uma coisa boa. Impede que as pessoas se machuquem, principalmente se nunca tiverem feito musculação antes e não tiverem mais vinte anos de idade.”

“Pelo que eu me lembro, ele se chama Kit.”

Benton não gostava de Kit. Ele sempre encontrava desculpas para não usar a academia que havia no condomínio deles se Scarpetta estivesse se exercitando com Kit.

A dra. Thomas disse: “A verdade é que, não importa se você confia ou não em Kay, isso não vai mudar o comportamento dela. É ela que controla isso, não você. Estou mais interessada em saber se você confia em si mesmo”.

“Não sei por que você insiste nisso”, disse Benton.

“Desde que vocês se casaram, seus padrões sexuais mudaram. Pelo menos foi isso que você me disse na primeira vez em que nós conversamos. Você arruma desculpas para não fazer sexo quando a oportunidade aparece, e depois tem vontade no momento em que, aspas, não deve. De novo, foi você quem me disse. Ainda é verdade?”

“Provavelmente”, disse Benton.

“Essa é uma maneira de se vingar dela.”

“Não estou me vingando dela por causa de Marino. Jesus Cristo. Ela não fez nada de errado”, Benton tentou não soar furioso.

“Não”, disse a dra. Thomas. “Acho mais provável que você esteja se vingando dela por ser sua esposa. Você não quer uma esposa. Nunca quis, e não foi por isso que você se apaixonou. Você se apaixonou por uma mulher poderosa, não por uma esposa. Tem desejo sexual por Kay Scarpetta, não por uma esposa.”

“Ela é Kay Scarpetta e também é minha esposa. Na verdade, de muitas maneiras, ela é mais poderosa agora do que jamais foi.”

“Não somos nós aqui que precisamos ser convencidos disso, Benton.”

A dra. Thomas sempre dava a Benton um tratamento especial, ou seja, era mais agressiva e confrontadora com ele do que com seus outros pacientes. Ela e Benton tinham uma característica em comum que ia além do elo terapêutico que os ligava. Um compreendia como o outro processava informação, e a dra. Thomas sabia muito bem como ver através da camuflagem linguística. Negação, evasão e comunicação passiva simplesmente não eram opções. Longas sessões de análise em que o psiquiatra ficava olhando em silêncio para o paciente e esperando que ele começasse a falar do que estava lhe incomodando não iam acontecer. Um minuto de vácuo e ela provocaria Benton como fizera da última vez: “Você veio até aqui para que eu admirasse sua gravata Hermès? Ou está com alguma coisa na cabeça? Acho que a gente deve continuar de onde parou da última vez. Como anda sua libido?”.

“E Marino?”, perguntou a dra. Thomas. “Você vai conversar com ele?”

“Provavelmente não”, disse Benton.

“Bom, parece que você tem muita gente com quem não conversar, e eu vou deixá-lo com minha excêntrica teoria de que, em algum nível, tudo o que fazemos é intencional. Por isso é extremamente importante desenterrar nossas intenções antes que elas nos enterrem. Gerald está me esperando. Temos umas coisinhas para resolver. Vamos dar um jantar hoje à noite, o que é a última coisa de que estamos precisando.”

Era a maneira dela de dizer “chega”. Benton precisava pensar em tudo o que fora dito.

Ele se levantou da cadeira e ficou de pé diante da janela de seu escritório, observando aquela tarde de inverno cor de chumbo. Dezenove andares para baixo, o jardim do hospital estava repleto de plantas mortas e a fonte de concreto, seca.

3

quem ver na metrópole!

Feliz Ano-Novo, pessoal!

Minha resolução tem tudo a ver com vocês — com o que vai interessar vocês — e enquanto eu pensava sobre isso... Bom, sabe como são aquelas retrospectivas? Obrigam a gente a lembrar cada coisinha horrível que aconteceu, para podermos ficar deprimidos de novo? Adivinha quem surgiu na minha tv de plasma hd Samsung de cinquenta e oito polegadas linda de morrer?

A rainha de tudo que é de morrer: a dra. Kay Scarpetta.

Subindo a escadaria de um tribunal para testemunhar em mais um julgamento sensacional de um caso de assassinato. Seu fiel escudeiro, o investigador Pete Marino, estava atrás dela — o que significa que o julgamento foi pelo menos seis, sete meses atrás, certo? Acho que todo mundo sabe que o coitado daquele verme gordo não é mais o fiel escudeiro dela. Alguém viu o cara? Ele está em alguma cadeia cósmica em algum lugar? (Imagine trabalhar para uma diva forense como Scarpetta. Se fosse eu, acho que cometeria suicídio e torceria para que ela não fizesse minha autópsia.)

Bom, voltando a falar nela subindo as escadas do tribunal. Câmeras, a mídia, aspirantes a famosos, espectadores por todo lado. Pois ela é a especialista, certo? Chamam a mulher até lá na Itália, pois afinal quem sabe mais? Então eu me servi de mais um copo de bourbon Maker's Mark, aumentei o som do Coldplay e fiquei assistindo Scarpetta por algum tempo, testemunhando naquela linguagem patológica dela que a gente só entende que uma menininha foi estuprada até o talo, encontraram fluido seminal na orelha dela (achei que isso só acontecia quando você fazia sexo por telefone) e sua cabeça foi batida no chão de azulejo e a conclusão é que ela morreu devido a uma *contusão muscular*. Parei para pensar:

Quem diabos é essa Scarpetta, afinal?

Se você tirar o esmalte, será que tem alguma coisa embaixo?

Comecei a fazer uma pequena pesquisa. Vamos começar por aqui. Ela é política. Não acredite nessa bobagem de que é uma defensora da justiça, a voz de quem não pode dizer mais nada, a médica que acredita em "Primeiro, não causar mal". (A gente tem certeza absoluta de que a palavra *hipócrita* não vem de Hipócrates?) O fato é que Scarpetta é uma megalomaníaca que nos manipula na cnn, fazendo com que acreditemos que ela faz um serviço social altruísta quando a única pessoa a quem ajuda é ela mesma...

Scarpetta já lera o bastante, e largou seu BlackBerry na bolsa, enojada por Bryce ter sugerido que ela visse aquela coisa vil. Estava tão irritada com ele quanto estaria se ele próprio tivesse escrito a coluna, e aliás não precisava ter ouvido seu comentário sobre a fotografia que ilustrava a matéria. Embora a tela de seu BlackBerry fosse pequena, Scarpetta vira bem o suficiente para entender o que Bryce quisera dizer quando mencionara que ela não saíra muito bem na foto.

Scarpetta parecia um demônio com seu jaleco ensanguentado, sua proteção de rosto e uma rede de cabelo que lembrava uma touca de banho. Sua boca estava

aberta no meio de uma frase e sua mão enluvada e cheia de sangue brandia um bisturi, como se ela estivesse ameaçando alguém. O relógio cronógrafo de borracha preta que ela estava usando fora dado de presente por Lucy em 2005, o que significava que a fotografia fora tirada em algum momento dos três anos e meio anteriores.

Tirada onde?

Scarpetta não sabia. O fundo fora transformado numa tela branca.

"Trinta e quatro dólar e vinte centavo", disse o motorista bem alto quando o táxi parou abruptamente.

Ela olhou pela janela do carro e viu os portões negros fechados diante do antigo hospital psiquiátrico Bellevue, um prédio lúgubre de arenito vermelho, com cerca de duzentos anos de idade, que não recebia um paciente havia décadas. Não havia luzes acesas ou carros, não havia ninguém, e a guarita atrás da cerca estava fechada.

"Não é aqui", Scarpetta disse alto pela abertura na divisória de acrílico que havia no táxi. "É o outro Bellevue."

Ela repetiu o endereço que dissera quando o homem a apanhara no aeroporto La Guardia, mas quanto mais explicava, mais ele insistia, apontando o dedo para a entrada, onde as palavras Hospital Psiquiátrico estavam gravadas em granito. Scarpetta se aproximou do taxista, direcionando sua atenção para um local vários quarteirões à frente, onde alguns prédios altos e cinzentos se destacavam no horizonte, mas ele foi agressivo com seu inglês rudimentar. Não ia levá-la a nenhum outro lugar, e ela precisava sair do táxi imediatamente. Scarpetta se deu conta de que ele realmente não sabia que o Centro Hospitalar Bellevue não era aquele lugar horrendo e assustador que parecia saído de *Um estranho no ninho*. O taxista provavelmente achava que sua passageira era uma paciente psiquiátrica, uma louca criminosa que teve uma recaída. Por que outro motivo ela estaria carregando malas?

Scarpetta decidiu que preferia andar o resto do caminho e enfrentar aquele vento polar a ter de lidar com o homem. Depois de pagar a corrida, ela saiu do táxi, colocou duas bolsas no ombro e começou a empurrar sua mala de rodinhas cheia de comida caseira pela calçada. Apertou um botão em seu fone de ouvido sem fio.

"Já estou chegando...", Scarpetta começou a dizer a Benton. "Merda!"

Sua mala caíra no chão como se tivesse acabado de levar um tiro.

"Kay? Onde você está?"

"Acabei de ser expulsa de um táxi..."

"O quê? Expulsa de onde? A ligação está ruim...", ele disse, logo antes de acabar a bateria.

Scarpetta se sentiu uma sem-teto carregando suas coisas; sua mala caía no chão a cada dois minutos e, quando ela se inclinava para erguê-la, as outras bolsas deslizavam de seus ombros. Gelada e irritada, ela chegou ao moderno Bellevue na

esquina da Primeira Avenida com a rua 27 Leste, um centro hospitalar completamente equipado com um átrio de vidro, um jardim, um centro de trauma e uma uti renomados e um andar de psiquiatria forense para pacientes homens, cujos supostos crimes iam de pular a catraca do metrô até assassinar John Lennon.

O telefone da escrivaninha de Benton tocou poucos minutos após a ligação de Scarpetta cair. Ele tinha certeza de que era ela ligando de novo.

"O que aconteceu?", ele disse.

"Era isso que eu ia perguntar agora", disse Jaime Berger.

"Desculpe. Achei que era Kay. Ela está com algum problema..."

"Eu que o diga. Que bom que você mencionou isso quando nos falamos mais cedo. Vejamos. Foi o que, seis, sete horas atrás? Por que você não disse nada?"

Berger devia ter lido *Quem Ver na Metrópole*.

"É complicado", respondeu Benton.

"Aposto que sim. Temos várias complicações para resolver. Estou a dois minutos do hospital. Encontre-me na cafeteria."

O apartamento de Pete Marino ficava num prédio sem elevador do Harlem, tão perto de um restaurante da cadeia Manna's Soul Food que ele respirava galinha frita e costela. Aquilo era injusto com um homem em quem as privações de comida e bebida haviam criado um apetite insaciável por tudo que lhe era proibido.

A sala de jantar improvisada de Marino era uma bandeja com pés e uma cadeira de espaldar reto virada para o tráfego constante da Quinta Avenida. Ele empilhou o peru da delicatéssen sobre uma fatia de pão integral, dobrou-a ao meio e molhou-a na poça de mostarda Nathan's Coney Island que fizera no prato de papel. Marino estava bebendo cerveja sem álcool Sharp's, cerca de um terço da garrafa em dois goles. Desde que fugira de Charleston, perdera mais de vinte quilos e certas partes de sua personalidade. Caixas de roupas de motoqueiro, incluindo uma impressionante coleção de peças de couro Harley-Davidson, foram para um brechó na rua 116, onde em troca ele pegara três ternos, um blazer, dois pares de sapatos sociais e muitas camisas e gravatas, todas falsificadas e fabricadas na China.

Marino não usava mais seu brinco de diamante, o que deixara um minúsculo furo em seu lóbulo direito. Ele parara de raspar o couro cabeludo e deixá-lo tão liso quanto uma bola de boliche, e os poucos cabelos grisalhos que ainda lhe restavam rodeavam sua grande cabeça como se fossem uma auréola de prata manchada que ficava presa em suas orelhas. Marino prometera se manter longe das mulheres até estar preparado, e sua motocicleta e sua picape eram inúteis se não havia lugar para

estacioná-las, por isso desistira delas também. Sua psicóloga do centro de reabilitação, Nancy, o ajudara a compreender a importância do autocontrole em suas interações cotidianas, não importava o que houvesse de errado com as outras pessoas e o que elas mereciam.

Nancy dissera, em sua maneira metafórica de falar, que o álcool era o fósforo que acendia a fogueira de sua raiva, e então explicara que seu problema com bebida era uma doença fatal que ele recebera de seu pai pobre, ignorante e mal-ajustado, que ficava bêbado e violento pelo menos uma vez por mês. Em resumo, Marino herdara aquela doença fatal e, a julgar pelo sucesso de todo bar e loja de bebidas pelos quais passava, era uma epidemia. Marino decidira que a doença existia desde o Jardim do Éden, quando não fora uma maçã, mas uma garrafa de bourbon que a serpente dera a Eva, que por sua vez a compartilhara com Adão, e isso levara a sexo e à expulsão do paraíso sem nada além de folhas de parreira cobrindo as partes pudendas.

Nancy avisou a Marino que, se ele não frequentasse reuniões do aa religiosamente, se tornaria um "bêbado seco", que é um indivíduo que fica furioso, insuportável, compulsivo e fora de controle sem o benefício de seis ou doze cervejas. O ponto de encontro mais próximo dos aa, como Marino os chamava, era uma igreja não muito longe do Centro Profissional Africano de Tranças de Cabelo e, portanto, bastante conveniente para ele. Mas Marino não passara a ir lá regularmente nem irregularmente. Logo que se mudara, fora três vezes em três dias, sentindo-se muito desconfortável quando os participantes, que eram estranhamente gentis e amigáveis, foram se apresentando um por um, fazendo com que ele não tivesse escolha além de dizer seu nome de forma solene, como se estivesse no tribunal.

Meu nome é Pete e sou alcoólatra.

Oi, Pete.

Marino mandara e-mails para Nancy explicando que ia contra a natureza e o treinamento de um policial confessar qualquer coisa, principalmente numa sala lotada de estranhos, sendo que qualquer um deles podia acabar se tornando um desses bêbados secos de merda que ele teria que prender um dia. Além do mais, Marino levara apenas três reuniões para completar os doze passos, embora ele tivesse decidido não fazer uma lista de pessoas a quem prejudicara e não se dispusesse a reparar os danos causados a elas. Seu motivo era o passo nove, que claramente dizia que não se devia fazer aquilo se o ato fosse apenas magoar ainda mais quem fora prejudicado, e ele decidira que todas as pessoas da lista iam se sentir assim.

O passo dez era mais fácil, e Marino preenchera um caderno inteiro com os nomes daqueles que o haviam tratado injustamente ao longo de sua vida.

Ele não incluíra Scarpetta em nenhuma das duas listas até que uma estranha

coincidência ocorrera. Marino encontrara o apartamento onde morava agora, fizera um acordo com o proprietário para alugá-lo por um preço bom em troca de alguns serviços, como despejar outros inquilinos, e depois descobrira que o lugar era tão perto do escritório do ex-presidente Bill Clinton que ele muitas vezes passava pelo prédio de catorze andares quando estava a caminho da estação de metrô na esquina da Lenox com a rua 125. Pensar em Bill Clinton fizera Marino se lembrar de Hillary Clinton, e aquilo o fizera pensar em mulheres que eram poderosas o suficiente para virar presidente ou outra espécie de líder mundial. Isso o levara a pensar em Scarpetta.

Ele chegara ao ponto de quase confundir as duas em suas fantasias. Via Hillary na cnn e depois Scarpetta na cnn e, quando conseguia mudar de canal, numa tentativa desesperada de se distrair com um jogo qualquer na espn ou quem sabe com um filme *pay-per-view*, já estava deprimido. Seu coração doía como um dente com um abscesso. Marino não conseguia parar de pensar em Scarpetta e nas listas em que ela não estava. Ele anotava o nome dela numa lista, depois riscava e anotava na outra. Fantasiava sobre como seria se ela fosse presidente. Marino subitamente seria incluído na lista de ameaças à segurança do Serviço Secreto e teria que fugir para o Canadá.

Ou talvez para o México. Ele passara muitos anos no sul da Flórida e sabia lidar melhor com gente que falava espanhol que com gente que falava francês. Marino não entendia os franceses e não gostava da comida deles. Não era possível confiar num país que não tinha uma cerveja nacional como Budweiser, Corona, Dos Equis, Heineken ou Red Stripe.

Marino terminou de comer outro sanduíche de peru, deu mais um gole de Sharp's e ficou observando pessoas cujos únicos desejos eram pedir comida no restaurante indiano, ir a lojas, a casas de suco, a alfaiates, ou talvez ao teatro Apollo, que era ali do lado. O barulho dos carros, caminhões e pedestres formava uma orquestra dissonante que não lhe incomodava em nada. Quando fazia calor, ele deixava suas janelas abertas até não suportar mais a poeira. O que evitava era o silêncio. Já se fartara dele no centro de reabilitação, onde não tinha permissão para ouvir música nem ver tv, e não podia encher a cabeça com nada além das confissões de bêbados e viciados e de seus pensamentos obsessivos e lembranças de conversas constrangedoramente sinceras com Nancy.

Marino levantou da cadeira e pegou seu prato de papel encharcado, seu guardanapo e sua garrafa vazia de Sharp's. A cozinha ficava a apenas seis passos de distância, com uma pequena janela acima da pia de onde se via mesas e cadeiras de alumínio num pedaço de concreto coberto por grama artificial com uma cerca de metal em volta — o que era anunciado como o jardim do prédio.

Sobre o balcão estava seu computador, e ele leu a coluna de fofocas daquela

manhã que gravara em seu desktop, resolvido a descobrir quem estava por trás daquilo, encontrar o canalha e fazer algo que ia deixar as partes do corpo dele permanentemente fora do lugar.

Nenhuma maneira de investigação conhecida por Marino funcionou. Ele podia escrever *Quem Ver na Metrópole* no Google até ficar com câimbra nos dedos, mas nada do que aparecia lhe dizia algo que ele já não soubesse. Era inútil tentar encontrar o colunista através das empresas que pagavam para colocar anúncios em seu site e vender alimentos, bebidas, livros, eletrônicos, filmes e programas de tv. Não havia qualquer padrão, apenas o fato de que milhões de fãs eram viciados numa merda de coluna de fofocas que aquela manhã servira o pior episódio da vida de Marino como prato principal.

O telefone dele tocou.

Era o investigador Mike Morales.

"O que foi?", perguntou Marino.

"Cavando informações, *mermão*", disse Morales com sua voz lenta e preguiçosa.

"Não sou seu irmão. Não desperdice sua conversa de rapper comigo."

Morales gostava de fingir que estava sempre entediado, quase dormindo e entupido de sedativos ou analgésicos. Marino duvidava de que ele se drogasse mesmo, mas não tinha certeza. Por trás da névoa que rodeava Morales havia um babaca pretensioso que estudara em Dartmouth e depois em Johns Hopkins, onde completara a faculdade de medicina e depois decidira que preferia ser um dos bons homens de Nova York, ou seja, um policial, algo que Marino não conseguia aceitar. Ninguém que pudesse ser médico virava policial.

Além do mais, ele era um mentiroso que espalhava um monte de histórias malucas sobre si mesmo e depois morria de rir quando os outros policiais acreditavam. Supostamente, seu primo era presidente da Bolívia e seu pai se mudara com a família para os Estados Unidos porque acreditava no capitalismo e estava cansado de criar lhamas. Supostamente, Morales fora criado nos condomínios de classe baixa de Chicago e fora amigo de Barack Obama até que a política interferira, o que parecia perfeitamente possível para quem não entendia muito das coisas. Nenhum candidato à presidência ia querer ficar amigo de alguém que usava palavras como "*mermão*" e que tinha a aparência de um membro de gangue, incluindo a calça jeans frouxa que deixava à mostra metade da cueca, as correntes e os anéis de ouro enormes, além do cabelo rastafári.

"Passei o dia investigando as fichas — não confunda com bichas, *mermão*", disse Morales.

"Não faço ideia do que você está falando."

"Fichas, bichas? Esqueci que você não tem senso de humor e que mal conseguiu se formar no segundo grau. Fiquei procurando por padrões, repetições, *modus*

operandi, queixas, de cabo a rabo, e acho que estou quase chegando em algum lugar."

"Achei que você quisesse pegar Jaime Berger", disse Marino.

"O que mulheres como ela e Kay Scarpetta têm? Valeria a pena morrer só para ela passar a mão em mim todinho. Puta merda. Você pode imaginar trepar com ela e Berger ao mesmo tempo? Ah, esqueci com quem eu estava falando. É claro que você pode imaginar."

A antipatia que Marino sentia por Morales instantaneamente se transformou em ódio. Ele sempre brincava com Marino, humilhando-o, e Marino só não acabava com a raça dele porque havia colocado a si mesmo em condicional. Benton pedira um favor a Berger. Se ela não tivesse concordado, Deus sabe onde Marino estaria. Provavelmente fazendo um trabalhinho burocrático na polícia de uma merda qualquer de cidade. Ou bêbado num abrigo para moradores de rua. Ou morto.

"É possível que nosso assassino já tenha matado antes", disse Morales. "Encontrei dois outros homicídios que são um pouco parecidos. Não em Nova York, mas lembre que Oscar é autônomo e não vai ao escritório. Ele tem um carro. Tem uma renda disponível, porque recebe um cheque isento de impostos dos pais todo ano no aniversário e, por enquanto, está em doze mil. É o jeito deles de não se sentirem culpados pela aberração que é seu filho único. Ele não tem que sustentar ninguém além dele mesmo. Então a gente não tem ideia de quanto ele viaja e do que faz, tem? Vou acabar resolvendo mais duas velharias aqui."

Marino abriu a geladeira, encontrou outra Sharp's, arrancou a tampinha com um giro e atirou-a na pia, onde fez um ruído parecido com o de balas de espingarda batendo num alvo de metal.

"Que outros dois homicídios?", ele perguntou.

"Encontrei duas possibilidades no nosso banco de dados. Como falei, não aconteceram em Nova York, e é por isso que ninguém pensou nelas. Ambas no verão de 2003, com dois meses de intervalo entre elas. Um menino de catorze anos viciado em oxicodona. Foi encontrado nu, com as mãos e os pés amarrados, estrangulado com uma ligadura que não foi achada na cena do crime. Era de uma boa família de Greenwich, em Connecticut. O corpo foi desovado perto de uma revendedora de carros Bugatti. Crime não resolvido, sem nenhum suspeito."

"Onde Oscar estava no verão de 2003?", perguntou Marino.

"No mesmo lugar onde está agora. No mesmo trabalho, vivendo a mesma vida maluca no mesmo apartamento. O que significa que ele podia estar em qualquer lugar."

"Não estou vendo a relação. O menino estava o quê? Fazendo umas chupetinhas para poder comprar droga, aí acabou se metendo com o cliente errado. É o que parece. E você tem algum motivo para achar que Oscar Bane gosta de garotos

adolescentes?”

“Você já notou que a gente não sabe de que diabo as pessoas gostam até que elas começam a estuprar e matar e a coisa acaba aparecendo? Pode ter sido Oscar. Como eu disse, ele dirige. Tem grana para zanzar por aí e bastante tempo para matar. É muito forte. A gente não deve descartar a hipótese.”

“E o outro crime? Foi com outro adolescente?”

“Foi com uma mulher.”

“Então me diga quem ela é, e por que Oscar talvez a tenha matado”, disse Marino.

“Ops.” Morales deu um bocejo audível. “Estou reorganizando meus papéis, eles estão fora de ordem — ah, meu Deus. Foi ela primeiro, depois o moleque. Linda, vinte e um anos, tinha acabado de se mudar para Baltimore de uma cidadezinha rural na Carolina do Norte, arrumou um trabalho numa estação de rádio, estava tentando trabalhar na televisão, e em vez disso se envolveu em algumas atividades extracurriculares para manter seu vício em oxicodona. Ou seja, estava propensa a ser raptada por alguém. Nua, mãos amarradas, estrangulada com uma ligadura que não foi encontrada na cena do crime. Corpo encontrado num lixão perto do porto.”

“Foi encontrado algum dna nos dois casos?”

“Nada de útil, e não havia sinal de violência sexual. Nenhum fluido seminal.”

“Ainda estou esperando pela ligação”, disse Marino. “Homicídios onde as pessoas provavelmente estão se prostituindo para comprar drogas e acabam sendo amarradas, estranguladas e tendo o corpo desovado acontecem às dúzias.”

“Você sabia que Terri Bridges tinha uma corrente de ouro fina no tornozelo esquerdo? Ninguém sabe de onde ela veio. É meio estranho que ela não estivesse com nenhuma outra joia, e, quando eu insisti em falar da tornozeleira com Oscar, ele disse que jamais a havia visto antes.”

“E?”

“E nos outros dois crimes foi a mesma coisa. Nenhuma joia, com exceção de uma corrente de ouro fina em volta do tornozelo esquerdo. No mesmo lado que o coração, certo? Tipo um grilhão para a perna. Tipo, você é escravo do meu amor. Pode ser a marca registrada do assassino. Pode ser a marca registrada de Oscar. Estou juntando os arquivos de cada caso, procurando dados e descobrindo mais informações. Vou enviar alertas para os suspeitos de sempre, incluindo a turminha do seu passado.”

“Que turminha do meu passado?”, perguntou Marino.

Seus pensamentos foram de sombrios a negros. Ele não conseguia ver através das nuvens carregadas que tomavam a sua mente.

“Benton Wesley. E aquela menina gostosa que costumava ser agente, policial, sei lá, e que infelizmente é inatingível para o seu amigo aqui, se os boatos forem verdade. É claro que, depois que você descobriu aqueles laptops quando foi à cena

do crime sem minha permissão hoje mais cedo, deu uma forcinha para ela."

"Não preciso da sua permissão. Você não é minha governanta."

"Não. A governanta é Berger. Talvez você devesse perguntar a ela quem está no comando."

"Se precisar, eu pergunto. Agora, estou fazendo meu trabalho. Investigando esse homicídio, exatamente como ela espera que eu faça."

Marino tomou o último gole da Sharp's e as garrafas de vidro bateram dentro da geladeira quando ele abriu a porta para pegar mais uma. Pelos seus cálculos, se cada garrafa tinha zero ponto três por cento de álcool, ele ia conseguir uma pontinha de tontura se bebesse pelo menos doze em rápida sucessão. Mas já tentara isso antes e não sentira nada além de uma vontade enorme de fazer xixi.

"Ela tem essa empresa de computação forense que Berger está doida para usar. Lucy, a sobrinha de Scarpetta", Morales disse.

"Eu sei quem é."

Marino também sabia sobre a empresa de Lucy no Village, e sabia que Scarpetta e Benton estavam trabalhando na Faculdade John Jay. Ele sabia muitas coisas que achava melhor não discutir com Morales ou com qualquer outra pessoa. O que não sabia era que Lucy, Benton e Scarpetta estavam envolvidos no caso de Terri Bridges, ou que os dois estavam em Nova York naquele mesmo instante.

"Você vai ficar aliviado em saber que eu não acredito que Kay vá ficar aqui por tempo o suficiente para ter qualquer encontro constrangedor com você", disse Morales, com sua voz arrogante.

Não havia dúvida. Morales lera a porra da coluna de fofocas.

"Ela está aqui para examinar Oscar", disse Morales.

"Pra quê?"

"Parece que ela é o prato principal no menu dele. Ele exigiu que fosse ela, e Berger está dando ao carinha tudo o que o coraçãozinho dele quer."

Marino não podia suportar a ideia de Scarpetta ficar sozinha com Oscar Bane. Saber que Oscar pedira por ela especificamente o assustava, pois isso só podia significar uma coisa: ele sabia muito mais sobre ela do que deveria.

"Se você está sugerindo que ele pode ser um assassino em série, então o que ele está fazendo com a doutora? Não consigo acreditar que Jaime Berger ou qualquer outra pessoa a tenha mandado fazer uma coisa assim. Principalmente considerando que o cara pode sair de lá a qualquer hora. Jesus", disse Marino.

Ele andava de um lado para o outro. Com uma dúzia de passos, percorria toda a extensão do apartamento.

"Quando ela terminar, talvez volte correndo para Massachusetts, e você não vai ter nada com o que se preocupar", disse Morales. "E isso é bom, certo? Pois você já tem bastante com o que se preocupar."

"É mesmo? Por que você não me diz com o quê?"

"Estou só lembrando que esse é um caso delicado, e você não se saiu muito bem quando Oscar Bane abriu o coração para você no mês passado."

"Fiz tudo de acordo com o regulamento."

"Engraçado, isso. Ninguém liga para essa merda quando dá um problema. Quanto à sua ex-chefe, Kay, eu aconselho que a evite. Não que você tenha qualquer motivo para encontrar com ela ou aparecer inesperadamente no Bellevue. Por exemplo."

Marino ficou furioso ao ouvir Morales chamá-la de Kay. Marino jamais a chamara de Kay, e ele trabalhara ao lado dela, provavelmente passara dez mil horas com ela no necrotério, no escritório dela, no carro, nas cenas dos crimes, na casa dela, inclusive em feriados, e até já havia tomado um drinque ou dois em seu quarto de hotel quando trabalhavam em casos fora da cidade. Portanto, se ele não a chamava de Kay, quem Morales pensava que era?

"Meu conselho é que você suma até Kay voltar para Massachusetts", disse Morales. "Ela não precisa de mais estresse, está ouvindo, *mermão*? E eu não quero que, da próxima vez que pedirmos a ajuda dela, ela se recuse a fazer isso por sua causa. Ninguém quer que ela saia da John Jay ou pare de prestar consultoria por sua causa. Aí Benton ia pedir demissão também, se quiser manter sua mulher contente. E a gente perde os dois por sua causa. Planejo passar muitos anos trabalhando com os dois. Somos os três mosqueteiros."

"Você nem conhece os dois", disse Marino, com tanta raiva que seu coração parecia bater no pescoço.

"Se eles pedirem demissão, a imprensa vai saber", disse Morales. "E você sabe como essas coisas vão passando de boca em boca. Um escândalo na primeira página do *Post*, uma manchete de dez metros de altura dizendo que Jaime Berger, a grande promotora de Justiça de Manhattan especializada em crimes sexuais, contratou um policial que já cometeu um, e talvez seja demitida. É incrível como o castelo de cartas desaba, cara. Enfim, tenho que desligar. Sobre aquilo que saiu na internet, o que aconteceu entre você e Kay... Não quero me meter..."

"Então não se meta, porra", retrucou Marino.

4

As pernas de Oscar Bane, que não tinham nenhum pelo e estavam presas por uma corrente, pendiam da mesa de exame que havia numa das diversas enfermarias na ala psiquiátrica para prisioneiros. Seus olhos, um azul, outro verde, faziam Scarpetta ter a perturbadora sensação de que duas pessoas a encaravam.

Um guarda do Departamento Correcional estava de pé junto à parede com a presença sólida e silenciosa de uma montanha, dando a ela espaço o bastante para trabalhar, mas também se mantendo próximo o suficiente para interferir caso Oscar ficasse violento, o que não parecia provável. Ele estava com medo. Havia chorado. Scarpetta não sentia qualquer agressividade partindo dele, sentado ali naquela mesa, envergonhado na camisola fina de algodão que era longa demais e de vez em quando abria sem querer abaixo da linha da cintura. As correntes tilintavam de leve sempre que ele remexia suas pernas presas ou suas mãos algemadas para se cobrir.

Oscar era pequeno, um anão. Enquanto suas extremidades e dedos eram desproporcionalmente pequenos, a camisola meio transparente revelava que outro de seus membros era bem grande. Seria possível até dizer que Deus lhe recompensara além da conta pelo que Scarpetta suspeitava ser acondroplasia, doença causada pela mutação espontânea do gene responsável pela formação do osso, atingindo principalmente os ossos longos dos braços e das pernas. Seu torso e sua cabeça eram grandes demais para suas extremidades, seus dedos eram pequenos e gorduchos, e o médio e o anelar ficavam bastante separados, o que dava a suas mãos uma aparência próxima à de um tridente. Tirando isso, ele parecia anatomicamente normal, com exceção daquilo que fizera consigo mesmo, e que havia lhe causado muita dor e lhe custado muito dinheiro.

Seus dentes muito brancos haviam sido clareados artificialmente ou cobertos por uma resina. Talvez tivessem coroas também. Seu cabelo curto fora pintado de um amarelo-dourado brilhante. Suas unhas estavam lixadas em quadrados perfeitos, e, embora Scarpetta não pudesse jurar, ela atribuía seu cenho tranquilo a injeções de Botox. O mais impressionante era seu corpo, que parecia ter sido esculpido em mármore de Carrara bege com veias azuis acinzentadas. Sua musculatura era perfeitamente proporcional, e ele quase não tinha pelos. O efeito geral de sua aparência, com seus olhos intensamente diferentes e seu esplendor de Apolo, era bastante surreal e bizarro, e Scarpetta achou muito estranho o comentário de Benton sobre as fobias de Oscar. Ele não podia ser daquele jeito sem adorar a dor e os profissionais que a infligiam.

Scarpetta sentiu o olhar verde-azulado de Oscar penetrando-a quando abriu a maleta de cena do crime que Benton guardava para ela em seu escritório. Diferentemente daqueles cujas profissões não exigiam o uso de fórceps, envelopes para guardar provas, sacos e contêineres, máquina fotográfica, fontes de luz forense, lâminas afiadas e tudo o mais, Scarpetta era forçada a levar uma vida com redundâncias. Se nem água engarrafada passava pela segurança do aeroporto, certamente uma maleta de cena do crime não passaria, e mostrar seu distintivo de médica-legista só atrairia mais atenção indesejável.

Ela tentara fazer isso uma vez no aeroporto e acabara numa sala onde fora interrogada, revistada e submetida a outras invasões, feitas apenas para que os funcionários da Administração de Segurança no Transporte pudessem se certificar de que ela não era uma terrorista que, eles mesmos tiveram de admitir, era a cara daquela médica-legista que aparecia na cnn. No fim das contas, Scarpetta não pudera levar a maleta no avião de qualquer maneira e, recusando-se a despachá-la, acabara indo de carro. Agora, ela mantinha cópias de todas as ameaças à segurança de Manhattan.

Scarpetta perguntou a Oscar: "Você compreende por que vou coletar essas amostras e por que você não tem obrigação nenhuma de dá-las para mim?".

Oscar observou-a organizando os envelopes, o fórceps, uma fita métrica e diversos outros itens forenses numa mesa de exame coberta de papel branco. Ele virou o rosto e encarou a parede.

O guarda do Departamento Correcional disse: "Olhe para a doutora quando ela falar com você, Oscar".

Oscar continuou a olhar para a parede.

Numa voz tensa de tenor, ele disse: "Doutora Scarpetta, a senhora pode repetir o que disse, por favor?".

"Você assinou um formulário dizendo que concordava em me deixar coletar certas amostras biológicas", ela respondeu. "Estou confirmando que você compreende quais informações científicas essas amostras podem prover e que ninguém pediu por elas."

Oscar ainda não fora acusado de nenhum crime. Scarpetta se perguntou se Benton, Berger e a polícia achavam que o fato de ele fingir ser doente significava que a qualquer minuto ia confessar um assassinato sobre o qual ela nada sabia. Isso a colocava numa posição insustentável e sem precedentes. Como Oscar não estava preso, ela não podia divulgar nada que ele revelasse para ela, a não ser que ele abrisse mão do segredo médico. E o único formulário que assinara até agora fora aquele que permitia que ela coletasse amostras biológicas.

Oscar olhou para ela e disse: "Sei para que elas servem. dna. Sei por que você precisa do meu cabelo".

“As amostras vão ser analisadas e os laboratórios terão seu perfil genético. O cabelo pode nos dizer se você abusa cronicamente de substâncias. Há outras coisas pelas quais a polícia e os cientistas procuram. Provas vestigiais...”

“Eu sei o que são.”

“Quero ter certeza de que você entende.”

“Não uso drogas, e certamente não abuso cronicamente de nenhuma substância”, ele disse com a voz trêmula, olhando para a parede de novo. “E meu dna e minhas impressões digitais estão espalhados pelo apartamento dela inteiro. Meu sangue também. Eu cortei o dedão.”

Oscar mostrou a Scarpetta seu dedão da mão direita, que tinha um curativo em volta do segundo nó do dedo.

“Eu deixei que eles tirassem minhas impressões digitais quando me trouxeram para cá”, ele disse. “Não estou em nenhum banco de dados. Eles vão ver que nunca cometi um crime. Eu nem levo multa. Não me meto em confusão.”

Oscar olhou para o fórceps que ela pegou, e uma sombra de medo passou pelas cores diferentes de seus olhos.

“Isso não é necessário”, ele disse. “Eu mesmo faço.”

“Você tomou banho desde que veio para cá?”, perguntou Scarpetta, largando o fórceps.

“Não. Eu disse que não ia fazer isso até você me examinar.”

“Lavou as mãos?”

“Não. Toquei no menor número possível de coisas, basicamente só no lápis que seu marido me deu para fazer alguns testes psicológicos. Desenho projetivo. Eu me recusei a comer. Não quis fazer nada com meu corpo até você me examinar. Tenho medo de médicos. Não gosto de dor.”

Scarpetta abriu pacotes de papel onde havia cotonetes e aplicadores enquanto ele a observava, como se estivesse esperando que a qualquer momento ela fosse fazer algo que doeria.

“Eu gostaria de raspar debaixo das suas unhas”, ela disse. “Só se você não se incomodar. A gente pode achar provas vestigiais, dna, embaixo das unhas dos dedos dos pés e das mãos.”

“Eu sei para que é. Vocês não vão encontrar nada que mostre que eu fiz alguma coisa com ela. Encontrar o dna dela não significa nada. Meu dna está espalhado por todo o apartamento dela.”

Oscar ficou completamente imóvel enquanto a médica-legista usava um raspador de plástico para raspar embaixo das unhas dele, e Scarpetta sentiu seu olhar. Sentiu seus olhos verde-azuis como se fossem uma luz quente tocando sua cabeça e outras partes de seu corpo, como se ele estivesse examinando-a enquanto ela o examinava. Quando Scarpetta parou de raspar e olhou para Oscar, ele estava encarando a

parede. Ele pediu que ela não ficasse observando enquanto ele arrancava primeiro o cabelo da cabeça, que ela ajudou-o a colocar dentro de um envelope, e depois alguns pelos pubianos, que foram para outro envelope. Para alguém que tinha tanto horror a dor, ele nem estremeceu, mas seu rosto estava tenso e de sua testa brotaram gotas de suor.

Scarpetta abriu o invólucro de uma escova bucal, e Oscar esfregou-a na parte interna da boca com as mãos tremendo.

"Agora, por favor, peça para ele ir embora", ele disse, referindo-se ao guarda. "Você não precisa dele aqui. Não vou falar com ele aqui."

"Não é assim que funciona", disse o guarda. "A escolha não é sua."

Oscar se calou. Ele olhou para a parede. O guarda olhou para Scarpetta, esperando para ver o que ela ia fazer.

"Quer saber, acho que tudo bem", ela decidiu.

"Prefiro não fazer isso, doutora. Ele está muito irritado."

Oscar não parecia irritado, mas Scarpetta não disse nada. Ele parecia atordoado, chateado, beirando a histeria.

"Estou acorrentado que nem Houdini", disse Oscar. "Ser preso é uma coisa. Mas não preciso ficar algemado que nem um assassino em série. O que me espanta é você não ter me colocado numa gaiola que nem aquela do Hannibal Lecter. Os funcionários daqui obviamente não sabem que correntes foram abolidas em hospitais psiquiátricos no meio do século xix. O que eu fiz para merecer isso?"

Ele ergueu as mãos algemadas e falou cuspindo, de tão exasperado.

"É porque gente ignorante como você pensa que sou uma atração de circo", ele disse.

"Ei, Oscar", respondeu o guarda. "Quer saber de uma novidade? Você não está num hospital psiquiátrico normal. Você se internou na ala para prisioneiros." Ele se voltou para Scarpetta. "Prefiro ficar, doutora."

"Uma aberração. É isso que gente ignorante como você pensa de mim."

"A gente vai ficar bem", ela repetiu para o guarda, e entendeu por que Berger estava sendo tão cuidadosa.

Oscar era rápido em apontar qualquer coisa que considerasse uma injustiça contra ele. Logo lembrava a todo mundo de que sofria de nanismo, quando na verdade isso provavelmente não devia ser a primeira coisa que as pessoas notavam, a não ser que ele estivesse de pé. Certamente não fora o que chamara a atenção de Scarpetta quando ela entrara na enfermaria. O que havia sobressaído para ela foram os olhos de cor diferente. O verde e o azul pareciam mais fortes em contraste com o brilho dos dentes e do cabelo de Oscar, e, embora suas feições não fossem perfeitas, a combinação delas fizeram Scarpetta querer observá-las, estudá-las. Oscar Bane a fizera se lembrar de algo, e ela ainda estava se perguntando de quê. Talvez de um

busto numa moeda de ouro antiga.

"Vou ficar aqui perto", disse o guarda.

Ele saiu fechando a porta, que, como todas as outras portas naquela ala, não tinha maçaneta. Só os guardas tinham as chaves, portanto era importante manter a fechadura cilíndrica na posição trancada. Assim, não haveria perigo de a porta fechar por completo e acidentalmente prender um funcionário ou consultor, como Scarpetta, dentro de uma sala pequena com um homem de cem quilos que acabara de desmembrar uma mulher que conhecera num bar, por exemplo.

Scarpetta pegou a fita métrica e disse para Oscar: "Eu gostaria de medir seus braços e suas pernas. Anotar sua altura e seu peso exatos".

"Tenho um metro e vinte e três centímetros de altura", ele respondeu. "Peso quarenta e nove quilos e meio. Uso sapato trinta e quatro. Às vezes, trinta e três. Ou trinta e cinco e meio, se for sapato de mulher. Às vezes, trinta e quatro e meio. Depende do sapato. Tenho o pé largo."

"Braço esquerdo, da articulação glenoumeral até a ponta do dedo médio. Por favor, estique os braços o mais reto possível. Perfeito. Quarenta vírgula nove centímetros no esquerdo. Quarenta e um vírgula dois no direito. Muito comum. Os braços da maioria das pessoas não têm exatamente o mesmo comprimento. Agora suas pernas, se você puder esticá-las. Vou medir a partir do acetábulo, que é a articulação do quadril."

Scarpetta apalpou o algodão fino da camisola de Oscar, e mediu o comprimento das pernas até as pontas dos dedos dos pés. As correntes tilintaram baixinho e os músculos dele ficaram salientes quando se moveu. Suas pernas eram apenas cerca de cinco centímetros mais longas que seus braços, e um pouco arqueadas. Ela anotou as medidas e pegou mais papéis da mesa.

"Deixe-me confirmar o que eles me passaram quando eu cheguei", disse Scarpetta. "Você tem trinta e quatro anos, seu nome do meio é Lawrence. Você é destro, segundo diz aqui."

Quando ela chegou à data de nascimento e ao endereço de Oscar, ele a interrompeu.

"Você não vai perguntar por que eu quero você aqui? Por que exigi sua presença? Por que fiz questão de que Jaime Berger soubesse que eu não ia cooperar se você não viesse? Dane-se ela." Os olhos dele estavam úmidos e a voz trêmula. "Terri ainda estaria aqui se não fosse por ela."

Oscar virou a cabeça para a direita e olhou para a parede.

"Você tem dificuldade em me escutar, Oscar?", perguntou Scarpetta.

"Meu ouvido direito", ele respondeu, numa voz que tremia e mudava de timbre.

"Mas você consegue escutar com o ouvido esquerdo?"

"Tive infecções crônicas no ouvido quando era criança. Sou surdo do lado

direito.”

“Você conhece Jaime Berger?”

“Ela é cruel, não quer saber de ninguém. Você é totalmente diferente. Você se importa com as vítimas. Eu sou uma vítima. Preciso que se importe comigo. Você é tudo que tenho.”

“De que forma você é uma vítima?”, perguntou Scarpetta, rotulando envelopes.

“Minha vida foi arruinada. A pessoa que era mais importante para mim se foi. Nunca mais vou vê-la. Ela se foi. Não tenho mais nada. Não me importo se eu morrer. Eu sei quem você é e o que faz. Saberia mesmo que você não fosse famosa. Famosa ou não, eu saberia quem você é e o que faz. Tive que pensar rápido, muito rápido. Depois que encontrei... Depois que encontrei Terri...”, a voz de Oscar falhou, e ele piscou os olhos para estancar as lágrimas, “... eu disse à polícia para me trazer para cá. Onde eu estaria a salvo.”

“A salvo do quê?”

“Eu disse que poderia ser uma ameaça a mim mesmo. E eles perguntaram ‘E aos outros?’. Eu disse não, só a mim mesmo. Pedi para me colocarem na solitária aqui na ala para prisioneiros, pois não posso me misturar com o resto. Eles estão me chamando de Anão Assassino aqui. Rindo de mim. A polícia não tem provas suficientes para me prender, mas eles acham que sou maluco e não querem que eu desapareça, e eu tenho dinheiro e um passaporte, pois sou de uma boa família de Connecticut, embora meus pais não sejam muito gentis. Não me importo se eu morrer. Para a polícia e para Jaime Berger, sou culpado.”

“Eles estão fazendo tudo o que podem para agradar você. Você está aqui. Conversou com o doutor Wesley. E, agora, eu estou aqui”, lembrou Scarpetta.

“Eles estão só usando você. Não se importam comigo.”

“Prometo que não vou deixar ninguém me usar.”

“Eles já estão usando. Para se proteger. Eles já me condenaram, não estão procurando por mais ninguém. O verdadeiro assassino está solto em algum lugar. Ele sabe quem sou. Alguém vai ser a próxima vítima. Quem quer que tenha feito isso vai fazer de novo. Eles têm um motivo, uma causa, e eu fui avisado, mas não achei que estavam falando de Terri. Jamais me ocorreu que eles tinham a intenção de machucar Terri.”

“Você foi avisado?”

“Eles se comunicam comigo. Tenho essas comunicações.”

“Você disse isso para a polícia?”

“Se você não sabe quem eles são, precisa tomar cuidado e ver bem para quem vai contar. Tentei avisar Jaime Berger há um mês, disse que não era seguro contar o que sei. Mas jamais imaginei que estava colocando Terri em risco. Eles jamais falaram comigo sobre Terri. Então eu não sabia disso, do perigo que ela corria.”

Oscar secou as lágrimas com as costas das mãos, e suas correntes tilintaram.

"Como você avisou Jaime Berger? Ou tentou avisá-la?"

"Liguei para o escritório dela. Ela vai contar para você. Ordene que conte o ser humano cruel que ela é. Ordene que conte o quanto ela se importa. Nada." As lágrimas escorreram pelo rosto dele. "E agora, Terri se foi. Eu sabia que alguma coisa ruim ia acontecer, mas não sabia que seria com ela. E você está se perguntando por quê. Bom, eu não sei. Talvez eles odeiem anões, queiram nos extirpar do planeta. Como os nazistas fizeram com os judeus, os homossexuais, os ciganos, as pessoas com deficiência, os doentes mentais. Quem ameaçasse a raça pura de Hitler acabava no forno. De alguma maneira eles roubaram minha identidade e meus pensamentos, e sabem tudo sobre mim. Eu denunciei, mas Berger não se importou. Exigi justiça mental, mas ela nem atendeu meus telefonemas."

"O que é justiça mental?"

"É quando sua mente é roubada. A justiça é consegui-la de volta. A culpa é dela. Ela podia ter impedido isso. Não tenho minha mente. Não tenho Terri. Só tenho você. Por favor, me ajude."

Scarpetta enterrou as mãos enluvadas mais fundo nos bolsos do jaleco, e sentiu que estava se enterrando cada vez mais numa encrenca. Ela não queria ser a médica de Oscar. Ia dizer isso a ele agora mesmo, que não queria mais nenhum contato com ele. Ia abrir aquela porta de aço pintada de bege e nunca mais olhar para trás.

"Eles a mataram. Sei que mataram", disse Oscar.

"Quem você pensa que *eles* são?"

"Não sei quem são. Eles vêm me seguindo, são um grupo específico que apoia alguma causa. Eu sou o alvo. Isso já tem meses, no mínimo. Como ela pode ter morrido? Talvez eu realmente seja uma ameaça a mim mesmo. Talvez eu queira morrer."

Ele começou a chorar.

"Eu a amava mais que a qualquer pessoa que já conheci na vida. Fico achando que vou acordar. Não é verdade. Não pode ser verdade. Eu não estou aqui. Odeio Jaime Berger. Talvez eles matem alguém que ela ama. Vamos ver o que ela vai achar disso. Quero vê-la passar por esse inferno. Espero que aconteça. Espero que alguém mate a pessoa que ela mais ama na vida."

"Você queria poder matar alguém que ela ama?", perguntou Scarpetta.

Ela colocou diversos lenços de papel nas mãos algemadas de Oscar. As lágrimas rolaram, e o nariz dele escorreu.

Oscar disse: "Não sei quem eles são. Se eu for lá para fora, vão me seguir de novo. Sabem onde estou neste minuto. Tentam me controlar através do medo. Através da perseguição".

"Como estão fazendo isso? Você tem motivos para acreditar que alguém está

seguindo você?”

“Eletrônica avançada. Existem inúmeros aparelhos de uso legal que você pode pedir pela internet. Micro-ondas que transmitem vozes para seu crânio. Som silencioso. Radar que atravessa paredes. Tenho muitos motivos para acreditar que fui selecionado como alvo para o controle da mente, e se você acha que coisas assim não acontecem, pense nos experimentos que o governo fez com seres humanos e radiação após a Segunda Guerra Mundial. Essas pessoas foram secretamente expostas a materiais radioativos, receberam injeções de plutônio, em nome da pesquisa ligada à guerra nuclear. Não estou inventando nada disso.”

“Conheço os experimentos com radiação”, disse Scarpetta. “Ninguém nega que aconteceram.”

“Não sei o que eles querem de mim”, disse Oscar. “É culpa de Berger. É tudo culpa dela.”

“Explique isso para mim.”

“O promotor de Justiça investiga roubo de identidade, perseguição, assédio, e eu liguei e pedi para falar com ela, mas não deixaram. Eu disse para você. Quem atendeu foi um policial babaca. Ele achou que eu era um lunático, é claro, e ninguém fez nada. Não houve investigação. Ninguém se importa. Confio em você. Sei que você se importa com as pessoas. Já vi com meus próprios olhos. Por favor, me ajude. Por favor. Estou completamente desprotegido. Não tenho blindagens aqui. Não tenho proteções.”

Scarpetta examinou algumas escoriações leves no lado esquerdo do pescoço de Oscar, notando que o estágio de formação da cicatriz parecia relativamente recente.

“Por que você confiaria em mim?”, ela perguntou.

“Não acredito que você disse isso. Que manipulação é essa?”

“Eu não manipulo as pessoas. Não tenho intenção de manipular você.”

Oscar examinou o rosto de Scarpetta enquanto ela examinava mais escoriações.

“Tudo bem”, ele disse. “Entendo que você tenha que tomar cuidado com o que diz. Não importa. Eu já respeitava você antes de tudo isso. Você também não sabe quem eles são. Precisa ter cuidado.”

“Antes de tudo o quê?”

“Você foi corajosa ao discutir o assassinato de Bhutto. Terri e eu vimos na cnn. Você passou um dia e uma noite inteiros na cnn falando nisso, e teve muita compaixão e respeito ao falar daquela tragédia horrível. Também foi corajosa e impassível, mas dava para ver o que você estava sentindo. Dava para ver que estava tão arrasada quanto a gente. Você estava arrasada, e não era só para as câmeras. Fez de tudo para esconder. Eu sabia que podia confiar em você. Eu entendi. Terri também, é claro. Mas foi uma decepção. Eu disse a ela que era preciso ver o seu lado. Porque eu sabia que podia confiar em você.”

“Não entendi por que me ver na televisão faria você pensar que podia confiar em mim.”

Scarpetta pegou a máquina fotográfica em sua maleta.

Ele não respondeu, e Scarpetta continuou: “Conte por que Terri ficou decepcionada”.

“Você sabe por que, e foi inteiramente compreensível. Você respeita as pessoas”, disse Oscar. “Você se importa com elas. Você as ajuda. Eu só vou a médicos quando não tem outro jeito. Detesto dor. Peço para eles me darem uma anestesia geral, uma injeção de Dolantina, fazer qualquer coisa para não doer. Admito. Tenho medo de médicos. Tenho medo de dor. Não posso olhar para a agulha se a estão injetando em mim. Não posso olhar, senão desmaio. Peço para cobrirem meus olhos ou darem a injeção num lugar que não consigo ver. Você não vai me machucar, vai? Nem me dar uma injeção?”

“Não. Nada do que vou fazer deve doer”, disse Scarpetta, examinando as escoriações embaixo da orelha esquerda de Oscar.

Elas eram superficiais, sem sinal de regeneração epitelial nas beiradas. Mais uma vez, a cicatriz era recente. Oscar pareceu ganhar confiança ao ouvir o que ela disse, reconfortando-se com seu toque.

“Quem quer que esteja me seguindo, me espionando”, ele disse, mudando de assunto, “talvez seja o governo, mas o governo de onde? Talvez algum grupo racista, ou um culto. Sei que você não tem medo de ninguém, de nenhum governo, de nenhum culto ou grupo, ou não ia falar as coisas que fala na televisão. Terri disse a mesma coisa. Você é a heroína dela. Se ela soubesse que estou sentado na sua frente, falando nela. Talvez saiba. Você acredita em vida após a morte? Que o espírito do ser amado não nos abandona?”

Oscar ergueu os olhos injetados, como se estivesse procurando por Terri.

“Não sei o que fazer”, ele disse.

“Preciso ter certeza de que você entendeu uma coisa”, disse Scarpetta.

Ela pegou uma cadeira de plástico e sentou-se perto da mesa de exame.

“Não sei nada sobre esse caso”, ela disse. “Não sei o que você supostamente fez ou não fez. Não sei quem é Terri.”

Oscar fez cara de chocado. “O que você quer dizer?”

“Quero dizer que fui chamada para examinar seus ferimentos e que concordei em vir. Provavelmente não sou a pessoa com quem você deveria estar falando. Eu me preocupo muito com seu bem-estar, e por isso sou obrigada a lhe dizer que, quanto mais você falar de Terri para mim, quanto mais falar do que aconteceu, maior é o risco.”

“Você é a única com quem eu deveria estar falando.”

Oscar limpou o nariz e os olhos, e encarou-a como se estivesse tentando decifrar

algo muito importante.

Ele disse: "Você tem seus motivos. Talvez saiba de alguma coisa".

"Você deveria ter um advogado. Então, cada palavra que disser será confidencial, incondicionalmente."

"Você é médica. Tudo o que nós conversarmos é confidencial. Você não pode permitir que a polícia interfira no meu tratamento, e eles não podem pedir nenhuma informação a não ser que eu dê permissão ou que haja um mandado judicial. Você precisa proteger minha dignidade. É a lei."

"A lei também diz que, se você for acusado de um crime, meus arquivos podem ser confiscados pela promotoria ou pela defesa. Você precisa pensar nisso antes de continuar a falar comigo de Terri e do que aconteceu ontem à noite. Posso ser intimada pela Justiça", enfatizou Scarpetta.

"Jaime Berger teve a chance de conversar comigo. Ela é bem diferente de você. Merece ser demitida. Merece sofrer como estou sofrendo e perder o que perdi. É culpa dela."

"Você quer machucar Jaime Berger?"

"Eu jamais machucaria alguém. Mas ela própria se machucou. É culpa dela. O universo paga na mesma moeda. Se ela perder alguém que ama, vai ser culpa dela mesma."

"Vou insistir mais uma vez. Se você for acusado de algum crime, posso ser intimada a depor, e minha única escolha será revelar tudo o que observei. Sim. Posso muito bem ser intimada por Jaime Berger. Você entendeu isso?"

Os olhos de cores diferentes de Oscar a encararam, e seu corpo ficou rígido de raiva. Scarpetta pensou na porta pesada de aço e se perguntou se deveria abri-la.

"Eles não vão encontrar nada que prove que sou o culpado", ele afirmou. "Não os impedi de pegar minhas roupas, meu carro. Dei permissão para que entrassem no meu apartamento, pois não tenho nada a esconder, e você pode ver por si mesma a maneira como sou obrigado a viver. Quero que veja. Insisto que veja. Eu disse que você tem que ver, ou eles não vão poder entrar. Não existe nenhuma prova de que machuquei Terri, a não ser que eles falsifiquem alguma. Talvez façam isso. Mas você vai me proteger, porque é minha testemunha. Vai cuidar de mim não importa onde eu esteja e, se alguma coisa acontecer comigo, vai saber que isso é parte de um plano. E não pode contar a ninguém nada que eu não queira que eles saibam. Agora, legalmente, não pode revelar nada que aconteça entre nós dois. Nem para seu marido. Eu permiti que ele fizesse minha avaliação psicológica, e ele vai poder lhe dizer que, de acordo com os testes de saúde mental, não sou louco. Confio nele, sei que é um especialista. E, o que era mais importante, sabia que ele tinha como entrar em contato com você."

"Você disse a ele o que está dizendo para mim?"

“Deixei que fizesse a avaliação, e só. Disse que ele podia examinar minha mente e que você podia examinar o resto. Ou eu não ia cooperar. Você não pode contar o que digo para ele. Nem mesmo para ele. Se as coisas mudarem, se eu for falsamente acusado e você for intimada a depor... A essa altura, você já vai estar acreditando na minha história e vai brigar por mim de qualquer jeito. Você devia acreditar em mim. Afinal, já ouviu falar de mim.”

“Por que você acha que eu já ouvi falar de você?”

“Entendi”, disse Oscar, com fúria no olhar. “Você foi instruída a não dizer nada. Tudo bem. Não gosto dessa brincadeirinha. Mas então, tá. Tudo bem. Tudo o que eu peço é que você me escute e não me traia ou viole o juramento que fez.”

Scarpetta devia parar agora. Mas ela estava pensando em Berger. Oscar não ameaçara Berger. Ainda não. Se ele não o fizesse, Scarpetta não ia poder revelar uma palavra do que ele dissera, mas ainda assim se preocupava com Berger, ou com aqueles que eram próximos a ela. Seria melhor se Oscar dissesse logo, em termos muito claros, que era uma ameaça a Berger ou a outra pessoa. Aí não haveria mais segredo médico e ele seria, no mínimo, preso por fazer uma ameaça verbal.

“Vou fazer algumas anotações, que guardarei num arquivo para poder consultar”, ela disse.

“Isso, anotações. Quero que haja um registro da verdade em suas mãos. Caso aconteça alguma coisa.”

Ela tirou um bloco de papel e uma caneta de dentro do bolso do jaleco.

“Caso eu morra”, ele disse. “Provavelmente não deve haver jeito. Eles provavelmente vão me pegar. Este provavelmente vai ser meu último Ano-Novo. Eu provavelmente não me importo.”

“O que faz você dizer isso?”

“O que quer que eu faça, aonde quer que eu vá, eles sabem.”

“E agora, neste momento?”

“Talvez. Mas, quer saber de uma coisa?” Oscar olhou para a porta. “É aço demais para atravessar. Não sei se eles conseguem passar por tudo isso, mas vou tomar cuidado com o que digo e o que penso. Você precisa escutar bem. Precisa ler minha mente enquanto pode. Um dia, eles vão controlar completamente o que restou da minha vontade própria, dos meus pensamentos. Talvez estejam só praticando em mim. Precisam praticar em alguém. A gente sabe que a cia tem programas neuroeletromagnéticos de modificação de comportamento secretos há meio século, e em quem você acha que eles praticam? E o que você acha que acontece se você chamar a polícia? Misteriosamente, nenhuma queixa é registrada. A mesma coisa que aconteceu quando eu fiz a denúncia para a senhorita Berger. Fui ignorado. E, agora, Terri está morta. Não sou paranoico. Não estou tendo um episódio esquizoide, psicótico. Não tenho um distúrbio de personalidade. Não tenho

alucinações. Não acredito que a Gangue do Tear Aéreo esteja atrás de mim com sua máquina infernal, embora a gente tenha que desconfiar dos políticos e se perguntar se é por isso que estamos em guerra com o Oriente Médio. É claro que estou brincando, mas não me espanto mais com quase nada."

"Você parece conhecer bem a história da psicologia e da psiquiatria."

"Tenho um PhD. Sou professor de história da psiquiatria na Faculdade Metrópole."

Scarpetta jamais ouvira falar daquela faculdade e perguntou onde ela ficava.

"Em lugar nenhum", disse Oscar.

5

O nome de usuário dela era Megera, pois seu marido costumava chamá-la assim. Nem sempre era um insulto. Às vezes, era um apelido carinhoso.

"Não seja uma megera, porra", ele dizia, exatamente com essas palavras, depois que ela reclamava dos charutos ou da bagunça que ele fazia pela casa. "Vamos tomar um drinque, minha megerinha querida" em geral significava que eram cinco da tarde, ele estava com um humor tolerável e queria assistir ao noticiário.

Ela levava os drinques deles e uma tigela de castanha de caju, e ele dava tapinhas na almofada ao lado do lugar onde estava sentado no sofá de veludo amarelo-claro. Após meia hora de notícias que, é claro, nunca eram boas, ele ficava calado e não a chamava de megera nem falava com ela, e o jantar era apenas o som da mastigação, após o qual ele se recolhia no quarto para ler. Um dia ele saiu de casa para comprar algo e nunca mais voltou.

Ela sabia bem o que ele ia dizer se ainda estivesse ali. Não ia gostar de saber que era a administradora anônima do sistema do site *Quem Ver na Metrópole*. Chamaria o que ela fazia de lixo nojento, cujo objetivo era explorar as pessoas sem dó nem piedade e infectá-las com uma doença, e diria que era insano ela ter um trabalho em que jamais conhecera nenhum dos envolvidos, nem sabia seus nomes. Diria que era ridículo e suspeito Megera não saber quem era o colunista anônimo.

Acima de tudo, ele ficaria escandalizado por ela ter sido contratada por telefone por um "agente" que não era americano. Ele dissera que morava no Reino Unido, mas soava tão inglês quanto Tony Soprano, e forçara Megera a assinar inúmeros documentos sem que o advogado dela os lesse antes. Depois que ela fez tudo o que pediram, eles lhe contrataram por um período de experiência de um mês. Sem pagar nada. No fim desse período, ninguém telefonara para dizer a ela como seu trabalho fora maravilhoso, nem quanto o Patrão (que era como Megera chamava o colunista anônimo) estava contente por tê-la entre seus funcionários. Ninguém dissera uma palavra.

Então ela continuara e, a cada duas semanas, um depósito era feito em sua conta. Eles não descontavam impostos, não tinham plano de saúde ou qualquer outro benefício, nem a reembolsavam por quaisquer despesas que viesse a ter, como quando precisara de um computador novo alguns meses atrás, e um roteador mais potente para a rede sem fio. Ela não tinha direito a receber se parasse de trabalhar por estar doente, não tinha férias nem recebia hora extra, mas, como o agente explicara, era parte do trabalho "estar de plantão vinte e quatro horas por dia, todos

os dias".

Em sua vida pregressa, Megera tivera empregos de verdade em empresas de verdade. Da última vez, fora gerente de marketing do banco de dados de uma empresa de consultoria. Ela não era nenhuma novata, sabia bem que as exigências de seu emprego atual eram excessivas e que poderia processar a empresa se soubesse para quem trabalhava. Mas nem pensava em reclamar. Ganhava razoavelmente bem, e era uma honra trabalhar para uma celebridade anônima cuja coluna era a mais falada de Nova York, se não do país inteiro.

Os feriados de fim de ano eram uma época em que Megera ficava particularmente ocupada. Não por motivos pessoais, pois ela não tinha direito de ter motivos pessoais para nada. Mas o tráfego na web sempre aumentava muito, e a logomarca do site na página principal era um desafio enorme. Megera era inteligente, mas sabia que jamais fora uma artista gráfica muito talentosa.

Nessa época do ano, o ritmo de produção também aumentava. Em vez de três colunas por semana, o Patrão trabalhava mais para agradar os fãs e os patrocinadores, e os recompensava por terem passado um ano sendo uma audiência fiel, entusiástica e lucrativa. A partir da véspera de Natal, Megera precisaria publicar uma coluna por dia. De vez em quando ela dava sorte, recebia várias de uma só vez, fazia ajustes e as deixava numa fila para serem liberadas automaticamente, enquanto podia descansar um pouco, resolver um probleminha frívolo aqui e ali, ir ao cabeleireiro ou dar uma caminhada, em vez de ficar esperando o Patrão andar logo. O Patrão nunca parava para pensar no que era conveniente para Megera, e a verdade é que podia ser ainda pior.

Megera suspeitava que o Patrão arquitetasse tudo deliberadamente, sem dúvida usando um programa de computador, para fazer com que as colunas fossem enviadas uma de cada vez, embora diversas delas já estivessem prontas. Isso implicava duas informações importantes.

Em primeiro lugar, ao contrário de Megera, o Patrão tinha o que fazer, e deixava o trabalho adiantado para poder se dedicar a outras coisas, talvez viajar, ficar com os amigos ou com a família, ou simplesmente descansar. Em segundo lugar, o Patrão pensava em Megera, sim, considerava o relacionamento deles relevante o suficiente para de tempos em tempos lembrá-la de que ela era pequena e pouco importante, e de que era possuída e controlada por quem quer que fosse aquela celebridade anônima. A vida de Megera era uma não-vida, e ela não tinha o direito de ter um dia ou dois de folga quando o trabalho já estivesse feito e ela não precisasse mais pensar naquilo. Ela devia servir o Patrão e fazer tudo o que ele quisesse. O Patrão atendia as preces de Megera quando queria, escolhia quando tocar o botão do mouse e colocar o cursor sobre "enviar".

Na verdade, por uma feliz coincidência, se Megera tivesse a oportunidade de

desfrutar dos feriados de fim de ano, teria pavor deles. Eram apenas um barco vazio que a levava de um ano para outro, fazendo-a se lembrar de tudo que não tinha e de tudo que não havia pela frente, e de que a biologia era cruel e fazia brincadeiras perversas com a mente. Megera não se lembrava de o processo ter sido gradual, como a lógica lhe dissera que seria — um cabelo branco aqui, uma ruga ou dor nas juntas ali.

Parecia que, um dia, ela olhara no espelho e não encontrara a mulher de trinta anos que era por dentro, ou reconhecera aquela figura destroçada encarando-a. Atualmente, sempre que Megera colocava os óculos, descobria que estava envolta numa pele solta e enrugada. Descobria que manchas negras tinham ido morar em todo o seu corpo sem ser convidadas, como os sem-teto, e que os pelos haviam se mudado de onde deveriam estar para áreas fora do jardim, como o mato que não é cortado. Ela não tinha ideia de por que precisava de tantas veias, a não ser que fosse para levar sangue extra até células que estavam determinadas a morrer, só por diversão.

Megera achava bom que, ao longo dessa jornada infeliz entre a véspera de Natal e o Ano-Novo, não tivesse nenhum momento de paz, mas permanecesse em espera, aguardando a próxima coluna, não importava quantas delas já houvessem sido escritas, com a tensão aumentando, crescendo até o primeiro dia do ano, quando o Patrão postava duas colunas. Essas, naturalmente, eram sempre as mais sensacionais.

Megera recebera a segunda delas poucos instantes antes, e estava surpresa e intrigada. O Patrão nunca dava o espaço privilegiado da coluna para a mesma figura pública duas vezes seguidas, principalmente em sua Dupla Diária, mas essa segunda coluna, assim como a primeira, era toda sobre a dra. Kay Scarpetta. Sem dúvida ia fazer sucesso, tinha todos os elementos para isso: sexo, violência e a Igreja Católica.

Megera esperava outra enxurrada de comentários dos fãs, e possivelmente outro cobiçado prêmio Pena Envenenada, que deixaria todos curiosos como da última vez, quando ninguém aparecera para aceitá-lo. Mas ela não pôde evitar uma sensação de nervosismo e perplexidade. O que naquela respeitada médica-legista deixara o Patrão tão irritado?

Megera releu a nova coluna com cuidado, certificando-se de que não havia nenhum erro de ortografia ou datilografia que pudesse ter escapado. Ela fez os últimos ajustes no formato enquanto se perguntava onde diabos o Patrão descobrira todas aquelas informações extremamente pessoais, que ela iluminara com o familiar vermelho. O vermelho indicava que uma informação era inédita, e informações desse tipo eram as mais cobiçadas. Com raras exceções, a fonte de todas as fofocas eram os fãs, que enviavam histórias curiosas, relatavam ter visto uma celebridade em algum lugar e contavam boatos e mentiras, sendo que tudo isso era filtrado por

Megera e movido para um arquivo eletrônico acessado pelo Patrão. Mas nenhuma das informações inéditas sobre a dra. Scarpetta vinha de algo que Megera lera ou selecionara.

Então, onde o Patrão conseguira aquilo?

Partindo do pressuposto de que aquilo era verdade, a dra. Kay Scarpetta era de uma família italiana pobre e ignorante: tinha uma irmã que já dava para os meninos antes de chegar à puberdade, uma mãe que era uma vaca imbecil, e um pai sem instrução que acabara de imigrar para os Estados Unidos, e a quem a pequena Kay ajudava na mercearia da família. Ela fizera o papel de médica por muitos anos enquanto ele morria de câncer em casa, o que explicava o vício pela morte que desenvolveria mais tarde. O padre da igreja que Kay frequentava sentira pena dela e arrumara uma bolsa numa escola paroquial em Miami, onde ela era a nerd da turma, chorona e dedo-duro. As outras meninas a detestavam, e com razão.

Àquela altura da coluna, o Patrão começava a escrever como quem conta uma história, e era sempre aí que o trabalho dele ficava melhor.

> Nesta tarde em particular, Kay, a florzinha da Flórida, estava sozinha no laboratório de química, trabalhando num projeto para ganhar pontos adicionais, quando a irmã Polly apareceu de repente. Ela deslizou pela sala vazia com seu escapulário negro, sua touca e seu véu, e cravou seus pequenos olhos piedosos na pequena Kay.
>
> "O que nosso Pai nos falou sobre o perdão, Kay?", quis saber a irmã Polly, com as mãos sobre seus quadris virgens.
>
> "Que devemos perdoar os outros como Ele nos perdoa."
>
> "E você obedeceu a palavra Dele? O que tem a dizer?"
>
> "Não obedeci."
>
> "Porque você dedurou."
>
> "Eu estava resolvendo um problema de matemática e meus lápis estavam em cima da minha mesa, irmã Polly, e Sarah quebrou todos ao meio. Tive que comprar mais, e ela sabe que minha família é pobre..."
>
> "E, agora, dedurou de novo." A irmã Polly colocou a mão no bolso e disse: "Deus acredita na reparação". Ela colocou uma moeda de vinte e cinco centavos na mão da pequena Kay e deu-lhe uma bofetada no rosto.
>
> A irmã Polly mandou que Kay rezasse por seus inimigos e os perdoasse. Ela repreendeu-a severamente por ser uma pecadora com uma língua afiada, e disse que Kay claramente precisava se lembrar de que Deus não gostava dos dedos-duros.
>
> No banheiro no fim do corredor, a irmã Polly trancou a porta e tirou seu cinto de couro preto enquanto ordenava que Kay removesse seu macacão xadrez, sua blusa de gola Peter Pan e tudo o que houvesse por baixo, abaixasse e segurasse os joelhos...

Com a certeza de que a coluna estava pronta para ir para a rede, Megera digitou sua senha de administradora para entrar na programação do site. Ela postou a coluna, com uma sensação ruim.

Será que a dra. Scarpetta fizera algo ultimamente que pudesse ter incitado o ódio do Patrão, quem quer que ele fosse?

Megera olhou pela janela que havia diante de seu computador e naquele momento lembrou que um carro de polícia estivera estacionado o dia todo em frente ao prédio antigo de arenito que havia do outro lado da rua. Talvez um policial tivesse se mudado para lá, mas ela imaginava que o policial médio não devia poder pagar o aluguel de Murray Hill. Ocorreu-lhe que ele talvez estivesse espionando alguém. Talvez houvesse um ladrão ou um lunático à solta. Megera voltou a pensar na óbvia intenção do Patrão de arruinar o Ano-Novo da médica-legista que ela sempre admirara.

A última vez que Megera vira a dra. Scarpetta na tv fora alguns dias após o Natal, depois que Benazir Bhutto fora assassinada, e ela estava explicando, de forma diplomática e elegante, os danos que estilhaços, uma bala ou uma pancada na cabeça podiam causar, dependendo de que parte do cérebro ou da medula espinhal for atingida. Será que isso tinha alguma coisa a ver com a primeira coluna do Patrão, escrita aquela manhã, e com essa coluna bônus de agora? Talvez a dra. Scarpetta tivesse feito aflorar nele um preconceito extremo. Se isso fosse verdade, para que tipo de pessoa Megera trabalhava? Será que era alguém que odiava paquistaneses, ou o islã, ou a democracia, ou os direitos humanos, ou as mulheres poderosas? Talvez fosse só coincidência e não houvesse nenhuma relação entre uma coisa e a outra.

Mas não era isso que Megera achava, e sua intuição fez surgir uma suspeita terrível que ela jamais tivera antes. Como sabia que não trabalhava para uma organização terrorista que usava aquela infame e altamente lucrativa coluna de fofocas on-line para se comunicar subliminarmente com simpatizantes extremistas, fazer propaganda e, pior ainda, patrocinar conspirações terroristas?

Megera não tinha certeza. Mas, se tivesse razão, era apenas uma questão de tempo até que alguém fosse procurar por ela, ou o Departamento de Segurança Interna ou um membro da seita terrorista que estava por trás daquele trabalho tão misterioso e, francamente, suspeito — trabalho que ela jamais mencionara para ninguém.

O entendimento de Megera era que as únicas pessoas que sabiam que ela trabalhava para o *Quem Ver na Metrópole* eram o agente italiano que a contratara por telefone (um homem que ela jamais vira ao vivo e cujo nome não sabia) e a celebridade anônima que escrevia as colunas e mandava-as para que Megera fizesse uma rápida revisão de texto e formato. Ela as postava, o programa fazia o resto, e as colunas entravam na internet um minuto após a meia-noite. Se terroristas estivessem envolvidos, a dra. Scarpetta era um alvo. Eles estavam tentando destruí-la pessoal e profissionalmente, e sua vida podia estar em risco.

Megera precisava avisá-la.

Como ela podia fazer isso sem admitir que era a administradora anônima daquele site anônimo?

Não podia.

Megera ficou refletindo sobre isso sentada diante do computador, olhando para o carro de polícia lá fora, imaginando se haveria uma maneira de enviar uma mensagem anônima para a dra. Scarpetta.

No mesmo instante em que ela tinha esses pensamentos paranoicos e muito desagradáveis, alguém bateu com força na porta, assustando-a. Talvez fosse aquele jovem estranho que morava no apartamento em frente ao dela. Como a maioria das pessoas com famílias carinhosas, ele viajara no Natal. Talvez tivesse voltado e quisesse pedir algo emprestado ou fazer uma pergunta.

Megera espiou pelo olho mágico e ficou chocada ao ver um rosto largo e grosseiro, uma cabeça calva, e óculos antiquados com aros de metal.

Ai, meu Deus do céu.

Ela agarrou o telefone e ligou para a emergência.

Benton Wesley e Jaime Berger estavam na lanchonete do Bellevue, sentados numa mesa rosa encostada na parede dos fundos, pois lá podiam ter privacidade. Quem não reconhecia Berger muitas vezes reparava nela de qualquer jeito.

Sua beleza chamava a atenção. Ela tinha altura mediana, era esguia, tinha olhos azul-escuros e cabelos negros e lustrosos. Sempre se vestia bem, e naquele dia estava com um blazer de caxemira cor de carvão, um suéter preto de botão, uma saia preta com uma fenda atrás e escarpins pretos com pequenas fivelas prateadas nas laterais. Berger não era provocativa, mas não tinha medo de se vestir de forma feminina. Todos sabiam que, se o olhar de advogados, policiais ou criminosos violentos começasse a percorrer seus atributos físicos, ela se aproximava bem, apontava para os próprios olhos e dizia: “Olhe para cá. Olhe exatamente para cá quando eu estiver falando com você”.

Para Benton, Berger lembrava Scarpetta. Sua voz tinha o mesmo timbre grave que prendia a atenção justamente por não pedir isso, suas feições tinham a mesma expressão inteligente e o estilo arquitetônico de seu corpo agradava muito a Benton, com suas linhas simples que levavam a curvas generosas. Ele tinha seus fetiches. E admitia isso. Mas, como enfatizara para a dra. Thomas havia pouco tempo no telefone, era fiel a Scarpetta e sempre seria. Até em pensamento era fiel, mudando de canal imediatamente quando suas fantasias se transformavam em enredos eróticos que não a envolviam. Ele nunca a trairia. Nunca.

O comportamento de Benton nem sempre fora tão virtuoso. O que a dra. Thomas dissera era verdade. Ele traíra sua primeira mulher, Connie, e, se Benton tivesse que ser completamente sincero, admitiria que a traição começara bem cedo, quando decidira que era perfeitamente admissível e, na verdade, saudável, usar as mesmas

revistas e filmes que os outros homens usavam, principalmente durante seus quatro meses de celibato na academia do fbi, quando não havia nada para fazer à noite a não ser tomar algumas cervejas no salão de jogos e depois voltar para o quarto, onde podia aliviar a tensão e escapar de sua vida ansiosa por um breve período.

Benton mantivera aquela rotina sexual clandestina, porém saudável, ao longo de todo o casamento, até que ele e Scarpetta trabalharam em casos demais juntos e acabaram num hotel barato. Benton perdera sua esposa e metade de uma herança considerável, e suas três filhas continuavam se recusando a falar com ele. Alguns de seus ex-colegas do passado no fbi ainda o desprezavam, ou no mínimo colocavam a culpa de tudo em sua moral. Ele não ligava.

Pior que não ligar e ter um vácuo onde deveria haver uma fagulha de remorso era saber que poderia fazer tudo de novo. E fazia mesmo, muitas vezes, em pensamento. Benton relembrava a cena no quarto de hotel, quando estava com cortes que sangravam e precisavam de pontos, e Scarpetta cuidara dele. Ela mal acabara de fechar seus cortes quando ele começara a abrir seus botões. Era mais que uma fantasia.

Quando Benton pensava no passado, o que o espantava era como conseguira adiar por quase cinco anos e não sucumbir mais cedo. Quanto mais folheava as páginas de sua vida durante as conversas com a dra. Thomas, mais perplexo ficava com diversas coisas, em especial com o fato de que Scarpetta não tinha a menor ideia. Ela realmente não sabia o que ele sentia, tinha muito mais consciência do que ela própria sentia. Ou, pelo menos, fora o que lhe dissera quando ele admitira que, com raras exceções, sempre que ela o vira com uma maleta no colo era porque estava escondendo uma ereção.

Até quando a gente se conheceu?

Provavelmente.

No necrotério?

É.

Quando estávamos analisando casos naquela sala de conferências horrível na academia, lendo relatórios, vendo fotografias, tendo aquelas conversas implacáveis, intermináveis, seríssimas?

Principalmente naquela época. Depois, quando eu levava você até seu carro, tinha que me controlar muito para não entrar junto e...

Se na época eu soubesse, Scarpetta dissera a ele certa noite, depois de terem bebido bastante vinho, *teria seduzido você imediatamente, em vez de desperdiçar cinco malditos anos cantando solo*.

Cantando solo? Você quer dizer...

Só porque eu vivo com gente morta, não significa que eu esteja morta também.

"Esse é o principal motivo pelo qual não vou fazer isso", disse Jaime Berger a

Benton. “Não é politicamente correto. Não é politicamente sensato. Você está prestando alguma atenção no que eu estou dizendo?”

“Estou. Se pareço distraído é porque não dormi direito.”

“A última coisa que eu quero é que pareça haver algum preconceito. Principalmente agora, quando o público está muito mais consciente do nanismo e das concepções errôneas e dos estereótipos historicamente associados a ele. O *Post* desta manhã, por exemplo. Uma manchete deste tamanho.” Ela deixou as mãos paralelas a cerca de cinco centímetros uma da outra. “*Anão assassino*. Horrível. Exatamente o que não queremos, e estou esperando protestos, principalmente se outros veículos repetirem isso e o inferno se espalhar.” Os olhos dela estavam pousados nele, e ela parou de falar por um instante. “Infelizmente, minha capacidade de controlar a imprensa é tão grande quanto a sua.”

Ela disse isso como se quisesse dizer outra coisa.

Era a outra coisa pela qual Benton estava esperando. Ele sabia muito bem que Berger não queria falar só sobre o assassinato de Terri Bridges. Benton cometera um erro tático. Devia ter mencionado a coluna *Quem Ver na Metrópole* quando tivera a oportunidade.

“As alegrias do jornalismo contemporâneo”, ela disse. “A gente nunca sabe o que é verdade.”

Berger podia acusar Benton de mentir para ela por omissão. Mas, tecnicamente, ele não fizera isso, pois tecnicamente Pete Marino não cometera nenhum crime. O que a dra. Thomas dissera estava correto. Benton não estava na casa de Scarpetta em Charleston quando tudo acontecera, e jamais saberia os detalhes do que Marino fizera com ela naquela noite quente e úmida de maio. Marino estava bêbado na ocasião e se comportara de forma completamente inapropriada, mas não fora denunciado e o assunto mal fora discutido. Se Benton tivesse feito a mínima alusão àquilo, teria sido uma traição a Scarpetta — e a Marino também. Além disso, teria sido uma fofoca, algo que Berger jamais toleraria em outras circunstâncias.

“Infelizmente”, disse Benton, “essas coisas estão sendo ditas aqui no hospital também. Os outros pacientes xingam Oscar.”

“Zangado, anão de circo, mágico de Oz”, disse Berger.

Ela pegou o café e, toda vez que movia as mãos, Benton notava a ausência de seu grande solitário de brilhante e da aliança de casamento. Ele quase perguntara sobre isso no verão passado, quando a encontrara depois de ficar anos sem vê-la, mas decidira não fazê-lo quando se tornou óbvio que Berger jamais mencionava seu marido multimilionário ou seus enteados. Ela nunca fazia qualquer referência a sua vida pessoal. Nem os policiais falavam no assunto.

Talvez não houvesse nada sobre o que falar. Talvez seu casamento estivesse intacto. Talvez Berger tivesse desenvolvido uma alergia a metais ou temesse ser

roubada. Mas, se fosse por esse último motivo, ela devia pensar duas vezes antes de colocar o Blancpain que usava. Benton estimava que aquele relógio analógico custasse cerca de cem mil dólares.

"Uma imagem negativa na mídia, na indústria do entretenimento", continuou Berger. "Uma ideia de que são burros, idiotas. O filme *Inverno de sangue em Veneza*. Os anões no folclore, os anões das cortes europeias. E, muito *à propos*, o anão onipresente que vê tudo, desde o triunfo de Júlio César até a descoberta de Moisés na arca de juncos. Oscar Bane foi testemunha de alguma coisa e, ao mesmo tempo, acusa outros de serem testemunhas de tudo. Ele afirma que vem sendo perseguido, espionado, sujeito a alguma espécie de assédio eletrônico, e que a cia pode estar envolvida e está torturando-o com armas eletrônicas e antipessoais devido a alguma espécie de experimento ou perseguição."

"Ele não entrou em tantos detalhes comigo", respondeu Benton.

"Foi o que disse quando ligou para meu escritório há um mês, e eu voltarei a falar no assunto em um instante. Em sua opinião, qual é o estado mental dele?"

"A avaliação dele é tão contraditória que é espantosa. O mmpi-2 indica traços de introversão social. No Rorschach, ele viu prédios, flores, lagos, montanhas, mas não pessoas. No tat, um padrão similar. Uma floresta com olhos e rostos em meio às folhas, indicando uma pessoa desconectada dos outros, profundamente ansiosa, paranoica. Solidão, frustração, medo. Os desenhos projetivos eram maduros, mas sem figuras humanas, só rostos com olhos vazios. Mais uma vez, paranoia. Uma sensação de estar sendo observado. Mas nada indicando que sua paranoia existe há muito tempo. Isso é uma contradição. É isso que é desconcertante. Ele é paranoico, mas não acredito que seja há muito tempo", repetiu Benton.

"Neste momento, ele está com medo de algo que, para ele, é real."

"Na minha opinião, sim. Ele está com medo e está deprimido."

"A paranoia dele", disse Berger. "Baseado na sua experiência e no tempo que passou com ele, você não acredita que é a disposição inerente dele? Isso não remonta a sua infância? Quero dizer, ele não foi sempre paranoico por ser anão? Talvez os outros caçoassem dele, o maltratassem, tivessem preconceito?"

"No geral, não me parece que ele teve essas experiências tão cedo. Exceto com a polícia. Ele me disse inúmeras vezes que odeia a polícia. E odeia você."

"No entanto, ele cooperou com a polícia. Extensivamente. Deixe-me adivinhar. A cooperação extensiva dele não vai ser de grande ajuda", disse Berger, como se não houvesse escutado o que Benton dissera sobre Oscar odiá-la.

"Espero que você tenha a chance de conversar com ele", disse Benton.

Todos diziam que, se a vítima fosse uma janela quebrada, Berger conseguiria arrancar uma confissão da pedra.

"O que me fascina é o fato de ele cooperar com pessoas em quem certamente não

confia", ela disse. "No entanto, ele basicamente nos deu carta branca. Amostras biológicas e depoimento, contanto que fossem dados a Kay. As roupas, o carro, o apartamento, contanto que Kay fique aqui. Por quê?"

"Baseado nos medos dele?", perguntou Benton. "Eu diria que ele quer mostrar que não há provas que o liguem ao assassinato de Terri Bridges. Quer mostrar isso a Kay, principalmente."

"Ele devia estar mais preocupado em mostrar isso para mim."

"Ele não confia em você. Mas confia em Kay. Confia irracionalmente, e isso me preocupa muito. Mas voltemos às intenções dele. Oscar quer provar para Kay que não é um bandido. Não fez nada de errado. Se ela acreditar nele, estará seguro. Fisicamente e na maneira como vê a si mesmo. Ele precisa da aprovação dela agora. Sem ela, quase não sabe mais quem é."

"Quer saber de uma coisa? A gente sabe quem ele é e o que provavelmente fez."

Benton disse: "Você precisa compreender que esse medo do controle da mente é muito real para milhares de pessoas que acreditam ser vítimas de armas mentais. Elas acham que o governo as está espionando, reprogramando, controlando seus pensamentos, suas vidas inteiras, através de filmes, jogos de computador, substâncias químicas, micro-ondas, implantes. E o medo ficou exponencialmente pior nos últimos oito anos. Eu estava caminhando pelo Central Park há pouco tempo, e havia um cara conversando com os esquilos. Fiquei observando-o por algum tempo, e ele se virou e me disse que era vítima exatamente disso que estamos discutindo. Uma das formas que ele tem de lidar com isso é visitar os esquilos, porque, se consegue fazê-los comer amendoins na palma de sua mão, então seus pés ainda estão no chão. Então ele não está deixando os filhos da mãe entrarem".

"Isso é bem Nova York, mesmo. Todos os pombos são teleguiados."

"E as radiações eletromagnéticas estão sendo usadas para fazer lavagem cerebral nos pica-paus."

Berger franziu o cenho. "Tem pica-pau aqui em Nova York?"

"Pergunte a Lucy sobre os avanços na tecnologia, sobre experiências que parecem pesadelos de um esquizofrênico", disse Benton. "Só que são reais. Acredito que Oscar acha que são reais."

"Acho que ninguém duvida disso. Eles só acham que ele é maluco. E temem que sua maluquice o tenha levado a assassinar a namorada. Mencionei as coisas estranhas que ele usa para se proteger. Um pedaço de plástico colado na parte de trás do celular. Outro pedaço de plástico no bolso de trás do jeans. Uma antena externa com um imã na ponta na caminhonete que não parece ter nenhum propósito. O investigador Morales — você não o conhece — disse que isso é antirradiação. Que é... deixe-me ver se eu decorei. Um medidor de elf de eixo triplo?"

"Para detectar campos eletromagnéticos em frequências extremamente baixas e

ultrabaixas. É um detector, em outras palavras. Uma ferramenta de medição eletromagnética", explicou Benton. "Você o ergue no meio de uma sala para ver se lê algo que possa indicar que você esteja sendo monitorado eletronicamente."

"E funciona?"

"É bastante popular entre os caçadores de fantasmas", disse Benton.

6

Pela terceira vez, o investigador P. R. Marino recusou chá, café, refrigerante e um copo d'água. Megera tentou com mais afinco.

"Já são cinco da tarde em algum do lugar do mundo", disse, repetindo a velha piadinha do marido. "Que tal um golinho de bourbon?"

"Não se preocupe", disse o investigador.

"Tem certeza? Não é trabalho nenhum. De repente, eu até bebo um pouquinho também."

Ela voltou para a sala.

"Não, obrigado."

Megera sentou de novo e não hesitou. Serviu-se de uma dose generosa. Os cubos de gelo tilintaram quando ela apoiou o copo sobre o descanso.

"Não sou sempre assim", ela disse do sofá de veludo. "Não sou uma bêbada."

"Não saio por aí julgando as pessoas", disse Marino, com os olhos se demorando sobre o drinque dela como se fosse uma bela mulher.

"Às vezes, as pessoas precisam de algo para acalmar os nervos. Eu não estaria sendo sincera se dissesse que não me assustou nem um pouquinho."

Após passar uns bons dez minutos se certificando de que ele era mesmo um policial, Megera ainda estava trêmula. Mostrar um distintivo para a pessoa pelo olho mágico era um truque que ela vira inúmeras vezes em filmes violentos, e se a telefonista da emergência não tivesse permanecido na linha, assegurando-lhe de que o homem diante de sua porta não estava mentindo, e continuado na linha enquanto ela o deixava entrar, Marino não estaria em sua sala naquele instante.

O investigador era um homem corpulento, com uma pele envelhecida de um tom avermelhado que a fez ficar preocupada com a pressão dele. Quase careca, com tufos feios de cabelo grisalho formando uma lua crescente em torno do topo da cabeça, ele tinha a aparência e o jeito de um homem que fazia tudo da maneira mais difícil, não ouvia ninguém e certamente não estava para brincadeiras. Megera teve certeza de que ele seria capaz de agarrar dois bandidos pela gola da camisa, um em cada mão, e atirá-los simultaneamente para o outro lado da sala como se fossem feitos de palha. Ela suspeitava que o inspetor havia sido bastante bonito quando jovem. E também suspeitava que estava solteiro naquele momento, ou que seria melhor que estivesse, pois se tivesse uma namorada e ela houvesse permitido que ele saísse na rua daquele jeito, era porque não gostava dele ou tivera uma educação questionável.

Ah, como Megera adoraria dar a ele uma ou duas dicas sobre o que vestir. Se um homem tinha ossos largos, a regra era que ternos baratos e mal cortados, principalmente os pretos, camisas brancas sem gravata e sapatos pretos de couro com sola de borracha e cadarço o fariam parecer um pouco com Herman Monstro. Mas ela não pretendia lhe dar qualquer conselho, com medo de que ele reagisse do mesmo modo que seu marido, e tomou o cuidado de não observar demais o policial.

Em vez disso, Megera continuou a fazer comentários nervosos, a pegar o drinque e a perguntar se ele queria alguma coisa enquanto dava um gole e colocava o drinque sobre o descanso de novo. Quanto mais ela tagarelava e pegava seu drinque, menos ele, que estava sentado na poltrona reclinável de couro preferida de seu marido, falava.

O investigador Marino ainda não mencionara qual era o propósito de sua visita.

Finalmente, Megera disse: "Bom, chega de falar de mim. Imagino que o senhor seja muito ocupado. Trabalha investigando o quê? Roubos, imagino. Nesta época do ano acontecem muitos, e se eu pudesse certamente moraria num prédio com porteiro. Aquilo que aconteceu do outro lado da rua. Imagino que seja por isso que o senhor está aqui".

"Eu ficaria grato por qualquer coisa que a senhora puder me dizer em relação a isso", disse o investigador, e a imensa presença na poltrona pareceu encolher a imagem que Megera tinha de seu marido sentado lá. "A senhora leu no *Post* ou foi algum vizinho que comentou?"

"Nem uma coisa nem outra."

"Estou curioso porque não saiu muita coisa sobre isso nos jornais. Não estamos divulgando detalhes e temos bons motivos para isso. Quanto menos as pessoas souberem por enquanto, melhor. A senhora entende isso, não? Portanto, essa conversinha que estamos tendo agora fica entre nós. Não diga nada para os vizinhos nem para qualquer outra pessoa. Sou um investigador especial da Promotoria de Justiça. Isso deve chegar ao tribunal. Sei que a senhora não ia querer fazer nada que complicasse um julgamento. Já ouviu falar de Jaime Berger?"

"Já, é claro", respondeu Megera, arrependendo-se de ter indicado que sabia de algo e temendo ter se metido em alguma confusão. "Admiro a defesa que ela faz dos direitos dos animais."

Marino encarou-a sem dizer nada. Megera sustentou o olhar dele também sem dizer nada, até que não aguentou mais.

"Eu disse alguma coisa errada?", ela perguntou, pegando seu drinque.

Os óculos do investigador brilharam enquanto seus olhos esquadrinhavam o apartamento de Megera como uma lanterna procurando por algo escondido ou perdido. Ele pareceu especialmente interessado em sua extensa coleção de cães de porcelana e cristal, e nas fotografias dela com o marido e os diversos cachorros que

tiveram ao longo de sua vida conjunta. Megera amava cachorros. Amava-os muito mais que as próprias filhas.

Então o investigador baixou o olhar e viu o tapete trançado bege e azul que ficava sob a velha mesa de centro de cerejeira.

"Você tem cachorro?", ele perguntou.

Obviamente ele notara os minúsculos pelos de cachorro brancos e pretos no tapete, o que não era culpa dela, na verdade. Megera não conseguira tirá-los com o aspirador de pó, e não tivera vontade de ficar de quatro e catar um por um quando ainda sofria com a morte prematura de Chiclete.

"Não sou uma má dona de casa", ela disse. "Pelos de cachorro tendem a se enfiar nas coisas, e é difícil tirá-los depois. É mais ou menos como os cachorros fazem com o coração da gente. Eles se enfiam lá dentro. Não sei o que eles têm, mas é obra de Deus, e quem diz que são apenas animais não tem alma. Os cachorros são anjos caídos, já os gatos não vivem neste mundo. Só visitam. Pelo de cachorro consegue se enfiar dentro da pele que nem farpa de madeira se você andar descalço. Sempre tive cachorro. Mas no momento não tenho. O senhor está envolvido na cruzada da senhorita Berger contra a crueldade com os animais? Temo que o bourbon esteja me subindo à cabeça."

"O que a senhora quer dizer com animais?", ele perguntou, e talvez estivesse tentando quebrar o gelo, mas não dava para ter certeza. "Está falando dos de duas patas ou dos de quatro patas?"

Megera decidiu que era melhor levá-lo a sério e disse:

"Imagino que o senhor deva lidar com muitos animais de duas patas, mas, na minha opinião, é incorreto falar assim. Animais não têm coração de pedra e mente cruel. Eles só querem ser amados, a não ser que sofram de raiva ou qualquer outra coisa, ou simplesmente sigam a cadeia alimentar. Nem assim eles roubam e assassinam gente inocente. Não arrombam apartamentos quando as pessoas estão viajando. Nem posso imaginar o que é voltar para casa e encontrar algo tão terrível. É fácil entrar na maioria dos prédios desta região, se o senhor quer saber o que acho. Nenhum tem porteiro, sistema de segurança, só alguns têm alarmes. Eu não tenho, aposto que o senhor percebeu. Ser observador faz parte do seu treinamento, do seu trabalho, e, pelo que eu vejo, o senhor já faz isso há muito tempo. Eu quis dizer de quatro patas."

"O que de quatro patas?"

O investigador Marino parecia prestes a sorrir, como se achasse a mulher divertida.

"Perdoe-me se estou mudando de assunto", disse Megera. "Já li artigos sobre Jaime Berger. Que mulher incrível. Na minha opinião, quem defende os animais sempre é uma pessoa boa. Ela deu um jeito em diversas dessas lojas de animais

horrorosas que vendem bichos doentes e geneticamente modificados, e talvez o senhor tenha ajudado. Se tiver, eu lhe agradeço muito. Peguei um cachorrinho numa delas."

Marino ouviu o que ela disse sem qualquer reação discernível. Quanto mais ouvia, mais ela falava e esticava o braço, hesitante, para pegar seu bourbon, em geral três vezes antes de finalmente tocá-lo e dar um gole. Megera deixara de acreditar que ele a considerava interessante e agora passara a achar que suspeitava de algo. Tudo em menos de dois minutos.

"Uma boston terrier chamada Chiclete", ela disse, agarrando um lenço que havia em seu colo.

"Perguntei se a senhora tinha cachorro", disse o investigador, "porque queria saber se saía muito. Para passear com ele. Estou me perguntando se a senhora observa bem o que se passa em sua vizinhança. Pessoas que passeiam com cachorros reparam no que acontece ao redor. Mais até que pessoas com um bebê no carrinho. Esse é um fato que a maioria das pessoas não sabe." Os óculos dele estavam fixos nela. "Já reparou em quantas pessoas atravessam a rua empurrando o carrinho na frente? Quem vai ser atingido pelo carro primeiro? Os donos de cachorro têm mais cuidado."

"Tem toda a razão", disse Megera, radiante por não ser a única que notara aquela imbecilidade que era as pessoas deixarem os carrinhos à frente na hora de cruzar as ruas movimentadas de Nova York. "Mas a resposta é não. Não tenho um cachorro no momento."

Outro longo silêncio, mas dessa vez foi o investigador que o quebrou.

"O que aconteceu com Chiclete?", ele perguntou.

"Bem, não fui eu quem a comprou naquela loja de animais da esquina. Palácio dos Filhotes. 'Onde os bichos são a realeza'. Devia dizer 'Onde os veterinários são a realeza', porque boa parte da clientela dos veterinários daqui deve vir daquele lugar horroroso. Uma moça que mora do outro lado da rua ganhou Chiclete de presente, não pôde ficar com ela, e deu-a para mim num momento de pânico. Uma semana depois, Chiclete morreu de parvovírus. Não faz muito tempo. Foi perto do Dia de Ação de Graças."

"Que moça que mora do outro lado da rua?"

O pensamento surgiu na mente de Megera e causou um arrepio de espanto.

"Por favor, não me diga que foi Terri que foi assaltada. Eu achei que não tivesse sido ela, já que é a única daquele prédio que não viajou e suas luzes estão acesas. Não imaginei que alguém arrombaria um apartamento com a pessoa em casa."

Megera pegou o copo e não o largou mais.

"Imagino que ela tenha saído ontem à noite, como a maior parte das pessoas na véspera do Ano-Novo", ela disse.

Megera deu um gole maior que os anteriores.

"Eu não teria como saber", ela continuou. "Sempre fico em casa e vou para o quarto. Não vejo a bola caindo na Times Square. Não tenho nenhum interesse. Um dia é igual ao outro."

"A que horas a senhora foi dormir ontem?", perguntou o investigador Marino.

Megera teve certeza de que ele estava perguntando com ar de quem achava que ela estava afirmando não ter visto nada, e de quem não acreditava naquilo de jeito nenhum.

"Claro, eu entendo aonde o senhor quer chegar", ela disse. "A questão não é bem a que horas eu fui dormir. O que estou dizendo é que não estava no computador."

O computador ficava bem em frente à janela que tinha uma vista perfeita do apartamento de Terri, no primeiro andar. O investigador olhou bem para ele.

"Também não é que eu fique olhando a rua pela janela a cada dois minutos", ela disse. "Comi na cozinha no horário de sempre, seis horas. Restos do ensopado de atum. Depois, fiquei algum tempo lendo no quarto, onde as persianas estão sempre fechadas."

"A senhora está lendo o quê?"

"Entendo, o senhor está me testando, como se eu estivesse inventando tudo isso. Estou lendo *Na praia*, do Ian McEwan. É a terceira vez que leio. Fico torcendo para eles se encontrarem de novo no fim. Já fez isso? Ler um livro ou ver um filme de novo pensando que vai terminar do jeito que você quer?"

"A não ser que seja um reality show, eles sempre terminam da mesma forma. Que nem os crimes e as tragédias. Você pode ficar falando nisso por cem anos, mas as pessoas ainda são assaltadas, morrem em acidentes horríveis e, pior ainda, são assassinadas."

Megera se levantou do sofá.

"Vou pegar mais um pouco. Tem certeza que não quer?", ela perguntou, a caminho da cozinha minúscula que não era reformada havia quarenta anos.

"Se a senhora quiser saber", disse o detetive, cuja voz seguiu-a até a cozinha, "ninguém mais estava em casa ontem à noite, nem no seu prédio nem no prédio do outro lado da rua. Todos os moradores, com exceção da senhora, viajaram antes do Natal."

Ele investigara todo mundo. Sabia tudo sobre todos, incluindo ela, pensou Megera, derramando mais Maker's Mark em seu copo, sem pensar em colocar gelo. Bem, e daí? Seu marido era um contador respeitado, e nem ele nem ela jamais haviam se metido em confusão ou se associado a pessoas indecentes. Com exceção de sua vida profissional secreta, que não poderia ser descoberta nem por um investigador da polícia, Megera não tinha nada a esconder.

"É muito importante que a senhora pense bem", ele disse quando Megera voltou

ao sofá. “Houve qualquer coisa que a senhora tenha visto ou ouvido a qualquer momento do dia de ontem que possa ter alguma relevância? E nos últimos dias, nas últimas semanas? Alguém aqui em volta a fez desconfiar de alguma coisa? Ou lhe causou uma sensação estranha? Sabe do que estou falando? Daquela sensação que a gente tem aqui.”

O investigador apontou para a barriga, que Megera suspeitava já ter sido muito mais generosa que agora. A base dessa suspeita era a pele flácida que havia em torno do queixo dele. Aquele homem devia ter sido mais gordo.

“Não”, ela disse. “Esta é uma rua tranquila. Certos tipos não frequentam esta área. Bem, o rapaz que mora aqui em frente neste andar é um médico do Bellevue. Ele fuma maconha e deve comprar em algum lugar, mas eu não acho que seja aqui por perto, de jeito nenhum. Deve ser ali em torno do hospital, que não fica numa área muito boa. A mulher do apartamento bem aqui embaixo que, é claro, dá para a rua assim como o meu...”

“Nenhum dos dois estava aqui ontem à noite.”

“Ela não é muito simpática, e eu ia comentar que tem um namorado com quem briga muito. Mas ele já está com ela há mais de um ano, por isso duvido que seja um criminoso.”

“E quanto a pessoas que vêm fazer consertos, instalar coisas, gente assim?”

“De vez em quando vem alguém da tv a cabo.” Megera olhou para a janela diante de seu computador. “Tem uma antena parabólica no topo do prédio que eu vejo bem daqui, e algumas vezes vi alguém lá em cima fazendo essas coisas que eles fazem.”

O investigador se levantou e olhou pela janela, observando o topo chato do prédio em frente ao qual o carro de polícia estava estacionado. Seu paletó estava muito esticado nas costas, na altura do ombro, e não estava abotoado.

Sem se virar, ele disse: “Estou vendo uma escada de incêndio antiga. Será que é assim que os caras da tv a cabo sobem lá? A senhora já viu alguém subindo por essa escada? Não sei como levaram uma antena lá para cima. Nossa! Não seria um trabalho para mim. Não teria dinheiro que pagasse”.

Ele olhou para a escuridão que havia lá fora. Naquela época do ano a noite caía às quatro.

“Não sei nada sobre a escada”, disse Megera. “Não consigo me lembrar de ver alguém subindo por ela, e acho que há outro acesso ao topo do prédio. O senhor acha que o ladrão entrou pelo topo? Se entrou, isso me preocupa muito. Fico achando que pode acontecer neste prédio.”

Ela olhou para o teto de gesso, perguntando-se o que haveria do outro lado.

“Moro no segundo andar, e isso certamente me deixa vulnerável a intrusos, imagino. Devem trancar as portas de acesso.”

Megera estava começando a ficar nervosa só de pensar naquilo.

“Este prédio tem uma escada de incêndio velha também, sabia?”, ela perguntou.

“Fale um pouco sobre a moça que lhe deu a cadelinha.”

Ele se sentou soltando o peso na poltrona, que gemeu como se fosse quebrar ao meio.

“Só sei o primeiro nome dela, Terri. Ela é muito fácil de descrever, porque tem nanismo. Eles não gostam muito de ser chamados de anões. Eu aprendi isso. Existem muitos programas sobre gente com nanismo, e eu assisto a eles com grande interesse, já que há uma pessoa assim do outro lado da rua. E o namorado dela tem nanismo também. É louro, bonito, um homem forte, embora extremamente baixo, é claro. Eu estava voltando do mercado outro dia e por acaso o vi bem de perto quando ele saía de sua caminhonete. Eu o cumprimentei e ele me cumprimentou. Estava carregando uma única rosa amarela de caule bem longo. Eu me lembro disso muito bem. Sabe por quê?”

O rosto largo e os óculos do investigador esperaram a resposta.

“Amarelo indica sensibilidade. Não é a mesma rosa vermelha que todo mundo dá. Achei uma graça. O amarelo tinha quase o mesmo tom do cabelo dele. Como se ele estivesse dizendo que também era seu amigo, não apenas seu namorado, se você entende o que quero dizer. Lembro que aquilo tocou meu coração. Jamais ganhei uma rosa amarela na vida. Nem uma vez. Eu teria gostado muito mais de rosas amarelas que de vermelhas no Dia dos Namorados. Já rosa, não. Rosa é anêmico. Amarelo é forte. Meu coração fica todo ensolarado quando eu vejo uma rosa amarela.”

“Quando foi isso exatamente?”

Megera fez um esforço para lembrar. “Eu tinha comprado duzentos e cinquenta gramas de peito de peru fatiado com molho de mel. O senhor quer que eu procure o recibo? É difícil mudar velhos hábitos. Meu marido era contador.”

“Tente chutar.”

“Sim, claro. Ele vem vê-la aos sábados, disso tenho certeza. Então deve ter sido no último sábado, no fim da tarde. Mas acho que o vi por aí outros dias.”

“A senhora quer dizer que ele estava de carro? Andando? Sozinho?”

“Sozinho. Já o vi passar de carro. Uma ou duas vezes no último mês. Saio pelo menos uma vez por dia para me exercitar um pouco, resolver algumas coisas. A não ser que o tempo esteja impossível, preciso sair. Tem certeza de que não quer nada?”

Os dois olharam para a bebida dela ao mesmo tempo.

“A senhora lembra a última vez que o viu por aqui?”, perguntou o investigador.

“O Natal foi na terça. Acho que o vi nesse dia. E alguns dias antes. Agora que estou parando para pensar, acho que o vi três ou quatro vezes nesse último mês, passando de carro. Então ele deve ter feito isso mais vezes, quando eu não vi, não é? Nossa, que frase feia. O que estou querendo dizer...”

“Ele estava olhando para o prédio dela? Estava indo devagar? Parou o carro em algum momento? E, pode deixar, eu entendi. Se a senhora o viu uma vez, ele pode ter passado por aqui vinte outras vezes, sem ter sido visto pela senhora.”

“Ele estava dirigindo devagar. E é isso mesmo”, disse Megera, dando mais um gole. “O senhor disse exatamente o que eu quis dizer.”

O investigador era muito mais inteligente que sua aparência ou seu discurso demonstravam. Ela não ia querer criar confusão com ele. Ele era do tipo que pegava as pessoas no flagra sem que tivessem qualquer indício do que ia acontecer. Megera pensou de novo. E se ele fosse um agente investigando pessoas que financiavam terroristas ou sei lá mais o quê? E se fosse por isso que estava ali?

“Em que horário?”, ele perguntou.

“Horários diferentes.”

“A senhora passou os feriados em casa. E quanto à sua família?”

A maneira como o investigador Marino disse isso fez Megera suspeitar de que ele já sabia que ela tinha duas filhas que moravam no Meio-Oeste, ambas muito ocupadas e muito falsas quando queriam parecer atenciosas.

Ela respondeu: “Minhas duas filhas preferem que eu vá visitá-las, e eu não gosto de viajar, certamente não nesta época do ano. Elas não gostam de gastar dinheiro para visitar Nova York. Ainda mais agora. Nunca na minha vida achei que o dólar canadense ia valer mais que o nosso. A gente costumava contar piada de canadense. Agora, desconfio que eles contam piada da gente. Acho que já mencionei que meu marido era contador. Fico feliz por ele não ser mais. Partiria seu coração”.

“A senhora está dizendo que nunca vê suas filhas.”

Ele ainda não reagira a qualquer comentário sobre o marido dela. Mas Megera tinha certeza de que o investigador sabia o que acontecera com ele também. Havia um registro que podia ser consultado por qualquer um.

“Estou dizendo que não viajo”, ela disse. “Eu as vejo de tempos em tempos. A cada dois ou três anos, elas vêm aqui e passam alguns dias. No verão. Ficam hospedadas no Shelburne.”

“Aquele hotel perto do Empire State.”

“Isso. Aquele lindo que parece um hotel europeu, na rua 37. Dá para ir andando daqui até lá. Nunca me hospedei nele.”

“Por que a senhora não viaja?”

“Porque não.”

“Não perde muito. É muito caro hoje em dia, e os voos sempre atrasam ou são cancelados. Sem falar que a gente pode ficar preso em um avião que não decola e que está com a privada entupida. Já aconteceu com a senhora? Comigo já...”

Megera destruíra completamente o lenço de papel e se sentiu uma boba ao pensar no Shelburne e imaginar todas as épocas de sua vida em que teria sido maravilhoso

ficar hospedada lá. Mas não agora. Ela não podia se afastar do trabalho de jeito nenhum. Além do mais, para que se incomodaria com isso?

"Eu simplesmente não viajo", ela disse.

"A senhora já disse."

"Gosto de ficar quieta. E o senhor está começando a me deixar desconfortável, como se estivesse me acusando de alguma coisa. E estivesse sendo simpático para me desarmar, como se eu tivesse alguma informação. Não tenho. Não tenho nada. Não deveria conversar com o senhor depois de beber."

"Se eu lhe acusasse de algo, do que seria?", ele perguntou com seu sotaque rude de Nova Jersey, os óculos grudados nela.

"Pergunte ao meu marido." Indicando a poltrona reclinável com a cabeça como se seu marido estivesse na sala. "Ele olharia o senhor bem nos olhos e perguntaria bem sério se reclamar é crime. Se fosse, ele mandaria o senhor me trancar na cadeia e jogar a chave fora."

"Ora, ora", disse o investigador, e a poltrona gemeu quando ele se inclinou um pouco para a frente. "A senhora não parece ser do tipo que reclama muito. Parece ser uma pessoa boa que não deveria estar sozinha no Natal. Uma pessoa inteligente, que não deixa escapar nada."

Por algum motivo, ela teve vontade de chorar, e se lembrou do homenzinho louro com sua longa rosa amarela. Mas pensar naquilo a fez se sentir pior.

"Não sei o nome dele", disse Megera. "Do namorado dela. Mas ele deve gostar muito dela. Foi ele quem deu a cadelinha que Terri passou para mim. Aparentemente foi uma surpresa, mas ela não podia ficar com a bichinha e a loja se recusou a aceitá-la de volta. Foi uma coisa estranha de se fazer, agora que eu parei para pensar nisso. Alguém com quem você conversa de vez em quando na calçada, e do nada um dia ela aparece na porta do meu apartamento com uma cesta coberta por uma toalha, como se estivesse trazendo algo que acabara de assar, o que não teria feito sentido também, já que, como eu disse, eu não a conhecia bem e ela jamais se dava a essas intimidades comigo. Terri disse que precisava encontrar alguém que cuidasse da cadelinha e perguntou se eu podia ficar com ela. Ela sabia que eu morava sozinha, que não trabalhava fora, e não tinha mais para quem oferecer."

"Quando foi isso?"

"Perto do Dia de Ação de Graças. Eu disse ao senhor que ela morreu. Foi mais ou menos uma semana depois, e eu por acaso encontrei Terri na rua. Ela ficou chateada, pediu desculpas e insistiu em comprar outro cachorro para mim, que eu mesma podia escolher. Ela disse que me daria o dinheiro, o que eu achei que seria muito impessoal. Dá para ver as engrenagens rodando dentro da sua cabeça. O senhor está se perguntando se eu já entrei no apartamento dela, mas nunca entrei. Nunca nem entrei no prédio dela e não tenho a mais vaga noção do que ela poderia possuir que

interessaria a um assaltante. Como joias. Não me lembro de vê-la usando joias que parecessem caras. Na verdade, não me lembro de vê-la usando nenhuma joia. Eu perguntei a ela por que eu ia querer outro cachorro, com ou sem garantia, que fosse daquela mesma loja onde o namorado dela pegou Chiclete. Ela disse que não havia garantia e que não tinha intenção de comprar nada naquela loja, mas que eu não devia ser tão crítica. Nem todo lugar é tão ruim quanto aquele Palácio dos Filhotes horrível. Ela disse que a cadeia de lojas Corações Com Cauda, por exemplo, é maravilhosa, e que ela ficaria feliz de me dar dinheiro se eu quisesse comprar um cachorrinho lá, em uma das lojas daqui ou de Nova Jersey. Já li coisas boas sobre a Corações Com Cauda, e tenho pensado seriamente em tentar de novo. Sinceramente, pode ser que eu tente, depois do que aconteceu. Qualquer coisa que lata ou rosne. Bandidos não entram num apartamento que tem cachorro."

"Mas a senhora precisa levar o cachorro para passear", disse o investigador Marino. "Inclusive no meio da noite. O que aumenta muito as possibilidades de ser assaltada ou de um bandido forçar a entrada no seu prédio e até no seu apartamento."

"Não sou ingênua quando o assunto é segurança", disse Megera. "Você não precisa levar um cachorro para passear se ele for pequeno. Tem uma espécie de fraldinha que funciona muito bem. Tive um yorkshire há muito tempo e ensinei-o a usar uma caixinha de areia para gato. Ele cabia na palma da minha mão, mas que latido! Além disso, ele atacava os calcanhares. Eu precisava pegá-lo no colo sempre que estávamos num elevador ou quando as pessoas vinham nos visitar. Até que ele se acostumou com elas. Obviamente, eu não levava Chiclete para passear. Uma coisinha tão novinha e doente nessas calçadas imundas! Sem dúvida ela já tinha o parvovírus quando o namorado de Terri a comprou naquele terrível Palácio dos Filhotes."

"O que faz a senhora ter tanta certeza de que foi o namorado dela que comprou a cadela?"

"Nossa", disse Megera.

Ela segurou sua bebida com ambas as mãos e considerou o que o investigador estava sugerindo.

A poltrona reclinável gemeu enquanto ele esperava.

"Estou tirando conclusões precipitadas", disse Megera. "O senhor tem toda a razão."

"A senhora vai fazer o seguinte. O que eu digo a todas as testemunhas com quem converso."

"Testemunha?"

"A senhora a conhecia. Mora do outro lado da rua."

Ela era testemunha de quê? Perguntou-se Megera, esfiapando pedaços do lenço de

papel e olhando para o teto, torcendo para que não tivesse uma porta de acesso acima dele.

"Finja que está escrevendo o roteiro de um filme", ele disse. "A senhora tem papel e caneta? Terri lhe deu a cadelinha. Escreva a cena para mim. Vou ficar sentado bem aqui enquanto escreve tudo, e depois a senhora vai ler para mim."

7

Depois do Onze de Setembro a cidade de Nova York decidiu construir para o Instituto Médico Legal um prédio de quinze andares todo de vidro azul, que mais parecia um prédio de escritórios, só para exames de dna.

A tecnologia, que incluía estudos de strs e snps e exames de dna com baixo número de cópias, era tão avançada que os cientistas podiam analisar uma amostra de apenas dezessete células humanas. Não havia fila de espera. Se Berger quisesse fazer testes de dna para um caso de alta prioridade, teoricamente poderia receber os resultados em questão de horas.

"Não tem nenhuma prova definitiva", disse Berger.

Ela entregou a Benton uma cópia do relatório enquanto a garçonete voltava a encher as xícaras de café dos dois.

"Só um monte de indefinição", ela disse. "Não consigo me lembrar de nenhum outro caso que apresentava um exame vaginal tão confuso quanto o de Terri Bridges. Não havia fluido seminal, mas havia dna de diversas pessoas. Conversei com a doutora Lester sobre isso, mas não ajudou em nada. Mal posso esperar para ouvir o que Kay tem a dizer."

"Todos os perfis de dna foram passados pelo banco de dados do fbi?", perguntou Benton.

"Só um foi encontrado. Isso é o mais estranho. É o dna de uma mulher."

"E ela está no banco de dados por quê?", perguntou Benton, passando os olhos pelo relatório.

Não havia muita informação ali — só que a dra. Lester entregara o exame vaginal para o laboratório e que os resultados eram aqueles que Berger mencionara.

"Homicídio culposo de trânsito em 2002", disse Berger. "Dormiu no volante, atropelou um garoto que estava andando de bicicleta, foi condenada, a sentença foi suspensa. Não aqui, onde a gente não ia ser tão bonzinho, apesar de ela ser idosa e de estar completamente sóbria no momento do acidente. Foi em Palm Beach, na Flórida, embora ela tenha um apartamento na Park Avenue e esteja aqui na cidade neste instante. Mas estava numa festa de Ano-Novo ontem à noite na hora em que Terri Bridges foi assassinada. Não que eu tenha um motivo para suspeitar por uma fração de segundo que ela tenha algo a ver com isso. Quer saber por que mais o juiz de Palm Beach teve um coração tão bom? Ela fraturou a espinha quando atropelou o menino de bicicleta. Você tem alguma hipótese brilhante que explique por que o dna de uma paraplégica de setenta e oito anos estava na vagina de Terri Bridges, com o

dna de várias outras pessoas?"

"Só se houver algum erro bizarro na amostra ou na análise."

"Disseram para mim que não tem a menor chance de isso ter acontecido. Na verdade, só por precaução, já que todos nós temos muito respeito pela competência da doutora Lester, meu Deus, por que *ela* tinha que fazer a droga da autópsia? Você sabe bem."

"Morales me passou algumas coisas. Vi o relatório preliminar. Você sabe o que acho dela."

"E você sabe o que ela acha de mim. É possível uma mulher ser misógina? Porque acredito que ela odeia mesmo as mulheres."

"Inveja, ou um sentimento de que outras mulheres podem diminuir seu status. Em outras palavras, é claro que sim. Mulheres podem odiar mulheres. Vimos isso nas eleições."

"Os laboratórios foram em frente e começaram a examinar o dna de todas as autópsias feitas no necrotério esta manhã, para o caso improvável de as amostras de Terri terem sido contaminadas ou terem recebido o rótulo errado de alguma maneira", contou Berger. "Eles chegaram ao ponto de fazer comparações com todo mundo que trabalha no Instituto Médico Legal, incluindo o médico-legista chefe e, é claro, todos os policiais que estiveram na cena do crime ontem à noite. Todos eles já estão no banco de dados para que seus dnas possam ser descartados, obviamente. Deu negativo para todos do necrotério com exceção do médico-legista que atendeu ao chamado, que não foi a doutora Lester. E para Morales e os dois caras que transportaram o corpo até o necrotério. Os testes de dna estão tão bons hoje em dia que basta você respirar na cena do crime que há uma boa chance de seu dna aparecer. Isso é bom e ruim ao mesmo tempo."

"Alguém perguntou para essa mulher de Palm Beach se ela conhece Oscar Bane ou se tem qualquer ligação com ele?", perguntou Benton.

"Assumi essa tarefa desagradável e eu mesma telefonei para ela", disse Berger. "Ela disse que nunca tinha ouvido falar nele antes de ler o *Post*. Usando termos diplomáticos, ficou indignada e infeliz com a sugestão de que poderia ter qualquer ligação com ele. Ela disse, e estou parafraseando sem grande exatidão, que, se estiver sentada na mesma sala de espera com um anão, não fala com ele nem olha para ele com medo de deixá-lo envergonhado."

"Ela sabe por que imaginamos que haveria um elo entre ela e Oscar? Você mencionou o dna?"

"De jeito nenhum. Eu disse que o nome dela havia surgido na investigação. E ela logo concluiu que os pais do escoteiro e aluno modelo que ela acidentalmente atropelou com seu Bentley estão sempre tentando lhe causar problemas. Você sabe como é, atos agressivos e chocantes como um processo para que ela arcasse com as

despesas médicas que não eram cobertas pelo seguro, mas por que isso seria problema dela? Ela reclamou de todas aquelas entrevistas tristes que eles deram para a mídia. E supôs que os pais do menino deviam ter ouvido falar do, abre aspas, *anão assassino*, e decidiram humilhá-la em público mais uma vez."

"Que vaca."

"Ainda acho que houve contaminação", disse Berger. "Não vejo outra explicação para esse dna. Talvez Kay tenha uma ideia que me escapa neste momento. E, amanhã, se Deus quiser, vamos ter o dna de Oscar. Mas achamos que o dna dele vai estar em tudo. Um resultado positivo provavelmente não vai ajudar em nada."

"E quanto ao e-mail dele? Com ou sem seu consentimento, você pode acessá-lo, certo? Imagino que ele tenha trocado e-mails com Terri", disse Benton.

"Podemos acessá-lo, sim, e vamos fazer isso. Ninguém contou para ele. Para resumir, acho que podemos afirmar claramente uma coisa: ele não é tão cooperativo quanto parece. A não ser que encontremos evidências suficientes para mandar prendê-lo, isso não vai mudar. É uma posição muito difícil para mim. Tenho que ser muito cuidadosa, mas quero saber o que Kay sabe. Ele está contando alguma coisa para ela lá na enfermaria. Alguma coisa que não está contando para nós e que Kay não pode divulgar nas circunstâncias atuais. Sei que nem preciso perguntar, mas ela jamais viu Oscar Bane antes, não é?"

"Se viu, não sabe ou não lembra, ou teria dito algo no minuto em que mencionei o nome dele quando liguei para ela hoje mais cedo", garantiu Benton. "Mas não vamos descobrir, a não ser que Oscar seja preso ou se ofereça para abrir mão do segredo médico. Conheço Kay. Ela não vai dizer nada que não deve."

"E quanto a uma ligação com Terri Bridges? É possível?"

"Não posso imaginar como. Se Oscar discutir Terri com Kay e ela se der conta de que há uma ligação, vai se retirar do caso de imediato ou no mínimo nos avisar para que possamos decidir o que fazer."

"Não é legal fazê-la passar por isso", disse Berger. "Não é legal com ela nem com você, na verdade. Imagino que não estejam acostumados com isso. Devem ter discussões profissionais todas as noites na hora do jantar. Falar sobre isso nos fins de semana, nos feriados. Até brigar por causa disso, talvez." Os olhos dela estavam fixos nos dele. "Nenhum assunto é proibido a não ser que vocês sejam testemunhas de lados diferentes no mesmo processo, e isso quase nunca acontece. Vocês dois são uma equipe e tanto. Nenhum segredo. Sempre inseparáveis na profissão. E, agora, na vida pessoal. Espero que esteja indo bem."

"Não, não é legal", respondeu Benton, incomodado com as referências pessoais que ela estava fazendo. "Seria mais fácil se Oscar fosse formalmente acusado de matar a namorada. É horrível desejar que isso aconteça."

"Desejamos muitas coisas que não queremos admitir", disse Berger. "Mas a

verdade é que, se ele matou Terri Bridges, não estamos procurando por outra pessoa."

Megera lembrou que a neve batera em sua pele e ardera como urticária, e que ela precisava comprar meio quilo de café da marca Breakfast Blend, mas não estava com vontade de sair. No fim das contas, não havia nada de bom que podia dizer sobre aquele dia.

Ela tivera mais dificuldades que o normal com a especialmente perversa coluna que devia postar, intitulada "Ex-admiradores", uma lista de celebridades cujos fãs haviam se voltado contra elas, explicando por que haviam feito isso. É claro que Megera teve que deixar essa parte de fora ao escrever a cena para o investigador Marino. Ela teve que deixar muita coisa de fora. Por exemplo, não pôde contar a ele o horror que sentiu quando sua campainha soou e ela deixou Terri entrar, sem se dar conta de que a programação do *Quem Ver na Metrópole* estava ali, enorme, na tela de vinte e quatro polegadas do computador.

Terri colocara a cesta na mesa de centro e se dirigira diretamente para a escrivaninha, o que fora um pouco insolente da parte dela, agora que Megera parava para pensar no assunto enquanto escrevia a cena em seu bloco de papel, deixando de fora o que lembrava naquele instante.

A moça olhou para o que estava na tela, e Megera pensou numa maneira de explicar o que claramente era uma coluna do *Quem Ver na Metrópole*, formatada e escrita em linguagem de programação.

O que é isso?, perguntara Terri. Ela era tão baixinha que seus olhos ficavam na altura da tela que havia sobre a escrivaninha.

Confesso que leio Quem Ver na Metrópole.

Por que o texto está assim? Você é programadora? Não sabia que trabalhava.

Sou tão tonta que acabei caindo nos códigos. Sente-se, por favor, dissera Megera, quase empurrando Terri para longe para poder sair do programa. *Não, é claro que não trabalho*, ela afirmara, fazendo questão de enfatizar isso.

Terri se sentara no sofá e seus pés ficaram no ar, pois suas pernas eram muito curtas. Ela disse que usava e-mail, mas que não tinha nenhum conhecimento de computador além disso. É claro que conhecia o *Quem Ver na Metrópole*, pois via anúncios do site por toda parte e ouvia referências a ele o tempo todo, mas não lia a coluna. A pós-graduação não lhe deixava com tempo para ler por prazer, mas de qualquer forma ela não leria uma coluna de fofocas. Não gostava dessas coisas. Para falar a verdade, ouvira dizer que o *Quem Ver na Metrópole* era nojento e vulgar. Ela quis saber se Megera achava a mesma coisa.

"Não sei escrever um roteiro de filme", disse Megera para o investigador Marino.

“Acredito que uma linguagem e uma formatação especiais são necessárias, e, na verdade, as pessoas que escrevem roteiros usam um software especial. Quando fiz faculdade na Vassar, fiz uma matéria de teatro e li diversos roteiros de peças e musicais, então sei muito bem que eles não são escritos para ser lidos. São escritos para que os atores atuem, ajam, cantem etc. Espero que o senhor não se ofenda, mas acho que vou escrever em prosa simples, mesmo. De qualquer maneira, deixe-me ler para o senhor.”

Megera estava com coceira na garganta. As lembranças e o bourbon estavam deixando-a emotiva, e ela deduziu que o investigador Marino não estaria ali sentado naquela poltrona reclinável se não tivesse nada para fazer. Ele tinha coisas melhores para fazer. O fato de ter pedido que escrevesse uma cena de filme e todo o resto mostravam que o que acontecera do outro lado da rua era parte de um problema muito maior e muito mais ameaçador. A única outra explicação seria a pior de todas. Ele era um agente secreto, talvez do governo federal, e acreditava que ela estava envolvida com terroristas por causa das movimentações estranhas em sua conta, como as transferências de dinheiro vindas do Reino Unido, e por que ela não pagava o que devia em impostos, já que, no papel, não parecia que tinha outra renda além da aposentadoria e de quantias pequenas que ganhava aqui e ali.

Megera leu o que escrevera no papel:

“Terri colocou a cesta na mesa de centro e subiu no sofá com grande agilidade e nenhuma hesitação, e ficou muito claro que ela estava acostumada a improvisar e a compensar por suas pernas e seus braços curtos. Ela conseguiu subir sem esforço, mas eu jamais a vira sentada, então me espantou um pouco ver seus pés suspensos no ar como o desenho de uma criança de cinco anos. É importante acrescentar que, não importa o que ela disse ou fez, no instante em que abri minha porta para ela, pude ver que estava imensamente triste. Ela estava muito nervosa e segurava a cesta de uma maneira que me fez ver que havia algo de estranho lá dentro, algo que não queria e com o qual não se sentia confortável.

“Preciso mencionar como ela estava vestida, pois isso, sim, faz parte de uma cena. Ela estava de jeans, botas, meias azul-marinho e uma camisa de algodão azul-marinho também. Não estava vestindo um casaco, mas usava luvas de lavar louça azuis, porque saíra correndo de casa como se seu apartamento estivesse pegando fogo. Não havia dúvida de que estava no meio de uma verdadeira crise.

“‘O que aconteceu?’, perguntei a ela, e ofereci-lhe uma bebida, que ela recusou.

“‘Sei que você adora animais. Principalmente cachorros’, ela disse olhando para todos os cachorros de porcelana e cristal que tenho em meu apartamento e que foram presentes do meu marido.

“‘É verdade, mas não sei como você sabe. Não tenho um cachorro desde que você se mudou para o outro lado da rua.’

“‘Quando a gente conversa na calçada, você sempre menciona cachorros e repara nas pessoas que estão passeando com eles. Sinto muito. É urgente. Não sei para quem mais posso pedir ajuda.’

“Tirei a toalha do cesto e achei que meu coração ia se partir. Chiclete era do tamanho de uma lanterna pequena, e tão quieta que a princípio achei que estava morta. Terri disse que a ganhara de presente, que não podia ficar com ela, e que seu namorado tentara fazer a loja aceitá-la de volta. Mas eles se recusaram. Chiclete não estava muito bem, e naquele momento uma parte de mim soube que ela não ia sobreviver. Ela não se moveu até o momento em que a peguei para segurá-la contra meu coração, e então ela aninhou sua cabecinha no meu pescoço. Eu a chamei de Chiclete porque grudou em mim que nem...”

Megera secou os olhos com um lenço e, após um instante, disse ao investigador Marino: “Não posso mais. Sinto muito. Só escrevi até aí. É doloroso demais. E ainda me dá tanta raiva. Por que o senhor está me incomodando assim? Se estiver brincando comigo, vou dar queixa na promotoria de Jaime Berger. Não quero saber se o senhor é da polícia. Vou reclamar assim mesmo. E se o senhor for um agente secreto do governo, diga logo e acabe com isso”.

“Não estou brincando com a senhora, e pode ter certeza de que não sou um agente secreto”, ele disse, e Megera detectou uma nota de gentileza no tom firme de sua voz. “Juro que não tocaria nesse assunto se não fosse importante. Obviamente, o fato de que Terri trouxe uma cadelinha doente para cá é algo que preciso saber, pois é estranho e não condiz com algumas outras coisas que sei. Entrei no apartamento dela hoje mais cedo. Fui para lá depois de conversar com os pais dela. Eles moram no Arizona. Talvez a senhora saiba disso.”

“Não sabia. Mal posso imaginar a bagunça que está o apartamento dela.”

“A senhora disse que nunca tinha entrado lá.”

“Nunca.”

“Deixe-me explicar dessa maneira. Terri não é o tipo de pessoa que gosta de bichos. Dá para imaginar quem era pelo próprio chão dela, alguém tão preocupado com arrumação e limpeza jamais teria bichos. Ela não tinha bichos, e posso dizer isso com certeza porque, depois que vi seu apartamento e notei os sabonetes antibacterianos e todo o resto, liguei para os pais dela e fiz mais algumas perguntas. Foi aí que a questão dos bichos surgiu. Eles disseram que, mesmo quando Terri era criança, nunca teve um bichinho de estimação e se recusava a brincar com os animais dos outros. Não queria nem encostar em cães ou gatos, tinha medo deles, detestava pássaros. Talvez, se a senhora pensar nessa cena que acabou de me descrever, possa ver alguns detalhes sob um novo ângulo. Ela não estava de casaco, mas estava com luvas de borracha dessas para lavar louça. A senhora presumiu que ela estava lavando louça quando alguém chegou com a cadelinha doente para dar a

ela de presente e que, em pânico, ela saiu correndo para vir ver a senhora."

"Isso."

"A senhora perguntou por que ela estava com luvas de borracha?"

"Perguntei. E foi isso que ela me disse. Ela me pareceu um pouco envergonhada, e tirou as luvas e entregou-as para mim para que eu as jogasse fora."

"Ela tocou na cadelinha depois de tirar as luvas?"

"Ela não tocou na cadelinha em nenhum momento. Tirou as luvas quando já estava indo embora. Acho que eu devia ter deixado isso mais claro. Foi no fim da conversa."

"Exato. Ela estava com as luvas porque tinha medo dos germes. E não estava usando um casaco porque não queria os germes da cadelinha doente nele, nem os germes do seu apartamento, e é mais fácil lavar uma camisa que um casaco. Aposto que ela deixou a cesta e a toalha no seu apartamento também."

"Deixou mesmo."

"Ela sabia muito bem que a cadelinha estava doente e estava morrendo quando a deu para a senhora."

"Eu disse que estava com raiva."

"E com toda a razão. Ela sabia que a cadelinha ia morrer, e largou-a com a senhora. Foi uma coisa bem cretina de se fazer. Principalmente com uma pessoa que ama animais. Ela se aproveitou da senhora porque tem um bom coração, principalmente quando o assunto é cachorro. Mas a grande pergunta é: onde ela pegou Chiclete? Está entendendo o que quero dizer?"

"Exatamente", disse Megera, ficando com bastante raiva.

Aqueles poucos dias com Chiclete foram o inferno na terra. Tudo o que Megera fizera foi chorar enquanto a segurava no colo e tentar fazê-la beber um pouco de água ou comer alguma coisa. Quando finalmente levou-a ao veterinário, já era tarde demais.

"Ninguém que conhecesse Terri lhe daria um cachorro e acharia que estava fazendo uma coisa boa", disse o investigador Marino. "Certamente não daria um cachorro doente. Não posso imaginar seu namorado fazendo uma coisa dessas, a não ser que ele seja um filho da puta e tenha feito isso para magoá-la, para fazê-la sofrer, para manipulá-la."

"Ela certamente estava muito triste. Fora de si, na verdade."

"Isso me lembra das peças que os meninos pregam nas meninas no colégio. Lembra? Mostrar uma aranha ou uma cobra numa caixa de sapato para deixá-las com medo. Qualquer coisa que vá fazer a menina gritar. Terri estava com medo. Ela tinha medo de germes, de sujeira, de doença e de morte. Foi sádico dar um cachorro doente para ela."

"Se o que o senhor está dizendo é verdade, foi diabólico."

“Há quanto tempo a senhora e Terri Bridges são vizinhas?”, perguntou o investigador, e o couro da poltrona rangeu novamente quando ele esticou as pernas.

“Ela se mudou para cá há uns dois anos. Eu nunca soube o sobrenome dela. Não éramos amigas, preciso deixar isso claro. Só nos falávamos quando nos encontrávamos na rua. Em geral na calçada, quando estávamos saindo ou entrando em casa, embora eu precise deixar claro que também acho que ela não saía muito. Não acho que ela tenha carro. Ela caminha, como eu. Ao longo dos anos, eu a encontrei em alguns outros lugares. Uma vez no Land’s End, descobri que ela também gosta dos sapatos de lá. Ela estava comprando um par de sapatos baixos com uma faixa no meio, eu me lembro disso. Uma vez, encontrei-a perto do Guggenheim. Na verdade acho que foi na última vez que fui ao Guggenheim, para uma exibição do Jackson Pollock. Nós nos encontramos na calçada e paramos para conversar.”

“Ela estava indo ao museu?”

“Acredito que não. Acho que estava só caminhando. Mas lembro que seu rosto estava bastante vermelho e inchado, e ela estava de óculos escuros, embora estivesse nublado. Eu fiquei pensando se ela estava com alguma alergia ou se havia chorado. Não perguntei. Não sou intrometida.”

“O sobrenome dela é Bridges”, ele disse, e repetiu. “Estava no *Post* de hoje. Então, ninguém mencionou nada.”

“Não leio o *Post*. Fico sabendo de todas as notícias pela internet.”

No mesmo instante, Megera se arrependeu de ter dito isso. A última coisa que ela queria era que ele fosse fuçar o que ela fazia na internet.

“Bom, e pela televisão, principalmente”, acrescentou. “O senhor se incomoda de me dizer se foi muito ruim? O roubo? Parece que um carro da polícia ficou lá o dia todo, e o senhor está aqui, e eu ainda não vi Terri. Imagino que tenha ido ficar com a família, ou quem sabe com o namorado. Eu não ia conseguir dormir nem um segundo depois de uma coisa dessas. Reparei que o senhor usou o verbo no passado várias vezes, como se ela não estivesse mais lá. E conversou com a família dela. Por isso, presumo que tenha sido muito ruim. Não sei o que a família dela no Arizona possa ter a ver... Bom, por que o senhor iria falar com eles. Foi muito ruim, não foi?”

“Temo que seja impossível ser pior.”

Algo tremulou no estômago de Megera, como dedos se preparando para agarrar com força.

O couro rangeu alto quando o investigador se inclinou para a frente naquela poltrona que não fora feita para ele, e seu rosto ficou ainda maior quando ele disse para ela:

“Por que a senhora acha que foi um roubo?”

“Eu achei...” Megera mal conseguia falar.

“Lamento informá-la, mas não foi. Sua vizinha foi assassinada ontem à noite. É um pouco difícil acreditar que a senhora não tenha percebido a comoção lá fora, bem do outro lado da rua. Carros de polícia, uma van do Instituto Médico Legal.”

Megera pensou na dra. Scarpetta.

“Um monte de luzes piscando, portas de carro batendo e gente falando. E a senhora não viu nem ouviu nada”, ele repetiu.

“A doutora Scarpetta esteve na cena do crime?”, ela disse sem pensar, limpando os olhos, com o coração batendo forte.

A expressão no rosto do investigador era como se Megera tivesse acabado de mostrar o dedo médio para ele.

“De que merda você está falando?”, ele disse, nada gentil.

Ela se deu conta de que era tarde demais. Não fizera a ligação, pelo menos não de forma consciente, até aquele instante. Seria possível? P. R. Marino? Pete Marino, o mesmo nome da coluna que ela própria editara, formatara e postara. Não podia ser a mesma pessoa, podia? Aquele Marino morava na Carolina do Sul, não morava? Ele não trabalhava para Jaime Berger, certamente não. Uma mulher como a srta. Berger não contrataria um homem como aquele, contrataria? Megera estava prestes a entrar em pânico, e seu coração pulava tanto que machucava seu peito. Se esse Marino fosse o mesmo que aquele sobre quem o Patrão escrevera, então ele não devia estar na sala de estar de Megera, sentado na poltrona de seu marido. Podia até ser o maníaco que assassinara a pobre mocinha que morava do outro lado da rua.

Era exatamente assim que o Estrangulador de Boston pegava suas vítimas. Fingia ser uma pessoa gentil e responsável. Tomava uma xícara de chá e tinha uma conversa agradável na sala de estar antes de...

“O que tem a doutora Scarpetta?”, perguntou o investigador Marino, olhando para Megera como se ela o tivesse insultado de forma imperdoável.

“Eu me preocupo com ela”, disse Megera o mais calmamente possível, com as mãos tremendo tanto que teve que uni-las com força sobre o colo. “Eu me preocupo com toda a visibilidade que ela tem, e com a natureza do que ela... Bem, com os assuntos que ela aborda. Isso é interessante para as pessoas que fazem essas coisas que ela discute.”

Megera respirou fundo. Ela dissera a coisa certa. O que não podia fazer era indicar de nenhuma maneira que lera algo sobre a dra. Scarpetta na internet, especificamente a coluna que postara naquele dia.

“Tenho a sensação de que a senhora está se referindo a algo em particular”, ele disse. “Então, diga logo o que é.”

“Acho que ela pode estar em perigo”, disse Megera. “É só uma sensação.”

“Baseada em quê?”, perguntou Marino, olhando ferozmente para ela.

“Terroristas.”

“Terroristas?”, ele repetiu, com uma expressão um pouco mais suave. “Que terroristas?” Marino não parecia mais tão ofendido.

“É disso que todo mundo tem medo hoje em dia”, afirmou Megera, decidindo tentar essa tática.

“Vamos fazer o seguinte”, disse Pete Marino, levantando-se e erguendo-se acima dela como um gigante. “Vou deixar meu cartão com a senhora e quero que pense bastante. Se a senhora se lembrar de qualquer coisa, mesmo que pareça trivial, quero que me ligue imediatamente. Não importa a hora.”

“Não posso imaginar quem faria uma coisa dessas”, disse Megera, levantando-se e levando-o até a porta.

“São sempre os que a gente não imagina”, ele disse. “Ou porque conheciam a vítima, ou porque não conheciam.”

8

Ciberespaço, o lugar perfeito para se esconder das zombarias.

A Metrópole era uma faculdade on-line em que os alunos viam apenas o talento e a inteligência do dr. Oscar Bane, não o seu invólucro.

"Não pode ser um aluno ou um grupo de alunos", ele disse para Scarpetta. "Eles não me conhecem. Meu endereço e meu telefone não estão na lista. A faculdade não tem um espaço físico onde as pessoas possam ir. Os professores se encontram diversas vezes por ano no Arizona. A maioria de nós não se vê mais que isso."

"E quanto ao seu endereço de e-mail?"

"Está no site da faculdade. Tem que estar. Provavelmente, foi assim que começou. Com a internet. É o jeito mais fácil de roubar sua identidade. Falei isso para a Promotoria de Justiça. Disse que provavelmente tinha sido assim que eles haviam conseguido me contatar. Minhas especulações não tiveram importância. Eles não acreditaram em mim, e eu me dei conta de que podiam fazer parte do roubo da minha mente. É isso que está acontecendo. Eles estão tentando roubar minha mente."

Scarpetta se levantou da cadeira. Ela enfiou o bloco de papel e a caneta no bolso do jaleco.

"Vou para o outro lado da mesa para poder examinar suas costas. Você deve sair de casa de vez em quando, pelo menos", disse a médica-legista.

"Vou ao mercado, ao caixa eletrônico, a postos de gasolina, a consultórios médicos, ao dentista, ao teatro, a restaurantes. Quando começou, passei a mudar minha rotina. Lugares diferentes, horários diferentes, dias diferentes."

"E à academia?"

Scarpetta desfez o nó da camisola de Oscar e baixou-a gentilmente até a altura do quadril dele.

"Eu me exercito dentro do meu apartamento. E caminho do lado de fora. Seis a oito quilômetros, seis dias por semana."

Os ferimentos dele formavam um padrão que não deixaram Scarpetta nem um pouco mais tranquila em relação a Oscar.

"Nunca caminho pelo mesmo lugar, nem no mesmo horário. Eu vario", ele acrescentou.

"Grupos, clubes, organizações aos quais pertence ou com os quais tem envolvimento?"

"A Associação Americana de Nanismo. O que está acontecendo não tem nada a ver com eles, de jeito nenhum. Como eu disse, o assédio eletrônico começou há

mais ou menos três meses. Até onde sei."

"Aconteceu alguma coisa de diferente há três meses? Alguma coisa na sua vida mudou?"

"Terri. Comecei a namorar Terri. E eles começaram a me seguir. Tenho provas. Num cd escondido no meu apartamento. Se eles arrombarem a porta, não vão encontrar. Preciso que você o pegue quando estiver lá."

Scarpetta mediu as escoriações na lombar dele.

"Quando estiver no meu apartamento", disse Oscar. "Dei minha permissão por escrito para aquele detetive. Não gosto dele. Mas ele pediu, então dei minha permissão, a chave e o código do alarme, pois não tenho nada a esconder, e quero que você entre lá. Disse a ele que quero que você entre com ele. Faça isso logo, antes que eles entrem lá. Talvez já tenham entrado."

"A polícia?"

"Não. Os outros."

O corpo dele relaxou quando os dedos enluvados dela o tocaram.

"Eu os considero capazes de tudo", ele disse. "Mas, mesmo que tenham entrado, não o encontraram. Não vão encontrar. É impossível. O cd está escondido num livro. *As experiências de um médico de hospício*, de Littleton Winslow. Publicado em 1874, em Londres. Quarta prateleira da segunda estante, à esquerda da porta no quarto de hóspedes. Você é a única pessoa que sabe."

"Você contou a Terri que estava sendo seguido, espionado? Ela sabia sobre o cd?"

"Durante um bom tempo, não. Não queria que ela se preocupasse. Ela tem problemas de ansiedade. Depois, não tive mais escolha. Tive que contar há algumas semanas, quando ela começou a mencionar que queria ver meu apartamento, e eu me recusava a deixar. Terri começou a me acusar de estar escondendo alguma coisa, então tive que contar. Eu precisava ter certeza de que ela entendia que não era seguro levá-la ao meu apartamento, pois eu estava sendo eletronicamente assediado."

"E o cd?"

"Não falei para ela onde estava. Só o que havia nele."

"Terri teve medo de que, por conhecer você, poderia estar em risco também? Não importava onde vocês se encontrassem?"

"É óbvio que eles nunca me seguiram até o apartamento dela."

"Por quê?"

"Eles me dizem até onde me seguem. Você vai ver. Expliquei a Terri que tinha certeza de que eles não sabiam nada dela e ela estava segura."

"Ela acreditou em você?"

"Ficou chateada, mas não ficou com medo."

"Parece um pouco estranho para uma pessoa tão ansiosa", disse Scarpetta. "Fico

surpresa por ela não ter ficado com medo."

"As comunicações deles pararam. Já faz semanas que pararam. Comecei a ter esperanças de que eles não estivessem mais interessados em mim. É claro que só estavam armando para fazer a coisa mais cruel de todas."

"O que são essas comunicações?"

"E-mails."

"Se os e-mails pararam de chegar depois que você contou a Terri que existiam, será que isso não pode significar que eram dela? Que ela estava mandando esses e-mails e seja lá qual for o conteúdo deles que está fazendo com que você sinta que está sendo assediado, espionado? E que, quando você os mencionou, ela parou de enviá-los?"

"De jeito nenhum. Ela jamais faria algo tão horrível. Principalmente comigo. É impossível."

"Como você pode ter tanta certeza?"

"Não pode ter sido ela. Como ela poderia saber que eu me desviei do meu caminho quando estava andando e que acabei no Columbus Circle, por exemplo, se nunca contei isso a ela? Como ela poderia saber que fui ao mercado comprar creme para o café se nunca mencionei isso?"

"Ela teria algum motivo para contratar alguém para seguir você?"

"Ela não faria isso. E, depois do que aconteceu, não faz sentido nenhum pensar que teve algo a ver com isso. Ela está morta! Foi morta por eles!"

A porta de aço se moveu um pouco, e os olhos do guarda surgiram na fenda. "Tudo bem aí?"

"Tudo bem", disse Scarpetta.

Os olhos despareceram.

"Mas os e-mails pararam", ela disse para Oscar.

"Ele está escutando nossa conversa."

"Você estava falando alto, Oscar. Precisa ficar calmo ou ele volta para cá."

"Fiz uma cópia de tudo o que tinha e apaguei do meu computador, para eles não poderem acessá-los e deletá-los, ou alterá-los para fazer com que pareça que estou mentindo. O único arquivo com os e-mails originais está no cd dentro do livro. *As experiências de um médico de hospício*. Littleton Winslow. Coleciono livros e documentos antigos."

Scarpetta tirou fotos de escoriações e de grupos de marcas de unha, todas na mesma área do lado direito de sua lombar.

"Principalmente sobre psiquiatria e tópicos relacionados a ela", disse Oscar. "Tenho muitos, inclusive alguns sobre o Bellevue. Sei mais sobre este lugar que as pessoas que trabalham aqui. Você e seu marido iam se interessar muito por minha coleção sobre o Bellevue. Talvez eu possa mostrá-la a vocês algum dia. Vocês

podem pegar emprestado. Terri sempre se interessou pela história da psiquiatria, ela era fascinada por pessoas. Pensa muito nas pessoas e em por que elas fazem o que fazem. Diz que podia passar o dia inteiro sentada num aeroporto ou num parque observando as pessoas. Por que você está usando luvas? Acondroplasia não é contagiosa."

"É para proteger você", afirmou Scarpetta.

Era e não era. Ela queria uma barreira de látex entre a pele de Oscar e a sua. Ele já estava tratando-a com intimidade demais. Já estava fazendo isso antes mesmo de conhecê-la.

"Eles sabem aonde eu vou, os lugares onde estive, onde moro", disse Oscar. "Mas não o apartamento dela. Não o prédio onde ela mora. Não Murray Hill. Eu jamais tive qualquer motivo para acreditar que soubessem alguma coisa sobre ela. Nunca mostraram o prédio dela quando me contavam onde eu estivera em determinado dia. E por que não mostrariam? Vou lá todo sábado."

"Sempre no mesmo horário?"

"Às cinco."

"Onde em Murray Hill?"

"Não muito longe daqui. Dá para ir andando. Perto do cinema Loews. Vamos ao cinema de vez em quando e comemos cachorro-quente e batata frita com queijo quando estamos com vontade de comer besteira."

As costas de Oscar tremeram quando Scarpetta o tocou. A dor crescia dentro dele como uma onda.

"Nós dois tomamos cuidado com nosso peso", ele contou. "Jamais tive motivo para acreditar que eles haviam me seguido até Murray Hill, ou até qualquer lugar onde nós dois tivéssemos ido juntos. Eu não tinha ideia, ou teria feito algo para protegê-la. Não teria deixado que ela morasse sozinha. Talvez pudesse tê-la convencido a sair da cidade. Eu não a matei. Jamais a machucaria. Ela é o amor da minha vida."

"Venho querendo perguntar uma coisa." O rosto bonito e perspicaz de Berger analisou Benton. "Se Kay é tia de Lucy, isso faz de você tio dela? Ou você é um quase-tio? Um tio *de facto*? Ela chama você de tio Benton?"

"Lucy não ouve seu quase-tio nem sua tia. Espero que ouça você." Benton sabia muito bem o que Berger estava fazendo.

Ela estava provocando-o, tentando exasperá-lo. Queria que ele mencionasse aquela droga de coluna de fofocas, que confessasse e se colocasse à mercê do tribunal dela. Mas Benton já se decidira. Ele não ia dar nenhuma informação de bandeja, pois não fizera nada de errado. No momento certo, poderia facilmente se

defender. Poderia explicar seu silêncio e justificá-lo, lembrando Berger que, legalmente, Marino não fora acusado nem condenado por nada, e que a privacidade de Scarpetta não pertencia a Benton, e não cabia a ele violá-la.

"Lucy está com os laptops?", ele perguntou.

"Ainda não. Mas vai estar. E, assim que ela determinar os detalhes das contas de e-mail, vamos entrar em contato com os provedores e pegar as senhas. Incluindo a de Oscar."

"Quando você se encontrou com ela para discutir o que ela vai..."

"Eu ainda não me encontrei com ela", interrompeu Berger. "Só nos falamos brevemente por telefone. Fiquei surpresa por você nunca ter me contado que ela se mudou para cá. Pensando bem, não devia ter ficado surpresa." Ela esticou a mão para pegar sua caneca. "Tive que ficar sabendo por diversas outras fontes que ela tinha se mudado para cá há pouco tempo e aberto uma empresa. Lucy criou uma boa reputação em muito pouco tempo, e é por isso que decidi pedir a ajuda dela neste caso específico."

Berger bebeu o café e colocou a caneca de volta sobre a mesa, fazendo cada gesto de forma pensativa e deliberada.

"Você tem que entender que eu e ele nem sempre temos contato um com o outro", ela disse.

Berger estava falando de Marino. O interrogatório começara.

"Sabendo o que sei e presumindo que seja verdade", ela continuou, "não posso acreditar que Lucy tenha dito a ele que está morando aqui, ou que tenha tido qualquer contato com ele — que sequer saiba que ele mora aqui também. Gostaria de saber por que você não contou para ela. Ou estou sendo injusta? Você contou?"

"Não."

"Que coisa incrível. Ela se muda para Nova York e você não conta que ele também está aqui. Vivo e bem, trabalhando para mim. E talvez o segredo dele continuasse seguro por mais tempo se não tivesse dado o azar de ter atendido o telefonema de Oscar no mês passado."

"Lucy ainda está montando a empresa, ainda não trabalhou em muitos casos", disse Benton. "Só em alguns no Bronx e outros no Queens. Esse vai ser o primeiro em Manhattan, ou seja, o primeiro que vai envolver você. É claro que, em algum momento, ela e Marino se dariam conta da presença um do outro. Eu esperava que isso acontecesse de forma natural e profissional."

"Você não esperava nada disso, Benton. Você estava se recusando a ver a realidade. Tomou decisões ruins e desesperadas, e não parou para pensar logicamente nas consequências inevitáveis. E, agora, os dois graus de separação começaram a convergir. Deve ser uma sensação indescritível, mudar as pessoas de lugar como se elas fossem peças num tabuleiro, até acordar um dia e se dar conta de

que, por causa de uma coluna de fofocas banal, suas peças estão destinadas a se confrontar e possivelmente brigar até cair para fora do tabuleiro. Deixe-me tentar recapitular o que aconteceu."

Com um leve movimento dos dedos, Berger recusou o café que a garçonete ia oferecer.

"Seu plano original não incluía morar em Nova York", ela disse.

"Eu não sabia que a John Jay ia..."

"Convidar vocês dois para serem professores visitantes, para prestar consultoria? Aposto que você tentou convencer Kay a recusar."

"Achei que seria melhor assim."

"Aposto que achou."

"Ela tinha acabado de aceitar o emprego de médica-legista chefe, tinha acabado de mudar toda a sua existência. Eu a aconselhei a não pegar mais trabalho, a não acrescentar mais estresse. Disse que ela devia recusar."

"Aposto que disse."

"Kay insistiu. Disse que ia ser bom ajudar no que pudéssemos. E que não queria se limitar."

"É a cara dela", disse Berger. "Sempre querendo ajudar no que pode, sempre se posicionando de forma a poder fazer isso. O mundo para ela é um palco. Você não ia conseguir mantê-la escondida num cantinho de Massachusetts de jeito nenhum, e não podia insistir demais, porque senão teria que explicar por que não queria que ela viesse para Nova York. Ou seja, você estava com um problema nas mãos. Já trouxera Marino para Nova York e, vamos ser sinceros, me convencera a contratá-lo. E agora Kay ia passar a vir à cidade com frequência, e provavelmente ajudar em casos que envolvem a promotoria. Já que vocês dois iam estar sempre por aqui, por que não? Lucy também se muda para a cidade das oportunidades. Que lugar no planeta seria melhor para ela que não o Village? Como você poderia ter adivinhado que tudo isso ia acontecer quando bolou seu grande plano? E, como você não adivinhou, também não adivinhou que eu ia descobrir o verdadeiro motivo que o faz desovar Marino na minha equipe."

"Eu não vou dizer que nunca me preocupei com isso", respondeu Benton. "Simplesmente torci para que não fosse acontecer no futuro próximo. E eu não tinha o direito de discutir..."

Berger o interrompeu. "Você nunca contou a Marino, contou? Sobre a John Jay, sobre o apartamento que vocês têm aqui?"

"Não contei que Kay vem sempre a Nova York. Não contei que Lucy se mudou para cá."

"Ou seja, não contou."

"Não lembro a última vez que falei com ele, e não sei o que ele pode ter

descoberto por conta própria. Mas você tem razão. Eu não esperava que nada disso acontecesse quando recomendei que o contratasse. No entanto, não era direito meu divulgar...”

Berger o interrompeu de novo. “Divulgar? Você divulgou bastante coisa, só não foi a verdade toda.”

“Isso seria fofoca...”

“Era uma história tão triste, a dele. E, mesmo sendo a procuradora esperta que sou, caí nela sem questionar nada. Marino e seu problema com bebida. Ele pede demissão porque não consegue lidar com o fato de que você e Kay ficaram noivos, e fica deprimido e propenso à autodestruição. Depois de passar um mês num centro de reabilitação, sai novo em folha, e eu devia contratá-lo. Afinal, ele começou a carreira na polícia de Nova York e não era um estranho. Acredito que a expressão que você usou foi ‘bom para todos’.”

“Ele é um ótimo investigador. Nisso, pelo menos, você tem que admitir que eu tinha razão.”

“Você achou mesmo, ainda que por cinco minutos, que ele nunca ia descobrir? Pelo amor de Deus, achou que Kay e Lucy não iam descobrir? A qualquer momento, sua mulher pode ser chamada para ir ao meu escritório revisar um relatório de autópsia que teve algo a ver com Marino. Isso provavelmente vai acontecer, aliás. Ela vive no necrotério, agindo como consultora. Aparece na cnn a cada duas semanas.”

“Até onde Marino sabe, ela pode aparecer na cnn via satélite, de Boston.”

“Pelo amor de Deus. Ninguém fez uma lobotomia em Marino desde a última vez que você o viu. Mas estou começando a me perguntar se fizeram uma em você.”

“Olhe”, disse Benton, “eu esperava que, se tempo suficiente passasse... Bem, conseguiríamos lidar com a situação. E não espalho histórias escandalosas que, para ser sincero, não passam de boatos.”

“Mentira. O que você queria era evitar lidar com a realidade, e é por isso que essa bagunça toda aconteceu.”

“Eu estava adiando o momento de lidar com isso. É verdade.”

“Adiando até quando? Sua próxima encarnação?”

“Até eu decidir o que fazer. Mas perdi o controle da situação.”

“Agora, estamos nos aproximando dos fatos. O problema não é que você não queria fazer fofoca, e sabe muito bem disso. O problema é que você estava com a cabeça enfiada na areia”, ela disse.

“Tudo o que eu queria, Jaime, era restabelecer um pouco de cortesia. Restabelecer algo. Queria deixar tudo isso para trás sem prejudicar ninguém, sem causar danos irreparáveis.”

“Num passe de mágica, fazer todo mundo ficar amigo de novo. Voltar ao passado,

aos bons tempos. Felizes pra sempre. Ilusão. Conto de fada. Imagino que Lucy odeie Marino. Kay provavelmente não. Ela não é do tipo que odeia."

"Não sei que diabos Lucy vai fazer quando o vir. E ela vai vê-lo. E aí? É um problema enorme. Não é nada engraçado."

"Não estou rindo."

"Você já viu Lucy em ação. Isso é sério."

"Eu estava torcendo para que ela tivesse amadurecido e parado de matar pessoas enquanto considera estar cumprindo seu dever."

"Ela vai acabar encontrando com ele, ou pelo menos vai descobrir que ele está morando aqui", disse Benton. "Já que você decidiu usar as habilidades dela em computação forense."

"Habilidades, aliás, que eu descobri existirem graças ao promotor de Justiça do Queens e a alguns policiais. Não graças a você. Porque você não queria que eu soubesse que ela estava aqui, pois torcia para que eu jamais usasse os serviços dela. Que belo tio *de facto* você é. Se eu decidisse contratá-la, um dia ela poderia aparecer na promotoria, e aí adivinha com quem ela poderia esbarrar?"

"Foi isso que aconteceu quando você falou com ela no telefone?", perguntou Benton. "Você disse alguma coisa sobre Marino?"

"Pelo que eu sei, ela não sabe que ele trabalha comigo. Ainda não. Porque a resposta é não. Eu não mencionei Marino. Estava ocupada demais me preocupando com a mulher que foi assassinada ontem à noite, com o que pode haver nos laptops dela e com o que Lucy poderia fazer para ajudar. Estava ocupada demais pensando na última vez em que vi Lucy em meu apartamento, depois que voltou da Polônia, e nós dois sabemos o que ela faz lá. Uma menina brilhante, impetuosa. Uma pessoa que faz justiça com as próprias mãos, que não respeita regras. Agora, ela fundou uma empresa de computação forense. Conectnova. Achei um nome tão interessante, uma mistura de 'conecta' com 'nova'. E todo mundo sabe que, seja qual for a novidade, Lucy vai saber antes dos outros. E que alívio. Não parecia a Lucy que eu conhecia. Mostrava uma necessidade menor de subjugar e impressionar, parecia mais precavida, mais reflexiva. Ela adorava siglas, lembra? Quando era uma menina-prodígio fazendo estágio na academia do fbi. ria. Rede de Inteligência Artificial. Ela criou esse sistema quando estava o quê, no ensino médio? Não é de se admirar que fosse tão insuportável, tão rebelde, tão impossível de controlar. E sem nenhum amigo. Mas talvez tenha mudado. Quando conversei com ela — admito que foi pelo telefone, não pessoalmente —, Lucy me pareceu madura, não tão grandiloquente e egoísta, e ficou agradecida por eu tê-la procurado e não o contrário. Não parecia em nada a velha Lucy."

Benton ficou atônito por Berger se lembrar tão bem da velha Lucy e por parecer tão fascinada pela nova.

“Essas foram as coisas que passaram pela minha cabeça enquanto ela me falava que a programação que fez naquela época é tão obsoleta hoje em dia quanto a Arca de Noé, e que eu ficaria perplexa quando soubesse tudo o que dava para fazer agora”, disse Berger. “Não. Eu não mencionei Marino. Acho que Lucy não tem a menor ideia de que no momento ele trabalha na minha unidade de crimes sexuais, e que está muito envolvido no mesmo caso em que pedi que ela trabalhasse. É óbvio que não. Ou ela teria reagido, dito algo. Bom, Lucy está prestes a saber. Vou ter que contar para ela.”

“E ainda é uma boa ideia fazer com que ela se envolva nesse caso?”

“Provavelmente não. Mas tenho um pequeno dilema, se é que ainda não deixei isso claro. Não tenho intenção de retirar o convite que fiz a Lucy neste exato momento, pois, francamente, se as habilidades dela são tudo isso o que me disseram, preciso dela. O crime digital é um dos nossos maiores problemas e está acabando conosco. Estamos brigando contra um mundo de bandidos invisíveis que, em muitos casos, parecem não deixar qualquer rastro, ou, se deixam, é para nos levar de propósito para o lugar errado. Não vou deixar que Marino, uma coluna de fofocas ou suas inseguranças e questões matrimoniais destruam meus planos. Vou fazer o que é melhor para esse caso. Ponto.”

“Sei como Lucy é capaz. Para ser sincero, você seria uma boba se não se aproveitasse dela”, disse Benton.

“Você disse tudo. Preciso me aproveitar dela. O orçamento do município não pode pagar por alguém como ela.”

“Lucy provavelmente trabalharia de graça. Ela não precisa do dinheiro.”

“Nada é de graça, Benton.”

“E é verdade. Ela mudou. Não é mais a pessoa que era da última vez em que você a viu, quando você podia tê-la acusado de...”

“Não vamos falar do que eu podia ter feito. Não me lembro de seja lá o que for que ela tenha confessado para mim aquela noite, uns cinco anos atrás. O resto, ela nunca me contou. Pelo que sei, Lucy nunca nem foi à Polônia. No entanto, espero que esse tipo de coisa não se repita. E não quero outra situação como a do fbi e do atf de jeito nenhum.”

No começo da carreira, Lucy basicamente fora demitida de ambas as organizações.

“Quando você vai mandar os laptops para ela?”, perguntou Benton.

“Em breve. Tenho o mandado de busca para examinar o conteúdo deles e estou com todos os patinhos enfileirados para começar a atirar.”

“Estou um pouco surpreso por você não ter cuidado disso imediatamente, ontem à noite”, ele disse. “Os laptops de Terri Bridges podem nos dizer o que precisamos saber.”

“A explicação é simples. Não estávamos com os laptops ontem à noite. Eles não foram encontrados na primeira busca. Foi Marino quem os achou durante uma segunda busca no fim da manhã de hoje.”

“Isso é novidade para mim. Eu não sabia que Marino estava tão envolvido nesse caso.”

“E eu não sabia que Oscar era a mesma pessoa com quem Marino conversara no mês passado até depois de Morales já ter tirado todo mundo da cena do crime ontem à noite. Quando fiz a associação, liguei para Marino. Disse que queria que ele se envolvesse porque já estava envolvido.”

“E porque precisa que ele proteja você”, disse Benton. “A opinião pública vai achar que Oscar ligou para a promotoria um mês antes do crime e que você cometeu um erro. Marino cometeu um erro. A pessoa que vai trabalhar mais para lhe proteger é uma pessoa que precisa se proteger também. É uma solução cínica. Mas você está com sorte. Marino não deixa muita coisa passar. Na verdade, provavelmente é o melhor funcionário em toda a droga da equipe. Você só não se deu conta disso ainda porque é fácil subestimá-lo, e agora você tem um preconceito. Deixe-me adivinhar. Ele decidiu sozinho dar uma olhada na cena do crime e achou o que pode ser a coisa mais importante que havia lá. Os laptops dela. Onde diabos estavam? Debaixo do assoalho?”

“Dentro de uma mala que estava no armário dela. Obviamente, ela planejava levá-los no voo que ia pegar para Phoenix hoje de manhã. No armário estava a mala com os laptops e mais outra mala pronta”, contou Berger.

“Quem descobriu que ela planejava ir para Phoenix hoje de manhã?”

“Oscar não mencionou nada para você ontem à noite?”

“Ele não falou nada de nada para mim ontem à noite. Cooperou com a avaliação e só, como eu disse. Então ninguém sabia da viagem dela ontem à noite? Quem descobriu e como?”

“Foi Marino, que é um bom investigador, e não desiste depois que começa. Tudo isso é verdade. E ele gosta de fazer tudo sozinho, porque já trabalha nisso há tempo suficiente para saber que não se deve divulgar informação para alguém só porque ele é policial, ou mesmo promotor ou juiz. As pessoas que trabalham com justiça criminal são as mais fofoqueiras e as que menos mantêm suas bocas fechadas quando deveriam. Você está certo quanto a Marino, e esse jeito dele vai lhe render alguns inimigos. Eu já previa isso, e esse é mais um motivo pelo qual essa história que surgiu sobre ele é um azar tão grande. Aparentemente, Marino encontrou os pais de Terri em Scottsdale antes de todo mundo, incluindo Morales, e foi ele quem lhes informou que ela havia morrido. Eles mencionaram que ela planejava ir para lá passar alguns dias com eles. Foi isso que fez Marino ir até o apartamento dela.”

“Deixe-me adivinhar”, disse Benton. “Não havia uma passagem de avião em cima

da mesa para dar essa informação aos policiais ontem à noite. Porque, hoje em dia, tudo é feito por computador."

"Exato."

"Isso explica por que eu não vi nenhuma mala nas fotos da cena do crime que Morales me deu."

"Essas fotos são da busca dele — da primeira busca. Entendo por que ninguém achou a mala ontem à noite. Não estou dizendo que foi bom que tenha sido assim, mas entendo."

"Você suspeita que a mala tenha sido deliberadamente escondida?"

"Quer dizer, por alguém como Oscar?"

"Não ia fazer muito sentido", Benton pensou naquilo. "Se ele estivesse preocupado com os computadores dela, por que não os removeu da cena? Por que escondê-los no armário?"

"As pessoas fazem muita coisa que não faz sentido, não importa quão meticulosamente planejem um crime."

"Então ele é muito desorganizado. Se for mesmo o assassino", disse Benton. "Mas uma coisa que Terri não era é desorganizada, pelas fotos que vi do apartamento. Era extremamente organizada. Posso sugerir uma teoria? Terri pode ter terminado de fazer as malas e colocado-as fora de vista ela mesma, pois ia receber visitas. Acho imprudente presumir que Oscar tenha planejado qualquer crime. Não estou preparado para presumir que ele a tenha matado."

"Você conhece o ditado, Benton. Não procure unicórnios. Comece com os pôneis. Oscar é o primeiro pônei na minha lista. O mais óbvio. O problema é que não temos nenhuma prova. Nada ainda."

"Pelo menos Oscar não vai conseguir acessar o conteúdo dos computadores de Terri antes de você. Não estão com ele, e Oscar não tem acesso à internet na ala onde está", disse Benton.

"Foi escolha dele. Ele não precisava estar ali. Isso continua a ser muito suspeito para mim, e faz com que eu me preocupe bastante com a estabilidade mental dele. Quer a gente achasse os laptops ou não, ele devia saber que íamos conseguir acessar os e-mails dela, uma vez que determinássemos seu nome ou nomes de usuário e seu provedor. E isso nos levaria ao e-mail de Oscar, pois não posso acreditar que ele e Terri não trocassem e-mails regularmente. Mas ele não parece se importar. Se Oscar não estivesse lá em cima, isolado, podia ter a chance de correr para casa e começar a mexer no computador. Mas ele não tentou fazer isso. Por quê?"

"Ele pode achar que não é necessário, pois não fez nada de errado. Ou talvez não entenda o suficiente de computadores para poder mexer no conteúdo sem que alguém descubra. Ou, se ele for mesmo o assassino e tiver premeditado o crime, mexeu no conteúdo antes."

"Excelente argumento. A premeditação por parte de alguém que pensa ser mais esperto que nós. Ele mexe nos computadores antes de cometer o crime e depois se interna no Bellevue, pois supostamente está com medo de ser a próxima vítima do assassino. Ou seja, está manipulando todo mundo. E se divertindo com isso."

"Estou apresentando possibilidades de maneira objetiva", disse Benton. "Aí vai outra. Ele não é o assassino, mas sabe que todo mundo vai desconfiar dele e, ao se internar no Bellevue, ganhou o direito de me ver, de ver Kay e talvez de convencer alguém importante de que é inocente e está em perigo."

"Não me diga que você acredita realmente nisso."

"Acredito que ele pensa em Kay como um santuário. Não importa o que fez ou deixou de fazer."

"Sim, ele pensa nela assim porque não pode confiar em mim. Acredito que meu novo apelido é 'supervaca'." Berger sorriu. "Ou, pelo menos, espero que ele seja novo — pelo menos o *super*."

"Oscar acredita que você desdenhou dele."

"Você está se referindo ao fato de que ele ligou para a promotoria há um mês, como a metade dos malucos desta cidade faz todos os dias? É verdade. Eu me recusei a falar com ele. Não há nada de estranho nisso. Não fico sabendo da maioria dos telefonemas, muito menos os atendo. Ele se referiu a mim como 'supervaca' e acrescentou que, se acontecesse alguma coisa de ruim, ia ser culpa minha."

"E para quem foi que ele disse isso?", perguntou Benton. "Para Marino? Durante a conversa que tiveram pelo telefone mês passado?"

"Está tudo gravado."

"Espero que a imprensa nunca fique sabendo disso."

"Isso certamente não ia ajudar em nada. Pois uma coisa ruim acabou acontecendo mesmo. Uma coisa muito, muito ruim. Não há dúvidas de que temos que tomar cuidado com Oscar Bane. Normalmente, eu seria muito mais dura com alguém na posição dele. Aliás, suspeito, sim, que ele tenha matado a namorada. É o que faz mais sentido. E isso tornaria a paranoia dele situacional. Oscar está com medo de ser descoberto."

Berger pegou sua pasta ao mesmo tempo que afastou a cadeira da mesa, e sua saia encolheu o suficiente para que Benton pudesse ver o espaço entre suas coxas esguias.

"Não deveríamos desconsiderar o que Oscar diz sem ter provas", disse Benton. "É possível que ele esteja sendo seguido. Não temos certeza de que não está."

"Isso, o monstro do lago Ness, o Pé Grande. Tudo é possível. O que me parece é que, não importa o que aconteça, estou com uma bomba de relações públicas, uma bomba jurídica, prestes a explodir porque não o levamos a sério quando ele ligou no mês passado. E eu não quero ver a Associação Americana de Nanismo fazendo uma

passeata na frente do meu escritório. Não quero mais um problema, definitivamente. Já tenho mais do que mereço. Isso me lembra de algo, e vou dizer logo."

Berger parou para pegar seu casaco, e ela e Benton atravessaram a lanchonete cheia de gente.

"Se houver um escândalo, preciso me preocupar com a possibilidade de Kay discuti-lo na cnn?", ela perguntou. "Será que é por isso que Oscar exigiu que a trouxéssemos para cá? Será que ele quer a cobertura da imprensa?"

Benton parou no caixa para pagar a conta.

Quando eles estavam do lado de fora da lanchonete, ele disse: "Ela jamais faria isso com você".

"Eu tinha que perguntar."

"Mesmo se Kay fosse do tipo que faz isso, não poderia", disse Benton enquanto eles andavam até o átrio. "Ou ela é médica de Oscar, ou vai acabar virando testemunha sua."

"Não tenho certeza se Oscar pensou nisso tudo quando exigiu encontrar com ela, quando exigiu que ela o examinasse pessoalmente", disse Berger. "Talvez tenha achado que Kay estava fazendo uma pré-entrevista sensacional com ele."

"Não sei que diabos ele achou, mas eu não devia tê-la convencido a vir. Não devia ter deixado ninguém mais convencê-la."

"Agora você está parecendo um marido. E quando fala em não deixar ninguém mais convencê-la, é claro que está se referindo a mim."

Benton não respondeu.

O salto alto de Berger fez *tec-tec* no granito polido.

"Quando Oscar for acusado formalmente, se é que vai ser", ela disse, "talvez a gente descubra que o que ele está falando para Kay é nossa única informação vagamente confiável. É bom que ela esteja examinando-o. Por diversos motivos. Queremos que Oscar fique feliz. Queremos que ele seja muito bem tratado. Queremos que ele fique seguro, e que todos em torno dele fiquem também." Berger vestiu o casaco. "Quando Marino falou com ele por telefone, Oscar começou a falar muito em *crime motivado por preconceito*. Ele disse que sofria de nanismo, repetiu isso várias vezes para Marino, que, é claro, não entendeu o que nanismo era. Teve que perguntar. Oscar, que já estava muito nervoso, respondeu: 'Sou anão, porra'. Disse que é por isso que estava sendo assediado, perseguido. Que o que estava acontecendo era um crime motivado por preconceito..."

O celular de Berger tocou.

"Alguém vai ter que contar a Kay que Marino está aqui", ela acrescentou, colocando seu fone de ouvido sem fio.

Berger escutou por um segundo, e uma sombra de raiva surgiu em seu rosto.

"Não vou permitir", ela disse. "Isso é completamente inaceitável... Se eu estava

esperando? Bom, isso já virou hábito, não é, mas eu torci para que... Não, não, não. Não posso. Com certeza não neste caso... Bom, eu realmente preferiria não... Ela está mesmo, mas, devido a certas circunstâncias, hesito... Fiz mesmo. Quem diabos não viu?" Ela olhou para Benton. "Então talvez você entenda por que não quero fazer isso... Hã-hã. Estou entendendo. Entendi muito bem quando você falou da primeira vez. Acho que posso descobrir se ela se dispõe e depois lhe retorno. Mas não a culparia se quisesse cair fora daqui, pegar o último voo para o Logan..."

Berger desligou.

Eles estavam do lado de fora do hospital agora, na calçada. Eram quase quatro horas e estava ficando escuro e muito frio, e a respiração deles estava espessa como fumaça.

"Marino não machuca ninguém de propósito", disse Benton, sem conseguir se conter. "Ele não fez aquilo de propósito."

"Você está dizendo que, quando ele estuprou Kay, não foi de propósito", disse Berger com calma, colocando os óculos cinza espelhados que escondiam seus olhos. "Ou o que está na internet hoje é mentira? Como eu queria que você tivesse mandado o cara para outra seção que não a minha. Ele está completamente envolvido nessa merda de caso, e vai ser impossível manter os dois separados para sempre. Você tem que falar com ela."

"Aquela coluna de fofocas dá uma falsa impressão."

"Um linguista forense ia adorar essa frase. Mas vou acreditar em você. O que está na internet foi simplesmente inventado. Que bom."

Ela colocou luvas de pelica e levantou a gola de seu casaco de vison.

"Eu não disse que era uma mentira completa", respondeu Benton.

Ele olhou para o distante Empire State, iluminado de vermelho e verde para o Natal, com um sinal de luz piscando no topo de sua antena, para lembrar aos aviões de que deveriam se manter longe dali. Berger pousou a mão no braço de Benton.

"Olhe", ela disse, num tom mais gentil. "Você deveria ter me contado que o verdadeiro motivo pelo qual Marino deixou Charleston, deixou Kay, foi pelo que ele fez com ela. Vou me esforçar muito para ser compreensiva. Sei o que isso deve ter feito com você. Logo eu, que tenho obrigação de saber."

"Vou consertar tudo."

"Você não vai consertar nada, Benton. O que você vai fazer é seguir em frente. Todos temos que seguir em frente, e dar cada passo de forma inteligente."

Berger tirou a mão do braço de Benton, que se sentiu como se estivesse sendo rejeitado.

"É inacreditável que você tenha feito qualquer coisa para ajudar Marino", acrescentou Berger. "Você foi um bom amigo para ele, preciso admitir. Mas se formos falar de um motivo... Sabe qual seria meu palpite? Que você torceu para

que, se o ajudasse, se encobrisse tudo, isso faria com que o que ele fez deixasse de ser verdade. Mas, agora, o mundo todo sabe. Quer saber quantas pessoas me ligaram hoje? Querendo falar daquela merda de coluna?"

"Você devia falar com ele. Ele estava bêbado. Não o mande embora."

"Todo estuprador que eu prendi estava bêbado, ou tinha usado drogas, ou as duas coisas, ou então a vítima deixou, ou foi ela que começou, ou a coisa nem aconteceu. Não vou mandá-lo embora, a não ser que ele me dê motivo. Decidi que essa briga é de Kay. Não é sua. Não é de Lucy. Embora eu tema que Lucy não vá concordar."

"Kay já resolveu isso."

Com as mãos nos bolsos para se proteger do frio, Berger disse: "É mesmo? Então por que todo esse esforço para ela não saber que ele trabalha para mim? Por que o segredo? Achei que ele tinha abandonado o emprego, que estava despedaçado por causa de você e Kay, porque estava com ciúmes... O que sempre foi tão óbvio quanto o Empire State, pelo qual você parece obcecado. Achei que ele tinha decidido que estava na hora de desistir dela e tomar jeito. Como fui burra. Nunca liguei para Kay para perguntar se o que você me falou era verdade. Não pedi nenhuma referência. Pois confiava em você".

"Ele tentou. Tentou mais que qualquer outra pessoa que eu conheço. Isso devia ser óbvio para você. Você convive com Marino. Precisa conversar com ele sobre o que aconteceu. Deixe que ele lhe diga o que fez", pediu Benton.

"Só para constar, você mentiu para mim."

Ela estava procurando um táxi.

"Só para constar, não menti, não. E ele não estuprou Kay."

"Você estava lá?"

"Ela disse que não chegou a esse ponto. Kay nunca deu queixa. Para ela, é uma questão particular. Não é direito meu falar disso com você ou com qualquer outra pessoa. Ela nem contou para mim a princípio. Tudo bem, então. É ilusão, minha cabeça está enfiada na areia. Julguei mal, provavelmente. Mas a história daquela coluna de fofocas que foi postada esta manhã estava distorcida. Pergunte a Marino. Imagino que ele já tenha lido. Ou vai ler em breve."

"E Lucy? Só para eu saber o que esperar."

"Ela já leu a coluna, é claro", disse Benton. "Foi ela quem me contou que existia."

"Fico surpresa por ela não ter matado Marino ali mesmo, se idolatra tanto sua tia Kay."

"Ela quase matou."

"Bom saber. Há pouco tempo, teria matado. Você me deve um favor."

Um táxi desviou perigosamente na direção dela e parou de repente.

"Preciso que Kay passe no necrotério hoje à noite", disse Berger. "E você é a pessoa certa para pedir esse favor para ela."

Ela entrou no táxi.

"Sabe o telefonema que recebi há alguns minutos?", perguntou Berger, encarando-o. "Preciso que Kay examine o corpo, se ela concordar. Temo que a doutora Lester esteja fazendo as brincadeirinhas de sempre comigo. Estamos procurando por ela. Ela vai voltar para o necrotério agora mesmo e vai cooperar nem que eu tenha que ligar para a porra do prefeito."

Berger fechou a porta. Benton ficou parado na calçada, no frio, vendo o táxi amarelo de Jaime Berger avançar à toda, cortando dois outros carros numa cacofonia de buzinas furiosas.

9

Scarpetta examinou as escoriações longas e superficiais no lado esquerdo da lombar de Oscar, enquanto ele explicava voluntariamente como se ferira.

"Ele já estava lá dentro e me atacou", Oscar estava dizendo. "Ele saiu correndo, e eu a encontrei. A polícia não acreditou em mim. Dava para ver na cara deles. Acham que eu me machuquei porque briguei com Terri. Mas dá para você ver, não dá? Que eu não briguei com ela?"

"Seria de grande ajuda se você pudesse descrever para mim o que estava vestindo ontem à noite", ela respondeu.

"Dá para você ver que eu não me machuquei desse jeito brigando com Terri. Eles não vão encontrar meu dna debaixo das unhas dela. Ela não me arranhou. Não lutou comigo. A gente nunca brigava. Talvez uma discussão de vez em quando. Ela já estava morta."

Oscar começou a chorar tanto que Scarpetta resolveu esperar um pouco.

Quando ele estava mais tranquilo, ela repetiu a pergunta. "Ontem à noite. O que você estava vestindo quando lutou contra..."

"Não pude ver a cara dele."

"Mas tem certeza de que era um homem."

"Tenho."

"Você lembra que horas eram?"

"Cinco da tarde."

"Em ponto?"

"Nunca me atraso. Todas as luzes estavam apagadas. Até a luz do hall de entrada. Todas as janelas estavam escuras. Não fazia sentido. Terri estava me esperando. O carro dela estava bem ali na rua. Estacionei atrás dele. Tinha algumas vagas. Porque era Ano-Novo, e muita gente tinha viajado. Tirei o casaco e deixei no banco do passageiro. Estava com um jeans e uma camiseta. Terri gosta que eu use camisetas apertadas, sem manga. Adora o meu corpo. Cuido dele porque ela o ama, e eu faria qualquer coisa para agradá-la. Ela adora sexo. Eu não poderia namorar uma mulher que não adorasse sexo."

"Sexo normal, sexo violento, sexo criativo?", perguntou Scarpetta.

"Sou muito atencioso e gentil. Tenho que ser. Por causa do meu tamanho."

"E quanto a fantasias? Como amarrar um de vocês na cama? É importante eu perguntar."

"Nunca! Nunca!"

“Não estou criticando vocês. Muita gente faz muita coisa, e tudo bem. Contanto que os dois concordem.”

Oscar ficou calado e hesitante. Scarpetta viu que ele tinha uma resposta diferente daquela que queria dar.

“Juro que não estou criticando”, ela disse. “Estou tentando ajudar. Não importa o que dois adultos façam, contanto que ambos concordem em fazer.”

“Ela gostava que eu a dominasse”, ele disse. “Nada que doesse. Só gostava que eu a segurasse. Que a forçasse a ficar embaixo. Ela gostava que eu fosse forte.”

“Segurá-la como? Estou perguntando porque qualquer informação pode nos ajudar a entender o que aconteceu.”

“Prender os braços dela na cama, só isso. Mas nunca a machuquei. Nunca deixei uma marca nela.”

“Já usou algum tipo de amarra? Algemas? Alguma coisa assim? Só estou me certificando.”

“Talvez a lingerie de Terri. Ela gosta de usar lingerie, de se vestir de um jeito muito sensual. Se eu amarro as mãos dela com um sutiã, deixo bem frouxo e nunca a machuco. É só uma ideia, só uma sugestão, nunca é real. Nunca bati nela, nem de leve, nem sufoquei, nem fiz nada real. A gente finge, só isso.”

“E você? Ela fazia essas coisas com você?”

“Não. Eu faço com ela. Sou forte e poderoso, e é assim que ela gosta. Gosta que se aproveitem dela, mas só a ideia disso, nunca de verdade. Ela é muito, muito sensual e excitante, e me diz exatamente o que quer, e eu faço, e é sempre maravilhoso. Quando a gente faz sexo, é sempre maravilhoso.”

“Vocês fizeram sexo ontem à noite? É importante eu perguntar.”

“Como? Ela estava morta. Foi tão horrível quando eu entrei e a encontrei. Ah, meu Deus. Ah, meu Deus!”

“Lamento ter que fazer essas perguntas para você. Você entende por que elas são importantes?”

Oscar assentiu, secando os olhos e o nariz com as costas das mãos.

“Estava frio ontem à noite”, disse Scarpetta. “Por que você deixaria seu casaco no carro? Principalmente se todas as luzes estavam apagadas e você ficou preocupado?”

“Eu tirei o casaco para fazer uma surpresa para ela.”

“Uma surpresa?”

“Terri gostava que eu usasse camisetas apertadas. Já falei para você. Até pensei em tirar a camiseta quando ela abrisse a porta. Era uma camiseta sem mangas. Uma dessas que se usa por baixo de camisa social. Eu queria que ela abrisse a porta e me visse com a camiseta.”

Explicação demais. O casaco dele ficara no carro por outro motivo. Ele estava

mentindo, e mentindo mal.

"Tenho a chave do prédio dela", disse Oscar. "Entrei e toquei a campainha do apartamento."

Scarpetta perguntou: "Você tem a chave do apartamento ou só da portaria do prédio?".

"Tenho as duas. Mas sempre toco a campainha. Não saio entrando sem avisar. Toquei a campainha e, de repente, a porta abriu de uma vez só e essa pessoa caiu em cima de mim, me atacando, me arrastando para dentro, e depois fechando a porta com força. Foi ele quem matou Terri. É a mesma pessoa que está me seguindo, me espionando, me atormentando. Ou então é um deles."

Um período de vinte e quatro horas era condizente com o aspecto dos ferimentos de Oscar. Mas isso não significava que ele estava falando a verdade.

"Onde está seu casaco agora?", perguntou Scarpetta.

Oscar estava olhando fixamente para a parede.

"Oscar?"

Ele continuou olhando para a parede.

"Oscar?"

Ele respondeu, ainda olhando para a parede. "Está onde quer que eles o tenham levado. A polícia. Eles disseram que iam levar meu carro, fazer uma busca, fazer o que quisessem. Mas não iam nem encostar em mim. Eu disse a eles que precisavam trazer você para cá. Eu nunca seria capaz de machucar Terri."

"Fale mais de sua briga com a pessoa que estava na casa dela."

"Estávamos perto da porta, e estava um breu. Ele me bateu com uma lanterna de plástico. Rasgou minha camiseta. Está toda rasgada, toda ensanguentada."

"Você disse que estava um breu. Como sabe que era uma lanterna?"

"Quando ele abriu a porta, focou a luz da lanterna nos meus olhos, me deixando cego, e depois começou o ataque. Nós lutamos."

"Ele disse alguma coisa?"

"Só ouvi que estava respirando rápido. Depois, fugiu. Estava usando um casaco grande de couro e luvas de couro. Provavelmente, não vai estar com nenhum machucado. Provavelmente não deixou seu dna ou fibras da roupa no apartamento. Coisas assim. Ele era esperto."

Era Oscar quem era esperto, oferecendo explicações para perguntas que não haviam sido feitas. E mentindo.

"Fechei a porta, tranquei e acendi todas as luzes. Gritei por Terri. Estava com uma sensação na nuca, como se um gato tivesse me arranhado todo. Espero não pegar uma infecção. Talvez você devesse me dar um antibiótico. Que bom que você está aqui. Você tinha que vir. Eu falei para eles. Tudo aconteceu tão rápido, e estava tão escuro..." As lágrimas de Oscar rolaram, e ele começou a soluçar de novo. "Eu

gritei por Terri."

"E a lanterna?", lembrou Scarpetta. "Estava ligada durante a briga?"

Oscar hesitou, como se nunca tivesse pensado naquilo.

"Ele deve ter desligado", decidiu. "Ou talvez tenha quebrado quando estava me batendo. Talvez ele faça parte de uma espécie de esquadrão da morte. Sei lá. Não me importa quão espertos sejam. Não existe crime perfeito. Você sempre cita Oscar Wilde: 'Ninguém nunca comete um crime sem fazer uma coisa estúpida'. Exceto você. Você poderia se safar. Só alguém como você poderia cometer o crime perfeito. Você diz isso sempre."

Scarpetta não se lembrava de já ter citado Oscar Wilde e nunca dissera que poderia cometer o crime perfeito. Seria uma coisa idiota e inacreditavelmente ofensiva. Ela examinou diversas marcas de unha em forma de meia-lua no ombro esquerdo musculoso dele.

"Ele cometeu um erro. Ele tem que ter cometido pelo menos um erro. Sei que você vai conseguir descobrir. Você sempre diz que consegue descobrir qualquer coisa."

Ela também nunca dissera aquilo.

"Talvez seja sua voz e a maneira como você se expressa. Sua falta de afetação. Você é linda."

Oscar cerrou os punhos sobre o colo.

"Agora que estou vendo você em pessoa, tenho certeza de que não é por causa de um maquiador ou do ângulo perfeito da câmera."

Seus olhos azul e verde se prenderam ao rosto de Scarpetta.

"Você se parece um pouco com Katharine Hepburn, mas é loura e não é tão alta."

Os punhos de Oscar tremeram, como se ele estivesse fazendo um imenso esforço para não usá-los.

"Você fica muito bonita de calça social, assim como ela. Na verdade ela usava calça cargo comprida, não era? Tem alguma diferença? Não estou querendo ser inconveniente. Não estou dando em cima de você. Queria que você me abraçasse. Preciso que você me abrace!"

"Não posso abraçar você. Você entende por quê?", disse Scarpetta.

"Você sempre diz que é muito doce com os mortos. Que é atenciosa, que os toca como se eles estivessem vivos, que conversa com eles como se pudessem sentir e escutar. Que as pessoas ainda podem ser atraentes e desejáveis mesmo depois de mortas, e que é por isso que a necrofilia não é tão difícil de entender como o público pensa, principalmente se o corpo ainda estiver quente. Se você pode tocar os mortos, por que não pode me tocar? Por que não pode me abraçar?"

Ela jamais dissera que tocava cadáveres como se eles estivessem vivos, ou que conversava com eles como se pudessem sentir e escutar. Jamais dissera que

cadáveres eram desejáveis e que a necrofilia era compreensível. De que diabos Oscar estava falando?

"A pessoa que atacou você tentou estrangulá-lo?", perguntou Scarpetta.

As marcas de unha da nuca dele eram verticais. Perfeitamente verticais.

"Em dado momento ele colocou as mãos em volta do meu pescoço e ficou enfiando as unhas enquanto eu rolava de um lado para o outro, até conseguir me soltar", disse Oscar. "Porque sou forte. Não sei o que teria acontecido se não fosse tão forte."

"Você disse que começou a ser espionado quando se envolveu com Terri. Onde vocês se conheceram?"

"Pela internet. Ela era uma das minhas alunas, já fazia algum tempo. Eu sei. Você não pode falar sobre isso."

"Como?"

"Não precisa. Vou fingir também", ele disse. "Ela estava matriculada na minha aula de história da psiquiatria. Queria ser uma psicóloga forense. Engraçado como tantas mulheres querem ser psicólogas forenses. Esta ala está cheia de alunas bonitas e jovens da John Jay. Você não esperaria que mulheres, principalmente mulheres bonitas, fossem ter medo dos pacientes daqui?"

Scarpetta começou a examinar o peito largo e nu dele, medindo mais escoriações superficiais. Ela tocou os ferimentos de Oscar, e ele pousou os punhos algemados sobre o colo e seus olhos azul e verde eram como mãos tentando explorar o que havia debaixo do jaleco dela.

"Você não imaginaria que as mulheres teriam medo de trabalhar num lugar como este?", ele disse. "Você tem medo?"

Quando Megera recebera o misterioso telefonema um ano e meio atrás, ela não tinha ideia de quanto sua vida mudaria.

O homem, cujo sotaque parecia ser italiano, identificou-se como um agente de uma sociedade limitada britânica e disse que chegara ao nome dela de forma indireta, por causa da empresa de consultoria onde ela trabalhara como gerente de marketing de banco de dados. Com seu inglês ruim, dissera que queria mandar para ela um e-mail explicando qual seria sua função. Megera imprimira o e-mail. Ele ainda estava preso na porta da geladeira, para ajudá-la a se lembrar das sincronias da vida:

Webmaster: Deve ter iniciativa, trabalhar em casa sem supervisão, saber lidar com pessoas e ter uma queda pelo drama. Experiência técnica limitada exigida. O sigilo é essencial. Outros requerimentos a serem discutidos. Grande potencial

salarial!

Ela respondera imediatamente, dizendo que estava muito interessada, mas gostaria de ter um pouco mais de informação. Ao responder certas perguntas, o agente explicara, sempre com seu jeito de quem não podia revelar muito, que saber lidar com pessoas significava que Megera tinha que ter interesse por elas, só isso. Megera não tinha permissão para falar com as pessoas, mas precisava saber o que despertaria seu "instinto mais básico", o que ela logo percebeu ser o voyeurismo e um imenso prazer diante da humilhação e do desconforto extremo dos outros.

O e-mail em que Megera aceitara o emprego, formatado exatamente como a oferta dele, também estava preso na porta da geladeira:

Concordo com todas as condições e me sinto honrada. Posso começar neste minuto e não tenho problema em trabalhar sempre que for necessário, incluindo fins de semana e feriados.

Concordo com todas as condições e me sinto honrada. Posso começar neste minuto e não tenho problema em trabalhar sempre que for necessário, incluindo fins de semana e feriados.

De certa maneira, Megera se tornara a ciberversão anônima, ou sua representante, de uma comediante que adorava, Kathy Griffin, a cujos shows de *stand-up comedy* ela assistia obsessivamente, sempre aprendendo algumas dicas sobre como massacrar os ricos e famosos e servi-los de bandeja para uma plateia insaciável que crescia exponencialmente conforme o mundo ia piorando. As pessoas estavam desesperadas para rir. Estavam desesperadas para desabafar suas frustrações, ressentimentos e fúria usando os bodes expiatórios dourados, que era como Megera considerava os intocáveis privilegiados que talvez sentissem raiva ou irritação, mas jamais seriam realmente feridos pelas pedras verbais de desprezo e escárnio.

Afinal, que estrago aquilo poderia causar em alguém como Paris Hilton ou Martha Stewart? As fofocas, as insinuações perversas, as revelações escandalosas — e até os encarceramentos — só promoviam suas carreiras e faziam com que as pessoas as amassem e invejassem ainda mais.

A mais cruel das punições era ser ignorado, descartado, obrigado a sentir-se invisível e não existente, assim como Megera se sentira quando inúmeros empregos de assistência técnica em computação e gerenciamento de marketing, incluindo o dela, foram transferidos para a Índia. Ela fora jogada para fora do avião, sem aviso prévio e sem paraquedas. Megera jamais se esqueceria da ocasião em que pegara seus objetos pessoais e os levara em uma caixa de papelão, exatamente como via nos filmes. Por um milagre, logo quando estava começando a ter medo de não poder

mais morar em Murray Hill e começara a perguntar se alguém sabia de um apartamento mais barato que não ficasse num gueto, o agente do Patrão, o italiano que morava no Reino Unido, lhe telefonara.

Se Megera tinha uma queixa crônica agora, era a solidão que subitamente a fizera compreender melhor os assassinos em série e os pistoleiros, e a sentir um pouco de pena deles. Como era difícil, como fazia uma pessoa se sentir isolada, guardar um segredo tão importante. Ela sempre imaginava o que as pessoas fariam se soubessem que aquela mulher na fila atrás deles na farmácia ou no supermercado era em grande parte responsável pela coluna de fofocas on-line mais popular da história.

Mas Megera não podia contar para ninguém, nem mesmo para o investigador da polícia que acabara de sair. Ela não podia ficar com o mérito. Não podia ter amigos e correr o risco de revelar alguma coisa sem querer. Era até melhor que não contasse nada para as filhas nem tivesse muito contato com elas. Provavelmente, seria melhor nunca ter outro namorado ou se casar de novo. Mesmo se Megera pedisse demissão do site, jamais poderia revelar uma palavra de sua impressionante ex-carreira anônima. Ela assinara tantos acordos de não divulgação e termos de confidencialidade que passaria o resto da vida na prisão, acabaria virando mendiga ou — e talvez ela fosse boba de pensar isso — terminaria sofrendo uma morte não natural se cometesse mesmo a menor das infrações. Mas o que Megera poderia divulgar?

Ela não sabia quem era o responsável pelo *Quem Ver na Metrópole*. O colunista podia ser homem, mulher, velho, jovem, americano, estrangeiro. Ou o fenômeno que era aquele site podia ser um grupo de pessoas, talvez alguns espertalhões do mit, espiões da China, ou um bando de moleques geniais de uma megaempresa de tecnologia de busca na internet. Megera recebia um bom salário e tinha um enorme orgulho por ser a representante de uma celebridade anônima, mas aquela combinação começara a cansá-la de uma maneira que não previra. Ela estava começando a duvidar de sua própria razão de ser, o que provavelmente tinha algo a ver com a maneira tola como se comportara quando o investigador Marino passara ali.

Megera estava faminta por interação com alguém de carne e osso, por conversa, atenção, apoio, e esquecera a arte de ter um diálogo substancial com um ser humano que estivesse presente. Fora um evento extraordinário para ela ter um ser vivo sentado em sua sala de estar, notando que havia pelos de cachorro presos em seu tapete, ou sendo testemunha de que ela estava usando seu conjunto de ginástica de veludo cotelê vermelho, que estava manchado de rosa-claro em alguns lugares devido a um acidente com água sanitária. Megera lamentara quando ele fora embora e ao mesmo tempo ficara aliviada, mas lamentara mais, ela concluiu agora que estava parando para pensar no assunto. Ela não havia se dado conta do quanto se sentia sozinha. Agora, sabia e podia entender o porquê. É claro que podia. Quem

não estaria sentindo o mesmo?

O dinheiro invisível depositado em sua conta de banco a cada duas semanas e as instruções e comentários impessoais e ingratos que ela recebia por e-mail de tempos em tempos eram como vindos de Deus, a quem Megera tampouco fora apresentada, cuja foto jamais vira, e cujo nome era um mistério. Se Megera precisava de incentivo, elogios, gratidão, um presente de aniversário ou outra data especial, talvez de um aumento, nem o Patrão nem Deus queriam saber. Ambos continuavam sem dizer nada e sem serem vistos.

Tudo bem, ela podia perdoar Deus, que tinha um universo de empregados e discípulos para cuidar. Mas estava sentindo menos simpatia em relação ao Patrão, que só tinha a ela. A visita do investigador Marino por algum motivo resultara em lucidez. Embora Megera fosse a primeira a admitir que o Patrão a criara, embora ela fosse grata, ela se deu conta de que também se ressentia. Megera desistira de sua vida. Não tinha cachorro, não tinha amigos, não ousava ter conversas sinceras e não recebia visitas, a não ser que viessem sem ser convidadas. A única pessoa que ela podia considerar sua conhecida fora assassinada na noite anterior.

Que termos medonhos Megera aceitara para decidir como viveria sua vida. E a vida era curta. Ela podia acabar — e acabar horrivelmente — num piscar de olhos. O Patrão a usava, era egoísta, frio e completamente injusto. Sem Megera, o Patrão não seria capaz de preencher o site com os exemplos que ela escolhia dentre os milhares de e-mails fofoqueiros, imagens, comentários mal-humorados e grosseiros, menções cruéis que eram mandadas pelos fãs. Megera fazia todo o trabalho e o Patrão ficava com todo o mérito, mesmo que os fãs não soubessem a identidade dele.

Megera estava sentada na escrivaninha diante do computador, com as cortinas fechadas para que não precisasse ver o prédio do outro lado da rua e pensar no horror que acontecera. Ela não queria ver o carro de polícia que ainda estava estacionado diante do apartamento de Terri e fazer com que o policial a quem ele pertencia contasse ao investigador Marino que a vizinha que ele interrogara mais cedo estava espiando pela janela. Embora Megera fosse gostar de receber outra visita, não podia se arriscar. O investigador Marino já estava desconfiado. Megera tinha certeza de que ele achava que ela vira algo na noite anterior, e, tendo feito uma pequena pesquisa na internet depois que ele fora embora, ela compreendia por quê.

A morte de Terri era um mistério, e um mistério muito feio. Ninguém explicara como ela morrera, dizendo apenas que o homem louro que levara a rosa amarela, a quem Megera elogiara havia pouco tempo, estava trancafiado no Bellevue como o Assassino da 44 ficara após ser pego, e que a médica-legista que fizera a autópsia de Terri não divulgara nenhum detalhe. Mas eles deviam ser pavorosos. O caso devia ser de uma importância enorme, pois a dra. Scarpetta fora, de fato, chamada

para ajudar. Pelo menos era isso que se acreditava, baseado no fato de que ela fora vista tanto no aeroporto Logan quanto no La Guardia naquela tarde, e depois fora vista de novo no Bellevue, arrastando uma mala com uma roda solta, aparentemente indo encontrar seu marido, um psicólogo forense, na ala para prisioneiros masculinos, onde o namorado de Terri estava.

Sem dúvida o Patrão ia tirar disso mais uma coluna sobre a dra. Scarpetta, o que era uma pena. Blogs de todo canto estavam reagindo a ambas as colunas que haviam sido postadas naquele dia, e as opiniões variavam enormemente. Enquanto um número grande de pessoas achava vergonhoso que qualquer violação sexual de Scarpetta, quer por parte do investigador Marino ou da irmã Polly, houvesse sido tornada pública, havia muita gente que queria saber mais.

Detalhes! Detalhes!

Por que alguém quebraria o lápis de uma criancinha?

Mulheres como ela "pedem" por isso. E é por isso que sentem atração pelo crime.

Fiquei espantado ao saber do investigador, mas da freira, não.

Megera se sentia estranhamente inerte desde que o investigador Marino fora embora, e era melhor andar logo e começar a selecionar a maior parte das informações e imagens recentes mandadas pelos fãs, devido à improvável possibilidade de haver algo importante que ela precisasse postar ou deixar na pasta de pesquisa do Patrão.

Megera abriu e deletou uma pilha de fofoquinhas banais e chatas, de histórias de gente afirmando que vira alguém famoso e de imagens tiradas com câmeras de celular, até que chegou a um e-mail que fora enviado algumas horas antes. Ela imediatamente ficou animada, porém cética, ao ler o assunto:

foto inédita! marilyn monroe no necrotério.

Não havia mensagem, só um arquivo anexo. Megera baixou a imagem e, quando apareceu em alta resolução em sua tela, ela sentiu um arrepio que a fez compreender o que as pessoas queriam dizer quando falavam que seus pelos haviam se eriçado.

"Minha nossa", murmurou Megera. "Ai, meu Deus do céu!", exclamou.

O corpo nu de Marilyn Monroe, todo costurado como o de uma boneca de pano, estava sobre uma lustrosa mesa de autópsia de aço. Seu cabelo louro formava tufos úmidos em volta do rosto, que estava um pouco inchado, mas reconhecível. Megera começou a aproximar cada detalhe, clicando o mouse como louca enquanto fazia exatamente o que os fãs sem dúvida fariam. Atônita, ela olhou bem, aumentou a imagem, e olhou mais um pouco para os seios outrora deslumbrantes daquela deusa do cinema, que agora estavam enrugados e achatados devido à terrível ferrovia de pontos que formavam um V desde as clavículas até o espaço entre eles, e então desciam por todo aquele corpo outrora deslumbrante, passando por velhas cicatrizes

cirúrgicas até desaparecer em meio aos pelos pubianos. Os famosos lábios da atriz e seus olhos azuis estavam fechados, e, no maior nível de zoom que o software possuía, Megera encontrou a verdade que o mundo sempre quisera saber e que certamente merecia.

Num estalar de dedos ela soube e tinha como provar.

Não podia ser mais óbvio.

Os detalhes estavam lá. Prova: o cabelo louro recém-pintado, sem nenhum traço de raízes escuras. As sobrancelhas perfeitas. As unhas dos pés e das mãos feitas, e as pernas lisas, muito bem raspadas. Ela estava esguia, sem nem um quilinho feio sobrando.

Marilyn vinha se cuidando meticulosamente, tratando-se bem e tomando cuidado com o peso até dar seu trágico último suspiro. E pessoas sofrendo de depressão severa não faziam isso. A foto era a prova indubitável daquilo que Megera sempre suspeitara.

Ela escreveu o texto, excitada. Tinha que ser curto. O Patrão era o redator, não Megera, e ele nunca permitia que ela escrevesse mais do que quinze palavras para uma legenda ou qualquer outro tipo de texto do site:

marilyn monroe assassinada!
(cuidado: imagem chocante)

UMA IMPRESSIONANTE FOTO INÉDITA DA AUTÓPSIA PROVA SEM SOMBRA DE DÚVIDA QUE A DEUSA DO CINEMA, MARILYN MONROE, NÃO ESTAVA DEPRIMIDA NA ÉPOCA EM QUE MORREU E NÃO COMETEU SUICÍDIO.

DETALHES CLARAMENTE VISÍVEIS DURANTE A AUTÓPSIA FEITA EM 5 DE AGOSTO DE 1962, EM LOS ANGELES, SÃO EVIDÊNCIAS INCONTESTÁVEIS DE QUE O MAL — E NÃO UM ACIDENTE OU UM SUICÍDIO — ACABOU COM A VIDA DE MARILYN.

Megera achou que seria melhor parar, pelo amor de Deus. Sessenta e seis palavras, sem contar os caracteres dos algarismos e da pontuação, quase cinco vezes o limite legal. Mas certamente o Patrão faria uma exceção nesse caso, e até daria a Megera um bônus e lhe faria um elogio, quem sabe.

Ela foi correndo para a janela de busca e achou com facilidade aquilo que se acreditava ser o famoso relatório da autópsia e resultado dos exames de laboratório feitos pelo dr. Thomas Noguchi. Megera leu tudo com cuidado, sem saber direito o que muitas das palavras e frases significavam. Ela procurou no dicionário “lividez cadavérica”, “uma área ligeiramente equimótica” e “nenhum cristal refrativo encontrado no estômago ou duodeno”. Procurou muitas coisas, e foi ficando cada vez mais indignada.

Como aqueles homens sedentos de poder, machistas e egoístas tiveram a coragem de fazer isso com Marilyn! Bem, o mundo podia parar de especular sobre o que de

fato acontecera. Os dedos de Megera se moveram voando pelo teclado.

AS INFORMAÇÕES ALTAMENTE SIGILOSAS DO RELATÓRIO VERDADEIRO DA AUTÓPSIA SÃO COMPLETAMENTE CONDIZENTES COM O QUE ESTÁ VISÍVEL NESTA FOTO EXTRAORDINÁRIA. MARILYN MONROE, NUA E DESAMPARADA, FOI MANTIDA À FORÇA NA CAMA (O QUE EXPLICA AS MANCHAS ROXAS NO LADO ESQUERDO DO QUADRIL E NA LOMBAR), ENQUANTO SEUS ASSASSINOS INJETAVAM UM ENEMA REPLETO DE BARBITÚRICOS.

ELA CERTAMENTE NÃO MORREU DE UMA OVERDOSE SUICIDA DE NEMBUTAL, OU HAVERIA PELO MENOS UM RASTRO DAS CÁPSULAS E UM RESÍDUO AMARELADO NO ESTÔMAGO E NO DUODENO — E NÃO HAVIA. ALÉM DISSO, HÁ O FATO DE QUE SEU CÓLON ESTAVA DESCOLORADO E DISTENDIDO — EXATAMENTE COMO DEVERIA ESTAR APÓS UM ENEMA ENVENENADO!

ALIÁS, SE ELA APLICOU O ENEMA EM SI MESMA E NÃO FORAM OUTROS QUE O FIZERAM, ENTÃO ONDE ESTÃO TODAS AS CÁPSULAS VAZIAS DO REMÉDIO? ONDE ESTÁ A GARRAFA VAZIA DO ENEMA?

UMA VEZ QUE AS DROGAS ESTAVAM NO CORPO DE MARILYN, ELA OBVIAMENTE NÃO PODERIA TER SAÍDO CORRENDO DE CASA PARA SE LIVRAR DAS PROVAS, DEPOIS RETORNADO, TIRADO A ROUPA, VOLTADO PARA A CAMA E SE COBERTO ATÉ O QUEIXO. APÓS ESSE ENEMA, ELA TERIA PASSADO DE INCAPACITADA A INCONSCIENTE E ENTÃO A MORTA MUITO RÁPIDO. NA VERDADE, ELA NEM CONSEGUIU CHEGAR AO BANHEIRO! SUA BEXIGA ESTAVA CHEIA NA HORA EM QUE MORREU! É O QUE DIZ O RELATÓRIO DA AUTÓPSIA!

MARILYN FOI ASSASSINADA PORQUE SE RECUSAVA A MANTER A BOCA FECHADA — NÃO IMPORTA QUEM DESSE A ORDEM!

10

A vista do escritório de Jaime Berger mostrava leões furiosos esculpidos em baixo-relevo no prédio de granito que havia bem diante de sua janela, no oitavo andar.

Ela por acaso estava olhando por essa mesma janela quando o voo 11 da American Airlines surgiu rugindo alto demais e voando baixo demais, atravessou o céu azul sem nuvens e bateu na torre norte do World Trade Center. Dezoito minutos depois, o segundo avião bateu na torre sul. Sem acreditar, Berger viu os símbolos do poder que conhecia desde quase o início de sua vida queimar e desabar, e uma chuva de cinzas e destroços cair sobre a parte baixa de Manhattan, e teve certeza de que o mundo tinha acabado.

Desde então, Berger se perguntava o que seria diferente se ela não estivesse em Nova York naquela manhã de terça-feira, sentada naquele mesmo escritório, falando no telefone com Greg, que estava em Buenos Aires sem ela, que tinha mais um grande processo pela frente — de que mal conseguia se lembrar agora.

Sempre havia processos muito importantes, que depois se tornavam muito difíceis de lembrar, exigindo que Berger ficasse em Nova York enquanto Greg levava seus dois filhos do primeiro casamento a lugares fabulosos do mundo todo. Ele decidira que seu local preferido era Londres e arrumara um apartamento lá, mas então Berger descobrira que o que ele arrumara mesmo fora uma amante, uma jovem advogada que conhecera muitos anos antes enquanto ela passava algumas semanas trabalhando na promotoria de Berger durante um processo excessivamente estressante.

Berger nunca desconfiara de nada quando a jovem advogada e Greg saíam juntos para jantar, enquanto ela ficava trabalhando até os ponteiros do relógio caírem. Como Greg costumava dizer.

Ela continuara naquele estado de inconsciência conjugal até que Greg aparecera em seu escritório para levá-la para almoçar, sem ligar antes para avisar, num dia do último verão. Eles dois foram andando até o Forlini's, um dos restaurantes preferidos de políticos e potentados da justiça criminal, e marido e mulher se sentaram de frente um para o outro, cercados por paredes de madeira escura e pesadas pinturas a óleo do país natal dos donos. Greg não disse a ela que já estava tendo um caso havia anos, disse apenas que queria se separar e, naquele instante, Berger divagou e pensou justamente em Kay Scarpetta. Havia um motivo lógico para isso.

O Forlini's batizava suas mesas em homenagem a clientes influentes, e aquela em que Berger e Greg estavam, por coincidência, levava o nome de Nicholas Scopetta,

que agora era o chefe dos bombeiros de Nova York. Ver o nome Scopetta na parede fizera Berger pensar em Scarpetta, que, Berger tinha certeza, teria se levantado daquele maldito banco de couro rosa-claro e saído pisando firme do restaurante, em vez de se submeter a, ou até mesmo encorajar, mentiras deslavadas e humilhação.

Mas Berger não se movera nem protestara. Ela fora elegante e controlada como sempre enquanto ouvira Greg dizer aquela bobagem insana de que não a amava mais. Ele disse que havia parado de amá-la após o Onze de Setembro, provavelmente porque estava sofrendo de estresse pós-traumático, embora soubesse muito bem que não estava no país quando o ataque terrorista acontecera, mas as retrospectivas constantes na televisão faziam com que fosse quase tão horrível como ter vivido tudo.

Greg afirmou que o que acontecera e ainda estava acontecendo com os Estados Unidos — principalmente com os investimentos imobiliários e o valor do dólar, que despencava — era traumatizante e que, por isso, ele ia se mudar para Londres. Queria um divórcio discreto e, quanto mais discreto e pacífico fosse, melhor seria para todo mundo. Berger perguntara se aquilo tinha a ver com outra mulher, só para ver se Greg tinha a coragem de ser honesto. Ele dissera que aquela pergunta era irrelevante quando um casal não se amava mais, e então fizera uma acusação não muito sutil, dizendo que Berger tinha outros interesses, sem se referir a interesses profissionais. Ela não protestara, mudara de assunto, nem oferecera provas de que jamais havia violado os termos do contrato nupcial deles, apesar de já ter pensado no assunto.

Berger agora era discretamente divorciada, discretamente rica e discretamente isolada. Não havia mais ninguém no andar em que ficava seu escritório naquele fim de tarde. Afinal de contas, aquele dia era um feriado, ou um dia de licença médica, dependendo de quão entusiasmada havia sido a virada do ano. Mas Berger não tinha nenhum incentivo para ficar em casa. Sempre havia trabalho a fazer. Por isso, como seu ex-marido estava do outro lado do Atlântico, os filhos dele já eram crescidos, e Berger não era mãe, ela estava sozinha naquele frio prédio art déco de pedra não muito longe do Marco Zero, sem ninguém para atender o telefone.

Quando ele tocou às cinco em ponto da tarde, exatamente vinte e quatro horas após o horário em que Oscar Bane dissera ter chegado ao apartamento de Terri Bridges, Berger pegou ela mesma o fone, já sabendo quem era.

"Não. Não vai ser no salão de conferências", ela disse para Lucy. "Somos só nós duas. Pode ser aqui no meu escritório."

Oscar olhou fixamente para o relógio que ficava dentro de uma caixa de plástico embutida na parede e então cobriu o rosto com as mãos algemadas.

Na tarde anterior, naquele mesmo horário, Terri havia combinado de abrir a porta para ele, e talvez tivesse feito isso mesmo. Ou talvez o que ele afirmava fosse verdade, e nesse horário ela já estivesse morta. O ponteiro do relógio da parede estremeceu e marcou um minuto após as cinco.

Scarpetta perguntou: "Terri tinha amigos?".

"Tinha amigos na internet", disse Oscar. "Era assim que ela se conectava com as pessoas. Foi onde aprendeu a confiar nelas. Ou percebeu que não podia confiar nelas. Você sabe disso. Por que está fazendo isso? Por que não pode admitir? O que a impede?"

"Não sei o que você quer que eu admita."

"Você recebeu instruções."

"O que faz você pensar que recebi instruções? E instruções para fazer o quê?"

"Tudo bem, então", disse Oscar, irritado. "Estou ficando muito cansado dessa brincadeira. Mas vou lhe contar assim mesmo. Tenho que acreditar que você está me protegendo. Tenho que acreditar que é por isso que está sendo tão evasiva. Vou aceitar e responder sua pergunta. Terri conhecia pessoas on-line. Se você sofre de nanismo e é mulher, fica muito mais vulnerável."

"Quando vocês se encontraram e começaram a namorar?"

"Depois de um ano trocando e-mails. Descobrimos que íamos a uma reunião no mesmo lugar e na mesma data. Orlando. A Associação Americana de Nanismo. Foi quando nos demos conta de que nós dois tínhamos acondroplasia. Depois de Orlando, começamos a namorar. Falei para você. Foi há três meses."

"Por que desde o início vocês se encontravam no apartamento dela?"

"Ela gostava de ficar em casa. É muito organizada, obcecada com arrumação e limpeza."

"Ela achava que seu apartamento podia ser sujo?"

"Ela achava que a maioria dos lugares podia ser sujo."

"Era obsessivo-compulsiva? Tinha fobia de germes?"

"Quando a gente saía, ela queria que tomássemos banho após chegar ao apartamento. No início achei que fosse uma coisa sexual e gostei. Achei que era para tomar banho com ela. Mas aí vi que era por causa da limpeza. Eu tinha que ser muito limpo. Tinha cabelo comprido, mas Terri me fez cortar porque é mais fácil manter o cabelo curto limpo. Ela disse que cabelo juntava sujeira e bactérias. Eu levava numa boa, mas dizia que sempre ia ter cabelo num lugar. Ninguém ia se meter com meus pelos lá embaixo.

"Onde você fazia a remoção dos pelos?"

"Com uma dermatologista da rua 79 Leste. Remoção a laser. E outros processos dolorosos que nunca mais vou me incomodar em fazer."

"E Terri? Ela se consultava com a mesma dermatologista?"

“Foi ela que me indicou. Doutora Elizabeth Stuart. Ela tem muitos clientes e é muito respeitada. Terri se consulta com ela há anos.”

Scarpetta anotou o nome da dra. Stuart e perguntou se havia outros médicos com quem Terri se consultava. Oscar disse que não sabia ou não se lembrava, mas tinha certeza de que esse tipo de informação estaria guardada em algum lugar do apartamento de Terri. Ela era impecavelmente organizada, ele disse.

“Nunca jogava fora nada que pudesse ser importante, mas tudo tinha seu lugar certo. Se eu deixava minha camisa numa cadeira, ela pendurava no armário. Eu mal acabava de comer e os pratos já estavam na lava-louças. Odiava coisas amontoadas. Odiava coisas fora do lugar. Sua carteira, sua capa de chuva, suas botas de neve, fosse o que fosse, ela guardava mesmo que estivesse planejando usar dali a cinco minutos. Sei que isso não é normal.”

“O cabelo dela era curto que nem o seu?”

“Sempre esqueço que você nunca chegou a vê-la.”

“Lamento, mas não.”

“Ela não cortava o cabelo curto, mas mantinha-o muito limpo. Se fosse a qualquer lugar, no minuto em que voltasse tomava uma chuveirada e lavava o cabelo. Nunca tomava banho de banheira. Pois você fica imerso em água suja. É o que ela dizia o tempo todo. Usava a toalha uma vez e depois colocava na máquina de lavar. Sei que não é normal. Falei que ela devia conversar com alguém sobre sua ansiedade, que ela era obsessivo-compulsiva, não muito, mas que apresentava alguns sintomas. Ela não lavava as mãos cem vezes por dia, pulava as divisórias da calçada ou se recusava a comer na rua. Nada assim tão grave.”

“E quando vocês faziam sexo? Tomavam alguma precaução extra por causa da mania de limpeza dela?”

“Eu só preciso estar limpo. Tomávamos banho depois, lavávamos o cabelo um do outro, e em geral transávamos de novo no chuveiro. Ela gostava de transar no chuveiro. Chamava isso de *sexo limpo*. Eu queria encontrar com ela mais de uma vez por semana. Mas era só isso. Uma vez por semana. Sempre no mesmo dia, exatamente no mesmo horário. Provavelmente por ela ser tão organizada. Sábado às cinco. A gente jantava e fazia amor. Às vezes, fazíamos amor assim que eu chegava. Eu não dormia lá. Terri gostava de acordar sozinha e começar a trabalhar. Meu dna está espalhado pela casa toda.”

“Mas você não fez sexo com ela ontem à noite.”

“Você já me perguntou isso!”

Oscar cerrou os punhos e as veias de seus braços musculosos saltaram.

“Como poderia ter feito sexo com ela?!”

“Só estou me certificando. Você entende por que tenho que perguntar.”

“Sempre uso camisinha. Elas estão dentro da gaveta que fica do lado da cama

dela. E minha saliva está em Terri."

"E isso porque..."

"Porque eu a abracei. Tentei fazer respiração boca a boca. Quando vi que estava morta, beijei seu rosto. Eu a toquei. Abracei. Meu dna está nela."

"Isso e isso." Scarpetta tocou manchas roxas no esterno de Oscar. "Foi quando ele bateu em você com a lanterna?"

"Algumas delas. Talvez algumas sejam de quando caí no chão. Eu não sei."

Manchas roxas mudam de cor com o tempo. Elas podem indicar o formato do objeto que as causou. As manchas de Oscar eram roxo-avermelhadas. Havia duas em seu peito e uma na coxa esquerda, todas com cerca de dois dedos de largura e um pouco curvadas. O máximo que Scarpetta podia afirmar era que elas eram compatíveis com a circunferência de uma lanterna e que ele fora atingido com o que parecia ser força moderada mais ou menos na mesma hora em que sofrera os outros ferimentos.

A médica-legista tirou fotos bem de perto, consciente de como seria fácil para Oscar estrangulá-la com seu antebraço. Ela não conseguiria gritar. Estaria morta em minutos.

Scarpetta sentiu o calor do corpo de Oscar e o cheiro dele. Então o ar entre eles ficou frio de novo, quando ela se afastou e voltou para o balcão, começando a listar os ferimentos e fazer outras anotações enquanto ele observava suas costas. Scarpetta sentiu os olhos de cores diferentes de Oscar, mas dessa vez eles não estavam tão quentes. Pareciam gotas de água fria. Sua devoção, sua idealização, estava começando a arrefecer. Para Oscar, Scarpetta não era uma figura grandiosa na cnn. Era uma mulher, uma pessoa de verdade que estava desapontando-o, traindo-o. Era isso que acontecia quando alguém idolatrava outra pessoa, quase sem exceção, pois nunca a idolatria fora de fato causada por seu objeto.

"Nada está melhor do que era há milhares de anos", disse Oscar para as costas dela. "As brigas, a crueldade, as mentiras e o ódio. As pessoas não mudam."

"Se você acredita mesmo nisso, por que quis estudar psicologia?", perguntou Scarpetta.

"Se você quer descobrir de onde vem o mal, tem que ir atrás dele", ele respondeu. "Acabou numa facada? Acabou na cabeça decapitada de alguém que estava pedindo carona? Acabou em discriminação? Que parte do nosso cérebro permanece primitiva num mundo onde a agressão violenta e o ódio são contraproducentes à sobrevivência? Por que a gente não pode destruir essa parte do nosso código genético do mesmo jeito que destruímos genes em ratos de laboratório? Sei o que seu marido está fazendo."

Oscar falou depressa e rispidamente enquanto ela pegava uma arma extrusora de molde de silicone e um cartucho de refil de polivinilsiloxano de sua maleta de cena

do crime.

"A pesquisa que ele está fazendo sobre esse tipo de coisa. No hospital de Harvard, o McLean. Usando ressonância magnética. Ressonância magnética funcional. Estamos chegando um pouco mais perto de entender? Ou vamos simplesmente continuar a atormentar, torturar, estuprar, matar, guerrear, cometer genocídio e decidir que algumas pessoas não merecem os direitos humanos mais básicos?"

Colocando o cartucho no lugar, Scarpetta removeu a tampa cor-de-rosa e apertou o gatilho, espremendo a base branca e o catalisador transparente sobre uma toalha de papel até que ambos estivessem fluindo bem. Ela prendeu a ponta misturadora e voltou à mesa de exame, explicando que ia usar um composto de silicone nas pontas dos dedos e nos ferimentos de Oscar.

"Este material é muito bom para tirar impressões elásticas de superfícies ásperas ou lisas, como suas unhas ou até as pontas dos seus dedos, onde ficam as impressões digitais", ela disse. "Não há efeitos colaterais prejudiciais, e sua pele não deve ter qualquer reação a ele. Os arranhões e marcas de unha estão com casca de ferida e isso não deve irritá-los, mas, se a qualquer momento você quiser que eu pare, é só falar. Quero confirmar que tenho seu consentimento para fazer isso."

"Tem."

Oscar ficou imóvel enquanto ela tocava suas mãos, tomando cuidado com seu polegar machucado.

"Vou limpar seus dedos e seus ferimentos muito devagar com álcool isopropílico", ela disse. "Para que suas secreções corporais não interfiram no processo de cura. Não deve doer. No máximo, vai arder um pouco. Diga se quiser que eu pare."

Ele ficou em silêncio, observando-a limpar suas mãos, um dedo de cada vez.

"Estou tentando entender por que você saberia da pesquisa do doutor Wesley no McLean", disse Scarpetta. "Já que ela ainda não foi publicada nem nada. Mas sei que o recrutamento de cobaias já vem acontecendo há algum tempo e que foi muito bem divulgado e anunciado. Suponho que tenha sido assim?"

"Não importa", disse Oscar, olhando para as próprias mãos. "Nada muda. As pessoas sabem por que odeiam, e isso não muda nada. Vocês não vão mudar os sentimentos. Nem toda a ciência do mundo vai fazer isso."

"Discordo", ela disse. "Nossa tendência é odiar quando sentimos medo. E odiamos menos quando sentimos menos medo."

Scarpetta cobriu as pontas dos dedos de Oscar com o composto de silicone sem cheiro, e a arma extrusora fez um clique a cada vez que ela apertou o gatilho.

"Espero que, quanto mais informações tivermos, menos sintamos medo e menos sintamos ódio. Estou cobrindo cada dedo até o primeiro nó. Quando o composto estiver seco, vai sair facilmente que nem aquelas coberturas de borracha que as

pessoas colocam nas pontas dos dedos para contar dinheiro. Esse material é excelente para avaliação microscópica."

Ela usou uma espátula de madeira para espalhar e alisar o material. Quando finalmente terminou de cobrir os múltiplos arranhões e marcas de unha que havia em Oscar, o composto das pontas dos dedos começara a secar. Era interessante que ele não tivesse perguntado por que ela queria tirar impressões das pontas de seus dedos, principalmente de suas unhas, e também dos arranhões e marcas de unha que ele alegara terem sido causados por um estranho que o atacara. Oscar não perguntou porque provavelmente sabia. Scarpetta não precisava tanto daquelas impressões para estudo microscópico quanto para que ele a visse tirando-as.

"Pronto. Se você puder erguer as mãos", ela pediu.

Scarpetta olhou nos olhos dele, um verde, outro azul.

"Está frio aqui. Acho que deve estar vinte graus. Deve endurecer em uns quatro minutos. Vou colocar sua camisola de novo para você ficar mais confortável."

Ela sentiu o cheiro pungente de suor vindo do medo e do confinamento. Sentiu o cheiro de dentes que não haviam sido escovados e um leve odor de água de colônia. Scarpetta se perguntou se um homem se incomodaria em passar água-de-colônia caso sua intenção fosse assassinar a namorada.

11

Lucy pendurou sua jaqueta de couro no cabideiro e, sem esperar convite, colocou uma cadeira ao lado da cadeira de Berger e abriu seu MacBook Air.

"Com licença", disse Berger, "estou acostumada a ver pessoas sentadas do outro lado da mesa."

"Preciso mostrar uma coisa para você", disse Lucy. "Você parece bem. Está igual."

Ela avaliou abertamente a aparência de Berger.

"Não, estou errada", decidiu Lucy. "Está mais bonita, acho que mais bonita até que da primeira vez em que a gente se conheceu há anos, quando havia dois prédios a mais a alguns quarteirões daqui. Quando estou no helicóptero e os prédios de Nova York surgem no horizonte, ainda parece que a cidade está sem os dois dentes da frente. Aí sigo o Hudson a uns duzentos e cinquenta metros de altura, passo pelo Marco Zero, e ainda tem um buraco ali."

"Não tem graça nenhuma", disse Berger.

"Eu definitivamente não estou achando graça. Só queria que mudasse. Você sabe como é. Para eu parar de achar que os malvados ganharam, entendeu?"

Berger não conseguia se lembrar de ter visto Lucy usando outra coisa além de roupa camuflada, e os jeans apertados e puídos e a camiseta preta que ela vestia agora não esconderiam nenhum tipo de arma. A roupa de Lucy não escondia nada, muito menos o fato de que ela tinha dinheiro. Seu enorme cinto era de couro de crocodilo com uma fivela Winston em forma de tigre-dentes-de-sabre esculpida à mão e feita de metais e pedras preciosos, e a corrente grossa que ela usava pendurada no pescoço e seu pingente de turquesa em forma de caveira eram Winston também, considerados objeto de arte e caros como tal. Lucy era extraordinariamente forte e saudável, e seu cabelo cor de mogno com tons de ouro tinha sido cortado bem curto. Ela poderia ser um belo modelo masculino, se não fosse pelos seios.

Berger disse: "Os laptops de Terri Bridges".

Ela apontou na direção de uma mesa perto da porta fechada, para o pacote embrulhado em papel pardo e bem fechado com a fita vermelha usada nas provas de um caso.

Lucy olhou para o pacote como se sua presença não pudesse ser mais óbvia.

"Imagino que você tenha um mandado de busca", ela disse. "Alguém já viu o que tinha nos discos rígidos?"

"Não. São todos seus."

“Quando eu descobrir que contas de e-mail ela tinha, vamos precisar de acesso legal a elas. Rápido. E provavelmente a outras também, dependendo de com quem ela estava envolvida — além do namorado do Bellevue.”

“É claro.”

“Depois que eu localizar o provedor e verificar seu histórico, vou precisar de senhas.”

“Você pode não acreditar, mas conheço o procedimento.”

“A não ser que você queira que eu consiga tudo hackeando o computador dela.” Lucy começou a digitar.

“Vamos evitar usar esse verbo, por favor. Aliás, nunca ouvi você usá-lo antes.”

Lucy deu um leve sorriso enquanto seus dedos ágeis se moviam sobre o teclado. Ela iniciou uma apresentação do PowerPoint.

Conectnova — A solução em redes neurais

“Ah, meu Deus, você não vai fazer isso”, disse Berger. “Você tem alguma ideia de quantas coisas assim eu vejo?”

“Você nunca viu isso aqui.” Lucy apertou uma tecla. “Já ouviu falar de neurociência computacional? Da tecnologia baseada nas redes neurais? São conexões que processam informação de uma forma muito parecida com a do cérebro.”

O dedo indicador de Lucy, onde havia um enorme anel de prata, fez *tap-tap*. Ela usava um relógio cuja marca Berger não reconheceu, mas que parecia ser do Exército, com visor negro, números luminosos e pulseira de borracha.

Lucy pegou Berger olhando para ele e disse: “Talvez você já tenha ouvido falar de tecnologia de iluminação. Trítio gasoso, um isótopo radioativo que se decompõe e faz com que os números e outras partes do relógio fiquem iluminados, para ficarem fáceis de ler no escuro? Comprei para mim. Você se deu esse Blancpain? Ou foi presente de alguém?”.

“Foi um presente de mim para mim mesma. Um lembrete de que o tempo é precioso.”

“E o meu é um lembrete de que devemos utilizar aquilo que os outros temem, pois ninguém teme algo que não tenha poder.”

“Não me sinto impelida a provar um argumento usando um relógio radioativo.”

“Um total de, no máximo, vinte e cinco milicuries, ou uma absorção de cerca de zero ponto um microsievert ao longo de um ano. A mesma coisa que a gente absorve com radiação normal. Em outras palavras, é inofensivo. É um bom exemplo de como as pessoas fogem de algo por ignorância.”

“Sou xingada de muita coisa, mas nunca de ignorante”, disse Berger. “Precisamos começar a mexer nos laptops.”

“O sistema artificial que desenvolvi — estou desenvolvendo, na verdade”, disse

Lucy, “porque as possibilidades são infinitas e, quando se está falando no infinito, é preciso se perguntar se através de sua própria natureza ele transforma o que é artificial em real. Porque, para mim, artificial é finito. Por isso, para mim, a conclusão é que o infinito não vai mais ser artificial.”

“A gente precisa começar a mexer nos laptops da mulher que morreu”, disse Berger.

“Você precisa entender o que estamos fazendo”, respondeu Lucy.

Os olhos verdes dela se voltaram para Berger.

“Pois vai ser você que vai explicar tudo no tribunal, não eu”, ela acrescentou.

Ela começou a passar os slides do PowerPoint. Berger não a interrompeu dessa vez.

“Mente molhada, outro jargão que você não conhece”, disse Lucy. “A forma como nosso cérebro reconhece vozes, rostos e objetos e os orienta para um contexto que seja significativo, revelador, instrutivo, profético, e dá para ver que você não está olhando para nada disso nem está ouvindo o que estou dizendo.”

Ela tirou as mãos do teclado e analisou Berger como se ela fosse uma pergunta a ser respondida.

“O que eu quero de você é bem simples”, disse Berger. “Examine o e-mail, todos os arquivos de todos os tipos, recupere tudo o que foi deletado, reconheça qualquer repetição que possa nos dar o mínimo detalhe sobre quem, o que, quando, onde. Se ela foi assassinada por alguém que conhecia, é provável que haja algo sobre essa pessoa aí dentro.” Berger indicou as provas empacotadas na mesa ao lado da porta. “Mesmo se Terri Bridges tiver sido morta por um estranho, pode ser que haja algo que ela tenha mencionado em algum lugar que nos dê uma indicação de onde essa pessoa a conheceu, ou de onde ela conheceu essa pessoa. Você sabe como a coisa funciona. Tem mais anos de investigadora que a própria idade.”

“Não exatamente.”

Berger se levantou.

“Vou confirmar que você recebeu isso”, ela disse. “Como veio para cá?”

“Como você não tem heliponto, vim de táxi.”

Lucy havia fechado a porta do escritório ao entrar. E agora elas estavam de pé diante dela.

“Imaginei que um dos seus guardas me daria uma carona até o Village e me acompanharia escada acima, até meu escritório”, disse Lucy. “E vou assinar toda a papelada necessária. Pró-forma, mantendo a cadeia de custódia da prova. Todas essas coisas que aprendi no cursinho dos guardiões da lei.”

“Eu cuido disso.”

Berger deu o telefonema.

Ao desligar, ela disse para Lucy: “Temos uma última coisa para discutir”.

Lucy se apoiou na porta com as mãos nos bolsos do jeans e disse: “Deixe-me adivinhar. A coluna de fofocas. Uma programação amadora, aliás. Você acredita na regra dourada? Tudo que vai, volta?”.

“Não estou falando especificamente do *Quem Ver na Metrópole*”, disse Berger. “Mas ele faz surgir uma questão importante que preciso contar para você. Marino trabalha para mim. Acredito que você consiga lidar com essa situação.”

Lucy vestiu sua jaqueta.

“Preciso que você me assegure de que vai fazer isso”, disse Berger.

“Só está me contando isso agora?”

“Até o início da tarde de hoje, eu não sabia que havia um motivo para ter essa conversa com você. Quando soube, nós já tínhamos combinado de nos encontrar. Essa é a cronologia dos acontecimentos. É por isso que estou mencionando isso agora.”

“Bom, espero que você verifique o histórico de seus outros empregados melhor do que verificou o dele”, disse Lucy.

“Esse é um tópico que você deve discutir com Benton, já que foi ele quem indicou Marino para mim no verão passado. Só descobri o verdadeiro motivo de Marino ter se mudado de Charleston quando li a coluna hoje. Vou reiterar o que importa agora, Lucy. Você tem que lidar com isso.”

“Fácil. Não tenho nenhuma intenção de ter qualquer contato com ele.”

“Isso não é uma escolha sua”, disse Berger. “Se quiser trabalhar comigo, vai ter que lidar com isso. Ele tem prioridade sobre você porque...”

“Bom saber sua definição de justiça”, interrompeu Lucy. “Já que não fui eu quem atacou criminalmente outra pessoa e depois consegui um emprego graças a uma mentira.”

“Isso não é legal nem literalmente verdade, e não quero discutir o assunto. O fato é que ele está envolvido na investigação e não posso removê-lo sem repercussões. O fato é que não o quero fora desse caso por diversos motivos, sendo que um importante é que ele já tem um histórico com o caso, porque recebeu uma queixa do namorado da vítima há um mês. Não vou me livrar de Marino por sua causa. Existem outros especialistas em computação forense. Fui clara?”

“Não tem mais ninguém que sabe fazer o que eu faço. Fui clara? Mas prefiro terminar isso antes de começar. Se for o que você quer.”

“Não é o que eu quero.”

“Ele sabe que minha tia está em Nova York?”

“Para usar seus termos de aviador, parece que sou uma controladora de tráfego aéreo no momento”, disse Berger. “Estou fazendo o melhor que posso para manter todo mundo seguindo em frente sem colidir. Meu objetivo são aterrissagens estratégicas e suaves.”

“Isso quer dizer que ele sabe que ela está aqui.”

“Não foi isso que eu quis dizer. Não conversei com ele sobre isso, mas isso não quer dizer que outros não tenham conversado. Principalmente agora que ele virou manchete de repente. Pelo menos na internet. Talvez já saiba há muito tempo que Kay sempre vem a Nova York, mas, devido ao passado problemático dos dois, não me surpreende que jamais tenha tocado no nome dela comigo.”

“E você nunca falou dela com ele?” Os olhos de Lucy estavam enegrecidos de raiva. “Tipo, como está Kay? Ela gosta de trabalhar para a cnn? Como está a vida de casada? Puxa, eu devia marcar um café com ela uma dessas vezes que ela estiver por aqui.”

“Marino e eu não jogamos conversa fora. Nunca tive a intenção de ser a nova Scarpetta dele. Não sou Batman, e não preciso de um Robin. Sem querer insultar Kay.”

“Sorte sua, agora que você sabe o que Robin fez com Batman.”

“Não tenho certeza absoluta do que aconteceu”, disse Berger no momento em que seu telefone tocou. “Acho que seu carro está aqui.”

Scarpetta retirou delicadamente o silicone endurecido e colocou-o em sacolas plásticas feitas para guardar provas. Ela abriu um armário, encontrou lenços antissépticos e unguento antibactéria e então desamarrou a camisola de Oscar e baixou-a novamente até a altura da cintura.

“Você tem certeza de que foi uma daquelas algemas de plástico?”, ela perguntou.

“Você vê isso na tv”, disse Oscar. “A polícia, o Exército, eles usam isso para amarrar as pessoas como se fossem sacos de lixo.”

“Isso não deve doer.”

Oscar não se moveu quando Scarpetta começou a limpar seus ferimentos de novo e a aplicar devagar o unguento.

“Eles não tinham o direito de tocá-la”, ele disse. “Eu já estava segurando-a, então que diferença ia fazer se fosse eu a erguê-la e colocá-la em cima da cama? Em vez disso, aqueles babacas ficaram encostando nela. Eles tiraram a toalha dela. Eu vi. Quando eles estavam me obrigando a sair do banheiro. Tiraram a toalha dela. Por quê? Você sabe por quê. Porque queriam ver como ela era.”

“Eles estavam procurando provas. Ferimentos.”

Ela ergueu cuidadosamente a camisola dele e amarrou-a atrás.

“Eles não precisavam ter tirado a toalha”, ele disse. “Eu disse a eles que não havia nenhum sangue, exceto nos arranhões das pernas dela. Parecia que ele tinha batido nela com alguma coisa. Talvez uma tábua de madeira. Não sei onde ele arrumou uma tábua. Ou onde eles arrumaram. Não vi nada que pudesse ter causado

aqueles arranhões nas pernas dela. O rosto dela estava vermelho-escuro. Havia uma linha em volta do pescoço. Como se ele a tivesse estrangulado com uma corda ou qualquer coisa parecida. Seja lá o que for, não estava mais no pescoço dela. A polícia não precisava ter tirado a toalha para ver isso, para ver se o coração dela estava batendo, para olhar seus pulsos. Dava para ver que ela estava morta só de olhar para ela. Estou com frio. Tem um cobertor aqui dentro?"

Sem conseguir achar um, Scarpetta tirou o jaleco e colocou-o sobre os ombros de Oscar. Ele estava tremendo. Seus dentes batiam.

"Fiquei sentado no chão ao lado dela, fazendo carinho em seu cabelo, seu rosto, conversando com ela", ele disse. "Liguei para a emergência. Lembro-me do som de passos. Coturnos pretos e calças escuras entrando pela porta. Eu tinha coberto Terri com a toalha e estava abraçado a ela."

Ele olhou para a parede.

"Ouvi vozes mandando eu me afastar dela. Eles me agarraram. Comecei a gritar que não ia sair dali. Mas eles me obrigaram. Não me deixaram vê-la nem mais uma vez. Eu jamais a vi de novo. A família dela mora no Arizona, e é para lá que ela vai, então nunca mais vou vê-la de novo."

"Você disse que sua faculdade on-line é sediada no Arizona."

"O pai dela é o reitor", disse Oscar para a parede. "É por isso que ela acabou estudando lá. Eles chamam de Faculdade Metrópole, como se fosse aqui em Nova York, mas na verdade não é em lugar nenhum, só que tem um prédio em Scottsdale, provavelmente porque é um lugar legal de se morar, muito mais barato que aqui. Os pais dela têm uma casa bem grande perto da montanha Camelback. Nunca fomos a Scottsdale juntos, porque a próxima reunião é só em março. Ela não é do corpo docente, mas ia comigo... Bem, ela ia pegar um avião hoje de manhã, para passar alguns dias lá."

"Quando você esteve no apartamento ontem à noite, viu as malas dela? Ela já havia feito as malas?"

"Terri não deixa nada fora do armário, a não ser que vá usar logo em seguida. E ela sabe que eu fico chateado ao ver sua mala se não estiver indo viajar com ela. Teria estragado nossa noite."

"Você foi convidado para ir a Scottsdale com ela?"

"Ela queria uma oportunidade de falar de mim para os pais antes."

"Depois de três meses eles ainda não sabiam que vocês estavam namorando?"

"Eles são muito protetores com ela. Controladores de uma maneira sufocante." Ele continuou virado para a parede, como se estivesse falando com ela. "Ela não queria falar nada para eles até ter certeza. Eu disse que não era à toa que ela é obsessivo-compulsiva. É por causa deles."

"Ela precisava ter certeza de quê?"

“De mim. De que o namoro era sério. Fiquei mais apaixonado por ela que ela por mim.”

Oscar continuava misturando os tempos verbais, como as pessoas muitas vezes fazem quando alguém que amam acabou de morrer.

“Eu soube o que queria logo de cara. Mas os pais dela... Bom, se a gente não desse certo, ela não queria ter que explicar. Sempre teve medo deles, medo de que não fossem gostar. O fato de Terri finalmente ter tido coragem de sair de casa mostra bem quem ela é. Eles têm outros dois filhos que não sofrem de nanismo, fizeram faculdade e fazem o que querem. Mas Terri, não. Ela é a mais inteligente da família. Uma das pessoas mais inteligentes que conheço. Mas ela, não. Eles a mantiveram em casa até os vinte e cinco anos, até ela não aguentar mais, porque queria ser alguma coisa da vida. Terri teve uma briga com eles e saiu de casa.”

“Como ela tinha dinheiro para morar em Nova York?”

“Isso foi antes de a gente se conhecer. Mas ela disse que tinha dinheiro guardado e que eles continuaram a ajudar um pouco, não muito, mas um pouco. Aí ela fez as pazes com eles, e eu acho que vieram visitá-la uma vez e não gostaram do lugar onde ela morava. Eles aumentaram o dinheiro que davam para ela, e ela se mudou para o apartamento onde mora agora. Foi isso que ela me falou. Preciso admitir que pelo menos apoio financeiro deram a ela.”

O rosto de Oscar ficou muito vermelho de raiva, e seu cabelo curto e louro pareceu brilhar como metal.

“Com pessoas assim, nada é de mão beijada”, ele disse então. “Suspeito que tenham começado a controlá-la a distância. O transtorno obsessivo-compulsivo dela foi piorando diante dos meus olhos. Comecei a notar um tom cada vez mais ansioso nos e-mails. Mesmo antes de a gente se conhecer. E, nos últimos meses, foi ficando cada vez pior. Não sei por quê. Ela não consegue evitar. Preciso vê-la. Por favor, me deixe vê-la. Preciso me despedir! Odeio a polícia. Eles que se fodam.”

Oscar enxugou os olhos com as mãos algemadas.

“Por que eles tinham que ser tão frios? Gritando comigo, me empurrando. E falando naqueles rádios deles. Não entendi nada que estava acontecendo. Odeio aquele detetive...”

“O mesmo que você convidou a revistar seu apartamento?”

“Não fui eu que escolhi quem ia fazer isso! Ele estava gritando, me mandando olhar para ele enquanto falava comigo, e eu tentei explicar que não podia escutar se olhasse para ele. Ele ficou me perguntando coisas ali na sala, exigindo respostas. Olhe para mim, olhe para mim! Eu estava tentando ajudar, no início. Disse que alguém devia ter ido até a porta e tocado a campainha, e ela devia ter achado que era eu. Talvez tivesse achado que eu havia chegado mais cedo e esquecera as chaves. Tinha que haver um motivo para ela achar que era seguro deixar a pessoa

entrar.”

“Você me disse várias vezes que Terri era muito ansiosa. Ela era mais cautelosa que o normal?”

“A gente mora em Nova York, onde as pessoas não saem abrindo as portas, e ela sempre foi incrivelmente cautelosa. Pessoas do nosso tamanho são cautelosas. Esse é um dos motivos de os pais dela serem tão protetores, de praticamente terem mantido Terri trancada em casa quando era criança. Ela não teria aberto a porta se não houvesse se sentido segura.”

“O que você acha que isso significa, então? Como foi que o intruso entrou, e você tem alguma ideia de por que alguém machucaria Terri?”

“Eles têm os motivos deles”, Oscar disse.

“Quando você estava no apartamento dela, notou algum sinal de roubo? Será que foi um motivo para o que aconteceu?”

“Não dei pela falta de nada. Mas não prestei atenção.”

“E quanto a joias? Ela tinha algum anel, um colar, alguma coisa que não estivesse lá?”

“Eu não queria ir para longe dela. Eles não tinham o direito de me mandar para longe, de me fazer ficar sentado no carro daquele detetive como se eu fosse um assassino. Ele tem mais cara de assassino que eu, com aquelas roupas de bandido e aquele cabelo trançado. Eu me recusei a falar com eles.”

“Você acabou de dizer que falou. Quando estava dentro do apartamento.”

“Eles já chegaram tirando conclusões. Odeio a polícia. Sempre odiei. Passeando com as patrulhas, falando, rindo, olhando. Alguém arranhou meu carro com uma chave e quebrou todas as janelas. Eu tinha dezesseis anos. E esse policial disse: ‘Então estamos com um *pequeno* problema?’. Sentou no meu carro, colocou os pés nos pedais com extensão e ficou com um joelho de cada lado do volante, enquanto o outro policial ria. Eles que se fodam.”

“E quanto às outras pessoas? Elas maltratavam você, caçoavam de você?”

“Nasci numa cidade pequena, onde todo mundo me conhecia. Eu tinha amigos. Praticava luta greco-romana na escola e tirava boas notas. Fui presidente do grêmio quando estava no último ano. Sou realista. Não corro riscos idiotas. Gosto das pessoas. A maioria é legal.”

“Mas você escolheu uma carreira onde pode evitá-las.”

“Já foi previsto que, no futuro, a maioria dos alunos vai fazer faculdade on-line. A polícia acha que todo mundo tem culpa de alguma coisa. Se você for diferente ou tiver alguma espécie de deficiência física. Tinha um menino com síndrome de Down que morava do outro lado da minha rua. A polícia sempre suspeitava que ele tinha feito alguma coisa, sempre achava que ele ia estuprar todas as meninas do bairro.”

Scarpetta começou a colocar as coisas dentro da maleta. Ela já tinha terminado.

Comparar os moldes de silicone que fizera das unhas de Oscar e os arranhões e marcas de unha, e analisar as medidas e as fotografias só ia corroborar o que já deduzira. Oscar sabia disso, tinha que saber, e ela queria que ele soubesse.

Ela disse: "Você compreende o que ficou visível em todos esses moldes que eu tirei hoje, não compreende, Oscar? Os moldes de silicone das suas unhas e dos seus ferimentos. As fotografias e as medidas exatas".

Oscar ficou olhando para a parede.

Scarpetta continuou a blefar de leve. "Vamos poder analisar esses moldes com o microscópio."

"Eu sei o que vocês podem fazer", ele disse. "Sei por que você fez o molde de silicone. Sim, sei que agora você vai examiná-los com um microscópio."

"Vou deixar que os laboratórios da polícia façam isso. Não preciso fazer eu mesma. Acho que já tenho a informação de que preciso", ela disse. "Foi você mesmo que fez isso, Oscar? Os arranhões, as manchas roxas? Eles estão todos ao seu alcance. Todos no ângulo que estariam se tivessem sido causados por você mesmo."

Ele não disse nada.

"Se você tem mesmo essa ideia mística de que eu consigo desvendar o crime perfeito, havia um pingo de dúvida na sua cabeça de que eu ia conseguir descobrir que você causou esses ferimentos?"

Nada. Olhando para a parede.

"Por quê?", ela perguntou. "Era sua intenção que eu viesse até aqui e determinasse que você mesmo fez isso?"

"Você não pode contar para ninguém. Não pode contar para seu marido. Não pode contar para o detetive Morales. Não pode contar para Berger ou para aquele filho da mãe da promotoria que não acreditou em mim no mês passado."

"Nas circunstâncias atuais, tudo o que aconteceu aqui dentro é confidencial. Mas isso pode mudar", ela relembrou.

"Era o único jeito de conseguir falar com você. Eu tinha que estar machucado."

"E o homem que atacou você, que estava na porta do apartamento dela?"

"Não tinha ninguém. Cheguei lá e as luzes estavam apagadas. A porta dela não estava trancada. Corri para dentro, gritando o nome dela. E achei-a no banheiro. A luz estava acesa, como se a intenção dele fosse me chocar. Não dá para ver a luz de onde eu tinha estacionado, porque o banheiro é nos fundos. Tirei as algemas de plástico com uma tesoura que tinha na cozinha. Foi aí que cortei o dedo. Foi só um corte pequeno, não sei bem como aconteceu, mas fui pegar a faca e o cepo caiu, e uma deve ter me pegado, então enrolei uma toalha de papel no dedão, corri para o carro e atirei o casaco lá dentro. Fiquei sentado no chão do banheiro com ela, e rasguei minha camisa e fiz os ferimentos. Tem sangue na minha camisa. Liguei para

a polícia.”

“E a lanterna? Você se bateu com ela?”

“Achei na gaveta da cozinha. Passei um pano nela e deixei no chão da sala. Perto da porta.”

“Por que você se incomodou em limpar a lanterna se suas impressões digitais e seu dna estão espalhados por todo o apartamento dela e por todo o corpo dela?”

“Para poder dizer à polícia que o intruso estava usando luvas. Isso confirmaria minha história. Luvas de couro, eu falei.”

“E a tesoura da cozinha? O que você fez com ela depois de cortar a algema de plástico?”

Oscar contorceu o rosto, e Scarpetta quase pôde vê-lo recriando aquela cena. Ele começou a ficar ofegante, oscilando para a frente e para trás.

A voz dele tremeu e ele disse: “As mãos dela estavam com uma cor horrível, um vermelho-escuro, meio azulado. As unhas estavam azuis. Esfreguei os pulsos e as mãos dela para fazer a circulação voltar. Esfreguei também para ver se fazia sumir os sulcos, aqueles sulcos fundos”.

“Você lembra o que fez com a tesoura?”

“Aquela algema estava tão apertada. Com certeza machucou. Eu deixei a tesoura no chão do banheiro.”

“Quando você decidiu se machucar por saber, como você acabou de dizer, que essa era a única forma de me trazer até aqui?”

“Eu estava no chão do banheiro com ela. Sabia que ia levar a culpa. Sabia que, se entrasse em contato com seu marido, ia conseguir entrar em contato com você. Eu tinha que entrar em contato com você. Confio em você, e você era a única que se importava com ela.”

“Eu não a conhecia.”

“Não minta para mim!”, ele gritou.

12

Megera voltara a beber Maker's Mark, a mesma coisa que o Patrão bebia. Ela se serviu de um copo cheio, com gelo, do mesmo jeito que ele fazia.

Ela pegou o controle remoto da tv Samsung de tela plana de quarenta polegadas, igual o Patrão costumava fazer, de acordo com as colunas, mas aparentemente não fazia mais. Se o que Megera lia fosse verdade, o Patrão comprara uma nova tv Samsung de plasma de cinquenta e oito polegadas. A não ser que isso fosse só mais uma publicidade paga de um produto. Era difícil saber o que era verdade e o que era inventado por dinheiro, pois a parte financeira do *Quem Ver na Metrópole* era tão oculta de Megera quanto todo o resto.

Terroristas, ela pensou.

E se fosse para lá que o dinheiro ia? Talvez terroristas tivessem matado sua vizinha, tivessem se confundido de prédio, e na verdade estivessem atrás de Megera porque adivinharam que ela estava descobrindo tudo? E se agentes do governo à caça de terroristas tivessem rastreado o site até Megera e se enganado de apartamento? Seria fácil de acontecer. Os apartamentos de Megera e de Terri ficavam bem em frente um ao outro, só que o de Megera era um andar para cima. Governos matavam pessoas o tempo todo, e Marilyn Monroe provavelmente fora uma delas, porque sabia demais.

Talvez Megera soubesse demais, ou talvez as pessoas erradas achassem que ela sabia. Ela estava entrando em tal estado de pânico que apanhou o cartão que o investigador Pete Marino deixara ali. Ficou bebendo bourbon e segurando o cartão, e quase chegou a ligar para ele. Mas o que diria? Além disso, Megera não sabia bem o que achava dele. Se o que o Patrão escrevera sobre Marino fosse verdade, então ele era um estuprador que não fora punido pelo que fizera, e a última coisa que Megera precisava ter em seu apartamento agora era um maníaco sexual.

Megera colocou uma cadeira diante da porta, enfiando seu espaldar sob a maçaneta, como já tinha visto fazerem nos filmes. Ela se certificou de que todas as janelas estavam fechadas e de que não havia ninguém na escada de incêndio. Leu o guia de programação para ver se encontrava uma boa comédia, mas não achou, e então colocou seu dvd preferido de Kathy Griffin.

Megera se sentou diante do computador, bebeu seu bourbon com gelo e usou sua senha para entrar na programação do site, ou para colocar seu capuz de bandido, como às vezes achava que estava fazendo.

Ela ficou pasma com o que descobriu, sem ter certeza se acreditava.

A foto de Marilyn Monroe e a história sensacional que Megera escrevera para acompanhá-la já haviam sido vistas mais de seiscentas mil vezes. Em menos de uma hora. Megera se lembrou do vídeo de Saddam Hussein sendo zombado e enforcado, mas não. Ele não fora visto nem um terço daquele número de vezes na primeira hora após ser postado. A perplexidade dela se transformou em orgulho, apesar de também estar um pouco apavorada. O que o Patrão faria?

Megera justificaria sua desobediência civil e literária argumentando que, se não tivesse escrito a história sobre o assassinato de Marilyn, o mundo jamais saberia a verdade. Era a coisa certa e moral a fazer. Além disso, o Patrão nunca postava furos, então por que se importaria se Megera o fizesse? Ele não estava particularmente preocupado em furar nada a não ser os corações e espíritos de quem quer que estivesse no seu radar.

Megera saiu do site e começou a surfar pelos canais de televisão, certa de que algum já estaria falando de sua espantosa revelação. Ela esperou ver a dra. Scarpetta na cnn falando sobre o assunto com Anderson Cooper, Wolf Blitzer ou Kitty Pilgrim. Mas não havia sinal da famosa médica-legista que o Patrão parecia odiar, e nenhuma menção a Marilyn Monroe. Ainda era cedo. Ela bebeu bourbon e, quinze minutos depois, entrou mais uma vez na programação do site para ver o número de visitantes de novo, e ficou assombrada ao descobrir que quase um milhão de pessoas haviam clicado na foto de Marilyn Monroe no necrotério. Megera nunca vira algo assim. Ela saiu da programação e entrou no site normalmente.

"Ai, meu Deus", ela disse em voz alta, e seu coração pareceu parar de bater.

A home page parecia ter sido possuída por um demônio. As letras que formavam o nome *Quem Ver na Metrópole!* estavam se rearranjando sem parar e formando q verme na metrópole! No fundo, os prédios de Nova York estavam todos apagados e, atrás deles, o céu estava coberto de vermelho-sangue, enquanto a árvore de Natal do Rockefeller inexplicavelmente fora parar no Central Park de cabeça para baixo, e os patinadores davam piruetas dentro do restaurante Boathouse enquanto algumas pessoas jantavam sentadas em mesas no rinque Wollman, e então uma neve pesada começou a cair, trovões ribombaram e raios iluminaram uma horrenda tempestade que acabou indo parar dentro da loja de brinquedos fao Schwarz antes de virar um passeio aéreo feito num dia de verão ensolarado sobre o rio Hudson, até que, de repente, a Estátua da Liberdade preencheu a tela e se desconstruiu como se um helicóptero tivesse batido de frente com ela.

Sem parar, de novo e de novo, o banner do site continuou a completar esse ciclo maluco que Megera não sabia como parar. Era isso que milhares de fãs estavam vendo e, por mais que clicasse, ela não conseguia sair dali. Nenhum dos ícones estava respondendo — era como se estivessem todos mortos. Quando Megera tentou acessar a coluna daquela manhã, a coluna bônus postada mais recentemente ou

qualquer outra coluna arquivada, aparecia aquele horrível sinal de espera, uma rodinha colorida girando sem parar. Ela não podia mandar um e-mail para o site ou entrar na seção Mexericos na Metrópole, onde os fãs conversavam, brigavam e diziam coisas horríveis sobre pessoas que não conheciam.

Megera não podia entrar no Quadro de Risos, ou no Olhadinhas, ou no Troca Fotos, ou mesmo na Câmara Escura, onde era possível ver Fotos Podres, Superexposições de Celebridades ou o muito popular Metrópole na Madrugada, onde ela postava fotos tiradas após a morte, incluindo a mais recente de Marilyn.

Como era possível que centenas de milhares de fãs estivessem abrindo aquela foto e a matéria que Megera escrevera sobre Marilyn quando o site estava travado e em curto-circuito? *Uma conspiração*, ela pensou. A Máfia, imaginou Megera, horrorizada, pensando no misterioso agente italiano que a contratara por telefone. O governo! Megera revelara o segredo, e a cia, o fbi ou o Departamento de Segurança Interna haviam sabotado o site para que o mundo não soubesse a verdade. Ou talvez os culpados fossem mesmo terroristas.

Megera clicou freneticamente em cada ícone e nada aconteceu. O banner continuou seu ciclo infernal enquanto as letras de *Quem Ver na Metrópole!* se rearranjavam sem parar:

quem ver na metrópole! q verme na metrópole! quem ver na metrópole!

Benton estava esperando do lado de fora da enfermaria, e, pela fresta da porta que se fechava, Scarpetta viu os olhos de cores diferentes de Oscar fixos nela até desaparecerem por trás do aço pintado de bege. Ela ouviu os barulhos metálicos de suas algemas sendo removidas.

"Vamos", disse Benton, tocando o braço de Scarpetta. "A gente conversa no meu escritório."

Alto e esguio, ele parecia dominar qualquer espaço onde se encontrava, mas estava com um ar cansado, como se estivesse prestes a ficar doente. Seu belo rosto estava tenso, seus cabelos prateados estavam bagunçados, e ele estava vestido como um funcionário público, com um terno cinza sem graça, uma camisa branca e uma gravata azul sem nenhuma característica extraordinária. Usava um relógio esportivo barato e sua aliança simples de platina. Não era recomendável mostrar qualquer sinal de riqueza numa ala para prisioneiros, onde o tempo de estadia médio era de menos de três semanas. Não era incomum Benton avaliar um paciente no Bellevue e, um mês depois, ver a mesma pessoa na rua, revirando o lixo para achar algo para comer.

Ele pegou a maleta da mão de Scarpetta, que ficou com os envelopes de provas e

disse que precisava entregá-los para a polícia.

"Eu peço para alguém passar no meu escritório antes de a gente ir", disse Benton.

"Isso tem que ir direto para os laboratórios. Eles precisam analisar o dna de Oscar e jogá-lo no banco de dados o mais rápido possível."

"Eu ligo para Berger."

Eles se afastaram da enfermaria. Dois carrinhos cheios de lençóis cruzaram com eles, fazendo um som parecido com o de um trem, e uma porta automática fechou-se com um estrondo após passarem por celas que seriam espaçosas para os padrões de uma prisão se não houvesse até seis camas dentro de cada uma. A maioria dos homens usava pijamas grandes ou pequenos demais e conversava aos berros. Alguns olhavam pelas janelas cobertas de tela, observando o vácuo escuro do East River, enquanto outros olhavam a ala através das grades. Um paciente achou que aquele era o momento ideal para usar a privada de aço, sorrindo para Scarpetta enquanto fazia xixi e lhe dizendo que daria um ótimo caso para ela estudar. Seus companheiros de cela começaram a discutir sobre qual deles ficaria mais bonito na televisão.

Benton e Scarpetta pararam diante da primeira porta automática, que nunca abria com rapidez suficiente, pois o guarda que ficava na sala de controle do outro lado estava sempre ocupado com o ritmo diário de quem vigia os portões de uma prisão. Benton anunciou alto que eles iam passar, e os dois esperaram. Ele falou mais uma vez enquanto um homem usava um esfregão para limpar o corredor que dava na sala de recreação, onde havia mesas e cadeiras, alguns jogos e velhos aparelhos de ginástica sem partes que pudessem se soltar.

Mais além havia salas de interrogatório, áreas usadas na terapia de grupo e a biblioteca legal com suas duas máquinas de escrever, que, assim como as televisões e os relógios de parede, eram cobertas por plástico para impedir que os pacientes conseguissem desmontar qualquer coisa com componentes que pudessem ser transformados numa arma. Scarpetta fizera um tour pelo lugar na primeira vez em que fora ali. Ela tinha certeza de que nada mudara.

A porta de aço pintada de branco finalmente se abriu e fechou com um estrondo atrás deles, e uma segunda se abriu para deixá-los passar. O guarda da sala de controle devolveu a carteira de motorista de Scarpetta e ela entregou seu crachá de visita, com a troca sendo feita em silêncio através de grossas barras ao mesmo tempo que alguns policiais entravam acompanhando o mais novo paciente da ala, que usava o macacão laranja vivo da prisão de Rikers Island. Prisioneiros como ele eram transferências temporárias, levados para lá apenas porque precisavam de cuidados médicos. Scarpetta sempre ficava desalentada com o que os detentos faziam com si mesmos para poder ficar algum tempo em Bellevue.

"Um dos nossos clientes mais assíduos", disse Benton enquanto o aço fazia um

estrondo. “Um engolidor. Na última visita, foram pilhas. Triplo A, duplo A. Não me lembro. Umas oito. Antes disso, foram pedras e parafusos. Uma vez foi pasta de dente, com tubo e tudo.”

Scarpetta sentiu-se como se sua alma tivesse sido descolada de seu corpo, como o forro de um casaco que sai com a abertura de um zíper. Ela não podia ser quem era, não podia demonstrar suas emoções, não podia compartilhar o que achava de Oscar ou qualquer detalhe do que ele dissera sobre si ou sobre Terri. Ela sentiu a frieza da distância profissional de Benton, que sempre fora o mais extremo da ala. Era ali que ele cogitava medos que não confessava, e não precisava, pois Scarpetta o conhecia. Desde que Marino ficara bêbado e descontrolado, Benton sentia uma dor crônica que se recusava a admitir. Para ele, todo homem era uma besta em potencial que queria carregar Scarpetta para seu covil, e nada do que ela dizia ou fazia o deixava mais tranquilo.

“Vou pedir demissão da cnn”, ela disse enquanto eles caminhavam para o escritório dele.

“Entendo a posição em que Oscar acabou de colocar você”, disse Benton. “Nada disso é culpa sua.”

“Você quer dizer a posição em que *você* acabou de me colocar.”

“Foi Berger quem quis você aqui.”

“Mas foi você quem pediu.”

“Por mim você ainda estaria em Massachusetts”, ele disse. “Mas ele se recusava a falar se você não viesse.”

“Só espero que não seja por minha causa que ele esteja aqui.”

“Seja qual for a razão, você não pode achar que a responsabilidade é sua.”

“Não gostei nada dessa frase”, ela disse.

Eles passaram por portas de escritório fechadas. Não havia ninguém ali. Ninguém além dos dois, que não tentaram disfarçar a tensão em suas vozes.

“Espero que você não esteja sugerindo ser possível que um fã obcecado tenha pregado uma peça terrível só para poder me encontrar”, acrescentou Scarpetta. “Espero que não seja isso que você esteja querendo dizer.”

“Uma mulher está morta. Isso não é uma peça”, disse Benton.

Ela não podia conversar com ele sobre o fato de que Oscar estava convencido de que alguém o espionava e de que quem quer que estivesse por trás disso era o assassino de Terri Bridges. Não podia revelar que fora o próprio Oscar quem causara ferimentos nele mesmo, que ele mentira para a polícia e para todo mundo sobre como eles haviam ocorrido. O máximo que podia fazer era falar sobre generalidades.

“Não obtive nenhuma informação que possa justificar que tenhamos uma conversa sobre ele”, disse Scarpetta, deixando claro que Oscar não confessara nada, nem

indicara ser uma ameaça para ele mesmo ou para outros.

Benton destrancou a porta de seu escritório.

"Você passou um bom tempo com ele", ele disse. "Lembre-se do que sempre falo para você, Kay. Sua primeira dica são seus instintos. Ouça o que seus instintos estão lhe dizendo sobre esse cara. E lamento se pareço agitado. Não dormi nada. Na verdade, está tudo uma porra de uma confusão."

O escritório que o hospital dera para Benton era pequeno, com livros, jornais, bagunça empilhada por toda parte, da forma mais organizada possível. Os dois se sentaram, e a escrivaninha entre eles parecia ser a manifestação sólida de uma barreira emocional que não podiam ultrapassar. Ele não queria fazer sexo, pelo menos não com ela. Scarpetta não acreditava que Benton estava transando com outra pessoa, mas os benefícios do casamento pareciam incluir conversas mais curtas e mais impessoais, e menos tempo na cama. Ela acreditava que ele era mais feliz antes de eles se casarem, e aquele triste fato não era culpa de Marino.

"O que seus instintos lhe disseram?", perguntou Benton.

"Que eu não devia estar conversando com ele", ela respondeu. "Que eu não devia não poder conversar com você. Minha cabeça me diz outra coisa."

"Você é uma associada, uma consultora. Podemos ter uma discussão profissional sobre ele como paciente."

"Não sei de nada sobre ele na qualidade de seu paciente. E não posso lhe dizer nada sobre ele na qualidade de meu paciente."

"Antes de hoje, você já tinha ouvido falar nele? Ou em Terri Bridges?"

"Disso posso falar. De jeito nenhum. E vou pedir que você não tente me enrolar. Sabe quais são minhas limitações. Sabia quando ligou para mim esta manhã."

Benton abriu uma gaveta e tirou dois envelopes. Esticou o braço para entregá-los a Scarpetta do outro lado da escrivaninha.

"Eu não sabia o que podia acontecer até você chegar aqui", ele disse. "Talvez os policiais tivessem encontrado algo, prendido Oscar, e provavelmente não teríamos esta conversa. Mas você está certa. Neste momento, sua prioridade tem que ser o bem-estar de Oscar. Você é a médica dele. Mas isso não significa que precise se encontrar com ele de novo."

Dentro de um dos envelopes estava o resultado de um exame de dna e, dentro do outro, uma série de fotografias da cena do crime.

"Berger quis que você ficasse com uma cópia da análise de dna. As fotografias e o relatório de polícia são de Mike Morales", disse Benton.

"Eu o conheço?"

"Ele é um detetive relativamente novo. Você não o conhece e talvez não tenha que conhecer. Para falar com franqueza, ele é um babaca. São as fotos que tirou na cena do crime e seu relatório preliminar. O dna é de amostras que a doutora Lester

coletou do corpo de Terri Bridges. Tem outra série de fotos que ainda não recebi. De uma segunda busca feita no início da tarde de hoje, quando olharam as malas que estavam dentro do armário e descobriram que os laptops dela estavam dentro. Aparentemente, ela ia pegar um avião para o Arizona hoje de manhã para passar alguns dias com a família. Porque as malas estavam feitas, mas escondidas dentro do armário, ninguém sabe."

Scarpetta pensou no que Oscar havia lhe dito. Terri não deixava malas do lado de fora do armário. Ela era obcecada com arrumação, e Oscar não gostava de despedidas.

Benton disse: "Uma possível explicação é que ela fosse extremamente organizada. Obcecada. Você vai ver o que quero dizer quando olhar as fotos".

"Eu diria que essa é uma explicação bastante plausível", comentou Scarpetta.

Benton encarou-a. Ele estava tentando determinar se ela acabara de lhe dar uma informação. Scarpetta não interrompeu o silêncio nem desviou o olhar. Benton procurou um número em seus contatos do celular e pegou o telefone fixo. Ele perguntou a Berger se ela podia mandar alguém pegar as amostras que Scarpetta coletara de Oscar Bane.

Benton ouviu por um momento, então olhou para Scarpetta e disse para Berger: "Concordo plenamente. Já que ele pode ir embora à hora que quiser e você sabe o que eu acho disso. E não, eu ainda não tive oportunidade de... Bom, ela está bem aqui. Por que você não pergunta a ela?".

Benton colocou a base do telefone no meio da escrivaninha e ofereceu-o a Scarpetta.

"Obrigada por fazer isso", disse Jaime Berger, e Scarpetta tentou lembrar quando fora a última vez que elas se falaram.

Cinco anos atrás.

"Como ele se comportou?", perguntou Berger.

"Foi extremamente cooperativo."

"Você acha que ele vai continuar no Bellevue?"

"Acho que estou numa posição difícil." Era a maneira de Scarpetta dizer que não podia falar sobre seu paciente.

"Eu entendo."

"Tudo o que posso dizer sem criar problemas", disse Scarpetta, "é que, se você mandar analisar rapidamente o dna dele, seria bom. Só pode ser uma vantagem."

"Felizmente, há muita gente no mundo neste instante que adora fazer hora extra. No entanto, a doutora Lester não é uma delas. Já que estou falando com você, vou perguntar diretamente e liberar o Benton, a não ser que ele já tenha dito alguma coisa. Você se importaria de examinar o corpo de Terri Bridges esta noite? Benton poderá lhe explicar tudo. A doutora Lester deve estar chegando de Nova Jersey.

Lamento ter que sujeitá-la a algo tão desagradável, e não estou falando do necrotério.

"Qualquer coisa para ajudar", respondeu Scarpetta.

"Com certeza ainda vamos nos falar. E deveríamos nos encontrar. Quem sabe jantar no Elaine's", disse Berger.

Parecia ser a frase preferida de mulheres profissionais como elas. Iam se encontrar, almoçar, quem sabe jantar. Scarpetta e Berger haviam dito isso uma para outra logo após se conhecerem, havia oito anos, quando Berger estivera na Virgínia trabalhando como promotora especial de um caso que fora um dos mais estressantes da vida de Scarpetta. E haviam dito a mesma coisa na última vez em que se viram, em 2003, quando ambas estavam preocupadas com Lucy, que acabara de voltar de uma operação clandestina na Polônia sobre a qual Scarpetta ainda não sabia quase nada, exceto que o que ela fizera fora ilegal. Certamente imoral. Na cobertura de Berger ali em Nova York, a promotora havia conversado com a sobrinha de Scarpetta, e o que quer que tenha se passado entre elas permanecera entre elas.

Estranhamente, Berger sabia bem mais sobre Scarpetta do que quase qualquer pessoa de quem ela podia se lembrar e, no entanto, elas não eram amigas. Era improvável que as duas fossem se encontrar e fazer qualquer coisa além de trabalhar, não importava quantas vezes sugerissem um almoço ou um drinque, sem estar falando da boca para fora. A desconexão entre elas não ocorria simplesmente devido às vicissitudes de vidas muito ocupadas que se encontram e então voltam a seguir caminhos separados. Mulheres poderosas tinham a tendência de ser solitárias, porque seus instintos lhes diziam para não confiar umas nas outras.

Scarpetta devolveu o telefone a Benton.

Ela disse: "Se Terri era mesmo obsessivo-compulsiva, seu corpo pode nos dar alguns indícios disso. Parece que vou ter uma oportunidade de ver pessoalmente. Que coincidência".

"Eu estava prestes a lhe dizer. Berger me pediu mais cedo para perguntar se você concordava."

"Como a doutora Lester já está voltando, acho que concordei antes mesmo de saber."

"Você pode ir embora depois, ficar de fora", disse Benton. "A não ser que Oscar seja acusado de alguma coisa. Aí, não sei como isso vai envolver você. Vai depender de Berger."

"Por favor, não me diga que esse homem matou alguém para chamar minha atenção."

"Não sei o que dizer sobre nada. Por enquanto, não sei o que pensar sobre nada. O dna das amostras coletadas na vagina da Terri, por exemplo. Dê uma olhada."

Scarpetta retirou os resultados do exame de um dos envelopes e leu, enquanto

Benton relatava o que Berger lhe contara sobre uma mulher de Palm Beach.

"Bom", ele disse, "você consegue pensar numa explicação?"

"O que não está aqui é o relatório da doutora Lester sobre que amostras ela coletou. Você disse que foram da vagina."

"Foi isso que Berger me disse."

"Exatamente o que elas eram e de onde? Não diz aqui. Então, não. Não vou especular sobre os resultados estranhos do exame e sobre o que isso pode querer dizer."

"Bom, eu vou. Contaminação", disse Benton. "Embora não consiga entender como uma idosa de cadeira de rodas entra nessa história."

"Alguma chance de ela estar ligada a Oscar Bane?"

"Disseram para mim que não. Berger ligou e perguntou."

O telefone de Benton tocou. Ele atendeu e ouviu por um longo tempo, com seu rosto imperturbável, sem dar qualquer indicação do que estava sendo dito.

"Não acho que tenha sido uma ideia tão boa", disse Benton finalmente para quem estava do outro lado da linha. "Lamento que isso tenha ocorrido... Claro que lamento, diante do que... Não, eu não quis lhe dizer justamente por isso... Porque, não, espere. Ouça um minuto. A resposta é que eu tenho... Lucy, por favor. Deixe-me terminar. Não espero que você entenda, e a gente não pode falar disso agora. Porque... Você sabe que isso não é verdade. Porque... Quando alguém não tem mais a quem recorrer... A gente vai cuidar disso. Mais tarde, está bem? Se acalme e a gente se fala mais tarde", e desligou o telefone.

"Que diabo foi isso?", perguntou Scarpetta. "O que Lucy estava dizendo? Pelo que você lamenta e quem não tem mais a quem recorrer?"

O rosto de Benton estava pálido, porém impassível, e ele disse: "Às vezes ela não tem noção de tempo e lugar, e eu não estou precisando de um dos ataques dela agora".

"Ataque? Pelo quê?"

"Você sabe como ela fica."

"Em geral quando tem um bom motivo para ficar."

"A gente não pode falar disso agora." Ele disse para Scarpetta a mesma coisa que dissera para Lucy.

"Como diabos você quer que eu me concentre depois de ouvir uma conversa assim? Falar do quê?"

Benton ficou em silêncio. Scarpetta nunca gostava quando ele parava para pensar depois que ela lhe fazia uma pergunta.

"Sobre o *Quem Ver na Metrópole*", ele disse, para surpresa e irritação dela.

"Não é possível que você vá dar importância a isso."

"Você leu?"

“Comecei a ler no táxi. Bryce disse que eu precisava ler.”

“Leu tudo?”

“Fui interrompida ao ser atirada no meio da rua.”

“Venha ver.”

Benton digitou algo enquanto Scarpetta se postava ao seu lado.

“Que estranho”, ele disse, franzindo o cenho.

O site do *Quem Ver na Metrópole* estava com um tremendo erro de programação ou então estava travado. Os prédios estavam escuros, o céu estava vermelho, e a imensa árvore de Natal do Rockefeller Center estava de cabeça para baixo no Central Park.

Benton mexeu impacientemente o mouse e clicou várias vezes.

“O site está travado por algum motivo e todo ferrado”, ele disse. “Mas, infelizmente, tenho como mostrar a merda da coluna mesmo assim.”

Digitando, ele fez uma busca, batendo com força nas teclas.

“Essa droga está em todo canto”, ele disse.

A tela foi tomada por referências ao *Quem Ver na Metrópole* e à dra. Kay Scarpetta, e Benton clicou num arquivo e abriu uma cópia não de uma coluna, mas de duas, que alguém copiara e colara num site de fãs de medicina forense. A foto feia de Scarpetta preencheu o monitor, e ela e Benton a observaram por um momento.

“Você acha que foi tirada em Charleston?”, ele perguntou. “Ou no seu novo trabalho? O jaleco lhe diz alguma coisa? A cor? Você não usa um jaleco cor de cereja em Watertown?”

“Depende do que a gente recebe do serviço de roupas médicas. Eles apanham e entregam os jalecos e lençóis, e uma semana pode ser verde-azulado, outra, roxo, tons diferentes de azul, cereja. É isso que acontece na maioria dos necrotérios hoje em dia. O máximo que eu posso especificar é que não quero uma coisa fofa tipo Bob Esponja, Simpsons, Tom e Jerry. Juro. Conheço patologistas que usam isso, como se fossem pediatras.”

“E você não tem nenhuma lembrança de alguém tirando uma foto sua durante uma autópsia? Talvez usando um celular?”

Scarpetta pensou, pensou bem, e disse: “Não. Porque, se eu visse isso acontecendo, ia fazer a pessoa apagar a foto. Eu jamais permitiria tal coisa”.

“O mais provável é que tenha acontecido depois que você se mudou e começou a trabalhar para a cnn. É o fator celebridade. Um policial. Um funcionário de uma funerária, de um serviço de remoção.”

“Isso seria ruim”, ela disse, pensando em Bryce. “Faria com que eu desconfiasse das pessoas que trabalham para mim. O que é esse negócio sobre a irmã Polly? Quem é irmã Polly?”

"Não sei. Leia isso. Depois a gente fala."

Benton moveu o cursor até a primeira coluna que havia sido postada naquele dia, para a parte que queria que ela visse:

> ... no entanto, por trás daquela fachada impenetrável há um segredo sujo que ela esconde muito bem. Scarpetta pode viver num mundo de aço inoxidável, mas ela certamente não é uma mulher feita de aço. Ela é fraca, uma vergonha.
>
> Quer saber de uma coisa? Ela pode ser estuprada.
>
> É isso aí. Assim como qualquer outra mulher, só que dessa vez você pode dizer que a culpa é da vítima. Foi ela mesma que causou isso. Desprezou, maltratou e menosprezou o investigador que era seu parceiro até uma noite em Charleston em que ele bebeu demais e não pôde mais aguentar. Dá um pouco de pena de Pete Marino...

Scarpetta voltou para a cadeira. Fofoca era uma coisa. Isso era outra.

"Não vou perguntar por que as pessoas sentem tanto ódio", ela disse. "Aprendi há muito tempo que não é para perguntar. Finalmente entendi que o porquê até pode explicar as coisas, mas na verdade não importa. O que importa é o resultado. Só isso. Se eu descobrir quem fez isso, vou processar."

"Nem vou dizer que é para você não se deixar abalar com isso."

"Acho que você acabou dizendo quando não disse. O que aconteceu nunca saiu na imprensa. Nunca dei queixa. Não é verdade. Isso é calúnia. Vou processar."

"Processar quem? Um merdinha anônimo do ciberespaço?"

"Lucy poderia descobrir quem ele é."

"Por falar nisso, não tenho certeza se o site estar travado foi uma coincidência", ele disse. "Talvez essa seja a melhor solução. Talvez ele fique travado para sempre."

"Você pediu para ela travar o site?"

"Você acabou de ouvir minha conversa com ela no telefone. É claro que não. Mas você a conhece, assim como eu. Isso parece muito com algo que ela faria, e é muito mais eficiente que um processo. Não há calúnia aqui. Você não pode provar que o que essa pessoa escreveu é mentira. Não pode provar o que aconteceu. E o que não aconteceu."

"Você diz isso como se não acreditasse no que eu lhe falei."

"Kay." Ele olhou bem nos olhos dela. "Não vamos transformar isso numa briga entre nós dois. Obviamente, você precisa se preparar para a exposição. As pessoas não sabiam, agora sabem, e vão fazer perguntas sobre isso. O mesmo vai acontecer com..." Ele leu mais um pouco. "Essa outra porcaria. Escola paroquial. Irmã Polly. Não conheço essa história."

Scarpetta mal leu, pois não precisava, e respondeu: "Não existe nenhuma irmã Polly, e o que está escrito aqui não aconteceu, não assim. Foi outra freira, e certamente essas chibatadas lascivas no banheiro jamais ocorreram".

"Mas têm um fundo de verdade."

"Têm. Miami, a bolsa para a escola paroquial. E a doença lenta e terminal do meu pai."

"E a mercearia do seu pai. As outras meninas da escola chamavam você de florzinha da Flórida?"

"Não quero falar sobre isso, Benton."

"Estou tentando determinar o que é verdade e quem saberia. O que já é de conhecimento público? Alguma coisa daqui?"

"Você sabe o que já é de conhecimento público. E não. Nada do que está aí, seja falso ou verdadeiro, é de conhecimento público. Não sei de onde veio a informação."

Ele disse: "Não estou tão preocupado com o que é falso. Quero saber o que é verdade e se há uma fonte conhecida para o que está nessas colunas. Porque se não há, como você parece estar sugerindo, então alguém próximo de você está vazando informação para esse picareta, seja ele quem for".

"Marino", disse Scarpetta com relutância. "Ele sabe coisas sobre mim que os outros não sabem."

"Bom, obviamente a história de Charleston. Embora eu não consiga imaginá-lo usando essa palavra."

"Que palavra, Benton?"

Ele não respondeu.

"Você não consegue dizer, consegue? A palavra *estupro*. Apesar de não ter sido isso o que aconteceu."

"Não sei o que aconteceu", ele disse, baixinho. "Isso é que me incomoda. Só sei o que você quis me contar."

"Você se sentiria melhor se tivesse assistido a tudo?"

"Jesus Cristo."

"Você precisa ver cada detalhe, como se isso fosse lhe ajudar a pôr um ponto final nessa história", disse Scarpetta. "Quem é que sempre diz que não existem pontos finais? Acredito que somos nós dois. E agora esse colunista, e quem quer que esteja vazando informação para ele ou para ela, ganha. Por quê? Porque estamos aqui, chateados, sem confiar um no outro, afastados. A verdade é que você deve saber bem mais sobre o que aconteceu que Marino. Eu sinceramente duvido que ele se lembre de grande parte do que fez ou disse naquela noite. Pelo bem dele, espero estar certa."

"Não quero me afastar de você, Kay. Não sei por que isso me incomoda mais que a você."

"É claro que sabe, Benton. Você se sente ainda mais indefeso do que eu me senti, pois não pôde impedir o que aconteceu, enquanto eu impedi em parte. Impedi o

pior.”

Ele fingiu estar lendo as duas colunas de novo. O que estava fazendo, na verdade, era se recompondo.

“Ele saberia dessa história da Flórida?”, perguntou Benton. “O que você contou de sua infância para ele? Deixe-me refazer a pergunta. A parte que é verdade”, ele indicou a tela do computador, “são dados que você compartilhou com ele?”

“Marino me conhece há quase vinte anos. Ele conhece minha irmã, minha mãe. É claro que sabe alguns detalhes sobre minha vida. Não me lembro de tudo que já disse para ele, mas não é um grande segredo para quem é próximo de mim que fui criada num bairro pouco refinado de Miami, que minha família não tinha dinheiro, que meu pai sofreu de câncer durante muitos anos antes de morrer. E que eu tirava notas bastante boas na escola.”

“E a menina que quebrou seus lápis?”

“Isso é ridículo.”

“Ou seja, é verdade.”

“Teve uma menina que fez isso. Uma menina agressiva. Não lembro o nome dela.”

“É verdade que uma freira deu um tapa na sua cara?”

“Porque fui tirar satisfações com a menina e ela me dedurou, não o contrário, então uma das irmãs me puniu. Foi só isso. Não teve nenhuma cena sensual no banheiro. E é um absurdo a gente estar tendo essa conversa.”

“Achei que eu conhecia todas as suas histórias. Não me sinto bem por não saber e por ter que descobrir pela internet. Absurdo ou não, detalhes como esse vão ser atirados de um lado para o outro, provavelmente já estão sendo. Você não vai conseguir escapar disso, nem na cnn, onde tem amigos. Quando estiver no set, alguém vai ser obrigado a perguntar. Acho que você vai ter que se acostumar. Acho que nós dois vamos ter que nos acostumar.”

Scarpetta não estava pensando na exposição ou em ter que se acostumar com ela. Estava pensando em Marino.

“Era disso que Lucy estava falando quando ligou para você há pouco”, ela disse. “Estava falando algo sobre ele.”

Benton não disse nada. Foi a resposta dele. Sim, Lucy estava falando em Marino.

“O que você quis dizer quando falou que ele não tinha mais a quem recorrer? Ou estava falando de outra pessoa? Não esconda nada de mim. Não agora.”

“O que ele fez. Foi como atropelar alguém e fugir sem prestar socorro. É assim que Lucy encara a situação”, disse Benton, e ela sabia perceber melhor quando ele estava sendo evasivo. “Porque ele desapareceu, e eu já expliquei até quase morrer de exaustão que, quando alguém sente que não tem mais nenhum lugar para se esconder, busca uma saída. Isso não é novidade. Você conhece a história. E conhece

Lucy.”

“Que história? Nunca soube dessa história. Ele desapareceu, e eu nunca acreditei que tivesse se matado. Marino não é assim. Ele não teria a coragem ou a estupidez de fazer isso e, acima de tudo, tem medo de ir para o inferno. Ele acredita que existe mesmo um inferno físico localizado em algum lugar no centro incandescente da Terra e que, se acabar ali, vai ficar pegando fogo por toda a eternidade. Marino confessou isso para mim em outra de suas bebedeiras. Ele já desejou que metade do planeta fosse para o inferno, pois tem pânico de ir para lá ele mesmo.”

A expressão nos olhos de Benton era indescritivelmente triste.

“Não sei de que história você está falando e não acredito em você”, disse Scarpetta. “Alguma coisa aconteceu.”

Eles se encararam.

Benton disse: “Ele está aqui. Está aqui desde julho do ano passado. Desde a primeira semana de julho, para ser exato”.

Então Benton contou a ela que Marino estava trabalhando para Berger, que, graças à coluna de fofocas, descobrira o verdadeiro motivo de ele ter ido embora de Charleston, um detalhe sórdido que ela certamente não sabia quando o contratou. Agora Lucy também sabia onde Marino estava, pois Berger acabara de encontrar com ela e lhe dizer.

“É por isso que Lucy ligou”, explicou Benton. “E, conhecendo você tão bem quanto conheço, imagino que teria querido que eu ajudasse Marino, apesar de tudo. E teria querido que eu obedecesse ao desejo dele, que quis ir para um centro de tratamento e basicamente recomeçar a vida sem que você soubesse de nada.”

“Você deveria ter me dito há muito tempo.”

“Eu não podia divulgar detalhes sobre ele para ninguém. Assim como você não pode me dizer o que Oscar lhe contou. Segredo médico. Marino ligou para o McLean para falar comigo pouco tempo após ter desaparecido de Charleston e me pediu para colocá-lo num centro de tratamento. Ele me pediu para conversar com a terapeuta com quem se tratou lá, para supervisionar, para interferir.”

“E, depois, para arrumar um emprego para ele com Jaime Berger? Isso é segredo também? O que tem a ver com segredo médico?”

“Ele me pediu para não contar a você.”

A voz de Benton indicava que ele fizera a coisa certa, mas a expressão em seus olhos contradizia essa certeza.

“Isso não tem nada a ver com segredo médico e nem com você ser uma pessoa boa”, disse Scarpetta. “Você sabe por que fez isso. Seu raciocínio é completamente irracional porque não havia como Marino trabalhar para Jaime Berger e eu não ficar sabendo um dia. E foi exatamente isso que aconteceu.”

Scarpetta começou a folhear o relatório de polícia, pois não queria olhar para

Benton. Ela sentiu alguém atrás dela antes de a pessoa dizer qualquer coisa e se virou, tomando um susto ao ver o homem parado na porta.

Com suas roupas largas de gangue, suas grossas correntes de ouro, seu cabelo em trancinhas, ele parecia ter acabado de escapar da ala para prisioneiros.

"Kay, você e o detetive Morales ainda não foram apresentados, creio", disse Benton, e o tom dele não foi particularmente agradável.

"Aposto que você não se lembra de mim, mas a gente quase foi apresentado um dia", disse Morales, entrando e olhando-a de cima a baixo sem pedir licença.

"Desculpe", ela disse, querendo dizer que não se lembrava dele e sem se oferecer para apertar sua mão.

"Foi no último Dia do Trabalho. No necrotério", ele disse.

Morales tinha uma energia perturbadora que deixou Scarpetta nervosa e desconfortável, e ela imaginou que tudo o que ele fazia era decidido depressa e feito rapidamente, e que era sua natureza dominar tudo o que tocava.

"A algumas mesas de distância daquela que você estava ocupando, examinando o cara encontrado no East River, perto da costa da Ward's Island?", ele disse. "Dá para ver que você não se lembra de mim. A pergunta é, será que ele estava cansado da vida e pulou da ponte de pedestres, ou será que alguém apressou a jornada dele até o além? Ou quem sabe ele teve um ataque cardíaco e caiu de uma das margens? Foi um dos casos da Lester Leprosa. No fim das contas, ela não conseguiu ligar os pontinhos. Não reconheceu que as marcas em forma de samambaia que havia no torso dele eram — adivinha o quê? A marca com um padrão de ramificação que ocorre quando a pessoa é atingida por um raio, hipótese que descartara porque não encontrara nenhuma queimadura nas meias, nas solas dos sapatos, essas merdas. Você usou um compasso para mostrar que a fivela do cinto dele estava magnetizada, o que é típico de quando um raio cai em algum lugar, certo? Bom, você não lembraria de mim mesmo. Entrei e saí, só para pegar algumas balas que precisavam ser enviadas para os laboratórios."

Morales tirou um formulário de prova do bolso de trás de sua imensa calça jeans, desdobrou-o e começou a preenchê-lo, debruçado sobre a mesa, tão perto que seu cotovelo roçou no ombro de Scarpetta, obrigando-a a mover sua cadeira para mais longe. Ele entregou o formulário e a caneta para ela, que preencheu o resto e assinou. Então pegou os envelopes com as amostras coletadas de Oscar Bane e foi embora.

"Nem preciso dizer que ele dá um trabalhão para Berger", comentou Benton.

"Ele trabalha para ela?"

"Não, isso talvez tornasse tudo mais fácil. Talvez ela conseguisse controlá-lo, pelo menos um pouco", disse Benton. "Morales é quase onipresente. Sempre que um caso chama a atenção da mídia, ele dá um jeito de aparecer. Como nessa morte por

raio que ele mencionou. Aliás, provavelmente não vai perdoar você por não se lembrar dele, e é por isso que repetiu isso três vezes.”

13

Benton se recostou em sua poltrona de couro sintético e ficou em silêncio enquanto Scarpetta passava os olhos pela papelada do outro lado da pequena escrivaninha cheia de marcas.

Ele amava o nariz reto dela, as linhas bem marcadas de seu maxilar e de suas maçãs do rosto, e a forma deliberada porém graciosa com que ela se movia ao fazer mesmo o menor dos gestos, como virar uma página. Para Benton, Scarpetta não mudara nada desde a primeira vez em que a vira, quando ela aparecera na porta de sua sala de conferências, com o cabelo louro desgrenhado, sem maquiagem, com os bolsos do longo jaleco branco cheios de canetas, lenços de papel e papeizinhos cor-de-rosa com anotações sobre telefonemas que não tinha tempo de retornar, mas que retornaria mesmo assim.

Benton reconhecera de imediato que, apesar de toda a sua força e seriedade, ela era atenciosa e gentil. Vira isso nos olhos dela durante aquele primeiro encontro e via o mesmo agora, apesar de ela estar preocupada, apesar de ele tê-la magoado mais uma vez. Ele não podia imaginar não ter Scarpetta e sentiu uma pontada de ódio perfurá-lo, ódio de Marino. Aquilo em que Benton mergulhara durante toda a vida adulta agora estava dentro de casa. Marino deixara o inimigo entrar, e Benton não sabia como mandá-lo embora.

"A que horas a polícia chegou ao local? E por que você está olhando fixamente para mim?", perguntou Scarpetta sem encará-lo.

"Mais ou menos às seis e quinze. Fiz uma besteira. Por favor, não fique zangada comigo."

"Como eles foram notificados?" Ela virou uma página.

"Oscar ligou para a emergência. Ele afirma que encontrou o corpo de Terri lá pelas cinco, mas não ligou para a emergência até as seis. Nove minutos depois das seis, para ser mais exato. A polícia chegou em questão de minutos. Cerca de cinco minutos."

Quando Scarpetta não respondeu, Benton pegou um clipe de papel e começou a desentortá-lo. Ele não costumava ficar tão nervoso.

"Encontraram a porta da rua trancada", ele disse. "Tem três outros apartamentos no prédio, mas todo mundo viajou e não tem porteiro. A polícia não conseguiu entrar no prédio, mas o apartamento dela é no térreo, então eles foram para os fundos, para perto das janelas, e por uma abertura das cortinas viram Oscar no banheiro, segurando o corpo de uma mulher. Ela estava coberta por uma toalha azul. Ele

chorava histericamente, abraçava-a, fazia carinho nela. Os policiais bateram no vidro até chamar a atenção dele, que os deixou entrar."

Benton falava em frases curtas, com o cérebro lento e um pouco desorganizado, provavelmente porque estava muito estressado. Continuou mexendo no clipe. E observando Scarpetta.

Após um longo silêncio, ela olhou para o marido e disse: "E aí? Ele falou com eles?".

Ela está comparando as histórias, ele pensou. *Quer confrontar o que sei com o que Oscar lhe disse. Está sendo clínica, impessoal, porque não vai me perdoar*, ele pensou.

"Desculpe. Por favor, não fique zangada comigo", ele disse.

Scarpetta sustentou o olhar dele e disse: "Estou me perguntando por que ela só estava de sutiã e roupão. Se um estranho batesse na porta, será que ia abrir assim?".

"A gente não pode pensar nisso agora." Benton falava do relacionamento deles, não do caso. "Podemos colocar na prateleira?"

Era a expressão que eles usavam quando questões particulares surgiam no lugar e na hora errados. O olhar demorado de Scarpetta e a maneira como seus olhos ficaram de um azul mais escuro disseram a ele que concordava. Ia colocar na prateleira agora porque o amava, apesar de ele não merecer.

"É uma boa pergunta. O que ela estaria vestindo quando abriu a porta", disse Benton. "Tenho algumas observações quando chegarmos nessa parte."

"O que exatamente Oscar fez quando a polícia estava dentro do apartamento com ele?", ela perguntou.

"Ele estava aos soluços, com as pernas bambas, gritando. Insistiu tanto para voltar para o banheiro que dois policiais tiveram que segurá-lo à força enquanto tentavam fazê-lo falar. Ele disse que tinha cortado a algema de plástico. Ela estava no chão do banheiro, do lado de uma tesoura que ele disse ter removido do cepo de facas da cozinha."

"Oscar chamou de algema de plástico na hora? Ou foi a polícia que usou esse nome? De onde vem o termo algema de plástico? É importante que nós saibamos quem disse isso antes."

"Não sei."

"Bom, alguém sabe."

Benton dobrou o clipe de papel na forma de um oito enquanto o que eles haviam colocado na prateleira insistia em cair de lá. Em algum momento iam conversar, mas conversas não consertam a confiança que foi violada, assim como não consertam ossos quebrados. Mentiras e mais mentiras. O eixo necessário da vida dele eram mentiras, bem-intencionadas ou necessárias em termos profissionais e legais, e era por isso, aliás, que Marino era uma ameaça. A base do relacionamento de Marino e

Scarpetta nunca havia sido mentiras. Quando ele a agarrou à força, não estava mostrando desprezo ou ódio, nem tentava humilhá-la. Marino estava tomando o que queria porque Scarpetta não podia dar a ele, porque era a única maneira de matar um amor não correspondido ao qual não podia mais sobreviver. A traição dele fora, na verdade, uma das coisas mais honestas que jamais havia visto.

"E nós não sabemos o que foi feito da ligadura com a qual Terri foi estrangulada", disse Benton. "Aparentemente, o assassino removeu-a do pescoço dela depois que já estava morta e levou-a. A polícia suspeita que tenha sido outra algema de plástico."

"Baseado em quê?"

"Seria incomum levar dois tipos diferentes de ligadura para a cena do crime", explicou Benton.

Ele dobrou e desdobrou o clipe de papel até quebrá-lo.

"E é claro que estamos supondo que o assassino tenha levado a algema de plástico — ou as algemas de plástico — com ele", disse Benton. "Não é exatamente o tipo de coisa que a maioria das pessoas tem em casa."

"Por que remover a algema do pescoço dela e levá-la embora, mas não se incomodar com a que estava nos pulsos? Se é que foi isso que aconteceu", disse Scarpetta.

"A gente não conhece a mente dessa pessoa. Não temos muitas pistas com exceção das circunstâncias. Imagino que você não vá ficar surpresa ao saber que eles pensam que Oscar é o culpado."

"Baseado em quê?"

"Ou o assassino tinha uma chave ou Terri deve tê-lo deixado entrar, e, como você mesma disse, ela estava usando só um roupão, nada além disso. Então, por que ela estava tão confortável, tão confiante? Como sabia quem estava apertando a campainha de seu apartamento lá da rua? Não tem câmera nem interfone. O que se deduz, na minha opinião, é que Terri estava esperando alguém. Ela abriu a porta da frente de noite, com o prédio vazio, e então destrancou a porta de seu apartamento. Ou alguém destrancou. Os agressores adoram feriados. Eles têm bastante simbolismo, e as pessoas sempre viajam. Se Oscar a matou, ontem à noite foi o momento ideal para fazê-lo e fingir que foi outra pessoa."

"É isso que a polícia acha que aconteceu, imagino que você queira dizer."

Ela está fazendo comparações de novo, pensou Benton. *O que ela sabe?*

"É isso que faz mais sentido para eles", Benton respondeu.

"Quando a polícia chegou, a porta do apartamento de Terri estava trancada ou destrancada?"

"Trancada. Oscar trancou a porta do apartamento em algum momento depois de entrar. O que é peculiar é que, depois que ligou para a emergência, não destrancou a porta que dá para a rua, nem colocou algum peso nela para mantê-la aberta. Não sei

como achou que a polícia ia entrar.”

“Não considero isso nada peculiar. Não importa o que ele fez ou deixou de fazer, provavelmente estava com medo.”

“De quê?”

“Se ele não a matou, é provável que estivesse com medo do assassino voltar.”

“Como o assassino ia entrar de novo no prédio? Se não tinha a chave?”

“As pessoas nem sempre pensam em cada detalhe quando estão com medo. Quando você está com medo, seu primeiro impulso é trancar as portas.”

Ela está vendo se o que Oscar disse bate. Ele deve ter dito que trancou a porta do apartamento de Terri porque estava com medo.

“O que Oscar disse quando ligou para a emergência?”, ela perguntou.

“Vou deixar você mesma ouvir”, disse Benton.

O cd já estava dentro do computador dele, que abriu um arquivo de áudio e aumentou o volume.

operadora da emergência: “Qual é sua emergência?”

oscar (*histérico*): “Alô! Polícia...! Minha namorada...!”

operadora da emergência: “Qual é o problema, senhor?”

oscar (*quase inaudível*): “Minha namorada... quando eu entrei...!”

operadora da emergência: “Senhor, qual é o problema?”

oscar (*gritando*): “Ela está morta! Ela está morta! Alguém a matou! Alguém a estrangulou!”

operadora da emergência: “Ela foi estrangulada?”

oscar: “Foi!”

operadora da emergência: “O senhor sabe se a pessoa que a estrangulou ainda está dentro da residência?”

oscar (*chorando, quase inaudível*): “Não... Ela está morta...!”

operadora da emergência: “Já estamos enviando carros. Não saia daí, está bem?”

oscar (*chorando, ininteligível*): “Eles...”

operadora da emergência: “Eles? Tem alguém com você?”

oscar: “Não...” (*inaudível*)

operadora da emergência: “Continue na linha. A polícia está quase chegando. O que aconteceu?”

oscar: “Cheguei aqui e ela estava no chão...” (*ininteligível*)

Benton fechou o arquivo e disse: “Aí ele desligou e não atendeu quando a operadora ligou para ele. Se tivesse ficado na linha, teria sido mais fácil e mais rápido para a polícia entrar no apartamento. Em vez de fazê-los ir até os fundos e bater na janela”.

“Ele parece estar genuinamente apavorado e histérico”, disse Scarpetta.

“Assim como Lyle Menendez quando ligou para a emergência para dizer que seus pais haviam sido assassinados. E a gente sabe como essa história terminou.”

“Só porque os irmãos Menendez...”, ela começou a dizer.

“Eu sei. Sei que não significa que Oscar tenha matado Terri Bridges. Mas a gente não tem certeza de que não matou”, Benton disse.

“E como você explica por que ele disse *eles*? Como se sugerindo que mais de uma pessoa a matou?”, perguntou Scarpetta.

“É a paranoia dele, claro”, disse Benton. “Que eu acho mesmo ser genuína. Mas isso não é necessariamente uma vantagem para ele em termos de como a polícia vai encarar isso. Pessoas paranoicas cometem assassinatos justamente por causa de suas ilusões paranoicas.”

“E é isso que você está achando?”, disse Scarpetta. “Que foi um homicídio doméstico?”

Ela não acredita nisso, pensou Benton. *Acredita em outra coisa. O que Oscar disse para ela?*

Ele respondeu: “Posso entender por que a polícia acha isso. Mas gostaria de ter provas reais”.

“O que mais sabemos?”

“O que ele disse.”

“Na cena do crime ou quando estava no carro do detetive, no carro de Morales?”

“Oscar não cooperou com eles depois que deixaram o apartamento”, disse Benton.

Ele jogou os pedaços do clipe de papel dentro da lata de lixo, e eles tilintaram contra o metal vazio.

“A essa altura”, disse Benton, “tudo o que ele queria era ir para o Bellevue. Disse que não ia falar nada a não ser que fosse para mim. Aí, exigiu que você viesse para cá. E aqui estamos.”

Ele começou a desentortar outro clipe de papel. Scarpetta observou-o mexendo nele.

“O que Oscar falou para a polícia quando ainda estava dentro do apartamento?”, ela perguntou.

“Disse que, quando chegou ao prédio, todas as luzes estavam apagadas. Ele destrancou a porta da rua. Aí, apertou a campainha do apartamento de Terri, e a porta abriu de supetão e ele foi atacado pelo intruso. Que fugiu correndo. Oscar trancou a porta do apartamento, acendeu as luzes, olhou em volta, e encontrou o cadáver de Terri no banheiro. Ele disse que não havia ligadura em volta do pescoço dela, mas que viu uma marca avermelhada.”

“E ele sabia que ela estava morta, mas mesmo assim esperou para ligar para a polícia. Por quê? Qual foi o motivo dele, na sua opinião?”, perguntou Scarpetta.

“Ele não teve noção do tempo. Estava fora de si. Quem sabe a verdade? Mas não é motivo para prendê-lo. O que não significa que a polícia não tenha ficado muito satisfeita em atender o pedido dele e metê-lo no xadrez. O fato de ele ser um anão musculoso que vive e trabalha no ciberespaço quase o tempo todo também não ajuda.”

“Você sabe qual é a profissão dele. O que mais?”

“Sabemos tudo sobre ele, exceto o que ele escolhe não nos contar. E você?” Esquartejando o clipe de papel. “Alguma ideia?”

“Posso falar teoricamente.”

Benton deu-lhe silêncio, para que ela o preenchesse.

“Já trabalhei em inúmeros casos em que a polícia não foi chamada imediatamente”, disse Scarpetta. “Quando o assassino precisou de tempo para arrumar a cena do crime e fazê-la parecer outra coisa. Ou quando a pessoa que encontrou o corpo tentou disfarçar o que aconteceu de verdade. Constrangimento, vergonha, seguro de vida. Asfixiofilia, por exemplo — quando a pessoa se enforca por motivos sexuais, mas a coisa dá errado e ela morre de asfixia. Em geral é acidental. A mãe chega, vê o filho usando couro preto, uma máscara, correntes, prendedores de mamilo. Talvez vestido de mulher. Ele está pendurado numa viga, tem pornô espalhado por todo lado. Ela não quer que o mundo tenha essa última lembrança de seu filho e só pede ajuda depois de se livrar de todas as provas.”

“Outra teoria?”

“A pessoa está tão arrasada, é tão difícil para ela se desapegar do ser amado, que passa algum tempo com o corpo, fazendo carinho, abraçando, cobrindo-o se ele estiver nu, removendo amarras. Fazendo a pessoa voltar a ser como era, como se isso fosse trazê-la de volta.”

“Bem parecido com o que ele fez, não?”, disse Benton.

“Trabalhei num caso em que o marido encontrou a mulher morta de overdose na cama. Ele deitou do lado dela, abraçou-a, não ligou para a polícia até que o rigor do corpo fosse total e ela ficasse fria.”

Benton olhou para ela por um longo momento e disse: “Remorso nos casos domésticos. O marido mata a mulher. O filho mata a mãe. Sente um profundo remorso, dor, pânico. Não liga imediatamente para a polícia. Abraça o corpo, acaricia, conversa com ele, chora. Uma coisa preciosa, que está quebrada e não pode ser consertada. Mudou para sempre, foi-se para sempre”.

“Um tipo de comportamento mais típico de crimes impulsivos”, ela disse. “Não de crimes premeditados. Esse assassinato não parece ter sido impulsivo. Quando um agressor traz sua própria arma, suas próprias amarras, como fita adesiva ou algemas de plástico, isso é premeditado.”

Benton acidentalmente espetou a ponta do dedo com o clipe retorcido e viu uma

gota de sangue surgir. Ele sugou o sangue.

Scarpetta disse: "Não tem kit de primeiros-socorros na minha maleta de cena do crime, o que provavelmente não é muito inteligente, agora que estou parando para pensar no assunto. A gente precisa limpar isso, achar um curativo...".

"Kay, não quero você envolvida nisso."

"Foi você que me envolveu. Ou, pelo menos, permitiu que isso acontecesse." Ela olhou para o dedo dele. "É bom deixar sangrar o máximo possível. Não gosto de perfurações. São piores do que cortes."

"Não foi minha intenção envolver você, não foi escolha minha."

Benton estava prestes a dizer que não fazia escolhas por ela, mas aquilo seria mais uma mentira. Scarpetta esticou o braço por cima da escrivaninha e entregou-lhe diversos lenços de papel.

"Odeio isso", ele disse. "Sempre odeio quando você está no meu mundo e não no seu. Um cadáver não se afeiçoa a você, não passa a gostar de você. Você não tem um relacionamento com alguém que está morto. Não somos robôs. Um cara tortura alguém até a morte, e eu tenho que sentar diante dele. Ele é uma pessoa, um ser humano. É meu paciente. Pensa que sou seu melhor amigo, até que me ouve testemunhar num tribunal, dizendo que ele sabe a diferença entre certo e errado. Ele acaba indo para a cadeia pelo resto da vida ou, dependendo da jurisdição, acaba no corredor da morte. Não importa o que eu acho ou no que acredito. Estou fazendo meu trabalho. Fiz o que é certo aos olhos da lei. Saber disso não me faz sentir nem um pouco menos perturbado."

"Nós não sabemos o que é não se sentir perturbado", disse Scarpetta.

Benton apertou o dedo, manchando o lenço de papel de um vermelho vivo. Ele olhou para ela, sentada ali do outro lado da escrivaninha, para o quadrado de seus ombros, para suas mãos fortes e capazes, para o contorno encantador do corpo sob o terninho, e desejou-a. Sentiu-se excitado a poucas portas de uma prisão, mas, quando estavam sozinhos em casa, ele mal a tocava. O que acontecera com ele? Era como se tivesse sofrido um acidente e tivesse sido colado de volta da forma errada.

Benton disse: "Você devia voltar para Massachusetts, Kay. Se Oscar for formalmente acusado e você for intimada a depor, aí volta e a gente lida com isso".

"Não vou fugir de Marino", ela disse. "Não vou evitá-lo."

"Não é isso que estou dizendo." Mas era exatamente o que ele estava dizendo. "É com Oscar Bane que estou preocupado. Ele pode sair do Bellevue neste minuto. Gostaria que você estivesse o mais longe dele possível."

"Você quer é que eu fique o mais longe possível de Marino."

"Não sei por que você ia querer estar perto dele." O sentimento dele ficou claro, e sua voz, dura.

"Eu não disse que queria. Disse que não ia fugir disso. Não fui eu que saí

correndo que nem um covarde. Foi ele."

"Espero que meu papel nesse caso esteja terminado em poucos dias", disse Benton. "Aí, é responsabilidade da polícia de Nova York. Deus sabe que estou com tudo atrasado no McLean. Só estou na metade da minha pesquisa, embora não tenha mais certeza daquele artigo para a revista. Você não tem que fazer o exame na droga do necrotério. Por que é sua obrigação livrar a cara da doutora Lester de novo?"

"Não pode ser isso que você quer. Que eu dê um bolo? Que largue o trabalho depois que Berger me pediu para ajudar? A última ponte aérea é às nove. Nunca chegaria a tempo. Você sabe disso muito bem. Por que está falando assim?"

"Lucy poderia levar você de helicóptero."

"Está chovendo em Belmont. A visibilidade deve ser de meio metro."

Scarpetta observou o rosto de Benton, e foi difícil para ele impedir o que sentia de ficar claro em seus olhos, porque ele a desejava. Desejava-a agora, ali em seu escritório, e se ela soubesse o que ele estava sentindo, ia sentir repulsa. Ia concluir que ele passara anos demais chafurdando em todas as formas de perversão imagináveis e que finalmente fora infectado.

"Sempre esqueço que o tempo é diferente lá", disse Benton.

"Não vou a lugar nenhum."

"Então, é assim que vai ser. Você certamente fez uma mala de quem não vai a lugar nenhum."

A bagagem dela estava perto da porta.

"É comida", disse Scarpetta. "Por mais que você fosse adorar me levar para um jantar romântico hoje à noite, vamos comer em casa. Se algum dia chegarmos lá."

Eles olharam nos olhos um do outro. Ela acabara de fazer a pergunta que vinha querendo fazer, mas não fizera.

Ele respondeu: "O que sinto por você não mudou. Se às vezes você soubesse como me sinto. Eu só não digo".

"Talvez seja melhor começar a dizer."

"Estou dizendo."

Benton a quis naquele instante; ela soube e não recuou. Talvez sentisse a mesma coisa. Era tão fácil para ele esquecer que havia um motivo para Scarpetta ser tão polida e precisa, que a ciência era apenas a coleira que ela colocava no pescoço do animal selvagem para que pudesse caminhar com ele, para poder compreendê-lo e lidar com ele. Em sua vida, ela escolhera se expor a coisas que não podiam ser mais cruas, primitivas ou impressionantes, e nada a chocava.

"Eu acredito que um elemento muito importante nesse caso é por que Terri Bridges foi morta no banheiro", disse Scarpetta. "E o que nos faz ter tanta certeza de que foi mesmo?"

"A polícia não achou nenhum indício de que ela tenha sido morta em qualquer

outra parte da casa. Nada que indique que seu corpo tenha sido levado para o banheiro depois do ocorrido. O que temos de comida?"

"O que a gente ia comer a noite passada. Quando você diz que nada indica que o corpo tenha sido levado para outro lugar, o que isso significa? O que poderia indicar isso?"

"Só sei que Morales disse que nada indicava isso."

"E é provável que nada fosse indicar nesse caso", disse Scarpetta. "Se ela estava morta a menos de duas horas, seu corpo não ia dizer muita coisa para ninguém. A lividez e o rigor em geral levam seis horas para estar em efeito total. O corpo estava quente?"

"Ele disse que, quando chegou lá, tentou escutar batimentos cardíacos. O corpo estava quente."

"Então, se Oscar não a matou, quem o fez deve ter saído do apartamento logo antes de ele chegar lá e encontrá-la morta. Foi uma coincidência, uma sorte inacreditável do assassino que ele não tenha sido interrompido. Alguns minutos depois, e Oscar teria chegado. Pressupondo que ele e o assassino não sejam a mesma pessoa."

"Se não forem", disse Benton, "é estranho que outra pessoa fosse achar que Terri estaria sozinha em casa na véspera de Ano-Novo. A não ser que tenha sido aleatório. As luzes dela estavam acesas num prédio todo escuro e, nesta época do ano, a maioria das pessoas que está em casa deixa as luzes acesas o dia todo, ou pelo menos acende as luzes às quatro, quando o sol se põe. A questão é se ela foi uma vítima da oportunidade."

"E quanto a um álibi? Oscar tem algum que você saiba?"

"Ele tem um que você saiba?"

Scarpetta observou-o espremer o máximo de sangue que conseguiu do dedo.

"Estou tentando lembrar a última vez que você tomou uma vacina antitetânica", ela disse.

14

Não fora difícil procurar no banco de dados do Centro de Crimes em Tempo Real da Polícia de Nova York e encontrar os dois casos que Morales havia mencionado. O que levou um pouco mais de tempo foi a resposta dos investigadores que haviam trabalhado neles.

Marino desabotoava o casaco dentro de seu apartamento quando seu celular tocou, às seis e vinte. A mulher disse que se chamava Bacardi, o rum que ele costumava beber misturado com refrigerante Dr. Pepper. Marino ligou de volta do telefone fixo e lhe deu uma sinopse do caso de Terri Bridges, perguntando se ela já ouvira falar de Oscar Bane ou se alguém com a aparência dele fora visto na área quando o homicídio de Baltimore ocorrera no verão de 2003.

"Antes que a gente saia de mãos dadas caçando o mesmo cara", disse Bacardi, "me diga o que faz você pensar que esses casos estejam ligados?"

"Pra começar, não fui eu que pensei nisso. O nome desse outro detetive é Mike Morales, e ele pegou os resultados no nosso sistema de computador. Você o conhece?"

"Não que eu me lembre. Então você não quer levar o crédito por essa descoberta. Não deve ser merda nenhuma."

"Talvez não seja, talvez seja", disse Marino. "Existem semelhanças no *modus operandi* do seu e do meu. A mesma coisa no caso de Greenwich, que imagino que você conheça."

"Estudei esse caso até meus olhos caírem. Acabou com o meu casamento. Ele morreu de câncer o ano passado. Não meu ex-marido, o investigador de Greenwich. De onde você é? Tem sotaque de Nova Jersey."

"É, da parte ruim. Lamento pelo detetive de Greenwich. Câncer de que tipo?"

"Fígado."

"Se eu ainda tivesse um fígado, era isso que ia me derrubar."

"A gente está aqui num dia, e no outro não está. Como meu ex e meus últimos dois namorados."

Marino se perguntou quantos anos ela teria, e se estava fazendo de tudo para que ele soubesse que estava solteira.

"O caso daqui, de Terri Bridges", ele disse. "Ela tinha uma corrente de ouro em volta do tornozelo esquerdo. Uma corrente fina. Eu vi nas fotos. Não vi o corpo em si. Não fui à cena do crime nem ao necrotério."

"Ouro de verdade?"

"Como eu disse, só vi fotos, mas no relatório diz que é ouro dez quilates. Deve estar gravado no fecho. Não sei de que outro jeito dá para saber."

"Querido, eu sei só de olhar. Posso lhe dizer o que quiser saber sobre joia. Se é verdadeira, falsa, boa, ruim, cara, barata. Eu costumava trabalhar com casos de roubo. Além do mais, gosto de coisas que são caras demais para mim, e prefiro não ter nada a ter porcaria. Sabe como é?"

Marino se lembrou de seu terno italiano falsificado, feito na China. Tinha certeza de que, se chovesse, deixaria para trás uma trilha de água manchada de preto, como uma lula. Ele tirou o paletó com alguma dificuldade e pendurou-o numa cadeira. Arrancou a gravata e mal pôde esperar para colocar um jeans, um suéter, e aquela velha jaqueta de couro da Harley-Davidson forrada de lã que já tinha havia décadas e que se recusara a entregar para o bazar.

"Você pode me mandar por e-mail uma foto da tornozeleira que estava em Terri Bridges?", perguntou Bacardi.

Sua voz era melódica e alegre, e ela parecia interessada no próprio trabalho e nele. Falar com ela estava despertando em Marino uma sensação que não sentia havia muito tempo mesmo. Talvez porque tivesse se esquecido como era bom ser tratado como um igual ou, o que era mais importante, com o respeito que ele merecia. O que mudara nos últimos anos e o fizera ter uma opinião tão ruim de si mesmo?

Charleston fora um acidente esperando para acontecer, e essa era a verdade. Aquilo não ocorrera por causa da suposta doença que vinha dentro de uma garrafa. Quando Marino entendera isso, ele e sua psicóloga, Nancy, tiveram sua divergência mais séria, uma discussão feia. Isso fora logo antes de ele terminar seu tratamento. Ela começara dizendo que tudo o que havia de errado na vida de Marino tinha raízes em seu alcoolismo e que, conforme os alcoólatras e viciados iam envelhecendo, eles se tornavam versões exageradas de si mesmos.

Nancy até desenhara um gráfico para ele quando os dois estavam sozinhos na capela naquela tarde ensolarada de junho. Todas as janelas estavam abertas e Marino podia sentir o cheiro do mar e ouvir as gaivotas piando ao mergulhar sobre a costa cheia de pedras de North Shore, onde ele deveria ter ido pescar, andar de moto ou, melhor ainda, deveria ter ficado sentado com os pés para cima bebendo álcool, em vez de jogar nisso a culpa por sua vida. Nancy mostrara a Marino, preto no branco, como, depois que ele e a cerveja haviam se tornado "melhores amigos" quando ele tinha doze anos de idade, sua vida começara uma lenta deterioração pontilhada de traumas que ela escreveu com letras grossas e rotulou:

Brigas
Notas baixas na escola

Isolamento
Promisc. sexual
Relacionamentos de m.
Riscos/boxe/armas/polícia/moto

Nancy passara quase uma hora desenhando o gráfico com as merdas que ele fizera na vida, usando abreviações que tinham de ser decifradas. O que ela demonstrara para Marino era, basicamente, que desde sua primeira cerveja ele enveredara por um caminho violento e perigoso de agressão, promiscuidade sexual, amizades rompidas, divórcio e violência, e que, quanto mais velho ele ficava, mais frequentes ficavam seus traumas, pois essa era a natureza da Doença. A Doença dominava você, e, conforme você ia envelhecendo, ficava fisicamente impossível impedir que ela abusasse de você, ou alguma coisa assim.

Aí Nancy assinara e datara o gráfico de Marino, desenhando até uma carinha feliz sob seu nome, e entregara-lhe aquela droga, todas as cinco páginas, e ele dissera: *O que você quer que eu faça? Grude isso na porra da porta da minha geladeira?*

Marino se levantara do banco da igreja, andara até a janela e olhara o oceano batendo contra o granito negro, a espuma espirrando no ar e as gaivotas piando, como se as baleias e os pássaros estivessem se unindo e começando a quebrar tudo bem na sua frente, tentando tirá-lo dali de dentro.

Você viu o que acabou de fazer?, dissera Nancy para as costas dele, sentada em seu banco de igreja, enquanto Marino observava o dia mais lindo que já vira, perguntando-se por que não estava do lado de fora, no meio dele. *Você se afastou de mim, Pete. Isso é o álcool se manifestando.*

Porra nenhuma, ele respondera. *Não bebo merda nenhuma há um mês. Isso fui eu me manifestando*.

Agora que Marino estava conversando com uma mulher que jamais vira e que tinha um nome que o deixava feliz, ele se deu conta de que não fora tão mal assim até parar de ser um policial de verdade. Quando ele finalmente saíra da polícia de Richmond e fora trabalhar como investigador particular para Lucy e depois para Scarpetta, perdera o poder de executar a lei e todo o respeito que tinha por si mesmo. Não podia prender ninguém. Tudo o que podia fazer era se forçar para dentro das situações e fazer ameaças fajutas. Podiam ter cortado logo seu pau. Então, o que ele fez em maio passado? Teve que mostrar a Scarpetta que ainda tinha um pau, pois o que estava fazendo, na verdade, era provando aquilo para ele mesmo, e tentando recuperar sua vida. Marino não queria dizer que o que fizera fora certo ou devia ser perdoado. Ele jamais dissera tal coisa, e não pensava isso de jeito nenhum.

"Eu consigo o que você precisar", ele disse a Bacardi.

"Seria ótimo."

Ele sentiu um prazer perverso ao imaginar a reação de Morales. Marino estava falando com a investigadora de homicídios de Baltimore, fazendo o que bem entendia.

Morales que se foda.

Marino era um policial oficial do departamento de polícia de Nova York. Mais do que isso, ele trabalhava no esquadrão de elite da promotora de Justiça de Manhattan, e Morales não. Quem disse que aquele Puff Daddy dos pobres era quem dava as ordens? Só porque ele estava trabalhando na noite anterior e respondera à ligação de Oscar Bane?

Marino disse para Bacardi: "Você está na frente do computador?".

"Estou sozinha em casa, Feliz Ano-Novo. Pode mandar. Você viu aquela bolona descer no Times Square? Eu? Comi pipoca e assisti a *Os batutinhas*. Não ria. Tenho todos os originais."

"Quando eu era criança, você podia batizar alguma coisa de Buckwheat e não ser acusado de racista por Al Sharpton. Eu tinha uma gata chamada Buckwheat. E quer saber de uma coisa? Ela era branca."

Marino abriu um enorme envelope e tirou cópias dos relatórios de polícia e da autópsia, depois abriu o envelope de fotografias, que espalhou sobre o balcão de fórmica, cobrindo algumas queimaduras de cigarro e marcas de copo até encontrar o que queria. Com o telefone sem fio enfiado embaixo do queixo, ele colocou uma foto dentro do escâner ligado ao seu laptop.

"É melhor você saber que tem algumas intriguinhas aqui", ele disse.

"Só algumas?"

"A questão é, só nós dois vamos falar disso agora, sem mais ninguém se meter. Se alguém além de mim entrar em contato com você — não quero saber nem se for o chefe de polícia de Nova York — ia ser legal se você não mencionasse meu nome, mas me contasse. E eu lido com isso. Nem todo mundo aqui é..."

"Você está me dizendo que a grama é verde e o céu é azul. Não precisa se preocupar, Pete."

Foi bom ouvi-la chamando-o de Pete. Ele entrou no e-mail e anexou a foto escaneada como um arquivo de imagem.

"Se alguém me ligar", ela disse, "conto antes para você. E gostaria muito que fosse recíproco. Tem muita gente por aí que ia adorar levar o crédito por solucionar o caso dessa moça aqui de Baltimore e do garoto de Greenwich. Já falei como as pessoas são esquisitas com esse negócio de levar o crédito? Quer saber minha teoria? Foi por isso que deu nessa crise das hipotecas. Todo mundo quer crédito. Não estou tentando fazer você rir."

"Principalmente se Morales ligar", acrescentou Marino. "Estou surpreso que ele ainda não tenha feito isso. Mas, por outro lado, não parece ser um cara que investiga

o que descobre.”

“Sei como é. É o que eu chamo de foder sem prestar socorro. Aparece na hora mais interessante e depois desaparece, deixa todo mundo limpar o que ele fez ou terminar o que começou. É meio que nem o cara que engravida a mulher e depois não ajuda a criar o filho.”

“Você tem filhos?”

“Já saíram de casa, fico feliz em dizer. Eles viraram pessoas ótimas, apesar de tudo. Estou vendo a foto agora. E ninguém sabe por que essa vítima daí, Terri Bridges, estava usando essa tornozeleira?”

“É o que dizem. O namorado dela, Oscar, disse que nunca a tinha visto antes.”

“Uma tornozeleira não é nada muito complexo, mas não sou dessas que ignoram provas circunstanciais”, ela disse. “Acho que dá para deduzir que tenho mais de quarenta anos e não gosto de colocar meu caso todo no bolso de um jaleco. Os mais novos? Puta merda. Parece um game show forense. Atrás da porta número um tem um vídeo de alguém estuprando e matando uma mulher que raptou. Atrás da porta número dois tem o dna de uma guimba de cigarro encontrada na entrada da garagem. Qual eles escolhem?”

“Nem me fale.”

“É, eu sei. Eu digo a eles, sabe o que significa csi? Cacete, Seu Idiota. Porque quando ouço esse termo, sigla, ou sei lá o que é, eu penso ‘Cacete, seu idiota’. Não aguento. Me diga, Pete. Quando você estava começando, existia esse tal de csi?”

“A televisão que inventou. Eles eram peritos criminais no mundo real. Ou, na maioria das vezes, pessoas como você e eu pegávamos nosso kit de tirar impressões digitais, máquina fotográfica, fita métrica e todo o resto, e fazíamos toda aquela porcaria nós mesmos. Eu não precisava de uma bosta de um laser para mapear uma cena de crime e calcular todas as dimensões certas. O luminol funciona tão bem quanto todas essas substâncias químicas e luzinhas chiques. A minha vida toda fiz luminol numa garrafa de spray e usei. Não preciso dos Jetsons para trabalhar num homicídio.”

“Não digo tanto. Algumas dessas coisas novas são muito melhores, não tem comparação. Posso analisar uma cena de crime sem destruir completamente o lugar, no mínimo. Você entende, se uma velhinha é roubada, não preciso mais estragar tudo o que ela tem em casa com o pó preto para tirar impressões. A tecnologia pelo menos me permite ter consideração. Mas não tenho uma caixa de truques de mágica. E você?”

“Sempre esqueço de carregar a minha na tomada.”

“Você às vezes vem até Baltimore, Pete?”

“Eu não ouvia essa expressão há algum tempo”, disse Marino. “Aquela história de colocar o caso no bolso de um jaleco que você disse. Quer saber? Tenho mais de

quarenta anos. Você vai receber alguns arquivos aí. Está olhando seu e-mail agora, enquanto a gente reclama? Você às vezes vem até Nova York?"

Ele estava escaneando as páginas do relatório de polícia e as conclusões preliminares que a dra. Lester tirara na autópsia.

"Não foi assim que eu comecei", disse Bacardi. "Ainda acredito em conversar com as pessoas, pensar num motivo, o jeito antigo de fazer as coisas. Claro, eu vou até Nova York. Pelo menos, posso ir. Sem problema. É melhor a gente mandar nossa foto de turma do colégio um para o outro antes. Mas eu juro que fiquei mais bonita depois do transplante de rosto."

Marino pegou uma Sharp's na geladeira. Ele tinha que conhecer aquela mulher. Ela era especial.

"Estou olhando a foto da tornozeleira agora. Nossa senhora", disse Bacardi. "É igual às outras. Todas de dez quilates. Um desenho em forma de espinha de peixe, bem fininho. Baseado na escala desta foto, parece que sua tornozeleira — assim como as outras duas — tem vinte e cinco centímetros de comprimento. O tipo de coisa que dá para comprar num quiosque do shopping por quarenta, cinquenta dólares. Uma diferença interessante que me chamou a atenção logo de cara é que, no meu caso e no caso de Greenwich, os corpos não estavam dentro de um lugar. Parece que as vítimas estavam na rua tentando trocar sexo por drogas e foram abordadas por alguém que estava procurando uma oportunidade. Sua vítima — Terri Bridges — tem um histórico de abuso de drogas ou uma vida secreta que possa tê-la deixado vulnerável a algo do tipo?"

"Não fiquei sabendo de nada que me fizesse pensar que ela fosse viciada em oxicodona ou qualquer outra coisa. Só sei isso o que você está vendo. O exame de álcool deu negativo. É cedo demais para ter saído o exame de drogas, mas não havia sinal de nada no apartamento dela. A gente também não sabe se no caso dela o assassino não estava procurando uma vítima. Pressupondo que o namorado não seja o cara. Mesmo que seja, era véspera de Ano-Novo. Ela era a única pessoa do prédio que não tinha viajado. Também não tinha ninguém do outro lado da rua, com exceção de uma senhora que não estava olhando pela janela na hora em que suspeitamos que Terri tenha sido assassinada. Supostamente. E essa mesma senhora tinha algumas histórias que fizeram meu radar apitar. Como uma história estranha de um filhote de cachorro. Quem daria um filhotinho doente para alguém de presente? Sabendo que ele ia morrer?"

"Só um psicopata."

"É isso que eu acho."

"Então de repente o cara estava passeando de carro e viu uma oportunidade ontem à noite", disse Bacardi.

"Não sei", disse Marino. "Preciso investigar melhor a vizinhança, estou

planejando voltar para lá daqui a pouco, dar uma espiada. Mas já posso lhe dizer que estava tudo bem deserto ontem à noite. É assim em Nova York. Nos fins de semana e nos feriados, quem mora aqui se manda. E, depois de tantos anos trabalhando com isso, aprendi uma coisa. Nunca tem uma fórmula. Talvez o nosso cara tenha saído por bom comportamento e teve uma recaída. Talvez seja Oscar Bane. Talvez seja outra pessoa. Tem o pequeno problema do tempo. Seus dois casos foram há cinco anos, pelo amor de Deus."

"Não tem como saber por que as pessoas fazem o que fazem. Ou quando. Mas *recaída* é uma boa palavra para isso. Acho que os assassinos em série têm uma compulsão, como quem bebe ou é viciado."

A geladeira fez um barulho de sucção quando Marino abriu-a para pegar outra Sharp's.

"Talvez haja um motivo para a coisa ter ficado sob controle por um tempo", disse a voz amistosa de Bacardi no ouvido dele. "Aí vem o estresse, um namoro que termina, você é demitido, fica sem dinheiro e acaba voltando a fazer aquilo."

"Em outras palavras, tudo."

"É. Tudo pode ser motivo. Estou olhando o que você me mandou e já me pergunto por que a médica-legista classificou a causa da morte como indeterminada. Essa doutora Lester não tem certeza se foi homicídio?"

"Ela e a promotora não se entendem."

"Parece que vocês vão ter um problema com o namorado se não foi homicídio."

"Pode crer", disse Marino. "É um pouco difícil acusar alguém se a causa não foi determinada. Mas Berger trouxe outra médica-legista para dar uma segunda opinião. A doutora Kay Scarpetta."

"Mentira." Parecia que Bacardi era fã dela.

Marino se arrependeu de ter falado nela. Então pensou que não teria sido certo não dar todas as informações a Bacardi, e que o envolvimento de Scarpetta era importante. Sempre que ela aparecia, tudo mudava. Além do mais, se Bacardi fosse se virar contra ele, era melhor que acontecesse agora e acabasse logo.

Ele disse: "O nome dela está aparecendo muito na internet agora. E não é por um bom motivo. Só estou falando isso porque você vai ouvir de outra pessoa".

Após uma longa pausa, Bacardi respondeu: "Você é o cara que trabalhava com ela em Charleston. Aquele de quem falaram no noticiário hoje de manhã. Eu ouvi no rádio".

Jamais ocorrera a Marino que as fofocas da internet podiam acabar nos noticiários, e ele se sentiu como se tivesse levado um soco de surpresa.

"Ninguém falou em nomes", disse Bacardi, e ela não parecia mais tão amistosa. "Só que ela supostamente foi agredida por um colega de trabalho quando era chefe dos legistas de lá. Um investigador com quem trabalhava havia muito tempo. Eram

uns locutores que gostam de chocar as pessoas que estavam falando nisso, dizendo as merdas de sempre, basicamente rindo dela e se divertindo ao imaginar o que fizeram com ela. Foi nojento."

"Talvez se você e eu sentarmos cara a cara algum dia, eu lhe conte essa história", ele se surpreendeu ao dizer.

Marino jamais contara aquela história para ninguém, com exceção de Nancy. Ele disse a ela tudo o que lembrava, e ela ouvira com uma expressão sincera que começara a irritá-lo pra cacete depois de algum tempo.

"Você não precisa se explicar para mim", disse Bacardi. "Não conheço você, Pete. O que sei é que as pessoas falam de tudo, e você não sabe o que é verdade até decidir fazer daquilo sua missão de vida. Não é minha missão de vida saber a verdade sobre você, está bem? Só a verdade sobre o que aconteceu com a minha moça, com o garoto de Greenwich, e agora com a sua moça aí de Nova York. Vou lhe mandar meus arquivos por e-mail, tudo o que eu tenho. Se um dia você quiser ler tudo, vai precisar de uma semana trancado numa sala com uma montanha de aspirina."

"Me disseram que não foi encontrado dna no seu caso e no do garoto", disse Marino. "Nenhum sinal de agressão sexual."

"É isso que eles chamam de pesadelo da múltipla escolha."

"Quem sabe a gente não come uns bolinhos de siri em Baltimore, e eu conto para você", ele disse. "Não tire conclusões por causa de uma fofoca. Ou então venha para cá. Você gosta de carne?"

Ela não respondeu.

Marino ficou tão deprimido que pareceu que alguém tinha amarrado suas emoções num bloco de granito. Ele estava arruinado. Aquele babaca do *Quem Ver na Metrópole* o arruinara. Ele conhecera uma mulher legal com o mesmo nome de seu rum preferido e agora ela estava agindo como se ele tivesse varíola e cuspisse quando falava.

"Esses formulários do fbi, sabe essas merdas?", disse Bacardi. "Faça um xis no quadrado, múltipla escolha que nem na escola, quando tem mais de uma resposta? Literalmente nenhum sinal de agressão sexual, exceto que em ambos os casos havia traços de lubrificante. Uma coisa tipo vaselina, onde não havia nenhum esperma. Na vagina da moça. E no ânus do menino de Greenwich. Uma mistura de dna, contaminada pra burro. Nada encontrado no banco de dados do fbi. Achamos que, já que eles foram encontrados nus e jogados ao ar livre, todo tipo de contaminante havia grudado na gelatina de petróleo ou o que quer que fosse. Imagina o dna de quantas pessoas tem num lixão? Além de pelo de cachorro, pelo de gato."

"É interessante", disse Marino. "Porque o dna está esquisito nesse caso também. Achamos o dna de uma velhinha de cadeira de rodas que atropelou uma criança em

Palm Beach."

"Ela atropelou a criança de cadeira de rodas? Estava além do limite de velocidade, furou o sinal vermelho de cadeira de rodas? Desculpe. Alguém colocou outro filme para passar e não me contou?"

"Outra coisa interessante", disse Marino, andando na direção do banheiro com o telefone sem fio, "é que o dna dos seus casos está no banco de dados. E o dna do nosso caso já foi passado no banco. Adivinha o que isso significa?"

Ele cobriu o bocal com a mão enquanto fazia xixi.

"Significa", ele disse, quando podia falar de novo, "que é uma mistura diferente de perfis de dna. Em outras palavras, você não encontrou o dna da velha de Palm Beach porque o dela não estava nas suas vítimas. Sei lá por quê. Acho que você devia vir para cá e conversar com todo mundo. O mais rápido possível, tipo amanhã de manhã", disse Marino. "Você tem carro?"

"O que vocês precisarem. Posso estar aí em poucas horas."

"Eu acredito", disse Marino, "que, quando as coisas são tão diferentes assim, é porque elas têm algo em comum."

15

"Ninguém está acusando ninguém de nada", disse Benton ao telefone, falando com o assistente administrativo de Scarpetta, Bryce. "Eu só estava me perguntando o que passou pela sua cabeça assim que você viu... É mesmo? Isso é algo a se pensar... É, isso é interessante. Eu falo para ela."

Ele desligou.

Scarpetta só prestava atenção parcial na conversa dele com Bryce. Ela estava bem mais interessada em diversas fotografias do banheiro de Terri Bridges, e as colocara uma ao lado da outra sobre um espaço que liberara na escrivaninha de Benton. As fotos mostravam um piso muito limpo de azulejo branco e um balcão de mármore branco. Ao lado da pia com torneiras douradas trabalhadas ficava uma penteadeira embutida no balcão sobre a qual havia perfumes, uma escova e um pente. Preso à parede rosa-claro havia um espelho oval de moldura dourada que estava torto, mas tão pouco que mal era perceptível. Até onde Scarpetta percebera, era o único item do banheiro que estava fora do lugar, ainda que levemente.

"Seu cabelo", disse Benton para ela enquanto sua impressora despertava.

"O que tem?"

"Vou lhe mostrar."

Outro close-up do corpo, esse tirado de um ângulo diferente após a toalha ter sido removida. A acondroplasia de Terri era mais típica que a de Oscar. Ela tinha um nariz um pouco achatado e uma testa larga, seus braços e pernas eram grossos e tinham cerca de metade do comprimento que deveriam ter, e seus dedos eram grossos e pequenos.

Benton girou, tirou uma folha de papel da impressora e mostrou-a a Scarpetta.

"Preciso olhar para isso de novo?", ela perguntou.

Era a foto da coluna do *Quem Ver na Metrópole* daquela manhã.

"Bryce disse que era para você olhar bem para seu cabelo", disse Benton.

"Ele está coberto. Só dá para ver um pedacinho."

"Foi isso que ele quis dizer. Seu cabelo costumava ser mais curto. Bryce mostrou a foto para Fielding, que acha a mesma coisa."

Scarpetta passou os dedos pelo cabelo, entendendo o que Bryce e Fielding queriam dizer. Ao longo do ano anterior, ela deixara seu cabelo ficar uns três centímetros mais longo.

"Tem razão", ela disse. "Bryce, o Senhor Higiene, sempre reclama comigo disso. Ele está naquele comprimento que não é curto nem comprido, e eu não posso nem

cobri-lo totalmente nem enfiá-lo totalmente dentro da touca. Então sempre fica um pedacinho exposto."

"Tanto ele quanto Fielding dizem a mesma coisa", disse Benton. "Essa foto foi tirada recentemente. Nos últimos seis meses, porque ambos acreditam que ela tenha sido tirada depois de terem começado a trabalhar para você. Estão baseando isso no comprimento do seu cabelo, no relógio que está usando e na proteção de rosto, que é do mesmo tipo que você usa agora."

"É só uma proteção de rosto. Não é que nem nossos óculos de proteção chiques com armações em tons diferentes de neon para alegrar o lugar."

"De qualquer maneira, estou inclinado a concordar com eles", disse Benton.

"Isso é significativo. Porque, claro, se a foto foi tirada em Watertown, eles estão na lista de suspeitos. E não se lembram de notar que alguém estava tirando-a?"

"Essa é a dificuldade", disse Benton. "Como eu disse antes, todo mundo que já passou pelo lugar onde você trabalha pode ter tirado a foto. Dá para ver pelo seu comportamento, pela expressão do seu rosto, que você não sabia que ela estava sendo tirada. Uma foto rápida com o celular. Esse é o meu palpite."

"Não foi Marino, então", ela disse. "Ele certamente não esteve ali dentro."

"Imagino que ele odeie essa coluna que saiu na internet ainda mais que você, Kay. Não faria sentido achar que Marino está por trás disso."

Scarpetta examinou mais fotografias do corpo de Terri Bridges no chão do banheiro, perplexa pela fina corrente de ouro em volta de seu tornozelo. Ela deu um dos closes para Benton.

"Oscar disse à polícia que jamais a vira antes", ele disse. "E, como você não parece saber de onde ela veio, vou concluir que ou Oscar lhe disse que não sabia nada sobre ela ou não a mencionou."

"Basta dizer que não sei nada sobre ela", Scarpetta disse. "Mas não me parece ser algo que Terri usaria. Em primeiro lugar, não cabe direito nela. Está apertada demais. Ou ela tinha essa tornozeleira há muito tempo e tinha ganhado peso, ou alguém deu para ela sem perceber ou sem ligar para o seu tamanho. Não acho que ela tenha comprado para si mesma, em outras palavras."

"Então vou fazer meu comentário sexista", disse Benton. "Seria mais fácil um homem cometer um erro assim que outra mulher. Se uma mulher tivesse comprado isso para ela, provavelmente saberia que Terri tem tornozelos grossos."

"Oscar entende tudo de nanismo, é claro", disse Scarpetta. "Ele presta bastante atenção nas aparências. Seria menos provável que comprasse o tamanho errado, pois conhece bastante o corpo dela."

"Além disso, ele disse que nunca tinha visto essa corrente antes."

"Se a pessoa por quem você está apaixonado só se encontrasse com você uma vez por semana num lugar e num horário específicos, que ela própria escolheu, o que

você pensaria após algum tempo?", disse Scarpetta.

"Que ela estava namorando outra pessoa", respondeu Benton.

"Outra pergunta. Se estou fazendo perguntas sobre a corrente, o que isso implica?"

"Que Oscar não a mencionou para você."

"Suspeito que Oscar tenha um medo profundo de que Terri estivesse saindo com outra pessoa", disse Scarpetta. "Lidar conscientemente com isso seria se ferir de uma maneira que ele não pode suportar. Não importa quão chocado tenha ficado quando descobriu o corpo dela, se é que foi isso mesmo que aconteceu. Ele deve ter notado a tornozeleira. O fato de não mencioná-la significa muito mais do que se ele tivesse falado sobre isso espontaneamente, na minha opinião."

"Ele teme que tenha sido um presente de outra pessoa", disse Benton. "Isso é do nosso interesse, é claro, se ela estava saindo mesmo com outra pessoa. Porque essa pessoa pode ser o assassino."

"É possível."

"Também podemos argumentar que Oscar matou Terri porque descobriu que ela estava saindo com outra pessoa", disse Benton.

"Você tem algum motivo para acreditar que ela estava?", perguntou Scarpetta.

"Vou considerar que você também não sabe a resposta. Mas, se estava e essa pessoa lhe deu uma joia, por que estaria usando-a se sabia que Oscar ia chegar?"

"Suponho que Terri podia dizer que ela mesma havia comprado a corrente. Mas não sei por que a usaria, ponto. Não cabia nela."

Scarpetta viu outra foto de roupas na banheira, como se tivessem sido jogadas lá dentro: pantufas cor-de-rosa, um roupão rosa cortado da gola até os punhos das mangas, e um sutiã de renda vermelha, aberto na frente e com as alças cortadas.

Ela se inclinou sobre a mesa, dando as fotos para Benton.

"É mais provável que os punhos dela já estivessem amarrados atrás das costas quando o assassino removeu o roupão e o sutiã", ela disse. "Isso explicaria por que ele cortou as alças e as mangas do roupão."

"O que sugere que ela foi rapidamente subjugada por ele", disse Benton. "Um ataque-relâmpago. Ela não se deu conta do que ia acontecer. Tanto pode ter sido logo após abrir a porta ou depois que ele já estava dentro do apartamento. Ele a amarrou para poder controlá-la. Depois, começou a tirar as roupas dela."

"O agressor não precisava cortar as roupas de Terri se seu objetivo era agredi-la sexualmente. Só precisava abrir a frente do roupão."

"Foi para causar terror. Domínio total. Tudo condiz com um homicídio sexual sádico. Não significa que não tenha sido Oscar. Não significa que tenha sido."

"E a ausência de calcinha? A não ser que ela simplesmente não tenha sido mencionada no relatório. É bastante incomum estar usando um sutiã por debaixo do

roupão, mas não uma calcinha. Presumo que eles vão analisar a tesoura e procurar por fibras para ver se foi usada para cortar as roupas dela. E quanto às fibras que possam estar nas roupas que Oscar estava usando? É de esperar que fibras do corpo dela, da toalha, tenham sido transferidas para ele quando estava sentado lá, abraçado com ela."

Scarpetta encontrou diversas fotos de uma tesoura de cozinha no chão ao lado da privada. Ali ao lado estava a algema de plástico, ou algema descartável, que prendera os pulsos de Terri. Havia sido cortada no fecho. Algo naquela cena incomodou Scarpetta. Ela se deu conta do que era, e passou a fotografia a Benton.

"Notou alguma coisa diferente?", perguntou Scarpetta.

"Antigamente, quando eu estava começando no fbi, a gente usava algemas de metal, não de plástico. E nem preciso dizer que não usamos algemas de plástico nos pacientes."

Era o jeito dele de dizer que não era um especialista.

"Essa aqui não tem cor, é quase transparente", ela disse. "Toda algema de plástico que já vi era preta, amarela, branca."

"Só porque você nunca viu..."

"É claro, não necessariamente significa alguma coisa."

"É possível que surjam novas versões delas, ou novas empresas fabricando-as o tempo todo, principalmente agora, quando estamos no meio de uma guerra. A polícia e o Exército levam algemas assim em caixinhas penduradas nos cintos e têm dúzias delas dentro de seus veículos. Elas são ótimas quando você precisa algemar rapidamente diversos prisioneiros de uma vez só. E, como a maioria das coisas hoje em dia, são fáceis de comprar na internet."

"Mas extremamente difíceis de remover", disse Scarpetta. "É isso que eu estou prestes a dizer. Não dá para cortar uma algema de plástico com uma tesoura de cozinha. Você precisa de um cortador hidráulico, tipo um Scarab."

"Por que Morales não disse nada?"

"Talvez ele nunca tenha tentado cortar uma algema de plástico com uma tesoura", disse Scarpetta. "Há uma boa chance de a maioria dos policias nunca ter feito isso. Na primeira vez que recebi um cadáver com os pulsos presos por uma algema de plástico, precisei usar um instrumento de cortar costelas para tirá-las. Agora tenho um Scarab no necrotério. Homicídios, prisioneiros mortos, suicídios com algemas de plástico nos pulsos, nos tornozelos, no pescoço. Depois que você passa a correia pela trava, não tem mais jeito. Então, ou a tesoura foi colocada ali para fazer parecer que foi usada para cortar a algema, quando na verdade foi outra coisa, ou essa correia transparente no chão do banheiro não é uma algema de plástico. A polícia achou outras correias como essa no apartamento?"

Os olhos castanhos de Benton a observaram atentamente.

"Você sabe tudo o que eu sei, ou o pouco que sei", ele disse. "Tudo o que está no relatório e no inventário das provas. Mas, claramente, quaisquer outras correias teriam sido recolhidas e documentadas, a não ser que Morales seja o pior policial do planeta. Então, acho que a resposta é não. O que nos faz voltar à premeditação. O assassino levou uma algema de plástico para o apartamento. Talvez ele tenha usado a mesma coisa em volta do pescoço dela, talvez não."

"A gente pode falar *ele* o quanto quiser", disse Scarpetta. "Mas Terri Bridges era muito pequena. É possível que uma mulher a tenha dominado facilmente. Na verdade, até uma criança conseguiria, fosse menino ou menina."

"É um crime incomum se tiver sido cometido por uma mulher. Mas pode explicar por que Terri sentiu que era seguro abrir a porta. A não ser que, mais uma vez, Oscar tenha organizado a cena do crime para fazer parecer que foi um homicídio sexual, quando na verdade é outra coisa."

"A ligadura que não foi encontrada", disse Scarpetta. "Isso não parece ter sido forjado. Tenho a sensação de que o assassino a levou embora por um motivo."

"Talvez para ter como lembrança", sugeriu Benton. "A ligadura, uma peça de lingerie, como a calcinha dela. Um mecanismo para tornar presente a fantasia violenta após o ato. Ele rebobina a fita, volta a viver o que fez, porque isso lhe dá gratificação sexual. Um tipo de comportamento raramente associado com homicídios domésticos. Lembranças levadas assim em geral indicam um predador sexual que vê a vítima como um objeto, um estranho ou alguém que não tem uma relação próxima com ela. Não um namorado, um amante. A não ser que a cena do crime tenha sido forjada", ele lembrou mais uma vez. "Oscar é muito inteligente. Ele é calculista e rápido."

Calculista e rápido o suficiente para voltar para o carro e jogar seu casaco lá dentro, certificando-se de que sua alegação de ter sido atacado ao entrar no apartamento de Terri e de que tivera sua camiseta rasgada e fora ferido fossem plausíveis para a polícia. Mas em que momento Oscar fizera isso, pressupondo que fizera mesmo? Scarpetta imaginou que tivesse sido depois de passar as unhas na própria carne e se bater com a lanterna, e então se dar conta de que não seria possível explicar os machucados se tivessem sido causados quando estava usando o casaco.

"Lembranças", disse Scarpetta. "Talvez seja um assassino que leva lembranças e deixa uma. Se considerarmos a possibilidade de a tornozeleira ter sido colocada no cadáver pelo assassino, possivelmente após ela estar morta. Como aqueles anéis de prata daquele caso em que você trabalhou na Califórnia, anos atrás. Quatro universitárias e, em cada homicídio, o assassino colocou um anel de prata no anelar esquerdo da vítima. Mas o simbolismo de um anel de prata me parece ser completamente diferente daquele de uma tornozeleira."

"Um é posse — quer dizer, colocar esse anel em você significa que você é minha", disse Benton. "O outro é controle — quer dizer, estou colocando um grilhão no seu tornozelo. Você me pertence."

Mais fotos: uma mesa posta para dois. Velas, taças de vinho, guardanapos de pano em prendedores azuis e pratos de jantar, pratos de entrada e tigelas para a salada. No centro da mesa, um arranjo de flores. Muita atenção com os detalhes, tudo arrumado perfeitamente, combinando perfeitamente, centrado e reto, mas sem imaginação e sem carinho.

"Ela era obsessiva", observou Scarpetta. "Uma perfeccionista. Mas também fazia questão de arrumar a mesa para ele. Acho que Oscar era importante para ela. Havia música tocando quando a polícia chegou?"

"Não tem nada no relatório."

"A televisão estava ligada? Tem uma na sala de estar, mas ela está desligada na foto. Algum sinal do que ela poderia estar fazendo quando alguém bateu em sua porta? Além de cozinhar em algum momento da tarde?"

"O que você está vendo nas fotos, o que está nos relatórios, é basicamente tudo o que a gente sabe." Ele fez uma pausa. "Porque você é a única pessoa com quem Oscar concordou em falar direito."

Scarpetta leu o relatório em voz alta. "Forno ligado a noventa graus, uma galinha inteira dentro, sugerindo que já estava assada. Terri só estava mantendo-a aquecida. Espinafre fresco numa panela, ainda não havia sido cozido. As bocas do fogão estavam desligadas."

Outra foto: uma lanterna preta de plástico sobre o carpete perto da porta da frente.

Outra foto: roupas colocadas com cuidado sobre a cama. Um suéter decotado, vermelho. Parecia ser de casimira. Calças vermelhas. Pareciam ser de seda. Sapatos? Nem sinal deles. Nem sinal da calcinha.

Outra foto: nenhum traço de maquiagem no rosto vermelho de Terri.

Scarpetta imaginou a cena: Terri ia colocar uma roupa alegre e provocante, de um vermelho vivo e de tecidos macios. Ela estava com um sutiã sensual, um roupão não tão sensual e pantufas, talvez esperando até pouco antes de Oscar chegar para colocar a maquiagem e terminar de se vestir com um vermelho sedutor. Onde estavam seus sapatos? Talvez ela nem sempre usasse sapatos dentro de casa, principalmente em seu próprio apartamento. Onde estava sua calcinha? Algumas mulheres não usam calcinha. Talvez ela fosse uma delas. Mas, se fosse isso mesmo, Scarpetta achava que não fazia sentido o que Oscar lhe dissera sobre a obsessão de Terri com limpeza, com "germes".

"A gente sabe se ela tinha o hábito de não usar calcinha?", Scarpetta perguntou a Benton.

"Não tenho ideia."

“E sapatos. Onde eles estão? Ela teve tanto trabalho para escolher o que ia vestir, mas não escolheu sapatos. Temos três possibilidades. Ela ainda não havia escolhido qual sapato usar. O assassino levou. Ou ela não usava sapato dentro de casa. E isso é curioso e um pouco difícil de aceitar. Uma pessoa obsessivo-compulsiva com arrumação, limpeza, não deve andar descalça. E, quando ela estava de roupão, estava de pantufas. Não descalça. Uma pessoa obsessivo-compulsiva com sujeira e bactérias provavelmente usaria calcinha.”

“Eu não sabia que ela era obsessivo-compulsiva”, disse Benton.

Scarpetta se deu conta de que revelara algo que não devia.

“Oscar não falou nela quando eu o avaliei, como você sabe.” Benton não ia deixar aquela indiscrição passar. “Não percebi qualquer indicação de que Terri fosse obsessivo-compulsiva, ou preocupada demais com limpeza e arrumação. Além do que você vê nas fotografias. E, sim, dá para ver que ela é muito organizada e limpa. Isso já foi sugerido, mas não a ponto de ser uma compulsão. Então, se não era provável que andasse descalça ou sem calcinha, voltamos à possibilidade de um assassino que levava lembranças. Isso não indica Oscar. Não me parece natural que ele tenha removido esses objetos da cena do crime e depois voltado correndo para estar lá quando a polícia chegasse.”

“Estou inclinada a concordar.”

“Você não acha que Oscar a matou, não é?”, disse Benton.

“Acho que a polícia não deve presumir que o assassino é, abre aspas, um anão insano que está bem preso aqui na ala de prisioneiros. É isso que eu acho”, ela disse.

“Oscar não é maluco — essa não é uma palavra bonita, mas tenho que usá-la. Ele não tem um distúrbio de personalidade. Não é sociopata, narcisista, nem tem personalidade limítrofe. O teste para doenças mentais que fiz com ele revelou uma inclinação para a raiva e o escape, e parece que alguma coisa fez nascer uma paranoia e reforçou a sensação dele de que precisa se afastar dos outros. Resumindo, está com medo de alguma coisa. Não sabe em quem confiar.”

Scarpetta pensou no cd que Oscar afirmara ter escondido em meio a seus livros.

Em Murray Hill, Marino caminhava por uma rua escura e ladeada de árvores, tentando pensar como um predador.

O prédio de Terri Bridges ficava entre um parquinho e um consultório médico, sendo que ambos fechavam à noite. Do outro lado da rua, o prédio de dois andares de sua vizinha peculiar tinha, de um lado, um bistrô francês e, do outro, uma padaria, também fechados à noite. Marino examinara tudo, fizera uma busca cuidadosa da área e chegara à mesma conclusão que Morales: quando Terri abrira a porta para o

assassino, não tinha ninguém observando.

Mesmo se alguém tivesse passado ali em frente bem na hora, a pessoa provavelmente não teria ideia do que estava vendo quando uma figura solitária subira a escada e apertara um botão que abrira a porta da rua, ou destrancara-a com uma chave. Marino suspeitava que a verdade era que o bandido permanecera fora de vista até ter certeza de que não havia ninguém por perto, e isso fez com que voltasse a pensar em Oscar Bane.

Se a intenção dele era matar Terri Bridges na noite anterior, não importava se ele fosse visto. Ele era namorado dela. Havia marcado de jantar com ela, ou pelo menos as pessoas imaginariam que sim, e fora inteligente da parte dele estacionar seu jipe Cherokee bem na frente do prédio, porque isso seria o normal para alguém que não tivesse intenções violentas. Após conversar com Bacardi, Marino não tivera mais dúvidas em relação ao tipo de crime com o qual estava lidando. Isso era exatamente o que parecia ser — um ato premeditado, com motivações sexuais, cometido por alguém cujo kit de assassinato incluía amarras, um lubrificante e uma tornozeleira de ouro dez quilates.

Ou Oscar era inocente ou ia ser muito difícil apanhá-lo, pois ele tinha todos os motivos do mundo para aparecer na casa de Terri no fim da tarde anterior. Todas as aparências indicavam que Terri estava esperando-o para jantar. Todas as aparências indicavam que ela esperava passar uma noite romântica com ele. A cena do crime até agora parecia ser praticamente inútil, pois haveria traços de Oscar por todo canto, incluindo no cadáver de Terri. Era o crime perfeito? Talvez, se não fosse por um detalhe estranho: um mês antes da morte de Terri, Oscar insistira em dizer que estava sendo espionado, que estava sofrendo uma lavagem cerebral, que sua identidade havia sido roubada.

Marino se lembrou de Oscar furioso e incoerente ao telefone. A não ser que ele fosse psicótico, por que chamaria atenção para si mesmo daquela maneira se fosse um assassino em série que já matara pelo menos duas pessoas?

Marino sentiu-se culpado e preocupado. E se ele tivesse escutado com mais atenção, talvez encorajado Oscar a ir até a Promotoria de Justiça encontrar-se com Berger? E se Marino tivesse lhe dado pelo menos um pouco do benefício da dúvida? Será que ainda estaria caminhando por aquela calçada escura, naquela noite fria em que ventava muito?

Suas orelhas estavam ficando dormentes, seus olhos lacrimejavam, e ele estava furioso consigo mesmo por ter bebido garrafas demais de Sharp's. Quando o prédio de Terri surgiu diante de Marino, ele percebeu que as luzes de seu apartamento estavam acesas, as persianas baixadas, e que havia um carro de polícia estacionado em frente. Marino imaginou o policial esperando dentro do apartamento, mantendo a cena do crime segura até Berger decidir liberá-la. Ele imaginou o pobre homem

entediado até a medula. O que Marino não daria para poder usar o banheiro, mas você não pode usar nada numa cena de crime.

Naquele momento, o único banheiro público era o mundo. Marino ficou atento, procurando por um bom lugar conforme se aproximava do prédio de Terri. Ele notou que as luzes que ficavam de cada lado da entrada estavam acesas, e lembrou que o relatório de Morales dizia que elas estavam apagadas na noite anterior, quando a polícia chegara pouco depois das seis.

Marino pensou em Oscar Bane de novo. Não fazia diferença se alguém o tivesse visto bem o suficiente para poder identificá-lo depois. Ele era namorado de Terri, tinha as chaves do prédio, e ela o esperava. Se as luzes de fora não estavam acesas quando ele chegara, por que não? Às cinco da tarde, quando ele alegara que havia chegado, já estaria completamente escuro.

Marino supunha que era possível que as luzes estivessem acesas quando Oscar chegou e, por algum motivo, ele as houvesse desligado ao entrar no prédio.

O inspetor parou a meio quarteirão do prédio antigo de arenito, olhando para a entrada na rua 29 Leste. Ele imaginou que era o assassino, imaginou como teria sido se aproximar do prédio de Terri. O que ele poderia ter visto? O que teria sentido? O dia anterior fora frio e úmido; ventara muito, com rajadas de até quarenta quilômetros por hora, o que tornara o ambiente muito desagradável para se andar a pé, mais ou menos tão desagradável quanto estava agora.

Às três e meia da tarde o sol já estaria atrás dos prédios e das árvores, e a entrada estaria envolta em sombras. Era improvável que as luzes já estivessem acesas tão cedo, estando ou não programadas com um *timer*. No meio da tarde, quem estivesse dentro do prédio provavelmente deixaria as luzes de seu apartamento acesas, indicando a um predador quem estava em casa.

Marino foi andando depressa até o parquinho. Ele se aliviava diante do portão escuro quando viu um vulto corpulento sobre o topo chato do prédio de arenito. O vulto estava perto da silhueta da antena, que mal se via, e então se moveu. Fechando o zíper da calça, Marino enfiou a mão no bolso do casaco para encontrar a arma e foi caminhando pé ante pé até o lado oeste do prédio de Terri. A escada de incêndio era estreita, reta e pequena demais para as mãos e os pés de Marino.

Ele tinha certeza de que a escada ia se desprender do prédio e fazê-lo despencar até o chão. Seu coração acelerou, e ele suava em bicas por debaixo de sua jaqueta Harley-Davidson, segurando sua pistola Glock calibre quarenta na mão conforme subia, um degrau de cada vez, com os joelhos tremendo.

Marino não costumava ter medo de altura, mas passara a ter depois que se mudara de Charleston. Benton dissera que era resultado da depressão e da ansiedade que vinha com ela, e recomendara um novo tratamento com um antibiótico chamado d-cicloserina, só porque tinha dado certo em ratos de um projeto de pesquisa em

neurociência. A psicóloga de Marino, Nancy, dissera que o problema era um "conflito inconsciente" e que ele jamais determinaria a natureza desse conflito a não ser que continuasse sóbrio.

Marino não tinha dúvida da fonte do conflito. Naquele instante, era uma merda de uma escada estreita aparafusada a um prédio de arenito. Ele subiu com esforço no topo do prédio. Seu coração deu um salto e ele emitiu um grunhido de surpresa ao se ver cara a cara com o cano de uma arma segurada por um vulto que estava deitado de barriga no chão, na posição de um atirador. Por um segundo, nenhum dos dois se mexeu.

Então Mike Morales enfiou sua pistola no coldre, ficou sentado e sussurrou, furioso: "Seu imbecil filho da puta! Que merda você está fazendo?".

"Que merda *você* está fazendo?", Marino sussurrou de volta. "Achei que você era uma porra de um psicopata."

Marino arrastou a bunda no chão até ficar a uma distância segura da borda do topo.

"Sorte sua eu não ter lhe dado um tiro na testa", acrescentou.

Ele enfiou a Glock de volta no bolso do casaco.

"A gente acabou de ter essa conversa", disse Morales. "Você não tem o direito de sair por aí e não me dizer que diabos está fazendo. Vou mandar demitirem você. Berger provavelmente já vai fazer isso de qualquer maneira."

Era quase impossível de discernir seu rosto no escuro, e ele estava usando roupas escuras e grandes demais. Parecia um sem-teto ou um traficante.

"Não sei como vou descer daqui", disse Marino. "Você tem ideia da idade dessa escada? Deve ter uns cem anos. Naquela época, as pessoas tinham a metade do tamanho que têm hoje em dia."

"Qual é o problema com você? Está tentando provar alguma coisa? Porque só está provando que deveria estar trabalhando como segurança numa porra de um shopping ou alguma coisa assim."

O topo do prédio era de concreto, com uma unidade retangular do sistema de avac e a antena parabólica. No prédio do outro lado da rua, onde Marino estivera mais cedo, as únicas janelas com luzes acesas eram as do apartamento da vizinha do segundo andar, que estava com as cortinas fechadas. Do outro lado da rua que dava para os fundos do prédio de Terri tinha mais pessoas em casa, e duas delas pareciam estar certas de que ninguém podia vê-las. Um homem mais velho teclava num computador, sem ter ideia de que estava sendo observado. No andar de baixo, uma mulher de pijama verde estava sentada no sofá da sala, gesticulando e falando num telefone sem fio.

Morales deu uma bronca em Marino por ter estragado tudo.

"Só estou estragando sua oportunidade de espiar a vida dos outros", retrucou

Marino.

"Não preciso espiar escondido para ver o que quiser, onde quiser", respondeu Morales. "Não estou dizendo que não ia olhar se tivesse alguma coisa para ver."

Ele apontou para a antena parabólica, que estava num ângulo de cerca de sessenta graus e virada para o sul, onde, em algum ponto do céu noturno, havia um satélite que Marino não podia ver.

"Na base tem uma câmera sem fio que acabei de instalar", disse Morales. "Para o caso de Oscar aparecer. De repente ele tenta entrar de novo no apartamento. Sabe como é, aquela velha merda de voltar-à-cena-do-crime. Ou se qualquer outra pessoa decidir fazer uma visita. Minha mente está aberta. Talvez não seja Oscar. Mas aposto minhas fichas nele. E aposto também que matou os outros dois."

Marino não estava com vontade de contar a conversa que tivera com Bacardi. Mesmo se não estivesse em cima de um prédio e não se sentisse extremamente infeliz por estar ali, não teria vontade.

"O policial que está no apartamento sabe que você está aqui em cima?", ele perguntou.

"Lógico que não. E, se você contar a ele, vai descobrir como a gente está longe do chão, porque vou atirá-lo daqui. O jeito mais rápido de se foder quando está tentando pegar alguém no flagra é contar para outros policiais. Incluindo você."

"Já parou para pensar que o carro dele está bem na frente do prédio, parecendo um outdoor da polícia de Nova York? Você devia pedir para o cara estacionar em outro lugar, se está torcendo para o assassino tentar voltar aqui sem ser visto."

"Ele vai tirar o carro de lá. Foi uma porra de uma idiotice estacionar aquela droga ali desde o começo."

"Em geral o maior problema são as pessoas e a mídia achando que podem vir dar uma olhada. Mas sem carro de polícia? Beleza. Nada mais vai impedi-los. Faça como você quiser. Tem alguma ideia de por que as luzes da entrada não estavam acesas ontem à noite?", perguntou Marino.

"Só sei que não estavam. Está no meu relatório."

"Estão acesas agora."

Rajadas de vento os atingiam como ondas invisíveis de um mar agitado, e Marino sentiu-se como se fosse ser arrastado para fora dali. As juntas de suas mãos estavam duras, e ele puxou as mangas para cobri-las.

"Então acho que o assassino apagou as luzes ontem à noite", disse Morales.

"Seria uma coisa meio estranha de se fazer depois que ele já estava dentro do prédio."

"Ele pode ter apagado as luzes quando estava indo embora, para que ninguém que estivesse passando a pé ou de carro pudesse vê-lo."

"Então você acha que não deve ter sido Oscar. Já que ele não foi embora."

“A gente não sabe o que ele fez. De repente ele ficou saindo e entrando, jogando algumas coisas fora. Como o que quer que tenha sido usado no pescoço dela. Onde você estacionou?”, perguntou Morales.

“A algumas ruas daqui. Ninguém me viu.”

“É, você é muito sutil, *mermão*. Parecia um leão de cento e cinquenta quilos subindo pela lateral do prédio. Que pena que não chegou aqui mais cedo”, disse Morales. “Está vendo aquela moça ao telefone?”

Ele indicou o apartamento onde a mulher de pijama verde ainda estava no sofá, gesticulando e falando.

“É incrível quantas pessoas não baixam as persianas”, disse Morales.

“Deve ser por isso que você está aqui, na verdade”, replicou Marino.

“Está vendo aquela janela mais para a esquerda? As luzes estão apagadas agora, mas, há uns trinta minutos, estava mais claro que na pré-estreia de um filme, e lá estava ela.”

Marino olhou para a janela escura como se de repente ela fosse se iluminar de novo e lhe mostrar o que perdera.

“Saiu do chuveiro, tirou a toalha. Peitos legais, muito legais mesmo”, disse Morales. “Achei que eu ia cair desta merda de prédio. Cara, eu amo meu trabalho.”

Marino abriria mão de ver cinquenta mulheres nuas se isso fosse livrá-lo de ter que descer por aquela escada. Morales ficou de pé, tão confortável ali em cima quanto um pombo, enquanto Marino começou a se arrastar de volta para a borda, com o coração aos pulos de novo. Conforme se aproximava centímetro a centímetro, perguntou-se o que acontecera com si próprio. Passara anos voando nos helicópteros e jatos de Lucy. Costumava adorar elevadores de vidro e pontes com juntas de expansão. Agora, odiava até subir numa escada para trocar uma lâmpada.

Observou Morales caminhar na direção da antena parabólica e teve uma sensação estranha sobre ele. Morales estudara em escolas chiques. Era médico, ou podia ser, se quisesse. Tinha uma boa aparência, apesar de se esforçar para fazer as pessoas acreditarem que era o líder de uma gangue ou um gângster latino qualquer. Ele era uma grande contradição, e não fazia sentido que tivesse subido ali para instalar uma câmera com um policial sentado dois andares abaixo, vigiando uma cena de crime, sem dizer nada. E se o policial tivesse escutado o barulho dele ali em cima?

Marino lembrou que a vizinha mencionara que havia um acesso ao topo do prédio e que ela já vira pessoas trabalhando perto da antena parabólica. Talvez Morales não tivesse subido pela escada de incêndio. Talvez tivesse chegado ali por outro caminho — um caminho fácil — e fosse babaca demais para contar o segredo a Marino.

O aço gelado fez arder suas mãos sem luvas conforme ele ia agarrando os degraus e descendo devagar. Só soube que chegara ao nível do chão quando o sentiu sob

seus sapatos, e se apoiou no prédio por um momento para se acalmar e recuperar o fôlego. Andou até a entrada e ficou no primeiro degrau, olhando para cima para ver se Morales estava observando-o. Não conseguiu vê-lo.

O chaveiro de Marino era uma pequena lanterna tática, e ele virou a luz forte emitida por ela na direção das luminárias que ladeavam a entrada coberta de hera do prédio de arenito. Marino verificou os degraus de tijolo e o chão logo diante da porta, e então passou o facho de luz sobre arbustos e latas de lixo. Ligou para a operadora da polícia e disse que precisava que o policial que estava dentro do apartamento de Terri Bridges fosse até a porta e o deixasse entrar. Esperou um minuto e a porta se abriu, mas não era o mesmo policial de uniforme que o deixara entrar mais cedo.

"E aí, está se divertindo?", perguntou Marino, passando por ele, chegando à portaria do prédio e fechando a porta atrás de si.

"Está começando a feder lá dentro", disse o policial, que não parecia ter mais de dezesseis anos. "Nunca mais vou comer galinha."

Marino encontrou dois interruptores à esquerda da porta e mexeu neles. Um acendia as luzes de fora e o outro, as que ficavam na portaria.

"Você sabe se essas luzes têm *timer*?", ele perguntou.

"Não têm."

"Então, como as luzes da entrada foram acesas hoje?"

"Acendi quando cheguei aqui há mais ou menos duas horas. Por quê? Você quer que eu apague?"

Marino olhou para a escada de madeira às escuras que levava ao segundo andar e disse:

"Não, pode deixar acesa. Você foi lá em cima? Parece que os outros moradores ainda não voltaram."

"Não fui a lugar nenhum. Estou preso ali dentro." Ele indicou com a cabeça a porta do apartamento, que deixara um pouco aberta. "Ninguém esteve dentro do prédio. Se fosse eu, ia demorar bastante para voltar, principalmente se fosse uma mulher morando sozinha."

"Não tem outra mulher morando sozinha aqui", disse Marino. "Só a que morava no apartamento do qual você agora é babá. Esta aqui?" Ele indicou a porta do outro lado da portaria. "Dois caras, que trabalham como barman. Provavelmente nunca estão no apartamento de noite. No andar de cima? Sobre Terri Bridges mora um cara que estuda na faculdade Hunter e se sustenta passeando com os cachorros dos outros. O apartamento do outro lado é de um consultor italiano que trabalha para uma empresa financeira britânica, a verdadeira locatária. Em outras palavras, é um desses aluguéis corporativos. O cara provavelmente nunca está em casa."

"Alguém falou com eles?"

“Eu não falei, mas dei uma pesquisada na vida deles. Não tem nada que salta aos olhos. Falando com os pais dela, fiquei com a impressão de que Terri não era muito extrovertida. Nunca falava sobre os outros moradores e não parecia conhecê-los nem ter qualquer interesse neles. Mas, ei, aqui não é o sul do país. As pessoas não fazem um bolo para dar para os vizinhos e então poder se meter na vida deles. Não se preocupe comigo. Vou passar alguns minutos dando uma olhada lá em cima.”

“Só tome cuidado, pois o investigador Morales está no topo do prédio.”

Marino estacou no primeiro degrau e disse: “O quê?”.

“É, ele foi lá para cima há mais ou menos uma hora.”

“E explicou por quê?”

“Não perguntei.”

“Morales mandou você estacionar seu carro em outro lugar?”

“Para quê?”

“Pergunte a ele”, disse Marino. “Morales é que é o grande investigador com todas as grandes ideias.”

Marino subiu a escada e, no segundo andar, no teto entre os dois apartamentos, havia uma porta de acesso de aço inoxidável com um puxador em forma de T. Abaixo dela havia uma escada de alumínio com degraus emborrachados para evitar escorregões, um corrimão dobrável e uma bandeja sobre a qual estavam diversas chaves de fenda. Ali perto, a porta de um armário de utensílios estava escancarada.

“Filho da puta”, murmurou Marino.

Ele imaginou Morales no topo do prédio, rindo ao ouvir Marino descer com dificuldade pela escada de incêndio, quando tudo o que ele precisava ter feito era direcioná-lo à porta de acesso. Marino podia ter descido apenas cinco degraus firmes dentro de um prédio iluminado em vez de trinta degraus estreitos lá fora, no escuro gélido.

Marino dobrou a escada e devolveu-a ao armário de utensílios.

Ele estava na metade do caminho até o carro quando seu celular tocou. A tela dizia *bloqueado* e ele teve certeza de que era Morales, puto da vida.

“*Qualé* ?”, atendeu Marino alegremente enquanto caminhava.

“Marino?”, era Jaime Berger. “Estou tentando falar com Morales.”

Havia muitos ruídos no fundo, que parecia serem carros passando, e ele sabia quando ela estava irritada.

“Acabei de vê-lo”, disse Marino. “Ele está incomunicável neste momento.”

“Se você por acaso falar com ele, quem sabe possa mencionar que deixei três recados. Não vou deixar um quarto. Talvez você possa resolver meu problema. Dezoito senhas até agora.”

“Só para ela?” Ele estava se referindo a Terri Bridges.

“Todas no mesmo provedor de e-mail, mas com nomes de usuário diferentes. Sei

lá por quê. E o namorado dela tem uma. Estou saindo do táxi agora."

Marino ouviu o motorista de Berger dizer algo, ela responder e depois a porta do táxi fechar. Então, pôde ouvi-la melhor.

"Um segundo", ele disse. "Espere eu chegar no carro."

O Impala azul dele, que não tinha qualquer sinal de ser da polícia, estava estacionado logo adiante.

"Onde você está e o que está fazendo?", ela perguntou.

"É uma longa história. Morales mencionou alguma coisa pra você sobre um caso em Baltimore e outro na cidade de Greenwich, em Connecticut?"

"Acho que acabei de explicar que não falei com ele."

Marino destrancou a porta do motorista e entrou no carro. Ligou o motor e abriu o porta-luvas, procurando uma caneta e algo onde pudesse escrever.

"Vou mandar algumas coisas para você por e-mail, acho que posso fazer isso do meu BlackBerry", ele disse. "Era bom Benton receber isso também."

Silêncio.

"Se você não se incomodar, quero mandar os dados que tenho para ele também."

"Pode fazer isso, claro", disse Berger.

"Se não se incomodar que eu mencione isso, ninguém está se comunicando. Quer um exemplo? Você tem ideia se a polícia fez uma busca no topo do prédio de Terri ontem à noite? Como checar o acesso ao topo e a escada no armário de utensílios?"

"Não tenho ideia."

"É isso que estou dizendo. Não tem nada no relatório. E nenhuma fotografia", disse Marino.

"Interessante."

"O topo do prédio seria um jeito fácil de entrar e sair sem ninguém ver. Tem uma escada de incêndio no lado oeste do prédio — como eu disse, ninguém vê."

"Morales deve saber a resposta para essa pergunta."

"Não se preocupe, tenho certeza de que o assunto vai vir à tona. Outra coisa. A gente precisa ver se o dna de Oscar está no banco de dados imediatamente. Por causa de Baltimore e Greenwich. Você recebeu meus e-mails?"

"Isso já deve estar sendo feito. Pedi que me dessem os resultados hoje à noite. Recebi seus e-mails, sim", disse Berger. "Que bom que Morales não se deu ao trabalho de me falar que havia dois outros casos parecidos."

"Ou seja, o dna de Oscar já foi passado para o banco de dados ou vai ser em breve", disse Marino. "Com certeza Morales não ia demorar a avisar você."

"Com certeza."

"Vou falar do dna para a investigadora de Baltimore com quem andei conversando. Não que eu esteja esperando que a gente vá encontrar o dna de Oscar nesses outros dois casos. Não sei, não. Tem alguma coisa estranha. Não consigo

achar que ele matou aquelas duas pessoas. E a namorada."

Marino sempre sabia quando Berger levava alguém a sério. Ela não interrompia nem mudava o rumo da conversa. Ele continuou a falar porque a promotora continuou ouvindo, ambos tomando cuidado para não serem específicos demais, já que Marino estava falando de um celular.

"Aqueles outros dois casos sobre os quais lhe mandei as informações...", disse Marino. "Só não contei o que acabei de saber pelo telefone. Os corpos tinham uma mistura de dna. De diferentes pessoas."

"Que nem este?", perguntou Berger.

"Não quero falar muito nisso agora por motivos de segurança", disse Marino. "Mas seria bom se você pudesse avisar Benton. Sei que ele está aqui. Sei que está em Nova York. Morales disse que está, e que eles vão ao necrotério mais tarde. Todo mundo pode continuar a torcer para a gente não se esbarrar. Vou dizer de uma vez: não adianta tentar ignorar o elefante obeso que está na nossa frente."

"Eles não estão no necrotério ainda. A doutora Lester está atrasada."

"Que surpresa", disse Marino.

Berger riu.

"Acho que dentro de uma hora todo mundo vai estar lá", ela disse, e seu tom de voz foi completamente diferente. Como se o achasse interessante e divertido, e talvez não o odiasse.

"Benton e Kay", acrescentou Berger.

Ela estava contando aquilo a Marino, e fazer isso era sua maneira de dizer que não era sua inimiga. Não, era melhor que isso. Ela estava dizendo que talvez pudesse confiar nele e respeitá-lo.

"Mas seria bom se todos nós nos encontrássemos", disse Marino. "Para discutir o caso. Pedi à investigadora de Baltimore que viesse. Ela deve estar aqui amanhã de manhã. Pode vir para cá sempre que precisarmos."

"Ótimo", disse Berger. "O que quero agora é que você pegue as senhas e os históricos das contas associadas aos nomes de usuário que vou lhe passar. Já mandei uma carta por fax instruindo o provedor a congelar as contas para que permaneçam ativas. Outra coisa. Se mais alguém ligar pedindo essas informações, não dê. Pode deixar isso claro para todo mundo com quem conversar. Não quero saber se é a Casa Branca, as senhas não vão ser passadas para ninguém. Estou no celular."

Ela devia estar se referindo a Oscar Bane. Marino não podia imaginar quem mais saberia quais eram os nomes de usuário de Terri e de Oscar e seus provedores de e-mail, e, sem eles, não era possível obter as senhas. A luz interna do carro apagou, e ele não a acendeu de novo. Usou sua lanterna para visualizar os nomes de usuário e as outras informações que Berger estava lhe passando.

“Oscar ainda está no Bellevue?”, perguntou Marino.

“Obviamente, isso é uma preocupação.” Ela não pareceu tão fria e profissional quanto costumava ser.

Parecia quase amistosa, talvez curiosa, como se jamais tivesse parado para pensar em Marino, e o fizesse agora.

“Acho que ele não vai ficar lá por muito mais tempo”, ela acrescentou. “E há alguns fatos novos. Estarei numa empresa de computação forense chamada Conectnova, que você deve conhecer. Esse é o telefone.”

Ela deu o número a ele.

“Vou tentar pegar o telefone antes de Lucy”, disse Berger.

16

Jet Ranger era quase surdo, mancava bastante e tinha sérios problemas na hora de ir ao banheiro. O velhíssimo buldogue de Lucy não fora feito para Nova York.

Ele não gostava de concreto e de asfalto, e isso era um sério problema numa cidade onde pessoas sem coração tinham o hábito de espalhar pimenta vermelha nos pequenos canteiros de terra ou grama que às vezes rodeavam uma árvore ocasional. Na primeira vez que Jet Ranger enfiara o focinho num punhado delas, quando estava procurando pelo lugar perfeito, Lucy deduzira corretamente que a loja mais próxima daquele raquítico pé de boldo era a culpada e lidou com a situação depressa, sem reprimendas ou explicações.

Entrou lá bem cedo na manhã seguinte, espalhou quinhentos gramas de pimenta vermelha moída por toda a loja e, caso o atônito proprietário do lugar não entendesse o recado, atirou mais uma dose generosa na parte dos fundos, que fedia a urina, antes de sair pela porta de trás. Depois, denunciou a sapataria Ora Solas à Sociedade Protetora dos Animais.

Lucy passou uma boa meia hora passeando com seu buldogue lento e vítima de artrite antes que ele tivesse sucesso e, por isso, atrasou-se. Quando ela chegou a seu prédio, segurando um saco plástico cheio de cocô, a sombra de Berger podia ser vista sobre os velhos tijolos e o corrimão de ferro, à luz bruxuleante das lâmpadas a gás, enquanto ela esperava perto dos três degraus que levavam à pesada porta de carvalho de Lucy.

"Eles têm uns coloridos agora", disse Berger, com o rosto coberto de sombras, olhando para o saquinho. "Uns que não são transparentes."

Lucy jogou o bom trabalho de Jet Ranger numa lata de lixo e disse:

"Espero que você não esteja aí há muito tempo. Ele não gosta da cidade. Deve ter morado num jardim com grama de verdade e com uma cerquinha branca numa vida pregressa. O nome é Jet Ranger, o mesmo do primeiro helicóptero que tive. Jet Ranger, esta é Jaime. Ele não sabe fazer nenhum truque, tipo dar a patinha ou ficar em pé. É um bem simples, não é, meu fofo?"

Berger se agachou para fazer carinho no pescoço de Jet Ranger, sem parecer se importar com o fato de que seu longo casaco de visom estivesse encostando na calçada suja em volta dela ou que estivesse bloqueando a passagem. As pessoas se desviaram dela naquela noite fria, enquanto beijava o topo da cabeça do buldogue e ele lambia seu queixo.

"Impressionante", disse Lucy. "Ele não gosta da maioria das pessoas. É o que

acontece quando você mora com um filho da puta. Não estou falando de mim. Mas de quem foi dono dele antes. Foi mal", ela disse para o cachorro, fazendo carinho nele e tocando o ombro de Berger sem querer. "Eu não devia discutir abertamente seu passado doloroso e particular, nem usar a palavra *dono*. Foi grosseiro da minha parte. Não sou dona dele, na verdade", ela disse para Berger. "Tenho que lhe pagar uma soma considerável para me deixar alimentá-lo, fazer carinho nele, levá-lo para passear, dormir com ele."

"Quantos anos ele tem?", perguntou Berger.

"Não tenho certeza." Lucy massageou as orelhas cheias de pintinhas de Jet Ranger. "Pouco tempo depois de me mudar para cá, eu estava saindo do heliporto da rua 30 Oeste chegando de Boston e o vi correndo pela estrada West Side. Sabe aquele olhar de pânico de quando um cachorro está perdido? Ele estava mancando."

Lucy cobriu as orelhas de Jet Ranger para que não ouvisse o resto.

"Sem coleira", ela disse. "É óbvio que foi atirado de um carro, provavelmente porque é velho, tem um problema nos quadris, é meio cego. Você sabe, não tem mais graça. Em geral, eles não vivem mais de dez anos. Deve estar bem perto disso."

"As pessoas são horríveis", disse Berger, levantando-se.

"Vamos", disse Lucy para o cachorro. "Não fique chateado com o casaco de Jaime. Tenho certeza de que todos esses pobres visons morreram de causas naturais."

"A gente deve receber as senhas em breve", disse Berger. "Talvez isso ajude a explicar todo o resto."

"Não sei o que é o resto, já que mal sei alguma coisa. A gente está só começando", disse Lucy. "Mas é o bastante para fazer com que eu me preocupe com minha tia. Estou preocupada mesmo."

"Percebi isso quando você ligou."

Lucy inseriu uma chave interativa num cilindro de encaixe Mul-T-Lock, e o alarme começou a soar quando ela abriu a porta da frente. Digitou um código num teclado e o alarme parou quando ela fechava a porta.

"Quando vir do que estou falando, seu primeiro impulso vai ser me demitir", disse Lucy. "Mas você não vai fazer isso."

Megera se considerava uma webmaster muito boa, mas não era programadora. Não era nenhuma especialista em tecnologia de informação.

Ela estava diante de seu computador, observando o site do *Quem Ver na Metrópole* continuar com seu ciclo maluco enquanto um técnico da empresa de hospedagem de sites lhe dizia pelo telefone que o problema era de transbordamento de dados. Ele explicou que o número de usuários tentando acessar uma determinada

informação no site excedera a imensa capacidade do servidor e que, naquele momento, a situação estava fora de controle, que milhões de pessoas por minuto estavam clicando numa fotografia, e que isso, na opinião do técnico, só podia significar uma coisa: "Um verme", ele disse. "Ou, basicamente, um vírus. Mas nunca vi nada igual. É mais um verme mutante, na verdade."

"Como pode um verme, seja mutante ou não, ter se infiltrado na programação?", perguntou Megera.

"É provável que um usuário remoto sem privilégio de alguma maneira tenha executado um código arbitrário e explorado as vulnerabilidades do transbordamento de dados do servidor proxy de web. Quem fez isso é muito bom."

Ele disse então que o que normalmente acontecia era que alguém enviava um arquivo contendo um verme que não era reconhecido por nenhum programa antivírus conhecido pela indústria. Esse verme imitava o gesto de usuários abrindo uma imagem que ocupava bastante espaço, "tipo uma fotografia", ele disse, acrescentando que "esse verme autorreplicante imita milhões de pessoas abrindo a mesma imagem ao mesmo tempo, o que faz com que o servidor fique sem memória; além disso, parece que esse verme também está realizando a ação maliciosa de destruir informações. Em outras palavras, é uma mutação estranha de um verme, um macrovírus. E possivelmente um Cavalo de Troia, se, por exemplo, também estiver espalhando o vírus para outros programas, o que temo que esteja acontecendo".

O técnico enfatizou várias vezes que o sabotador era alguém que realmente sabia o que estava fazendo, como se tivesse uma inveja secreta da pessoa que fora inteligente o suficiente para criar tal destruição.

Megera perguntou inocentemente qual imagem era a culpada, e o homem dissera com absoluta certeza que o verme fora iniciado por uma fotografia de Marilyn Monroe. Enquanto ele continuava a explicar o caos causado pelo verme mutante, Megera imaginava a conspiração por trás daquilo. Quem estivera envolvido com o assassinato de Marilyn Monroe há quase meio século ainda tinha grande interesse em impedir que todos soubessem a verdade.

Isso apontava para o governo, o que levava à política e ao crime organizado. Talvez já existissem terroristas naquela época, considerou. Talvez essas pessoas tivessem alguma conexão e estivessem de olho em Megera, tudo porque ela fora tola o suficiente para aceitar um emprego sobre o qual nada sabia e ficara sob o comando de pessoas anônimas que podiam muito bem ser criminosas.

Até onde Megera sabia, o técnico que falara com ela no telefone podia ser um criminoso, um terrorista ou um agente do governo, e toda essa história sobre a foto de Marilyn Monroe iniciar um verme mutante era uma tentativa de desnorteá-la para que não descobrisse o que estava acontecendo de verdade: o site se autodestruíra como aqueles gravadores de *Missão*: *Impossível*, pois, sem querer, ela se imiscuíra

numa gigantesca conspiração contra um poder global ou um Império do Mal.

Megera se sentiu extremamente confusa e tomada pela ansiedade.

"Espero que você saiba", ela disse para o suposto técnico, "que não tenho ideia do que está acontecendo. Não quero me meter e jamais tive intenção de me meter. Não que eu saiba de alguma coisa. Porque certamente não sei."

"É complicado", ele disse. "Até para nós. Estou tentando lhe explicar que esse código que alguém escreveu é muito sofisticado. Tem que ser. Quando falo em *código*, me refiro a um programa de computador que está dentro de algo que parece inócuo, como um arquivo de dados ou um anexo."

Megera não queria saber a que ele se referia, e não queria saber se o verme mutante não estava sendo derrotado e se todas as tentativas de desligar e religar o sistema haviam falhado. Ela parou de prestar atenção quando o técnico dizia que eles podiam tentar colocar na rede uma versão mais antiga e arquivada do site *Quem Ver na Metrópole*, mas que seus outros servidores disponíveis não tinham muito espaço em disco e eram muito mais lentos, o que também poderia causar um travamento. Era possível que tivessem que comprar outro servidor, mas isso não podia acontecer imediatamente, ele tinha que obter permissão do "departamento financeiro" e no Reino Unido eram cinco horas mais tarde do que lá, então ele não ia conseguir entrar em contato com ninguém.

O técnico mencionou que colocar uma versão mais antiga na rede também significaria que Megera teria que voltar a postar as últimas informações, e os fãs precisariam ser avisados de que os e-mails e imagens que haviam mandado teriam que ser reenviados. Os consertos que Megera teria que fazer levariam dias, talvez semanas, e os leitores ficariam furiosos; os que haviam se cadastrado no site recentemente não iam estar na versão mais antiga do banco de dados e acabariam ficando ofendidos. O site poderia ficar dias fora do ar. Talvez semanas.

Quando o Patrão descobrisse que o verme fora iniciado pela foto de Marilyn Monroe no necrotério, Megera seria, no mínimo, demitida. Ela não tinha um plano B. Tudo ia voltar ao estado em que estivera um ano e meio antes, só que dessa vez uma oferta de emprego feita por estranhos anônimos não cairia no colo dela. Dessa vez ela teria que abrir mão do apartamento, o que era a mesma coisa que abrir mão do pouco que lhe restava da pessoa que costumava ser. Só que pior. A vida para quase todas as pessoas decentes só havia ficado mais difícil. Ela não sabia o que ia fazer.

Megera agradeceu ao técnico e desligou o telefone.

Ela foi se certificar de que todas as persianas estavam fechadas e se serviu de outro bourbon, dando grandes goles conforme andava de um lado para o outro, meio maluca de medo, quase chorando, pensando no que provavelmente lhe aconteceria agora.

O Patrão não ia demiti-la diretamente, mas ia mandar aquele agente do Reino

Unido que mal falava inglês fazê-lo. Se ele realmente estivesse metido com alguma seita terrorista, então a vida de Megera estava em risco. Um assassino podia dar um jeito de entrar em seu apartamento enquanto ela dormia, e Megera nem ouviria.

Ela precisava de um cachorro.

Quanto mais bourbon bebia, mais deprimida, amedrontada e solitária ficava. Megera pensou na coluna que postara algumas semanas antes do Natal, que mencionava a mesma cadeia de pet shops que Terri recomendara após Chiclete ter morrido, quando ela se oferecera para comprar outro cachorro.

Megera entrou na internet para ver.

A principal loja da rede Corações Com Cauda por acaso era a que ficava mais próxima de seu apartamento e estaria aberta até as nove.

O loft era uma imensidão sem paredes cheia de vigas e tijolos expostos, com assoalho de madeira polida cor de tabaco e tudo perfeitamente restaurado e modernizado. Não havia nenhum móvel além de escrivaninhas, cadeiras pretas de rodinha e uma mesa de reunião de vidro. Não havia papel, nem uma folha sequer.

Lucy dissera a Berger para sentir-se em casa. Ela afirmara que a promotora estava sã e salva. Todos os telefones eram sem fio e estavam equipados com misturadores digitais para frequência de voz, e o sistema de alarme provavelmente era melhor que o do Pentágono. Em algum lugar ali dentro, Lucy devia ter revólveres e outras armas letais que eram ilegais o suficiente para que fosse enforcada na ponte Tappan Zee, como um pirata. Berger não fez perguntas, mas não se sentiu sã e salva. E não fez nenhum esforço para mudar isso. Simplesmente sentiu-se inquieta, refletiu e ponderou.

Ao fundo, ouvia-se a voz de Annie Lennox, e Lucy estava em sua cabine de vidro, rodeada por três monitores tão grandes quanto as televisões de tela plana da maioria das pessoas. Naquela luz suave, seu perfil estava bem definido, sua pele macia, seu nariz aquilino, sua expressão intensa, como se não houvesse nada que preferisse fazer que navegar por aquilo tudo, que já estava dando uma dor de cabeça em Berger. E daquelas. Do tipo que sempre terminava do mesmo jeito, com ela deitada num quarto escuro, colocando compressas quentes sobre os olhos.

Ela estava em pé ao lado da cadeira de Lucy, remexendo sua pasta, esperando que houvesse um Zomig em algum lugar, porque aquele era o único remédio que funcionava. A cartela que encontrou enfiada entre as páginas de um bloquinho estava vazia.

Lucy estava explicando mais do que Berger queria saber sobre o que o programa de rede neural estava conseguindo de um dos laptops encontrados no apartamento de Terri Bridges e sobre a tecnologia envolvida nisso. Berger estava frustrada por Lucy

ter se recusado a começar a trabalhar no segundo laptop — que parecia ser utilizado apenas para internet. Ela estava ansiosa para Marino ligar com as senhas dos e-mails. A questão era se ainda estaria lá quando ele o fizesse. E a questão maior era por que estava ali para começo de conversa. Uma parte dela sabia; estava nervosa com tudo e com nada, e não sabia o que fazer. Ela e Lucy tinham um problema impressionante nas mãos. Mais de um.

"Em geral, quando você apaga um arquivo num sistema operacional, tem uma boa chance de obter os dados de volta se fizer a recuperação rapidamente", estava dizendo Lucy.

Berger se sentou de novo ao lado dela. Pedaços de texto, frases e palavras partidas, todas num branco forte, religavam-se na escuridão do espaço eletrônico. Ela pensou em colocar seus óculos escuros. Mas teve a sensação de que não ia ajudar. Aquilo daria no que daria, e ela não conseguiria impedir.

Se Berger tivesse a intenção sincera de impedir algo, não teria pego um táxi até o Village aquela noite, não importava qual fosse a crise, a urgência e a lógica do que Lucy lhe dissera pelo telefone, quando ela ligara para sugerir que Berger fosse dar uma olhada no que estava aparecendo. Berger já ficara a sós com Lucy antes, mas isso fora anos atrás, quando a sobrinha espantosamente complicada e aventureira de Scarpetta era jovem demais, e Berger casada demais. Uma coisa que ela nunca fazia era violar contratos ou deixar de ganhar processos por causa de detalhes técnicos.

Berger não tinha nenhum contrato agora, e Lucy era mais velha. O único detalhe técnico era qualquer um que a promotora decidisse inventar.

"Mas não parece que Terri já teve um motivo para recuperar qualquer coisa que tenha apagado", disse Lucy, "e é por isso que você está vendo uns pedaços bem grandes de texto intacto misturados a fragmentos de todos os tamanhos, alguns tão pequenos que não são nada além de cacos. Quanto mais a gente espera para recuperar dados deletados ou corrompidos, mais oportunidade os dados criados mais recentemente terão de ocupar áreas no disco rígido liberadas pelo que foi apagado. E isso faz com que seja mais difícil para o software localizar o que havia ali originalmente."

O que elas estavam vendo, em resumo, eram os pedaços de uma tese que oferecia, em parte, uma perspectiva histórica da ciência, da medicina e da psiquiatria forenses, o que não era necessariamente surpreendente. Buscas em arquivos e a informação dada pelos pais de Terri Bridges indicavam que ela era uma aluna da faculdade Metrópole, cujo reitor era seu pai, e que estava fazendo um mestrado em psicologia forense. Berger observou palavras e frases forenses fluírem pela tela conforme a dor familiar lhe esquentava as têmporas e rastejava na direção dos olhos.

Ela viu referências a centros que pesquisavam a decomposição humana e aos hospitais psiquiátricos de Bellevue e de Kirby, e os nomes de diversos especialistas

forenses muito conhecidos em suas áreas de atuação, incluindo a dra. Kay Scarpetta. Havia inúmeras referências a ela, e era por isso que Lucy comentara mais cedo que Berger talvez se sentisse tentada a demiti-la. Ela estava mais do que tentada. Por diversos motivos, essa seria a decisão mais sábia.

Em primeiro lugar, parecia que Terri — ou quem quer que houvesse usado aquele laptop específico — havia juntado centenas de artigos, clipes de vídeo, fotos e outros materiais publicados sobre Scarpetta. Isso significava um conflito de interesses, e um muito grave, que era piorado ainda mais por outro problema que provavelmente estivera presente desde o primeiro dia.

Berger se lembrava de ter ficado chocada com Lucy quando elas se conheceram oito anos antes em Richmond, de um jeito excitante e, em termos realistas, lamentável naquela época. Fora tolice então, quando ela estava com trinta e muitos anos e quase se convencera de que deixara certas tentações para trás, como a vida que decidira levar indicava. Ela sabia dizer *não*. O fato era que — e, aos quarenta e seis anos, aquilo estava muito claro para ela — Berger não precisaria ter respondido nada se não houvesse pergunta.

"Os laptops têm o que chamo de software de segurança básico, com configurações pré-programas, pré-carregadas", disse Lucy, desviando-se do assunto. "Não é algo que eu usaria, porque reconhece apenas vírus e spywares conhecidos etc. E os conhecidos não são aqueles com que me preocupo. Ela tem antivírus, antispyware, antiphishing, firewall e proteção para a rede sem fio."

"Isso é incomum?" Berger massageou as têmporas.

"Para o usuário normal, sim. Ela tinha uma preocupação com segurança, ou alguém tinha. Mas não a mesma preocupação que uma pessoa como eu ou você teria. O que ela tem aqui é o tipo de proteção que vejo em gente que se preocupa com hackers, roubo de identidade, mas não são programadores de verdade e têm que usar o software pré-fabricado, sendo que muitos são caros e não são tão bons quanto dizem."

"Talvez ela fosse paranoica como Oscar Bane", disse Berger. "Os dois tinham medo de que alguém estivesse atrás deles. Ele, pelo menos, a gente sabe que sente isso. Oscar certamente deixou isso bem claro quando ligou no mês passado e teve uma conversa lamentável com Marino. Não foi culpa de Marino. Se a mesma coisa acontecesse de novo, eu não atenderia o telefonema de Oscar Bane."

"Eu me pergunto se você tivesse falado com ele alguma coisa teria mudado", disse Lucy.

"Aparentemente, o telefonema não foi diferente de todos os outros telefonemas malucos que a gente recebe todos os dias", disse Berger.

"Mesmo assim, é uma pena. Talvez você pudesse ter impedido o que aconteceu."

As mãos que Lucy movia sobre o teclado eram fortes, mas graciosas. Ela fechou

uma janela de programação que havia aberto na tela; mais uma vez aquele negro profundo surgiu, e fragmentos de texto fluíram sobre ele, movendo-se, encontrando as peças que faltavam. Berger tentou não olhar.

"Se eu lhe mostrasse a gravação da conversa, você entenderia tudo", explicou. "Ele parece um doido. Quase histérico, falando sem parar de uma pessoa ou um grupo que está dominando sua mente eletronicamente, e até agora conseguiu não ser controlado por eles, mas sabem cada passo que dá. Neste momento, eu me sinto como se alguém estivesse fazendo a mesma coisa comigo. Peço desculpas adiantadas. Em raras ocasiões, tenho dor de cabeça. Estou me esforçando muito para não ter uma agora."

"Você já teve um ciberenjoo?", perguntou Lucy.

"Não sei bem o que é isso", disse Berger.

"E enjoo em algum meio de transporte?"

"Isso eu sei o que é, e já tive. Não posso olhar para nada dentro de um carro que esteja andando e, quando eu era criança, sempre passava mal em parques de diversão. Nem quero pensar nisso agora."

"Acho que você nunca vai voar comigo."

"Helicópteros de polícia não me incomodam. Contanto que não tirem as portas."

"Desorientação, náusea, vertigem, até convulsões e enxaquecas", disse Lucy. "Em geral associadas à realidade virtual, mas qualquer movimentação na tela do computador pode causar. Como ficar olhando para toda essa merda. Eu, por acaso, tenho sorte. Não sinto nada. Você pode me jogar numa simulação de batida e me deixar o dia inteiro, não me incomoda nem um pouco. Eu podia ser um boneco de testes da cia. Provavelmente, essa é a carreira que deveria ter escolhido."

Lucy se recostou na cadeira e enfiou as mãos nos bolsos da frente da calça jeans, e sua pose aberta era uma espécie de convite, atraindo os olhos de Berger como um quadro ou uma escultura provocante atrairiam.

"Vamos tentar o seguinte", disse Lucy. "Você vai olhar para os monitores só quando eu achar que deve ver algo. Se continuar a se sentir mal, separo os dados que quero que veja, e você pode vê-los num processador de texto estático. Posso até violar minha própria regra e imprimir para você. Então, não olhe para o monitor. Vamos voltar para o que eu estava dizendo sobre que softwares de proteção foram baixados nos laptops. Eu estava sugerindo que a gente tentasse encontrar o mesmo software no computador da casa de Oscar. Talvez encontrar uma prova de que foi ele quem comprou o software. A gente pode entrar no apartamento dele?"

Lucy não parava de dizer "a gente", e Berger não via como aquele "a gente" podia acontecer.

Era completamente insano fazer aquele "a gente" acontecer, ela ficava dizendo a si mesma, tentando se convencer a sair daquilo, para logo depois se convencer a entrar

de novo.

Ela fechou os olhos, esfregou as têmporas com as mãos e disse: "É fácil presumir que era Terri quem estava pesquisando sobre Kay. Mas como podemos ter certeza de que não era Oscar? Talvez esses computadores sejam dele e estivessem no apartamento de Terri por algum motivo. E não, neste momento não podemos ter acesso ao computador ou aos computadores dele. A qualquer computador que ele tenha dentro de seu apartamento. Não temos o consentimento dele e não temos um motivo para pedir um mandado".

"As impressões digitais dele estavam nesses computadores?"

Os laptops estavam sobre uma mesa ali perto, conectados a um servidor.

"Ainda não sei", respondeu Berger. "Mas não necessariamente isso provaria algo, já que ele vivia no apartamento dela. Na teoria, a gente não sabe quem escreveu esse texto. Mas temos certeza de que Kay é um dos focos. Isso a gente já sabe."

"Ela é mais que um dos focos. Não olhe, mas sabe o que está aparecendo agora? São espécies de notas de rodapé. Ibid isso e aquilo, e datas. Notas que parecem se relacionar a citações da minha tia."

"Você está dizendo que Terri a entrevistou?"

"Alguém entrevistou, supostamente. Fique de olho fechado. O computador não precisa da sua ajuda nem da sua aprovação. Ele está mostrando referências, milhares delas entre parênteses, de diversas versões da mesma tese. E centenas dessas referências entre parênteses são entrevistas dadas em ocasiões diferentes. Supostas entrevistas com minha tia."

Berger abriu os olhos e viu palavras e frases fragmentadas passando na tela e se juntando.

"Talvez sejam transcrições de entrevistas dadas à cnn ou que apareceram em jornais", ela sugeriu. "E você tem razão. Da próxima vez, vou perguntar antes de abrir os olhos. Isso só me fez ficar tonta. Não sei o que há de errado comigo. É melhor eu ir embora."

"Não podem ser transcrições", respondeu Lucy. "Não todas, nem a maioria. Cronologicamente, isso não pode estar certo. *Scarpetta, dez de novembro*, e *Scarpetta, onze de novembro*, e depois o dia doze e o treze. De jeito nenhum. Terri não falou com ela. Ninguém falou com ela. Isso é mentira.

Era indescritivelmente estranho vê-la olhando para os monitores e discutindo com o computador como se fosse seu melhor amigo.

Berger se deu conta de que Jet Ranger estava debaixo da mesa, roncando.

"Referências a quatro entrevistas diferentes que ocorreram em quatro dias seguidos", disse Lucy. "E a mesma coisa aqui. Três dias seguidos. Está vendo, é exatamente disso que estou falando. Ela não vem a Nova York e dá entrevista na televisão todos os dias, e quase nunca dá entrevista para jornal. E essa aqui? De

jeito nenhum, porra.”

Berger considerou a possibilidade de se levantar da cadeira e se despedir. Mas a ideia de pegar um táxi naquele minuto era insuportável. Ela ia passar mal.

“No Dia de Ação de Graças? Impossível.” Lucy parecia estar discutindo com as informações. “Estávamos juntas em Massachusetts no Dia de Ação de Graças. Ela não apareceu na cnn e não estava dando entrevista para nenhum jornal e nenhuma aluna de mestrado, de jeito nenhum.”

17

O vento frio estava cortante, e havia uma meia-lua alta e pequena no céu, que não iluminava nada enquanto Scarpetta e Benton andavam até o necrotério.

A calçada estava quase deserta, e as poucas pessoas por quem passaram pareciam sem rumo, com muito pouca coisa a fazer. Um rapaz enrolava um baseado. Outro estava recostado num muro, tentando se manter aquecido. Scarpetta sentiu olhares seguindo-os e ficou vagamente inquieta. Ela tinha a impressão de que estava exposta e ansiosa por motivos que eram complexos demais para que fossem identificados de imediato. Táxis amarelos passavam a todo vapor, e a maior parte de seus tetos iluminados anunciava bancos e empresas de crédito e financiamento, o que era típico depois do Natal, quando as pessoas encaravam as consequências de seu entusiasmo pelo feriado. Um ônibus exibia uma propaganda do *Quem Ver na Metrópole*, e a raiva tocou Scarpetta como a ponta de uma lança.

Em seguida, ela foi tomada pelo medo, e Benton, parecendo adivinhar, pegou sua mão e segurou-a enquanto eles caminhavam.

"Eu bem que mereço", ela disse, pensando na coluna de fofocas. "Fiz de tudo para evitar os holofotes durante mais de vinte anos. Agora a cnn, e então isso."

"Não é o que você merece", ele disse. "É o jeito como as coisas são. E não é justo. Mas nada é. É por isso que estamos indo para o lugar onde estamos indo. Somos especialistas em *injustiça*."

"Não vou reclamar nem mais uma vez", ela afirmou. "Você tem toda a razão. Entrar no necrotério andando é uma coisa. Entrar carregado é outra."

"Você pode reclamar o quanto quiser."

"Não, obrigada", ela disse, puxando o braço dele contra si. "Já acabei."

As luzes dos carros que passavam atingiam as janelas vazias do velho hospital psiquiátrico do Bellevue e, diante de seu portão de ferro, do outro lado da rua, ficava o prédio de tijolos azuis que abrigava o Instituto Médico Legal, na frente do qual havia duas vans brancas com vidros filmados estacionadas, esperando para ser enviadas em sua próxima triste missão. Benton apertou o interfone enquanto esperavam no frio, no último degrau da escada que dava na entrada. Pressionou o botão inúmeras vezes, e sua paciência começou a se esvair.

"Ela deve ter ido embora", disse. "Ou decidiu não aparecer."

"Não seria tão divertido", disse Scarpetta. "Ela gosta de fazer as pessoas esperarem."

Havia câmeras por todos os lados, e Scarpetta imaginou a dra. Lenora Lester

observando-os por um monitor e saboreando a situação. Após muitos minutos, quando Benton já estava determinado a ir embora, ela apareceu do outro lado da porta de vidro e destrancou-a para permitir que entrassem. A dra. Lester usava um longo jaleco cirúrgico verde e óculos redondos com aros de aço, e seu cabelo grisalho estava preso num coque. Seu rosto era feio e sem rugas, com exceção de um vinco fundo que ia do topo do nariz até a metade da testa, e seus olhos escuros eram pequenos e se moviam rapidamente, como se fossem esquilos desviando de carros.

No saguão puído do prédio havia uma fotografia do Marco Zero que ocupava quase uma parede toda, e a dra. Lester pediu a Scarpetta e Benton que a seguissem, como se jamais tivessem pisado ali antes.

Como sempre, ela dirigiu-se a Benton.

"Seu nome foi mencionado semana passada", disse, andando um pouco na frente deles. "O fbi esteve aqui, trabalhando num caso. Alguns agentes e um dos psicólogos de lá. Não sei como começamos a falar de *O silêncio dos inocentes*, e eu lembrei que você era chefe da Unidade de Ciência Comportamental naquela época longínqua. Foi o principal consultor do filme, não? Quantos dias eles passaram na academia? Como eram Anthony Hopkins e Jodie Foster?"

"Eu estava em outro lugar, trabalhando num caso", ele explicou.

"Que pena", disse a dra. Lester. "Naquela época, o interesse de Hollywood por nós era novo, fresco. Era uma coisa boa em muitos aspectos, pois as pessoas acreditavam em estereótipos tão ridículos de como somos e o que fazemos."

Scarpetta decidiu não comentar que aquele filme não ajudara exatamente a acabar com os mitos mórbidos, já que a famosa cena da mariposa ocorria numa funerária, e não numa sala de autópsia moderna. Ela não argumentou que, se alguém se encaixava naquele estereótipo infeliz que dizia que todos os patologistas forenses eram a morte em pessoa, era a dra. Lester.

"Agora? Não passa nem um dia sem que eu receba um telefonema para prestar consultoria para esse programa ou aquele filme. Escritores, roteiristas, produtores, diretores. Todo mundo quer ver uma autópsia e remexer tudo numa cena de crime. Estou tão cansada disso que nem sei explicar."

Seu longo jaleco trapeava em volta dos joelhos conforme andava com seus passos rápidos e curtos.

A dra. Lester disse: "Esse caso? Já recebi uma dúzia de telefonemas. Acho que por ela ser anã. Minha primeira, na verdade. Muito interessante. Lordose lombar moderada, pernas curvadas, certa turgidez frontal. E megaloencefalia, que é um cérebro anormalmente grande", ela explicou, como se Scarpetta não soubesse. "Comum em pessoas com acondroplasia. Não afeta a inteligência. No departamento qi, eles não são diferentes de nós. Então, não se pode dizer que essa moça era burra.

Não dá para colocar a culpa pelo que aconteceu nisso."

"Não tenho certeza do que você está sugerindo", disse Benton.

"É bem possível que esse caso seja mais complexo que parece. Pode não ser o que você pensa que é. Espero que já tenha dado uma olhada nas fotografias da cena do crime, e vou lhe passar uma série que foi tirada durante a autópsia. Foi uma asfixia típica por estrangulamento com ligadura. Presumindo que tenha sido um homicídio."

"Presumindo?", repetiu Benton.

"Num caso incomum como esse, você tem que se manter aberto a todas as possibilidades. Ela era tão pequena que isso a tornava mais vulnerável a coisas que pudessem dar errado, o que seria mais difícil com outra pessoa. Um metro e vinte e cinco. Quarenta quilos. Caso tenha sido um acidente — sexo violento, digamos —, ela corria um risco maior de as coisas irem longe demais."

"Em diversas fotografias, notei que havia sangue e contusões nas pernas dela. Como isso se encaixaria na sua sugestão de sexo violento?", disse Scarpetta.

"Possivelmente pancadas que saíram do controle. Já vi isso antes. Chicotadas, chutes, outros tipos de punição que vão longe demais."

Agora, eles estavam no andar onde ficava a administração. Um piso velho de linóleo cinza e portas vermelhas.

"Não encontrei nenhum ferimento que indique que ela tenha tentado se defender", continuou a dra. Lester. "Se foi mesmo assassinada, então quem a matou conseguiu subjugá-la instantaneamente. Talvez com uma arma ou uma faca, e ela fez tudo o que mandaram. Mas não posso descartar a possibilidade de ela e o namorado, ou seja lá quem estava lá ontem à noite, terem feito uma espécie de jogo sexual que não terminou como planejado."

"Qual evidência, especificamente, a faz pensar que possamos estar lidando com um jogo sexual, para usar o termo que você usou?", perguntou Benton.

"Em primeiro lugar, o que foi encontrado na cena do crime. Pelo que entendi, ela gostava de encarnar personagens, digamos assim. E, o que é mais importante, em geral, numa tentativa de estupro, o agressor obriga a vítima a tirar a roupa." A dra. Lester falava sem jamais diminuir o ritmo de seus passos. "Isso é parte do prazer dele, forçá-la a se despir e imaginar o que vai fazer com ela. Depois, pode amarrá-la. Amarrá-la primeiro e depois ter todo o trabalho de cortar o roupão e o sutiã me parece mais uma brincadeira sexual. Principalmente se a vítima gostava de fantasias e, levando em conta o que me contaram, gostava de sexo."

"Na verdade", disse Benton, "cortar as roupas depois que ela já estava amarrada teria sido muito mais apavorante do que fazê-la se despir antes."

"Esse é o problema que tenho com psicologia forense, determinação de perfil psicológico, qualquer que seja o nome que você dê. É baseado em opinião. O que

você presume ser apavorante pode ser excitante, dependendo do indivíduo.”

“Se algo que eu disser for baseado na minha opinião, pode deixar que eu lhe aviso”, disse Benton.

Berger estava consciente do braço de Lucy roçando no dela, da proximidade do toque enquanto ela anotava coisas num bloquinho. Dados fragmentados de um branco forte passavam pela tela, e, quando Berger olhava, seus olhos doíam, e em seguida vinha a dor de verdade.

“Você acha que a gente vai conseguir recuperar a maior parte?”, ela perguntou.

“Acho”, respondeu Lucy.

“E a gente tem certeza de que esses rascunhos têm mais ou menos um ano de idade?”

“Pelo menos. Vou poder dizer a data específica depois que terminarmos. Temos que chegar ao primeiro de todos os arquivos que ela salvou. Fico dizendo ‘ela’, embora a gente na verdade não saiba quem escreveu tudo isso.”

Os olhos de Lucy eram muito verdes e, quando ela e Berger se encararam, seu olhar foi duradouro e intenso.

“Não parece que ela salvava os arquivos do mesmo jeito que eu”, observou Berger. “Em outras palavras, não me parece que tenha sido muito cuidadosa, para alguém que tem todo esse software de segurança, seja ele básico ou não. Toda vez que trabalho numa petição inicial, por exemplo, abro um novo arquivo e dou outro nome.”

“Esse é o jeito certo de fazer”, disse Lucy. “Mas Terri não se incomodou com isso. Continuou a revisar e a salvar o mesmo arquivo, gravando um em cima do outro. Burrice. Mas meio mundo faz isso. Felizmente, sempre que fazia uma mudança e salvava o mesmo arquivo, ele ganhava uma nova data. Embora não dê para ver ao olhar a lista de documentos dela, está aqui dentro, espalhado por todos os lados. O computador vai encontrar as datas, organizar os arquivos pela ordem e fazer uma análise de repetição. Por exemplo, quantas vezes em um dia ela ou quem quer que seja revisou e salvou o mesmo arquivo? Nesse caso, o arquivo com a tese de mestrado. Em que dias da semana essa pessoa trabalhava nele? A que hora do dia ou da noite?”

Berger fez anotações e disse: “Isso pode nos dar uma ideia de onde Terri estava em cada horário. De seus hábitos. O que possivelmente nos dirá com quem ela estava. Se, por exemplo, ela passava a maior parte do tempo em seu apartamento trabalhando, exceto nas noites de sábado, quando via Oscar. Ou será que ia a outros lugares para escrever? Talvez até fosse à residência de alguém. Será que ela tinha outra pessoa em sua vida sobre a qual não sabemos?”.

“Posso conseguir uma linha do tempo incluindo até a última tecla que Terri apertou”, disse Lucy. “Mas não onde ela estava. Os e-mails podem ser rastreados até um endereço de ip, mostrando, por exemplo, se ela mandou um e-mail de outro computador, de uma *lan house*. Mas não há nada para ser rastreado quando o assunto são seus arquivos feitos no processador de textos. Não podemos dizer com certeza que Terri sempre trabalhava em sua tese em casa. Talvez ela frequentasse uma biblioteca em algum lugar. Oscar pode saber se ela sempre trabalhava em seu apartamento. Presumindo que o que ele diz é verdade. Até onde sabemos, era ele quem estava escrevendo esta tese. Vou continuar a lembrá-la disso.”

“A polícia não encontrou material de pesquisa no apartamento de Terri”, disse Berger.

“Muita gente usa arquivos eletrônicos hoje em dia. Não têm nada em papel. Algumas pessoas nunca imprimem nada a não ser que seja absolutamente necessário. Sou uma delas. Não gosto de deixar papéis me incriminando por aí.”

“Kay certamente saberá quais informações entre aquelas que Terri, ou seja lá quem for, estava juntando e colocando na tese são corretas”, disse Berger. “Podemos recriar cada versão por inteiro?”

“Eu não diria bem isso. Melhor dizer que eu posso recuperar o que está aqui dentro. Agora, o computador está separando por bibliografia. Cada vez que Terri colocava um dado novo, revisava ou alterava qualquer coisa, uma nova versão do mesmo arquivo era criada. É por isso que você está vendo tantas cópias do que parece ser o mesmo documento. Bom, você não está vendo nada. Presumo que não esteja olhando. Como está se sentindo?”

Lucy olhou na direção dela, olhou bem para ela.

“Não tenho certeza”, disse Berger. “Provavelmente, seria melhor ir embora. Temos que resolver o que vamos fazer com isso.”

“Em vez de se esforçar tanto para resolver tudo, por que você não espera para ver com o que estamos lidando? Porque é cedo demais para saber. Você não deveria ir embora. Não vá.”

As cadeiras estavam lado a lado; Lucy corria os dedos pelo teclado e Berger tomava nota quando a cabeça grande de Jet Ranger surgiu entre as cadeiras. Berger começou a fazer carinho nele.

“Separando mais”, disse Lucy. “Mas agora por diferentes disciplinas forenses. Impressões digitais, dna, provas vestigiais. Copiadas e arrastadas para uma pasta chamada Ciência Forense.”

“Arquivos que foram substituídos”, disse Berger. “Um arquivo gravado em cima do outro. Sempre me disseram que, quando isso acontece, a cópia velha some de vez.”

O telefone do escritório tocou.

Berger disse: “É para mim”.
Colocou sua mão sobre o pulso de Lucy para impedi-la de atender.

18

No escritório da dra. Lester, em cada canto possível, havia quadros com diplomas, certificados, condecorações e fotos dela usando um capacete de proteção e uma roupa branca, escavando "O Buraco", como aqueles que tinham trabalhado lá se referiam ao que restara do World Trade Center.

Ela tinha orgulho de ter feito parte do Onze de Setembro, e parecia não ter ficado nem um pouco abalada pelo ataque. Scarpetta não se saíra tão bem após passar quase seis meses no centro de análise da rua Water, passando à mão um escâner em milhares de baldes de poeira como se fosse um arqueólogo, tentando encontrar objetos pessoais, pedaços de corpos, dentes e ossos. Ela não tinha fotos na parede. Não tinha apresentações em PowerPoint. Não gostava de falar no assunto, pois se sentira envenenada por aquilo de um jeito diferente, que jamais sentira antes. Era como se o terror que aquelas vítimas experimentaram no momento da morte tivesse sido suspenso e fixado num miasma que envolvia todos os locais onde haviam estado e, mais tarde, onde seus restos foram encontrados, empacotados e numerados. Scarpetta não sabia explicar muito bem por que, mas sentia que uma pessoa não devia se gabar daquilo, ou mesmo exibi-lo.

A dra. Lester pegou um envelope cheio de coisas em sua escrivaninha e deu-o a Benton.

"Fotos da autópsia, meu relatório preliminar, a análise de dna", ela disse. "Não sei se Mike deu tudo para você. Às vezes, ele se distrai."

Ela mencionou Mike Morales como se os dois fossem amigos íntimos.

"A polícia está dizendo que foi homicídio", disse Benton.

Ele não abriu o envelope e deu-o a Scarpetta, num gesto cheio de significado.

"Não são eles que determinam isso", respondeu a dra. Lester. "Duvido que Mike esteja dizendo que foi isso. Mesmo que esteja, ele sabe o que acho."

"E o que Berger diz?", perguntou Benton.

"Também não é ela quem determina isso. As pessoas têm uma dificuldade enorme de esperar sua vez na fila. Sempre digo que os condenados que acabam aqui não estão com pressa, então por que deveríamos estar? Vou manter a causa da morte indeterminada por enquanto, principalmente devido ao dna. Se eu não tinha certeza desse caso antes, bom, agora estou no limbo total."

"Então você não acha que vai determinar a causa da morte no futuro próximo", disse Benton.

"Não há mais nada que eu possa fazer. Estou esperando pelos outros", disse a

dra. Lester.

Era exatamente o que Scarpetta não queria ouvir. Não apenas não havia qualquer prova que justificasse a prisão de Oscar como, legalmente, sequer ocorrera um crime. Talvez ela fosse obrigada a manter aquele segredo médico por um tempo muito longo.

Eles saíram do escritório, e a dra. Lester disse: "Por exemplo, ela tinha uma espécie de lubrificante na vagina. Isso é incomum num homicídio".

"Essa é a primeira vez que alguém menciona um lubrificante", disse Scarpetta. "Não vi isso em nenhum dos relatórios preliminares."

A dra. Lester respondeu: "Você entende, é claro, que esses perfis de dna do banco de dados são apenas números. Como sempre digo, basta um número errado para dar numa posição cromossômica totalmente diferente. Uma coisa errada num marcador, ou talvez em mais de um marcador, e você tem um problema sério. Acho possível que o que tenhamos aqui seja um caso muito raro de falso positivo devido a um erro de computador".

"Falsos positivos não acontecem, nem em casos muito raros", disse Scarpetta. "Nem se houver uma mistura de dna, como em casos onde mais de uma pessoa agrediu sexualmente a vítima, ou quando há uma contaminação devido ao fato de que diversas pessoas tiveram contato com um item ou substância, como um lubrificante. Uma mistura de perfis de dna de diferentes pessoas não vai ser magicamente idêntica ao perfil de uma mulher de Palm Beach, por exemplo."

"Sim, o lubrificante. Que faz surgir outra explicação possível", disse a dra. Lester. "Contaminação, como você mesma sugeriu. Uma pessoa que faz sexo por dinheiro e que não deixou sêmen, o que quer dizer que pode ser homem ou mulher. O que sabemos sobre a vida privada das pessoas até que acabam aqui? É por isso que não me apresso em declarar que algo foi homicídio, suicídio ou acidente. Não até estar diante de todos os fatos. Não gosto de me surpreender após ter me comprometido. Certamente você viu no relatório do laboratório que não havia presença de fluido seminal."

"Já aconteceu antes", disse Scarpetta. "Muitas vezes, até. Aliás, também já aconteceu de um lubrificante ser usado numa agressão sexual. ky, vaselina, protetor solar, até manteiga. Posso fazer uma longa lista do que já vi para você."

A dra. Lester estava caminhando na frente deles por outro corredor que datava da época da construção do prédio, quando patologistas forenses eram grosseiramente chamados de *açougueiros*. Não muito tempo atrás, a ciência e os mortos tinham pouco a ver um com o outro, pois só havia testes para determinar tipo sanguíneo, impressões digitais e radiografias.

"Nenhum traço de fluido seminal dentro do corpo dela, sobre ele, ou nas roupas encontradas na banheira", disse a dra. Lester. "Ou na cena do crime. É claro que

usaram luz ultravioleta, assim como eu. Nada tinha aquele tom branco forte que é específico do fluido seminal."

"Alguns agressores usam camisinha ao cometer agressões sexuais", disse Scarpetta. "Principalmente hoje, pois todo mundo já ouviu falar de dna."

Dados fragmentados fluíam por telas negras, encaixando-se numa velocidade estonteante, como se estivessem fugindo e sendo capturados.

Talvez Berger estivesse se acostumando ao ciberespaço. Sua dor de cabeça desaparecera misteriosamente. Ou talvez a adrenalina fosse a cura. Ela estava se sentindo agressiva porque não gostava de ser desafiada. Não por Morales. E certamente não por Lucy.

"É melhor a gente começar a ver o e-mail", disse Berger, e não era a primeira vez que ela dizia isso desde que Marino ligara. Lucy não parecia nem um pouco interessada nele ou no que ele estava fazendo, tampouco dava ouvidos a Berger, que insistia para que elas voltassem sua atenção aos e-mails. Elas tinham as senhas bem ali, mas Lucy se recusava a mudar de foco até ter uma ideia melhor de por que o nome de sua tia continuava a aparecer com frequência alarmante nas revisões fragmentadas da tese que Terri, ou talvez Oscar, vinha escrevendo.

"Acho que seu interesse é pessoal demais", disse Berger. "E é exatamente com isso que estou preocupada. A gente precisa olhar os e-mails, mas você prefere ver o que foi escrito sobre sua tia. Não estou dizendo que não é importante."

"Este é o momento em que você precisa confiar em mim, saber que estou fazendo as coisas do jeito certo", disse Lucy, sem ceder um milímetro.

O bloquinho com as senhas escritas permaneceu onde estava, na escrivaninha, ao lado do teclado de Lucy.

"Tenha paciência. Uma coisa de cada vez", acrescentou Lucy. "Não digo a você como investigar seus casos."

"Parece que é exatamente isso que você está me dizendo. Quero acessar os e-mails deles, e você quer continuar a ler essa tese ou seja lá que diabo for isso. Você não está me ajudando."

"Isso é exatamente o que estou fazendo, ajudando você — faço isso me recusando a me submeter a você ou a permitir que me diga como fazer meu trabalho. Não posso deixar que tenha qualquer influência sobre mim e me direcione para determinado lugar, essa é a questão. Sei o que estou fazendo, e tem muita coisa que você ainda não entende. Precisa saber exatamente o que estamos fazendo, por que e como, pois, se isso passar a ter a importância que tenho certeza de que vai ter, você vai ser atacada e bombardeada de perguntas. Não vou ser eu na frente do juiz e do júri explicando a parte dessa investigação que tem a ver com computação forense, e

você provavelmente não vai pode me chamar para testemunhar por pelo menos um motivo óbvio."

"A gente tem que conversar sobre isso", disse Berger, sem rodeios.

"A questão do parentesco", disse Lucy.

"Você perderia sua credibilidade." Berger aproveitou a oportunidade de expressar seus receios e talvez dar um basta naquilo tudo.

Talvez Lucy estivesse prestes a sugerir isso. Talvez ela estivesse prestes a pedir demissão e dar um basta naquilo tudo.

"Fracamente, não sei bem o que fazer", acrescentou Berger. "Se você pudesse ser objetiva, eu lhe pediria uma sugestão. Começou a trabalhar em algo sem saber que estava pessoalmente envolvida com o caso. E agora? Você também não deve querer continuar com isso. Imagino que esteja percebendo que é uma má ideia e que devíamos trocar um aperto de mão e ir embora. Posso encontrar outra empresa."

"Agora que a gente sabe que minha tia está envolvida? Você está brincando? A pior ideia do mundo seria pedir demissão e ir embora", disse Lucy. "Não vou pedir demissão. Você provavelmente quer me demitir. Eu avisei que ia querer. E também falei que não existe outra empresa. Já discutimos isso."

"Você poderia deixar outra pessoa terminar de rodar seu programa."

"O software que eu criei? Você tem alguma ideia de quanto vale? Seria como deixar outra pessoa pilotar meu helicóptero enquanto fico sentada no banco de trás, ou como deixar outra pessoa transar com meu amante."

"Seu amante mora com você? Você mora neste loft?" Berger notou escadas que davam num segundo andar. "É arriscado trabalhar na sua residência. Presumo que essa pessoa não tenha acesso a documentos altamente confidenciais..."

"Jet Ranger não tem a senha de acesso a nada, não se preocupe", disse Lucy. "O que estou dizendo, literalmente, é que ninguém vai encostar no meu software. Ele é meu. Eu escrevi o código. Ninguém vai conseguir entender como funciona, e eu fiz isso de propósito."

"Estamos diante de um enorme conflito que nem eu nem você previmos", disse Berger.

"Só se você quiser que seja assim. Não quero pedir demissão e não vou fazer isso."

Berger deu uma olhada nos dados voando pela tela num ritmo estonteante. Ela olhou para Lucy e quis que não pedisse demissão.

"Se você me demitir", disse Lucy, "vai se prejudicar de forma desnecessária."

"Não tenho a menor intenção de me prejudicar. Ou de prejudicar você. Não tenho a menor intenção de prejudicar esse processo. Diga o que quer que eu faça", disse Berger.

"Quero lhe ensinar algumas coisas sobre como recuperar arquivos salvos uns

sobre os outros porque, como você mencionou, as pessoas acham que isso não é possível. Pode apostar que a defesa vai atacar você com isso. Como já percebeu, considero as analogias úteis. Então, aí vai uma. Digamos que você vá passar as férias no seu lugar preferido. Sedona, por exemplo. Digamos que se hospedou em determinado hotel com determinada pessoa. Para simplificar, digamos que foi com Greg. Imagens, sons, cheiros, emoções, sensações táteis são capturados na sua memória, sendo que boa parte ocorre de forma inconsciente."

"O que você está fazendo?", perguntou Berger.

"Um ano depois", continuou Lucy, "você e Greg pegam o mesmo voo para Sedona no mesmo fim de semana, alugam o mesmo carro, ficam no mesmo quarto de hotel, mas a experiência não vai ser idêntica. Ela vai ser alterada pelo que aconteceu na sua vida desde a última vez que você esteve lá, por suas emoções, seu relacionamento, sua saúde, a saúde dele, pelo que preocupa você, o que preocupa ele, pelo clima, pela economia, pelos desvios da estrada, por reformas, por cada detalhe desde o arranjo floral até os chocolates deixados sobre seu travesseiro. Sem ter consciência disso, você está sobrepondo novos arquivos em cima de velhos que não são idênticos, mesmo que conscientemente você não note a diferença."

"Vou deixar uma coisa bem clara", disse Berger. "Não gosto de pessoas bisbilhotando minha vida ou invadindo minha privacidade."

"Leia o que dizem de você por aí. Algumas coisas são boas, outras nem tanto. Leia a Wikipedia." Lucy não desviou os olhos dos dela. "Não estou dizendo nada que não seja público e notório. Você e Greg passaram sua lua de mel em Sedona. É um dos seus lugares preferidos. Como ele está, aliás?"

"Você não tem o direito de me pesquisar."

"Tenho todo o direito. Queria saber exatamente com quem estou lidando. E acho que sei. Embora você não tenha sido muito honesta até agora."

"O que eu disse que você considera desonesto?"

"Não disse. Não disse nada", respondeu Lucy.

"Você não tem motivo para não confiar em mim e não deve fazer isso", disse Berger.

"Não vou abortar o que estou fazendo por causa de privacidade ou de um possível conflito de interesses. Mesmo que você mande", disse Lucy. "Já baixei tudo para o meu servidor, então, se você quiser pegar os laptops e sair daqui, pode ir. Mas não vai me impedir."

"Não quero brigar com você."

"Não é uma boa ideia."

"Por favor, não me ameace."

"Não estou ameaçando. Entendo que você talvez se sinta ameaçada e como a coisa mais lógica a se fazer talvez fosse tentar me afastar desse caso, de tudo. Mas o

fato é que não tem a capacidade de me impedir de fazer o que estou fazendo. Não tem mesmo. Havia informações sobre minha tia dentro de um apartamento onde uma mulher acabou de ser assassinada. Uma tese que Terri, ou outra pessoa qualquer, estava constantemente escrevendo e revisando. Eu usaria a palavra *obsessivamente*. Nós duas deveríamos estar preocupadas com isso. Não com o que as outras pessoas pensam e de que vão nos acusar.

"Acusar de quê?"

"De conflito de interesses. Por causa da minha tia. Por causa de qualquer coisa."

"Eu me importo bem menos do que você imagina com o que as pessoas pensam", disse Berger. "Porque aprendi que é melhor fazê-las pensar o que quero que pensem que me importar com isso. Sou muito boa nesse sentido. Tive que ser. Preciso ter certeza de que Kay não tem a menor ideia do que está acontecendo. Tenho que conversar com ela."

"Ela teria contado para Benton", disse Lucy. "Ou para você. Nunca ia ter concordado em examinar Oscar Bane se tivesse algum contato com ele ou com Terri Bridges."

"Quando pedi que o examinasse, ela não recebeu quase nenhuma informação sobre o caso. Incluindo o nome da vítima. Então talvez conheça Terri, mas não tenha se dado conta até entrar no quarto onde Oscar estava."

"Pode ter certeza, a essa altura ela já teria dito alguma coisa."

"Não sei se você concorda", disse Berger, "mas acho estranho que uma estudante não tenha feito pelo menos algum esforço para entrar em contato com fontes para sua dissertação de mestrado ou doutorado. Terri Bridges estava escrevendo sobre Kay, mas nunca entrou em contato com ela, nem tentou? Tem certeza? Talvez ela tenha tentado, e Kay só não lembre porque não se interessou em responder."

"Ela ia se lembrar e teria no mínimo recusado educadamente o pedido. Tia Kay não conhecia essa moça."

"Você acha mesmo que consegue ser objetiva? Que consegue lidar com isso? Ou que quer lidar?"

"Consigo. E quero", disse Lucy, subitamente distraída pelo que apareceu na tela de computador.

As palavras "scarpetta, por Terri Bridges" passaram pela tela, várias vezes, escritas com fontes diferentes e em tamanhos diferentes.

"O computador começou a separar por página inicial", disse Lucy. "Será que essa mulher era maluca, porra?"

19

O necrotério ficava no andar mais baixo, onde era conveniente para vans e veículos de resgate parar na baia quando traziam os mortos e os levavam embora.

O cheiro de desodorizante industrial pesava na atmosfera de um corredor silencioso cheio de macas abandonadas. Passaram por salas trancadas onde estavam guardados pedaços de esqueletos e amostras de cérebros, e então pelo lúgubre veículo que era o lento elevador de aço que levava os cadáveres lá para cima, onde podiam ser vistos através de um vidro. Scarpetta sentia uma compaixão especial pelas pessoas que tinham aquela como última imagem de um ser amado. Em todos os necrotérios que já gerenciara, os vidros eram inquebráveis, as salas para onde os corpos eram levados eram civilizadas, com sinais de vida, como quadros de paisagens e plantas de verdade, e quem havia perdido alguém nunca era deixado sozinho.

A dra. Lester os levou à sala dos decompostos, em geral restrita a restos mortais que estavam muito deteriorados ou que eram radioativos ou infecciosos. Um fedor leve e marcante atingiu Scarpetta, como se uma forma especial de tristeza a estivesse convidando a entrar. A maioria dos médicos não tinha muita vontade de trabalhar ali.

"Você teve algum motivo para colocar esse corpo em isolamento?", ela perguntou. "Agora seria um bom momento para nos contar."

A dra. Lester apertou um interruptor. No teto, luzes tremularam e acenderam, iluminando uma mesa de autópsia estacionária de aço inoxidável, diversos carrinhos com instrumentos cirúrgicos e uma maca sobre a qual estava um corpo, coberto por um lençol azul descartável. Um grande monitor de tela plana que havia sobre um balcão estava dividido em seis quadrados que mostravam imagens alternantes do prédio e da baia.

Scarpetta pediu que Benton esperasse no corredor enquanto ela entrava no vestiário adjacente e pegava máscaras faciais, proteções para sapatos e cabelo, e jalecos. Ela tirou luvas de nitrila roxas de uma caixa enquanto a dra. Lester explicava que estava mantendo o cadáver na sala dos decompostos porque o imenso freezer que havia lá por acaso estava vazio naquele momento. Scarpetta mal ouviu. Não havia desculpa que justificasse por que não empurrara a maca até a sala de autópsia que ficava a uma curta distância dali, que apresentava um risco biológico muito menor e que não tinha cheiro.

O lençol farfalhou quando Scarpetta retirou-o, expondo um corpo pálido com o

torso longo, a cabeça grande e os membros atrofiados que eram característicos da acondroplasia. O que ela notou imediatamente foi a ausência de pelos no corpo, incluindo pubianos. Scarpetta suspeitou que tivessem sido removidos a laser, o que teria requerido uma série de tratamentos dolorosos, e isso condizia com o que Oscar Bane dissera sobre as fobias de Terri. Ela pensou na dermatologista que ele mencionara.

"Imagino que já tenha chegado aqui assim", disse Scarpetta, mudando a posição de uma das pernas para poder ver melhor. "Que você não tenha raspado o corpo."

Ela, é claro, não podia repetir as informações que Oscar lhe passara, e sua frustração era enorme.

"De jeito nenhum", disse a dra. Lester. "Não raspei nenhuma parte dela. Não precisei."

"A polícia falou alguma coisa sobre isso? Encontraram alguma coisa na cena do crime, souberam de algo por Oscar, talvez por uma testemunha, sobre a remoção dos pelos ou quaisquer outros procedimentos que pudesse estar fazendo?"

"Só disseram que haviam notado", disse a dra. Lester.

Scarpetta disse: "Então não há menção da pessoa com quem ela se tratou, do consultório onde fez isso. De um dermatologista, por exemplo".

"Mike mencionou isso, sim. Anotei o nome. Uma mulher que trabalha aqui em Nova York. Disse que ia ligar para ela."

"Como ele descobriu quem era essa médica?", perguntou Benton.

"Pelas contas dentro do apartamento. Pelo que entendi, Mike levou muitas contas, correspondência, coisas assim, e começou a examinar. Eram as mesmas coisas de sempre. Nem preciso dizer que isso leva a outra especulação, de que o namorado é pedófilo. A maioria dos homens que quer que uma mulher remova todos os pelos pubianos é pedófilo. Seja praticante ou não."

"Temos certeza de que a remoção dos pelos foi ideia do namorado?", disse Benton. "Como você sabe que não foi ideia dela, uma preferência pessoal?"

"Isso faz com que pareça uma pré-adolescente", disse a dra. Lester.

"O resto dela não parece nada pré-adolescente", disse Benton. "E a remoção dos pelos pubianos também pode ser feita para facilitar o sexo oral."

Scarpetta moveu a lâmpada cirúrgica para mais perto da maca. A incisão em forma de Y ia de uma clavícula à outra, formando uma interseção no esterno e terminando na pélvis, e fora suturada com uma linha grossa num desenho que sempre a fazia pensar em bolas de beisebol. Ela mudou a posição da cabeça para olhar melhor o rosto e sentiu o topo do crânio, que havia sido serrado, mover-se abaixo do couro cabeludo. A pele de Terri Bridges estava vermelha, escura, com petéquias de cor bem viva; quando Scarpetta abriu as pálpebras, viu que a esclera estava completamente vermelha devido a uma hemorragia.

Ela não tivera uma morte misericordiosa nem rápida.

A estrangulação por ligadura afeta as artérias e veias que levam sangue oxigenado até o cérebro e sangue desoxigenado para fora dele. Como a ligadura fora amarrada em torno do pescoço de Terri, obstruindo as veias que levam o sangue para fora, ele continuara a fluir para a cabeça dela, mas ficara sem ter para onde ir depois. A pressão cada vez maior fora rompendo os vasos sanguíneos, o que resultou numa congestão e em incontáveis hemorragias pequenas. O cérebro ficara sem oxigênio, e ela morrera de hipóxia cerebral.

Mas não imediatamente.

Scarpetta pegou uma lupa de mão e uma régua de um dos carrinhos e examinou as escoriações do pescoço. Tinham o formato de um U, começavam bem perto do queixo e apontavam para cima na nuca, subindo ainda mais nas laterais. A médica-legista notou um desenho sutil de marcas lineares se sobrepondo. O objeto usado para estrangular Terri era liso, sem pontas afiadas, e sua largura ia de nove a quinze milímetros. Scarpetta já vira aquilo antes quando a ligadura era uma peça de roupa ou outro material elástico que se tornava mais fino ao ser puxado com força e mais grosso ao ser solto. Ela fez um gesto indicando que era para Benton se aproximar.

"Parece mais que ela foi garroteada", disse Scarpetta para ele.

Ela traçou com o dedo as marcas horizontais parcialmente escamadas que iam pela lateral do pescoço e sumiam logo antes do osso do maxilar.

"O ângulo indica que o agressor estava posicionado atrás e acima dela, e não usou um nó de enforcado nem uma espécie de alça para deixar a ligadura mais apertada", ela disse. "Ele segurou as pontas e puxou para trás e para cima com força, e fez isso diversas vezes. Bem parecido com um carro indo para a frente e para trás quando está preso na neve. Ele passa de novo sobre a marca de pneu que deixou antes, mas não exatamente no mesmo lugar, e você talvez possa contar quantas vezes isso aconteceu. Repare nas petéquias extremamente vivas e na congestão, que também é condizente com um garrote."

Benton olhou pela lupa e tocou as marcas no pescoço de Terri com os dedos enluvados, indo até o outro lado da mesa para ver melhor. Scarpetta sentiu o corpo dele contra o seu enquanto olhavam juntos e foi distraída por odores e sensações conflitantes. A atmosfera gelada e desagradável contrastava enormemente com o calor dele, e ela sentiu a tensão de vida no marido enquanto continuava a insistir que Terri Bridges fora garroteada múltiplas vezes.

"Com base nas marcas que estou vendo, pelo menos três vezes", ela acrescentou.

A dra. Lester se manteve afastada do outro lado da maca, com os braços cruzados e uma expressão inquieta no rosto.

"Quanto tempo até ela perder a consciência a cada vez que ele fez isso?", perguntou Benton.

“Pode ter levado só dez segundos”, respondeu Scarpetta. “A morte teria ocorrido em minutos a não ser que a ligadura tenha sido afrouxada, e é isso que acho que aconteceu. O assassino permitiu que ela recobrasse a consciência, estrangulou-a até que desmaiasse de novo, e repetiu a operação até não conseguir mais sobreviver. Ou talvez ele tenha se cansado.”

“É possível que tenha sido interrompido”, sugeriu Benton.

“Talvez. Mas esse ritual repetitivo explica a congestão profunda do rosto dela e a abundância de pequenas hemorragias.”

“Sadismo”, ele disse.

A dra. Lester se aproximou e disse: “Ou sadomasoquismo que foi longe demais”.

“Você viu se havia fibras no pescoço dela?”, perguntou Scarpetta. “Qualquer coisa que possa indicar o tipo de ligadura que foi usado?”

“Encontrei fibras no cabelo dela e em outras áreas do corpo e mandei para os laboratórios para ver se eles chegavam a alguma conclusão. Nenhuma fibra nas escoriações do pescoço.”

Scarpetta disse: “Se eu fosse você, apressaria tudo o máximo possível. Isso não é um caso de sadomasoquismo que deu errado. Os vincos fundos e avermelhados nos pulsos dela indicam que eles estavam muito bem presos com uma volta só de uma amarra que tinha pontas afiadas”.

“As algemas de plástico vão ser examinadas para ver se há algum dna.”

“Essas marcas não foram feitas por uma algema de plástico”, disse Scarpetta. “Algemas de plástico têm a superfície lisa para que os presos não sejam feridos. Imagino que você já tenha mandado...”

A dra. Lester interrompeu-a. “Tudo foi mandado para os laboratórios. É claro que a amarra foi trazida para cá antes. Mike me mostrou para que eu pudesse correlacioná-la com os vincos nos pulsos dela e talvez com as marcas em volta do pescoço, depois a levou embora. Mas há diversas fotos dela no meio daquelas que dei para você.”

Scarpetta ficou decepcionada. Queria ver pessoalmente a amarra, conferir se ela a lembrava de algo que já tivesse visto antes. Pegou as fotografias, mas os closes da amarra não lhe mostraram nada além do que as fotos da cena do crime já haviam mostrado. A amarra que Oscar supostamente cortara dos pulsos de Terri era uma correia de náilon transparente com exatamente seis milímetros de largura e cinquenta e quatro vírgula seis centímetros da ponta até a trava. Um lado era áspero, o outro era liso e as pontas eram afiadas. Não havia um número de série ou qualquer outra marca que pudesse indicar um fabricante.

“Parece uma espécie de braçadeira plástica para amarrar cabo”, disse Benton.

“Definitivamente não é uma algema de plástico nem nada que possa ser usado como uma algema”, disse Scarpetta.

"Só que várias braçadeiras para cabo são pretas", argumentou Benton, olhando diversas fotografias. "Qualquer coisa que vai ficar exposta ao sol e possa ser degradada por raios ultravioleta vai ser preta. Não transparente ou de alguma cor clara."

"Talvez seja uma espécie de amarra para saco", especulou Scarpetta. "Para usar dentro de casa, já que é transparente. Mas estamos falando de um saco grande e resistente. Isso não é a amarra típica de um saco de lixo."

Ela viu um saco de lixo com risco biológico do outro lado da sala, vermelho vivo e com o símbolo universal, preso num suporte de aço inoxidável ao lado da pia.

"Na verdade", disse Scarpetta, "foi ali que vi esse tipo de amarra. Para esses sacos."

Ela apontou para o saco de lixo com risco biológico.

"Os nossos têm uma amarra de torcer", retrucou a dra. Lester, como se Scarpetta estivesse sugerindo que a amarra usada em Terri Bridges viera do necrotério.

"O mais importante é o seguinte", disse Scarpetta. "Pessoas que praticam sadomasoquismo em geral não se amarram com tanta força a ponto de cortar a circulação, e é improvável que usem amarras ásperas ou com retenções mecânicas que não possam ser soltas facilmente ou removidas com uma chave. E esse tipo de amarra", ela indicou a fotografia, "não pode mais ser solta depois de amarrada. Só pode ser apertada. Ela teria sentido dor. Não haveria como soltá-la sem forçar uma faca ou outro instrumento cortante sob a ligadura. E aqui está um pequeno corte, perto do osso do pulso esquerdo. Deve ter sido assim que ele foi feito. Pode ter sido com a tesoura de cozinha. Havia algum sangue no corpo dela quando foi trazida, além daquele dos ferimentos em suas pernas?"

"Não." Os olhos escuros da dra. Lester estavam fixos em Scarpetta.

"Bom, se ela já estava morta quando a amarra foi cortada e foi aí que ocorreu o corte em sua pele, não teria sangrado, pelo menos não muito", disse Scarpetta. "Não se trata de brincadeira. Foi dolorido demais para uma brincadeira."

"Parece-me que a dor é o objetivo do sadomasoquismo."

"Nenhum prazer foi derivado dessa dor", disse Scarpetta. "Exceto para a pessoa que a causou."

A primeira página era de uma revisão com uma data de cerca de três semanas antes, 10 de dezembro.

"Um arquivo bastante grande que estamos longe de recuperar completamente por enquanto", disse Lucy. "Mas, por essa parcial de um capítulo, dá para saber do que se trata."

Lucy transformara o fragmento num arquivo de texto, e Berger começou a ler

conforme ela pressionava a tecla da seta para baixo:

... Quando estou com um cadáver nas mãos, imagino como poderia ter matado melhor aquela pessoa. Com tudo o que eu sei, é claro que poderia cometer o crime perfeito. Quando estou com meus colegas e bebo uísque, adoramos pensar em situações que jamais apresentaríamos numa reunião de trabalho ou mencionaríamos para nossas famílias, nossos amigos, e certamente para nossos inimigos!

Eu perguntei qual era seu uísque preferido.

Acho que é um empate entre o uísque irlandês puro malte Knappogue Castle e o uísque escocês puro malte Brora.

Nunca ouvi falar de nenhum dos dois.

E por que teria? O Knappogue é provavelmente o melhor uísque irlandês do mundo e custa quase setecentos dólares. E o Brora é tão raro e delicado que cada garrafa é numerada, e ele custa mais que todos os livros que você compra para a faculdade em um ano.

Como você tem dinheiro para beber uísques tão caros? Não se sente culpada em fazer isso enquanto tanta gente está perdendo a casa e não tem dinheiro para colocar gasolina no carro?

Se eu me recusar a beber um uísque irlandês magnífico, isso não vai encher o tanque do seu carro — se é que você tem um carro. O fato é que as melhores marcas, seja um Château Pétrus, um uísque puro malte ou uma ótima tequila pura de agave azul, causam menos danos ao fígado e ao cérebro.

Então as pessoas ricas que bebem as melhores coisas não são afetadas pelo alcoolismo? Aí está algo que eu nunca tinha escutado.

Quantos fígados e cérebros humanos você já viu e secionou?

Que tal alguns exemplos do lado negro? O que mais você fala quando está nos bastidores, principalmente com seus colegas?

A gente se vangloria das pessoas famosas em quem já fizemos autópsia (todos temos um desejo secreto de ter feito Elvis, Anna Nicole Smith ou a princesa Diana). Olha, não sou diferente de todo mundo. Quero o caso que ninguém mais pegou. Quero os assassinatos em série de Gainesville. Quero ser a pessoa que chega na cena do crime e encontra a cabeça decepada numa estante, me olhando assim que passo pela porta. Eu teria adorado ser questionada por Ted Bundy quando ele agiu como advogado de si mesmo no processo em que foi acusado de assassinato. Puxa, teria adorado fazer a autópsia dele depois que foi executado.

Fale de alguns casos sensacionais em que trabalhou.

Tenho a sorte de ter diversos deles. Por exemplo, pessoas atingidas por um raio, quando mais ninguém conseguia descobrir a causa da morte, porque você tem esse cadáver de uma mulher que foi encontrado num campo, com as roupas rasgadas e espalhadas em volta. A primeira coisa que pensa? Que foi uma agressão sexual. Mas nenhum ferimento é encontrado na autópsia. Quer saber o que é uma pista de matar? Desculpe pelo trocadilho. A forma ramificada conhecida como figura de Lichtenberg ou arborização elétrica. Ou, se a pessoa estiver usando alguma coisa de ferro, como uma fivela de cinto de aço, teria ficado magnetizada, ou o relógio poderia ter parado na hora da morte — eu sempre procuro por coisas assim. A maioria dos médicos-legistas não faz isso, porque eles não têm experiência, são ingênuos, ou não são muito bons no que fazem.

Você não parece tão compassiva quanto eu imaginava.

Vamos encarar os fatos. Quem morreu já está morto. Posso demonstrar toda a empatia do mundo e levar qualquer júri às lágrimas. Mas será que sinto mesmo que meu coração foi arrancado do meu peito quando a última tragédia é trazida na maca? Será que me importo mesmo quando os policiais fazem comentários que o público nunca ouve?

Tais como?

Em geral, comentários com conotação sexual. Sobre o tamanho do pênis do morto — principalmente se for pequeno ou enorme. Sobre o tamanho dos seios da morta — principalmente se forem o que eu chamo de atributos de coelhinha da Playboy. Conheço muitos médicos-legistas que guardam lembranças. Troféus. Um quadril artificial de alguém famoso. Um dente. Um implante de seio, e são sempre os homens que querem esses. (Não me pergunte o que eles fazem com eles, mas sempre estão logo ao alcance da mão.) Um implante peniano — são engraçados.

Você já guardou uma lembrança?

Só uma. Foi há vinte anos, um caso do início da minha carreira, assassinatos em série em Richmond, onde eu acabara de começar como médica-legista chefe. Mas o troféu não veio de um cadáver. Veio de Benton Wesley. A primeira vez que o vi foi na minha sala de conferências. Quando ele foi embora, guardei o copo que ele havia usado para tomar café. Sabe, um desses copos grandes de isopor que dão para a gente nas lanchonetes? Fiquei morrendo de tesão por ele no primeiro minuto que o vi.

O que você fez com o copo de café?

Levei para a minha casa e passei a língua pela borda, como se, sentindo aquele gosto, estivesse sentindo o gosto dele.

Mas você não transou com ele até o quê? Cinco anos depois?

Isso é o que todo mundo pensa. Mas não é o que aconteceu de verdade. Liguei para Benton depois daquele primeiro encontro e o chamei para tomar um drinque — supostamente para a gente continuar a discutir os casos em particular, e no segundo em que a minha porta da frente fechou atrás de nós, nós nos agarramos.

Quem começou?

Eu o seduzi. Isso fez com que o dilema moral fosse menos complicado para ele. Benton era casado. Eu era divorciada e não estava saindo com ninguém. Coitada da mulher dele. Éramos amantes havia quase cinco anos quando ele finalmente admitiu o adultério, fingindo que tinha acabado de começar porque o casamento deles ficara sem graça, sem vida.

E ninguém descobriu? Pete Marino? Lucy? Rose, sua secretária?

Eu sempre me perguntei se Rose suspeitava. Era alguma coisa na maneira de ela agir quando Benton aparecia para discutir mais um caso, ou quando eu estava a caminho da academia do fbi em Quantico para mais uma consulta. Ela morreu de câncer no ano passado. Então você não vai poder perguntar para ela.

Parece que trabalhar com os mortos não deixa você inibida sexualmente.

É exatamente o contrário. Quando você explorou cada centímetro do corpo humano tantas vezes que não tem o menor resquício de vergonha ou asco dele, não há nada proibido em termos sexuais, e há muito o que experimentar...

"Você pode mandar isso para Kay?", disse Berger, quando o fragmento de texto acabou abruptamente. "Para ela, quem sabe, dar uma olhada quando tiver um tempo. Talvez possa nos dizer alguma coisa, dar alguma informação que não temos."

"Isso supostamente é de uma das entrevistas dadas no Dia de Ação de Graças deste ano", disse Lucy. "Que eu sei que ela não deu. Não que jamais fosse falar assim com alguém."

"Notei que houve um uso criativo das fontes. Qual é sua opinião sobre isso?"

"O autor da tese, Terri, ou seja lá quem for, mexe muito com as fontes", concordou Lucy.

Ela estava fazendo de tudo para ficar calma, mas estava indignada. Berger sentiu isso e estava esperando. No passado, a raiva de Lucy fora algo a ser temido.

“E, na minha opinião, há um simbolismo nisso”, Lucy disse. “Nessa entrevista falsa, por exemplo, nas perguntas de Terri, vou passar a dizer que foi Terri, a fonte usada é Franklin Gothic, e ela está em negrito. As respostas falsas da minha tia estão em Arial, num tamanho menor.”

“Portanto, simbolicamente, Terri superou Kay em importância”, disse Berger.

“É pior que isso. Para os puristas do mundo de processamento de texto, a Arial tem péssima reputação”, disse Lucy, analisando o texto enquanto falava. “Essa fonte já foi chamada de feia, de ordinária, de sem personalidade, e é considerada uma impostora descarada. Existem vários artigos sobre isso.”

Ela evitou olhar para Berger.

“Uma impostora?”, indagou Berger. “Quer dizer um plágio, uma violação de propriedade intelectual? Do que você está falando?”

“É considerada uma cópia de Helvetica, que foi desenvolvida nos anos cinquenta e se tornou uma das fontes mais populares do mundo”, disse Lucy. “Para um amador, não há diferença entre Helvetica e Arial. Mas para um purista, um impressor ou designer, a Arial é uma parasita. A ironia é que alguns designers jovens acham que a Helvetica é baseada na Arial e não o contrário. Você vê o significado simbólico? Porque, pelo menos para mim, é assustador.”

“É claro que vejo”, disse Berger. “Poderia sugerir que Terri e Kay trocaram de lugar em termos de quem é a especialista forense conhecida no mundo todo. Bem parecido com o que Mark David Chapman fez antes de matar John Lennon. Ele estava usando um adesivo na roupa com o nome de Lennon escrito. Bem parecido com o que Sirhan Sirhan fez quando ele supostamente disse que, ao assassinar Bobby Kennedy, ia ficar mais famoso.”

“A mudança nas fontes foi progressiva”, disse Lucy. “Quanto mais recentes são os rascunhos, mais marcante ela fica, maior é a proeminência do nome de Terri e maior é a negatividade implícita em relação à minha tia.”

“Uma mudança que sugere que a ligação emocional de Terri com Kay estava se tornando hostil, virando uma rejeição. Eu deveria dizer ‘do autor’. Mas, para simplificar, vou continuar a dizer ‘Terri’”, especulou Berger. “É bem parecido com o que aconteceu entre Kay e Marino, agora que parei para pensar. Ele a idolatrava. Depois, quis destruí-la.”

“Não é tão simples assim e não é a mesma coisa”, disse Lucy. “Marino tinha um motivo para estar apaixonado por minha tia. Ele a conhecia. Terri não tinha um motivo para sentir nada por ela. Era uma ilusão.”

“Estamos deduzindo que ela era uma fanática por fontes. Vamos voltar a falar nisso”, disse Berger, continuando sua avaliação.

Lucy estava diferente — de verdade. Ela continuava sendo impetuosa. Mas não reagia da mesma maneira de antes e, na opinião de Berger, costumava estar sempre a

um passo da violência. Aquele costumava ser seu normal, o que a tornava um risco constante.

"Definitivamente acho que ela era bem versada em fontes", disse Lucy. "Ela usa uma fonte diferente para as notas de rodapé, para a bibliografia, para os títulos dos capítulos, para o índice. A maioria das pessoas não faz isso quando está escrevendo uma tese. Elas podem mudar o tamanho ou usar itálico, mas não fazer esse uso artístico das fontes. Na verdade, a fonte mais usada em geral é a que já vem automaticamente em diversos pacotes de processamento de texto, incluindo esse que Terri estava usando. A maior parte dos textos é em Times New Roman."

"Exemplos", disse Berger, escrevendo em seu bloquinho. "Que fontes ela usa, para que e por quê? Teoricamente."

"Para as notas de rodapé, Palatino Linotype, que é bastante legível tanto na tela do computador quanto numa impressão. Para a bibliografia, Bookman Old Style. Também legível. Para os títulos dos capítulos, ela escolheu ms Reference Sans Serif, que em geral é usada em manchetes. Vou dizer de novo, é raro encontrar tantas fontes diferentes, principalmente num trabalho acadêmico. Para mim, isso sugere que a maneira de ela escrever era altamente personalizada. Não era só o que estava escrito que era importante."

Berger observou Lucy por um longo momento.

"Como diabos você sabe tudo isso assim, de cabeça?", ela disse. "Fontes? Nunca presto atenção nelas. Não sei nem dizer que fonte uso quando escrevo minhas petições."

"Você usa a mesma fonte automática do processador de textos que Terri usava. A Times New Roman, criada para o *Times* de Londres. Uma fonte que é fininha e, por isso, econômica, mas muito legível. Vi folhas impressas na sua mesa quando estive no seu escritório hoje mais cedo. Quando se trabalha com computação forense, o que parece ser o detalhe mais trivial pode ser significativo."

"O que talvez seja o caso aqui."

"Posso afirmar uma coisa com certeza", disse Lucy. "Essas fontes diferentes podem ter sido escolhas deliberadas, porque ela teve que selecioná-las. Agora, se por acaso ela dava um simbolismo às fontes em termos de como se sentia em relação a si mesma ou a outra pessoa, como minha tia? Não sei. Mas minha opinião é de que tudo isso é nojento e estava caminhando rapidamente para ficar mais nojento ainda. Se Terri for mesmo a autora e se ainda estivesse viva, eu a consideraria uma ameaça à minha tia. Talvez até fisicamente perigosa. No mínimo, está difamando alguém que nunca conheceu."

"Kay teria que provar que isso não é verdade. E como poderia provar que aquela história do copo de café é invenção, por exemplo? Como você sabe que não é verdade?"

“Ela jamais faria algo do tipo.”

“Não acredito que você tenha como saber o que Kay faz em seus momentos de privacidade”, disse Berger.

“É claro que tenho.” Lucy olhou-a nos olhos. “E você também tem. Pergunte a qualquer pessoa se ela já caçoou dos cadáveres ou se já permitiu que alguém o fizesse. Pergunte a qualquer pessoa que já esteve com ela no necrotério ou numa cena de crime se ela gosta de casos repulsivos ou se gostaria de ter feito a autópsia de gente como Ted Bundy. Espero que isso não seja mencionado num processo jurídico.”

“Eu estava falando do copo de café. Por que perturba você imaginar Kay como um ser sexual? Você já a deixou ser humana? Ou ela é a mãe perfeita, ou pior, uma mãe que não é perfeita o suficiente?”

“Admito que costumava ter um problema com isso, competindo pela atenção dela, sem deixar que tivesse defeitos ou sentimentos de verdade”, disse Lucy. “Eu era uma tirana.”

“E não é mais?”

“Talvez Marino tenha sido a última radiação, a última dose de quimioterapia. Sem querer, ele curou algo que era um pouco maligno em mim e, na verdade, eu e minha tia ficamos melhor depois disso. Eu me dei conta de que ela tem uma vida completamente independente da minha e que tudo bem. Tudo bem mesmo. É melhor assim. Não que eu não soubesse disso antes. Mas, olhando para trás, vejo que não sentia isso. E agora ela está casada. Se Marino não tivesse feito o que fez, não acho que Benton teria decidido se casar com ela.”

“Você fala como se a decisão tivesse sido só dele. Ela não pôde dar opinião?” Berger observou Lucy.

“Ela sempre permitiu que ele fosse o que é. E teria continuado a fazer isso. Minha tia o ama. Provavelmente não conseguiria ficar com outra pessoa, na verdade, porque há três coisas que ela não permite e jamais toleraria: ser controlada, ser traída ou ficar entediada. Ela prefere ficar sozinha a ter que suportar isso.”

“Parece outras pessoas que eu conheço”, disse Berger.

“Isso provavelmente é verdade”, disse Lucy.

“Bem”, disse Berger, voltando sua atenção para o que estava na tela do computador. “Infelizmente, o conteúdo desses laptops é uma prova, e as pessoas envolvidas nesse processo vão ler tudo. E, sim, isso pode se tornar público.”

“Isso a destruiria.”

“Não destruiria, não”, disse Berger. “Mas precisamos descobrir de onde veio essa informação. Não acho que ela tenha sido completamente inventada. Terri, ou quem quer que tenha escrito isso, sabe demais. Ela sabe sobre o primeiro encontro de Kay e Benton há vinte anos em Richmond, por exemplo.”

“O caso deles não começou naquela época.”

“Como você pode saber disso?”

“Porque eu estava hospedada na casa dela naquele verão”, disse Lucy. “Benton nunca foi lá, nem uma vez. E quando ela não estava no consultório ou numa cena de crime, estava comigo. Eu era uma criança maltratada, atarracada e malcriada, furiosa com a vida e desesperada por atenção. Em outras palavras, estava louca para me meter numa enrascada e não tinha capacidade de realmente compreender que o tipo de enrascada com o qual ela lidava fazia com que as pessoas acabassem estupradas e mortas. Ela não saiu por aí e me largou sozinha, nem por um minuto, não com um assassino em série aterrorizando a cidade. Nunca vi um copo de isopor lá, fique sabendo.”

“Você não ter visto não significa nada”, disse Berger. “Por que ela mostraria o copo a você e ainda por cima explicaria por que o pegara da sala de conferências do consultório?”

“Ela não teria feito isso”, disse Lucy. “Mas quase lamento não ter visto copo nenhum. Ela estava mesmo completamente sozinha naquela época.”

20

Scarpetta virou o corpo de Terri Bridges de lado para examiná-lo de frente e de costas.

Além das marcas no pescoço e de um pequeno corte no pulso, os únicos ferimentos que viu começavam no meio das coxas, na parte anterior ou dianteira. Eram manchas roxas longas e finas, com múltiplas escoriações lineares que teriam sangrado, a maioria horizontal, como se tivesse sido golpeada com algo como uma tábua de madeira com uma superfície plana e uma borda.

Os joelhos de Terri estavam repletos de manchas roxas e de arranhões, assim como o peito de seus pés. Com a ampliação da lupa de mão, Scarpetta descobriu farpas amareladas finas como fios de cabelo enfiadas em cada um deles. O vermelho vivo e a ausência de inchaço dos ferimentos indicava que haviam ocorrido perto da hora da morte. Talvez minutos antes. Ou uma hora.

A reação da dra. Lester à descoberta das farpas na parte frontal do corpo, nos joelhos e pés, foi dizer que, talvez, em dado momento, o corpo tivesse sido arrastado e que apenas aquelas áreas houvessem entrado em contato com uma superfície de madeira, como um piso. Scarpetta comentou que poucos pisos de madeira eram ásperos o suficiente para soltar farpas, a não ser que a madeira ainda não tivesse sido tratada.

"Você ainda não vai me convencer a descartar a hipótese de um acidente", afirmou teimosamente a dra. Lester. "Gente amarrada, espancada, chicoteada, golpeada com força. E, às vezes, as coisas vão longe demais."

"E se ela tiver lutado contra o agressor?", disse Benton. "Isso também se encaixaria na sua teoria de que talvez tenha sido um acidente?"

"Pessoas se debatendo, gritando de dor. Já vi isso em vídeos que psicólogos como você mostram nas reuniões", disse a dra. Lester, e o vinco entre suas sobrancelhas pareceu ficar mais fundo, como uma ravina dividindo sua testa. "Os casais ligam a câmera, sem saber que seus rituais pervertidos vão acabar em morte."

"Se você puder analisar as fotografias", disse Scarpetta para Benton. "As que foram tiradas na cena do crime. Vamos olhar algumas coisas."

Ele pegou um envelope que estava sobre um balcão e, juntos, espalharam as fotos do banheiro. Ela apontou para uma que mostrava a penteadeira e, diretamente acima dela, o espelho oval que estava um pouco torto.

"Os ferimentos das pernas foram causados com uma força de moderada a alta, com um objeto chato que tem borda. Quem sabe a borda da penteadeira e a parte de

baixo da gaveta? E se ela estava sentada diante da penteadeira? Isso poderia explicar por que todos os ferimentos são na parte da frente do corpo, do meio da coxa para baixo. Não há nada na parte posterior ou em qualquer área da parte superior do corpo. Nada nas costas ou nas nádegas, que em geral são os alvos preferidos de tapas dados de brincadeira", disse Scarpetta.

"Você sabe se a polícia encontrou alguma arma na cena do crime que possa ter causado essas manchas roxas e esses arranhões?", perguntou Benton à dra. Lester.

"Não que eu saiba", ela respondeu. "Isso não me surpreende. Se quem estava com ela deixou a cena do crime levando o objeto usado no pescoço, talvez também tenha levado o que foi usado para espancá-la. Se é que foi espancada. Francamente, eu estaria mais inclinada a declarar que foi um homicídio se ela tivesse sido estuprada. Mas não há nenhuma prova disso. Não há inflamação, lacerações, fluido seminal..."

Scarpetta voltou para perto da maca e levou a luminária cirúrgica para cima da pélvis.

A dra. Lester observou-a e disse: "Como falei, coletei amostras".

Ela estava começando a soar irritada e na defensiva.

"Também tomei a iniciativa de fazer diversas lâminas, que examinei com o microscópio procurando por esperma", ela disse. "Não achei nada. Amostras foram mandadas para o laboratório de dna, e vocês já sabem qual foi o resultado. Não me parece provável que o ato sexual tenha ocorrido. O que não significa que essa não tenha sido a intenção. Acho que nós devemos ao menos nos certificar de que ela não estava planejando algo consensual e de que o momento anterior ao sexo envolvia amarras."

"Havia lubrificante na cena do crime? Quem sabe no banheiro dela, ou ao lado da cama, algo que pudesse indicar que a fonte pudesse ser a vítima? Não vi nada do tipo listado no relatório de polícia, como eu mencionei", disse Scarpetta.

"Eles disseram que não."

"Bom, isso é extremamente importante", disse Scarpetta. "Se não há lubrificante no apartamento, isso pode sugerir que quem estava com ela levou-o para lá. E há uma gama de razões que explicam por que o ato sexual pode ter ocorrido ou sido tentado sem que haja esperma ou sêmen. A mais óbvia é a disfunção erétil, que não é incomum em casos de estupro. Outras possibilidades? Ele fez uma vasectomia, sofria de azoospermia, o que resulta numa ausência completa de células espermatozoides. Ou um duto ejaculatório bloqueado. Ou ejaculação retrógrada, quando o esperma e o sêmen vão para dentro da bexiga em vez de sair pelo pênis e entrar na vagina. Ou medicamentos que interferem com a formação de esperma."

"Mais uma vez, vou lembrar o que eu disse mais cedo. Não apenas não há esperma como, sob a luz ultravioleta, não foi vista qualquer fluorescência que pudesse indicar a presença de sêmen. Não sei com quem ela estava, mas não parece

que ele ejaculou.”

“Depende se o sêmen está bem fundo no canal vaginal ou no reto”, disse Scarpetta. “Você não vai conseguir ver nada a não ser que disseque o corpo ou use algum tipo de tecnologia forense de fibra óptica que possa incorporar a luz ultravioleta. Você tentou iluminar a parte de dentro da boca dela? Coletou amostras no reto e na boca, não coletou?”

“É claro.”

“Ótimo. Gostaria de dar uma olhada nelas.”

“Pode pegar.”

Quanto mais determinada Scarpetta ficava, menos combativa e autoconfiante parecia a dra. Lester.

Scarpetta abriu um armário e encontrou um espéculo ainda no plástico. Ela colocou outro par de luvas e fez o mesmo procedimento no cadáver que um ginecologista faria durante um exame pélvico de rotina. Ela inspecionou a genitália externa e não encontrou nenhum ferimento ou anormalidade; então, com o espéculo, abriu o canal vaginal, onde encontrou lubrificante suficiente para várias amostras, que passou nas lâminas. Ela coletou amostras do reto. Fez o mesmo na parte de dentro da boca e na garganta, pois não é incomum a vítima aspirar ou engolir fluido seminal ao ser obrigada a fazer sexo oral.

“Conteúdo do estômago?”, perguntou Scarpetta.

“Uma pequena quantidade de fluido marrom, cerca de vinte centímetros cúbicos. Ela não comia havia pelo menos algumas horas”, disse a dra. Lester.

“Você guardou?”

“Não tinha sentido. Mandei examinar os fluidos corporais de sempre para ver se havia alguma droga.”

“Eu não estava pensando em drogas, mas na possibilidade de sêmen”, disse Scarpetta. “Se foi obrigada a fazer sexo oral, seria possível encontrar sêmen no estômago. Talvez até nos pulmões. Infelizmente, temos que ser criativos.”

Ela pegou um bisturi de um dos carrinhos e pôs uma lâmina nova nele. Começou a fazer incisões sobre as contusões dos joelhos de Terri e sentiu as patelas quebradas abaixo da pele arranhada. Cada rótula estava fraturada em diversos pedaços — um ferimento típico de acidentes de carro, quando os joelhos batem no painel.

“Por favor, não deixe de me mandar imagens eletrônicas de todas as radiografias”, ela disse.

Scarpetta fez incisões nas contusões das coxas e descobriu vasos sanguíneos com rompimentos de quase três centímetros de profundidade, até o músculo. Usando uma régua de quinze centímetros como escala, pediu que Benton a ajudasse com as fotografias e fez anotações em diagramas do corpo que pegou em armários que

ficavam acima do balcão.

Usando uma pinça, Scarpetta removeu farpas dos joelhos e do peito dos pés, e colocou-as em diversas lâminas. Sentada diante do microscópio, manipulou luz e contraste e moveu a lâmina sobre a platina. Com um aumento de cem vezes, pôde ver os traqueídeos, as células condutoras de água da madeira, e determinar que áreas delas haviam sido esmagadas com violência na camada externa, onde os compensados haviam sido colados com um adesivo muito forte.

As farpas tinham vindo de um compensado lixado. Scarpetta e Benton olharam mais uma vez a fotografia de vinte por vinte e cinco centímetros do corpo nu de Terri no chão do banheiro. Ao fundo estava o balcão de mármore branco que incluía a penteadeira embutida e uma pequena cadeira de metal dourado com um espaldar em forma de coração e um assento de cetim preto. Sobre a penteadeira havia uma bandeja espelhada com perfumes, uma escova e um pente. Tudo estava perfeitamente arrumado e posicionado com exceção do espelho oval, e, quando Scarpetta observou com cuidado a fotografia e a examinou com uma lupa, confirmou que a borda do balcão formava um ângulo reto onde a penteadeira estava embutida. Era uma borda afiada.

Ela viu mais fotografias do banheiro, tiradas de diferentes ângulos.

"É tudo o mesmo móvel." Scarpetta mostrou uma fotografia a Benton. "O balcão construído em volta da pia, os armários e a penteadeira com a gaveta são o mesmo móvel. E se você olhar para cá, para esta fotografia tirada do nível do chão, vai ver que o balcão tem um fundo de compensado pintado de branco que fica contra a parede de azulejos. É muito parecido com escrivaninhas embutidas em balcões de cozinha. No entanto, o que acontece muito com embutidos de compensado é que o lado de baixo, que não é visível, não é pintado. Ou seja, é possível que a parte de baixo da gaveta da penteadeira não seja. No microscópio, dá para ver que as farpas retiradas dos joelhos e dos peitos dos pés vieram de um compensado que não foi pintado. A gente precisa ir até a cena do crime."

A dra. Lester estava atrás deles, observando tudo em silêncio.

Scarpetta explicou: "Acho que é possível que ele a tenha forçado a sentar na cadeira e ficar se vendo no espelho enquanto ele a garroteava e, quando ela se debateu — dando fortes chutes —, suas pernas bateram na borda do balcão, causando esses arranhões lineares e as contusões profundas nas coxas. Os joelhos dela bateram na parte de baixo da penteadeira com tanta violência que suas patelas foram fraturadas em vários pedaços. Se a parte de baixo da penteadeira for de compensado sem pintura, isso explicaria as farpas nos joelhos e também no peito dos pés. As pernas dela são tão curtas que seus pés não teriam chegado até a parede. Teriam batido na parte de baixo da gaveta".

"Se você estiver certa", admitiu a dra. Lester, "isso vai ter um peso. Se ela estava

mesmo chutando e se debatendo com tanta violência e alguém a estava obrigando a permanecer sentada e a se ver no espelho, aí é outra história."

"Uma pergunta importante é como o banheiro estava quando Oscar chegou lá e encontrou o cadáver", disse Benton. "Supondo que o que ele disse é verdade."

"Acho que podemos tirar algumas medidas e descobrir se ele disse a verdade", replicou Scarpetta. "Dependendo da cadeira. Se Terri estava sentada nela e Oscar estava de pé atrás, não acredito que ele possa ter puxado a ligadura a uma altura suficiente para ficar do ângulo da marca que ela tem no pescoço. Mas precisamos ir à cena do crime. Precisamos ir rápido."

"A primeira coisa que vou fazer é perguntar francamente para ele", disse Benton. "Talvez ele se abra comigo se achar que mais provas foram encontradas e que é do interesse dele cooperar. Vou ligar para a ala dos prisioneiros e ver se ele vai ser razoável."

Lucy lia e-mails enquanto Scarpetta explicava pelo viva voz por que queria que as amostras coletadas nos orifícios de Terri Bridges e uma cadeira inteira fossem levadas de avião até o Complexo de Segurança Nacional em Oak Ridge, no Tennessee.

"Tenho amigos no Y-12", disse Scarpetta para Berger, de cuja aprovação precisava. "Acho que podemos obter resultados bem rápidos assim. Depois que estiverem com as provas, vai ser questão de horas. A parte mais demorada vai ser deixar a câmara no vácuo, porque o processo será mais lento que o normal. O lubrificante a base de petróleo contém bastante umidade."

"Achei que fabricassem armas nucleares lá", disse Berger. "Não foram eles que processaram o urânio para a primeira bomba atômica? Você não está sugerindo que Terri Bridges estava envolvida com terrorismo ou alguma coisa assim, está?"

Scarpetta disse que, embora fosse verdade que o Y-12 produzia componentes para todas as armas do arsenal nuclear dos Estados Unidos e também possuía o maior estoque de urânio enriquecido, seu interesse no lugar era devido aos engenheiros, químicos, físicos, e principalmente cientistas de materiais.

"Você já ouviu falar no microscópio eletrônico de varredura de câmara grande Visitec?", ela perguntou.

"Imagino que o que você esteja querendo dizer é que não temos um aqui", disse Berger.

"Infelizmente, por enquanto, não há um laboratório forense no planeta que tenha um microscópio de dez toneladas com capacidade de aumento de duzentas mil vezes, detectores de edx e ftir, espectroscopia por energia dispersiva de raios X e espectroscopia no infravermelho por transformada de Fourier", disse Scarpetta. "Num lugar só, é possível obter a morfologia e as composições química e elementar de uma amostra tão pequena quanto uma

macromolécula ou tão grande quanto um bloco de motor. Talvez eu queira colocar uma cadeira inteira na câmara. Mas vamos ver. Só vou pedir a Lucy que nos empreste seu jatinho e sugerir à polícia que leve provas até o Tennessee e entregue para um dos meus amigos cientistas no meio da madrugada se tiver certeza de que é mesmo necessário fazê-lo."

"Fale mais dessa cadeira", disse Berger. "Por que acha que ela é tão importante?"

"É do banheiro", disse Scarpetta. "Acredito que Terri estava sentada nela quando foi assassinada — uma teoria que, neste momento, nem posso começar a provar sem fazer uma análise pessoal. Tenho motivos para acreditar que ela estava nua quando se sentou nela e, já que sabemos que o lubrificante está contaminado com uma mistura de dna, talvez ele também esteja contaminado com vestígios de outras substâncias orgânicas e inorgânicas. Não sabemos para que o lubrificante foi usado originalmente, de onde veio ou o que o compõe. Mas o microscópio pode nos ajudar a descobrir tudo isso, e rápido. Gostaria de ir até a cena do crime, até o apartamento de Terri, assim que for possível."

"Tem um policial no apartamento dela vinte e quatro horas por dia", disse Berger. "Então, não vai ser um problema você entrar. Mas eu gostaria que um investigador fosse junto. Também preciso perguntar mais uma vez se você teve algum contato anterior com Terri ou Oscar."

"Nenhum."

"Encontramos algumas coisas num computador que estava no apartamento dela que fazem com que pareça que teve. Pelo menos com ela."

"Não tive. Vamos terminar aqui em quinze, vinte minutos", disse Scarpetta. "Depois, só precisamos passar no escritório de Benton para pegar algumas coisas. Se alguém puder nos buscar na porta do hospital..."

"O que você acharia se esse alguém fosse Pete Marino?" Berger foi deliberadamente inexpressiva ao perguntar.

"Se o que estou achando que aconteceu com Terri Bridges estiver correto", disse Scarpetta, e seu tom foi inexpressivo também, como se ela estivesse esperando que Berger fosse sugerir aquilo, "estamos lidando com um sádico sexual que pode já ter matado antes. Possivelmente duas outras pessoas em 2003. Benton recebeu e-mails, os mesmos que você leu, de Marino."

"Não vejo meu e-mail há algumas horas", disse Berger. "Na verdade, estamos começando a olhar o e-mail de Terri Bridges neste minuto. O dela e o de Oscar Bane."

"Se minha suspeita estiver correta, não vejo como ele poderia ter feito o que eu acho que o assassino fez. É claro que o dna dele ainda não foi passado para o banco de dados. Mas o que posso dizer é: se ele estivesse de pé atrás de Terri Bridges e ela estivesse sentada, eles ficariam quase da mesma altura. A não ser que Oscar estivesse de pé sobre alguma coisa, como um banquinho, e conseguir manter o equilíbrio em cima de um e ao mesmo tempo fazer todo o resto seria difícil, se não impossível."

"O que você disse?"

"Por causa da acondroplasia deles", disse Scarpetta. "Os troncos são de um comprimento normal, mas os braços e pernas não. Vou ter que mostrar as medidas para você, mas se alguém com acondroplasia tiver, digamos, um metro e vinte e quatro centímetros e estiver sentado diante de alguém que está de pé e tem mais ou menos a mesma altura, suas cabeças e ombros ficarão quase no mesmo nível."

"Não entendo o que você está querendo dizer. Parece uma charada."

"Alguém sabe onde ele está? Alguém devia ver como ele vai, para ter certeza de que está bem. Pode ter boas razões para ser paranoico se não for o assassino, e eu duvido que seja. Mesmo."

"Jesus", disse Berger. "*Onde ele está?* Não me diga que Oscar saiu do Bellevue."

Scarpetta disse: "Benton acabou de ligar para lá. Imaginei que você já soubesse".

21

A loja principal da Corações Com Cauda ficava na avenida Lexington, poucos quarteirões a oeste do Grace's Marketplace, e Megera foi atravessando a escuridão e o vento forte sem conseguir parar de pensar na coluna que postara muitas semanas antes.

Ela lembrou que o texto descrevia um lugar limpo, com empregados de jaleco que ofereciam cuidados do mais alto nível, através tanto de uma dieta nutritiva quanto de tratamento médico e de afeição. Todas as pet shops da rede ficavam abertas sete dias por semana, das dez da manhã até as nove da noite, certificando-se de que os filhotinhos de cachorro, em particular devido a sua saúde delicada, não ficassem sozinhos por longos períodos. Quando as lojas fechavam, o aquecimento ou o ar-condicionado não eram desligados para economizar óleo ou eletricidade, e uma música ficava tocando para fazer companhia a eles. Megera fizera uma longa pesquisa após a morte de Chiclete, e sabia como era crítico que os filhotes estivessem sempre hidratados, aquecidos e não fossem largados sozinhos, o que os matava de tristeza.

Quando a loja apareceu diante de Megera logo ali, à esquerda, ela viu que o lugar não era nada do que esperara, muito menos o que fora descrito na coluna que o Patrão havia escrito. A vitrine estava repleta de jornais rasgados e um hidrante de plástico vermelho estava inclinado para um lado, prestes a cair. Não havia cachorrinhos ou gatinhos na vitrine, e o vidro estava sujo.

A Corações Com Cauda ficava espremida entre a No Porão, que pela cara parecia vender só porcaria, e uma loja de discos chamada Notas de Amor, que estava vendendo todo o estoque antes de fechar de vez. Uma placa pendurada na fachada branca e imunda da pet shop dizia *Fechado*, mas as luzes estavam todas acesas e sobre o balcão havia uma enorme sacola de alumínio com comida da Costela de Adão, que ficava três lojas mais abaixo. Um sedã da Cadillac estava estacionado diante da pet shop, com um motorista dentro e o motor ligado.

O motorista parecia estar observando Megera quando ela abriu a porta da frente e entrou, sendo rodeada por uma névoa invisível de aerossol, vindo de uma lata de spray que estava em cima da caixa registradora.

"Olá?", ela gritou, sem ver ninguém.

Os cachorrinhos começaram a latir, mexer-se e olhar para ela. Gatinhos dormiam em camas feitas de palha de madeira e peixes flutuavam preguiçosamente em tanques. Um balcão se estendia por três paredes; atrás dele, chegando quase à altura do teto com manchas de água, havia caixas de metal cheias de minúsculos representantes de todos os tipos de bicho de estimação imagináveis. Megera evitou olhar nos olhos de qualquer um deles. Ela sabia que não podia fazer isso.

Um olhar ia direto para o coração e, quando ela se desse conta, já ia estar carregando para casa alguém que não pretendera levar, e não podia levar todos eles. E ela queria todos eles, pobrezinhos. Mas Megera precisava selecionar de forma inteligente, fazer perguntas e ter certeza do que seria a melhor escolha antes que alguém tirasse um cachorrinho da gaiola e o colocasse nos braços dela. Ela precisava falar com o gerente.

"Olá?", gritou Megera mais uma vez.

Hesitante, ela se aproximou de uma porta que havia nos fundos da loja e que estava entreaberta.

"Tem alguém aí?"

Megera abriu a porta toda. Uma escada de madeira levava até o porão, onde um cachorro estava latindo, então diversos outros começaram a latir também. Ela começou a descer, um passo lento de cada vez, com cuidado porque o lugar não era muito bem iluminado e Megera bebera bourbon demais. Andar até ali ajudara um pouco, mas nem de longe o suficiente. Sua cabeça estava lenta e entorpecida, e seu nariz estava dormente, como sempre ficava quando ela estava um pouco embriagada.

Megera se viu num espaço para armazenagem mergulhado nas sombras, fedendo a doença, fezes e urina. Em meio a pilhas de caixas de produtos para animais de estimação e sacos de ração seca estavam gaiolas cheias de papel rasgado, e então Megera viu uma mesa de madeira sobre a qual havia frascos de vidro, seringas, sacolas vermelhas com *Risco Biológico* carimbado em preto e um par de luvas grossas de borracha preta.

Logo após a mesa havia um freezer enorme, daqueles nos quais uma pessoa pode entrar andando.

A porta de aço estava escancarada, e Megera viu o que havia lá dentro. Um homem de terno escuro e chapéu de caubói preto e uma mulher com uma longa parca cinza estavam de costas para ela, e suas vozes eram abafadas pelo barulho alto de ar ventilado. Megera viu o que eles estavam fazendo e quis sair de lá o mais rápido possível, mas seus pés pareciam grudados no chão de concreto. Ela ficou olhando, horrorizada; então a mulher a viu, e Megera se virou e saiu correndo.

"Espere!", gritou uma voz grossa. "Ei, você!"

Megera ouviu passos pesados indo atrás dela, perdeu um dos degraus e bateu a canela com força. Uma mão agarrou seu cotovelo, e o homem de chapéu de caubói a levou de volta para a loja iluminada. Então a mulher de parca cinza chegou. Ela olhou furiosamente para Megera, mas parecia cansada demais para reagir à sua transgressão.

O homem de chapéu de caubói perguntou: "Que diabo você pensa que está fazendo, entrando escondida aqui desse jeito?".

Os olhos dele eram escuros e injetados, seu rosto era imoral, ele tinha imensas costeletas brancas e usava muitas joias de ouro chamativas.

"Eu não estava me escondendo", disse Megera. "Estava procurando o gerente."

Seu coração batia como um tambor.

"A loja está fechada", disse o homem.

"Eu vim aqui comprar um cachorrinho", ela disse, e começou a chorar.

"Tem uma placa dizendo *fechado* na porta", ele disse, enquanto a mulher permanecia ali ao lado, muda.

"Sua porta está destrancada. Fui lá para baixo para avisar. Qualquer um podia entrar aqui." Megera não conseguia parar de chorar.

Ela não podia esquecer o que vira no freezer.

O homem olhou para a mulher, como quem exige uma explicação. Ele foi até a porta da frente, checou, e então murmurou algo. Provavelmente se deu conta de que Megera estava falando a verdade. De que outra maneira poderia ter entrado?

"Bem, a loja está fechada. Hoje é feriado", o homem disse, e Megera imaginou que ele devia ter mais ou menos sessenta e cinco anos, talvez setenta. Tinha um sotaque arrastado do meio-oeste que parecia rastejar por sua língua.

Megera teve a sensação de que, mais cedo, o homem estivera fazendo a mesma coisa que ela, bebendo, e notou que o imenso anel de ouro que usava tinha o formato de uma cabeça de cachorro.

"Sinto muito", ela disse. "Vi as luzes acesas e entrei, achando que a loja estava aberta. Sinto muito mesmo. Tive vontade de comprar um cachorrinho, e ração, brinquedos, essas coisas. Como um presente de Ano-Novo para mim mesma."

Ela pegou uma lata de ração numa prateleira.

Sem pensar no que estava fazendo, Megera disse: "Esta ração não foi banida depois daquele escândalo da melamina nas importações vindas da China?".

"Acho que você confundiu isso com pasta de dentes", disse o homem para a mulher de parca cinza, que tinha a mandíbula saliente, um rosto sem vida e uma presilha nos longos cabelos pintados de preto.

"Isso mesmo. Pasta de dente", disse a mulher, que tinha o mesmo sotaque. "Muita gente teve problema no fígado por causa dela. É claro que nunca contam a história toda. Talvez essa gente fosse alcoólatra, e por isso teve problema no fígado."

Megera não era mal informada. Ela sabia da pasta de dente que matara diversas pessoas porque continha dietilenoglicol, e o homem e a mulher sabiam que não era disso que ela estava falando. Este era um lugar ruim — talvez o pior do mundo — e ela viera aqui num momento ruim, no pior momento que se podia imaginar, e vira algo tão horrível que jamais seria a mesma.

O que Megera tinha pensado? Era a noite do primeiro dia do ano, e nenhuma pet shop na cidade estaria aberta, incluindo esta. Então, por que eles estavam aqui?

Depois de estar naquele porão, ela sabia por quê.

"É importante esclarecer essa confusão", disse o homem para Megera. "Você não tinha nada que ter entrado aqui."

"Eu não vi nada." Uma clara indicação de que ela vira tudo.

O homem de chapéu de caubói e joias de ouro disse: "Se um animal morre de uma doença contagiosa, você faz o que tem que fazer, e tem que fazer rápido para que os outros animais não peguem a mesma coisa. E, depois que faz aquele ato de misericórdia, tem que lidar com o armazenamento temporário. Você entendeu o que estou dizendo?".

Megera viu seis gaiolas vazias com as portas escancaradas. Lamentou não ter visto aquilo quando entrou na loja. Talvez tivesse ido embora. Ela se lembrou das outras gaiolas vazias no porão, do que estava em cima da mesa e do que vira no freezer.

Começou a chorar e disse: "Mas alguns estavam se mexendo".

O homem disse para ela: "Você mora por aqui?".

"Não muito perto."

"Qual é o seu nome?"

Megera estava tão assustada e perturbada que estupidamente disse seu nome, e então estupidamente disse: "E se você está achando que sou uma inspetora do Departamento de Agricultura ou de uma dessas organizações de proteção aos animais..." Ela balançou a cabeça. "Só vim aqui comprar um cachorrinho. Esqueci que era feriado, só isso. Entendo que os bichinhos ficam doentes. Traqueobronquite infecciosa. Parvovírus. Um pega, aí todos pegam".

O homem e a mulher olharam para ela sem dizer nada, como se não precisassem conversar para decidir qual era o plano.

Ele disse para Megera: "Vamos fazer o seguinte. Vai chegar um carregamento novo amanhã, com várias raças. Você volta aqui e escolhe o que quiser. Por conta da casa. Gosta do springer spaniel, do shih tzu, ou que tal um dachshund?".

Megera não conseguia parar de chorar e disse: "Desculpe. Estou um pouco bêbada".

A mulher pegou a lata de aerossol de cima da caixa registradora e se aproximou da porta que dava no porão. Ela fechou-a atrás de si, e Megera pôde ouvir seus passos descendo a escada. Megera e o homem de chapéu de caubói estavam sozinhos. Ele pegou seu braço e saiu com ela da loja, onde o sedã preto da Cadillac estava estacionado. O motorista, de terno e chapéu, saiu e abriu a porta para eles.

O homem de chapéu de caubói disse a Megera: "Entre que eu deixo você em casa. Está frio demais para andar. Onde você mora?".

Lucy se perguntou se Oscar Bane sabia que sua namorada tinha dezoito contas de e-mail. Ele era bem menos complicado e provavelmente mais honesto. Só tinha uma.

"Cada conta dela tinha um propósito específico", Lucy dizia a Berger. "Uma era para votar em pesquisas, outra para blogar, outra para visitar certos chats, outra para postar opiniões como consumidora, outra para assinar diversas publicações on-line, algumas para receber notícias on-line."

"São muitas contas", disse Berger, olhando para o relógio.

Lucy conhecia poucas pessoas que tinham tanta dificuldade em ficar paradas. Berger era como um beija-flor que nunca pousava; quanto mais ela ficava inquieta, mais Lucy diminuía o ritmo. Para ela, aquilo era uma grande ironia. Quase sempre, era o contrário que acontecia.

"Não é tanto assim hoje em dia", disse Lucy. "O serviço de e-mail dela, assim como a maioria, é de graça desde que não se queira serviços adicionais. Mas só a conta básica? Terri podia abrir quantas quisesse, todas basicamente impossíveis de rastrear, porque não precisava usar um cartão de crédito, já que são de graça, e não tinha que divulgar nenhuma informação pessoal, a não ser que escolhesse fazê-lo. Ou seja, são todas anônimas. Eu já conheci gente que tem centenas, são uma multidão de uma pessoa só, com seus alter egos conversando uns com os outros, concordando e discordando em chats e seções de comentários. Ou de repente eles estão comprando produtos ou assinando publicações aos quais não querem ser facilmente associados, ou sabe-se lá o que mais. Mas, com raras exceções, não importa quantos alter egos uma pessoa tem, em geral só existe um que é mesmo elas, por assim dizer. O que usam para sua correspondência normal. O de Oscar é Carbane, bem normal — já que é a segunda sílaba do nome Oscar junto com o sobrenome Bane, a não ser que o hobby dele

seja a química orgânica e ele esteja se referindo ao nome sistemático do hidreto mononuclear CH_4, ou ele constrói aeromodelos e está falando das hastes que seguram as asas dos biplanos, que em inglês chamam hastes *carbane*. O que eu duvido. O de Terri é Lunática, e é esse e-mail que a gente deve ver primeiro."

"Por que uma pessoa fazendo um mestrado em psicologia forense escolheria um nome de usuário como esse?", perguntou Berger. "Parece extremamente insensível falar em lunáticos, que é um nome pejorativo com origem na Idade das Trevas. Na verdade, é pior do que insensível, é cruel."

"Talvez ela fosse uma pessoa insensível e cruel. Não sou dessas que acham que todo morto é santo. Muitas vítimas de assassinato não eram necessariamente pessoas boas quando estavam vivas."

"Vamos começar no meio de dezembro e ler até chegar aos e-mails mais recentes", decidiu Berger.

Havia cento e três e-mails desde o dia 15 de dezembro. Sete haviam sido enviados para os pais de Terri em Scottsdale, e todo o resto eram e-mails trocados entre ela e Oscar Bane. Lucy os separou por hora e data, sem abri-los, para ver se um deles escrevia mais, e em que dias o fazia.

"Tem muito mais dele", ela disse. "Mais de três vezes mais. E parece que ele escrevia para ela de madrugada. Mas não estou vendo nenhum e-mail dela que tenha sido mandado depois das oito da noite. Na verdade, em quase todos os dias de semana, não tem nada dela depois das quatro da tarde. Isso é muito estranho. Parece até que ela trabalhava à noite."

"Pode ser que eles falassem ao telefone. Espero que Morales já tenha começado a examinar as ligações feitas por ela e para ela", disse Berger. "Já devia ter começado. Talvez tenha saído de férias sem me avisar. Ou quem sabe seja melhor ele já ir procurando um emprego novo. Gosto mais da última opção."

"Qual o problema dele, afinal de contas? E por que você atura isso? Ele trata você com o maior desrespeito."

"Ele trata todo mundo com o maior desrespeito e chama de priorização."

"E você, chama de quê?" Lucy continuou a abrir e-mails.

"Chamo de arrogante e irritante pra cacete", disse Berger. "Morales acha que é mais inteligente que todo mundo, incluindo eu, mas o complicado é que ele *é* mais inteligente que a maioria. E é bom no que faz, quando quer ser. Na maioria das vezes, as prioridades dele acabam fazendo sentido, e ele faz as coisas numa fração do tempo que os outros levariam para fazer. Ou isso ou, de algum jeito, ele convence as pessoas a fazer o trabalho dele e toma injustamente o mérito para si, deixando essa pessoa com má fama ao mesmo tempo. Provavelmente é o que ele está fazendo agora."

"Com Marino", disse Lucy.

Era como se ela tivesse decidido que era mais fácil pensar em Marino como mais um entre os detetives que mal conhecia. Ou talvez não o odiasse tanto quanto Berger imaginara.

"É, ele está colocando Marino numa situação difícil", disse Berger. "Marino parece ser o único fazendo alguma coisa que preste."

"Ele é casado?", perguntou enquanto abria e-mails. "É claro que não estou falando de Marino."

"Ele não gosta muito de compromisso. Trepa com qualquer um que usar saia. Até se for padre."

"Eu já ouvi boatos sobre vocês dois."

"Ah, sim. Nosso famoso encontro no Tavern on the Green", disse Berger.

Elas leram na diagonal as típicas coisas triviais que as pessoas mandam eletronicamente umas para as outras.

"Aquele assassinato no Central Park no último outono", disse Lucy. "A maratonista que foi estuprada e morta. Perto do Ramble."

"Morales me levou de carro até a cena do crime. Depois, fomos no Tavern on the Green tomar um café e discutir o caso. Logo mais, a cidade inteira comentava que estávamos saindo."

"É porque saiu no *Quem Ver na Metrópole*. Um dos famosos flagras. Incluindo uma fotografia de vocês dois conversando juntinhos", disse Lucy.

"Não me diga que você tem mecanismos de busca roncando e procurando meu nome dia e noite."

"Meus mecanismos de busca não roncam", disse Lucy. "Eles são rápidos demais para isso. A fonte de informação para aquela coluna de fofocas é basicamente o que os leitores mandam para lá. Quase sempre no anonimato. Como você sabe que não foi ele?"

"Teria sido impressionante da parte dele. Tirar uma foto de nós dois e ao mesmo tempo estar do outro lado da mesa, bem na minha frente."

"Ou pedir que outra pessoa tirasse", disse Lucy. "Um tremendo feito. O detetive garanhão tendo um encontro a dois no Tavern on the Green com a promotora de Justiça superstar. Tome cuidado com ele."

"Caso você não tenha entendido um detalhe importante, não era um encontro", disse Berger. "A gente só estava tomando café."

"Ele me dá uma sensação estranha. Acho que reconheço certos traços de personalidade, embora nunca tenha sido apresentada a ele. Alguém que devia ter o poder de mandar nele, que é a chefe, a patroa, e ele, abre aspas, prioriza. Obriga você a esperar na fila. Ele se coloca no centro de sua atenção de um jeito negativo, porque lhe dá uma rasteira sempre que tem a chance. De quem é o poder? É um truque bem testado, que dá certo. Exerça seu domínio, falte com o respeito e, logo, logo, a chefona vai estar na sua cama."

"Não sabia que você era especialista", disse Berger.

"Não sou esse tipo de especialista. Nunca transei com um cara porque ele me dominava. Sempre foi porque cometi um erro."

"Sinto muito. Eu não devia ter dito o que disse."

Berger leu mais e-mails. Lucy ficou em silêncio.

"Desculpe", disse Berger de novo. "Morales me deixa com raiva porque, você tem razão, não consigo controlá-lo e não consigo me livrar dele. Gente como ele não devia entrar para a polícia. Eles não se misturam bem com os outros policiais. Não sabem receber ordens. Não sabem fazer parte de uma equipe, e todo mundo os detesta."

"É por isso que eu tive uma carreira tão espetacular no fbi", disse Lucy baixinho, muito séria. "A diferença é que eu não faço joguinhos. Não tento subjugar nem depreciar as pessoas para conseguir o que quero delas. Não gosto de Morales. Nem preciso conhecê-lo. Você devia tomar cuidado com ele. Ele é o tipo de pessoa que pode lhe causar problemas de verdade. O fato de você nunca saber bem onde ele está ou o que está fazendo me preocupa."

A atenção dela foi atraída por quatro e-mails numa tela dividida — e-mails trocados por Terri e Oscar.

"Acho que eles não estavam se falando por telefone", disse Lucy após lê-los. "Enviado às oito e quarenta e sete, enviado às nove e dez, enviado às dez e catorze, enviado às onze e dezenove. Por que ele ia escrever para ela quase uma vez por hora se estivesse falando com ela por telefone? Note que os e-mails dele são longos, enquanto os dela são curtos. Sempre."

"É uma daquelas ocasiões em que o que não é dito é mais importante do que o que é", observou Berger. "Nenhuma referência a telefonemas, a qualquer resposta dela, a qualquer contato com ela. Ele diz coisas como *Estou pensando em você. Queria estar com você. O que você está fazendo? Você deve estar trabalhando*. Não parece haver qualquer comunicação entre eles."

"Exatamente. Ele escreve para a namorada diversas vezes por noite. Ela não escreve de volta."

"É óbvio que Oscar é o mais romântico dos dois", disse Berger. "Não estou dizendo que ela não estava apaixonada por ele, porque eu não tenho certeza disso. Nós não temos certeza. É possível que nunca tenhamos. Mas os e-mails de Terri são menos sentimentais, mais reservados. Ele se sente confortável fazendo referências sexuais que são quase pornográficas."

"Depende da sua definição de pornográfico."

Berger voltou para um e-mail que Oscar mandara para Terri havia menos de uma semana.

"Por que isso é pornográfico?", perguntou Lucy.

"Acho que o que eu quis dizer foi sexualmente explícito."

"Você trabalha com crimes sexuais?", disse Lucy. "Ou eu a confundi com uma professora de catequese? Oscar está falando de explorar o corpo dela com a língua. Está falando que escrever sobre isso o deixa excitado."

"Acho que ele estava tentando fazer sexo virtual com ela. Terri não estava respondendo e, com isso, estava rejeitando-o. Ele estava ficando zangado com ela."

"Oscar estava tentando dizer a Terri como ele se sentia", observou Lucy. "E, quanto menos ela respondia, mais ele persistia, talvez por insegurança."

"Ou por raiva", enfatizou Berger. "As referências sexuais cada vez mais frequentes dos e-mails dele são manifestações de sua raiva e agressão. Essa não é uma boa combinação quando a pessoa que causou esses sentimentos está prestes a ser assassinada."

"Posso imaginar que trabalhar com crimes sexuais tem seu preço. Talvez torne mais difícil ver a diferença entre erotismo e pornografia, entre desejo e lascívia, entre insegurança e raiva, e aceitar que alguns replays instantâneos são uma celebração, não uma degradação", disse Lucy. "Talvez você tenha ficado cínica, porque tudo o que vê é asqueroso e violento, e, portanto, todo sexo é crime."

"O que eu não vejo é uma alusão a sexo violento, amarras, sadomasoquismo", disse Berger conforme elas liam. "E eu gostaria que você parasse de me analisar. Está fazendo um trabalho amador, aliás."

"Eu poderia analisar você, e não seria um trabalho amador. Mas você teria que pedir primeiro."

Berger não pediu, e elas continuaram a ler.

Lucy disse: "Até agora, nenhuma alusão a nada, abre aspas, não convencional, eu concordo. Nada de violência. Nenhuma menção a algemas, coleiras, todas essas coisas boas. Certamente nenhuma alusão a nada parecido com o lubrificante sobre o qual tia Kay estava falando com você há pouco tempo. Nada de loções para o corpo, óleos para massagem, coisas assim, e, aliás, eu mandei uma mensagem de texto para os meus pilotos e eles vão estar esperando no La Guardia para o caso de haver alguma prova que terá que ser levada até Oak Ridge. Mas o que eu estava dizendo é que lubrificantes não são compatíveis com sexo oral a não ser que sejam, para falar bem claro, comestíveis. E o que tia Kay descreveu me parece ser mais um lubrificante a base de petróleo, que a maioria das pessoas não vai usar se estiver planejando fazer sexo oral".

"Sabe o que também me intriga? As camisinhas na mesa de cabeceira de Terri", disse Berger. "Elas são lubrificadas. Então por que Oscar usaria um lubrificante a base de petróleo, se é que ele fez isso?"

"Você sabe que tipo de camisinha estava na cabeceira?"

Berger abriu sua bolsa e tirou uma pasta, folheando as páginas até encontrar uma lista de provas coletada da cena do crime na noite anterior.

"Camisinhas Durex Love", ela disse.

Lucy procurou a marca no Google e relatou: "Elas são de látex, vinte e cinco por cento mais difíceis de rasgar e de um tamanho maior do que as camisinhas padrão, fáceis de desenrolar com uma das mãos, bom saber. Ponta extragrande com reservatório, também é bom saber. Mas não compatível com um lubrificante a base de petróleo, que pode enfraquecer o látex e fazer com que se rompa. Isso e o fato de que nenhum lubrificante a base de petróleo foi encontrado no apartamento dela, e é isso mesmo. Se você quiser saber o que acho, tudo está indicando que não foi Oscar, mas outra pessoa".

Mais e-mails, chegando perto do dia em que Terri foi assassinada. A frustração de Oscar e seu amor sexual não correspondido estavam se tornando cada vez mais evidentes, e ele estava começando a parecer mais irracional.

"Muitas desculpas", disse Lucy. "Pobre Oscar. Parece que ele estava arrasado."

Berger leu mais e comentou: "É quase irritante, faz com que eu não goste muito dela e sinta bastante pena dele, preciso confessar. Terri não quer se precipitar. Ele tem que ser paciente. Ela está cheia de trabalho".

"Parece alguém que tem uma vida secreta", disse Lucy.

"Talvez."

"Quem está apaixonado não se encontra só uma vez por semana", disse Lucy. "Principalmente se nenhum dos dois tinha um local de trabalho físico fora de casa. Que a gente saiba. Alguma coisa não se encaixa. Se você está apaixonado, cheio de desejo, não consegue dormir. Mal consegue comer. Não consegue se concentrar no trabalho e não consegue ficar longe do outro de jeito nenhum."

"Conforme a gente vai se aproximando do dia do assassinato dela, a coisa vai piorando", disse Berger. "Oscar parece paranoico. Muito chateado com o pouco tempo que eles passam juntos. Parece que está desconfiando dela. Por que ela só encontra com ele uma vez por semana? E só nas noites de sábado? Por que ela praticamente o arranca da cama antes do sol nascer? Por que Terri subitamente quer ver o apartamento dele, se nunca se interessou por isso no passado? O que ela acha que vai encontrar lá? Não é uma boa ideia, ele diz. Teria concordado no começo. Mas não agora. Ele a ama tanto. Ela é o amor da vida dele. Ele queria que ela não tivesse pedido para ver seu apartamento, pois não pode dizer por que a resposta é não. Um dia, pessoalmente, ele vai explicar. Meu Deus. Que esquisito. Após três meses namorando, dormindo junto, ela

nunca pôs os pés no apartamento dele? E agora, de repente, quer ir lá? Por quê? E por que ele não deixa? Por que ele não quer explicar, a não ser pessoalmente?"

"Talvez pelo mesmo motivo de nunca dizer a ela onde esteve e o que está fazendo", disse Lucy. "Oscar não diz a Terri quais são seus planos — se vai sair para resolver algumas coisas na rua em determinado dia, por exemplo. Ele diz que andou um número X de quilômetros, mas não especifica onde fez isso, ou quando vai fazer de novo. Oscar escreve da maneira que alguém escreveria se temesse que outra pessoa pudesse estar lendo seus e-mails ou observando-o."

"Volte para os e-mails mandados há mais tempo", disse Berger. "E vamos ver ser o padrão é similar."

Elas passaram algum tempo lendo por alto. Aqueles e-mails trocados por Terri e Oscar não eram nem um pouco parecidos com os mais recentes. Não só eles eram menos pessoais, mas o tom e o conteúdo dos e-mails dele eram muito mais relaxados. Oscar mencionava bibliotecas e livrarias preferidas. Descrevia as partes do Central Park onde gostava de caminhar e uma academia que experimentara algumas vezes, mas onde muitos dos aparelhos não lhe serviam muito bem. Incluía diversos detalhes que revelavam informações que não teria compartilhado se temesse que outra pessoa estivesse lendo seus e-mails ou, em outras palavras, espionando-o.

"Ele não estava com medo nessa época", disse Berger. "A conclusão de Benton parece estar correta. Ele diz que Oscar está com medo de alguma coisa — agora. Ele se sente ameaçado — agora."

Lucy digitou o nome de Berger numa caixa de busca e disse: "Estou curiosa para ver se há alguma menção do telefonema que ele deu para seu escritório mês passado. Do medo dele de estar sob vigilância eletrônica, sendo seguido, de que sua identidade tivesse sido roubada etc.".

Ela encontrou o nome Jaime Berger, mas o e-mail em questão não tinha nada a ver com o telefonema de Oscar para a Promotoria de Justiça:

Data: Seg, 2 de julho de 2007, 10:47:31
De: "Terri Bridges"
Para: "Jaime Berger"
cc: Dr. Oscar Bane
Assunto: "Entrevista com a dra. Kay Scarpetta"
Prezada srta. Berger,
Sou uma aluna de mestrado e estou escrevendo uma tese sobre a evolução da ciência e da medicina forenses, desde séculos atrás até os dias de hoje. O título provisório é "Fantasias forenses".
Um resumo: demos uma volta de cento e oitenta graus, fomos do ridículo ao sublime, da impostura da frenologia, da fisiognomia e da imagem do assassino capturada pela retina da vítima à "mágica" dos filmes e seriados de hoje. Terei prazer em explicar melhor se a senhorita tiver a bondade de me responder. O e-mail é preferível. Mas incluí meu telefone.
Adoraria saber sua opinião, é claro, mas o motivo real de eu estar lhe escrevendo é que estou tentando entrar em contato com a dra. Kay Scarpetta — não há ninguém melhor para esse tópico, certamente a senhorita concorda! Talvez, ao menos, a senhorita pudesse passar meu e-mail para ela. Já tentei contatar diversas vezes o consultório dela em Charleston, mas não tive sucesso. Sei que vocês já trabalharam juntas no passado e imagino que ainda tenham contato como amigas.
Atenciosamente,
Terri Bridges
212-555-2907

"É claro que você nunca recebeu esse e-mail", disse Lucy.

"Enviado para um e-mail geral da prefeitura por alguém que se intitulava Lunática?", perguntou Berger. "Nem em um milhão de anos isso ia chegar em mim. Mas a pergunta mais importante é: por que Kay não sabia que Terri estava tentando entrar em contato com ela? Charleston não é exatamente Nova York."

"Para ela, era como se fosse", disse Lucy.

Berger levantou da cadeira e pegou seu casaco e sua bolsa.

"Tenho que ir", ela disse. "A gente deve fazer uma reunião amanhã. Ligo para você quando souber a que horas."

"Foi no fim da primavera, início do verão passado", disse Lucy. "Sei por que minha tia nunca recebeu a mensagem de Terri, se é que foi isso que aconteceu. E deve ter sido."

Ela se levantou também, e elas atravessaram o loft.

"Rose estava morrendo", disse Lucy. "Do meio de junho até o início de julho, ela morou na casa da minha tia. Nenhuma das duas estava trabalhando mais. E Marino não estava lá. O consultório novo de tia Kay era pequeno. Ela só estava com ele havia uns dois anos. Não tinha outros empregados."

"Ninguém para atender o telefone, ninguém para anotar um recado", disse Berger, colocando o casaco. "Antes que me esqueça, por favor, mande esse e-mail para mim, assim fico com uma cópia. Já que você não imprime nada aqui. E se encontrar outra coisa que é importante eu saber?"

"Marino tinha sumido no início de maio", disse Lucy. "Rose nunca chegou a descobrir o que aconteceu com ele, o que foi muito injusto. Ele desapareceu, virou fumaça, e logo depois ela morreu. Independentemente de qualquer coisa, ela gostava dele."

"E você? Onde estava quando os telefones tocaram e ninguém atendeu ou notou?"

"Parece a vida de outra pessoa, como se não tivesse acontecido comigo", disse Lucy. "Eu mal consigo lembrar onde estava ou o que fiz perto do fim, mas foi horrível. Minha tia colocou Rose no quarto de hóspedes e ficou com ela vinte e quatro horas por dia. Ela piorou muito rápido depois que Marino desapareceu, e eu me mantive afastada do consultório e dos laboratórios. Conhecia Rose desde que nasci. Ela era a avó legal que todo mundo quer, tão chique com seus terninhos lindos e seu cabelo preso num coque, mas também era uma figura que não tinha medo de nada, nem de cadáver, nem de arma, nem das motos de Marino."

"E de morrer? Ela teve medo?"

"Não."

"Mas você teve", disse Berger.

"Todos tivemos. Eu mais que todo mundo. Então fiz uma coisa maravilhosa e de repente fiquei muito ocupada. Por algum motivo, precisei ir urgentemente fazer uma atualização no meu treinamento avançado de proteção executiva, reconhecimento e análise de ataque, armas de fogo táticas, o de sempre. Vendi um helicóptero e comprei outro, e então fiz aulas na Escola Bell para pilotos, no Texas, durante várias semanas, também sem precisar. Quando vi, todo mundo tinha se mudado para o norte do país. E Rose estava numa sepultura em Richmond, de frente para o rio James, porque amava a água, e minha tia fez questão de que tivesse uma vista eterna para lá."

"Então isso com que estamos lidando agora, de certa maneira, começou naquela época", disse Berger. "Quando ninguém estava prestando atenção."

"Não tenho certeza de quando começou", disse Lucy.

Elas estavam diante da porta da frente, nenhuma das duas com muita vontade de abri-la. Berger se perguntou quando iam ficar sozinhas daquele jeito de novo, se deviam fazer isso e o que Lucy pensava dela. Ela sabia o que pensava de si mesma. Berger fora desonesta, não podia deixar as coisas daquele jeito. Lucy não merecia. Nenhuma das duas merecia.

"Eu tive uma colega de quarto quando estudei na Columbia", disse Berger, fechando o casaco. "A gente morava num apartamento que era um lixo. Eu não tinha dinheiro, não nasci em família rica, casei com um homem rico, e você sabe disso tudo. Quando estava fazendo direito, a gente morava nesse lugar horroroso em Morningside Heights, e é um milagre não termos sidos assassinadas lá."

Ela enfiou as mãos nos bolsos enquanto Lucy mantinha os olhos fixos nos dela, ambas apoiando os ombros na porta.

"Éramos muito próximas", acrescentou Berger.

"Você não me deve qualquer explicação", disse Lucy. "Tenho total respeito pela pessoa que é e pelo motivo de levar a vida que leva."

"Você não sabe o suficiente para respeitar nada, na verdade. E vou lhe dar uma explicação, não porque deva, mas porque quero dá-la. Havia algo de errado com ela, com minha colega de quarto. Não vou dizer o nome dela. Um distúrbio emocional que eu não entendia na época e, quando a coisa ficava feia e ela ficava com raiva, eu achava que existia. Briguei com ela e não devia ter feito isso, porque só piorava tudo, piorava de um jeito inacreditável. Um sábado, um vizinho chamou a polícia. Fico surpresa de você não ter desenterrado essa história em algum lugar. Não teve nenhuma consequência, mas foi bastante desagradável, e nós duas estávamos bêbadas e parecendo duas loucas. Se eu algum dia quiser me candidatar a um cargo público, dá para imaginar o que fariam se outra história dessas acontecesse."

"E por que aconteceria?", perguntou Lucy. "A não ser que você planeje brigar com alguém quando estiver

bêbada e com cara de louca."

"Nunca houve uma ameaça disso com Greg, entende? Acho que nunca gritamos um com o outro. Certamente nunca atiramos nada um no outro. A gente coexistia sem rancor, sem quase nada. Era uma *détente* relativamente agradável durante a maior parte do tempo."

"O que aconteceu com sua colega de quarto?"

"Acho que depende do que você considera sucesso", disse Berger. "Mas nada de bom, na minha opinião. As coisas só vão piorar para ela, porque vive uma mentira, ou seja, não vive, e a vida é muito cruel se você não a vive, principalmente conforme vai ficando mais velha. Nunca vivi uma mentira. Você pode pensar que sim, mas não é verdade. Apenas tive que ir descobrindo as coisas conforme fui vivendo, e respeito as decisões que tomei, tenham sido certas ou erradas, não importa quão difícil foi fazer isso. Muitas coisas permanecem irrelevantes, contanto que permaneçam teóricas."

"Ou seja, não houve ninguém, nunca houve alguém quando não devia haver", disse Lucy.

"Não sou nenhuma professora de catequese. Longe disso", disse Berger. "Mas minha vida não é da conta de ninguém e posso bagunçá-la se quiser, porque é minha, mas não quero. Não vou deixar que você a bagunce, e não quero bagunçar a sua."

"Você sempre começa avisando que não pode ser responsabilizada por nada?"

"Eu não começo", disse Berger.

"Dessa vez, vai ter que começar", disse Lucy. "Porque eu não vou. Não com você."

Berger tirou as mãos dos bolsos do casaco e tocou o rosto de Lucy, e então esticou a mão na direção da porta, mas não a abriu. Ela tocou seu rosto mais uma vez e a beijou.

22

Dezenove andares abaixo da ala para prisioneiros do Bellevue, no estacionamento que fica do outro lado da rua 27 Leste, Marino era uma figura solitária escondida por elevadores hidráulicos, a maioria vazia a essa hora, quando não havia nenhum ascensorista à vista.

Ele estava observando-os no campo verde-claro de um monóculo de visão noturna, pois precisava vê-la. Precisava olhar para ela em pessoa, mesmo que fosse escondido, de longe, e apenas por um instante. De alguma maneira, precisava se certificar de que ela não havia mudado. Se ela ainda fosse a mesma pessoa, então não seria cruel com ele quando o visse. Não ia xingá-lo, humilhá-lo ou repudiá-lo. Ela não fora capaz de fazer isso no passado, não importava o quanto ele merecera. Mas o que sabia sobre ela agora, exceto o que lia e o que via na tv?

Scarpetta e Benton tinham acabado de sair do necrotério e estavam cortando caminho pelo parque e voltando para o Bellevue. Foi estonteante vê-la de novo, e irreal, como se ela tivesse morrido, e Marino imaginou o que ela pensaria se soubesse quão perto ele estivera de morrer. Depois do que Marino fizera, ele não sentira mais vontade de estar ali. Quando estava deitado na cama do quarto de hóspedes da casa de Scarpetta, na manhã seguinte após tê-la machucado, começara a pensar numa lista de possibilidades, tendo que lutar contra a náusea de tempos em tempos, enquanto a pior dor de cabeça de sua vida martelava seu cérebro até transformá-lo em polpa.

Sua primeira ideia foi atirar sua caminhonete, talvez sua moto, de cima de uma ponte e se afogar. Mas podia ser que ele sobrevivesse, e Marino tinha pânico de ficar sem poder respirar. Isso queria dizer que se sufocar usando uma sacola de plástico, por exemplo, não era uma boa opção. Ele sentia ânsia quando pensava em se enforcar, em ficar se debatendo após ter chutado para longe a cadeira que o apoiava e depois mudar de ideia. Marino considerara a hipótese de se sentar numa banheira e cortar a veia da garganta, mas após aquele primeiro esguicho de sua carótida ele ia querer voltar atrás e seria tarde demais.

E quanto a envenenamento por monóxido de carbono? Ia lhe dar tempo demais para pensar. Veneno? A mesma coisa, e doía. Se ele se acovardasse e ligasse para a emergência, ia acabar tendo que fazer uma lavagem gástrica e, pelo que sabia do procedimento, perdendo o respeito de todo mundo. Pular de um prédio? Nunca. Com a sua sorte, ia sobreviver e ficar desfigurado a ponto de não ser reconhecido. A última coisa na lista era sua pistola de nove milímetros. E Scarpetta a escondera.

Marino ficara deitado na cama do quarto de hóspedes tentando imaginar onde ela tinha colocado a arma, mas decidira que nunca ia encontrá-la, estava doente demais para encontrá-la, e sempre poderia dar um tiro em si mesmo mais tarde, pois tinha algumas armas extras em sua cabana de pesca. Só que teria que ser um tiro preciso, pois a pior das hipóteses era acabar com um pulmão de ferro.

Quando Marino finalmente ligara para o McLean para falar com Benton e confessara tudo, o amigo o informara com a maior calma do mundo que, se um pulmão de ferro era a única coisa impedindo-o de cometer suicídio, ele não tinha com que se preocupar, a não ser que tentasse se matar com o vírus da poliomielite. Isso fora exatamente o que Benton dissera, acrescentando que, se Marino errasse o tiro, o mais provável seria acabar com danos cerebrais que o impediriam de se mover, mas o deixariam vagamente consciente dos motivos que o haviam feito querer morrer.

A grande merda, dissera Benton, seria um coma irreversível que se tornaria uma discussão entre os juízes da Suprema Corte antes que alguém recebesse permissão para arrancar o fio da tomada. Ele dissera que não era provável que Marino tivesse consciência do que estava acontecendo, mas que ninguém sabia ao certo se era assim mesmo. Era preciso ser a pessoa com morte cerebral para saber com certeza, dissera.

Você quer dizer que eu ia ouvir as pessoas falando que iam me tirar do...?, perguntara Marino.

Sistema de suporte à vida, dissera Benton.

Então ele não ia mais respirar para mim, e talvez eu estivesse consciente disso, mas ninguém mais ia estar?

Você não ia mais conseguir respirar. E uma das possibilidades é que estivesse consciente de que estavam prestes a desligar o respirador. Arrancar da tomada, como dizem.

Então eu ia poder literalmente ver a pessoa ir até a parede e tirar o negócio da tomada.

É possível.

E na hora eu ia começar a sufocar até morrer.

Você não ia conseguir respirar. Mas, se Deus quiser, seus entes queridos iam estar ali em volta, ajudando você a passar por aquilo, embora sem saber que estaria consciente da presença deles.

Isso fez Marino voltar ao medo de sufocar e à triste lembrança de que seus únicos entes queridos eram as mesmas pessoas com quem ele acabara de foder, principalmente ela, Scarpetta. Foi nessa altura, dentro daquele hotel perto do boliche Boston Bowl Family Fun Center onde ele e Benton estavam tendo essa conversa, que Marino decidiu não se matar, mas tirar as férias mais longas que já tirara na vida, no centro de reabilitação da região de North Shore, em Massachusetts.

Se Marino apresentasse uma melhora depois que seu corpo estivesse completamente livre do álcool e dos medicamentos para aumentar a libido masculina, se insistisse na terapia e o fizesse de forma sincera, então o próximo passo seria encontrar um emprego para ele. Portanto ali estava Marino, cerca de meio ano mais tarde, em Nova York, trabalhando para Berger e se escondendo num estacionamento só para ter um vislumbre de Scarpetta antes de ela entrar no carro e de eles irem para uma cena de crime, fazendo o trabalho de sempre.

Marino observou-a caminhar em silêncio, com o aspecto sobrenatural que a luz verde dava, seus gestos familiares conforme ela falava, cada detalhe vívido, mas tão distante dele, que se sentiu como um fantasma. Marino podia ver Scarpetta, mas ela não podia vê-lo, e sua vida seguira em frente sem a presença dele. Conhecendo-a tão bem quanto Marino conhecia, ele tinha certeza de que, a essa altura, ela já perdoara o que havia acontecido. O que não teria perdoado era ele ter desaparecido como desaparecera. Marino decidiu que talvez estivesse dando importância demais a si mesmo. Era bem capaz que Scarpetta nem pensasse mais nele e, quando o visse, não se importaria. Ela não sentiria nada, mal se lembraria do passado.

Tanta coisa acontecera desde então. Scarpetta se casara. Saíra de Charleston. Era a chefe de um escritório grande perto de Boston. Ela e Benton, pela primeira vez, viviam juntos como qualquer casal, numa linda casa antiga em Belmont, pela qual Marino já passara uma ou duas vezes, à noite. Agora eles tinham também um apartamento em Nova York, e às vezes Marino caminhava pela beira do Hudson a vários quarteirões a oeste do Central Park e ficava olhando para o prédio deles, contando os andares até ter quase certeza de que sabia exatamente qual era seu apartamento. Ele imaginava como ele devia ser por dentro, e a linda vista que deviam ter do rio e da cidade à noite. Scarpetta aparecia sempre na televisão, era muito famosa, mas, sempre que Marino tentava visualizar como ela reagia quando pessoas lhe pediam um autógrafo, não conseguia. Aquela parte, ele não compreendia. Ela não era do tipo que gostava de atenção ou, pelo menos, ele achava que não, pois, se fosse, era porque ela havia mudado.

Marino a observou pelo poderoso monóculo de visão noturna que Lucy lhe dera de presente de aniversário dois anos antes, e sentiu saudade do som da voz de Scarpetta. Ele reconheceu o humor dela pela forma como se movia, mudando de posição, fazendo alguns gestos com as mãos cobertas por luvas pretas. Scarpetta era sutil. As pessoas sempre diziam isso dela, que ela dizia e fazia menos, e não mais, e por causa disso o que dizia tinha mais peso, por assim dizer. Ela não era histriônica. Essa era outra palavra que Marino aprendera. Na verdade, agora ele se lembrava, fora Berger que a dissera, ao descrever como Scarpetta se comportava ao testemunhar num tribunal. Ela não precisava erguer a voz ou se agitar, apenas mantinha-se calma e era sincera com os jurados. E eles confiavam nela, acreditavam nela.

Através do monóculo, Marino notou o longo casaco que Scarpetta estava usando e o corte de seu cabelo louro bem penteado, um pouco mais longo do que costumava usar, passando um pouco da gola e penteado para trás a partir da testa. Ele podia discernir os traços fortes que conhecia tão bem, tão difíceis de comparar com qualquer outra pessoa, porque ela era bonita e não era. Seu rosto tinha linhas bem marcadas demais para ganhar um concurso de beleza ou pertencer às mulheres-palito que caminhavam pelas passarelas dos eventos de moda usando roupas de marca.

Marino achou que ia vomitar de novo, como fizera naquela manhã, na casa dela. Seu coração começou a bater forte, como se ele estivesse tentando se machucar.

Marino ansiava por Scarpetta, mas, escondido naquele carro escuro, imundo e cheirando a ferrugem, ele se deu conta de que não a amava mais como já amara. Ele enfiara a estaca da autodestruição naquela parte onde a esperança sempre se escondera, e agora ela estava morta. Marino não esperava mais que Scarpetta se apaixonasse por ele algum dia. Ela estava casada, e a esperança estava morta. Mesmo que Benton saísse de cena, a esperança estava morta. Marino matara a esperança, e de forma violenta. Ele jamais fizera algo assim antes na vida, e fizera logo com ela.

Mesmo nos encontros mais nojentos, mais bêbados, Marino jamais usara a força com uma mulher.

Se ele beijasse a mulher e ela não quisesse a língua dele em sua boca, Marino se afastava. Se ela tirava as mãos dele dali, ele não a tocava mais se não fosse convidado a fazê-lo. Se ele estava de pau duro e a mulher não estava interessada, ele nunca se esfregava nela ou enfiava a mão dela entre suas pernas. Se ela percebia que o soldado dele não ficava quieto, ele fazia as mesmas piadas de sempre. *Ele está só dando um oi para você, meu amor. Ele sempre levanta quando uma dama entra no recinto. Ei, linda, só porque eu tenho um câmbio, não significa que você tenha que dirigir meu carro*.

Marino podia ser um homem rude e mal-educado, mas não era um agressor sexual. Não era um ser humano ruim. Mas como Scarpetta podia saber? Ele nem consertara as coisas na manhã seguinte, não fizera uma tentativa modesta quando ela aparecera no quarto de hóspedes com café e torrada. O que Marino fizera? Fingira que estava com amnésia. Reclamara do bourbon que Scarpetta tinha em casa, como se tudo aquilo fosse culpa dela, por possuir algo que podia causar uma ressaca tão medonha e um lapso de memória.

Marino não admitira nada. A vergonha e o pânico o deixaram mudo, pois ele não tinha certeza do que fizera e não ia perguntar. Era melhor que descobrisse tudo sozinho, e, após semanas e meses investigando o próprio crime, Marino finalmente encaixara todas as peças. Ele não podia ter ido muito longe, pois, quando acordara na manhã seguinte, estava com todas as suas roupas, e o único fluido corporal que detectara fora seu suor frio e fedido.

Marino só se lembrava de fragmentos com clareza: empurrá-la contra a parede, ouvir o som de tecido rasgando, sentir a maciez da pele dela, ouvir sua voz dizendo que ele a estava machucando e que ela sabia que ele não queria fazer isso. Marino lembrava perfeitamente que Scarpetta não se movera, e agora compreendia, e se perguntava como seus instintos puderam ter sido tão perfeitos. Ele estava completamente fora de controle, e ela era inteligente o suficiente para não reagir de forma violenta e incitá-lo ainda mais. Marino não se lembrava de mais nada, nem de como eram os seios dela. Só tinha uma vaga noção de que eles o haviam surpreendido, mas não de maneira desagradável. Na verdade, após décadas de fantasias elaboradas, não eram exatamente como Marino os imaginava. Mas os de nenhuma mulher eram.

Aquela fora uma conclusão que viera com a maturidade e que não tinha nada a ver com intuição ou bom senso. Quando Marino era um menininho cheio de tesão cuja única referência eram as revistas de mulher pelada que seu pai escondia na cabana onde guardava suas ferramentas, não poderia saber o que acabou descobrindo. Os seios, como as impressões digitais, têm suas próprias características individuais que não são necessariamente discerníveis através das roupas. Cada seio com o qual Marino fora íntimo tinha tamanho, formato, simetria e grau de inclinação únicos, com a variável mais óbvia sendo o mamilo, que na verdade era o motivo para a eterna atração. Marino, que se considerava um *connoisseur*, seria o primeiro a dizer que quanto maior, melhor, mas quando ele passava da fase de olhar e acariciar, o mais importante era o que colocava na boca.

Na esfera verde do monóculo de visão noturna, Scarpetta e Benton saíram do parque e chegaram à calçada. Ela estava com as mãos nos bolsos, sem carregar nada, o que significava que eles iam fazer pelo menos uma parada, provavelmente no escritório dele. Marino notou que os dois não estavam conversando muito e então, como se tivessem lido o pensamento dele, deram as mãos, e Benton se inclinou para beijá-la.

Quando Benton e Scarpetta chegaram à rua e ficaram tão próximos que ele não precisava de um amplificador de luz para discernir seus rostos, eles estavam olhando um para o outro como quem dizia que o beijo fora para valer e que mais estavam por vir, pensou Marino. Eles chegaram à Primeira Avenida e sumiram de seu campo de visão.

Marino estava prestes a abandonar seu refúgio atrás de três elevadores hidráulicos quando notou outra figura surgir no parque, andando rapidamente. Então, viu mais uma figura entrar no parque, vinda da direção do prédio onde ficava o laboratório de dna. Na esfera verde-clara do monóculo de visão noturna, viu o investigador Mike Morales e a dra. Lenora Lester sentarem um ao lado do outro num banco.

Eles disseram coisas que Marino não escutou, e ela deu um envelope grande para ele. Provavelmente com informações sobre a autópsia de Terri Bridges. Mas foi uma entrega peculiar, feita como se fossem espiões. Marino cogitou a ideia de os dois estarem tendo um caso e sentiu um frio no estômago ao imaginar o rosto lúgubre e doentio dela, e seu corpo magro como o de um pássaro nu sobre os lençóis.

Não podia ser isso.

Era muito mais provável que a dra. Lester tivesse ligado para Morales o mais rápido possível para poder levar o mérito pelo que Scarpetta tivesse descoberto no necrotério. E é claro que ele queria a informação antes de todos os outros, incluindo Marino e, principalmente, Berger. Isso devia significar que Scarpetta descobrira alguma coisa importante. Marino ficou olhando até que a dra. Lester e Morales se levantaram do banco. Ele desapareceu atrás do prédio do laboratório de dna e ela caminhou na direção de Marino, para a rua 27 Leste, com seu andar rápido e os olhos colados no BlackBerry que segurava com as mãos sem luvas.

A dra. Lester atravessou depressa o vento gelado, indo na direção da Primeira Avenida, onde provavelmente pegaria um táxi e depois a barca de volta para Nova Jersey. Parecia que ela estava mandando uma mensagem de texto para alguém.

A região dos museus era o lugar preferido de Megera para passear. Ela saía de seu apartamento com uma garrafa de água e uma barrinha de granola, e escolhia pegar o trajeto que passava pela avenida Madison para poder ir olhando as vitrines conforme a sua ansiedade ia crescendo e os seus passos, acelerando.

O ponto principal era o Guggenheim, onde Megera ficava emocionada com as obras de Clyfford Still, John Chamberlain, Robert Rauschenberg e, é claro, Picasso. A última exibição que vira lá fora das pinturas em papel de Jackson Pollock, o que completara dois anos na primavera anterior.

O que havia acontecido?

Ela não tinha que bater ponto em nenhum lugar, e na verdade não tinha nenhum compromisso. Mas, depois que começara a trabalhar para o Patrão, aos poucos parara de ir a museus, ao teatro, às galerias, às bancas e à livraria Barnes & Noble.

Megera tentou se lembrar da última vez que se aninhara nas páginas de um bom livro, derrotara uma palavra-cruzada, dera dinheiro para músicos no parque, deixara-se distrair por um filme ou ficara embriagada de encanto por um poema.

Ela se tornara uma mosca no âmbar, presa em vidas que não conhecia e com as quais não se importava. Fofoca. As atividades espalhafatosas e banais de pessoas que tinham o coração e a alma de bonecas de papel. Qual era a importância da roupa que Michael Jackson usara para ir ao tribunal? Que diferença fazia para ela ou para qualquer outra pessoa se Madonna caíra do cavalo?

Em vez de olhar para obras de arte, Megera passara a olhar para a latrina da vida, deliciando-se com a merda dos outros. Ela começou a se dar conta de diversas verdades conforme pensava na sombria volta para casa, quando atravessara aquele rio Estige em que se transformara a avenida Lexington no sedã preto da Cadillac. O homem de chapéu de caubói fora simpático com Megera, dera até um tapinha afetuoso em seu joelho quando ela estava saindo do carro, mas nunca chegara a dizer seu nome, e o bom senso avisara a ela que não devia

perguntar.

Hoje Megera fora ao encontro do mal. Primeiro Marilyn Monroe, depois o verme, depois o porão. Talvez Deus a estivesse fazendo passar por uma espécie de terapia de choque espiritual, mostrando-lhe a verdade sobre a maneira covarde como vivia. Ela olhou em volta, observando seu apartamento de um quarto de aluguel controlado e, talvez pela primeira vez desde que seu marido a deixara, viu como era realmente a aparência dele e que não havia mudado.

O sofá de veludo e a poltrona combinando eram despretensiosos e reconfortantes, e a textura gasta e macia levara o marido de Megera de volta para a sala. Ela o viu sentado na poltrona reclinável, lendo o *Times*, mastigando a ponta de um charuto até ficar nojenta, e sentiu o cheiro da fumaça que costumava saturar cada molécula de suas vidas. Megera podia sentir aquele cheiro agora, como se jamais tivesse contratado uma empresa de faxina.

Por diversos motivos, ela não conseguira reunir coragem o suficiente para retirar as roupas dele do armário e guardar itens para os quais não suportava olhar e dos quais não suportava se separar.

Quantas vezes não brigara com ele, dizendo que não era para atravessar a rua só porque o homenzinho branco do sinal de pedestres dizia que podia?

Por que isso era menos idiota do que ficar na calçada quando a mão vermelha o impedia de atravessar a rua, apesar de a transversal estar barricada, sem um carro à vista?

No fim das contas, ele fora atraído pelo homenzinho branco em vez de ouvir Megera. Um dia, ela tinha um marido com quem estava sempre reclamando por causa dos charutos e porque ele não arrumava a casa; no outro, e em todos os que vieram depois, não tinha nada além de seus odores e sua bagunça, e da lembrança das últimas palavras que haviam dito um para o outro quando ele estava saindo.

Precisa comprar creme para botar no café ?, ele perguntara, enquanto colocava seu chapéu bobo de lã, parecido com o que Sherlock Holmes usava.

Megera comprara o chapéu para seu marido em Londres, muitas décadas antes, e ele jamais compreendera que não devia ser usado de verdade.

Não sei se precisa comprar creme para botar no café, já que você é o único que toma café com creme. Fora isso que ela dissera.

Suas últimas palavras para ele.

As palavras de uma megera que fora morar com eles naquele mesmo mês cruel de abril, quando a empresa transferira seu cargo para alguém na Índia, e os dois ficaram sentados lado a lado todos os dias naquele apartamento pequeno, morrendo de preocupação com dinheiro. Ele era contador e já fizera os cálculos.

Megera repassara o último momento em que os dois estiveram juntos na Terra, revisara-o de todas as maneiras possíveis e imagináveis, pensando se algo poderia ter sido feito ou mencionado para mudar o destino. Se ela tivesse dito que o amava e perguntado se ele queria seu prato preferido, costelas de cordeiro e batata doce assada para jantar, e se tivesse comprado um vaso de jacintos para a mesa de centro, será que ele estaria pensando em outra coisa ou em tudo aquilo em vez de estar pensando no que quer que pensara quando não olhara para os dois lados?

Será que ele estava irritado e distraído por causa do comentário que Megera fizera sobre o creme para botar no café?

E se Megera tivesse lembrado a ele com doçura que devia tomar cuidado, será que isso o teria salvado, e a ela, e a ambos?

Megera fixou sua atenção na televisão de tela plana e imaginou-o fumando seu charuto, assistindo ao noticiário com aquela expressão cética no rosto, um rosto que ela via toda vez que fechava os olhos ou observava algo de soslaio — uma sombra, ou a roupa lavada empilhada numa cadeira, ou quando não estava usando óculos. E ela o via antes que ele desaparecesse. E lembrava que ele não estava mais lá.

Ele olharia para a televisão chique dela e diria: *Amor, para que a televisão? Quem precisa de uma televisão assim? Não deve nem ter sido fabricada aqui nos Estados Unidos. A gente não tem dinheiro para ter uma televisão assim*.

Ele não aprovaria. Meu Deus, não aprovaria nada do que ela fizera desde que ele se fora.

A poltrona reclinável estava vazia, e o lugar onde o tecido estava gasto por causa dele a fez sentir um enorme desespero quando mais lembranças surgiram num turbilhão:

Avisar a polícia do desaparecimento dele.

Sentir que estava vivendo uma cena que vira em cem filmes enquanto agarrava o telefone e implorava para que a polícia acreditasse nela.

Acredite em mim. Por favor, acredite em mim.

Ela falou para a policial muito fria que atendeu seu telefonema que seu marido não ia a bares e sumia. Ele não estava tendo um probleminha de memória ou um caso. Ele sempre voltava direto para casa como um escoteiro, e se tivesse resolvido ter uma "aventura" ou tivesse ficado "mal-humorado", teria ligado para Megera.

E me dito para ir me foder, que ia chegar quando bem quisesse, exatamente como fez da última vez que resolveu ter uma aventura ou ficou mal-humorado, merda, dissera Megera para a policial fria, que parecia estar mascando chiclete.

Ninguém entrara em pânico, com exceção de Megera.

Ninguém se importara.

O detetive que finalmente ligara para dar a notícia, mais um no emaranhado da polícia de Nova York, falara com pesar.

Senhora, lamento muito lhe informar... Lá pelas quatro da tarde, recebi um chamado...

O policial fora educado, mas estava muito ocupado com outras coisas e dissera que lamentava diversas vezes, mas não se oferecera para levá-la até o necrotério como um bom sobrinho faria com uma tia arrasada, levando-a a um funeral ou a uma igreja.

O necrotério? Onde?

Perto do Bellevue.

Que Bellevue?

Senhora, só tem um Bellevue.

Não mesmo. Tem o velho. E tem o novo. O necrotério é perto de qual?

Ela podia passar lá às oito da manhã e identificar o corpo. O policial lhe deu o endereço, para que ela não confundisse um Bellevue com o outro, e também o nome da médica-legista.

Lenora Lester, bacharel em direito, doutora em medicina.

Apesar de todos os diplomas, ela era uma mulher descortês e desagradável, e como fora insensível quando levara Megera às pressas para aquela salinha e abrira a cortina.

Seus olhos estavam fechados, e ele estava coberto até o queixo com um lençol azul com a textura de uma folha de papel.

Não havia sinal de ferimento, nem um arranhão, nem uma contusão, e por um instante Megera não acreditara que algo havia acontecido.

Não há nada quebrado. O que aconteceu? O que aconteceu de verdade? Ele não pode estar morto. Não há nada de errado com ele. Ele está bem. Só está pálido. Está muito pálido, e vai ser o primeiro a dizer que não está mesmo com uma cara boa. Mas não pode estar morto.

A dra. Lester parecia um pombo empalhado dentro de uma redoma de vidro, e seus lábios não se moveram quando ela explicou, muito rapidamente, que ele era uma típica vítima de atropelamento.

Atingido pelas costas enquanto estava de pé.

Atirado sobre o capô de um táxi.

Bateu com a parte de trás da cabeça no vidro.

Sofreu diversas fraturas nas vértebras cervicais, disse a médica com seu rosto pálido e grave.

A gravidade do impacto fraturara ambas as extremidades inferiores.

Extremidades.

As pernas do seu amor, que levavam meias, sapatos e, naquela tarde cruel de abril, calças de veludo cotelê com quase o mesmo tom amarelo-claro da poltrona reclinável e do sofá. Calças que Megera comprara para ele na Saks.

O rosto pálido e sério disse, ali naquela salinha: *Ele está com boa aparência porque seus ferimentos mais profundos são nas extremidades inferiores*.

Que estavam cobertas pelo lençol azul com textura de papel — as extremidades inferiores, as extremidades inferiores dele.

Megera foi embora do necrotério, deixou seu endereço e mais tarde fez o cheque e recebeu a cópia do relatório final da dra. Lester, que ficou em aberto por mais ou menos cinco meses, aguardando os resultados do exame toxicológico. O resultado oficial da autópsia ainda estava dentro do envelope oficial, que permanecia fechado na gaveta de baixo de sua escrivaninha, debaixo de uma caixa dos charutos favoritos do marido, que ela guardara num saco com fechamento hermético porque não queria sentir seu cheiro, mas não conseguia jogar fora.

Megera colocou outro copo de bourbon ao lado do computador e se sentou, trabalhando até mais tarde que o normal e sem querer ir para cama logo, ou mesmo nunca. Ela pensou que tudo fora suportável até que abrira aquela foto de Marilyn Monroe mais cedo.

Megera pensou num Deus vingativo quando se lembrou do homem com costeletas enormes e joias chamativas, e de como ele lhe oferecera um filhotinho de dachshund, de shih tzu ou de springer spaniel e depois lhe dera uma carona até em casa. Ele estava tentando silenciá-la através do suborno, de uma gentileza que indicava como as coisas seriam se não estivesse inclinado a ser gentil. Megera o pegara no flagra, e os dois sabiam disso. O homem queria que ela tivesse uma relação amigável com ele. Para o bem de ambos.

Megera entrou na internet e fez uma busca até encontrar uma matéria que saíra no *New York Times* apenas três semanas antes, a mesma semana em que o Patrão escrevera coisas boas da loja principal da Corações Com Cauda na avenida Lexington. O artigo era ilustrado por uma fotografia do homem de cabelos brancos com as enormes costeletas e o rosto imoral.

O nome dele era Jake Loudin.

Em outubro último, fora acusado de oito crimes de crueldade com animais depois que uma de suas pet shops do Bronx fora inspecionada, mas algumas semanas antes, no início de dezembro, tinham livrado sua cara:

> processo contra triturador de cachorros é arquivado
>
> A Promotoria de Justiça de Nova York arquivou um processo de oito acusações de crueldade contra animais com agravantes em que o réu era um empresário de Missouri que ativistas de direitos dos animais chamam de "O Pol Pot dos Filhotes", comparando Jake Loudin ao líder do Khmer Vermelho responsável pelo massacre de milhões de cambojanos.
>
> Loudin poderia ter sido condenado a até dezesseis anos de prisão se fosse considerado culpado de todas as oito acusações e tivesse recebido a pena máxima para cada uma delas. "Mas não havia como provar que os oito animais mortos descobertos no freezer da pet shop estavam vivos quando foram colocados lá dentro", disse a promotora de Justiça de Manhattan Jaime Berger, cuja recém-criada força-tarefa para investigar a crueldade contra animais inspecionou a pet shop em outubro. Segundo ela, o juiz não achou que a polícia conseguiu provar a falta de justificativa para a eutanásia desses oito animais de estimação, todos filhotes de cachorro com idade entre três e seis meses.
>
> Berger disse que é sabido que algumas pet shops "eliminam" cães, gatos e outros animais de estimação se não conseguem vendê-los ou se, por algum motivo, apresentam um risco ao negócio.
>
> "Um filhote doente, ou um que já tenha três ou quatro meses de idade, deixa de atrair compradores", ela disse. "E muitas dessas lojas são notoriamente negligentes com os cuidados médicos ou até com necessidades básicas como gaiolas quentes e limpas, água e comida suficientes. Um dos motivos de eu

ter criado essa força-tarefa é que a população de Nova York não aguenta mais, e minha missão agora é meter alguns desses bandidos na cadeia."

Era a segunda vez naquela noite que Megera ligava para a emergência.

Só que, agora, ela estava mais bêbada e mais fora de si.

"Assassinos", ela disse para a operadora, repetindo o endereço na avenida Lexington. "Os pequenininhos trancados lá..."

"Senhora?"

"Ele me obrigou a entrar no carro dele depois, e meu coração estava quase saindo pela boca... Ele tinha uma cara vermelha, inchada, e um silêncio gelado."

"Senhora?"

"Vocês já tentaram prendê-lo, e pelo mesmo motivo! Hitler! É, Pol Pot! Mas ele se safou. Conte à senhorita Berger. Por favor. Agora. Por favor."

"Senhora? A senhora quer que um policial vá até a sua residência?"

"Alguém do esquadrão dos cachorros da senhorita Berger, por favor. Ai, por favor. Não sou maluca. Juro que não. Tirei uma foto dele e do freezer com meu celular."

Mentira.

"Eles estavam se mexendo!", ela gritou. "Eles ainda estavam se mexendo!"

23

O Impala azul-escuro esperava diante da entrada do hospital quando Benton e Scarpetta saíram noite adentro.

Ela reconheceu a jaqueta de couro com forro de algodão e só depois percebeu que era Marino que a estava usando. O porta-malas abriu, e ele pegou a maleta de cena do crime das mãos de Benton e começou a falar sobre os cafés que comprara para eles, dizendo que estavam no banco de trás.

Era assim que ele a cumprimentava depois de tanto tempo, depois de tudo o que havia acontecido.

"Passei na Starbucks", Marino dizia, fechando a mala. "Dois *ventis*", palavra que ele não pronunciou corretamente. "E alguns adoçantes dos que vêm no pacotinho amarelo."

Ele devia estar falando do Splenda. Deve ter lembrado que Scarpetta não tomava sacarina ou aspartame de jeito nenhum.

"Mas não tem creme, porque vem na jarra, então não pude trazer. Acho que vocês não bebem café com creme, a não ser que isso tenha mudado. Estão no porta-copos ali atrás. Jaime Berger está aqui na frente. Não sei se dá para ver, está escuro, então não comecem a falar mal dela."

Tentando ser engraçado.

"Obrigada", disse Scarpetta quando ela e Benton entravam no carro. "Como você está?"

"Estou bem."

Ele se sentou diante do volante, com o assento tão para trás que tocava os joelhos de Scarpetta. Berger se virou, disse oi e agiu como se a situação não fosse estranha. Assim era melhor. Era mais fácil.

Marino tirou o carro da vaga diante do hospital e Scarpetta observou a parte de trás da cabeça dele e a gola da jaqueta de couro estilo aviador. Era muito *Guerra, sombra e água fresca*, como costumava dizer Lucy para brincar com ele, com o cinto de couro, os zíperes nas mangas e vários detalhes em metal. Scarpetta conhecia Marino havia vinte anos, e, ao longo desse período, ele já estivera gordo demais para usar aquela jaqueta algumas vezes, principalmente na barriga. Em tempos mais recentes, ficara musculoso demais para usá-la de tanto malhar e, provavelmente, devido ao uso de esteroides.

Durante aquele ínterim sem Marino em sua vida, ela tivera bastante espaço para pensar no que acontecera e no que o levara àquilo. A compreensão surgira certo dia,

pouco tempo antes, depois que reencontrara seu ex-subchefe de departamento, Jack Fielding, e o contratara. Fielding praticamente arruinara sua vida por causa de esteroides, e Marino testemunhara boa parte disso. Mas, conforme ele fora ficando mais insatisfeito e assustado com uma sensação crescente de impotência sobre a qual Scarpetta não podia fazer nada, fora ficando obcecado com a sua forma física.

Marino sempre admirara Fielding e o corpo de fisiculturista dele, ao mesmo tempo que criticava os meios ilícitos e destrutivos que usava para obtê-lo. Scarpetta estava convencida de que Marino começara a usar esteroides muitos anos antes do remédio para aumentar a libido que tomara mais recentemente, o que explicaria por que se tornara agressivo e, para falar com franqueza, malvado, muito antes da explosão violenta que ocorrera na casa dela na primavera anterior.

Ver Marino a afligia de maneiras que não previra e que provavelmente não saberia explicar, reavivando memórias do longo período de suas vidas que os dois tinham passado juntos, quando ele deixara seu cabelo grisalho crescer e o penteava para o lado para cobrir a careca, que nem o Donald Trump, só que Marino não era do tipo que acreditava em gel ou spray. Com a menor brisa, longos fios flutuavam para baixo, passando de suas orelhas. Ele então passara a raspar a cabeça e a usar um lenço de aspecto sinistro sobre ela. Agora, tinha fios curtos no formato de uma lua crescente, não estava de brinco e não parecia mais um motoqueiro Outlaw ou Hell's Angels.

Parecia Marino, só que em melhor forma, porém mais velho, e com um bom comportamento forçado, como se estivesse dando uma carona para a comissão que decidia quem ia sair em liberdade condicional.

Ele pegou a Terceira Avenida, na direção do apartamento de Terri Bridges, que ficava a poucos minutos do hospital.

Berger perguntou a Scarpetta se ela se lembrava de Terri ter entrado em contato com seu consultório em Charleston na primavera anterior ou no início do verão — ou em qualquer momento.

Scarpetta disse que não.

Berger mexeu em seu BlackBerry e murmurou alguma coisa sobre a oposição de Lucy ao papel, e então leu um e-mail que Terri lhe escrevera no ano anterior, pedindo ajuda para entrar em contato com Scarpetta.

"Dois de julho", disse Berger. "Foi quando mandou essa mensagem para o Triângulo das Bermudas que é o e-mail geral do governo municipal, torcendo para que chegasse a mim, pois não havia conseguido contatar você. Parece que nunca conseguiu entrar em contato comigo nem com você."

"Não me surpreende, com um nome de usuário como Lunática", disse Benton da penumbra do banco de trás, enquanto olhava por sua janela e observava a vizinhança tranquila de Murray Hill, onde até então Scarpetta só vira uma pessoa na rua, um

homem passeando com um boxer.

"Eu não ficaria surpresa se o nome de usuário fosse o do papa", respondeu Berger. "Mas, de qualquer forma, nunca chegou a mim. A questão é, Kay, você tem certeza absoluta de que não se lembra de ela ter ligado para seu consultório em Charleston?"

"Tenho certeza absoluta de que nunca fiquei sabendo", disse Scarpetta. "Mas na primavera e no início do verão meu consultório estava bem parecido com o Triângulo das Bermudas também."

Ela não quis dar mais detalhes, não com Marino sentado logo ali na frente. Como Scarpetta podia falar sobre como fora para ela depois que ele desaparecera sem dizer nada ou deixar algum rastro, com a saúde de Rose sofrendo um declínio tão rápido que ela não teve mais a teimosia orgulhosa de resistir à ideia de Scarpetta cuidar dela? A médica-legista a levara para sua casa, cuidara dela e chegara a dar comida em sua boca e a trocar seus vestidos e lençóis quando ela sujava a cama de fezes. E então veio a morfina e o oxigênio no fim, quando Rose decidira que já sofrera o suficiente, e a morte estava em seus olhos.

Como Marino se sentiria se soubesse como Rose ficara furiosa com ele por ter abandonado todos em sua vida, principalmente ela, quando ele sabia que não ia ficar mais muito tempo neste mundo? Rose afirmara que aquilo fora errado e pedira que Scarpetta dissesse aquilo para ele algum dia.

Diga que vou dar uns cascudos nele, pediu Rose.

Como se estivesse falando de um menino de dois anos de idade.

Diga que estou zangada com Lucy também, zangada pra cacete com os dois. Culpo Marino pelo que ela está fazendo agora. Lá em Blackwater, ou algum campo de treinamento do tipo, atirando para todo lado e metendo o joelho nos rins de uns homens enormes como se fosse o Sylvester Stallone, porque tem medo demais de ficar em casa.

Naquelas últimas semanas Rose ficara desinibida, falando de um jeito desenfreado e desbocado, mas nada do que dizia era completamente sem sentido.

Diga a ele que, quando eu estiver do Outro Lado, vai ser bem mais fácil encontrá-lo e dar um jeito nas coisas. E vou dar um jeito. Vocês vão ver.

Scarpetta armara uma cama de hospital portátil e deixara as janelas francesas abertas para que pudessem ver o jardim e os pássaros e ouvir o farfalhar dos carvalhos-da-virgínia que estavam ali desde antes da Guerra Civil. Ela e Rose ficavam conversando naquela linda sala de estar antiga com vista, e o relógio carrilhão de mesa sobre a lareira fazia tique-taque como um metrônomo medindo o ritmo final dos dias que tinham juntas. Scarpetta nunca entrara em detalhes sobre o que Marino fizera, mas dissera a Rose algo importante sobre aquele assunto, algo que não dissera a mais ninguém.

Você sabe como as pessoas falam que fariam algo diferente se pudessem voltar no tempo?, ela dissera.

Eu não falo isso, respondera Rose, sentada na cama, enquanto a luz da manhã deixava os lençóis muito brancos. *Não faz nada bem falar uma coisa boba dessas*.

Bom, eu não falaria isso porque não ia estar dizendo a verdade, você tem toda razão. Não voltaria no tempo até aquela noite se tivesse a oportunidade, porque não ia mudar nada. Posso tentar reescrever quanto quiser. Marino ainda faria o que fez. A única maneira de impedir seria iniciar o processo anos antes, talvez uma ou duas décadas. Minha culpa nesse crime foi não ter prestado atenção.

Ela fizera com Marino o que ele e Lucy haviam feito com Rose no fim. Scarpetta não olhara, fingira não notar, ausentara-se ficando subitamente ocupada e preocupada ou até no meio de alguma crise, em vez de confrontá-lo. Ela deveria ter sido como Jaime Berger, que não hesitaria em dizer a um policial grandalhão com o mesmo apetite e a insegurança de Marino que ele tinha que parar de olhar para o decote ou para a fenda da saia dela — tinha que superar aquilo, pois ela não ia transar com ele. Não ia ser a puta, a santa, a esposa, a mãe, ou todas as opções anteriores, e todas as opções anteriores era o que ele sempre quisera na verdade, o que a maioria dos homens sempre quis, porque não sabem que não deveriam se sentir assim.

Scarpetta poderia ter dito algo do tipo a Marino quando acabara de ser nomeada chefe do Instituto Médico Legal da Virgínia, na época em que ele fizera de tudo para tornar as coisas difíceis para ela, agindo como um menino malcriado e apaixonado. Ela tivera medo de magoá-lo, porque no fim das contas seu maior defeito era um medo aterrador de magoar qualquer pessoa. Com isso, ela o magoara, magoara a si própria e magoara a todos eles, e muito.

O que Scarpetta finalmente admitira é que era egoísta.

S*ou a pessoa mais egoísta que existe. Isso remonta à minha sensação de vergonha. Eu era diferente, não era como os outros. Sei o que é se sentir condenada ao ostracismo, banida, envergonhada, e nunca quis fazer isso com outra pessoa. Ou que fizessem comigo. E a última coisa que eu disse é a mais importante. É porque não quero o desconforto, não porque não quero magoar outras pessoas. Que coisa horrível de saber sobre você mesma*, ela dissera a Rose.

Você é a pessoa mais diferente que já conheci, disse Rose, *e dá para ver por que aquelas meninas não gostavam de você e por que a maioria das pessoas não gostava de você e talvez ainda não goste. É porque as pessoas são pequenas, e você faz com que elas se lembrem disso sem nem tentar, e por isso fazem de tudo para diminuir você, como se isso fosse torná-las maiores. Você sabe exatamente como tudo funciona, mas quem tem a sabedoria de compreender isso enquanto tudo está acontecendo? Eu teria gostado de você. Se fosse uma dessas freiras ou*

uma das outras meninas, você teria sido minha preferida.

Provavelmente não.

Claro que sim. Sigo seus passos há quase vinte anos, droga. E não é por causa das condições luxuosas de trabalho, nem por causa de todas as joias e casacos de pele que você me dá, ou das férias exóticas nas quais me leva. Sou louca por você. Desde o primeiro instante em que você entrou naquele lugar. Lembra? Eu nunca tinha conhecido uma médica-legista mulher e presumi o óbvio. Que pessoa estranha, difícil e desagradável você devia ser. Por que outro motivo uma mulher faria isso da vida? Eu ainda não tinha visto uma foto sua e achei que você ia parecer uma criatura recém-saída de uma lagoa negra ou de um pântano infestado. Já estava planejando para onde poderia ir, talvez para a faculdade de medicina. Alguém de lá ia me contratar. Porque nem por um minuto achei que ia continuar com você, até lhe conhecer. Depois disso, não teria ido embora por nada neste mundo. Lamento ter que ir agora.

"A gente pode ver o registro das ligações, o e-mail do consultório", disse Scarpetta no carro, para Benton, Marino e Berger.

"Não é uma prioridade agora", disse a promotora virando para trás. "Mas Lucy está lhe mandando algumas informações que é melhor ler quando tiver a oportunidade. Precisa ver o que Terri Bridges estava escrevendo, ou pelo menos presumimos que fosse ela. É difícil dizer com certeza, já que Oscar Bane poderia facilmente estar envolvido também, ou até mesmo ser a Lunática, pelo que sabemos."

"Estou com uma lista de provas coletadas que corresponde a marcadores lá dentro", disse Marino, dirigindo. "E diagramas da cena do crime. Uma cópia para cada um de vocês, para que todos saibam o que estava onde."

Berger entregou as duas cópias.

Marino pegou uma rua escura da vizinhança, repleta de árvores e prédios antigos de arenito.

Benton observou: "Aqui é mal iluminado, e parece que muita gente ainda está viajando por causa do feriado. Não é uma área onde ocorrem muitos crimes".

"Não", disse Marino. "Não acontece nada aqui. A última queixa antes do assassinato foi que alguém estava ouvindo música alto demais."

Ele estacionou atrás de um carro de polícia.

"Tem mais um desdobramento desse caso", disse Berger. "Baseado em alguns dos e-mails que eu e Lucy lemos, temos que nos perguntar se Terri estava saindo com outra pessoa."

"Parece que ninguém está se incomodando em esconder a porra dos carros de polícia", disse Marino, desligando o motor.

"Esconder?", perguntou Berger.

“Morales disse que não queria que eles ficassem à vista. Caso o lobo mau voltasse. Acho que se esqueceu de falar para alguém que importa.”

“Você quer dizer traindo Oscar”, disse Benton, abrindo a porta. “Que talvez Terri estivesse traindo Oscar? Acho que a gente devia deixar os casacos no carro.”

Rajadas de vento frio atingiram o terno e o cabelo de Scarpetta quando ela tirou o casaco, e então Marino saiu do carro, falando em seu celular, obviamente avisando o policial que estava de guarda dentro do apartamento da chegada deles. Aquela ainda era uma cena de crime sob investigação, e deveria estar na exata condição em que fora deixada quando a polícia saíra de lá pouco depois da uma da manhã, de acordo com os relatórios que Scarpetta lera.

A porta da frente do prédio abriu, e Marino, Benton, Berger e Scarpetta subiram cinco degraus e chegaram ao saguão, onde um policial uniformizado estava levando sua obrigação muito a sério.

Marino disse para ele: “Vi que seu carro está parado aqui na frente. Achei que a última ordem do quartel era não deixar o carro à vista”.

“O outro policial não estava se sentindo bem. Acho que por causa do cheiro, que parece fraco até você ficar algum tempo lá dentro”, disse o policial. “Quando substituí o cara, não recebi instruções para não estacionar em frente. Quer que eu tire o carro dali?”

Marino disse a Berger: “O que você acha? Morales não queria que parecesse que a polícia está aqui, como eu disse. Caso o assassino volte à cena do crime”.

“Ele instalou uma câmera no topo do prédio”, disse o policial.

“Que bom que é um segredo tão bem guardado”, disse Marino.

“A única pessoa que poderia voltar a esse apartamento”, disse Benton, “seria Oscar Bane, a não ser que haja mais gente por aí com as chaves. E acho muito difícil acreditar que, sendo tão paranoico quanto é, ele fosse aparecer aqui e tentar entrar.”

“É mais provável para uma pessoa no estado mental dele aparecer no necrotério, tentando ver seu ente querido pela última vez”, disse Scarpetta.

Ela decidira que não aguentava mais ficar com a boca completamente fechada. Havia maneiras de comunicar informações necessárias sem violar o segredo médico.

Marino disse ao policial: “Talvez fosse uma boa ideia aumentar o número de policiais em torno do Instituto Médico Legal. Caso Oscar Bane apareça. Mas me faça um favor e não transmita nada sobre ele pelo rádio, para nenhum repórter escutar, está bem? A gente não quer que todos os anões do East Side sejam abordados e interrogados”.

Como se a área em torno do Instituto Médico Legal fosse um ponto de encontro popular para quem é portador de nanismo.

“Se você quiser fazer um lanche ou qualquer outra coisa, agora é uma boa hora”, disse Marino.

“Gostaria muito de aceitar, mas não, obrigado”, disse o policial, olhando rapidamente para Berger. “A ordem é ficar aqui. E você vai ter que assinar o livro.”

“Não seja tão profissional, pô. Ninguém aqui morde, nem a senhorita Berger”, disse Marino. “E a gente precisa de um pouco de espaço. Você pode ficar aqui no saguão, como quiser. Ou pode ir resolver qualquer coisa. Aviso quinze minutos antes de a gente ir embora. Só não vá para a Flórida nem nada.”

O policial abriu a porta do apartamento, e Scarpetta sentiu o cheiro de um frango assado que já estava muito perto de estragar. O homem pegou sua jaqueta no espaldar de uma cadeira dobrável e uma edição do livro *American rust*, de Philipp Meyer, que estava sobre o chão de carvalho abaixo dela. Ele não tinha permissão para passar daquele ponto do apartamento por nenhum motivo e, se se sentisse tentado a fazê-lo, os cones pequenos de um laranja vivo marcando os locais de onde haviam sido retiradas provas eram um lembrete chamativo de que não deveria. Não importava se ele precisasse de água ou comida, ou se estivesse desesperado para usar o banheiro. Ele tinha que ligar e pedir um substituto para ficar ali enquanto fazia isso. Não podia nem se sentar a não ser que levasse sua própria cadeira.

Scarpetta abriu sua maleta de cena do crime assim que passou da porta, pegou sua máquina digital, um bloco de notas e uma caneta, e deu um par de luvas para cada pessoa. Ela inspecionou o ambiente como sempre sem se aproximar ou dizer uma palavra, notando que, exceto pelos cones laranja, não havia nada fora do lugar, nem a menor indicação de que alguma violência houvesse ocorrido ali. O apartamento estava impecável e, onde olhasse, ela via traços da mulher rígida e obsessiva que vivera e morrera ali.

O sofá e a poltrona de estampa floral, que ficavam na sala de estar logo em frente, estavam colocados de maneira perfeita em volta de uma mesa de centro de bordo, sobre a qual havia revistas impecavelmente arranjadas em forma de leque. No canto, ficava uma televisão de tela plana Pioneer de tamanho médio que parecia ser nova e que estava precisamente posicionada de modo a voltar-se para o centro exato do sofá. Dentro da lareira havia um arranjo de flores de seda. O tapete berbere cor de marfim estava retinho e limpo.

Tirando os cones, mal havia qualquer sinal de que a polícia remexera aquele lugar todo. Naquela nova era da administração das cenas de crime, os policiais certamente haviam usado roupas descartáveis, incluindo proteções para os sapatos. Aparelhos eletrostáticos de impressão digital deviam ter sido usados para recolher quaisquer impressões do assoalho de madeira polida, e luzes forenses e fotografia teriam tido precedência sobre pós pretos que faziam a maior sujeira. Em polícias sofisticadas como a de Nova York, os cientistas que trabalhavam em cenas de crime não criavam nem destruíam.

A sala de estar dava para a sala de jantar e a cozinha, e o apartamento era

pequeno o suficiente para que Scarpetta pudesse ver dali a mesa posta para o jantar e os sinais de preparo num balcão que havia ao lado do fogão. Sem dúvida o frango ainda estava no forno, e só Deus sabia quanto tempo ia ficar lá, não importando quão rançoso qualquer alimento ficasse até que o proprietário ou a família de Terri tivessem acesso ao apartamento. A polícia não tinha a responsabilidade ou o direito de limpar a imundície deixada por uma morte violenta, fosse sangue ou um jantar de Ano-Novo que não chegara a ser comido.

"Deixe-me fazer a pergunta óbvia", disse Scarpetta para ninguém específico. "Há alguma possibilidade de ela não ter sido a vítima planejada? Mesmo que remota? Já que tem outro apartamento na frente deste e o quê? Mais dois no andar de cima?"

"Sempre digo que tudo é possível", respondeu Berger. "Mas ela abriu as portas. Ou, se foi outra pessoa que abriu, tinha as chaves. Parece haver uma ligação entre ela e a pessoa que a matou." Para Marino, ela disse: "Você mencionou um acesso ao topo do prédio? Alguma novidade sobre ele?".

"Uma mensagem de texto de Morales", ele respondeu. "Disse que, quando chegou à cena ontem à noite, a escada estava exatamente onde a encontrou após ter instalado a câmera lá em cima. No armário de utilidades."

Marino fez uma expressão ao dizer isso, como se soubesse de alguma piada que não quisesse contar para os outros.

"Estou presumindo que não há nada de novo. Ninguém de interessante em termos de um possível suspeito ou testemunha entre os outros inquilinos?" Berger perguntou a Marino, continuando a conversa diante da porta do apartamento.

"De acordo com o proprietário, que mora em Long Island, Terri só se manifestava quando tinha uma reclamação. Era uma dessas pessoas que gosta de tudo certinho", disse Marino. "Mas o interessante é que, se era algo que não pudesse consertar sozinha, nunca deixava o proprietário entrar no apartamento para dar um jeito. Dizia que ia chamar alguém para resolver. Ele disse que era como se ela estivesse fazendo uma lista de todos os problemas, para o caso de ele querer aumentar o aluguel."

"Parece que o proprietário não gostava muito dela", disse Benton.

"Ele a chamou de exigente mais de uma vez", disse Marino. "Mas ela sempre falava com ele por e-mail. Nunca ligava, como se estivesse guardando tudo para o caso de precisar processá-lo. Palavras dele."

"Lucy pode localizar esses e-mails", disse Berger. "A gente sabe qual dos dezoito nomes de usuário ela usava para reclamar com o proprietário? Acho que não era o Lunática, a não ser que por acaso a gente não tenha esbarrado em nada enviado para ele ou recebido dele quando eu estava com Lucy agora há pouco. Aliás, pedi que ela me mandasse qualquer coisa que encontrar. Então todos estamos, de certa maneira, conectados com Lucy enquanto ela continua a examinar os laptops retirados deste apartamento."

"O nome de usuário é Ferroviacorrida, como se ela corresse em ferrovias. Interpretação minha", disse Marino. "O proprietário disse que esse era o nome que vinha no e-mail que recebia dela. De qualquer forma, a questão é que parece que ela era um tremendo pé no saco."

Scarpetta disse: "Também parece que ela conhecia alguém que a ajudava quando precisava fazer algum conserto".

"Bom, duvido que seja Oscar", disse Berger. "Não há nenhuma referência a algo do tipo nos e-mails que vimos até agora. Nada. Como ela pedindo que ele passe aqui e desentupa o vaso ou troque uma lâmpada. Embora a altura dele deva ter tornado pelo menos algumas das tarefas bastante difíceis."

"Tem a escada no armário no andar de cima", disse Marino.

Scarpetta disse: "Eu gostaria de dar uma olhada no apartamento sozinha a princípio".

Ela pegou a fita métrica em sua maleta, colocou-a no bolso do paletó e leu o inventário de provas que dizia qual cone correspondia a qual item que fora removido da cena do crime. A cerca de dois metros da porta, à esquerda, estava o cone número um, e fora ali que havia sido encontrada a lanterna, descrita como uma Luxeon Star preta de metal com duas pilhas Duracell de lítio, e funcionando. Não era de plástico, como Oscar descrevera, o que podia ou não ser importante. Só que uma lanterna de metal era uma arma perigosa, o que sugeria que Oscar, ao se golpear com ela para causar as escoriações que Scarpetta examinara, não usara quase nenhuma força.

Os cones de números dois a quatro correspondiam a marcas de pegadas encontradas no chão de madeira, descritas apenas como apresentando as marcas típicas de uma sola de tênis de corrida, com dimensões aproximadas de dezesseis e meio por dez vírgula quinze centímetros. Era uma pegada pequena e, ao ler a lista, Scarpetta notou que um par de tênis havia sido removido do armário de Terri. Reeboks femininos tamanho trinta e cinco, brancos com detalhes em rosa. Um sapato feminino tamanho trinta e cinco não teria dezesseis centímetros e meio do calcanhar até os dedões. Scarpetta recordou-se de quando vira os pés de Terri no necrotério, e a lembrança que tinha era de que eram menores que isso, por causa dos dedões desproporcionalmente pequenos.

Scarpetta suspeitava de que as pegadas de tênis encontradas perto da porta eram de Oscar e provavelmente haviam sido deixadas quando ele entrara e saíra do apartamento, voltando ao carro para deixar o casaco e fazer qualquer outra coisa que pudesse ter feito após descobrir o corpo.

Isso presumindo que o que ele dissera era verdade, pelo menos a maior parte.

Outras pegadas encontradas no chão eram interessantes, pois haviam sido feitas por pés descalços, e Scarpetta se lembrou de ver diversas fotografias tiradas a uma

luz oblíqua. Ela presumira que as pegadas de pés descalços eram de Terri, e sua localização era significativa.

Estavam todas diante da porta do banheiro social, onde o corpo de Terri fora encontrado, e Scarpetta se perguntou se ela havia passado uma loção ou óleo no corpo, talvez após o banho, e se era por isso que as pegadas estavam visíveis no chão de madeira, todas próximas umas das outras. Imaginou se Terri só tirara as pantufas quando estava prestes a entrar na área do apartamento onde fora assassinada, e o que isso podia significar. Se a moça tivesse sido atacada no instante em que abrira a porta da frente e se houvesse resistido ou sido forçada a ir até o quarto que ficava nos fundos do apartamento, não era provável que suas pantufas teriam saído antes daquele ponto?

Em todos os anos que passara trabalhando em cenas de homicídio, Scarpetta sempre vira que uma ou as duas pantufas raramente permaneciam nos pés uma vez que um ato violento ocorria. As pessoas ficavam com tanto medo que literalmente as largavam.

Scarpetta caminhou até a sala de jantar, e ali o cheiro de frango assado estava mais forte e mais desagradável, com a cozinha logo adiante e depois dela o quarto de hóspedes e escritório, de acordo com o detalhado gráfico feito por computador que mostrava o interior do apartamento e suas dimensões e que estava entre os papéis que Marino organizara.

A mesa da sala de jantar estava meticulosamente posta, com pratos de borda azul sobre duas toalhinhas azuis engomadas, daquelas de jogo americano, perfeitamente limpas e colocadas uma diante da outra. As travessas de aço inoxidável brilhavam e estavam posicionadas de forma exata, tudo correto a ponto de ser neurótico, obsessivo. Só o arranjo de flores estava imperfeito, com os crisântemos começando a baixar a cabeça, e pétalas caídas das consólidas-reais, como se fossem lágrimas.

Scarpetta afastou as cadeiras, examinando as almofadas de veludo azul para ver se havia alguma mossa deixada por alguém que se ajoelhara sobre elas para compensar por braços e pernas muitíssimo curtos. Se Terri subira ali para botar a mesa, alisara a almofada depois. Todos os móveis eram do tamanho normal, e o apartamento não era adaptado. Mas, quando Scarpetta começou a abrir armários, encontrou um banquinho com alça, uma ferramenta para pegar coisas num lugar alto e outra ferramenta parecida com um atiçador de lareira que Terri provavelmente usava para cutucar e puxar coisas.

Na cozinha, havia um caos no canto que ficava abaixo do micro-ondas, gotas de sangue e manchas que haviam secado e assumido um tom negro avermelhado, presumivelmente um resultado de quando Oscar cortara o dedão ao pegar uma tesoura de cozinha que não estava mais ali. O cepo de madeira onde ficavam as facas desaparecera. Assim como a tesoura, provavelmente fora mandado para os

laboratórios. Sobre o fogão estava uma panela cheia de espinafre cru com a alça virada para dentro, como fazem as pessoas que se preocupam com segurança. O frango no forno tinha um cheiro pungente e estava grudado no fundo da assadeira funda de alumínio, com uma gordura coagulada em torno dele que tinha o aspecto de cera amarela.

Utensílios de cozinha e panos para segurar panelas quentes estavam arrumados numa fileira perfeita no balcão, assim como manjericão, trituradores de sal e pimenta, e uma garrafa de xerez para cozinhar. Dentro de uma pequena tigela de cerâmica havia três limões, duas limas e uma banana que já tinha manchinhas marrons. Ali perto havia um abridor de vinho moderno, algo que Scarpetta considerava uma ferramenta que arruinava o ritual e o romance de abrir uma garrafa, e um chardonnay fechado, um vinho bom naquela faixa de preço. Scarpetta se perguntou se Terri tirara o vinho da geladeira cerca de uma hora antes do horário que marcara com Oscar, mais uma vez presumindo que fora morta por outra pessoa que não ele. Caso a moça houvesse mesmo tirado o vinho, uma explicação possível era que tivesse feito uma pesquisa e soubesse que o vinho branco deveria ser servido fresco, não gelado.

Dentro da geladeira havia uma garrafa de champanhe, também boa para aquela faixa de preço, como se Terri houvesse aceitado todas as recomendações que encontrara, possivelmente na internet, como se a Bíblia dela fossem as avaliações escritas pelos consumidores. Aparentemente, nenhuma compra que fazia era por paixão ou diversão. Fosse televisão, taças de vinho ou jogo de louça, tudo era a seleção de uma consumidora bem informada que não fazia nada com pressa ou por impulso.

Nas gavetas da geladeira havia brócolis, pimentões, cebolas e alface, pacotes fechados de peru e queijo suíço fatiados que, de acordo com seus rótulos, haviam sido comprados num mercado da avenida Lexington, a diversos quarteirões dali, no domingo, junto com a comida para o jantar do dia anterior. Os molhos para salada e os condimentos que estavam na porta da geladeira eram de baixa caloria. Nos armários havia biscoitos salgados, nozes e sopas, todas com baixo teor de sódio. Os destilados, como todo o resto, eram da melhor marca na faixa de preço: Dewar's. Smirnoff. Tanqueray. Jack Daniel's.

Scarpetta tirou a tampa da lata de lixo, nada surpresa ao ver que era de aço escovado, que nem enferrujava nem deixava aparecer marcas de dedo. Para abrir a tampa, pisava-se num pedal, sem precisar tocar em nada que pudesse estar sujo. Dentro do saco branco de polietileno feito sob medida estava a embalagem do frango assado e do espinafre, um bolo enorme de toalhas de papel amassadas e o papel verde que embrulhara as flores da mesa. Scarpetta se perguntou se Terri usara a tesoura da cozinha para cortar cerca de oito centímetros dos caules, que ainda

estavam presos no elástico em que vinham, e depois limpara a tesoura e a devolvera ao cepo.

Não havia recibo porque a polícia o encontrara na noite anterior, e estava listado no inventário. Terri comprara as flores num mercado próximo na manhã do dia anterior e pagara oito dólares e noventa e cinco centavos por elas. Scarpetta suspeitava de que aquele buquezinho sem graça fora comprado sem muito planejamento. Ficava triste ao pensar numa pessoa tão sem criatividade, espontaneidade e ternura. Que jeito infernal de se viver e que pena que nunca fizera nada para mudar.

Terri estudara psicologia. Ela certamente sabia que poderia fazer um tratamento para seu distúrbio de ansiedade e, se houvesse escolhido aquele caminho, talvez pudesse ter mudado seu destino. Era provável que suas compulsões tivessem levado, mesmo que indiretamente, ao motivo pelo qual estranhos agora estavam em seu apartamento, investigando cada aspecto de quem era e de como vivia.

Depois da cozinha, à direita, ficava o pequeno quarto de hóspedes que era usado de escritório. Não havia nada ali com exceção de uma escrivaninha, uma cadeira de altura regulável, uma mesa lateral com uma impressora e, encostados na parede, dois arquivos vazios. Scarpetta voltou para o corredor e olhou para a porta do apartamento. Berger, Marino e Benton estavam na sala de estar, examinando o inventário de provas e discutindo o que significava cada pequeno cone laranja.

"Alguém sabe se esses arquivos já estavam vazios quando a polícia chegou aqui?", perguntou Scarpetta.

Marino folheou sua lista e disse: "Aqui diz que eles levaram correspondência e documentos pessoais. Uma caixa cheia de coisas assim foi levada do armário".

"O que significa que nada foi tirado dos arquivos", supôs Scarpetta. "Isso é bastante interessante. Tem dois arquivos aqui sem nada dentro, nem uma pasta vazia. É como se nunca houvessem sido usados."

Marino se aproximou dela e perguntou: "E poeira?".

"Você pode ir lá olhar. Mas Terri Bridges não era compatível com poeira. Não tem nada, nem um grão."

Marino entrou no escritório e abriu os arquivos, e Scarpetta reparou nos vestígios que os pés dele, calçados com botas, deixaram no carpete azul-escuro, que era bem fofo e cobria todo o chão. Ela percebeu que não havia nenhuma outra marca nele, exceto as feitas por ela mesma ao entrar lá, e isso era estranho. A polícia podia tomar cuidado para não sujar as provas quando entrava e saía de uma cena de crime, mas não iam escovar o carpete depois que terminassem de trabalhar.

"É como se ninguém tivesse estado aqui ontem à noite", disse Scarpetta.

Marino fechou as gavetas do arquivo.

Ele disse: "Não me parece que havia nada aqui, a não ser que alguém tenha

limpado o fundo das gavetas com um pano. Não há a marca de poeira de nenhuma pasta de arquivo que pudesse estar aqui dentro. Mas a polícia entrou aqui".

Marino finalmente olhou nos olhos dela, com uma expressão hesitante.

"Você pode ver na lista que a caixa foi tirada do armário aqui dentro." Franziu o cenho, olhando para o carpete, aparentemente notando a mesma coisa que ela. "Bom, isso é esquisito, porra. Estive aqui esta manhã. Aquele armário ali", ele apontou, "era onde estavam as malas dela também."

Ele abriu a porta do armário, onde havia roupas penduradas, envoltas por proteções de plástico e mais malas colocadas de pé de forma organizada. Onde pisava, achatava o tecido do carpete.

"Mas é como se ninguém tivesse entrado aqui, ou como se tivesse passado e depois escovado o carpete", disse Marino.

"Não tenho certeza", disse Scarpetta. "Mas o que estou ouvindo você dizer é que ninguém andou neste apartamento desde ontem à noite, exceto você. Quando veio aqui hoje mais cedo."

"Bom, posso ter perdido peso, mas não flutuo", ele disse. "Então, cadê minhas pegadas?"

No chão perto da escrivaninha, havia um carregador elétrico enfiado numa tomada da parede, e Scarpetta achou isso curioso também.

"Ela colocou os laptops na mala para viajar para o Arizona e deixou o carregador para trás?", perguntou.

"Alguém entrou aqui", disse Marino. "Provavelmente aquele escroto do Morales."

24

Lucy estava sozinha no loft, e seu velho buldogue dormia ao lado da sua cadeira. Ela lia mais e-mails de Terri e Oscar enquanto falava com Scarpetta no telefone:

Data: Dom, 11 de novembro de 2007, 11:12:03
De: "Oscar"
Para: "Terri"
Viu, falei que a dra. Scarpetta não era assim. Claro que ela não tinha recebido as mensagens que você mandou antes. É incrível como o que está bem debaixo do seu nariz, o que é óbvio, às vezes funciona. Você vai copiar esses e-mails para mim?
Data: Dom, 11 de novembro de 2007 14:45:16
De: "Terri"
Para: "Oscar"
Não. Isso seria uma violação da privacidade dela. Esse projeto agora foi alçado às estrelas. Estou embasbacada! Muito feliz!

"O que está debaixo do nariz dela e é óbvio? É como se tivesse tentado alguma coisa, ou ele tivesse, e conseguira o que ele, ou ela, ou os dois queriam", disse Lucy para o fone sem fio que tinha no ouvido. "De que diabos ela está falando?"

"Não sei o que estava debaixo do nariz dela, mas Terri se enganou. Ou não estava falando a verdade", respondeu Scarpetta.

"Provavelmente não estava falando a verdade", disse Lucy. "E é por isso que não queria deixar Oscar ver os e-mails que você mandava."

"Não pode haver e-mails que eu mandei", disse Scarpetta de novo. "Preciso lhe perguntar uma coisa. Estou dentro do apartamento de Terri Bridges, e esse não é um bom lugar para termos essa conversa. Principalmente por celular."

"Fui eu que lhe dei o celular, lembra? Ele é especial. Você não precisa se preocupar. Nem eu. Nossos telefones são seguros."

Lucy ia falando conforme abria cada conta de e-mail e olhava na pasta de itens excluídos para ver se havia algo de útil que fora deletado.

Ela disse: "Isso também pode ter dado a Oscar um motivo para se ressentir de você. A namorada dele é obcecada por sua heroína, que finalmente lhe respondeu — isso é o que ele acredita. E ela não deixa que ele leia os e-mails. Parece que você talvez tenha criado um problema do qual nem sabia".

"Ou com o qual nada tive a ver", disse Scarpetta. "Que tipo de carregador os laptops dela usam? Essa é minha pergunta."

Uma das contas de e-mail de Terri estava vazia, e Lucy deixara aquela para o fim, presumindo que a moça a criara, mas simplesmente nunca chegara a usá-la. Quando Lucy abriu a pasta de itens excluídos, ficou atônita com o que encontrou.

"Uau", disse Lucy. "Isso é inacreditável. Ela apagou tudo ontem de manhã. Cento

e trinta e seis e-mails. Apagou um depois do outro."

"Não um carregador com saída usb, mas um carregador de colocar na tomada? O que foi apagado?", perguntou Scarpetta.

"Espere um pouco", disse Lucy. "Não saia daí. Fique na linha comigo para a gente poder ver isso juntas. É melhor chamar Jaime, Benton e Marino e me colocar no viva voz."

Todos os e-mails apagados tinham sido trocados entre Terri e um usuário cujo nome era Scarpetta126.

Doze do seis — 12 de junho — era o aniversário de Scarpetta.

O provedor de internet era o mesmo das dezoito contas que se presumia serem de Terri, mas o Scarpetta126 não estava listado no histórico. Aquela conta não fora criada naquele laptop, nem acessada por ele, ou — conforme as datas dos e-mails que Lucy já estava lendo — estaria listado no histórico junto com as outras dezoito contas.

Isso se Terri houvesse criado a conta Scarpetta126. Mas não havia qualquer prova disso, pelo menos não por enquanto.

"Scarpetta126", disse Lucy, olhando para os textos. "Alguém com esse nome de usuário estava escrevendo para ela — para Terri, presumo. Você pode chamar Jaime e Marino, para a gente conseguir a senha dessa conta?"

"Qualquer pessoa pode usar uma variação do meu nome, e meu aniversário não é nenhum segredo, se alguém se incomodar em descobrir."

"Só passe o nome de usuário para Jaime. Scarpetta e os números um, dois e seis, tudo junto."

Lucy falou qual era o provedor de e-mail e esperou. Podia ouvir Scarpetta conversando com alguém. Parecia a voz de Marino.

Então Scarpetta disse para Lucy: "Eles já estão providenciando".

"É para ontem", disse Lucy.

"Pode deixar. Perguntei se um desses laptops que estão com você usa um carregador de tomada."

"Não", disse Lucy. "usb, entrada de cinco pinos, oitenta e cinco watts. Isso a que você se refere não seria reconhecido pelos laptops de Terri. O ip do Scarpetta126 é do endereço oito nove nove na Décima Avenida. Não é a Faculdade John Jay de Justiça Criminal?"

"Que ip? É, sim. O que a John Jay tem a ver com isso? Jaime e Marino ainda estão aqui. Eles querem ouvir o que você está dizendo. Vou colocá-la no viva voz. O que Benton está fazendo?", ela perguntou aos outros dois.

Lucy ouviu a voz de Berger ao fundo dizendo alguma coisa sobre Benton estar falando no telefone com Morales. Ouvir Berger dizer qualquer coisa sobre Morales incomodava Lucy, e ela não sabia bem por quê. A não ser que fosse a sensação de

que ele estava interessado em Berger, que a desejava sexualmente, e talvez porque parecia saber como conseguir o que queria.

"Quem quer que estivesse escrevendo para Terri e dizendo que era você estava fazendo isso desse endereço de ip, da John Jay", disse Lucy.

Ela continuou a ler e-mails apagados que haviam sido enviados por alguém que claramente estava fingindo ser sua tia.

"Vou mandar alguns desses e-mails para vocês", ela disse. "Todo mundo deve lê-los, mas depois preciso da senha, tá? O mais recente foi enviado por Scarpetta126 para Terri há quatro dias, em 28 de dezembro, perto da meia-noite. Um dia depois de Bhutto ter sido assassinada e você ter falado sobre isso na cnn, tia Kay. Você estava aqui em Nova York."

"Estava, mas essa não sou eu. Esse não é meu endereço de e-mail", insistiu.

O e-mail dizia:

Data: Sex, 28 de dezembro de 2007 23:53:01
De: "Scarpetta"
Para: "Terri"
Terri,
Mais uma vez, peço desculpas. Sei que você compreende. Foi uma tragédia horrível, e eu tive que ir à cnn. Não culparia você se achasse que não tenho palavra, mas não tenho muito controle sobre minha agenda quando alguém morre ou outras inconveniências interferem. Vamos tentar de novo!
Scarpetta
P.S. Você recebeu a fotografia?

Lucy leu o e-mail pelo telefone e perguntou: "Tia Kay? A que horas você saiu da cnn aquela noite?".

"Outras inconveniências?" A voz de Berger falando com Scarpetta. "Como se você fosse se referir a um assassinato ou a qualquer outro ato de violência como uma inconveniência! Quem diabos está fazendo isso? Parece alguém que você conheça?"

"Não." A voz de Scarpetta respondendo Berger. "Ninguém."

"Marino?" Berger de novo.

A voz dele. "Não tenho ideia. Mas ela nunca ia dizer nada assim", como se Scarpetta precisasse que ele defendesse seu caráter. "Não acho que seja Jack, caso alguém esteja pensando isso."

Ele estava falando de Jack Fielding, e não era provável que alguém tivesse pensado nisso. Era um ótimo patologista forense, era bem-intencionado, e era quase sempre leal a Scarpetta. Mas também tomava bomba e tinha um humor cheio de altos e baixos e uma variedade de problemas físicos, como colesterol alto e doenças de pele, graças aos anos que passara puxando ferro e se enchendo de esteroides anabólicos. Jack Fielding não tinha energia para fingir que era Scarpetta na internet, e não era maquiavélico ou cruel; para dar a Terri Bridges o benefício da dúvida, se ela não fosse Scarpetta126, a pessoa que a havia enganado era cruel. No começo,

pelo menos, ela idolatrava Scarpetta. Tentara com afinco entrar em contato com ela. Se Terri achara que a médica-legista finalmente estava respondendo, devia ter ficado muito emocionada até que sua heroína começara a lhe tratar com desprezo.

Lucy disse: "Tia Kay? Você saiu da cnn na noite de 28 de dezembro e estava a dois quarteirões da John Jay. Voltou andando para o apartamento, como sempre faz?".

O apartamento ficava na Central Park Oeste, muito perto da cnn e da John Jay.

"Sim", disse Scarpetta.

Outro e-mail, com data do dia anterior. Mais uma vez, o ip era da John Jay.

> Data: Seg, 31 de dezembro de 2007, 03:14:31
> De: "Scarpetta"
> Para: "Terri"
> Terri,
> Sei que você entende que o tempo que passo em Nova York é sempre imprevisível, e que quase não tenho controle sobre o iml, porque é claro que não sou a chefe, só uma consultora sem importância.
> Eu estava pensando, por que não vai me encontrar em Watertown, onde sou eu quem manda? Posso levar você num *tour* pelo instituto, e não vai haver problema se quiser assistir a uma autópsia ou ver qualquer outra coisa. Feliz Ano-Novo, estou ansiosa para ver você.
> Scarpetta.

Lucy mandou o e-mail para todos eles enquanto o lia em voz alta.

"Eu não estava em Nova York ontem à tarde", disse Scarpetta. "Não poderia ter enviado isso da John Jay. E jamais faria algo assim. Não faço *tours* pelo necrotério."

"A ênfase no fato de você não ser a chefe aqui em Nova York", disse Berger. "Alguém está diminuindo você com seus próprios lábios, por assim dizer. É claro que eu me pergunto se Terri não era Scarpetta126 e não estava mandando os e-mails para si mesma como se fossem seus. Imaginem que jogada de mestre isso não ia ser para a tese dela. Minha pergunta é, Lucy, você vê algum motivo para que descartemos completamente a possibilidade de o impostor ser Terri?"

Ao escutar a voz de Berger falando com ela, Lucy achou que podia discernir um afeto especial.

Acontecera tão rápido, e Berger surpreendentemente tivera certeza do que queria. Ela fora surpreendentemente ousada. Depois, uma rajada de vento frio entrara quando Berger abrira a porta e fora embora.

Lucy disse pelo telefone para a tia: "Esses e-mails enviados para Terri, supostamente por você, explicariam por que ela citava você em sua tese e parecia pensar que a conhecia".

"Kay, Oscar deu algum indício disso para você?", perguntou Berger.

"Não posso dizer o que ele me falou. Mas não vou negar que houve tal indício."

"Então, houve", respondeu Berger. "Quer dizer que ele definitivamente sabia dessa correspondência. Se leu os e-mails ou não, são outros quinhentos."

"Se Terri não for o impostor", disse Marino, "quem apagou todos os e-mails? E

para quê?”

“Exatamente”, disse Berger. “Logo antes de ela ter sido assassinada. Logo antes da hora em que Oscar havia combinado de jantar com ela. Ou será que outra pessoa apagou tudo e colocou os laptops no armário?”

“Se foi Terri quem apagou os e-mails porque estava preocupada com a possibilidade de alguém lê-los, ela devia ter esvaziado a droga da pasta de excluídos. Até um idiota sabe que você pode recuperar arquivos deletados lá, principalmente se tiverem sido apagados recentemente”, disse Lucy.

“De uma coisa, acho que podemos ter certeza”, disse Scarpetta. “Independentemente do motivo pelo qual ela ou qualquer outra pessoa apagou os e-mails, Terri Bridges não estava esperando ser assassinada ontem à noite.”

Lucy disse: “Não. Ela não podia estar esperando a própria morte. A não ser que tivesse planejado cometer suicídio”.

“E removeu a ligadura do próprio pescoço após o ocorrido? Duvido”, disse Marino, como se tivesse levado o que Lucy dissera a sério.

“Não houve uma ligadura para remover”, disse Scarpetta. “Ela foi garroteada. Nada foi amarrado ou preso em torno do pescoço dela.”

Lucy disse: “Tenho que descobrir quem é Scarpetta126 e que fotografia essa pessoa supostamente enviou. Não tem nenhuma fotografia, nenhuma imagem jpeg nos excluídos. É possível que a tenha apagado antes de excluir todos esses outros e-mails, depois limpou o cache”.

“E agora?” Era a voz de Berger.

“Agora vamos tentar recuperá-la neste laptop, do mesmo jeito que recuperamos os arquivos de texto dela desse outro”, disse Lucy. “Fazer a mesma coisa que você estava me vendo fazer mais cedo, quando estava aqui comigo.”

“Há outra explicação possível para a fotografia não estar aí?” Foi Scarpetta quem perguntou.

Lucy disse: “Se ela, presumindo que estamos falando de Terri, acessou uma fotografia enviada como anexo num e-mail de algum outro aparelho — como um BlackBerry ou outro computador qualquer —, então não vai estar no laptop que usava para entrar na internet”.

“É isso que eu venho tentando dizer”, disse Scarpetta. “Tem um carregador no escritório dela que não serve para nenhum dos dois computadores que estão com você. Deve haver outro em algum lugar.”

“A gente devia ir para o apartamento de Oscar quando sairmos daqui.” Era a voz de Marino, falando com os outros. “Morales estava com a chave. Ainda está com ele?”

“Está”, disse Berger. “Está com ele. Oscar pode estar lá. A gente não sabe onde ele está.”

“Não acho que ele esteja lá.” Era a voz de Benton.

“Você estava falando com Morales? O que ele queria?”, Berger perguntou a ele.

“Ele suspeita que Oscar tenha compreendido que estava prestes a ser preso — disse que um dos guardas contou para ele que Oscar ficou mal depois que Kay foi embora. Morales disse, e lembre-se de levar em consideração qual é a fonte da informação, que Oscar se sente traído por Kay. Sente que mentiram para ele e o desrespeitaram, e ficou feliz de Terri não ter visto como Kay foi agressiva com ele durante o exame. Supostamente, ela colocou substâncias químicas em Oscar e fez com que ele sentisse muita dor.”

“Agressão?”, perguntou Scarpetta.

Eles estavam tendo essa conversa como se tivessem esquecido que Lucy estava do outro lado da linha. Ela continuou a fazer uma busca nos e-mails apagados.

“Foi essa a palavra que Morales usou”, disse a voz de Benton.

“Certamente não fui agressiva, e quem quer que seja esse Morales, ele sabe muito bem que não posso contar o que ocorreu lá dentro.” Era Scarpetta falando com Benton. “Ele sabe que Oscar não era um prisioneiro. Por isso, não vou poder me defender se ele começar a usar palavras assim a torto e a direito.”

“Não acredito que Oscar tenha feito essas declarações”, disse Benton. “Ele sabe que você não pode repetir o que foi dito. Então, se realmente não confiasse em você, ia presumir que se defenderia se ele começasse a falar falsidades. Ia presumir que você violaria o segredo médico, já que não tem integridade. E eu mesmo vou conversar com o guarda.”

“Concordo”, disse Berger. “Morales provavelmente é a fonte dessas declarações.”

“Ele gosta de espalhar merda”, disse Marino.

“E mandou um recado para você”, disse Benton.

“É, aposto que mandou”, replicou Marino.

“Sabe a testemunha que você interrogou hoje mais cedo, a mulher que mora do outro lado da rua?”, disse Benton, e parecia que eles haviam esquecido que Lucy estava escutando.

“Não conversei com ele sobre isso”, disse Marino.

“Bom, ele sabe”, garantiu Benton.

“Tive que pedir para a operadora convencer a mulher a me deixar entrar. Ela achou que eu era um psicopata e ligou para a emergência. De repente foi assim que ele descobriu.”

“Aparentemente, ela ligou para a emergência de novo”, contou Benton. “Há bem pouco tempo.”

“Ela está cagando de medo”, disse Marino. “Por causa do que aconteceu com Terri.”

“Foi para dar uma queixa de crueldade com animais”, disse Benton.

"Nem precisa me dizer. Foi por causa da cadelinha dela que morreu?"

"O quê?"

"É isso que estou perguntando", disse Marino. "Do que você está falando?"

"Aparentemente, a mulher pediu para a operadora da emergência que mandasse um recado para Jaime, dizendo que foi o mesmo homem que, abre aspas, se safou no início do mês. E ela, a mulher que ligou, disse que tirou uma foto com o celular e que pode provar que ele está fazendo aquilo de novo."

"Jake Loudin", disse Berger. "Quem é essa dizendo que tirou uma foto dele?"

"Tudo o que eu sei é que a operadora do telefone de emergência passou o recado para Mike Morales. Acho que por causa da ligação dele com Jaime."

Lucy abriu uma Pepsi diet, escutando e lendo enquanto Jet Ranger roncava.

"Que porra de ligação?", disse Marino, parecendo furioso. "Por causa da porra do Tavern on the Green? Fiquem sabendo que não gosto desse cara. Ele é um babaca."

"Em resumo, ele falou que acha que você deveria conversar com a sua testemunha de novo", disse Benton. "E talvez Jaime queira ir também, já que isso parece ter uma relação com aquele processo famoso sobre crueldade com os animais. Mas antes, talvez, todos devêssemos ir encontrar Morales no apartamento de Oscar enquanto temos a oportunidade de fazer isso."

"Essa senhora mora do outro lado da rua", disse Marino. "Estava bebendo quando conversei com ela hoje à tarde. Começou a falar em comprar outro cachorro. Não sei por que não comentou nada sobre Loudin mais cedo. A gente estava falando de cachorro e da força-tarefa de Jaime contra a crueldade. Podemos ir vê-la primeiro, já que estamos aqui, e depois ir até o apartamento de Oscar. Ele mora do outro lado do parque, perto do seu apartamento. Perto da John Jay."

"Acho que a gente devia se separar." Era a voz de Berger. "Vocês dois vão para o apartamento de Oscar. Marino e eu ficamos aqui."

"Eu gostaria de voltar a falar na John Jay", disse Scarpetta. "Como funciona essa coisa de o ip ser de lá? A pessoa que mandou os e-mails não teria que estar lá ao fazer isso?"

Silêncio.

Scarpetta repetiu a pergunta e disse: "Lucy? Você ainda está aí?".

"Desculpe", disse Lucy. "Esqueci que estava aqui."

"Eu não sabia que ela estava na linha", disse Benton. "Talvez seja melhor você colocar seu celular em cima da mesa. Desculpe, Lucy. Oi, Lucy."

O celular fez um barulho alto quando Scarpetta o pôs sobre a mesa.

Lucy disse: "Quem quer que seja esse Scarpetta126 teria que estar fisicamente dentro do alcance da rede sem fio da John Jay para poder entrar nela. Por exemplo, a pessoa teria que estar lá, usando um dos computadores da faculdade — o que não seria provável quase à meia-noite, quando os prédios estão trancados, e foi nesse

horário que o último e-mail foi enviado, no dia 28 de dezembro, logo antes da meia-noite. A pessoa poderia ter levado seu próprio laptop, ou alguma coisa menor, como um BlackBerry, um iPhone, um palmtop, algum aparelho com acesso à internet. E é isso que eu acho que aconteceu — esse indivíduo tinha algo tipo um palmtop e ficou na calçada diante dos prédios, invadindo a rede sem fio. Imagino que a polícia tenha encontrado o celular de Terri, não é? Ou um BlackBerry ou palmtop, caso ela tivesse um? Aquela fotografia que Scarpetta126 mandou pode ter sido enviada de um BlackBerry, um palmtop, alguma coisa assim, como mencionei".

"O celular dela está sendo examinado." Era Marino. "Terri não tinha nenhum outro telefone, BlackBerry, ou aparelho que pudesse ser usado para entrar na internet. Presumindo que o inventário que temos aqui esteja correto. Só esse telefone. Um telefone ordinário de flip. Estava no balcão da cozinha, enfiado na tomada, recarregando. Ele e o fone de ouvido. Que também estava recarregando."

Todos eles continuaram a discutir e especular, e então ocorreu um breve lapso enquanto Marino e Berger entravam em contato com o provedor de e-mail para o Scarpetta126.

Eles conseguiram a informação de que Lucy precisava.

"A senha é *presuntoum*, tudo junto." Berger soletrou para Lucy pelo telefone. "Marino, você podia falar com a segurança da John Jay para descobrir se repararam em alguém que estava na frente do prédio das salas de aula no fim da noite de 28 de dezembro e de novo ontem no meio da tarde?"

"Em ambas as ocasiões, tanto no dia 28 quanto ontem à noite", disse Benton, "o prédio certamente estava fechado devido ao horário e ao feriado."

"Tem câmera de segurança lá?", perguntou Berger.

Lucy disse: "Sabem o que estou achando? Que o ip é deliberado, para fazer parecer que os e-mails são mesmo da tia Kay. Ela é ligada à John Jay, então por que não enviaria e-mails da rede sem fio deles? A questão é, quem roubou a identidade da tia Kay ao mandar esses e-mails não liga se o ip for rastreado, e é provável que tenha torcido para que isso acontecesse ou até tido certeza de que aconteceria. Se não fosse isso, essa pessoa teria usado um *proxy* anônimo — um programa ou servidor remoto que pega arquivos para você e disfarça seu verdadeiro endereço. Ou outro tipo de *anonimizador* que lhe dá um endereço temporário sempre que você manda um e-mail, para ninguém poder rastrear seu verdadeiro ip".

"É contra isso que eu brigo." Berger fez sua queixa preferida sobre a internet.

Era uma queixa que Lucy gostava de ouvir. Ela conhecia aquele inimigo de Berger muito bem.

"Crimes de colarinho-branco, perseguições, roubo de identidade", acrescentou Berger. "Você não imagina a chateação que é."

"E quanto às informações da conta Scarpetta126?", Marino perguntava a Lucy,

como se nada de errado tivesse acontecido entre eles.

Ele só estava mais reservado, o que o tornava um pouco educado, para variar.

"Tem mais alguma coisa além dos dados genéricos que me passaram?", ele perguntou.

"O nome que colocaram é doutora Kay Scarpetta. O endereço e o telefone são do instituto em Watertown. Só informações públicas", disse Lucy. "Não tem perfil, nem nenhuma das opções que teriam exigido que a pessoa que criou a conta usasse um cartão de crédito."

"Igual às contas de Terri." Era a voz de Berger.

"Igual a um milhão de contas", disse Lucy. "Acabei de entrar no Scarpetta126, e os únicos e-mails foram enviados para Terri Bridges ou recebidos dela."

"Você não acha que isso pode indicar que foi Terri quem abriu essa conta para fazer parecer que Kay estava escrevendo para ela?", sugeriu Berger.

"E quanto ao endereço mac?", perguntou Benton.

Enquanto dava uma olhada nos e-mails, Lucy disse: "Ele não é o mesmo de nenhum desses dois laptops, mas isso só significa que Terri, ou quem quer que seja, não levou nenhum deles até a John Jay e mandou os e-mails usando a rede sem fio deles. Mas você tem razão. O único propósito da conta Scarpetta126 parece ser permitir que um impostor se corresponda com Terri Bridges, o que tornaria mais crível a teoria de que o impostor e Terri são a mesma pessoa, se não fosse por uma coisa."

A coisa a que ela se referia estava na tela de seu computador.

"Enquanto falo com vocês, estou examinando a conta Scarpetta126", disse Lucy. "Às oito e dezoito da noite de ontem, Scarpetta126 escreveu um e-mail que foi salvo como rascunho e nunca enviado. Estou enviando-o para todos vocês agora, e vou lê-lo em voz alta em um segundo. Isso descarta a hipótese de Terri ou Oscar tê-lo escrito. Vocês ouviram o que eu disse? Esse e-mail do qual estou falando descarta a hipótese de um deles ser Scarpetta126."

"Puta merda." Era a voz de Marino. "Alguém escreveu um e-mail enquanto esse apartamento estava entupido de policiais? O corpo dela provavelmente já estava no necrotério a essa altura."

"O corpo dela chegou ao necrotério lá pelas oito, pelo que me lembro", disse Scarpetta.

"Então alguém escreveu um e-mail para Terri e decidiu não enviá-lo por algum motivo." Lucy tentou compreender. "Talvez a pessoa tenha descoberto que Terri estava morta no meio do processo de escrever para ela. E então simplesmente salvou o e-mail como um rascunho."

"Ou quis que encontrássemos o e-mail e imaginássemos isso, tirássemos alguma conclusão graças a ele", disse Scarpetta. "Lembrem-se, não sabemos quanto disso

tudo foi feito deliberadamente para nos levar por um caminho, ou melhor, nos desviar do caminho."

"É isso que eu acho." Era a voz de Berger. "Isso é deliberado. Quem quer que esteja por trás disso é inteligente o suficiente para saber que íamos acabar vendo esses e-mails. Essa pessoa quer que vejamos o que estamos vendo."

"Quer nos sacanear", disse Marino. "E está funcionando. Estou me sentindo sacaneado pra cacete."

"Duas coisas são indiscutíveis", disse Benton. "Terri já estava morta havia horas quando o e-mail foi escrito e salvo como um rascunho. E Oscar já estava no Bellevue, portanto definitivamente não estava mandando e-mails para ninguém. Ou seja, não poderia ter escrito esse de que você falou. Lucy? Você pode lê-lo, por favor?"

Ela leu em voz alta o que estava na tela de seu computador:

Data: Seg, 31 de dezembro de 2007, 20:18:31
De: "Scarpetta"
Para: "Terri"
Terri,
Depois de ter tomado três taças de champanhe e um pouco daquele uísque que custa mais que seus livros, posso ser sincera. Na verdade, vou ser brutalmente sincera com você. Esta é minha resolução de Ano-Novo: ser brutal.
Embora ache que você seja inteligente o suficiente para ter uma excelente compreensão da psicologia forense, não acredito que poderá fazer outra coisa além de dar aulas, se insistir em continuar nessa área. A triste verdade? Os suspeitos, os prisioneiros, as vítimas, jamais aceitariam uma anã, e eu também não sei como os jurados reagiriam.
Você consideraria a possibilidade de ser assistente de necrotério, onde sua aparência seria irrelevante? Quem sabe? Talvez um dia você possa trabalhar para mim!
Scarpetta

Lucy disse: "O ip não é da John Jay. Não é de nenhum endereço que a gente tenha encontrado até agora".

"Que bom que ela nunca chegou a receber isso." Scarpetta parecia séria e triste. "Que coisa horrível. Se não estava mandando esses e-mails para si própria, no fim das contas, então provavelmente achou mesmo que eles eram mandados por mim. E Oscar deve ter achado o mesmo. Que bom que nem ela nem Oscar jamais chegaram a ler isso, que bom que nunca foi enviado. Que coisa incrivelmente cruel."

"É isso que eu acho também", disse Marino. "Essa pessoa é uma filha da puta. Está de brincadeira, rindo da nossa cara. Isso foi para a gente, para foder com a gente, esfregar nos nossos narizes. Quem mais ia ler esse rascunho, a não ser quem estava investigando o assassinato de Terri? É mais para a doutora ver. Se quiser saber o que eu acho, tem alguém que odeia muito Scarpetta."

"Alguma ideia de onde é o ip? Ele é de qual endereço, já que não é da John Jay?", Benton perguntou a Lucy.

Ela disse: "Tudo o que obtive foram diversos números do provedor de internet. Eles não vão me dizer nada, a não ser que eu hackeie o *mainframe*".

“Eu não ouvi isso”, Berger disse para ela. “Você não disse isso.”

25

Pela primeira vez desde que Marino a atacara na primavera anterior, Scarpetta viu-se sozinha com ele.

Ela colocou sua maleta de cena do crime no chão diante da porta do banheiro que dava para o quarto de dormir, e os dois olharam para o colchão listrado abaixo de uma janela com as cortinas fechadas. Examinaram fotografias que mostravam como a cama estava quando a polícia chegara ao apartamento na noite anterior, e as roupas macias e sensuais que haviam sido dispostas sobre ela. Havia um mal-estar entre eles agora que estavam a centímetros um do outro, sem mais ninguém por perto para escutar o que diziam.

O enorme dedo indicador de Marino começou a bater numa foto de vinte por vinte e cinco centímetros que mostrava as roupas sobre a cama impecavelmente feita.

Ele disse: "Você acha possível que o assassino tenha feito isso, se estivesse tendo uma fantasia ou sei lá que merda depois do ocorrido? Talvez estivesse realizando uma fantasia em que ela se vestia de vermelho para ele, sei lá".

"Duvido", disse Scarpetta. "Se essa era a intenção, por que não fez isso? Ele poderia ter obrigado Terri a se vestir do jeito que quisesse."

Ela apontou para as roupas sobre a cama na fotografia, e seu indicador era menor que o dedo mindinho dele.

"As roupas estão dispostas da maneira como estariam se uma pessoa extremamente organizada houvesse planejado o que vestir na noite anterior", explicou Scarpetta. "Do mesmo jeito que ela arrumou todo o resto para a ocasião, com uma deliberação metódica. Acho que a rotina de Terri era essa. Ela calculara quanto tempo ia levar para preparar o jantar, talvez tenha tirado o vinho da geladeira algumas horas antes para que estivesse na temperatura que queria. Ela arrumara a mesa e as flores que comprara no mercado mais cedo. Estava de roupão, talvez tivesse acabado de sair do banho."

"Você achou que ela parecia ter acabado de raspar as pernas?", perguntou Marino.

"Não havia nada para raspar", disse Scarpetta. "Não era assim que Terri removia seus pelos. Ela ia a uma dermatologista fazer isso."

As fotografias fizeram som de deslizar quando a médica-legista as embaralhou, procurando por aquelas que mostravam o interior dos armários e das gavetas de Terri, que a polícia não deixara na ordem original. Marino e Scarpetta começaram a analisar meias e meias-calças, calcinhas e roupas de ginástica, tudo numa grande bagunça após múltiplos pares de mãos enluvadas terem remexido as roupas e

movido os cabides de um lado para o outro. A polícia havia esquadrinhado uma enorme variedade de sapatos de salto alto e sandálias com salto agulha, pedrinhas, correntes e fechos ao redor do calcanhar, em tamanhos que iam do trinta e três ao trinta e cinco.

"Encontrar pares que fiquem perfeitos é um dos maiores desafios", comentou Scarpetta, observando a pilha de sapatos. "Uma provação. E meu palpite é que ela comprava bastante coisa pela internet. Talvez tudo."

Devolveu um par de chinelos com tachinhas ao carpete abaixo do suporte para cabides que, diferentemente de todo o resto que vira no apartamento, fora instalado num ponto mais baixo que o normal, para que Terri pudesse alcançá-lo sem uma ferramenta ou um banquinho.

Scarpetta disse: "Continuo achando que ela era influenciada pelas avaliações dos consumidores. Talvez até nos seus gostos provocativos".

"Dou três estrelas para isso, e olhe lá", disse Marino, erguendo no ar uma calcinha fio-dental que acabara de tirar de uma gaveta. "Mas, se você quiser saber o que acho, sabe qual é a dificuldade de avaliar uma calcinha? Depende muito de quem está usando."

"Victoria's Secret. Frederick's of Hollywood", observou Scarpetta. "Roupas transparentes e meias arrastão. Conjuntos de renda, calcinhas com um buraco no tecido. Um espartilho. Ela estava usando um sutiã *push-up* por baixo do roupão, e para mim é muito difícil imaginar que não estivesse usando uma calcinha combinando."

"Acho que não sei o que é um sutiã *push-up*."

"É mais ou menos o que o nome indica", ela disse. "O objetivo do jogo é aumentar e acentuar."

"Ah. Aquele que ele cortou. Não parece que dava para cobrir nada de importante."

"Não dava, e não era para cobrir", ela explicou. "É por isso que o estava vestindo para começo de conversa, isso se não tiver sido ideia do assassino."

Scarpetta colocou a lingerie de novo na gaveta e por um momento não conseguiu olhar para Marino, enquanto se lembrava dos sons e dos cheiros dele, de sua chocante força. Só mais tarde ela sentira tudo, quando a dor mapeara os locais onde ele estivera na forma de pele machucada que ardia e latejava até o osso.

"Isso e todas as camisinhas", disse Marino.

Ele estava de costas para ela, abrindo gavetas de uma mesa de cabeceira. As camisinhas haviam sido levadas pela polícia.

"Dá para ver pelas fotos que ela devia ter umas cem camisinhas na gaveta de cima", ele disse. "Talvez essa seja uma pergunta para Benton, mas se ela era maluca por limpeza..."

"*Se*, não."

"Em outras palavras, ela era neurótica. Tudo tinha que ser bem certinho. Então, faz sentido que alguém assim tenha esse lado safado?"

"Você quer dizer se faz sentido uma pessoa obsessivo-compulsiva gostar de sexo?"

"É."

Marino estava suando, e seu rosto estava vermelho.

"Faz todo sentido", disse Scarpetta. "O sexo era uma maneira de aliviar a ansiedade dela. Talvez a única maneira aceitável de ficar desinibida, de abrir mão do controle. Ou, melhor dizendo, de se iludir e acreditar que estava abrindo mão do controle."

"É. Ela abria mão, contanto que fosse do jeito dela."

"Ou seja, não abria mão, na verdade. Não era possível para ela. Não era assim que era programada. Mesmo quando Terri parecia estar abrindo mão do controle — quando fazia sexo, por exemplo — não estava. Porque não era Oscar nem outra pessoa que decidia o que ela ia comprar. Duvido que tenha sido ele ou qualquer outro parceiro que decidia o que ela ia vestir ou se ia ter pelos no corpo. Ou até se Oscar ia ter pelos no corpo. Meu palpite é que ela é quem decidia o que eles iam fazer ou não. E onde, quando e como."

Ela se lembrou do que Oscar dissera sobre Terri gostar que o corpo dele fosse perfeitamente esculpido, limpo e liso. Ela gostava de fazer sexo no chuveiro. Gostava de ser dominada, amarrada.

"Ela é que dava as ordens", disse Scarpetta. "Até o fim. Isso é que foi divertido para a pessoa que a matou — ter o controle absoluto sobre ela."

"Faz a gente se perguntar se por acaso Oscar chegou a um ponto em que não aguentava mais", disse Marino, calando-se antes de continuar a frase.

Scarpetta ficou diante do banheiro, olhando para o mármore branco, os detalhes em dourado e a banheira que havia num canto, com a cortina aberta e o chuveiro. Ela observou o chão de pedra polida, que era acinzentado e cheio de veios, imaginou as contusões que Terri teria sofrido se seu agressor houvesse atacado-a sobre ele, e teve quase certeza de que isso não acontecera. O peso do agressor, mesmo que a pessoa tivesse quarenta e nove quilos e meio, como Oscar, teria causado contusões em áreas que entravam em contato com o chão, principalmente se os pulsos dela estivessem firmemente amarrados às costas.

Scarpetta deu uma ideia do que estava pensando a Marino conforme examinava o espelho oval de borda dourada sobre a penteadeira, e a cadeira com o espaldar de metal dourado em forma de coração. Seu reflexo olhou para ela. Então o peito de Marino apareceu no espelho, e ele olhou tudo o que ela estava olhando.

"Se ele queria vê-la morrer", disse Marino, "talvez também quisesse vê-la sendo

estuprada. Mas estou aqui de pé olhando para o espelho e não vejo como isso seria possível se ele fosse uma pessoa de tamanho normal. Se estivesse parado atrás dela, quero dizer. Não vejo como poderia ter feito isso."

"Eu também não tenho certeza se ela poderia ter sido estuprada sem apresentar pelo menos alguns ferimentos", disse Scarpetta. "Se os pulsos dela tivessem sido amarrados às costas e ele tivesse subido em cima dela, mesmo na cama, ela provavelmente teria escoriações ou contusões, ou as duas coisas, na parte posterior do corpo. Para não falar que a cama parecia intocada nas fotografias. E as roupas sobre ela não pareciam ter sido mexidas."

"Ela não tinha ferimentos nas costas."

"Nenhum."

"Você tem quase certeza de que os pulsos dela já estavam amarrados."

"Não tenho como provar isso. Mas o fato de ele ter cortado o roupão e o sutiã sugere que ela estava com as mãos amarradas quando isso aconteceu."

"O que faz você ter certeza de que ela estava amarrada com as mãos às costas, e não à frente? Sei que foi isso que Oscar disse para a polícia. É nisso que você está se baseando?"

Scarpetta esticou os braços e posicionou seu pulso esquerdo sobre o direito, como se estivessem presos com uma só amarra.

"Estou me baseando no tipo de vinco que ela tinha nos pulsos, no lugar onde ele estava mais fundo, no lugar onde havia abrasões etc.", ela disse. "Se as mãos dela tivessem sido amarradas na frente, é provável que a amarra ficasse abaixo deste pulso", Scarpetta indicou seu pulso direito, "com a trava um pouco à direita do osso do pulso direito. Se as mãos foram amarradas às costas, a posição seria revertida."

"O assassino é destro ou canhoto, na sua opinião?"

"Baseado na direção em que ele puxou a amarra para apertá-la? É condizente com uma pessoa canhota, presumindo que estivesse de frente para ela quando a amarrou. Aliás, a mão dominante de Oscar é a direita. E eu provavelmente não devia lhe dizer isso."

Scarpetta e Marino colocaram luvas novas, e ela entrou no banheiro, virou a cadeira da penteadeira e colocou-a no meio do cômodo. Mediu a altura da cadeira desde o pé de metal virado para cima até o assento de tecido preto, que tinha áreas mais escuras, com manchas, que corroboravam sua teoria.

"Possivelmente resíduos do lubrificante", ela disse. "Ninguém notou porque jamais foi considerado que ela pudesse estar sentada nesta cadeira quando foi garroteada, diante do espelho. Talvez haja algum tecido e sangue das pernas dela, devido aos chutes. Deixe-me ver."

Scarpetta olhou com uma lupa.

"Não dá para ver. Mas talvez não tenha. Não fico surpresa, na verdade. Já que os

ferimentos de Terri estavam na parte fronteira das pernas, e não na parte de trás. Você ainda tem aquela luzinha tática que deixa a gente cego?"

Marino enfiou a mão no bolso, tirou sua lanterna e entregou-a a ela. Scarpetta ficou de joelhos e mirou a luz debaixo da penteadeira, iluminando manchas de sangue escuro e seco que havia debaixo da borda do balcão e que não eram visíveis a não ser para quem estava olhando do chão. Ela encontrou mais sangue na parte de baixo da gaveta da penteadeira, que era feita de compensado não pintado. Marino se agachou, e Scarpetta mostrou a ele o que encontrara.

Ela tirou algumas fotos.

"Vou coletar amostras de tudo aqui, mas não da cadeira", disse. "O que vamos fazer é embrulhá-la e mandá-la para o aeroporto La Guardia. Você pode ir ali um instante dizer a Jaime que precisamos de um policial para levar esta cadeira até o jatinho de Lucy, viajar com ela e entregá-la ao doutor Kiselstein no aeroporto de Knoxville? Lucy pode providenciar tudo. Na verdade, se eu a conheço bem, já providenciou."

Ela examinou a cadeira.

Decidindo, Scarpetta disse: "O lubrificante é úmido, então não queremos nada de plástico como filme de polietileno ou filme plástico. Acho que ela deve ser embalada em papel para continuar a receber ventilação e secar, talvez numa sacola tamanho gigante, aí a gente coloca tudo numa grande caixa para guardar provas. Seja o mais criativo possível. Não quero que entre nenhuma bactéria, e não quero que nada raspe na superfície dela".

Marino saiu e Scarpetta pegou em sua maleta de cena do crime um rolo de barbante, um rolo da fita crepe azul que eles usavam nas provas e uma pequena tesoura. Apoiou a cadeira na parede de azulejos e começou a medir e a cortar o barbante de forma a correlacioná-lo com as alturas de Oscar e Terri e com o comprimento de suas pernas e torso. Scarpetta estava usando a fita para prender os barbantes na parede diretamente acima da cadeira quando Marino apareceu na porta. Berger estava com ele.

"Você pode dar meu bloco e minha caneta para Jaime, para que ela possa fazer anotações e você fique com as mãos livres? O que estou prestes a mostrar a vocês", disse Scarpetta, "é o motivo pelo qual não acredito que Oscar tenha cometido esse crime. Não estou dizendo que é impossível, mas vou mostrar porque é improvável. É simples matemática."

Ela direcionou a atenção deles para os barbantes de diferentes comprimentos que estavam colados na parede de azulejos acima da cadeira.

"Tudo isso é baseado na teoria de que Terri estava sentada nesta cadeira. O relevante é o comprimento do torso dela, que tem oitenta e quatro vírgula vinte e cinco centímetros..."

“Não saco nada do sistema métrico”, disse Marino.

“São mais ou menos trinta e quatro vírgula doze polegadas”, disse Scarpetta. “Medi Terri no necrotério, e, como você sabe, pessoas com acondroplasia têm membros extraordinariamente curtos, mas seu torso e cabeça são praticamente do mesmo tamanho que os de um adulto normal, então parecem ser maiores, desproporcionais. É por isso que quem tem nanismo pode dirigir um carro sem precisar colocar uma almofada no banco, mas precisa de pedais com extensão para que seus pés possam alcançar o acelerador, o freio, a embreagem. No caso de Terri, o torso dela é mais ou menos do mesmo comprimento do meu ou do torso de Jaime. Por isso colei um pedaço de barbante na parede”, Scarpetta mostrou-o a eles, “que é exatamente do mesmo comprimento que o torso de Terri, e posicionei-o de forma que vá do assento da cadeira até aqui.”

Ela apontou para o pedaço de fita azul que prendia uma das pontas do barbante à parede.

“A distância entre a almofada da cadeira e o chão é de cinquenta e três centímetros”, ela continuou a explicar. “Então, se você soma oitenta e quatro vírgula vinte e cinco centímetros com cinquenta e três, isso dá cento e trinta e sete e vinte e cinco. Oscar Bane tem um metro e vinte e três centímetros de altura. Ou seja, cento e vinte e três centímetros.”

Ela apontou para o barbante que representava essa altura.

Berger comentou conforme anotava: “Não é nem da altura de Terri quando ela estava sentada”.

“Isso mesmo”, disse Scarpetta.

Ela ergueu da parede o barbante que batizara de “Oscar” e segurou-o paralelo ao chão, fazendo o mesmo com o barbante “Terri sentada”. Então pediu que Marino segurasse os dois na mesma altura, paralelos ao chão.

Depois, tirou mais fotos.

Benton surgiu atrás de Berger acompanhado por um policial de uniforme.

O policial disse: “Alguém precisa que eu leve uma cadeira até um jatinho particular que vai para aquela fábrica de bomba em Oak Ridge? A cadeira não vai explodir nem nada, vai?”.

“Você trouxe as embalagens para provas que pedi?”, perguntou Marino.

“Sou como a ups”, disse o policial.

Scarpetta pediu que Marino continuasse a segurar os barbantes que representavam Oscar e Terri enquanto ela explicava a Benton o que estavam fazendo.

“E os braços dele são muito curtos, cerca de quarenta e um centímetros da articulação do ombro até as pontas dos dedos, o que lhe daria menos alavanca”, ela acrescentou, olhando para o marido. “Seus braços são pelo menos vinte centímetros mais compridos que isso e, se você estivesse de pé atrás de Terri enquanto ela

estava sentada, ficaria muito mais alto que ela, quase cinquenta centímetros, o que lhe daria uma tremenda alavanca. Ao contrário do que aconteceria com Oscar. Imagine alguém do tamanho dele tentando puxar algo para cima e para trás com força enquanto a vítima está se debatendo na cadeira."

"E ele não está nem da altura dela enquanto faz isso? Não vejo como seria possível", concordou Marino. "Principalmente se ficou fazendo a mesma coisa com ela várias vezes, deixando que recobrasse a consciência e depois estrangulando-a até que desmaiasse de novo, como você disse. Mesmo puxando todo o ferro que ele puxa."

"Na verdade, acho que ele jamais conseguiria fazer isso", disse Berger.

"Estou preocupada com Oscar", disse Scarpetta. "Alguém tentou ligar para ele?"

"Quando falei com Morales", respondeu Benton, "perguntei se alguém sabia onde ele estava ou tivera qualquer notícia dele. Morales disse que a polícia está com o celular dele."

"Ele entregou o celular de livre e espontânea vontade?", perguntou Scarpetta.

"É, junto com um monte de outras coisas", disse Benton. "O que é uma pena, pelo menos no que diz respeito ao celular. Seria bom se Oscar estivesse com ele, pois não está atendendo o telefone de casa, o que não me surpreende. Não sei como vamos encontrá-lo."

"Acho que o que a gente devia fazer era se separar, como sugeri mais cedo", disse Berger. "Benton? Você e Kay vão encontrar Morales no apartamento de Oscar e dar uma olhada lá. Marino e eu vamos nos certificar de que essa cadeira vai ser embrulhada da maneira correta. E de que as amostras que você acabou de coletar e qualquer outra prova vá direto para os laboratórios. Depois, vamos ali do outro lado da rua ver o que a vizinha tem a dizer sobre Jake Loudin."

Scarpetta carregou a cadeira para fora do banheiro e colocou-a no chão para que o policial pudesse embrulhá-la e levá-la dali.

Berger disse para ela: "Se você ainda estiver no apartamento de Oscar quando tivermos terminado, encontramos você lá. Lucy disse que vai me ligar se descobrir mais alguma coisa importante".

26

Oscar Bane morava na avenida Amsterdam, num prédio de dez andares feito de um tijolo amarelo insípido que fez Scarpetta se lembrar das construções fascistas que Mussolini fizera em Roma. Quando entraram no saguão, o porteiro não os deixou nem chegar perto do elevador até Morales mostrar seu distintivo. Ele parecia ser irlandês, era corpulento e idoso, e usava um uniforme com o mesmo tom de verde do toldo que havia do lado de fora.

"Não vejo o cara desde o Ano-Novo", disse o porteiro, sem tirar os olhos da enorme maleta de cena do crime de Scarpetta. "Acho que sei por que vocês estão aqui."

Morales disse: "É mesmo? Então me diga por quê".

"Li no jornal. Nunca cheguei a ver a moça."

"Está falando de Terri Bridges?", perguntou Benton.

"Está todo mundo falando nisso, como você pode imaginar. Ouvi dizer que deixaram o senhor Bane sair do Bellevue. Estão chamando-o de nomes que não são nada legais. A gente sente pena de qualquer pessoa que é caçoada desse jeito."

Ninguém tivera notícias de Oscar, pelo que Scarpetta sabia. Ninguém parecia ter ideia de onde ele estava, e ela estava muito preocupada com a possibilidade de alguém machucá-lo.

"Tem cinco porteiros aqui, e todo mundo falou a mesma coisa, ela nunca entrou neste prédio, ou pelo menos um de nós ia saber. E ele tinha ficado esquisito", disse o porteiro.

Ele direcionou sua atenção para Benton e Scarpetta, porque obviamente não gostava de Morales e não estava se esforçando muito para disfarçar.

"Mas nem sempre foi assim", continuou o porteiro, "e eu sei que isso é fato, porque trabalho aqui há onze anos e ele só mora no prédio há metade disso. Costumava ser simpático, um cara bem legal. De repente, mudou. Cortou o cabelo e pintou da cor de um cravo-de-defunto, foi ficando cada vez mais quieto, ficava bastante dentro do apartamento. Quando saía para caminhar ou sei lá o que, era sempre em horários estranhos, e estava sempre nervoso, igual a um gato."

"Onde ele estaciona o carro?", perguntou Morales.

"Num estacionamento subterrâneo do outro lado do quarteirão. Muitos moradores estacionam lá."

"Quando foi isso?", perguntou Benton. "Quando você notou que ele estava diferente?"

“Acho que foi no outono. Lá por outubro, quando começou a ficar óbvio que tinha alguma coisa acontecendo. Sabendo o que sei agora, fico me perguntando no que ele se meteu, sabe, com essa garota. Quer dizer, quando duas pessoas começam a sair e uma delas muda para pior, você sabe o que isso significa.”

“Tem sempre alguém na portaria?” Benton perguntou ao homem.

“Vinte e quatro horas por dia. Vamos lá. Levo vocês lá em cima. Vocês estão com a chave, né?”

“Imagino que você tenha uma”, disse Benton.

“Engraçado você mencionar.” O dedo dele, coberto por uma luva verde, apertou o botão do elevador. “O senhor Bane decidiu mudar a fechadura há alguns meses, mais ou menos na época em que começou a agir de um jeito estranho.”

Todos entraram no elevador, e o porteiro apertou o botão do décimo andar.

“Ele supostamente tem que nos dar uma chave. Temos que ter para um caso de emergência, e pedimos várias vezes para ele, mas nunca chegamos a receber uma.”

“Parece que o velho Oscar não quer ninguém no apartamento dele”, disse Morales. “Fico espantado por não terem expulsado o cara.”

“Estava chegando num ponto em que ele ia precisar ter uma discussão com o síndico. Ninguém queria isso. A gente ficava torcendo para ele entregar logo a chave. Desculpem se é tão lento — é o elevador mais lento da cidade. Parece que tem alguém no topo do prédio puxando a gente com uma corda. Como eu ia dizendo, o senhor Bane é muito reservado. Nunca recebe visita. Nunca causou nenhum problema por aqui, mas, como eu disse, começou a agir estranho, mais ou menos na mesma época em que trocou as fechaduras. Acho que a gente nunca sabe como as pessoas são de verdade.”

“Este é o único elevador?”, perguntou Scarpetta.

“Tem um elevador de carga. A gente pede para os moradores usarem quando saem com os cachorros. Nem todo mundo gosta de ficar dentro de um elevador com um cachorro. Os poodles são os piores. Sabe aqueles grandões? Morro de medo deles. Não entro num elevador com um. Prefiro ficar num elevador com um pitbull.”

“Se alguém pegasse o elevador de carga, você saberia?”, perguntou Morales. “Por exemplo, se alguém quisesse sair sem ser notado?”

“Não vejo como. A pessoa ainda ia ter que entrar e sair pela frente do prédio.”

“Não tem nenhum outro acesso? O que eu quero dizer é: a gente tem certeza de que Oscar não entrou aqui hoje sem ninguém ver?”, perguntou Morales.

“Só se ele subiu pela escada de incêndio e entrou pelo topo do prédio”, disse o porteiro, num tom que indicava que, para fazer isso, Oscar teria que ser o Homem-Aranha.

Scarpetta se lembrou de ter visto um zigue-zague de plataformas horizontais ligadas por escadas no lado oeste do prédio.

O elevador parou, e o porteiro pisou num corredor onde o chão era coberto por um velho carpete verde e as paredes eram de um amarelo pálido. Scarpetta olhou para cima e viu um domo de plástico com moldura de aço no teto que não era uma claraboia comum.

"Esse é o acesso ao topo do prédio do qual você estava falando?", ela perguntou ao porteiro.

"Sim, senhora. Você precisaria ter a escada. Ou isso ou usar a escada de incêndio e entrar pela janela de alguém."

"E a escada fica onde?"

"Em algum lugar do porão. Não é meu departamento."

"Talvez você possa verificar se ela ainda está lá", disse Benton.

"Claro, claro. Mas obviamente ele não entrou nem saiu por ali, ou a escada estaria debaixo da abertura do teto, certo? Vocês estão começando a me deixar nervoso. De repente era melhor deixar alguns policiais no topo do prédio. Já que deixaram o cara sair do Bellevue. Agora você está me deixando um pouco assustado."

O porteiro começou a levá-los até o fim do corredor, onde ficava a porta de madeira escura do apartamento de Oscar, com 10B escrito nela.

"Quantos apartamentos tem neste andar?", perguntou Scarpetta. "Quatro?"

"Isso. Os vizinhos trabalham, não ficam aqui durante o dia. Saem muito à noite porque são solteiros, não têm filhos. Dois deles têm outras residências."

"Preciso dos dados deles", disse Morales. "Não só deles, mas de uma lista de todo mundo que mora no prédio."

"Claro, claro. Tem quarenta unidades, quatro por andar. Obviamente, este é o andar mais alto. Não vou chamar de cobertura, porque os apartamentos não são mais legais aqui que nos outros andares. Mas a vista é melhor. Dos apartamentos do fundo dá para ver bem o Hudson. Vou lhe dizer, estou muito chocado. O senhor Bane não parecia do tipo que faria uma coisa assim. Mas você sabe o que dizem. Quem é bandido nunca parece bandido, certo? E ele andava estranho mesmo. Vou ver a escada."

"Só um lembrete, cara", Morales disse para o porteiro. "O senhor Oscar Bane não foi acusado de nenhum crime. Ninguém está dizendo que ele matou a namorada. Por isso tome cuidado com o que você vai sair espalhando por aí, entendeu?"

Eles haviam chegado à porta de Oscar, e Morales tinha uma chave que Scarpetta reconheceu como pertencendo a uma fechadura Medeco de alta segurança. Ela notou outra coisa para a qual não quis chamar atenção enquanto o porteiro ainda estava ali — um pedaço de linha preta, com cerca de vinte centímetros de comprimento, no carpete imediatamente abaixo da dobradiça de baixo da porta.

"Vou estar lá na portaria", disse o porteiro. "Se vocês precisarem falar comigo, tem um interfone na cozinha. Um interfone branco, preso na parede. É só discar zero.

Para quem eu ligo quando souber da escada?"

Morales deu seu cartão para o homem.

O porteiro fez cara de quem não queria pegar, mas não tinha escolha. Ele foi andando de volta para o elevador, e Scarpetta colocou sua maleta no chão, abriu-a e foi distribuindo luvas. Apanhou o pedaço de linha e examinou-o com uma lupa, notando que havia um nó grande numa das pontas que fora coberto com o que parecia ser um pedaço achatado de cera transparente.

Scarpetta achava que sabia o propósito da linha com o nó, mas a porta tinha quase duas vezes a altura de Oscar, e teria sido impossível para ele alcançar a parte de cima sem ajuda.

"O que é isso?", perguntou Morales.

Ele pegou a linha da mão dela e examinou-a com a lupa.

"Meu palpite", ela disse, "é que é algo passado por cima da porta para que ele soubesse se ela havia sido aberta quando não estava em casa."

"Que carinha esperto. Acho melhor a gente ver essa escada, hein? Como ele alcançou a parte de cima da porta?"

"A gente já sabia que ele é paranoico", disse Benton.

Scarpetta colocou a linha numa sacola para guardar provas e escreveu o que havia ali dentro com uma caneta hidrográfica enquanto Morales destrancava e abria a porta. O alarme começou a apitar, e ele entrou e digitou um código que escrevera num guardanapo. Depois, acendeu as luzes.

"Olha só, tem outra geringonça de caçar fantasma aqui", disse Morales em tom de galhofa, inclinando-se para pegar um cabide que fora desentortado até virar uma linha reta e colocado no chão logo depois da porta. "Ou isso, ou Oscar estava tostando marshmallows. Estou procurando por uma camada de farinha no chão, que nem os malucos fazem para ter certeza de que não entrou nenhum alienígena na casa deles."

Scarpetta examinou ambas as pontas do cabide desentortado e depois olhou para o pequeno pedaço de cera achatada dentro da sacola plástica.

"É possível que fosse assim que ele colocava a linha na parte de cima da porta", ela disse. "Ele botava o pedaço de cera na ponta do cabide. Tem um amassado aqui que é do mesmo diâmetro que o arame. Vamos ver se estou certa."

Scarpetta saiu do apartamento, fechou a porta e viu que sua fenda era do tamanho exato que o cabide precisava para passar. Deslizou-o para dentro do apartamento, e Morales abriu a porta.

"Doido de pedra", ele disse. "Não estou falando de você, é claro."

A sala de estar era arrumadíssima e masculina, com as paredes pintadas de azul-escuro e repletas de quadros mostrando uma bela coleção de mapas e gravuras originais da era vitoriana. Oscar gostava de antiguidades de tom escuro e couro

inglês, e era obcecado por aparatos anticontrole da mente. Eles estavam espalhados por pontos estratégicos do apartamento: espectrômetros não muito caros, medidores de campo de radiofrequência e medidores de elf de eixo triplo, para a suposta detecção de diversas frequências de vigilância como ondas infravermelhas, magnéticas e de rádio.

Conforme eles foram andando pelo apartamento, descobriram antenas, pedaços de chumbo coberto de vinil, baldes de água e estranhas geringonças como pratos de metal com bordas de papel alumínio conectados a pilhas e pirâmides de cobre feitas em casa, e capacetes com forros de espuma antirruído e pequenos pedaços de canos no topo.

Uma tenda de papel alumínio cobria toda a cama de Oscar.

"Aparelhos para confundir ondas", disse Benton. "Pirâmides e capacetes para bloquear ondas de som e feixes de energia, incluindo energias psíquicas. Ele estava tentando criar um campo de força em torno de si próprio."

Lucy viu Marino e um policial carregando uma caixa do tamanho de uma máquina de lavar quando saiu do táxi diante do prédio antigo onde Terri Bridges morava.

Ela pendurou uma mochila de náilon no ombro, pagou a corrida e observou-os colocando a caixa na parte de trás de uma van da polícia. Lucy não via Marino desde que ele ameaçara dar um tiro na cabeça quando estava em sua cabana de pesca na primavera anterior, e decidiu que a melhor conduta seria falar logo com ele.

"Esse é o policial que vai no meu jato?", ela perguntou.

"É", disse Marino.

"Você está com o número de cauda e os nomes dos pilotos, né?", perguntou Lucy para o policial. "É a operadora Signature no La Guardia. Quando você entrar, Brent deve estar lá lhe esperando. Ele é o pec, vai estar de terno preto, camisa branca, gravata azul listrada e vai estar de calça."

"O que é um pec?" O policial fechou a porta de trás da van com um estrondo. "Como assim, ele vai estar de calça?"

"É um piloto em comando, ele se senta do lado esquerdo. É o que aprendemos hoje. Deixe claro que você está com uma arma, só para o caso de ele ter esquecido os óculos. É mais cego que um morcego sem os óculos. É por isso que usa calça."

"Isso é uma piada, né?"

"Cada avião tem dois pilotos. São as regras da faa — só um precisa ver bem, mas os dois têm que estar de calça."

O policial olhou para ela, depois olhou para Marino e disse: "Por favor, me diga que ela está brincando".

"Não conte comigo", disse Marino. "Não gosto de avião. Não mais."

Berger surgiu de dentro do prédio e desceu a escada sem casaco, apesar do vento frio que zunia em seus ouvidos. Ela tirou o cabelo da frente do rosto e fechou mais o paletó, dobrando os braços para se proteger do frio.

"É melhor a gente pegar nossos casacos", disse para Marino.

Ela não disse nada para Lucy, mas tocou sua mão enquanto ambas caminhavam com Marino até o Impala azul-escuro dele.

Lucy disse para o investigador: "Vou dar uma olhada na rede sem fio que Terri estava usando. Queria que você avisasse o cara que está tomando conta do apartamento para não arrumar encrenca comigo e eu não acabar algemada no chão — ou ele. Talvez eu não precise entrar no apartamento dela se o prédio inteiro usar a mesma rede, mas tenho alguns dados interessantes para passar para vocês."

"Por que a gente não vai até o carro para sair do frio?", sugeriu Berger.

Ela e Lucy se sentaram no banco de trás, e Marino se sentou na frente. Ele ligou o motor e o aquecedor conforme a van com a cadeira da penteadeira de Terri Bridges saía da vaga. Lucy abriu o zíper de sua mochila e tirou seu MacBook de lá de dentro. Ela o abriu.

"Duas coisas importantes", disse. "A primeira é como Terri conheceu essa Scarpetta126. Foi pelo site da John Jay. No dia 9 de outubro, mais ou menos um mês depois que Benton e Kay viraram professores visitantes, Terri — ou quem quer que estivesse usando a conta Lunática — postou algo no quadro de avisos do site da John Jay perguntando se alguém sabia como ela poderia entrar em contato com tia Kay."

Berger estava vestindo o casaco, e Lucy sentiu o cheiro sutil de especiarias e bambu, e o óleo pungente de flores de laranjeira — o perfume de Berger, comprado numa loja especializada de Londres. Lucy indagara sobre o perfume mais cedo, torcendo que não fosse mais uma característica adorável da promotora que havia sido herdada de Greg.

"O post está arquivado, obviamente", disse Lucy.

"Como você achou?" Marino se virou, e seu rosto estava quase completamente obscurecido.

"Parece que você perdeu bastante peso", Lucy disse.

"Parei de comer", ele replicou. "Não sei por que ninguém pensou nisso antes. Eu devia escrever um livro, ganhar uma grana."

"Devia mesmo. Um livro só com páginas em branco."

"Essa é a minha ideia. Zero comida e um livro sem nada. Funciona."

Lucy sentiu Marino olhando atentamente para ela, para Berger, para elas duas sentadas juntas. O inspetor tinha sensores que lhe diziam o que as pessoas eram em relação às outras e o que eram em relação a ele. Na maneira dele de pensar, tudo era ligado.

Lucy observou Berger ler o que estava na tela de seu MacBook:

> Oi, pessoal,
> Meu nome é Terri Bridges e estou fazendo um mestrado em psicologia forense e tentando entrar em contato com a dra. Kay Scarpetta. Se alguém conhecê-la, pode passar meu endereço de e-mail para ela? Estou tentando encontrá-la desde a primavera passada para entrevistá-la para a minha tese. Obrigada.
> TB

Lucy leu tudo em voz alta para Marino.

Ela abriu outro arquivo, e a fotografia de Scarpetta que fora postada junto com a coluna do *Quem Ver na Metrópole* aquela amanhã ocupou toda a tela.

"Isso estava no mesmo quadro de avisos?", perguntou Berger.

Lucy ergueu o laptop para que Marino pudesse ver a fotografia repelente de Scarpetta num necrotério, apontando um bisturi para alguém.

"É a imagem original", disse Lucy. "Portanto, o fundo não foi apagado no Photoshop. Vocês devem lembrar que na foto que saiu no *Quem Ver na Metrópole* está só a minha tia, e a gente fica sem ter ideia do contexto, só que presumimos que ela está num necrotério. Mas, quando recuperamos o fundo, dá para ver um balcão com um monitor de câmeras de segurança e, atrás dele, uma parede de blocos de concreto com armários. Dei uma realçada na imagem por minha conta" — ela tocou o *touchpad* e abriu outro arquivo, e a imagem refletida na proteção de rosto de Scarpetta ficou mais clara.

"É a doutora Lester", disse Berger.

"Faz sentido", disse Marino. "Uma pessoa como ela deve odiar a doutora."

Lucy disse: "É hora de estabelecer algumas coisas que podem ou não estar relacionadas. A fotografia que apareceu na internet esta manhã foi tirada no Instituto Médico Legal de Nova York, durante um caso ou casos em que a doutora Lester estava presente, e era com ela que minha tia estava falando. É óbvio que a doutora Lester não tirou a foto, mas acredito que ela saiba quem tirou, a não ser que simplesmente não tenha notado quando aconteceu...".

"Ela sabe, sim", disse Berger com certeza. "Toma conta de seu feudo como se fosse um abutre."

"E não", disse Lucy. "Não encontrei esta imagem no site da John Jay, embora seja possível que esteja rolando pela internet e que um fã a tenha enviado para o *Quem Ver na Metrópole*."

"Como você sabe que não foi a doutora Lester quem mandou a foto para o *Quem Ver na Metrópole*?", perguntou Marino.

"Eu teria que entrar no e-mail dela para saber", disse Lucy.

"Só que não vai entrar", disse Berger. "Esse não é o estilo de Lenora. O *modus operandi* dela, nesse estágio de sua vida infeliz, é fazer pouco das pessoas, tratá-las como se não fossem importantes. Não chamar atenção para elas. A única pessoa

para a qual Lenora quer desesperadamente chamar atenção é para si mesma."

"Vi os dois que nem pombinhos hoje mais cedo", disse Marino. "Ela e Morales no parque do Bellevue, perto do prédio onde fica o laboratório de dna. Eles ficaram alguns minutos sentados juntos num banco depois que Benton e a doutora saíram do necrotério. Vi por acaso, porque tinha ido buscar os dois. Imaginei que a doutora Lester quisesse contar a Morales o que Scarpetta fizera no necrotério, o que ela havia descoberto. Mas tem uma coisa: a doutora Lester estava mandando uma mensagem de texto pelo celular quando se afastou no escuro."

"Não tenho certeza se isso significa alguma coisa", disse Berger. "Todo mundo manda mensagem de texto hoje em dia."

"Que bizarro", disse Lucy. "Ela encontrou com ele num parque, de noite? Por acaso eles estão...?"

"Tentei imaginar a cena", disse Marino. "Mas não consegui."

"Ele tem um jeito de se imiscuir no meio das pessoas", disse Berger. "Pode ser que sejam amigos. Mas não a outra coisa. Não. Eu não diria que ela é o tipo dele."

"A não ser que ele seja necrófilo", disse Marino.

"Não vou ficar caçoando de ninguém", disse Berger, e ela estava falando sério.

"A questão é", disse Marino, "que fiquei um pouco surpreso, porque não penso nela como tendo nenhuma relação pessoal o suficiente que a levaria a enviar uma mensagem de texto."

"É mais provável que estivesse mandando uma mensagem para o médico-legista chefe", disse Berger. "É só uma especulação. Mas seria típico dela passar informações para ele, principalmente se pudesse levar o mérito por algo que outra pessoa fez."

"Ela estava se protegendo, porque provavelmente não viu algumas coisas", disse Lucy. "Então, quis ligar logo para o chefe. Eu teria que entrar no e-mail dele para saber."

"Só que você não vai fazer isso", disse Berger.

Ela estava com o ombro solidamente encostado no de Lucy quando disse isso.

Lucy estava tão consciente de cada gesto, som e cheiro que vinha de Berger que era como se tivesse tomado lsd, baseado no que lera sobre o assunto: seu coração estava batendo mais forte, a temperatura de seu corpo estava mais alta e ela experimentava uma mistura de sensações, "ouvindo" cores e "vendo" sons.

"Pode ser uma coisa assim", Marino estava dizendo. "Ela é um peixe-piloto. Tem que nadar atrás dos tubarões para ficar com os restos que deixam cair. Não estou caçoando dela. É verdade."

"E como Terri entra nisso tudo?", perguntou Berger.

Lucy respondeu: "A foto foi mandada para ela, especificamente, para a conta com o nome de Lunática".

“Mandada por?”, perguntou Berger.

“Scarpetta126 mandou para ela na primeira segunda-feira de dezembro, dia 3, e o que não está fazendo muito sentido é que por algum motivo Terri, digamos que foi Terri, apagou-a, e quem quer que tenha mandado também apagou, e é por isso que ela não está nos itens excluídos. Eu tive que recuperá-la com o programa de rede neural.

Marino disse: “Você está dizendo que a foto foi mandada no dia 3 de dezembro, e que ambas as partes imediatamente a apagaram?”.

“Isso.”

“Tinha algo escrito no e-mail em que a foto foi mandada?”, perguntou Berger.

“Vou mostrar isso para vocês agora.”

Lucy moveu o dedo sobre o *touchpad*.

“Isso”, ela disse.

Data: Seg, 3 de dezembro de 2007, 12:16:11
De: “Scarpetta”
Para: “Terri”
Terri,
Sei que você gosta de material de fontes primárias, então considere isso um presente adiantado de Natal — para seu livro. Mas não quero que você me dê o crédito e vou negar que lhe dei isso se alguém perguntar. Nem vou lhe dizer quem tirou — não foi com a minha permissão (o idiota me deu uma cópia, imaginou que eu ia gostar). Gostaria que você movesse essa foto para um arquivo de Word e a apagasse de seu e-mail, como acabei de fazer no meu.
Scarpetta.

“Terri Bridges estava escrevendo um livro?”, perguntou Marino.

“Não sei”, disse Lucy. “Mas, pelo que eu e Jaime vimos da tese de mestrado dela, é bem possível que estivesse indo nessa direção.”

Berger disse: “Principalmente se ela acreditava mesmo que todo esse material estava vindo de Kay, e eu acho que acreditava, sim. Acho que Lunática era Terri. Só para deixar claro. Embora eu saiba que isso é só uma especulação”.

“Eu também acho”, disse Lucy. “Obviamente, a questão crucial é se essa pessoa que está fingindo ser minha tia nesses e-mails enviados para Terri teve algo a ver com o assassinato dela.”

“E quanto ao ip?”, perguntou Marino.

“Quando vocês vão conseguir as informações com o psi — o provedor de serviços de internet — para identificar o cliente? Porque o endereço que eu obtive é de um quarteirão do Upper East Side cujos números começam com vinte e que inclui o Guggenheim, o Metropolitan e o Museu Judaico. Isso não ajuda em nada.”

Lucy sabia a localização exata, mas não ia revelá-la a ninguém. Berger não gostava que ela violasse as regras, mas tinha amigos no mundo dos provedores de internet, alguns desde a época em que trabalhara para o fbi, outros mais antigos ainda, e eles conheciam pessoas que conheciam outras pessoas. O que fizera não era

diferente do que os policiais faziam quando obtinham um mandado de busca após já terem aberto a mala do carro e descoberto cem quilos de cocaína lá dentro.

Ela disse: "Mais ou menos nessa área, que basicamente é a região dos museus, também fica o consultório de dermatologia da doutora Elizabeth Stuart".

O rosto de Berger estava próximo do dela na penumbra do banco de trás, e sua fragrância era como um feitiço.

Berger disse: "Mais ou menos nessa área? Como assim *mais ou menos nessa área*?".

"A dermatologista das estrelas tem um apartamento que ocupa todo o décimo terceiro andar de um prédio", disse Lucy. "Ela foi passar o fim de ano fora. O consultório só abre na segunda-feira dia 7."

27

Scarpetta esperou até ter uma desculpa para ficar sozinha antes de entrar na biblioteca, e o telefonema de Lucy lhe deu uma.

Deixando Morales e Benton no quarto, ela andou de volta até a sala e entrou na biblioteca enquanto Lucy falava pelo telefone de um *post* no site da John Jay e perguntava se ouvira falar dele. Lendo os títulos dos velhos livros sobre psiquiatria que ocupavam diversas prateleiras, Scarpetta disse à sobrinha que não.

"Lamento ouvir isso", acrescentou Scarpetta. "Tudo o que você está dizendo me faz lamentar muito. Que pena que eu não sabia que ela estava tentando entrar em contato comigo."

Ela não viu o livro do qual Oscar falara, *As experiências de um médico de hospício*, onde afirmara ter escondido o cd. As dúvidas de Scarpetta em relação a ele proliferaram. Que tipo de brincadeira estava fazendo com ela?

"E a foto que apareceu na internet esta manhã", disse Lucy. "Foi tirada no necrotério aqui em Nova York. Você estava falando com a doutora Lester. Isso faz com que se lembre de alguma coisa?"

"Eu não me lembro de alguém ter tirado uma foto quando eu estava lá dentro, ou teria pensado nisso assim que vi a fotografia hoje."

"Quando vir a foto de novo, pense que no fundo tem um balcão e um monitor mostrando imagens das câmeras de segurança. Talvez você possa descobrir onde essa pessoa estava posicionada. Talvez isso seja uma pista."

"Teria sido da direção de uma mesa de autópsia. Existem três mesas na sala de autópsia, então talvez tenha sido alguém que estava lá cuidando de outro caso. Prometo que vou pensar nisso com atenção, mas não agora."

Naquele momento, Scarpetta só conseguia pensar em falar com Oscar de novo e dizer que o livro não estava ali. Ela podia imaginar a resposta dele. *Eles* deviam ter pego o cd. Isso explicaria o fio de linha que estava no chão perto da porta. *Eles* haviam entrado. Era isso que ele ia dizer. Scarpetta não mencionara o livro ou o cd escondido para Morales ou Benton. Ela não podia dizer que estavam lá e não podia dizer que não estavam. Era a médica de Oscar Bane. O que ocorrera entre eles continuava sendo confidencial, dentro dos limites da racionalidade.

"Você tem alguma coisa em que possa anotar?", perguntou Lucy. "Vou lhe passar os telefones da doutora Elizabeth Stuart. A dermatologista."

"Eu sei quem ela é."

Lucy explicou que a fotografia fora enviada por e-mail para Terri Bridges no dia 3

de dezembro, perto do meio-dia, de uma *lan house* que ficava diante do consultório da dra. Stuart. Ela deu a Scarpetta um número de celular e o telefone de uma suíte presidencial comprada em sistema de compartilhamento no hotel St. Regis, em Aspen, no Colorado, dizendo que a dra. Stuart sempre se hospedava lá usando o sobrenome do marido, que era Oxford.

"Peça para falar com o doutor Oxford", disse Lucy. "É impressionante quanto as pessoas revelam, mas não contei isso para mais ninguém. Jaime tem essa coisa de querer que eu faça tudo pelos canais legais, dá para imaginar? Bom, você pode fazer uma pergunta a Morales por mim e então pedir que Benton me ligue?"

"Estou me aproximando deles agora."

"Estou no saguão do prédio de Terri, conectada à rede sem fio, que é acessível de todos os apartamentos", disse Lucy. "E ela está com a difusão ativada, o que significa que é visível para todo mundo que a acessa. Tem um aparelho conectado nela."

Os aparelhos de ginástica de Oscar ficavam no quarto de dormir, com uma cama encoberta por papel alumínio no meio, e Benton e Morales estavam conversando lá.

"O que exatamente você quer que eu pergunte a ele?"

Scarpetta podia ver por que Morales era considerado atraente pelas mulheres e por que quase todos os outros, incluindo juízes, o respeitavam de má vontade, embora se ressentissem dele. Ele a fazia lembrar de alguns atletas importantes que eram bolsistas na Cornell na mesma época em que fizera faculdade lá, jovens agressivos e incrivelmente autoconfiantes que compensavam por sua pequena estatura sendo fortes e rápidos, ousados e ofensivos. Eles não ouviam ninguém, davam pouca importância ao time e aos treinadores e eram intelectualmente preguiçosos, mas marcavam pontos e jogavam para o público. Não eram boas pessoas.

"Só pergunte a ele se sabe que há uma câmera", Lucy estava dizendo.

"Posso responder isso", disse Scarpetta. "Morales instalou uma câmera de segurança no topo do prédio. Marino sabe disso. Jaime está com você?"

Scarpetta não se dera conta de por que perguntara até as palavras saírem de sua boca. Era algo que pressentia, talvez desde a primeira vez em que as vira juntas quando Lucy era pouco mais que uma criança, ao menos para Scarpetta, praticamente uma criança. Berger era uns quinze anos mais velha.

Qual era a importância daquilo?

Lucy certamente não era uma criança.

Ela estava explicando para Scarpetta que Berger e Marino tinham ido do outro lado da rua conversar com uma testemunha. Já fazia cerca de meia hora que Lucy não estava com eles.

Talvez fosse o simples fato lógico de que uma promotora tão ocupada e

importante quanto Jaime Berger dificilmente passaria horas e horas de uma noite dentro de um loft no Greenwich Village vendo um computador rodar um programa. Qualquer coisa que Lucy descobrisse poderia ter sido relatada por telefone ou e-mail. Embora Berger fosse conhecida por colocar a mão na massa e ser extremamente energética e obstinada, indo em pessoa às cenas de crime, ordenando que as provas fossem analisadas de imediato e de vez em quando até aparecendo no necrotério quando havia uma autópsia que ela queria ver e a dra. Lester não fosse a médica-legista que ia fazê-la, a promotora não ficava olhando para computadores. Não pegava uma cadeira nos laboratórios e observava uma cromatografia gasosa, uma microscopia, uma análise das provas vestigiais ou uma amplificação de dna com baixo número de cópias.

Berger dava ordens para as tropas e fazia reuniões para saber quais eram os resultados. Scarpetta ficava incomodada ao pensar em Lucy e Berger passando horas sozinhas naquele loft. Sua inquietação provavelmente remontava à última vez em que vira as duas juntas, cinco anos antes, quando aparecera de surpresa na cobertura de Berger.

Scarpetta não esperara encontrar Lucy lá, revelando para a promotora o que acontecera naquele quarto de hotel em Szczecin, na Polônia, e dando detalhes que até hoje sua tia não sabia.

A médica-legista sentia que não era mais o centro da vida da sobrinha. Ou talvez adivinhara que isso fosse acontecer, que um dia não seria mais. Era a verdade, sua verdade egoísta.

Scarpetta disse a Benton que Lucy precisava falar com ele. Ele hesitou, esperando por um sinal que indicasse que ela não se incomodava.

"Vou olhar os armários do banheiro dele", ela disse, e esse foi seu sinal.

Era melhor Benton sair do quarto para poder ter uma conversa particular.

"Estarei no fim do corredor", disse Benton, digitando um número em seu celular.

Scarpetta sentiu Morales observando-a enquanto entrava no banheiro de Oscar. Quanto mais ela via a maneira como ele vivia, mais ficava deprimida pela óbvia deterioração de seu estado mental. Os frascos no armário do banheiro deixavam claro que Oscar acreditava nos próprios pesadelos, e a data dos diversos medicamentos comprados com receita médica também confirmava a maneira como as coisas haviam se desenrolado.

Scarpetta encontrou lisina, ácido pantotênico, ácido fólico, aminoácido, cálcio, iodo e alga kelp, o tipo de suplemento tomado por pessoas que haviam sido expostas à radiação ou que temiam ter sido. Abaixo da pia estavam frascos grandes de vinagre que ela suspeitava que Oscar acrescentava à água do banho. E no início de outubro ele havia comprado um frasco de eszopiclona, que era usada no tratamento da insônia. Desde então, Oscar comprara refil duas vezes, e da última vez o fizera

numa farmácia da rede Duane, no dia 27 de dezembro. O nome da médica que prescrevera o medicamento era dra. Elizabeth Stuart. Scarpetta ia ligar para ela, mas não agora, e não dali.

Ela começou a revistar um pequeno armário onde Oscar guardava remédios que não precisavam de receita e materiais de primeiros-socorros, como curativos, álcool, gaze — e um lubrificante chamado Aqualine. Scarpetta estava examinando-o quando Morales entrou. O pote aberto não tinha mais o adesivo com o preço, por isso ela não fazia ideia de onde fora comprado.

"Isso não é parecido com Vaselina?", ele perguntou.

"É", respondeu Scarpetta.

"Você acha que dá para descobrir nos laboratórios se essa é a mesma coisa que foi coletada na vagina dela?"

"Isso é mais usado como um unguento curativo", ela disse. "Para tratar queimaduras, pele irritada ou assada, dermatite atópica, eczema, esse tipo de coisa. Oscar não tem nada disso, aliás. É popular entre os corredores, ciclistas, praticantes de marcha atlética. Muito comum. Dá para comprar em qualquer farmácia e na maioria dos mercados."

Era quase como se ela estivesse defendendo Oscar Bane.

"É. A gente sabe que o pequeno Oscar gosta muito de andar, aquele chato do pé chato. O porteiro disse que ele sai para caminhar quase todos os dias, não importa o tempo. A escada está no topo do prédio, não é esquisito? O pessoal da administração não sabe por quê. Estou achando que o carinha subiu pela escada de incêndio, entrou por uma das janelas deste apartamento e depois saiu pelo acesso do teto e levou a escada consigo. Isso explica por que ela está no topo do prédio."

"Por que ele faria isso?"

"Para entrar aqui." Morales olhou intensamente para Scarpetta.

"Se ele abrisse uma das janelas, não ia disparar o alarme?", ela perguntou.

"Ele disparou. Liguei para a empresa que instalou para inves-ti-gar. Pouco depois de Oscar ter saído do Bellevue, o alarme disparou. A empresa ligou para cá e um homem atendeu, disse que tinha sido um acidente e deu a senha. O barulho não é muito alto. O resto do prédio não teria como ouvir, principalmente se foi desativado rapidamente. Então, o que você acha?"

"Não acho nada."

"Porra, você acha alguma coisa de tudo, doutora cnn. É conhecida por isso. É conhecida por todos os seus achados maravilhosos."

Morales andou até o armário que ela estava revistando. Ele esbarrou nela ao pegar o pote de Aqualine.

"Em termos químicos", disse Morales, "a gente poderia descobrir se isso é a mesma coisa que foi coletada no corpo dela, certo?"

“Certamente”, respondeu Scarpetta. “Você poderia determinar o que isso não é, como gel ky, que tem certos aditivos antissépticos e conservantes, como hidróxido de sódio e metilparabeno. A Aqualine não contém conservantes, é composta basicamente por óleo mineral e gelatina de petróleo. Tenho quase certeza de que nada parecido foi encontrado no apartamento de Terri. Pelo menos não há nada no inventário de provas, e eu revistei o armário de remédios, dei uma olhada em tudo quando estava lá agora mesmo. Você deve saber melhor que qualquer pessoa.”

“Isso não significa que ele não tenha levado o pote no seu kit de assassino e depois ido embora com ele. Não estou dizendo que Oscar fez isso, mas que o assassino fez. Tampouco estou dizendo que eles não são a mesma pessoa.”

Os olhos castanhos de Morales estavam intensamente fixos nos dela. Ele parecia estar se divertindo e estar zangado ao mesmo tempo.

“Mas você acertou na mosca quando disse que nada foi encontrado no apartamento dela”, ele afirmou. “Ontem à noite eu não sabia que tínhamos que procurar por um lubrificante, porque a autópsia ainda não fora feita. Quando voltei lá, eu já sabia.”

Essa era a primeira vez que Scarpetta ouvia falar que ele voltara, e ela pensou no escritório de Terri e no comentário de Marino de que o carpete lá dentro parecia escovado.

“Depois que seu amiguinho Marino encontrou os laptops dela, voltei e dei uma olhada no lugar para ter certeza de que não deixara escapar mais nada”, disse Morales. “Àquela altura eu já sabia dos resultados da autópsia, já tinha falado com Lester Leprosa. Então procurei pelo lubrificante. Mas não, não achei nada.”

“A gente reparou no carpete do escritório dela”, disse Scarpetta.

“Aposto que sim”, ele disse. “Minha mãe me ensinou a não fazer bagunça, ajeitar a franja do tapete, ser zeloso e responsável. Por falar nisso, melhor eu ensacar algumas dessas coisas. Falei para você que pedi um mandado de busca só para o caso de a gente achar alguma coisa boa?”

Morales deu um sorriso reluzente e cheio de dentes e piscou.

Eles voltaram para o quarto, onde ficavam todos os equipamentos de ginástica e a tenda de alumínio. Scarpetta abriu um armário e deu uma olhada rápida numa prateleira onde havia capacetes com forros de espuma e diversas antenas. Ela remexeu as roupas, que eram em sua maioria casuais, e viu que havia painéis de plástico nos bolsos de diversos blazers, o que era mais um tipo de escudo e a fez lembrar de Oscar comentando ansiosamente na enfermaria que não tinha nenhuma proteção com ele.

No chão havia pares de botas de neve, sapatos sociais, um tênis Nike e uma cesta de vime cheia de fortalecedores de mão, cordas de pular, pesos de prender no tornozelo e uma bola de ginástica vazia.

Scarpetta pegou o tênis Nike. Parecia velho e não muito adequado para um atleta sério com problemas em potencial nas juntas e nos pés.

"Estes são os únicos tênis de corrida?", ela perguntou a Morales. "O provável seria que ele tivesse um par melhor que este. Na verdade, vários."

"Sempre me esqueço do que o pessoal chama você", disse Morales.

Ele se aproximou dela.

"Olhos de águia", disse. "Entre outras coisas."

Morales estava tão perto que Scarpetta podia ver as sardas vermelhas espalhadas por sua pele marrom-claro e sentir o cheiro da colônia forte que ele usava.

"Oscar usa um tênis modelo Ariel da marca Brooks, feito sob medida para pessoas que têm problema de pronação e precisam de bastante estabilidade", ele disse. "É quase irônico."

Morales fez um gesto que abarcava o quarto todo.

"Eu diria que seu fã Oscar precisa de toda a estabilidade possível", acrescentou. "É bom para quem tem os pés chatos. É um tênis largo com uma sola exclusiva. Peguei o par que ele estava usando ontem à noite e deixei no laboratório. Junto com as roupas dele."

"E isso significa que ele estava usando o que, exatamente, quando saiu do Bellevue há pouco tempo?"

"Outra pergunta dos Olhos de águia."

Scarpetta ficava se afastando dele, que continuava a se aproximar. Ela estava quase dentro do armário e colocou o tênis Nike de volta no chão, fazendo um desvio para se livrar de Morales.

"Ontem à noite, quando concordei em levar Oscar para o hotel dos malucos", disse Morales, "fiz um pequeno acordo. Disse que, se ele me deixasse ficar com suas roupas, passaríamos aqui antes para que ele pudesse pegar uma malinha. Aí, ele teria tudo que precisasse quando quisesse ir embora."

"Parece que você estava esperando que ele não fosse ficar muito tempo lá."

"Eu estava esperando exatamente isso. Oscar não ia ficar muito tempo porque só foi para lá para ver Benton e, principalmente, você. Realizou seu sonho e deu no pé."

"Ele entrou aqui sozinho ontem à noite para pegar a tal malinha de roupas?"

"Oscar não tinha sido preso. Podia fazer o que quisesse. Fiquei esperando no carro e ele entrou, levou mais ou menos uns dez minutos. No máximo. Talvez seja por isso que o fio de linha, a armadilhazinha dele, estava no chão. Ele se esqueceu de colocá-lo sobre a porta ao sair. Estava um pouco chateado."

"A gente sabe o que há na mala dele?"

"Uma calça jeans, uma camiseta azul-marinho, outro par de tênis de corrida Ariel da Brooks, meias, roupa de baixo e um casaco de lã com zíper. Tem um inventário

na ala de prisioneiros. Jeb deu uma olhada. Você conheceu Jeb."

Scarpetta não disse nada. Eles estavam do lado da tenda de papel alumínio, olhos nos olhos.

"O guarda que ficou tomando conta da porta esta tarde. Para ter certeza de que você estava segura", disse Morales.

Ela levou um susto ao ouvir Rod Stewart cantando "Do ya think I'm sexy?".

Era o toque do palmtop de Morales, que era enorme e caro.

Ele apertou o Bluetooth e atendeu dizendo "oi".

Scarpetta saiu do quarto e encontrou Benton dentro da biblioteca, com as mãos enluvadas segurando uma cópia de um livro, *A gangue do tear aéreo*.

"É sobre uma máquina que controla a mente de alguém no fim do século xviii. Tudo bem com você? Não quis interferir. Imaginei que gritaria se precisasse que eu fosse lá pulverizá-lo", disse.

"Ele é um babaca."

"Não tenho dúvida."

Benton devolveu o livro ao espaço vazio que havia ficado na prateleira.

"Eu estava falando de *A gangue do tear aéreo*", disse. "Este apartamento parece saído dela. Coisa de maluco."

"Eu sei."

Eles se olharam nos olhos, como se Benton estivesse esperando que ela lhe contasse algo.

"Você sabia que Oscar levou uma mala de roupas para o hospital, para o caso de querer sair?", perguntou Scarpetta. "E que Morales o trouxe aqui ontem à noite?"

"Eu sabia que Oscar podia sair de lá a hora que quisesse", respondeu Benton. "Todos sabíamos disso."

"Acho inacreditável. É quase como se Morales estivesse encorajando-o a ir embora, como se quisesse que ele saísse do hospital."

"Por que você acharia isso?"

"Por causa de algumas coisas que ele disse."

Ela olhou para a porta aberta, temendo que Morales entrasse subitamente.

"Uma sensação de que houve uma extensa negociação ontem à noite quando ele estava indo embora com Oscar da cena do crime, por exemplo", disse Scarpetta.

"Isso não seria incomum."

"Você entende a situação complicada em que estou", ela disse, olhando os livros antigos de novo e ficando desapontada mais uma vez.

Oscar dissera que o livro com o cd estaria na segunda estante, à esquerda da porta, na quarta prateleira. O livro não estava lá. A quarta prateleira estava cheia de caixas de arquivo, com *Publicações* escrito em cada uma delas.

"O que deveria haver na coleção de Oscar e não há, em sua opinião? O que a

tornaria mais completa?", perguntou Benton por algum motivo.

"Por que você pergunta?"

"Há um guarda chamado Jeb que me conta coisas. Infelizmente, ele conta coisas para muita gente, mas não queria de jeito nenhum que você se machucasse hoje na enfermaria, e não ficou feliz quando o obrigou a sair da sala. Quando liguei para o Bellevue e descobri que Oscar tinha ido embora, eu e Jeb tivemos uma conversinha. Bom, o que está faltando aqui?"

"Fiquei surpresa por ele não ter *As experiências de um médico de hospício*. De Littleton Winslow."

"Isso é interessante", disse Benton. "Interessante você ter pensado nisso."

Scarpetta puxou a manga dele, e eles se agacharam no chão diante da segunda estante.

Ela foi tirando caixas de arquivo da prateleira de baixo e estava começando a se sentir desnorteada, como se tivesse perdido seu gps ou qualquer coisa que pudesse lhe dizer qual direção era a correta. Scarpetta não sabia quem era louco e quem não era, quem estava mentindo e quem estava dizendo a verdade, quem estava se comunicando com quem, ou que outra pessoa que ela não deveria ver apareceria de repente.

Abriu uma caixa de arquivo e encontrou uma variedade de panfletos do século xix sobre amarras mecânicas e hidroterapia.

"Achei que ele teria esse livro", disse Scarpetta.

"Ele não tem porque esse livro não existe", disse Benton, com o braço pressionado contra o dela enquanto liam panfletos.

A presença física dele era tranquilizadora, e ela precisava senti-la.

"Não escrito por esse autor", acrescentou Benton. "*As experiências de um médico de hospício* foi escrito por Montagu Lomax cerca de cinquenta anos após Littleton Winslow, filho de Forbes Winslow, que escreveu *Alegação de insanidade*, ter escrito seu *Manual da demência*."

"Por que Oscar mentiria?"

"Ele não confia em ninguém. Realmente acredita que está sendo espionado. Pode ser que os malvados escutem onde ele escondeu sua única prova, então ele manda uma mensagem em código para você. Ou talvez esteja confuso. Pode estar testando você. Se você gostasse dele o suficiente, entraria na biblioteca, como entrou, e compreenderia. Pode haver diversos motivos."

Scarpetta abriu outra caixa de arquivo, cheia de publicações sobre Bellevue.

Oscar dissera que Scarpetta e Benton se interessariam por sua coleção de documentos sobre o centro hospitalar.

Scarpetta pegou um manual sobre amamentação e um diretório interno listando todos os médicos e cirurgiões que haviam trabalhado lá entre 1736 e 1894. Pegou

uma pilha de publicações e palestras, sendo que a mais antiga era de 1858.

No fundo da caixa havia um pen drive preso a uma corda.

Ela tirou as luvas, embrulhou o pen drive nelas e entregou-as para Benton.

Scarpetta se levantou e sentiu a presença de Morales antes de vê-lo na porta. Tomara que não tivesse visto o que ela acabara de fazer.

"A gente tem que ir embora agora", disse Morales.

Ele estava segurando um saco de papel com provas dentro, e selara o topo com uma fita adesiva vermelha.

Benton devolveu a caixa de arquivo para a prateleira de baixo e se levantou também.

Scarpetta não viu nem sinal do pen drive embrulhado na luva. Ele devia tê-lo colocado no bolso.

"Jaime e Marino estão do outro lado da rua — não aqui, na frente do prédio de Terri em Murray Hill", disse Morales, nervoso e impaciente. "Sabe a testemunha que fez aquela denúncia de crueldade com os animais? Não está atendendo o telefone nem o interfone. A luz está apagada na entrada do prédio e a porta externa está trancada. Marino disse que, quando passou lá mais cedo, a porta externa não estava trancada."

Eles estavam saindo do apartamento de Oscar. Morales não se incomodou em reativar o alarme.

"Parece que tem uma escada de incêndio e um acesso pelo topo do prédio", ele disse, tenso e impaciente. "O acesso está aberto."

Ele também não se incomodou em fechar o trinco.

28

Um morador havia voltado de viagem desde que Marino passara ali mais cedo, o homem do apartamento 2C, no segundo andar. Quando o investigador fora até a lateral do prédio poucos minutos antes, vira luzes acesas e o brilho bruxuleante de uma televisão por detrás da persiana opaca.

Marino sabia o nome do morador porque sabia o nome de todo mundo. Até aquele momento, o dr. Wilson, um médico-residente de Bellevue de vinte e oito anos, não atendera o interfone.

Marino tentou mais uma vez enquanto Berger e Lucy enfrentavam o vento frio, observando e aguardando.

"Doutor Wilson", ele disse, apertando o botão do interfone. "Aqui é a polícia de novo. Não queremos forçar nossa entrada no prédio."

"Você ainda não disse qual é o problema." Uma voz de homem, presumivelmente do dr. Wilson, soou pela caixa de som que ficava ao lado da porta.

"Aqui é o investigador Marino, da polícia de Nova York", repetiu, atirando as chaves de seu carro para Lucy. "Precisamos entrar no 2D. O apartamento de Eva Peebles. Se o senhor olhar pela janela, vai ver meu Impala azul-marinho, que não tem a pintura de um carro de polícia, ok? Mas uma policial vai acender a sirene para o senhor poder ver que é um carro de polícia, sim. Entendo que o senhor hesite em abrir a porta, mas não queremos forçar nossa entrada no prédio. Quando o senhor entrou, viu sua vizinha?"

"Não dá para ver nada. Está escuro demais aí fora", respondeu a voz.

"Jura, espertinho?", disse Marino para ninguém em particular, sem apertar o botão para que o dr. Wilson não conseguisse ouvir. "Ele estava fumando maconha, quer apostar? Por isso não quer deixar a gente entrar. É o doutor Wilson que está falando?", perguntou ele pelo interfone.

"Não preciso responder suas perguntas e não vou destrancar a porta da rua. Não depois do que aconteceu no prédio em frente. Quase não voltei para cá."

Uma das janelas dele foi aberta, e a persiana se moveu.

Marino tinha certeza de que o cara estava doidão, e lembrou o que a sra. Peebles dissera sobre o vizinho que fumava maconha. Filho da puta. Está mais preocupado com uma acusação de porte de drogas do que com a viúva idosa do apartamento em frente que pode estar com algum problema.

"Senhor, preciso que destranque a porta agora. Se olhar pela janela, vai ver que a luz da entrada está apagada. O senhor apagou a luz quando entrou no prédio mais

cedo?”

“Eu não encostei em nenhuma luz”, disse a voz do homem, e agora ele parecia nervoso. “Como posso saber se você é mesmo da polícia?”

“Deixe-me tentar”, disse Berger, e ela apertou o botão do interfone no painel à direita da porta enquanto Marino o iluminava com a lanterna, porque eles estavam completamente no escuro.

“Doutor Wilson? Aqui é Jaime Berger, da Promotoria de Justiça. Precisamos ver se sua vizinha está bem, mas não podemos fazer isso se o senhor não nos deixar entrar no prédio.”

“Não”, retrucou a voz. “Mande alguns carros de polícia de verdade aparecerem que eu penso no caso.”

“Isso provavelmente piorou as coisas”, disse Marino para ela. “Ele estava fumando maconha lá dentro, garanto. Por isso abriu a bosta da janela.”

Lucy estava dentro do carro de Marino, e as luzes vermelhas e azuis de alta intensidade começaram a piscar e a refletir no vidro.

“Não mudei de ideia”, retrucou a voz de novo, ainda mais resoluta. “Qualquer um pode comprar essas luzes.”

“Deixe-me falar com ele”, pediu Berger, protegendo os olhos dos jatos ofuscantes de luz azul e vermelha.

“Vamos fazer o seguinte, doutor Wilson”, disse Marino no interfone. “Vou lhe passar um telefone para o qual quero que o senhor ligue. Quando o operador atender, diga a ele que tem um cara do lado de fora do seu prédio dizendo que é o investigador P. R. Marino, ok? Peça que verifique a informação, porque sabem que estou bem aqui agora com a promotora de Justiça de Manhattan, Jaime Berger.”

Silêncio.

“Ele não vai ligar”, disse Berger.

Lucy subiu os degraus da escada aos pulos.

Marino disse para ela: “Que tal me fazer outro favor enquanto fico aqui de babá?”.

O investigador pediu que Lucy voltasse para o carro e passasse um rádio para o operador. Lucy perguntou a ele o que acontecera com seu rádio portátil, ou se por acaso a polícia não se incomodava mais em distribuí-los. Marino explicou que o deixara no carro e pediu que ela o pegasse enquanto pedia ao operador que enviasse um carro de polícia sem a pintura característica e um kit de entrada, incluindo um aríete. Lucy disse que aquela porta era velha, e que eles provavelmente conseguiriam abri-la com um pé de cabra. Mas Marino disse que queria mais que um simples pé de cabra, queria que aquele médico metido a besta que estava doidão no segundo andar desse uma boa olhada num aríete turbo duplo como o que eles usavam para derrubar portas nas bocas de fumo e que talvez nem precisassem usá-

lo, pois o babaca ia abrir a porta para eles. Ele mandou Lucy pedir uma ambulância também, só para o caso de Eva Peebles precisar de uma.

Ela não atendia o telefone nem o interfone. Marino não conseguia ver se havia alguma luz acesa em seu apartamento. A janela que ficava diante do computador estava escura.

Ele não precisou dar os códigos de rádio nem outra instrução para Lucy. Ninguém precisava ensinar a Lucy droga nenhuma sobre ser uma policial. Quando Marino a observou entrando em seu carro, sentiu uma pontada de nostalgia. Ele sentia saudades dos velhos tempos, quando os dois andavam juntos de moto, iam caçar, trabalhavam em investigações ou descansavam bebendo cerveja. Marino se perguntou com que tipo de arma Lucy estaria.

Ele sabia que ela estava com alguma coisa. Em primeiro lugar, nem morta Lucy ia sair por aí desarmada, mesmo em Nova York. E Marino reconhecia uma jaqueta com bolso para esconder a arma quando via uma, e notara a dela no instante em que Lucy saíra do táxi, quando ele e o outro policial estavam colocando a cadeira embrulhada na parte de trás da van. O que parecia ser uma jaqueta de couro preto normal de motoqueiro tinha um bolso externo de fácil acesso grande o suficiente para guardar qualquer pistola.

Talvez Lucy estivesse com a Glock calibre quarenta com laser que ele dera para ela no Natal do ano anterior, quando estavam em Charleston. Bom, isso seria bem típico do azar dele. Marino nunca chegara a colocar a arma no nome de Lucy antes de desaparecer da vida dela, portanto, se ela fizesse qualquer coisa ensandecida, a polícia ia ver que a porra do registro estava no nome dele. Ao mesmo tempo, a ideia de que Lucy talvez gostasse tanto da arma que se arriscara a violar a lei de Nova York e de repente até ir para a cadeia o fazia sentir bem. Ela podia ter a arma que quisesse. Podia comprar uma fábrica de armas inteira, provavelmente várias.

Lucy saiu do carro de Marino como se lhe pertencesse, e ele pensava que devia perguntar logo se ela estava com alguma arma e, se estivesse, qual era, mas não fez isso. Lucy postou-se ao lado de Berger. Havia algo acontecendo entre elas, e isso não escapara a Marino, da mesma maneira como a jaqueta com o bolso para armas. Berger não ficava perto de ninguém, fosse de pé ou sentada. Ela não deixava ninguém romper a barreira invisível que precisava ter em torno de si, ou que acreditava precisar. Mas ela tocava Lucy, apoiava-se nela, observava-a.

Lucy entregou o rádio portátil a Marino.

"Você deve estar um pouco enferrujado. Fazia tempo que não trabalhava como um policial de verdade, não é?" Lucy falou para ele com um tom grave e uma expressão séria no rosto, pelo pouco que Marino podia ver dela no escuro. "Má ideia deixar seu rádio no carro. São pequenos deslizes assim que podem deixar alguém machucado da próxima vez."

“Se quiser fazer uma aula com você, eu me matriculo”, ele disse.

“Vou ver se tem vaga.”

Marino ligou seu rádio portátil e entrou em contato com o carro que estava a caminho para descobrir onde se encontrava.

“Estou dobrando a esquina agora”, foi a resposta.

“Ligue a sirene e as luzes do carro”, disse Marino.

Ele apertou o botão do interfone.

“Alô?”, respondeu a voz.

“Doutor Wilson. Abra a porta agora ou vamos derrubá-la!”

Uma sirene gritou, e Marino ouviu um apito e abriu a porta. Ele apertou o interruptor, ligando a luz que havia no pequeno saguão, e logo em frente estava a velha escada de carvalho polido que levava para os apartamentos. Marino tirou a pistola do bolso enquanto ligava o rádio de novo e dizia aos reforços para desligarem as luzes e a sirene do carro e ficarem ali mesmo, tomando conta da frente do prédio. Ele subiu a escada correndo, com Lucy e Berger logo atrás.

Quando chegaram ao segundo andar, o investigador pôde sentir o ar frio entrando pelo acesso ao topo do prédio, que estava aberto. Além disso, as luzes estavam apagadas, e ele tateou a parede procurando o interruptor. Marino podia ver o céu noturno pela abertura no teto, mas não encontrou a escada, o que ativou seu senso de urgência e seus dons premonitórios. O mais provável era que a escada estivesse no teto. Ele parou ao chegar no 2D e notou que a porta não estava completamente fechada. Marino tirou Berger da frente e olhou nos olhos de Lucy por um instante. Seu sistema estava em alerta máximo quando ele empurrou a porta com o pé e ela bateu de leve na parede de dentro.

“Polícia!”, gritou Marino, e já havia sacado sua arma, que segurava com ambas as mãos com o cano apontado para cima. “Tem alguém aqui? Polícia!”

Ele não precisou mandar Lucy direcionar o facho da lanterna para dentro do cômodo. Ela já estava fazendo isso, e então seu braço passou como uma cobra pelo ombro de Marino e ela apertou um interruptor, fazendo com que um velho lustre todo trabalhado iluminasse a sala com uma luz suave. Marino e Lucy entraram e indicaram com gestos que Berger devia ficar atrás deles. Então ninguém se moveu por um momento. Eles olharam em torno. Suor frio deslizava pelas costas e pelas laterais do corpo de Marino, e ele enxugou a testa com a manga conforme seus olhos iam da poltrona de veludo amarelo-claro onde ele sentara mais cedo para o sofá onde a sra. Peebles ficara bebendo seu bourbon. A tv de tela plana presa na parede estava ligada, com o som no mudo, e o Encantador de Cães falava em silêncio com um beagle que rosnava.

Velhas venezianas de madeira estavam fechadas em todas as janelas. Lucy estava perto do computador na escrivaninha e apertou uma tecla. A tela do computador foi

tomada pelo que parecia ser uma versão enlouquecida do site *Quem Ver na Metrópole*.

As letras de *Quem Ver na Metrópole* formavam que verme na metrópole. A silhueta dos prédios de Nova York estava negra contra um céu vermelho que reluzia, a árvore de Natal do Rockefeller Center estava de cabeça para baixo no Central Park, uma tempestade de neve surgiu, raios rasgaram o céu e trovões ribombaram dentro da loja de brinquedos fao Schwarz pouco antes de a Estátua da Liberdade parecer explodir.

Berger ficou olhando para aquilo em silêncio. Ela encarou Lucy.

"Pode ir", Lucy disse a Marino, indicando que daria cobertura para Berger e para ele enquanto o investigador começava a checar o resto do apartamento.

Marino olhou na cozinha, no lavabo, na sala de jantar, e então se viu diante de uma porta fechada que dava no que presumia ser o quarto. Ele girou a maçaneta de vidro talhado e empurrou a porta com o dedão do pé enquanto apontava a arma para toda a extensão do quarto. Estava vazio, e a cama king-size estava arrumada e coberta por uma colcha xadrez com cachorros bordados. Na mesa de cabeceira havia um copo vazio e, num dos cantos, uma pequena gaiolinha para bichos de estimação, mas nem sinal de um cachorro ou de um gato.

Os abajures haviam sido tirados das duas mesas de cabeceira e colocados um de cada lado de uma porta aberta, iluminando um pedaço do chão de azulejos brancos e pretos. Marino se posicionou num dos lados da porta e foi se aproximando sem fazer barulho. Ele girou a arma e mirou, ao mesmo tempo que notou um leve movimento antes de ver o que era.

O corpo nu e frágil de Eva Peebles estava suspenso por uma corda dourada feita de algo que parecia cetim. A corda estava em torno do pescoço dela, amarrada a uma corrente que pendia do teto. Seus pulsos e tornozelos estavam bem presos com amarras de plástico transparentes, e os dedos dos pés raspavam no chão. O ar frio que entrava pela janela aberta criara uma oscilação arrepiante, com o corpo girando devagar primeiro para uma direção e depois para outra, conforme a corda ia se torcendo e distorcendo sem parar.

Scarpetta temia que a pessoa que assassinara Eva Peebles, uma senhora de setenta e dois anos, também tivesse matado Terri Bridges. Ela temia que aquela pessoa fosse Oscar Bane.

O pensamento surgira em sua cabeça no minuto em que entrara no quarto e vira os abajures no chão e o corpo suspenso por uma corda dourada que fora removida de uma cortina na sala de jantar e presa a uma corrente de ferro curta. A luminária de alabastro em forma de meio globo que costumava ficar presa ao gancho da corrente

estava dentro da banheira, sobre uma pilha de roupas dobradas. Scarpetta estava tirando fotos da porta e de lá podia ver que as roupas tinham sido cortadas na altura das costuras e removidas da vítima após seus tornozelos e pulsos já estarem amarrados, muito provavelmente enquanto ela ainda estava viva.

Na tampa branca da privada, que estava fechada, havia diversas pegadas muito nítidas não muito maiores que as de um menino, mostrando uma sola que tinha um desenho singular. Parecia que o agressor ficara de pé sobre a privada para alcançar a luminária. Daquela altura, uma pessoa de um metro e vinte e três poderia ter feito todo o resto sem problemas, principalmente se fosse forte.

Se no fim das contas Oscar Bane fosse o assassino, Scarpetta havia interpretado e julgado mal, em parte baseada no que uma fita métrica lhe dissera. Além disso, ela se guiara por sua integridade profissional, mas não havia lugar para erros ou sigilo quando pessoas estavam morrendo. Talvez Scarpetta devesse ter ficado de boca fechada e encorajado a polícia a encontrar Oscar imediatamente, ou feito de tudo para impedir que ele saísse do Bellevue. Ela poderia ter dado a Berger um motivo para prendê-lo. Poderia ter dito diversas coisas, sendo que uma das mais importantes era que Oscar causara seus próprios ferimentos, mentira para a polícia quando falara neles, mentira ao dizer que encontrara um intruso, mentira ao dizer por que seu casaco estava no carro, mentira ao falar do livro e do cd em sua biblioteca. Os fins teriam justificado os meios, porque ele não estaria solto por aí, e talvez Eva Peebles não estivesse pendurada no teto.

Scarpetta tinha se preocupado demais em ser a droga da médica de Oscar. Ela cometera o erro de gostar dele, de sentir compaixão. Deveria se manter longe dos suspeitos, restringir-se às pessoas que não podem mais sofrer e que portanto são mais fáceis de escutar, questionar e examinar.

Berger voltou ao quarto e ficou a uma distância correta, pois tinha experiência com cenas de crime e não estava usando roupas protetoras descartáveis como as que cobriam Scarpetta dos pés à cabeça. A promotora não era o tipo de pessoa que permitia que a curiosidade fosse mais forte que a cabeça fria. Sabia exatamente o que fazer e o que não fazer.

"Marino e Morales estão com a única pessoa do prédio que voltou das férias", disse Berger. "Um cara que você nunca ia querer que fosse o médico da sua família e em cujo apartamento, pelo que me disseram, está fazendo uns dez graus porque as janelas estão abertas. Ainda dá para sentir o cheiro de maconha. Colocamos policiais do lado de fora para ter certeza de que mais ninguém vai entrar no prédio e Lucy está dando uma olhada no computador da sala."

"O vizinho", disse Scarpetta. "Ele não notou que a droga do acesso ao topo do prédio estava aberta e que todas as luzes estavam apagadas? A que horas chegou em casa?"

Ela ainda estava observando a cena antes de tocar em qualquer coisa, e o corpo girava devagar à luz tremulante dos abajures.

"O que sei até agora é isso", disse Berger. "Ele disse que voltou para casa lá pelas nove e que nessa hora as luzes não estavam apagadas e o acesso ao topo não estava aberto. Ele adormeceu na frente da tv e não ouviu nada, partindo do pressuposto de que alguém entrou no prédio."

"É quase certo que alguém entrou no prédio."

"A escada que leva ao acesso ao topo fica guardada num armário de utilidades aqui em cima — assim como no prédio do outro lado da rua. Benton disse que a escada definitivamente está no topo do prédio. Parece que o agressor conhecia o edifício ou edifícios iguais a este, como o de Terri, e encontrou a escada. Ele saiu pelo topo e puxou a escada lá para cima."

"E a teoria para explicar como entrou?"

"A teoria do momento é que Eva Peebles deixou o cara entrar. Aí, ele apagou as luzes quando estava subindo até o apartamento dela. Ela devia conhecê-lo ou ter um motivo para confiar nele. Mais uma coisa. O vizinho disse que não ouviu nenhum grito. O que é interessante. É possível que ela não tenha gritado?"

"Deixe-me dizer o que estou vendo", disse Scarpetta. "Então você vai poder responder à sua própria pergunta. Primeiro, mesmo sem me aproximar mais, posso ver pelo rosto vermelho dela, pela língua saindo da boca, pelo ângulo agudo do laço da corda que está bem próximo do queixo e com um nó apertado abaixo da orelha direita, e pela ausência de quaisquer outras marcas de ligadura aparentes, que a causa da morte provavelmente foi asfixia por enforcamento. Em outras palavras, acho que não vamos descobrir que ela foi garroteada ou estrangulada por uma ligadura primeiro e depois seu cadáver foi suspenso por uma corda de cortina presa à corrente de uma luminária."

"Ainda não consigo responder à minha pergunta", disse Berger. "Não sei por que ela não teria gritado a plenos pulmões. Alguém amarra seus pulsos atrás das costas, seus tornozelos — com toda força, com uma espécie de algema de plástico. E você está nua..."

"Não é uma algema de plástico. Parece o mesmo tipo de amarra usada nos pulsos de Terri Bridges. Outra coisa igual à do caso de Terri? As roupas foram cortadas." Scarpetta apontou para o que estava dentro da banheira. "Acho que ele quer que a gente saiba a cronologia do que faz. Parece fazer um esforço para deixar isso bem claro. Até deixou os abajures ali para a gente ver, já que a única luminária daqui, do banheiro, é a que ele removeu e colocou na banheira."

"Você está conjecturando que ele deixou os abajures assim por nossa causa?"

"Primeiro foi para ele mesmo. Precisava ver o que estava fazendo. Depois os deixou ali. Eles tornariam a cena mais aterrorizante para quem a encontrasse. Foi

para causar um choque."

"Mais ou menos como em Gainesville. A cabeça decepada na estante", disse Berger, olhando para além de Scarpetta, para o corpo girando devagar em sua pirueta infernal e zombeteira.

"Mais ou menos", disse Scarpetta. "Isso e o fato de o corpo ficar girando, que pode muito bem ser o motivo de a janela ter sido deixada aberta. Acho que esse foi o toque final dele antes de ir embora."

"Para acelerar artificialmente o processo de resfriamento do corpo."

"Acho que ele nem ligou para isso", afirmou Scarpetta. "Acho que abriu a janela para que o vento que entrava fizesse exatamente o que está fazendo. Que a obrigasse a dançar."

Berger observou em silêncio o corpo se movendo devagar.

Scarpetta pegou sua máquina e dois termômetros químicos com visor de lcd da maleta de cena do crime.

"Mas como há prédios para todo lado", disse Scarpetta num tom duro, "ele deve, no mínimo, ter fechado as persianas quando estava fazendo seu trabalho aqui. De outra maneira, alguém poderia ter visto tudo. Talvez filmado com um celular. Colocado no YouTube. Portanto ele teve a frieza de subir as persianas antes de ir embora, para se certificar de que o vento ia entrar e criar esse efeito especial."

"Lamento por você ter tido que encontrar Marino desse jeito", disse Berger, ciente da raiva de Scarpetta, mas não do motivo dela.

O humor da médica-legista nada tinha a ver com Marino. Ela lidara com aquele drama mais cedo e sentia que deixara aquilo para trás por enquanto. Não era importante agora. Berger não tinha familiaridade com o comportamento de Scarpetta em cenas de crime, pois jamais haviam estado numa juntas. Ela não tinha ideia de como a médica-legista ficava ao deparar com uma crueldade tão ostensiva, principalmente se temesse que uma das mortes pudesse ter sido evitada, que ela pudesse ter ajudado a evitá-la.

Fora uma maneira horrível de morrer. Eva Peebles sofrera dor física e terror abjeto enquanto seu assassino se divertia sadicamente com ela. Era um assombro e uma pena que não houvesse morrido de ataque cardíaco antes que ele a matasse.

A julgar pelo ângulo bastante agudo da corda que estava em volta de seu pescoço, Eva Peebles não perdera a consciência em pouco tempo, mas provavelmente tivera que suportar a agonia de não conseguir respirar enquanto a corda abaixo de seu queixo obstruía sua traqueia. A perda de consciência devido à falta de oxigênio pode fazer minutos parecerem uma eternidade. Eva Peebles teria chutado como uma louca se seus tornozelos não estivessem amarrados, e talvez fosse por isso que o agressor fizera aquilo. Talvez tivesse aperfeiçoado sua técnica após Terri Bridges, percebendo que era melhor não deixar as vítimas chutarem.

Scarpetta não viu sinais de que Eva Peebles tentara lutar contra o agressor, apenas uma mancha roxa com uma escoriação na canela esquerda. Era bem recente, mas essa era a única coisa que podia determinar.

Berger disse: "Você acha que ela já estava morta quando ele a pendurou na corrente?".

"Não, não acho. Acho que ele a amarrou, cortou suas roupas, colocou-a na banheira e então pôs a corda em torno de seu pescoço e levantou-a no ar, apenas até uma altura suficiente para que o peso de seu corpo apertasse o nó e comprimisse sua traqueia", disse Scarpetta. "Ela não podia se debater muito por causa das amarras. E era frágil. Tem no máximo um metro e sessenta e pesa no máximo cinquenta quilos. Essa foi fácil para ele."

"Ela não estava sentada numa cadeira. Então não teve que ver o que estava acontecendo."

"Dessa vez, acho que não. Não sei por que, é uma boa pergunta para Benton. Se o assassino for de fato o mesmo."

Scarpetta ainda estava tirando fotografias. Era importante que capturasse o que estava vendo antes de fazer qualquer outra coisa.

Berger perguntou: "Você tem alguma dúvida?".

"O que eu sinto ou penso não importa", disse Scarpetta. "Estou tentando não entrar nisso. Vou lhe dizer o que o corpo dela está me dizendo. Que há profundas semelhanças entre esse caso e o caso de Terri."

Ouviu-se o barulho do obturador da máquina seguido pelo do flash.

Berger se colocara numa das laterais da porta e olhava para dentro do banheiro com as mãos juntas nas costas. Ela disse: "Marino está na sala com Lucy. Ela acha que a vítima talvez tivesse alguma coisa a ver com o *Quem Ver na Metrópole*".

Scarpetta disse sem se virar: "Travar o site não foi uma boa maneira de lidar com essa história. Espero que você a convença disso. Ela nem sempre me ouve".

"Lucy disse algo sobre uma foto de Marilyn Monroe no necrotério."

"Não foi a maneira certa de lidar com o problema", disse Scarpetta para o flash da câmera. "Lamento que tenha feito isso."

O corpo girou lentamente, com a corda se torcendo e destorcendo. Os olhos azuis de Eva Peebles estavam arregalados e sem expressão, seu rosto era fino e enrugado. Fios de seu cabelo cor de neve estavam presos no laço da corda. A única joia que usava era uma fina corrente de ouro em volta do tornozelo esquerdo — como Terri Bridges.

"Ela admitiu que fez isso?", perguntou Scarpetta. "Ou você descobriu por eliminação?"

"Ela não admitiu nada para mim. Prefiro que continue assim."

"Tem muitas coisas que você prefere que ela não lhe diga", disse Scarpetta.

“Tenho muito a dizer a ela sem fazê-lo de uma maneira que possa ser uma desvantagem”, disse Berger. “Mas entendo perfeitamente o que você está dizendo.”

Scarpetta examinou o chão de azulejos pretos e brancos antes de pisar sobre ele com seus pés cobertos de papel. Ela colocou um dos termômetros na beira da pia e o outro na axila esquerda de Eva Peebles.

“Pelo que entendi”, disse Berger, “o vírus que travou o site, seja qual for, também permitiu que Lucy o hackeasse. O que possibilitou que ela entrasse no e-mail de Eva Peebles — não me peça para explicar como. Lucy encontrou uma pasta eletrônica contendo praticamente todas as colunas que já foram escritas para o *Quem Ver na Metrópole*, incluindo a que foi postada esta manhã e outra postada hoje mais tarde. E ela encontrou a foto de Marilyn Monroe, que Eva Peebles aparentemente abriu. Ou seja, parece que essa mulher”, ela estava falando da mulher morta, “não escreveu as colunas. Elas foram enviadas para ela de endereços de ip que Lucy disse ser anônimos, mas, já que essa é mais uma morte violenta possivelmente relacionada a e-mails, não vai ser um problema fazer com que o servidor nos diga a quem a conta pertence.”

Scarpetta entregou um bloco de notas e uma caneta para ela e disse: “Você pode anotar? A temperatura ambiente é de quinze graus. A temperatura do corpo é de trinta e um vírgula sete. Isso não nos diz muita coisa, já que ela é magra, está sem roupas e o cômodo vem sendo gradativamente resfriado. O rigor ainda não está aparente. Também não é surpresa. O resfriamento atrasa o surgimento dele, e a gente sabe que ela ligou para a emergência a que horas, exatamente?”.

“Às oito e quarenta e nove”, Berger anotou. “O que a gente não sabe é a que horas exatamente esteve na pet shop. Apenas que foi cerca de uma hora antes de ligar para a polícia.”

“Eu gostaria de escutar essa gravação”, disse Scarpetta.

Ela colocou as mãos no quadril do cadáver para impedir que ele continuasse a girar lentamente. Examinou-o com mais cuidado, explorando-o com a lanterna e notando um resíduo brilhante na área da vagina.

Berger disse: “Sabemos que ela afirmou acreditar que o homem que vira era Jake Loudin. Portanto, se tiver sido a última pessoa que a viu com vida...”.

“A questão é se ele foi literalmente a última pessoa. Sabemos se há alguma ligação pessoal entre Jake Loudin e Terri Bridges?”

“Só uma possível ligação que pode ser apenas uma coincidência.”

E Berger começou a contar a ela sobre o que Eva Peebles dissera a Marino mais cedo, a história da cadelinha que Terri não queria, uma Boston terrier chamada Chiclete. Ela continuou, explicando que não estava claro quem dera o animal doente para Terri, talvez tivesse sido Oscar. Talvez outra pessoa. Talvez ela tivesse sido comprada numa das lojas de Jake Loudin. Era difícil saber, talvez impossível.

"Nem preciso dizer para você que ele está muito chateado", disse Berger, e ela estava falando de Marino. "Esse é sempre o maior medo de qualquer policial. Você conversa com uma testemunha e depois a pessoa é assassinada. Ele vai ficar achando que poderia ter feito algo para impedir isso."

Scarpetta continuou a segurar o corpo enquanto olhava mais de perto para o material gelatinoso que havia nos pelos pubianos grisalhos e nas dobras dos lábios vaginais. Ela não queria fechar a janela — não antes de a polícia tê-la examinado com os materiais forenses que considerasse mais adequados.

"Uma espécie de lubrificante", disse Scarpetta. "Você pode perguntar a Lucy se o jatinho dela já decolou do La Guardia?"

Elas estavam a três cômodos uma da outra, mas Berger ligou para Lucy.

"Azar é sorte nesse caso. Peça para eles esperarem", Berger disse a Lucy. "Precisamos mandar mais uma coisa para lá... Ótimo. Obrigada."

Ela desligou e disse para Scarpetta: "Eles estão em alerta de vento forte. Ainda não decolaram".

29

As pegadas coletadas na tampa da privada do banheiro de Eva Peebles eram exatamente iguais à sola do tênis que Oscar Bane estava usando na noite anterior, quando dissera ter encontrado o cadáver de Terri.

Mais incriminadoras eram as impressões digitais na luminária de vidro que o assassino removera do teto e colocara dentro da banheira. Eram de Oscar. Um pouco após a meia-noite, foi expedido um mandado de prisão contra ele, e um alerta geral foi enviado por rádio e pela internet.

O "Anão Assassino" agora estava sendo chamado de "Anão Monstruoso", e a polícia do país inteiro estava à sua procura. Morales também alertara a Interpol, para o caso de Oscar conseguir enganar a segurança de algum aeroporto ou de um ponto da fronteira e sair do país. Muita gente dissera tê-lo visto. Na verdade, a última novidade do noticiário das três da manhã era que algumas pessoas com nanismo, principalmente homens jovens, estavam escolhendo ficar em casa para não sofrer agressões ou coisa pior.

Já eram quase cinco da manhã de quarta-feira, e Scarpetta, Benton, Morales, Lucy, Marino e uma investigadora de Baltimore que insistia em ser chamada por seu sobrenome, Bacardi, estavam na sala da cobertura de Berger havia cerca de quatro horas. A mesa de centro estava coberta por fotos e arquivos de casos, e xícaras de café e saquinhos com comida de uma padaria vinte e quatro horas que havia ali perto. Carregadores iam das tomadas até os laptops plugados a eles, e todo mundo digitava e olhava arquivos enquanto conversava.

Lucy estava sentada de pernas cruzadas num dos cantos do sofá em U com seu MacBook no colo e de vez em quando olhava para Morales, perguntando-se como aquilo que estava pensando poderia estar certo. Berger tinha uma garrafa de uísque irlandês puro malte Knappogue Castle e outra de uísque escocês puro malte Brora. Elas estavam claramente visíveis atrás do vidro do bar, que ficava bem diante dela. Lucy notara as garrafas imediatamente após todos haverem chegado ali e, quando Morales percebera que ela estava notando, se aproximara para olhar para elas também.

"*Uma garota com o mesmo gosto que eu*", ele dissera.

A maneira como Morales havia dito isso causara um frio na barriga de Lucy que não ia embora por mais que se esforçasse, e ela estava tendo dificuldades em se concentrar em qualquer coisa desde então. Berger estivera sentada ao lado de Lucy no loft quando leram a entrevista em que Scarpetta supostamente dissera a Terri

Bridges que bebia uísques que custavam mais que os livros da faculdade dela. Por que Berger não dissera nada? Como podia ter os mesmos uísques extremamente raros e caros no seu próprio bar e não mencionar aquele detalhe para Lucy?

Era Berger que bebia tais uísques. Não Scarpetta. E mais perturbador ainda era o medo que Lucy sentia quando pensava com quem ela bebia aquilo. Fora isso que surgira em sua mente quando Morales percebera que ela notara as garrafas no bar. Ele quase dera um sorrisinho e, sempre que olhava para ela agora, havia um brilho em seus olhos, como se tivesse ganhado uma competição que Lucy nem sabia que existia.

Bacardi e Scarpetta estavam discutindo, algo que já vinham fazendo havia algum tempo.

"Não, não, não. Oscar não pode ter matado meus dois", Bacardi balançava a cabeça. "Espero não estar ofendendo ninguém quando digo anão, mas não consigo me acostumar a dizer pessoa com nanismo ou de baixa estatura. Porque sempre disse que era uma pessoa de baixa estatura, pois não sou exatamente um varapau, como a gente diz no sul. Sou velha. Não consigo aprender coisas novas, mal posso me lembrar das que já sei."

Ela podia ser relativamente baixa, mas não era pequena. Lucy já vira inúmeras mulheres como Bacardi na vida, a maioria em cima de uma Harley. Mulheres com um metro e cinquenta e pouco que insistiam em ter a maior moto possível, quatrocentos quilos de metal que faziam com que suas botas mal tocassem o chão. Entre os inúmeros trabalhos que Bacardi já tivera na polícia de Baltimore, um dos primeiros fora de policial que circulava numa moto, e ela tinha um rosto que combinava com aquilo, que já tivera intimidade demais com o sol e o vento. Bacardi apertava muito os olhos e franzia muito o cenho também.

Ela tinha o cabelo curto pintado de vermelho e olhos azul-claros, era corpulenta, mas não gorda, e provavelmente achara que estava se arrumando quando decidira vestir uma calça de couro marrom, botas de caubói e um suéter apertado de gola aberta que deixava exposta a minúscula borboleta tatuada em seu seio esquerdo e uma boa parte de ambos os seios quando se inclinava para remexer em sua pasta, que estava no chão. Bacardi era sensual do seu jeito. Era engraçada. Tinha um sotaque do Alabama mais forte que o do Popeye. Não tinha medo de nada nem de ninguém, e Marino não parara de olhar para ela desde que entrara ali carregando três caixas de arquivos sobre os homicídios que haviam sido cometidos cinco anos antes em Baltimore e Greenwich.

"Não estou tentando afirmar que teria sido possível ou impossível para uma pessoa com nanismo fazer qualquer coisa", respondeu Scarpetta.

Ao contrário da maioria, ela sempre era educada o suficiente para parar de digitar e desgrudar os olhos da tela do computador quando falava com alguém.

“Mas ele não pode ter feito isso”, disse Bacardi. “E não quero ficar interrompendo que nem um vulcão em erupção, mas precisava dizer isso e ter certeza de que vocês todos estão me escutando. Está bem?”

Ela olhou para todos ali.

“Ótimo”, Bacardi respondeu para si mesma. “A moça que investiguei, Bethany, tinha mais de um metro e oitenta. Olhem, a não ser que ela estivesse deitada, não tem como uma pessoa de um metro e vinte e três tê-la garroteado.”

“Estou apenas dizendo que ela foi garroteada. Com base nas fotos que você me mostrou e nos resultados da autópsia que fiz”, disse Scarpetta pacientemente. “O ângulo das marcas no pescoço dela, o fato de que há mais de uma etc. Não estou dizendo quem fez ou não fez isso...”

“Mas eu estou. Estou dizendo quem fez ou não fez. Bethany não chutou nem se debateu. Se fez isso, por um milagre não se arranhou nem se machucou. Pode ter certeza, alguém de tamanho normal estava atrás dela, e ambos estavam de pé. Acho que ele a estuprou por trás enquanto a matava, porque isso o excitava. A mesma coisa com Rodrick. O menino estava de pé, e esse cara estava atrás dele. A vantagem que o agressor tinha nos meus casos é que era grande o suficiente para controlá-los. Ele os intimidava até que o deixavam amarrar suas mãos atrás das costas. Não parece que lutaram nem um pouco com o cara.”

“Estou tentando lembrar qual era a altura de Rodrick”, disse Benton.

Seu cabelo estava todo bagunçado e uma barba curta, que para Lucy parecia sal, cobria seu rosto.

Duas noites em claro seguidas, e a aparência dele demonstrava isso.

“Um metro e setenta e sete”, disse Bacardi. “Sessenta e dois quilos. Magrinho e nada forte. E não era muito de brigar.”

“Podemos dizer que todas as vítimas têm uma coisa em comum”, disse Benton então. “Eu devia dizer todas as vítimas que a gente sabe que existem. Elas eram vulneráveis. Estavam debilitadas ou em desvantagem.”

“A não ser que o assassino seja Oscar”, Berger lembrou a todos. “Aí, o equilíbrio muda. Não importa se você for um menino magro que tomou oxicodona. Não está necessariamente em desvantagem se seu agressor só tiver um metro e vinte e três. E detesto insistir nisso, mas a não ser que haja outra explicação lógica para como as impressões digitais dele foram parar na cena do crime de Eva Peebles... E mais as pegadas feitas por um tênis feminino tamanho trinta e cinco, um Ariel da Brooks... E Oscar por acaso usa exatamente o mesmo tênis, e usa um tamanho trinta e cinco feminino.”

“Também não dá para ignorar o fato de que ele desapareceu”, disse Marino. “Oscar tem que saber que procuramos por ele, mas está escolhendo ser um fugitivo. Ele podia se entregar. Seria o melhor para ele. Estaria mais seguro.”

“Você está falando de uma pessoa profundamente paranoica”, disse Benton. “Não há nada no mundo que o convenceria a se entregar.”

“Isso não é necessariamente verdade”, disse Berger, olhando para Scarpetta.

Ela estava vendo fotos de autópsias e não percebeu o olhar pensativo da promotora.

“Acho que não”, disse Benton, como se soubesse o que estava na cabeça de Berger. “Ele não faria isso, nem por ela.”

Lucy decidiu que Berger devia estar bolando um plano no qual Scarpetta faria um apelo a Oscar.

Morales disse: “De qualquer maneira, não sei como a gente faria com que Oscar recebesse a mensagem. A não ser que ela ligue para o telefone fixo dele. Talvez não consiga resistir e esteja ouvindo os recados”.

“Isso nunca vai acontecer”, disse Benton. “Fique no lugar de Oscar por um minuto, entre na cabeça dele. Ninguém de quem ele queira saber notícias vai ligar para ele. A única pessoa que importava para Oscar, a única pessoa em quem ele parecia confiar, está morta. E não sei se ele confia muito em Kay agora. Mas não importa. Não acredito que ele esteja ouvindo seus recados da rua. Já pensa que está sendo monitorado, espionado, e esse é o principal motivo de estar se escondendo, na minha opinião. A última coisa que vai fazer é se arriscar a ser localizado pelo inimigo de novo.”

“E quanto a um e-mail?”, perguntou Morales. “Quem sabe se ela mandar um e-mail para ele? Do endereço Scarpetta126. Afinal de contas, ele acredita que esse é seu e-mail de verdade.”

Morales olhou para Scarpetta, que observava todos os outros agora, ouvindo-os discutir o que ela poderia fazer para convencer Oscar a se entregar para a polícia. Lucy pôde ver pela expressão da tia que ela não estava interessada em ser uma isca para Oscar Bane. Só que, agora, podia fazer isso. O segredo médico não importava mais. Oscar era um fugitivo da justiça. Havia mandados de prisão contra ele e, a não ser que acontecesse algum milagre, quando fosse preso, ele ia ser julgado e condenado. Lucy não queria pensar no que poderia acontecer com ele na cadeia.

“Acho que ele imagina que entramos no e-mail dele. Oscar não vai acessar a própria conta. A não ser que seja burro, esteja desesperado ou perdendo o controle. Concordo com Benton. Quer saber o que acho? Tente a televisão. A não ser que ele acredite que as pessoas conseguem encontrá-lo quando ligar uma tv num Holiday Inn, essa é provavelmente a única coisa que ele está monitorando. Oscar está vendo o noticiário”, disse Lucy.

“Você poderia fazer um apelo na cnn”, disse Berger.

“Acho genial”, concordou Morales. “Apareça na cnn e diga a Oscar para, por favor, se entregar. É o melhor plano para a vida inútil dele, nessas circunstâncias.”

"Ele pode ligar para o escritório local do fbi", sugeriu Benton. "Aí, não vai ter que se preocupar em cair nas mãos do departamento de um xerife rural que não sabe que diabos está acontecendo. Dependendo de onde está."

"Se Oscar ligar para o fbi, eles vão ficar com o mérito da prisão", disse Morales.

"Quem se importa com essa porra?", disse Marino. "Concordo com Benton."

"Eu também", disse Bacardi. "É melhor ele ligar para o fbi."

"Fico feliz por vocês todos terem decidido isso por mim", disse Berger. "Mas, na verdade, minha tendência é concordar. Vai ser muito mais arriscado se ele acabar nas mãos erradas. E, se houver a possibilidade de Oscar não estar mais nos Estados Unidos, ele pode ligar para o fbi mesmo assim. Contanto que venha parar aqui, não ligo para quem o prendeu."

Os olhos dela se fixaram em Morales.

Berger acrescentou: "O mérito não é uma questão".

Morales sustentou o olhar dela. Ele se virou para Lucy e piscou. Que babaca filho da puta.

Scarpetta disse: "Não vou aparecer na cnn e pedir que Oscar se entregue. Não sou assim. Não faço essas coisas. Não fico a favor nem contra ninguém".

"Você não pode estar falando sério", disse Morales. "Você está me dizendo que não vai atrás do bandido? A doutora cnn sempre pega o bandido. Por favor. Você não vai querer destruir a sua reputação por causa de um anão."

"O que ela está dizendo é que está aqui para defender a vítima", disse Benton.

"Legalmente, é isso mesmo", disse Berger. "Ela não trabalha para mim nem para a defesa."

"Se todo mundo já parou de responder por mim e se ninguém quiser perguntar mais nada, gostaria de ir para casa", disse Scarpetta, levantando-se, com mais raiva ainda.

Lucy tentou lembrar quando fora a última vez que vira sua tia tão furiosa quanto agora, principalmente diante de estranhos. Em geral ela não era assim.

"A que horas você acha que a doutora Lester vai começar a trabalhar no caso de Eva Peebles? Estou falando de começar mesmo. Não estou perguntando a que horas ela disse que começaria. Não quero aparecer lá e ficar horas esperando. E, infelizmente, não posso começar sem ela. É uma pena que ela esteja fazendo tudo."

Scarpetta olhou diretamente para Morales, que ligara para a dra. Lester da cena do crime.

"Não tenho controle sobre isso", disse Berger. "Posso ligar para o médico-legista chefe, mas não é uma boa ideia. Acho que você entende. O pessoal de lá já me acha intrometida."

"Porque você é", disse Morales. "Jaime, a intrometida. Todo mundo chama você assim."

Berger ignorou-o e levantou-se da cadeira, olhando para seu relógio de pulso caríssimo.

Disse para Morales: “Ela falou sete horas, não foi?”.

“Foi o que Lester Leprosa disse.”

“Já que você é tão amiguinho dela, talvez pudesse ver se vai mesmo começar às sete, para Kay não pegar um táxi até lá depois de ter passado a noite em claro e ter que ficar esperando.”

“Quer saber?”, Morales disse a Scarpetta. “Vou pegá-la em casa. Que tal? E ligo para você quando a gente estiver a caminho. Posso até passar para pegar você também.”

“Essa é a melhor ideia que teve em muito tempo”, Berger disse para ele.

Scarpetta disse para os dois: “Obrigada, mas chego lá sozinha. Mas, sim, por favor, me ligue”.

Quando Berger retornou após levar Scarpetta e Benton até a porta, Marino pediu mais café. Lucy seguiu a promotora até sua espaçosa cozinha feita de aço inoxidável, castanheira rajada e granito, decidindo que precisava dizer alguma coisa agora. A reação de Berger ia determinar o que aconteceria a seguir.

“Você já vai?” O tom de voz de Berger passou a indicar intimidade agora, enquanto olhava nos olhos de Lucy e abria um saco de café.

“Os uísques no seu bar”, disse Lucy, lavando o reservatório de água e voltando a enchê-lo.

“Que uísques?”

“Você sabe que uísques”, disse Lucy.

Berger pegou o reservatório de água das mãos dela e colocou pó na cafeteira.

“Não sei, não”, ela disse. “Está dizendo que quer um drinque para acordar? Achei que você não era disso.”

“Não tem graça nenhuma, Jaime.”

Berger ligou a cafeteira e se recostou no balcão. Ela realmente não parecia saber do que estavam falando, mas Lucy não acreditou.

Ela mencionou o uísque irlandês e o escocês que vira no bar.

“Eles estão na prateleira de cima, atrás do vidro, no seu próprio bar, pô”, disse Lucy. “É impossível não ver.”

“Greg”, disse Berger. “Ele tem uma coleção. E eu não vi mesmo.”

“Ele tem uma coleção? Não sabia que ainda estava por aqui”, disse Lucy se sentindo pior, talvez pior do que jamais se sentira antes.

“O que eu quero dizer é que esses uísques são dele”, disse Berger com a calma de sempre. “Se você começar a abrir armários aqui, vai encontrar uma fortuna em edições limitadas disso, puro malte daquilo. Não vi mesmo. Eles nunca me passaram pela cabeça porque não bebo os uísques preciosos dele. Nunca bebi.”

“É mesmo?”, disse Lucy. “Então por que Morales parece saber que você os tem em casa?”

“Isso é ridículo, e não é a hora nem o lugar”, disse Berger bem séria. “Por favor, não faça isso.”

“Morales olhou bem para eles, como se soubesse de alguma coisa. Ele já esteve aqui antes?”, disse Lucy. “Talvez a fofoca do Tavern on the Green seja mais do que isso.”

“Não só não preciso responder isso como não vou. Não posso”, disse Berger sem nenhuma raiva, com um tom quase doce. “Você poderia me fazer a gentileza de perguntar quem quer café e o que querem pôr nele?”

Lucy saiu da cozinha e não perguntou nada para ninguém. Tirou seu carregador da tomada. Enrolou o fio em volta da mão e com calma e colocou-o num dos bolsos de sua pasta de náilon. Depois, guardou o MacBook.

“Preciso voltar para a empresa”, ela disse para todo mundo no momento em que Berger voltava da cozinha.

A promotora perguntou quem queria café, como se não houvesse problema algum.

“A gente não ouviu a gravação da ligação para a emergência”, lembrou Bacardi de repente. “Eu quero ouvir, pelo menos. Não sei vocês.”

“Era bom eu ouvir”, disse Marino.

“Não faço questão”, disse Lucy. “Alguém pode me mandar o arquivo de áudio por e-mail se quiser que eu ouça. Entro em contato se tiver alguma informação nova. Pode deixar que saio sozinha”, disse a Jaime Berger sem olhar para ela.

30

"Pobres porteiros", disse Scarpetta. "Acho que os deixei com mais medo do que o normal."

Quando os dois chegavam ao prédio de luxo onde tinham um apartamento, bastava uma olhada para a maleta de cena do crime dela que os porteiros se mantinham a distância. Mas, naquela manhã, a reação fora mais forte que o normal por causa das notícias. Um assassino em série estava aterrorizando o East Side de Nova York e talvez já tivesse matado antes, anos atrás, em Maryland e Connecticut, e Benton e Scarpetta estavam com a aparência bastante assustadora.

Entraram no elevador e foram até o trigésimo segundo andar. Assim que fecharam a porta, começaram a tirar a roupa.

"Não queria que você fosse lá", disse Benton.

Ele arrancou a gravata ao mesmo tempo em que tirava o paletó, e seu casaco já estava nas costas de uma cadeira.

"Você coletou as amostras e sabe como ela morreu. Por que precisa ir?", perguntou Benton.

Scarpetta respondeu: "Quem sabe só uma vez no dia de hoje as pessoas vão me tratar como se eu tivesse uma mente que pensasse por conta própria, ou pelo menos metade da mente que costumava ter".

Ela jogou o paletó de seu terninho e sua camisa no cesto de roupas com risco biológico que ficava perto da porta, um gesto tão normal para os dois que só de vez em quando ocorria a Scarpetta o quanto pareceriam estranhos se alguém estivesse observando, talvez com um telescópio. Então ela pensou no novo helicóptero que a polícia de Nova York havia comprado, algo que Lucy mencionara. Tinha uma câmera que podia reconhecer rostos a até três quilômetros de distância, ou alguma coisa assim.

Scarpetta abriu o zíper da calça e tirou-a, então pegou um controle remoto da mesa de centro de carvalho da Stickley que havia na sala cheia de móveis da mesma loja e óleos sobre tela de Poteet Victory. Ela fechou as persianas eletrônicas. Sentiu-se como Oscar, escondendo-se de todo mundo.

"Não tenho certeza se você concordou comigo", disse Scarpetta para Benton, ambos de roupa de baixo, segurando os próprios sapatos. "Aliás, isso aqui somos nós. Você está feliz? Foi com isso que você se casou. Com uma pessoa que tem que trocar de roupa quando passa da porta por causa dos locais antissociais que visita."

Benton pegou-a nos braços e afundou o nariz em seu cabelo.

"Você não é tão ruim quanto pensa", ele disse.

"Não sei bem o que você quer dizer."

"Não, eu concordei com você. Quer dizer, sim, concordei. Se não fosse..." Ele esticou o braço esquerdo que estava atrás da cabeça dela, ainda abraçando-a forte, e olhou para o relógio. "Seis e quinze. Merda. Você pode ter que sair daqui a pouco. Com essa parte, eu não concordo. Não. Ser a babá da doutora Lester. Vou rezar por uma tempestade horrível que vai impedir você de ir a qualquer lugar. Está vendo seu quadro preferido ali? *Os elementos em equilíbrio do senhor Victory*? Vou rezar para o Grande Espírito e pedir que os elementos entrem em equilíbrio, aí você vai ficar em casa e tomar um banho comigo. A gente pode lavar nossos sapatos juntos no chuveiro como costumávamos fazer depois de ir a cenas de crime. E você sabe o que a gente fazia depois disso."

"O que deu em você?"

"Nada."

"Então concorda que não devo aparecer na televisão", ela disse. "E, por favor, reze. Não quero ser babá dela. Tudo o que você disse é verdade. Sei o que aconteceu com Eva Peebles. Eu e ela conversamos no banheiro. Não preciso conversar a mesma coisa com a doutora Lester, que não escuta e não tem a mente tão aberta quanto Eva Peebles. Estou cansada, estressada e não consigo disfarçar. Estou com raiva. Sinto muito."

"Não de mim", ele disse.

"Não de você."

Benton acariciou o rosto e os cabelos de Scarpetta e olhou no fundo dos olhos dela, como fazia quando estava tentando encontrar algo que perdera, ou talvez que achava que perdera.

"Isso não tem a ver com nenhum protocolo nem com você ficar contra ou a favor de ninguém", ele disse. "Tem a ver com Oscar. Tem a ver com todas as pessoas que morreram daquela maneira brutal. Quando você não tem certeza de quem está fazendo o que, como ou por que, é melhor ficar nos bastidores. É bom se manter afastada da doutora Lester por enquanto. Seguir em frente sem fazer barulho. Jesus", disse Benton de repente.

Ele voltou ao cesto de roupa suja e pescou sua calça lá dentro, enfiando a mão num dos bolsos e pegando o pen drive ainda embrulhado no par de luvas roxas.

"Isto", disse Benton. "Isto é importante. Talvez o Grande Espírito tenha acabado de escutar minhas preces."

O celular de Scarpetta tocou. Era o dr. Kiselstein do Y-12.

Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, ela começou: "Lucy falou que tudo chegou bem aí. Peço um milhão de desculpas. Espero que você não tenha ficado esperando. Não sei bem onde".

A voz do dr. Kiselstein, com seu sotaque alemão, surgiu no fone de ouvido dela: "Já que em geral não recebo amostras entregues por jatinhos particulares, me dei um descanso e fiquei ouvindo música no iPod que minha mulher me deu de Natal. Ele é tão pequeno que eu poderia usá-lo como um prendedor de gravata. Não foi problema nenhum. Conheço a McGhee-Tyson, a base da Guarda Aérea Nacional, só que, como disse, em geral não é o jatinho de uma milionária. Normalmente é um C130 ou outro avião de carga trazendo alguma coisa de Langley cuja existência a nasa não quer admitir. Como escudos térmicos com defeito. Ou protótipos, dos quais gosto bem mais, porque aí nada de ruim aconteceu. É claro que quando são coisas estranhas vindas de você, é sempre algo ruim. Mas tenho alguns resultados, já que o tempo urge, eu sei. Nenhum relatório oficial da análise. Isso vai levar algum tempo".

Benton desistiu de ficar ali do lado de Scarpetta. Tocou o rosto dela e foi para o chuveiro.

"O que temos aqui, basicamente, é um unguento misturado com sangue, talvez suor, e sais de prata. Junto com ele há fibras de madeira e algodão", disse o dr. Kiselstein.

Scarpetta foi até o sofá. Ela pegou uma caneta e um bloco na gaveta de uma mesa de canto e se sentou.

"Especificamente, nitrato de prata e nitrato de potássio. E carbono e oxigênio, como era de esperar. Estou mandando imagens por e-mail para você, tiradas em amplificações diferentes de até mil vezes. Com cinquenta vezes já dá para ver o sangue, e as regiões ricas em prata ficam bem brilhantes devido ao número atômico mais alto. Também é possível ver nitrato de prata na madeira — pequenas manchas esbranquiçadas ricas em prata, distribuídas de forma homogênea pela superfície."

"É interessante que estejam espalhadas de forma homogênea", ela comentou. "A mesma coisa com as fibras de algodão?"

"Sim. Visíveis em ampliações maiores."

Para Scarpetta, uma substância espalhada de forma homogênea implicava que algo poderia ter ocorrido deliberadamente, e não através de uma transferência aleatória devido à contaminação. Se o que ela suspeitava estivesse correto, no entanto, era provável que as duas coisas tivessem acontecido.

Scarpetta perguntou: "E quanto a células epiteliais?".

"Sim, definitivamente. Ainda estamos examinando tudo no laboratório, e isso vai levar um ou dois dias. Os pecadores não descansam. É muito difícil porque você mandou muitas amostras. Só estou ligando por causa de duas delas. Uma de cada caso. A cadeira e uma amostra coletada num corpo. Você pode estar achando que as fibras de algodão e madeira são das amostras que coletou no corpo, mas talvez não sejam. Não sei dizer. Mas não são da cadeira, pois você não coletou uma amostra dela, não é?"

"Não. Ninguém tocou nela."

"Então podemos concluir que as fibras de algodão e madeira dentro do material da almofada estão ali por outro motivo, talvez transferidas pelo unguento. O que é uma dúvida, porque ele não é condutor. Isso requer que usemos pressão variável, o que mantém o alto vácuo na pistola necessário para criar o raio de elétron enquanto o resto da câmara é preenchida por ar seco e filtrado. E reduzimos a dispersão do raio de elétron minimizando a distância. Acho que estou tentando lhe dar desculpas. É difícil produzir imagens do unguento porque o raio de elétron o derrete, infelizmente. Vai ser mais fácil quando secar."

"Aplicadores de nitrato de prata para cauterizar a pele, talvez? Essa é a primeira coisa na qual pensei", ela disse. "O que talvez explique a presença de sangue, suor, células epiteliais. E uma mistura de diferentes perfis de dna se estivermos falando de um pote de unguento curativo usado por muitas pessoas. Se a fonte desse pote for um consultório médico? Por exemplo, de uma dermatologista?"

"Não vou perguntar nada sobre seus suspeitos", disse o dr. Kiselstein.

"Tem mais alguma coisa interessante na cadeira?"

"O corpo dela é de ferro com elementos vestigiais de ouro na tinta. Não havia ninguém sentado nela quando a colocamos na câmara. Suspeitos e punições não são o meu departamento." Eles desligaram.

Scarpetta discou os números da dra. Elizabeth Stuart e ambos caíram na caixa postal. Ela não deixou um recado e continuou no sofá, pensando.

Acreditava estar lidando com Marino perfeitamente bem até que decidiu ligar para ele e se deu conta de que não tinha seu celular. Então ligou para Berger e, pela maneira como a promotora atendeu, parecia que esperava uma pessoa, um telefonema particular.

"É Kay."

"Ah", disse Berger. "Meu visor deu número bloqueado. Eu não sabia."

Quando Lucy ligava para alguém, o visor dizia que era um número bloqueado. Scarpetta tinha a sensação de que algo estava acontecendo entre elas, algo que não era bom. Lucy ficara muito calada durante a reunião. Scarpetta não tentara ligar para ela, presumira que ainda estava com Berger. Talvez não.

"Morales me ligou há alguns minutos, disse que seu celular estava caindo na caixa postal", adiantou a promotora.

"Eu estava falando com o Y-12. Não vou poder ir para o necrotério neste minuto."

Ela deu um resumo do que o dr. Kiselstein dissera.

"Então esse é um denominador comum", decidiu Berger. "A dermatologista. Terri se consultava com ela. E você disse que Oscar também se consulta. Ou se consultava."

Scarpetta revelara aquele detalhe durante a reunião onde estivera pouco antes,

porque não estava mais submetida ao segredo médico. Não seria correto não divulgar aquela informação, mas se sentira desconfortável ao fazê-lo. Só porque o aspecto legal da situação mudara, não significava que tudo mudara para ela. Quando Oscar conversara com Scarpetta e chorara de forma tão sentida, ele realmente não previra que ela fosse traí-lo, não importava quantas vezes ela o avisara e o encorajara a contratar um bom advogado.

Scarpetta estava confusa. Ela se ressentia dele, estava com raiva, porque Oscar achava que ela deveria ser uma pessoa em quem podia confiar. E também se ressentia e tinha raiva porque não queria a droga da confiança dele.

"Preciso dizer a Marino o que a equipe do Y-12 descobriu", disse Scarpetta para Berger. "Não tenho o telefone dele."

Berger lhe deu dois telefones e disse: "Você teve notícia de Lucy?".

"Achei que ela estivesse com você", disse Scarpetta.

"Todo mundo saiu daqui há mais ou menos meia hora. Ela saiu logo após você e Benton, minutos depois. Achei que talvez tivesse alcançado vocês. Ela e Morales não estavam se dando bem."

"Ele não é o tipo de pessoa de que ela gosta."

Após uma pausa, Berger disse: "Isso é porque tem várias coisas que ela não compreende".

Scarpetta não respondeu.

"A gente vai envelhecendo e percebe que não existem verdades absolutas", disse Berger. "Nunca existiram."

Scarpetta não ia ajudá-la.

"Você não vai falar sobre isso, e não há problema." A voz da promotora ainda estava calma, mas havia outra coisa no tom dela.

Scarpetta fechou os olhos e passou os dedos pelos cabelos, percebendo como se sentia impotente. Ela não podia mudar o que estava acontecendo, e era uma bobagem e um erro tentar fazê-lo.

"Talvez você possa me ajudar a gastar menos tempo", ela disse. "Pode ligar para Lucy e dizer a ela quais foram os resultados do Y-12? Você faz isso e eu tento encontrar Marino. Quando estiver falando com ela no telefone, talvez queira tentar outra tática. Seja muito, muito honesta com ela, mesmo se achar que ela vai ficar incrivelmente chateada ou usar o que disser contra você. Apenas apresente os fatos para Lucy, mesmo se achar que vai estragar tudo, fazer com que perca alguma coisa. Isso é difícil para pessoas como nós, e é tudo o que vou dizer. Eu me pergunto se Bacardi — Jesus, não consigo me acostumar a chamar uma pessoa de verdade por esse nome — saberia se Bethany ou Rodrick estavam se consultando com um dermatologista em Baltimore ou Greenwich em 2003. Notei que o relatório da polícia dizia que ele passava Accutane para acne."

“O que implicaria que antes se consultou com um dermatologista”, disse Berger.

“Espero que sim. Esse não é um medicamento insignificante.”

“Vou falar tudo isso para Lucy. Obrigada.”

“Sei que vai”, disse Scarpetta. “Sei que vai dizer tudo o que ela precisa escutar.”

Benton saíra do banho e estava enrolado num roupão pesado, esparramado na cama. Ele lia algo em seu laptop, e Scarpetta tirou o aparelho dali e sentou-se ao lado dele. Ela notou que o pen drive estava plugado numa das entradas do computador.

“Ainda não estou limpa”, disse. “Devo estar com cheiro de morte. Você ainda vai me respeitar se eu contar uma mentira?”

“Depende de para quem você vai mentir.”

“Para outra médica.”

“Bom, então tudo bem. No futuro, se quiser mentir para alguém, prefira os advogados.”

“Fiz direito e não gosto de piada de advogado”, ela disse, sorrindo.

Scarpetta passou os dedos pelo cabelo dele. Ainda estava úmido.

“Vou contar minha mentira na sua frente, aí não vai parecer um pecado tão grande. Mal posso esperar para entrar no chuveiro e escovar os dentes. E isto aqui...”

Scarpetta se deu conta de que ainda estava segurando seus sapatos sujos numa das mãos enquanto tocava o cabelo dele com a outra.

“Achei que você ia esperar para tomar banho comigo”, ela disse. “E que a gente ia lavar nossos sapatos.”

“Planejo tomar um segundo banho”, ele disse. “Ainda não lavei meus sapatos.”

Scarpetta levantou da cama e pegou o telefone fixo.

Dessa vez ela não ligou diretamente para a suíte presidencial da dra. Stuart ou para seu celular. Tentou a recepção do St. Regis. Ela disse que era da cnn e estava tentando entrar em contato com a dra. Stuart, que sabia estar registrada com o nome do dr. Oxford.

“Um instante, por favor.”

E então a dra. Stuart estava na linha.

Scarpetta disse quem era e a dra. Stuart disse bruscamente: “Não falo sobre os meus pacientes”.

“E eu em geral não falo sobre outros médicos na televisão”, disse Scarpetta. “Mas posso fazer uma exceção.”

“O que você quer dizer com isso?”

“O que estou dizendo, doutora Stuart. Pelo menos uma paciente sua foi assassinada nas últimas vinte e quatro horas, e outro está sendo acusado do assassinato dela e de mais outro; mais acusações podem estar por vir, e ele está desaparecido. Quanto a Eva Peebles, que foi morta ontem à noite? Não sei se ela é

sua paciente também. O que sei é que as provas forenses indicam que é melhor para a senhora cooperar. Quer um exemplo? Eu me pergunto se certa mulher de Palm Beach que tem uma residência em Nova York também é paciente sua."

Scarpetta deu o nome da paraplégica cujo dna fora encontrado na vagina de Terri Bridges.

"Você certamente sabe que não posso divulgar informações sobre meus pacientes."

A dra. Stuart disse aquilo num tom que confirmava que a mulher era sua paciente.

"É claro que sei", disse Scarpetta e, para se certificar, acrescentou: "Só diga não se ela não for sua paciente".

"Eu não vou dizer não."

Scarpetta fez a mesma coisa com Bethany e Rodrick, sem dizer à dra. Stuart porque queria saber. Se a dermatologista conhecesse os dois, não ia precisar que a médica-legista lhe dissesse que tinham sido assassinados cinco anos antes. Já saberia disso.

"Como você pode imaginar, tenho muitos pacientes na área de Greenwich, porque tenho um consultório em White Plains", disse a dra. Stuart enquanto Scarpetta se recostava em Benton e olhava o que ele estava vendo no computador.

Pareciam ser seções de mapas que alguém vinha mandando para Oscar por e-mail — supostamente.

"Não estou dizendo que essas duas pessoas já foram examinadas por alguém no meu consultório", disse a dra. Stuart. "Mas posso lhe contar que me lembro da morte desse jovem. Todo mundo ficou chocado. Assim como todos estamos chocados com o que está acontecendo em Nova York. Vi no noticiário ontem à noite. Mas o motivo pelo qual me lembro do crime em Greenwich é devido à revendedora da Aston Martin..."

"Bugatti", disse Scarpetta.

"Compro na revendedora da Aston Martin. É muito perto da revendedora da Bugatti", disse a dra. Stuart. "É por isso que me recordo tão bem do assassinato do menino. Devo ter passado de carro a um quarteirão do lugar onde foi encontrado ou morto. Nas vezes em que levei meu Aston Martin para a revisão. É por isso que me lembro, se compreende o que estou dizendo. Na verdade, nem tenho mais aquele carro."

Ela estava sugerindo que nem Rodrick nem Bethany eram seus pacientes, e que estava ciente de um homicídio sexual sádico porque a fazia lembrar de um carro que custava mais que a casa de muita gente.

"Existe alguém que trabalha para você ou ligado a seu consultório sobre quem a polícia deveria saber?", perguntou Scarpetta. "Deixe-me refazer a pergunta de uma maneira que a torne mais fácil de responder. O que você estaria pensando se fosse

eu?”

“Estaria pensando nos funcionários”, ela disse. “Principalmente nos que trabalham meio período.”

“Quais deles?”

“Os assistentes, os residentes, em particular aqueles que fazem os trabalhos de menor importância nos consultórios e que não permanecem lá por muito tempo. Por exemplo os que trabalham num dos meus consultórios durante as férias de verão ou no turno da noite. Pode ser qualquer coisa, desde fazer faxina, atender o telefone ou passar um pager para o médico de plantão. Tenho um empregado que também trabalha como assistente de veterinário. Mas ele nunca deu nenhum problema. Só que o conheço menos e não trabalho com ele pessoalmente. Ele basicamente limpa as salas e assiste outros médicos. Muita gente trabalha para mim. Mais de sessenta funcionários em quatro consultórios.”

“Assistente de veterinário?”, disse Scarpetta.

“Acredito que é nisso que ele trabalha em período integral. Sei que tem algo a ver com pet shops, pois já conseguiu filhotes de cachorro para alguns dos meus funcionários. Acho que é um assistente de veterinário que ajuda a cuidar dos bichos nesses lugares. Provavelmente não de um jeito sobre o qual eu queira saber, para falar a verdade”, disse a dra. Stuart. “Ele é uma pessoa estranha, tentou me dar um filhote uma vez, no meu aniversário no último verão. Um daqueles cães de crista chineses que só têm pelo na cabeça, no rabo e nos pés. Esse filhote devia ter umas oito semanas e parecia deformado, como se tivesse alopecia. Só tremia e tossia. Ele escreveu num cartão que eu podia dizer para todo mundo que estava removendo pelo de cachorro agora, que podia dizer que também era dermatologista de cachorro, ou alguma coisa assim. Foi esquisito, e eu não achei graça nenhuma e o obriguei a devolver o filhote para a loja. Para ser franca, foi uma experiência bastante perturbadora.”

“Você alguma vez perguntou a ele o que aconteceu com o filhote?”

“Eu tenho uma boa suspeita.”

O tom dela foi lúgubre.

“Ele gosta de dar injeções, vamos dizer assim”, disse a dra. Stuart. “Sabe mexer muito bem com agulhas, tem algum treinamento em flebotomia. Olhe, isso está me deixando muito nervosa. O nome dele é Juan Amate.”

“Esse é o nome completo dele? Muitas vezes, nomes hispânicos incluem o sobrenome da mãe, não apenas o do pai.”

“Isso eu não sei. Ele trabalha no meu consultório do Upper East Side há alguns anos. Talvez três ou quatro, não tenho certeza. Não o conheço pessoalmente, e ele não pode entrar numa sala se estou lá com um paciente.”

“Por que não?”

“Francamente? A maioria dos pacientes dos quais cuido pessoalmente são vips, e eu não permito que assistentes que trabalham só meio período me ajudem. Tenho meus assistentes regulares, que estão acostumados a lidar da maneira adequada com pessoas bastante conhecidas. Não dá para pedir para um funcionário que trabalha em meio período tirar sangue de uma estrela de cinema.”

“Você cuidou pessoalmente de Terri Bridges e Oscar Bane ou eles são pacientes de outro médico do seu consultório?”

“Não haveria motivo para eu vê-los pessoalmente. Mas há outras pessoas com nanismo que são meus pacientes, já que a obesidade é um dos problemas mais comuns entre eles, e um efeito colateral desagradável de dietas pode ser problemas de pele. Acne, rugas e linhas de expressão prematuras no rosto e no pescoço. Se uma pessoa não ingere gordura o suficiente, a pele não retém umidade tão bem, e então temos que acrescentar descamação à lista.”

Ela não vira Terri ou Oscar pessoalmente. Eles não eram importantes o suficiente.

“Tem mais alguma coisa que você possa me dizer sobre Juan Amate?”, perguntou Scarpetta. “Não estou dizendo que ele fez algo de errado. Mas não quero que mais ninguém se machuque ou morra, doutora Stuart. Você sabe onde ele mora, alguma coisa assim?”

“Não tenho ideia. Duvido que ele tenha muito dinheiro. É moreno, tem cabelo castanho. É hispânico. Fala espanhol, o que é bom. Fala inglês fluente, o que é uma exigência para trabalhar no meu consultório.”

“Ele é um cidadão americano?”

“Devia ser. Mas não sou eu que verifico essas coisas. Ou seja, eu não sei.”

“Tem mais alguma coisa que você possa me dizer? Por exemplo, tem alguma ideia de onde a polícia poderia encontrá-lo agora, para fazer algumas perguntas?”

“Não tenho a menor ideia. Não sei mais nada. Só não gostei quando ele me deu aquele cachorrinho chinês”, ela disse. “Achei que havia algo de perverso no gesto. Como se ele estivesse tentando me manipular de alguma maneira — logo eu? Dar para *mim* um cachorro extremamente feio com problemas na pele e nos pelos? Só lembro que foi muito perturbador, e então eu me tornei a vilã aos olhos dos meus funcionários, porque o obriguei a levar aquela coisinha patética dali imediatamente, e ele disse que não sabia o que ia fazer com o cachorro, como se eu estivesse sentenciando a pobre criaturinha à... Bem, era como se ele quisesse me fazer parecer cruel, e eu acho que quase comecei a pensar em demiti-lo após isso ter acontecido. Obviamente, era isso que deveria ter feito.”

Benton pousara a mão sobre a coxa nua de Scarpetta e, quando ela desligou, ele enlaçou-a e chamou sua atenção para o que estivera vendo enquanto ela estava no telefone.

Ele mostrou inúmeros mapas na tela.

"É um itinerário", disse. "Essas linhas grossas aqui, as que são rosa-escuro? Ele traçou uma que ia da avenida Amsterdam até um local na Terceira Avenida na altura do Upper East Side. "É um itinerário de verdade mapeado por um gps."

"Simulado ou real?", perguntou Scarpetta.

"Acho que são itinerários reais. Parece que são gravações de itinerários que Oscar percorreu, centenas deles. Uma espécie de processo de gravação estava acontecendo enquanto ele ia a diversas localidades. Como você pode ver."

Benton foi passando para baixo o que havia na tela e surgiram cerca de doze mapas.

"A maioria deles começa ou termina no endereço do prédio de Oscar na avenida Amsterdam. Pelo que estou vendo, esses itinerários foram gravados do dia 10 de outubro até 3 de dezembro."

"Dia 3 de dezembro", disse Scarpetta. "É o mesmo dia em que a minha fotografia no necrotério parece ter sido simultaneamente apagada na conta Scarpeta126 e no e-mail de Terri."

"E o mesmo dia em que Oscar ligou para o escritório de Berger e falou com Marino", disse Benton.

"Que diabos está acontecendo aqui?", perguntou Scarpetta. "Será que ele estava andando por aí com uma espécie de bracelete ou algo assim que tem um chip de gps, talvez usando um palmtop com gps e baixando todos os seus movimentos, quem sabe os mandando para si mesmo por e-mail? Para fazer com que parecesse que ele estava sendo seguido, espionado, todas as coisas que ele disse?"

"Você viu o apartamento dele, Kay. Oscar acredita mesmo nisso. Mas dá para imaginar se outra pessoa estivesse mandando esses itinerários para ele?"

"Não."

Benton passou por mais mapas. Mostravam itinerários que iam até mercados, diversas academias, papelarias ou, como Benton dissera, apenas locais até onde ele podia ter andado, mas não entrara, como um restaurante, um bar, outro comércio.

"E, como você pode ver", disse Benton, massageando as costas dela, "conforme o tempo vai passando, os locais que frequenta vão ficando mais erráticos e variáveis. Ele muda de local todos os dias. Nenhum dos itinerários é o mesmo. Dá para ver o medo dele, o zigue-zague que está fazendo, literalmente para todos os cantos. Ou o falso medo dele. Se, mais uma vez, ele tiver forjado tudo isso. Mas o medo de Oscar parece tão real. A paranoia dele não é falsa, realmente acho que não."

"Você pode imaginar o que um júri vai achar disso", disse Scarpetta se levantando. "Vai achar que o ciberprofessor maluco orquestrou esse plano elaborado para fazer parecer que é o alvo de uma organização clandestina, de um grupo preconceituoso ou Deus sabe o quê. Vai parecer que seguiu a si mesmo, por assim dizer, com um gps, e plantou toda sorte de geringonças bizarras em seu apartamento,

em suas roupas e em seu carro."

Ela terminou de se despir, porque tinha que ir tomar banho. Havia tanta coisa para fazer. Benton levantou da cama, olhando-a intensamente.

"Ninguém no mundo vai acreditar nele", disse Scarpetta enquanto ele pousava as mãos nela e a beijava.

"Eu ajudo você a tomar banho", ele disse, levando-a até o banheiro.

31

O vento golpeava Lucy, que estava sentada sobre concreto frio como gelo no topo do prédio antigo de Terri, tirando fotos da câmera presa à base da antena parabólica.

Era uma webcam com áudio não muito cara, que estava ligada à rede sem fio do prédio e podia ser utilizada por qualquer morador que quisesse entrar naquela rede.

A webcam também era utilizada por outra pessoa. Era utilizada por Mike Morales, e não da maneira que todos pensavam, e era por isso que não ocorrera a Lucy checar. Ela estava furiosa consigo mesma.

Já que todos sabiam que outro aparelho estava conectado à rede — a câmera que Morales dissera ter instalado pessoalmente —, ela nem pensara em acessar o painel de controle do roteador sem fio. Nem ocorrera a Lucy que devia checar as configurações do administrador do roteador.

Se Lucy tivesse feito isso na noite anterior, teria descoberto o que sabia agora. Ela tentou ligar para Marino de novo. Passara a última meia hora ligando para ele e para Berger, mas caíra na caixa postal.

Lucy não deixara recado. Ela não ia dizer o que tinha a dizer por um recado.

Dessa vez Marino atendeu, graças a Deus.

"Sou eu", ela disse.

"Você está num túnel de vento, por acaso?", ele disse.

"Sabe a câmera que você viu Morales instalar aqui no topo deste prédio onde estou sentada agora? Ele não estava instalando-a quando você o pegou de surpresa aqui em cima. Provavelmente, estava removendo-a."

"Do que você está falando? Eu vi o cara... Bom. É, você tem razão. Na verdade, eu não cheguei a ver o cara fazendo nada. Acabei de falar no telefone com a sua tia, deixe eu lhe falar isso primeiro, porque ela está tentando entrar em contato com você. É alguma coisa sobre a pessoa que nos interessa estar sendo monitorada por gps, ou sei lá o quê. E pode ser que ele trabalhe como assistente de veterinário no consultório da doutora Stuart. Em resumo, Terri talvez conhecesse o assassino do consultório da dermatologista, um cara hispânico..."

"Ouça o que estou dizendo, Marino! Essa porra dessa câmera está aqui em cima há três semanas, porra! E ela tem um sensor de movimento, então toda vez que grava alguma coisa, manda por e-mail para alguém que vai ter sua conta hackeada agora. Estou com a merda do ip do Morales. Estou com a porra do endereço mac dele, e é o mesmo da porra da Scarpetta126. Você entende o que isso significa?"

"Não sou retardado, porra."

Que nem nos velhos tempos. Quantas vezes ele já havia dito aquilo para ela naqueles anos todos?

"Significa que a pessoa que colocou essa câmera aqui e que está recebendo imagens dela por e-mail é a mesma pessoa que mandou aqueles e-mails para Terri, fingindo ser minha tia. Provavelmente com um tipo de palmtop, então o babaca fica na frente da John Jay, entra na rede sem fio deles, e é daí que o ip vem. O endereço mac também é o mesmo do aparelho usado para mandar o e-mail com a fotografia para Terri — a fotografia enviada da *lan house* que fica perto do consultório da doutora Elizabeth Stuart. Foi Morales que mandou Terri apagar aquela fotografia no dia 3 de dezembro..."

"Por quê?"

"Porque ele gosta de uma brincadeirinha, porra. Ele provavelmente estava no necrotério quando a maldita foto foi tirada, deve estar por trás disso. Que nem a foto de Jaime no Tavern on the Green. Ele provavelmente organizou tudo e mandou a foto para o *Quem Ver na Metrópole*."

"Então ele deve ter alguma ligação com o *Quem Ver na Metrópole*."

"Não tenho ideia, mas sei que Eva Peebles trabalhava para o colunista do *Quem Ver na Metrópole*, seja ele quem for. E eu duvido que ela soubesse nos dizer quem ele é, se ainda estivesse viva e pudesse dizer alguma coisa, pobrezinha. Nada no computador dela identifica quem é. Estou programando *sniffers* agora mesmo, vendo informações nos pontos de junção. Morales filho da puta. Ele deve ser a porra do assistente de veterinário que é hispânico também. Babaca de merda. Vou fazer uma visitinha a ele."

Ela estava digitando em seu MacBook enquanto falava, testando as portas lógicas. Marino estava fazendo um silêncio sepulcral.

"Você ainda está aí?"

"Estou, ainda estou aqui."

"Você quer me explicar por que a porra de um policial ia instalar uma câmera de segurança três semanas antes de um assassinato?", ela disse.

"Meu Deus. Por que ele ia mandar aquelas merdas fingindo ser ela?"

Lucy ouviu uma voz de mulher ao fundo. Bacardi.

"Por que você não pergunta para Morales?", disse Lucy. "Deve ter sido ele que deu a Terri a brilhante ideia de colocar um *post* no site da John Jay dizendo que estava precisando entrar em contato com minha tia. Terri obedeceu e aí, que milagre, adivinha quem escreveu para ela? Obviamente Morales conhecia Terri, ou não ia ter mandado e-mails para ela. Ele deve ser a porra do assistente de veterinário, como eu disse, e ela o conhecia por causa da dermatologista."

"Morales deve ter dado a cadelinha doente para ela. Deve ter sido uma piada", murmurou Marino. "Aí, Eva Peebles ficou com ela. A cadelinha morreu. Ela morreu.

O que ela fez para merecer isso? De repente era ele quem consertava as coisas no apartamento de Terri. Aquilo que o proprietário falou. É a cara dele ser o amigo, o confidente de alguém que precisava de um merdinha grande e forte que nem ele. É a cara dele convencer alguém como Terri, que está fazendo mestrado em psicologia forense, a colocar um *post* no site, só para foder com todo mundo. Mas por que a doutora?"

"Porque ele é um médico fracassado, e minha tia não. Sei lá por quê. Por que as pessoas fazem as coisas?"

"Você não vai tirar a câmera daí, vai? A gente não quer que ele saiba que ela sumiu."

"Claro que não", disse Lucy enquanto o vento batia nela, como se estivesse tentando arrancá-la do telhado. "Morales deve ter subido para tirar essa merda daqui, e a última coisa que esperava era ver você aparecendo na escada de incêndio. Agora, ele tem que arrumar uma desculpa. Então faz o teatrinho de que está instalando uma câmera de segurança para o caso de o bandido voltar à cena do crime. Porra nenhuma. Estou com o painel de controle do roteador bem aqui no meu laptop. Essa câmera enviou por e-mail mais de dez mil imagens nas últimas três semanas e continua fazendo isso agora. De acordo com a página de status, esse babaca está acessando a rede neste instante. Você vai gostar de saber que desativei o áudio. Não que fosse dar para ouvir outra coisa além do vento aqui em cima."

"Você tem certeza absoluta disso?", perguntou Marino.

"Pronto, entrei. Isso é completamente ilegal. Meu Deus", disse Lucy, chocada, vendo os arquivos de vídeo.

Arquivos de vídeo na conta pessoal de e-mail de Mike Morales. O nome de usuário dele era Forensefoda.

Lucy encontrou um arquivo de vídeo que fora gravado por outro aparelho que não a webcam do topo do prédio. Ela abriu o arquivo e clicou play.

"Ai, Jesus", ela disse. "É uma gravação feita na véspera de Ano-Novo. Só que dessa vez não do topo do prédio, mas de dentro do apartamento de Terri. Puta merda. Puta merda."

A cobertura de Berger tinha dois andares. Os aposentos dela ficavam no andar de cima, onde a promotora e Lucy assistiram ao assassinato de Terri Bridges numa imensa tela plana de plasma que ficava numa saleta que dava para o quarto.

Elas mal puderam suportar aquilo, e não havia quase nada que já não tivessem visto. Lucy e Berger ficaram rígidas no sofá, vendo o rosto de Terri refletido no espelho da penteadeira enquanto mãos cobertas por luvas de látex a garroteavam por detrás com um torniquete azul que tinha consistência de borracha, do tipo usado para

tirar sangue em consultórios médicos. A vítima e o agressor estavam nus e as mãos dela estavam amarradas atrás das costas. Terri, sentada na cadeira de espaldar em forma de coração, chutava ensandecidamente, e ele quase a erguia no ar quando a estrangulava até que perdesse a consciência.

Então ele soltava o torniquete e, quando ela acordava, começava de novo.

Terri não disse nada em momento algum, só emitiu os sons terríveis e guturais que seriam de esperar de alguém que estava sendo estrangulada, enquanto seus olhos saltavam das órbitas, sua língua saía da boca e saliva escorria por seu queixo. Levou vinte e quatro minutos e meio para que ela finalmente morresse, pois foi esse o tempo que ele levou para ejacular e acabar com ela, já que não tinha mais interesse.

Ele jogou a camisinha na privada, deu a descarga e desligou a câmera.

"Vamos ver de novo", disse Berger. "Quero ouvir com um pouco mais de atenção o que é dito quando ele a leva para o banheiro. Tenho a impressão de que eles já haviam feito sexo antes. E as outras coisas que foram ditas talvez indiquem por que ele fez isso. O fator premeditação. Talvez ele tivesse um motivo além de suas compulsões sexualmente sádicas. Ela o chamou de Juan? Ou foi só um som que ela fez?"

"Suspeito que Terri vinha fazendo sexo com ele muito antes de começar a fazer com Oscar", disse Lucy. "Pela intimidade, pelos comentários que ele faz. Ela deve ter conhecido esse cara no consultório da doutora Stuart, há alguns anos. Não quero saber se a gente ainda não tem certeza se ele é Juan Amate. Pode acreditar, os dois são a mesma pessoa. Têm que ser. Acho que ela talvez tenha dito Juan. Concordo, é difícil ouvir direito."

Ela apertou o botão de play do controle. O vídeo começava no meio de uma frase, com uma imagem da penteadeira e o rosto apavorado de Terri no espelho oval. Atrás dela, havia o corpo nu de um homem. Ele se moveu, ajustando sua posição e o ângulo da câmera, expondo seu pênis ereto e coberto por uma camisinha, usando-o para cutucá-la entre as omoplatas como se este fosse uma arma. Ele estava visível apenas da cintura para baixo.

"Só o de sempre, linda, com uma pimentinha a mais", disse a voz do assassino.

"Não sei", disse Terri, com a voz tremendo, enquanto, no espelho, a mão enluvada dele brandia um bisturi e o girava no ar, fazendo com que a lâmina de aço refletisse a luz.

O som de tecido sendo rasgado quando ele cortou o roupão e o sutiã de renda vermelha. Era um sutiã com fecho na frente, e os seios dela pulavam para fora dele, expondo os mamilos. O assassino cortou a calcinha de renda vermelha do mesmo modelo. Então virou a câmera, mostrando o roupão cor-de-rosa, as pantufas da mesma cor e o sutiã conforme foi jogando-os dentro da banheira. As mãos enluvadas dele acenaram diante da câmera segurando a calcinha de renda vermelha.

“Capturando a bandeira”, ouviu-se a voz hispânica dele. “No meu bolso para eu poder brincar mais tarde, não é, menininha?”

“Não vamos fazer isso, não”, ela disse. “Acho que não dá para mim.”

“Você devia ter pensado nisso quando contou todos os nossos segredos para aquele homenzinho.”

“Eu não contei para ele. Você que mandou os e-mails. Foi assim.”

“Olha, foi uma bagunça enorme que você fez. Como é que vai ser? Ele reclamou para a porra da promotora de Justiça. Como é que vai ser, linda? Confiei em você. Eu lhe fiz um favor. E você contou para ele.”

“Não contei para ele. Ele que me contou. Você estava mandando os e-mails para ele, e ele acabou me contando. Ele ficou histérico. Por quê? Por que você está fazendo isso?” E parecia que ela dizia Juan.

“Você vai me perguntar o porquê de alguma coisa?” O bisturi acariciando o ar, quase tocando o rosto dela, e então sendo recolhido e desaparecendo.

“Não.”

“Então, quem é o cara para você? O pequenininho? Ou eu?”

“Você”, disse o rosto apavorado dela para o espelho, enquanto as mãos enluvadas dele apertavam seus mamilos.

“Ah, mas você sabe que isso não é verdade, senão você não teria contado para ele.” A voz do assassino ralhava com ela.

“Juro que não. Ele descobriu por causa dos e-mails, por causa daqueles mapas que você mandou para ele. Ele me contou. Você o deixou com medo.”

“Ah, linda.” Apertando os mamilos dela com mais força. “Não quero escutar mais mentiras suas. E, agora, preciso descobrir como tirar aquela merda da bunda dele antes que outra pessoa descubra.”

Lucy apertou o pause e a gravação congelou numa imagem borrada do rosto de Terri refletido no espelho, com os olhos arregalados e falando enquanto as mãos dele apertavam seus seios.

“Bem aqui”, disse Lucy. “O jeito que ele fala. Será que está dando a entender que vai matar Oscar? É ele que vai tirar o negócio da bunda dele?”

“Estou me perguntando a mesma coisa”, disse Berger.

Ela sublinhou três vezes uma frase-chave em meio às anotações em seu bloquinho: gps — *ideia de Terri?*

Berger disse para Lucy: “Acho que não há dúvidas sobre como isso começou. Terri pediu que Morales seguisse Oscar, pois era uma pessoa ciumenta e controladora. Não era da natureza dela confiar em ninguém e, antes de ela considerar a hipótese de se comprometer com Oscar ou talvez falar dele para os pais, queria provas de que ele era decente”.

“Se é que dá para encontrar lógica na psicopatologia.”

“A gente tem que encontrar. Jurados esperam motivos para as coisas. Você não pode simplesmente dizer que alguém é malvado ou que fez aquilo porque teve vontade.”

“Terri pode ter dito alguma coisa sobre querer saber o que Oscar fazia, mas duvido que um gps implantado tenha sido ideia dela”, disse Lucy. “Não acho que Terri tenha imaginado que Morales fosse fazer o favor para ela e então levá-lo um pouco mais longe ao mandar e-mails anônimos com itinerários traçados por gps para Oscar, para enlouquecê-lo, atormentá-lo pra cacete. Os e-mails com os itinerários pararam de chegar quando Oscar acabou falando deles para Terri, e ela obviamente deve ter dado uma bronca em Morales por causa disso.”

“Isso. É a isso que Morales está se referindo.” Berger indicou a imagem congelada na tela da tv. “Ela cometeu um erro e reclamou para Morales, talvez o tenha repreendido. Um cara como esse? Você insulta o narcisismo dele? Então ele faz como o psicopata típico e joga a culpa em Terri, porque foi ela que queria que ele espionasse Oscar. Subitamente, é culpa dela se Oscar ligou para a promotoria e contou tudo.”

“Para Marino, no dia 3 de dezembro”, disse Lucy. “E, nesse mesmo período, Oscar destruiu o disco rígido do computador dele e escondeu o pen drive em sua biblioteca, onde minha tia e Benton o encontraram. Morales parou de mandar os e-mails para ele, porque Terri já sabia de tudo e a máscara tinha caído.”

“Kay mencionou o fio de linha no carpete bem em frente à porta do apartamento de Oscar. O acesso ao topo do prédio e a escada de incêndio. Eu me pergunto se Morales entrou lá tentando encontrar os itinerários que enviara e, aproveitando a viagem, plantou o pote de Aqualine. Eu me pergunto se ele entrou pela janela, fez o alarme disparar, depois saiu pelo acesso do topo do prédio para que o porteiro não o visse. Ele tinha uma chave e o código do alarme, a senha. Depois que Morales matou Terri, ele teve algumas surpresas. Oscar exigiu ir para Bellevue. Ele exigiu ver Benton e Kay. Agora, os riscos ficaram muito maiores. Morales tem alguns adversários de peso com quem lidar. Incluindo você. Ele quer pegar a droga dos itinerários para que uma pessoa como você não consiga rastreá-los e chegar nele. E ele queria que Oscar levasse a culpa por pelo menos quatro homicídios.”

“Um caso clássico de alguém que está degringolando”, disse Lucy. “Morales na verdade não precisava matar Eva Peebles. Aliás, ele não precisava matar Terri. Ele costumava ser esperto e fazer isso só com estranhos. O que eu ainda não consegui entender é por que Oscar deixaria alguém fazer isso?”

“Você quer dizer o implante.”

“Você acabou de ouvi-lo dizer isso. Ele enfiou alguma coisa na bunda de Oscar e tem que pegar de volta. O que mais isso poderia significar? Para mim, só pode ser uma coisa. Mas você não pode chegar para alguém e dizer ‘Ei, posso implantar um

microchip com gps debaixo da sua pele?'."

Berger colocou a mão no joelho nu de Lucy e inclinou-se sobre ela para pegar o telefone sem fio. Ela ligou para Scarpetta pela segunda vez em uma hora.

"Somos nós de novo", disse Berger. "Talvez você e Benton devessem vir logo para cá."

"Eu não posso. Ele não pode", disse Scarpetta.

Berger colocou-a no viva voz e deixou o fone em pé sobre a mesa de centro que havia em sua bela saleta feita de couro e vidro, onde havia pinturas e serigrafias polimórficas de Yaacov Agam que pareciam mudar e tremular conforme ela se movia.

Aquela era a sala de Greg.

Onde ele costumava se plantar diante da tv enquanto Berger estava sozinha na cama, no quarto adjacente, dormindo ou trabalhando. Ela levara algum tempo para entender que um dos motivos de Greg ficar acordado em horas tão estranhas, como se estivesse no fuso horário do Reino Unido, era que ele estava mesmo no fuso horário do Reino Unido. Greg se sentava naquela sala e, em algum momento depois da meia-noite no fuso horário de Nova York, ligava para sua amiga advogada, que estaria acabando de acordar em Londres.

"Benton está com Marino e Bacardi", disse Scarpetta. "Eles saíram. Foram bastante misteriosos sobre o que iam fazer. Ainda não tive notícias da doutora Lester. Imagino que você também não."

Morales deixara a dra. Lester no Instituto Médico Legal mais cedo, porque a essa altura não sabia o que Lucy estava prestes a descobrir. Agora, Morales estava consciente de que havia gente procurando por ele, pois Berger o contatara. Tudo o que ela precisara dizer fora: "Acho que você precisa explicar algumas coisas".

Berger chegara a mencionar nitrato de prata e a dra. Stuart quando ele desligou o telefone na cara dela.

"Imagino que alguém vá me dizer se eu precisar ir para lá", disse Scarpetta. "Embora duvide muito que isso seja um problema, ela precisa mesmo radiografar Eva Peebles meticulosamente. Estou me repetindo, porque você não quer que o corpo dela deixe o necrotério até que cada centímetro tenha sido radiografado. O mesmo vale para o corpo de Terri. Ele deve ser radiografado de novo, cada centímetro."

"É sobre isso que eu queria falar", disse Berger. "Sobre essa ideia do implante de microchip. Quando você falou com Oscar, ele disse algo que a levaria a acreditar que ele algum dia, por algum motivo, teria permitido que algo assim fosse feito? Lucy e eu estamos assistindo a esse vídeo horrível de novo, e é isso que o assassino está dando a entender. Quero dizer, Morales. A gente sabe que é ele."

"Oscar jamais teria permitido isso", disse Scarpetta. "É muito mais provável que

ele tenha reclamado de tratamentos dolorosos, especificamente da remoção de pelos a laser. E ele removeu pelos das costas e talvez das nádegas. Não tem qualquer cabelo, exceto no rosto e na cabeça. E tem pelos pubianos. Ele mencionou Dolantina para mim. Se alguém entrasse usando jaleco e máscara cirúrgica, e Oscar estivesse de barriga para baixo, ele não teria visto o assistente e não o reconheceria mais tarde. No apartamento de Terri, por exemplo, quando Morales encontrou Oscar na cena de crime... Oscar não necessariamente faria a ligação entre ele e um assistente qualquer do consultório da doutora Stuart."

"No vídeo, achamos que Terri o chama de Juan. Não temos certeza. Você precisa ouvir", disse Berger.

Scarpetta disse: "Eles estão fazendo P&D com chips com gps sem fio e envoltos em cápsulas de vidro, e têm antenas em miniatura e uma bateria que chega a durar três meses. São mais ou menos do tamanho de um grão de arroz, talvez menores. Um deles pode ter sido implantado nas nádegas de Oscar e ele jamais notaria, principalmente se o chip tiver migrado, se enterrado mais fundo, o que acontece. Poderíamos encontrá-lo com uma radiografia, se conseguíssemos encontrar Oscar. Aliás, ele não é o único que é paranoico com esse tipo de coisa. O governo dos Estados Unidos tem diversos programas-piloto, e muita gente teme que a implantação obrigatória de chips esteja no horizonte".

"Comigo, não", disse Berger. "Eu me mudo."

"Você vai ter bastante companhia. É por isso que algumas pessoas chamam isso de tecnologia Marca da Besta 666."

"Mas você não viu nada parecido nas radiografias de Terri?"

"Eu estava procurando", disse Scarpetta. "Tenho os arquivos eletrônicos disso e de tudo o mais, e não fiz nada além de trabalhar nisso desde a última vez em que nos falamos. A resposta é não. É muito importante que a doutora Lester faça mais radiografias, e eu quero examiná-las. Principalmente com foco nas costas, nas nádegas, nos braços. Em geral microchips são implantados nos braços. Morales deve saber bastante sobre microchips pelo simples motivo de que são usados para identificar animais. Ele deve ter visto alguns sendo implantados em animais de estimação no consultório do veterinário. Talvez ele mesmo tenha feito o implante, que é um procedimento simples que só requer um chip e uma pistola com uma agulha calibre quinze. Posso estar aí em cerca de meia hora."

"Está ótimo."

Berger se inclinou sobre Lucy de novo e desligou o telefone. Ela devolveu o fone à base. Anotou mais coisas e sublinhou palavras e frases. Olhou para Lucy por um longo tempo, e ela olhou de volta. Berger quis beijá-la de novo, voltar ao que começara quando Lucy surgira em sua porta e ela a levara pela mão diretamente para o andar de cima. Lucy não tivera tempo nem de tirar o casaco. Berger não sabia

como podia pensar em algo do tipo naquele momento, com aquela imagem horrenda congelada na grande tv de tela plana. Ou talvez fosse por isso que estava pensando nisso. Berger não queria ficar sozinha.

"Isso é o que faz mais sentido", disse Lucy finalmente. "Morales ter implantado o chip com gps em Oscar quando ele estava no consultório da dermatologista. Ele provavelmente achou que estava levando uma injeção de Dolantina na bunda. Terri devia ter dito algo sobre Oscar para Morales, sobre não saber se podia confiar nele, talvez quando ela e Oscar começaram a sair. E Morales fez isso e agiu como se fosse o melhor amigo dela, o confidente."

"Uma grande pergunta. Quem Terri pensava que Morales era? Juan Amate ou Mike Morales?"

"Aposto que Juan Amate. Era arriscado demais ela saber que ele era da polícia de Nova York. Acho que ela o chamou mesmo de Juan. Parece que foi isso que eu ouvi."

"Acho que você tem razão."

"Se ela estava transando com ele, isso tem alguma lógica?", disse Lucy. "Será que Morales não ia ligar se ela estava saindo com outra pessoa?"

"Não. Como eu disse, ele age como seu melhor amigo. As mulheres confiam nele. Eu confiei, até certo ponto."

"Até que ponto?"

Elas nunca haviam voltado a falar sobre os uísques no bar de Berger.

"Eu nem devia ter que dizer isso", começou Berger. "Mas Morales e eu não tivemos esse tipo de relacionamento, e eu não acho que você pense que tivemos, ou não estaria sentada aqui. Não teria voltado. Os boatos sobre o Tavern on the Green. Isso é tudo o que eles são — boatos. E, sim, sem dúvida foi ele que espalhou. Ele e Greg se gostavam."

"Para com isso."

"Não, não. Não dessa forma", disse Berger. "Uma coisa na qual Greg não é nada ambivalente é com o que ele gosta de foder, e definitivamente não é com homem."

32

Scarpetta voltou a encher as xícaras de café e levou-as numa bandeja com algumas coisas para comer. Ela acreditava que as noites mal dormidas eram curadas com boa comida.

A médica-legista botou na mesa um prato com mussarela de búfala fresca, tomates-cereja fatiados e manjericão com um fio de azeite de oliva não filtrado de prensagem a frio. Numa cesta de erva perfumada com um guardanapo de linho havia um pão italiano crocante feito em casa que ela pediu que todos passassem uns para os outros, servindo-se com as mãos, rasgando pedaços. Scarpetta disse a Marino que ele podia começar, e ele pegou a cesta enquanto ela colocou um pratinho e um guardanapo xadrez azul diante dele, e depois um diante de Bacardi.

Scarpetta colocou seu próprio prato na mesa de centro perto do prato de Benton e sentou-se ao lado dele no sofá, inclinando-se, porque só podia ficar ali um minuto.

"Lembre-se", disse Benton, "quando ela ouvir falar disso, e você sabe que ela vai ouvir, você não fala sobre o que vou fazer. Antes ou depois de eu já ter feito."

"É isso aí", interrompeu Marino. "A bosta do telefone dela vai começar a tocar que nem maluco. Vou lhe contar, não estou gostando muito disso. Queria poder pensar um pouco mais no assunto."

"Bom, a gente não pode", disse Benton. "Não temos tempo para pensar muito em nada. Oscar está em algum lugar por aí, e, se Morales ainda não o pegou, vai acabar pegando. Tudo o que ele tem que fazer é seguir os rastros de Oscar, como se fosse um animal sendo caçado."

"Como ele vem fazendo", disse Bacardi. "Olha, um cara assim faz a gente acreditar na pena de morte."

"É muito melhor a gente ter a chance de estudar essas caras", disse Benton calmamente. "Matá-los não serve a propósito nenhum."

Ele estava impecavelmente vestido num de seus ternos feitos à mão que nunca usava no hospital, um que era azul-escuro com listras de um azul mais claro, além de uma camisa azul-clara e uma gravata de seda azul prateada. O maquiador da cnn não ia precisar passar mais de quinze minutos com ele. Benton não precisava de muita coisa para melhorar sua aparência, talvez um pouco de pó e um leve spray em seu cabelo cor de platina, que estava precisando de um corte. Para Scarpetta, ele não mudara nada, e ela esperava que ele estivesse fazendo a coisa certa. Esperava que os dois estivessem fazendo a coisa certa.

"Não vou falar nada para Jaime. Não vou me meter", ela disse, e então se deu

conta de que começara a chamá-la de Jaime mais ou menos ao mesmo tempo em que Jaime começara a ficar tanto com Lucy.

Todos esses anos, e Scarpetta em geral se referia a ela como Berger, o que era um pouco frio e talvez pouco respeitoso.

"Vou dizer a ela que deve tratar do assunto com você. O canal não é meu e, ao contrário do que muitos acreditam, não mando em você", disse Scarpetta para Benton.

O celular de Marino tocou. Ele pegou seu palmtop e apertou os olhos para ver o que havia na tela.

"É a Receita Federal. Deve ser sobre todas aquelas instituições de caridade que fundei", ele disse, apertando o botão azul que piscava em seu fone de ouvido para atender. "Marino... É... Estou por aqui. E você? Só um minuto. Vou começar a escrever."

Todos ficaram em silêncio para que ele pudesse falar. Marino colocou seu palmtop na mesa de centro e o bloco de notas sobre seu largo joelho. Ele começou a anotar. De cabeça para cima ou para baixo, a letra de Marino era mais ou menos igual. Scarpetta jamais fora capaz de lê-la, pelo menos não sem irritação tremenda, porque ele tinha sua própria versão de taquigrafia. Marino podia fazer quantas piadas quisesse, mas a verdade era que sua caligrafia era muito pior que a dela.

"Não quero ficar enchendo seu saco", disse Marino. "Mas, em primeiro lugar, quando você diz Ilha de Man, onde diabos fica isso? Imagino que seja um daqueles paraísos fiscais caribenhos ou talvez uma daquelas ilhas perto de Fiji... Olha só, que coisa. Nunca ouvi falar, e já fui lá. Não, eu quis dizer à Inglaterra... Entendi que não é exatamente na Inglaterra. Sei que a Ilha de Man é uma porra de uma ilha, mas caso você tenha tomado bomba em geografia, a Inglaterra é uma porra de uma ilha."

Scarpetta se aproximou do ouvido de Benton e desejou-lhe boa sorte. Ela teve vontade de dizer a ele que o amava, o que não acontecia muito quando havia outras pessoas em volta. Por algum motivo, Scarpetta queria dizer isso, mas não disse. Ela se levantou e hesitou, porque Marino parecia estar prestes a desligar o telefone.

"Sem querer ofender, mas a gente já sabia disso. A gente tem esse endereço", disse o investigador.

Ele olhou para Bacardi e balançou a cabeça, como se o agente da Receita Federal com quem estava falando fosse mais burro que uma toupeira — uma das expressões preferidas de Marino.

"Isso mesmo... Não, você deve estar falando do 1A. É o de Terri Bridges. Sei que é a empresa que aluga e que você não tem um nome ainda, mas esse é o apartamento dela... Não. Não o 2D. Ela morava no 1A." Marino franziu o cenho. "Tem certeza, certeza absoluta? Espere aí. Esse cara é inglês, não é? Bom, ele é italiano, mas mora no Reino Unido, é cidadão de lá... Muito bem. Então isso se encaixa com essa

história de Ilha de Man, acho. Mas é bom você estar certo, porque em mais ou menos meia hora essa porra dessa porta vai ser aberta com um chute."

Marino tocou seu fone de ouvido e desligou sem agradecer ao homem da Receita Federal ou se despedir dele.

"O *Quem Ver na Metrópole*? A gente não tem o nome do colunista, mas sabemos onde ele tem um apartamento. Em cima do apartamento de Terri Bridges. 2D. A não ser que algo tenha mudado e ninguém tenha dito nada para a gente, ainda não tem ninguém naquele prédio. O inquilino é um italiano que trabalha com finanças, o nome dele é Cesare Ingicco e o domicílio é na Ilha de Man, onde a empresa dele fica, e a Ilha de Man não é no Caribe, só para vocês saberem. A empresa que aluga o apartamento dele é essa *offshore* sobre a qual Lucy desencavou umas informações. É quase certo que o cara na verdade não mora lá, que outra pessoa trabalha no apartamento ou talvez ninguém. Portanto, parece que a gente precisa arrumar um mandado e entrar lá. Ou quem sabe a gente entra e depois arruma o mandado. Tanto faz. Não podemos perder tempo, já que Eva Peebles trabalhava indiretamente para esse tal de Cesare Ingicco que mora do outro lado da rua, mas que provavelmente não é a pessoa que mora lá, ele deve morar nessa ilha, e a gente vai descobrir — esperem só — que ele falava com Eva só por telefone, de fora do país. Qualquer que seja o caso, Eva não sabia de merda nenhuma. Não é esquisito?"

"Que tal eu encontrar com alguns de vocês lá?", perguntou Bacardi. "Acho que vocês deviam ficar por essa área. Quando Benton for ao ar ao vivo, pode ser que dê a maior merda."

"Concordo", disse Benton. "Morales vai ter certeza, se é que tinha alguma dúvida, de que achamos que ele pode estar atrás de Oscar e de que o resto do mundo está atrás dele, Morales."

"Você acha que tem alguma chance de Oscar e Morales serem parceiros nisso tudo?", perguntou Bacardi. "Talvez eu seja maluca, mas como a gente sabe que não trabalham em equipe, que nem Henry Lee Lucas e Ottis Toole? E até hoje tem muita gente que acha que o Assassino da 44 também não agia sozinho. Nunca se sabe."

"Muito improvável", disse Benton enquanto Scarpetta, que estava perto da porta, vestia o casaco. "Morales é narcisista demais para trabalhar junto com outra pessoa. Ele não consegue trabalhar com mais ninguém, não importa o que esteja fazendo."

"Pode crer", disse Marino.

"Mas e quanto às pegadas e impressões digitais de Oscar que encontramos no apartamento de Eva Peebles?" O argumento de Bacardi era bom. "Não sei se a gente deveria simplesmente ignorá-las e presumir que foram forjadas ou que houve um erro."

"Adivinha quem encontrou as pegadas e as impressões digitais?", disse Marino. "A porra do Morales. Além do mais, ele está com um par de tênis de Oscar desde

que pegou as roupas dele aquela noite."

"Alguém viu Morales pegando as impressões da luminária?", continuou Bacardi. "Isso não é fácil de forjar. Tipo, se é um tênis que você pegou de um suspeito, isso é uma coisa. Mas pegar os dedos dele e deixar impressões, por assim dizer, é outra. O que estou querendo dizer é que você precisa ter criado uma conspiração muito inteligente para poder tirar impressões digitais de uma cena de crime e fazer com que sejam identificadas como as de outra pessoa no sistema do computador. No sistema do fbi."

"Bom, Morales é um cara inteligente", disse Marino.

Bacardi se levantou e disse: "Vou lá para Murray Hill. Quem me encontra lá?".

"Sente-se aí." Marino puxou de leve a parte de trás do cinto dela. "Você não vai pegar uma bosta de um táxi. Você é uma detetive da divisão de homicídios. Deixo você lá e volto direto para cá. Estou com um aríete na mala do carro, você pode ficar com ele. Eu o roubei ontem à noite quando o levaram para a casa de Peebles, foi um pedido especial meu. Ops. Esqueci de devolver."

"Estou indo", disse Scarpetta. "Todos vocês tomem cuidado, por favor. Mike Morales é um homem perverso."

"Quer saber de uma coisa?" Berger disse para Lucy. "E eu nunca contei isso para ninguém antes."

"Você não precisa me contar nada", Lucy disse.

"Acho que foi Morales que estreou a advogada antes de Greg e, como sempre faz, depois passou de sedutor ao confidente para quem você pode contar seus problemas. Quanto mais penso nisso, mais me dou conta de que ele é muito bizarro nesse sentido, entre outros. Para dizer o mínimo."

"Você acha que Greg sabia?"

"Não, não acho mesmo. Quer mais café?"

"Como você sabe que Morales estava transando com a advogada?"

"Não é difícil deduzir essas coisas se você trabalha no mesmo lugar que a pessoa. Não presto muita atenção, ou pelo menos parece que não, mas registro os fatos. Quando penso nisso mais tarde, tudo fica claro. Morales provavelmente fez esse tipo de coisa inúmeras vezes, debaixo do meu nariz, ou pelo menos ouvi dizer que sim. Ele seduz alguém e a convence a trair seu namorado ou marido. Logo depois, passa a agir como se fosse protetor ou até pai da vítima. Ele a ajuda a consertar tudo. Ou fica amigo do cara que ele ferrou e que não sabe que foi ferrado, pois Morales adora ser amiguinho de alguém que não tem ideia que ele é o demônio. Joguinhos sádicos e mais joguinhos sádicos. Ele e Greg costumavam ficar sentados lá embaixo, beber as bebidas caras dele e conversar. Provavelmente sobre mim, pelo menos durante

parte do tempo. E não de um jeito legal."

"Há quanto tempo?"

"Morales foi transferido para o departamento de investigação há mais ou menos um ano. Foi por aí. Perto do fim. Pouco antes de Greg se mudar para Londres. Tenho certeza de que Morales o encorajou. Talvez tenha até sido ideia dele — que Greg terminasse logo tudo comigo."

"Talvez para que Morales pudesse começar algo com você?"

"Terminar comigo e depois começar comigo. Ele ia gostar disso", comentou Berger.

"Então foi com Greg que Morales pegou a ideia do uísque irlandês e do escocês sobre os quais escreveu na entrevista falsa que mandou para Terri, quando estava fingindo ser minha tia", disse Lucy. "E Greg não devia ter deixado ninguém convencê-lo de nada. Foda-se isso. Ele fez a escolha dele. E Morales não vai mais terminar nem começar nada, só vai acabar com ele mesmo. Você vai ver."

"Se olhar as garrafas lá embaixo", disse Berger, "aposto que ele e Greg beberam boa parte das duas. Morales ia querer a coisa mais cara do bar. É a cara dele, mesmo. E foi uma sacanagem sugerir que Kay sempre bebe uísques que custam quinhentos, seiscentos, setecentos dólares a garrafa e dizer que isso era mais que todos os livros que Terri tinha que comprar para a faculdade. Morales estava pintando um belo retrato de Kay. E se Terri tivesse terminado sua tese, seu suposto livro? Teria sido extremamente desagradável. Tenho certeza de que ocorreu a você que ele pode estar por trás do *Quem Ver na Metrópole*. É o tipo de coisa que tem tudo a ver com ele."

"O ip de seja lá quem for que escreve essas colunas foi tornado anônimo, e o provedor de internet tem uma conta que leva a uma sociedade limitada com um endereço na Ilha de Man", disse Lucy. "Que é um dos paraísos fiscais com as leis mais vantajosas do mundo. O endereço mac não é igual a nenhum que encontrei até agora, portanto essas colunas não são escritas em nenhum dos laptops ou aparelhos dos quais sabemos, e em nenhum que tenha sido usado para enviar os e-mails que vínhamos lendo. O problema é que, lugares como a Ilha de Man, Nevis, Belize, têm uma proteção de privacidade tão rigorosa que é muito difícil penetrar as barreiras e descobrir quem está por trás de uma sociedade limitada. Tenho um contato na Receita Federal que está mexendo uns pauzinhos para mim. Interessante ser no Reino Unido. Eu teria esperado as ilhas Caiman. Como é o caso de cerca de setenta e cinco por cento de todos os fundos de cobertura registrados. Mas não acho que Morales esteja por trás do *Quem Ver na Metrópole*."

"A implicação, claro, é que quem quer que seja o colunista tem muito dinheiro num paraíso fiscal", disse Berger.

"É claro que tem", disse Lucy. "Só os anúncios, as promoções de produto que faz.

Provavelmente está ganhando uma quantidade impressionante de dinheiro que é transferida para contas protegidas. Minha esperança é de que seja uma pessoa um pouco esperta demais na hora de ignorar certas leis fiscais e que isso nos leve a um endereço físico. O que eu quero dizer é: ela aluga, ou é proprietária, paga contas, ou manda alguém pagar pra ela, e é provável que more aqui em Nova York e estivesse pagando uma funcionária aqui, o que sabemos com certeza. Alguém estava transferindo dinheiro do Reino Unido para Eva Peebles em nome do *Quem Ver na Metrópole*. Esse cara, que era do departamento de álcool, tabaco, armas de fogo e explosivos e agora está na Receita Federal... Dei o nome de Marino para ele também, e ele está arrumando mais informações com o banco de Eva Peebles. Quero saber quem escreve as colunas do *Quem Ver na Metrópole* e onde diabos ela está. E se ela estiver ferrando com a Receita Federal... Que pena. Divirta-se na cadeia."

"Ela?"

"Depois que aquela primeira coluna saiu, fiz uma análise de linguagem em pelo menos outras cinquenta que estavam arquivadas. Não, eu realmente não acho que seja Morales quem escreve essas colunas e tem um site assim. Isso exigiria manutenção demais, trabalho demais. Ele é um cara que faz a merda e some, como todo mundo diz. Tem um lado descuidado, e é isso que vai acabar com ele."

"Você fez essa análise no site mais ou menos ao mesmo tempo que o travou?", perguntou Berger.

"Eu não travei o site. Foi a Marilyn Monroe."

"Esse é um assunto para outro dia. Só para você saber, não aprovo essa ideia de infectar sites com vermes", disse Berger.

"As mesmas palavras e frases aparecem constantemente, assim como alusões, metáforas, símiles." Lucy estava falando da análise de linguagem que fizera.

"Como um computador pode reconhecer uma símile?", perguntou Berger

"Um exemplo. Busque pelas palavras *como* e *tal*, e depois o computador busca por aquelas seguidas de adjetivos e substantivos. *Como a perna longa e dura de uma cadeira — como se ele tivesse três pernas*. E aqui temos mais alguns bons exemplos da prosa vulgar do *Quem Ver na Metrópole*. *Uma leve curva tal qual a de uma firme banana dentro de uma cueca Calvin Klein que parecia grudada nele*. E outra, deixe-me ver se eu me lembro bem. *Os peitinhos dela, chatos como biscoitos*; *seus mamilos, pequenos como passas*.

Berger disse: "E seu computador reconhece uma metáfora como, exatamente?".

"Conjuntos distintos de palavras com substantivos e verbos que não condizem uns com os outros. *Meu crânio hibernava no ninho molhado do meu cabelo*. *Crânio* e *hibernar* na mesma frase seriam marcados como uma inconsistência. Assim como *ninho* e *cabelo*, se você pensar nos dois literalmente. Mas, metaforicamente, o que você tem é uma frase do poeta Seamus Heaney, ganhador do prêmio Nobel. Tenho

certeza que você sabia que isso não era prosa vulgar."

"Quer dizer que seu software de rede neural lê poesia quando não está ocupado encontrando babacas na internet."

"O que ele está me dizendo é que o autor do *Quem Ver na Metrópole* provavelmente é mulher", disse Lucy. "Uma mulher arrogante, mesquinha, ressentida e furiosa. Uma mulher que compete com outras. Uma mulher que detesta tão intensamente outras mulheres que zomba de uma que sofreu uma agressão sexual. Ela humilha e degrada a vítima de novo. Ou tenta."

Berger pegou o controle remoto e apertou play.

O rosto apavorado de Terri refletido no espelho, falando enquanto as mãos cobertas por luvas de látex amassavam seus seios. Havia lágrimas em seus olhos. Ela estava sentindo dor.

Sua voz tremeu muito quando ela disse: "Não. Eu não posso. Sinto muito. Não fique com raiva de mim. Não quero que a gente faça isso".

Os lábios e a língua dela soaram como se estivessem grudando, de tão seca que estava sua boca.

A voz do assassino. "Claro que quer, linda. Você adora ser amarrada e comida, não é? Então dessa vez a gente vai até o fim, sacou?"

Mãos enluvadas colocaram um pote de Aqualine no balcão, desatarraxando a tampa, e enfiaram dedos nela. Ele passou o lubrificante na vagina de Terri com ela de costas para ele, e levou bastante tempo, com seu pênis ereto e coberto por uma camisinha empurrando com força a parte de cima das costas dela. Ele a agrediu sexualmente com o lubrificante e com seus dedos. Estuprou-a com o medo. Não a penetrara com o pênis, a não ser que o tivesse feito fora do alcance da câmera. Não era isso que ele queria.

A cadeira raspou no chão quando ele a obrigou a se sentar.

"Olhe como você está bonita no espelho", ele disse. "Toda bonita, sentadinha. Quase da mesma altura que tem quando está de pé. De quem mais eu posso falar isso, não é, menininha?"

"Não", ela disse. "Por favor, não. Oscar vai chegar daqui a pouco. Por favor, pare. Minhas mãos estão dormentes. Por favor, tire isso. Por favor."

Ela estava chorando, mas tentando agir como se aquilo tudo fosse brincadeira. Estava tentando agir como se ele não estivesse fazendo nada de ruim, na verdade. Era uma brincadeira sexual e, pelas referências e pelo comportamento deles, parecia certo que já tivessem feito sexo antes e talvez as amarras fossem parte do drama. Mas nada como aquilo. Nem de longe. Uma parte de Terri sabia que ela estava prestes a morrer, e a morrer de um jeito horrível, mas ela estava fazendo de tudo para pensar que aquilo não era verdade e assim fazer com que não fosse.

"Ele chega aqui às cinco, o pobrezinho do Oscar, tão pontual. A culpa é sua,

sabia?", disse a voz de Morales para o rosto dela no espelho. "De agora em diante, linda, é o que você criou..."

Berger pausou o vídeo de novo. Ela fez mais algumas anotações.

Tudo fazia sentido. Mas eles não podiam provar droga nenhuma. Ainda não haviam visto o rosto de Mike Morales, nem uma vez. Nem naquele vídeo, nem no que ele fizera quando assassinara Bethany em seu apartamento vagabundo em Baltimore, no verão de 2003, quando se formara na Faculdade de Medicina Johns Hopkins, nem no vídeo que fizera meses depois, quando assassinara Rodrick e jogara seu corpo jovem e gracioso de menino perto da revendedora da Bugatti em Greenwich, onde Rodrick provavelmente chamara a atenção de Morales por causa da clínica veterinária onde trabalhava em meio período. Ele provavelmente conhecera Bethany do mesmo jeito, só que em outra clínica veterinária, em Baltimore.

Em ambos os casos, Morales fizera a mesma coisa que fizera com Terri. Ele amarrara os pulsos das vítimas. Estava vestindo luvas cirúrgicas quando as penetrara com os dedos, usando o mesmo tipo de lubrificante. Naquela época, cerca de cinco anos antes, ele estava prestes a entrar na academia de polícia de Nova York e trabalhava meio período com veterinários, não dermatologistas. Mas veterinários usam cauterizadores e lubrificantes como o Aqualine. O fato de Morales ter furtado um pote parcialmente usado de lubrificante do local onde trabalhava era parte de seu *modus operandi* e talvez remontasse ao seu primeiro assassinato.

Berger não tinha ideia de quantas pessoas Morales matara, mas ela se perguntava se ele usava o lubrificante para confundir a polícia com uma mistura de perfis de dna diferentes.

"É o tipo de coisa que ele acharia engraçado", ela disse para Lucy. "Ele deve ter adorado quando um dos perfis foi encontrado no banco de dados e era de uma paraplégica de Palm Beach. Que hilário deve ter sido."

"Ele não vai conseguir se safar", disse Lucy.

"Não sei, não."

A polícia não apenas não encontrara Morales como àquela altura ainda não tinha um mandado de prisão contra ele. O principal problema, que continuaria a ser um problema, era conseguir provas. Os resultados dos laboratórios não provavam que Morales tinha matado ninguém, e encontrar seu dna na cena do crime de Terri e até em seu cadáver não significava nada, já que entrara no apartamento dela e a tocara quando fora verificar se havia algum sinal de vida. Morales era o principal investigador do caso de Terri e tocara tudo e todos que tinham alguma ligação com ele.

E o rosto de Morales não aparecia nos vídeos. Não havia imagens que o mostrassem entrando e saindo do prédio de Terri, porque ele provavelmente usara o acesso do topo do prédio duas noites antes, puxando a escada para cima depois de

subir. E, depois, devolvendo-a ao armário. Antes disso, quando ele se encontrara com ela, provavelmente havia sido em outro lugar. Não no apartamento de Terri. Era arriscado demais. Alguém poderia se lembrar de vê-lo naquela área. Morales era esperto demais para correr esse perigo.

Era possível, considerou Berger, que ele tivesse usado o topo do prédio naquela ocasião também. Ela não descartaria a hipótese e talvez jamais soubesse a verdade.

Morales era muito inteligente. Ele se formara em Dartmouth e na Johns Hopkins. Era um psicopata sexual sádico, talvez o mais brutal e perigoso que Berger jamais encontrara. Ela pensou nas vezes em que estivera sozinha com ele. No carro dele. No Tavern on the Green. E na parte do Central Park chamada de Ramble, onde fora dar mais uma olhada na cena do crime onde uma maratonista fora estuprada e manualmente estrangulada. E, agora, tinha que se perguntar se ela era outra vítima. Será que Morales matara aquela mulher também?

Berger suspeitava que sim. Mas não podia provar. Um júri dificilmente confiaria numa identificação baseada no som da voz dele, que, assim como a luva ensanguentada do caso O. J. Simpson, podia ser alterada quando Morales quisesse, para que não soasse exatamente como o assassino nas gravações. Aquele homem falava com um forte sotaque espanhol. Morales, ao falar normalmente, não tinha sotaque discernível. Tampouco seria possível conseguir uma condenação com base apenas na análise acústica forense. Não importava quão sofisticado fosse o software.

Não era provável que alguém — e certamente não uma promotora tão experiente quanto Berger — sugerisse uma coisa tão ridícula quanto uma comparação do pênis de Morales com o pênis que aparecia nos vídeos, um pênis normal, não circuncidado, sem nada de estranho, nada de extraordinário. E o fato de ele estar com uma camisinha tinha o mesmo efeito de uma pessoa usar uma meia sobre o rosto. Se houvesse qualquer característica que pudesse identificá-lo, mesmo que fosse apenas uma pinta, estava oculta.

O máximo que a polícia podia fazer — ou Lucy podia fazer — era provar que aqueles vídeos violentos e aparentemente incriminadores haviam sido encontrados na conta de e-mail dele, mas onde Morales os obtivera? O fato de tê-los não provava que ele matara ninguém, nem mesmo que fizera a filmagem com uma câmera de mão que deveria ter colocado sobre um tripé. Lucy era a primeira a afirmar que fazer com que jurados compreendessem o que eram endereços de ip, endereços mac, anonimizadores, *cookies*, *sniffers* e cerca de cem outros termos que eram parte normal de seu vocabulário era como voltar aos velhos tempos, no fim da década de oitenta e início da década de noventa, quando pessoas como Berger ainda estavam tentando explicar o que era dna para juízes e jurados.

Os olhos perdiam o foco. Ninguém confiava naquilo. Berger gastara uma

quantidade extraordinária de tempo e energia para se adequar ao padrão Frye sempre que tentara fazer com que provas que envolvessem dna fossem aceitas num processo. Na verdade, o dna não ajudara seu casamento, não que muita coisa fosse ter ajudado. Mas, com a proliferação de novas técnicas científicas havia surgido mais pressão e mais exigências, num nível que ninguém imaginara ou vira antes. Talvez se a ciência forense tivesse permanecido igual ao que era quando Berger ainda estava estudando na Columbia e morando com uma mulher que acabara partindo seu coração e fazendo com que ela, assustada, corresse para os braços de Greg, a promotora houvesse tido um pouco de energia sobrando para sua vida pessoal. Talvez Berger pudesse ter tirado mais férias, ou ao menos tirado férias em que não levaria sua pasta de trabalho. Talvez tivesse conhecido melhor os filhos de Greg, conhecido de verdade. Talvez tivesse conhecido melhor algumas pessoas com quem trabalhava, como Scarpetta, que não recebera nem sequer um cartão de Berger após a morte de Rose, apesar de a promotora ter ficado sabendo do que acontecera.

Marino havia lhe contado.

Talvez Berger houvesse se conhecido melhor.

"Kay vai chegar daqui a pouco. Preciso me vestir", ela disse para Lucy. "Na verdade, talvez você devesse se vestir também."

Lucy estava usando uma camiseta de homem e uma cueca samba-canção. Ela e Berger haviam assistido ao que era chamado de "filme *snuff* " em alguns mercados, e nenhuma das duas estava usando muita roupa. Ainda era cedo, nem dez da manhã, mas parecia mais o final da tarde. Berger sentia-se como se estivesse com jet lag. Ela ainda estava com o pijama de seda e o roupão que vestira após sair do banho, minutos antes de Lucy aparecer em seu prédio.

Num período de menos de cinco horas desde que Scarpetta, Benton, Marino, Bacardi e Morales haviam estado em sua sala de estar, Berger descobrira a grotesca verdade e assistira a ela como se estivesse acontecendo diante de seus olhos. Testemunhara a morte de três pessoas torturadas que haviam sido presas de um homem que supostamente deveria protegê-las: um médico que era um não médico, que não deveria ter virado policial, que não deveria nem poder chegar perto de qualquer criatura viva.

Até ali, apenas Jake Loudin havia sido localizado. É claro que ele não ia admitir que conhecia Mike Morales, que talvez até o usasse para fazer a eutanásia em animais de estimação que não conseguiam vender ou Deus sabe lá o quê. Talvez Morales usasse o nome Juan Amate quando entrava nos porões das pet shops e acrescentava uma camada de desgraça no mundo, por uma modesta quantia. Talvez Berger desse sorte e encontrasse uma maneira de convencer Loudin a admitir, em troca de uma redução da pena, que ligara para Morales na noite anterior depois que Eva Peebles estivera no lugar errado na hora errada, o porão de uma pet shop.

Berger não achava realmente que Loudin tivesse pedido a Morales que matasse alguém. Mas a existência de Eva Peebles estava se tornando uma inconveniência que dava a Morales uma desculpa para se divertir um pouco mais.

O interfone tocou enquanto Berger terminava de se vestir com Lucy sentada ali na cama, porque elas não haviam parado de conversar.

Berger atendeu o interfone enquanto abotoava sua camisa Oxford de algodão.

"Jaime? É Kay", disse a voz de Scarpetta. "Estou aqui na sua porta."

Berger apertou o zero no teclado e destrancou remotamente a porta, dizendo: "Entre, vou descer daqui a um minuto".

Lucy perguntou: "Posso tomar um banho rápido?".

33

Marino assistia ao programa Headline News em seu palmtop enquanto caminhava depressa pela rua Central Park South, metendo o ombro primeiro, desviando-se dos outros pedestres como um jogador de futebol americano tentando um touchdown.

Benton, usando seu terno azul listrado, estava sentado numa mesa diante de um repórter, Jim sei lá o quê. Marino não lembrava o sobrenome dele, pois àquela hora não eram os repórteres mais famosos que estavam trabalhando. Abaixo da imagem de Benton lia-se em letras gordas e negras:

dr. benton wesley, psicólogo forense
hospital mclean

"Obrigado pela sua presença. Está aqui conosco o doutor Benton Wesley, ex-chefe da unidade de ciência comportamental da Academia do fbi, e agora o senhor na verdade trabalha em Harvard e aqui na John Jay?"

"Jim, quero ir direto ao ponto, porque isso é extremamente urgente. Gostaríamos de fazer um apelo ao doutor Oscar Bane e pedir que ele, por favor, entre em contato com o fbi..."

"Deixe-me explicar para nossos telespectadores que o senhor está se referindo a casos dos quais é impossível não ter ouvido falar, não importa para onde se olhe — os dois homicídios absolutamente aterradores cometidos em Nova York nas últimas duas noites. O que o senhor pode nos dizer sobre eles?"

Logo adiante estava o Columbus Circle e os arranha-céus da Time Warner, em cujos estúdios Benton estava naquele exato segundo. Aquela era uma má ideia. Marino entendia por que Benton achava que não havia escolha, e por que ele não queria falar com Berger primeiro. Benton não queria que a promotora pudesse ser responsabilizada, e ela não era chefe dele. Ninguém era chefe dele. Marino entendia, mas agora que o amigo estava aparecendo em rede internacional, ele tinha uma sensação ruim.

"O que a gente quer pedir é que, se ele estiver escutando, por favor, ligue para o fbi." A voz de Benton ao vivo na tv, pelo fone de ouvido de Marino. "Temos motivos para nos preocupar muito com a segurança do doutor Bane, e ele não deve — repito — não deve contatar a polícia local ou negociar com outra autoridade. Deve ligar para o fbi, e eles o levarão para um lugar seguro."

Uma das coisas que Scarpetta sempre dizia é que não se deve nunca encurralar

uma pessoa até que ela não tenha mais nada a perder ou nenhum lugar para ir. Benton sempre dizia isso também. E Marino. Então, por que estavam fazendo isso? Primeiro, Berger ligara para Morales, e Marino achara péssima ideia. Ela basicamente avisara para ele o que ia acontecer, talvez tripudiando um pouco por estar ferrando com ele. O brilhante Morales flagrado, sem saída. Berger era uma promotora muito boa. Ela era durona, sem dúvida. Mas não devia ter feito isso, e Marino ainda não sabia por que fizera.

Ele tinha a sensação de que era por um motivo pessoal, pelo menos em parte. Scarpetta não fizera nada parecido e tivera a chance. Quando haviam se reunido na sala de Berger à meia-noite, Scarpetta poderia ter dito muitas coisas para provocar Morales, de quem não gostava e em quem não confiava, assim como Marino, embora eles ainda não soubessem que o hobby dele era estrelar seus próprios filmes *snuff*. Mas Scarpetta fora completamente profissional, comportara-se do mesmo jeito, com Morales sentado bem ali. Mesmo se ela tivesse achado que ele era um assassino, se não tivesse nem uma sombra de prova, teria ficado calada. Ela era assim.

"Tenho que dizer, doutor Wesley, que esse provavelmente é o apelo mais estranho que já ouvi. Bom, talvez *apelo* não seja a palavra correta, mas por que..."

Marino olhou para os dois homenzinhos minúsculos discutindo em seu palmtop. O prédio de Berger ficava a cerca de duas quadras de distância. Ela não estava a salvo. Se você provocar demais uma pessoa como Morales e esfregar na cara dele, o que vai acontecer? Ele vai fazer alguma coisa. Com quem vai fazer primeiro? Com a mesma mulher que vem tentando conquistar desde que se tornou investigador. A mesma mulher sobre quem mente, deixando todo mundo com a mesma impressão falsa de que fez sexo com a promotora de justiça especializada em crimes sexuais. Não era verdade. Nem de longe.

Morales não era o tipo de Berger.

Marino achara que sabia quem era o tipo de Berger, um cara rico como Greg. Mas conforme ele observara Berger e Lucy juntas quando todo mundo estava na sala dela, depois vira Lucy ir atrás dela na cozinha e então sair de repente do apartamento, Marino mudara de ideia e não tivera mais nenhuma dúvida.

O fraco, a paixão de Berger, não era pelos homens. Emocionalmente, fisicamente, ela tinha uma constituição diferente.

"Oscar tem todos os motivos do mundo para não confiar em ninguém neste momento", Benton estava dizendo. "Temos motivos para acreditar que certos medos que expressou para as autoridades em relação à sua própria segurança têm fundamento. Nós os estamos levando muito, muito a sério."

"Mas espere. Há um mandado de prisão contra ele, por assassinato. Desculpe, mas parece que você está protegendo o bandido."

"Oscar, se você estiver me escutando", Benton olhou para a câmera, "você precisa

ligar para o fbi, para qualquer escritório local, de onde quer que esteja. Você vai ser levado para um local seguro."

"Parece que as outras pessoas é que deveriam estar preocupadas com a segurança delas, não acha, doutor Wesley? A polícia suspeita que foi ele quem matou aquelas..."

"Não vou discutir o caso com você, Jim. Obrigado por me escutar."

Benton soltou o microfone da roupa e se levantou da cadeira.

"Bem, esse foi um momento incomum na investigação de crimes da cidade de Nova York. Dois assassinatos sacudiram o Ano-Novo, e o lendário — acho que posso usar a palavra *lendário* — psicólogo forense Benton Wesley está fazendo um apelo ao homem que todo mundo acha ser o culpado..."

"Merda", disse Marino.

Depois de ouvir isso, Oscar não ia ligar de jeito nenhum para o fbi, para Deus, ou para qualquer outra pessoa.

Marino fez *logoff* e fechou seu navegador enquanto caminhava à toda. Ele suava debaixo de sua velha jaqueta de couro da Harley, e o ar frio fazia seus olhos lacrimejarem. O sol tentava escapar de trás de pesadas nuvens escuras. O celular de Marino tocou.

"Oi", ele atendeu, desviando-se das pessoas como se elas tivessem lepra, sem olhar para nenhuma.

"Vou conversar com alguns agentes do escritório do fbi aqui de Nova York, explicar o que estamos fazendo", disse Benton.

"Acho que você foi bem", disse Marino.

Benton não pedira a opinião dele e não reagiu a ela.

"Vou dar alguns telefonemas aqui do estúdio e depois ir para o apartamento de Berger", disse o psicólogo, que parecia arrasado.

"Acho que foi bom", disse Marino. "Oscar vai ficar sabendo. Sem dúvida. Ele só pode estar num hotel de beira de estrada ou qualquer coisa parecida, e lá só tem televisão. Eles vão ficar passando sua entrevista noite e dia, pode ter certeza."

Marino levantou a cabeça e observou o prédio de vidro e metal de cinquenta e dois andares, fixando os olhos na cobertura que dava para o parque. A imponente entrada tinha a palavra trump escrita em imensas letras douradas. Mas, afinal, todas as coisas caras por ali tinham o mesmo nome nelas.

"Se Oscar nunca chegar a ver isso na tv", Marino parecia estar falando sozinho agora, de tão quieto que estava Benton, "não quero nem pensar no motivo para isso. A não ser que ele tenha feito uma cirurgia em si mesmo, todos os seus movimentos são rastreados por um gps — e você sabe de quem é o gps, certo? Então, você fez uma coisa boa. A única coisa que podia fazer."

Ele continuou a falar até perceber que a ligação caíra. Marino não tivera ideia de

que não estava falando com ninguém.

O cano da arma pressionado contra a base do crânio de Scarpetta não evocou o medo que teria imaginado. Na verdade, ela não conseguia absorver o que estava acontecendo.

Parecia não haver sinapse entre ação e consequência, entre causa e efeito, entre se e então, entre agora e futuro. Ela só estava vividamente consciente de uma consternação gigantesca, por saber que era por sua culpa que Morales estava dentro da cobertura de Jaime Berger e que no fim de sua vida ela conseguira cometer o único pecado que era imperdoável. Scarpetta era responsável pela tragédia e pela dor. Sua fraqueza e ingenuidade haviam causado aos outros aquilo contra o que ela sempre lutara.

Afinal, era tudo culpa dela. A pobreza de sua família e a perda de seu pai. A infelicidade de sua mãe, a personalidade limítrofe e a extrema disfunção de sua irmã Dorothy, e todo o mal que ocorrera a Lucy.

"Ele não estava ali quando apertei o botão do interfone", disse Scarpetta de novo, e Morales riu dela. "Eu não o teria deixado entrar."

Os olhos de Berger não piscavam, fixos em Morales, e ela estava imóvel no pé de sua escada em espiral, com o celular na mão. Acima dela havia uma galeria com as magníficas obras de arte de sua magnífica cobertura e, ao redor deles, por trás da parede curva de vidro sem manchas, a silhueta dos prédios de Nova York. Mais adiante ficava a sala de estar, que era um nível mais baixa e composta por móveis de madeiras nobres e estofados em cores terrais, onde havia não muito tempo todos eles tinham se sentado, aliados, companheiros, juntos numa campanha contra o inimigo, que agora fora revelado e estava ali de novo.

Mike Morales.

Scarpetta sentiu o cano do revólver desencostar de seu crânio. Ela não se virou. Manteve os olhos em Berger, esperando que tivesse compreendido que, quando Scarpetta saíra do elevador e apertara o botão do interfone, dizendo quem era, estava sozinha. Então, subitamente, uma força saída do inferno agarrara seu braço e a obrigara a passar pela porta de Berger. O único motivo que teria para suspeitar fora um comentário que uma das recepcionistas fizera quando Scarpetta entrara no prédio poucos minutos antes.

A bela jovem em seu belo terninho sorrira para ela e dissera: "Os outros estão esperando por você, doutora Scarpetta".

Que outros?

Scarpetta devia ter perguntado. Santo Deus, por que não perguntara? Bastaria Morales mostrar o distintivo, mas o mais provável é que nem isso tivesse sido

necessário. Ele estivera aqui horas mais cedo. Era charmoso, persuasivo, não gostava de receber não como resposta.

Os olhos de Morales percorreram o cômodo com suas pupilas dilatadas, e suas mãos cobertas por luvas de látex largaram uma pequena sacola de academia no chão. Ele abriu o zíper. Lá dentro estavam as hastes recolhidas de um tripé, amarras de náilon transparentes e outros itens que Scarpetta não conseguiu discernir. Foram aquelas amarras que fizeram seu coração disparar. Ela sabia o que podiam fazer, e sentiu medo.

"Deixe Jaime ir embora e faça o que quiser comigo", ela disse.

"Ah, cale a boca."

Como se ele a achasse um tédio.

Com um estalo, Morales amarrou os pulsos de Berger atrás das costas dela primeiro e levou-a até o sofá, empurrando-a com força e obrigando-a a se sentar.

"Comporte-se", ele disse para Scarpetta, agora amarrando seus pulsos, com muita força.

Instantaneamente, os dedos dela se contraíram e a dor foi terrível, como se um objeto de metal estivesse apertando seus pulsos, comprimindo os vasos sanguíneos e cortando a carne até o osso. Morales a empurrou e a fez sentar no sofá ao lado de Berger, ao mesmo tempo que um celular começou a tocar no andar de cima.

Os olhos dele lentamente foram do celular que removera das mãos de Berger para a galeria lá em cima e para os aposentos que ficavam depois dela.

O celular tocou e parou, e havia água correndo em algum lugar. Então, parou também. E Scarpetta pensou em Lucy no mesmo segundo em que Morales o fez.

"Você pode parar agora, Mike. Não precisa fazer isso...", Berger começou a dizer.

Scarpetta ficou de pé e Morales a empurrou com força, fazendo-a cair de novo sobre o sofá.

Ele subiu correndo a escada em espiral, e seus pés mal pareceram tocar os degraus.

*

Lucy esfregou a toalha em seu cabelo muito curto e encheu os pulmões de vapor dentro de um dos melhores chuveiros em que estivera em muito tempo.

O chuveiro de Greg. Um chuveiro com portas de vidro, com uma ducha que fazia você se sentir como se estivesse debaixo de chuva numa floresta tropical, jatos d'água, sauna a vapor, som *surround* e um assento aquecido se quisesse apenas se sentar e ficar ouvindo música. Berger estava com um cd de Annie Lennox no som. Talvez fosse uma coincidência, já que Lucy o pusera para tocar na noite anterior no loft. Greg e seus uísques, seus luxos, sua advogada. Lucy não conseguia entender um homem que realmente sabia viver, mas que escolhera alguém com quem jamais

poderia fazer isso, tudo por causa de um leve murmúrio genético.

Era mais ou menos como errar o número por um dígito. Quando você terminasse a longa e complicada equação, estaria a anos-luz da resposta, e fracassaria. Berger era a pessoa certa, mas a resposta errada. Lucy sentiu um pouco de pena dele, mas não de si mesma. Por si mesma ela sentiu uma felicidade que era indescritível, como nada que experimentara antes, e parecia que só o que fazia era senti-la de novo e de novo.

Era como ouvir a mesma música intoxicante sem parar, da mesma maneira que fizera na ducha de chuva, cada toque, cada olhar, cada intenção acidental que resultava num roçar de corpos que era tão erótico e ao mesmo tempo tão tocante, porque realmente significava algo. Não era vulgar. Não trazia culpa ou levava à vergonha. Era o encaixe perfeito, e Lucy simplesmente não podia acreditar que aquilo podia estar acontecendo com ela.

Era um sonho que nem chegara a ter, porque nenhuma parte dela jamais temera ou quisera aquilo, assim como não tinha pesadelos sobre extraterrestres ou sonhos fantásticos sobre máquinas voadoras e carros de corrida. Essas coisas ou não existiam ou eram reais e estavam ao seu alcance. Jaime Berger não era uma impossibilidade ou uma possibilidade que jamais tivesse passado pela cabeça de Lucy. Embora certamente durante seus primeiros encontros tivesse sentido uma vertigem, um nervoso nas raras ocasiões em que estivera perto de Jaime, como se alguém estivesse lhe oferecendo a oportunidade de brincar com um felino muito grande e não domesticado, como um guepardo ou um tigre, algo que ela jamais pensara em ver de perto, quanto mais acariciar.

Lucy ficou de pé dentro do chuveiro repleto de vapor, sem poder ver pelo vidro embaçado, pensando em qual seria a melhor maneira de ter uma discussão franca com sua tia, para explicar ou só conversar.

Ela empurrou a porta para abri-la no mesmo instante que uma silhueta se moveu diante de seus olhos, e o vapor se desfez em torno do rosto de Mike Morales. Ele sorriu para Lucy, com uma pistola apontada a poucos centímetros de sua cabeça.

“Morra, piranha”, ele disse.

A porta cedeu a um só golpe do aríete e bateu com força contra a parede.

Bacardi e um policial de uniforme cujo nome ela achava ser Ben entraram no apartamento 2D e ouviram a música suave do Coldplay ao mesmo tempo que davam de cara com a dra. Kay Scarpetta.

“Que diabo é isso?”, disse Bacardi.

Scarpetta estava em todas as paredes. Pôsteres, alguns que iam do teto ao chão, não de fotos posadas, mas de imagens jornalísticas dela no estúdio da cnn,

caminhando pelo Marco Zero ou no necrotério, distraída e sem saber que alguém estava tirando o que Bacardi chamava de "foto de ação pensante". Não significava que a pessoa estava fazendo uma ação dinâmica, mas que estava sendo dinâmica mentalmente.

"É como se fosse um santuário", disse Ben, ou seja lá qual fosse o nome dele.

O apartamento nos fundos do prédio, um andar acima do apartamento de Terri Bridges, não tinha nenhum móvel além de uma escrivaninha de bordo de frente para a parede e, enfiada debaixo dela, uma pequena cadeira de escritório. Sobre a escrivaninha havia um laptop, um desses novos PowerBooks, AirBooks, como quer que se chamem, caros e quase sem peso. Bacardi já ouvira histórias de gente que os jogara fora sem querer no meio dos jornais velhos e entendia como era possível isso acontecer. O laptop estava ligado a um carregador, e a música "Clocks" tocava no iTunes — com o volume baixo, sem parar, Deus sabe quanto tempo havia, pois alguém selecionara repetir no menu.

Sobre a escrivaninha estavam também quatro vasos de vidro talhado barato, cada um com uma rosa murcha. Ela foi até a mesa e arrancou uma das pétalas.

"Rosas amarelas", disse Bacardi.

O policial Ben, como ela agora o chamava em sua cabeça, estava ocupado demais observando o santuário em homenagem a Scarpetta para ligar para algumas rosas mortas ou compreender que, de acordo com a visão feminina, o amarelo importava. A necessidade de segurança de Bacardi exigia vermelho quando o assunto eram rosas, mas seu instinto sabia que não era bem assim. Um homem que lhe dava rosas amarelas era um homem que nunca conseguiria, e esse era o homem que ia querer e iria mover mundos e fundos para obter. Ela olhou de soslaio para o policial Ben, temendo por um instante ter dito isso em voz alta.

"Bom, quer saber?", disse Bacardi, e sua voz ricocheteou nas paredes velhas de reboco enquanto ela andava sobre um assoalho de madeira sem nenhum tapete, indo de um cômodo a outro. "Não sei o que a gente vai fazer, porque parece que aqui dentro só tem um computador e um rolo de papel higiênico."

Quando ela entrou de novo no cômodo, Ben ainda estava olhando para as fotos de Scarpetta, que pareciam ser do tamanho da Times Square em relação ao lugar onde estavam. Ele iluminou-as com a lanterna, como se isso fosse lhe dizer alguma coisa.

"Enquanto você fica olhando com cara de espanto", disse Bacardi, "vou ligar para Pete — que você chama de investigador Marino — e descobrir que diabos a gente vai fazer com o *Quem Ver na Metrópole*. Você sabe como faz para colocar um site na cadeia, Ben?"

"É Ban", ele corrigiu. "É abreviação de Bannerman."

A luz da lanterna de Ban percorreu os imensos pôsteres como um cometa exausto.

"Se eu fosse a doutora Scarpetta", ele disse, "contrataria alguns seguranças."

34

O telefone tocou e Berger disse a Morales que era o interfone.

"Deve ser a segurança", ela disse do sofá, onde estava sentada, pálida e com dor.

As mãos de Berger, presas atrás de suas costas, estavam da cor de cerejas. As de Scarpetta estavam completamente dormentes. Era como se fossem pedras.

"Eles devem ter ouvido o tiro." Se uma voz pudesse ser cinza, a de Berger estaria cinza.

Quando Morales subira correndo a escada após o celular soar lá em cima, com um toque familiar, Scarpetta fizera a pergunta que mudaria a eternidade para ela.

Lucy está lá em cima?, dissera para Berger.

A resposta da promotora foram seus olhos arregalados, e então elas ouviram o tiro.

Soara como uma porta de metal fechando com força, quase como as barreiras de aço do Bellevue.

E então, silêncio.

Agora Morales estava de volta, e, a essa altura, Scarpetta não se importava com mais nada nesse mundo, exceto Lucy.

"Por favor, chame uma ambulância", ela pediu.

"Eu vou lhe falar o que está pegando, doutora." Morales brandiu a pistola e parecia cada vez mais esquisito. "Sua sobrinhazinha super-heroína está com uma porra de uma bala na porra da cabeça dela. Dá para imaginar o qi que matei hoje? Nossa."

Morales pegou a sacola de academia aberta e foi até o sofá, parando bem em frente dele. Na tela do palmtop preso ao seu jeans frouxo estava um itinerário de gps, mostrando uma grossa linha vermelha serpenteando pelo mapa de algum lugar.

Morales largou a sacola de academia na mesa de centro e se agachou ao lado dela. Suas mãos com luvas de látex entraram na sacola, e ele tirou de lá um pequeno par de tênis de corrida e um saco plástico contendo os moldes de silicone das pontas dos dedos de Oscar que Scarpetta fizera. O saco plástico estava melado, como se Morales tivesse untado ou lubrificado os moldes de silicone. Ele deixou o revólver equilibrado sobre a coxa.

Morales removeu os moldes do saco plástico e colocou-os sobre os dedos de sua mão esquerda, e essa foi a primeira vez que Scarpetta se deu conta de que ele era canhoto.

Segurando a arma com a outra mão, ele ficou de pé e abriu bem os dedos da mão

esquerda com suas pontas estranhamente assimétricas, brancas e borrachentas. Morales sorriu, com as pupilas tão dilatadas que parecia ter buracos negros no lugar dos olhos.

"Não vou estar aqui para reverter o reverso delas", ele disse. "Estas aqui estão revertidas", disse movendo lentamente suas pontas dos dedos borrachentas e se divertindo.

"Sacou, doutora Sherlock? Você sabe do que estou falando. Quantas pessoas teriam pensado nisso?"

Morales queria dizer que, como as impressões eram de um molde, estariam ao contrário quando fossem transferidas para uma superfície. Ele devia ter remediado isso quando fotografou as impressões que plantara na luminária que fora deixada na banheira do apartamento de Eva Peebles. Quem fotografasse e coletasse as impressões do apartamento de Berger descobriria um desenho revertido, uma imagem espelhada do que era esperado, e se perguntaria como isso podia ter acontecido. Um examinador de impressões teria que fazer ajustes e exibir diferentes perspectivas para fazer uma análise geométrica exata para uma comparação dessas impressões plantadas com as impressões de Oscar que estavam no sistema de computador do fbi.

"É melhor você responder quando eu falar com você, piranha." Morales se levantou e se aproximou tanto que Scarpetta pôde sentir o cheiro de seu suor.

Ele se sentou ao lado de Berger, enfiando a língua na boca dela e esfregando lentamente a arma entre suas pernas.

"Ninguém teria pensado nisso", Morales disse para Scarpetta enquanto acariciava Berger, que estava imóvel, com o cano do revólver.

"Ninguém", disse Scarpetta.

Ele se levantou e começou a pressionar diversas pontas de dedo de silicone na mesa de centro de vidro. Foi até o bar, deu um peteleco numa porta de vidro para abri-la e tirou o uísque irlandês de lá de dentro. Pegou um copo colorido que parecia ser de vidro veneziano feito à mão e colocou o uísque nele. Deixou as impressões de Oscar em vários pontos da garrafa e do copo enquanto bebia a grandes goles.

O telefone do apartamento tocou de novo.

Morales ignorou-o mais uma vez.

"Eles têm uma chave", disse Berger. "Se ouvem alguma coisa neste prédio e você não atende o telefone, vão acabar entrando. Deixe-me atender e dizer a eles que está tudo bem. Ninguém mais precisa sair machucado."

Morales bebeu mais um pouco. Ele brincou com o uísque na boca e brandiu a arma para Berger.

"Mande esses caras embora", disse. "Se você tentar fazer alguma coisa, todo mundo morre agora."

"Não tenho como atender."

Morales deu um suspiro exasperado enquanto se aproximava, pegando o telefone sem fio e segurando-o contra a boca e o ouvido de Berger.

Scarpetta notou pequenas pintinhas vermelhas na pele morena dele, como se fossem sardas, só que diferentes, e algo se moveu dentro dela como placas tectônicas deslizando logo antes de um imenso terremoto.

A linha cor-de-rosa do mapa no palmtop serpenteou, movendo-se. Era alguém ou alguma coisa se movendo rapidamente. Oscar.

"Por favor, chame uma ambulância", ela disse.

Morales disse *Foi mal* sem emitir qualquer som e deu de ombros.

"Alô?", disse Berger para o telefone que ele segurava. "Jura? Quer saber? Deve ter sido a tv. Um filme do Rambo ou sei lá quem que ele está vendo. Obrigada por perguntar."

Morales tirou o telefone de perto do rosto abatido dela.

"Aperte o zero", disse Berger, sem expressão na voz. "Para desligar o interfone."

Morales apertou o zero e colocou o telefone sem fio no carregador.

Marino tocou a porta com seu dedo indicador e abriu-a apenas dois centímetros enquanto tirava sua Glock de um bolso da jaqueta de couro. O sistema de alarme soou, avisando que uma porta ou janela fora violada.

O investigador girou o corpo dentro da cobertura de Berger, com a pistola em ambas as mãos. Ele seguiu adiante pé ante pé e, por uma porta em arco, viu a sala de estar rebaixada que o fazia pensar numa nave espacial.

Berger e Scarpetta estavam no sofá com os braços atrás das costas e, pela expressão nos rostos das duas, Marino viu que era tarde demais. Um braço surgiu por detrás do sofá em U e empurrou uma arma contra a parte de trás da cabeça de Scarpetta.

"Largue a arma, babaca", disse Morales, ficando de pé.

Marino estava apontando sua Glock para Morales, que estava com uma arma enterrada no cabelo louro de Scarpetta, com o dedo no gatilho.

"Ouviu o que eu falei, Homem Gorila? Largue a porra da arma ou vai ver cérebro de gênio espalhado por toda esta cobertura."

"Não faça isso, Morales. Todo mundo sabe que foi você. Ainda dá tempo de desistir", disse a boca de Marino enquanto seus pensamentos consideravam furiosamente as possibilidades que sempre o encurralavam contra a mesma parede, uma parede da qual não conseguia se livrar, não importava o que fizesse.

Não havia saída.

Ele podia apertar o gatilho, mas então Morales apertaria também. Talvez Morales

morresse, o que deixaria Berger e Marino a salvo. Mas Scarpetta estaria morta.

"Você só tem o probleminha da prova, Homem Gorila. Alguém já chamou você assim?", perguntou Morales. "Gosto disso. Homem Gorila."

Marino não sabia se ele estava bêbado ou drogado. Mas havia tomado alguma coisa.

"Porque... porque", ele riu de escárnio, "todo mundo sabe que você é burro que nem um macaco, não é? Go-ri-la de Bau-ni-lha. Gostou?"

"Marino, não largue a arma", disse Scarpetta com espantosa calma, mas seu rosto parecia morto. "Ele não pode atirar em todo mundo de uma vez só. Não largue a arma."

"Cara, ela é uma heroína, não é?" Morales enfiou o cano da arma com força no crânio de Scarpetta, que estremeceu em silêncio. "Uma moça muito corajosa, que só tem paciente que é presunto e não pode agradecer nem reclamar."

Ele se abaixou e tocou a orelha de Scarpetta com a língua.

"Coitadinha. Não conseguiu trabalhar com gente viva? É isso que todo mundo diz de médicos como você. Que têm que colocar o ar-condicionado em dez graus, ou não conseguem dormir. Largue a porra da arma!", Morales gritou para Marino.

Eles se encararam.

"Beleza." Morales deu de ombros. Disse para Scarpetta: "Hora de nanar, e você vai poder ver sua preciosa Lucyzinha de novo. Contou para Marino que eu explodi a cabeça dela lá no andar de cima? Diga oi para o pessoal do paraíso por mim".

Marino sabia que a ameaça dele era para valer. Ele sabia que as pessoas ameaçavam para valer quando não se importavam, e Morales não se importava. Scarpetta não significava nada para ele. Ninguém significava nada para ele. Ele ia atirar.

Marino disse: "Não atire. Vou largar minha arma. Não atire".

"Não!", Scarpetta falou alto. "Não!"

Berger não disse nada, porque não havia nada que pudesse dizer que fosse fazer diferença. Era melhor que ficasse quieta, e ela sabia disso.

Marino não queria largar a arma. Morales matara Lucy. Ia matar todos eles. Lucy estava morta. Ela devia estar lá em cima. Se Marino continuasse com a arma, Morales não conseguiria matar todos. Mas mataria Scarpetta. Marino não podia permitir isso. Lucy estava morta. Todos iam morrer.

Um minúsculo ponto vermelho pousou na têmpora direita de Morales. O pontinho tremulou e tremeu bastante, e então foi se movendo mais devagar, só um pouco, como um vaga-lume cor de rubi.

"Vou colocar a arma no chão", disse Marino, agachando-se.

Ele não olhou para cima ou para trás. Não deixou ninguém perceber que havia visto algo enquanto colocava sua Glock sobre o tapete oriental, sem jamais tirar os

olhos dos olhos de Morales.

"Agora fique de pé bem devagar", disse o assassino.

Ele ergueu a pistola, tirando-a da cabeça de Scarpetta, e apontou-a para Marino enquanto o vaga-lume vermelho rastejava em torno de sua orelha.

"E diga *mamãe*", falou Morales no instante em que o ponto de laser ficou completamente imóvel em sua têmpora direita.

O tiro foi um estrondo vindo da galeria, e Morales caiu no chão. Marino nunca havia visto aquilo ao vivo, uma pessoa caindo como uma marionete com os fios cortados. Ele foi em disparada para o outro lado do sofá e pegou a arma no chão enquanto o sangue derramava da lateral da cabeça de Morales, espalhando-se pelo chão de mármore negro. Marino agarrou o telefone e ligou para a emergência enquanto corria para a cozinha para pegar uma faca, mudando de ideia e pegando um cortador de galinha do cepo com o qual rompeu as amarras que prendiam os pulsos de Scarpetta e Berger.

Scarpetta correu para o andar de cima, sem conseguir sentir a própria mão sobre o corrimão.

Lucy estava logo após uma porta que levava da galeria para o quarto de dormir, com sangue para todo lado, imensas manchas que haviam sido deixadas quando ela se arrastara pelo chão do banheiro e depois pelo assoalho de madeira até o local de onde atirara em Morales com a pistola Glock calibre quarenta que estava ao seu lado. Ela estava sentada, encostada numa parede e tremendo, com uma toalha no colo. Estava tão ensanguentada que Scarpetta não conseguiu saber com certeza onde fora atingida, mas fora na cabeça, talvez na parte de trás. Seu cabelo estava encharcado de sangue, que também escorria por seu pescoço e suas costas nuas, formando uma poça atrás e ao redor dela.

Scarpetta arrancou seu casaco de inverno, depois o blazer, e agachou-se no chão ao lado de Lucy, sentindo como se suas mãos estivessem mortas quando tocou a parte de trás da cabeça dela. Pressionou o blazer contra o couro cabeludo de Lucy, que soltou uma reclamação.

"Vai ficar tudo bem, Lucy", disse. "O que aconteceu? Você pode me mostrar onde foi o tiro?"

"Bem aqui. Ai! Jesus Cristo! Bem aqui. Merda! Estou bem. Estou com tanto frio."

Scarpetta correu a mão pelo pescoço e pelas costas escorregadios de Lucy, não conseguiu sentir nada, e suas mãos estavam começando a queimar e a formigar, mas seus dedos pareciam pertencer a outra pessoa.

Berger surgiu no topo da escada.

"Pegue toalhas", Scarpetta disse. "Um monte de toalhas."

Berger viu que Lucy estava alerta, estava bem. Correu para o banheiro.

Scarpetta disse para Lucy: "Tem algum ponto que esteja dolorido aqui atrás? Se você sentir dor, me fale".

"Nada aí atrás."

"Tem certeza?" Scarpetta fez o melhor que pôde, apalpando gentilmente com aquela mão que não estava funcionando direito. "Estou me certificando de que não há nenhum problema na sua coluna."

"Não é aí atrás. Parece que minha orelha esquerda foi arrancada. Mal consigo ouvir."

Scarpetta se arrastou de modo a ficar sentada atrás de Lucy com uma perna esticada de cada lado do corpo dela e com as costas para a parede. Ela cuidadosamente apalpou a parte de trás do couro cabeludo da sobrinha, que continuava sangrando muito.

"Minha mão está bastante dormente", disse Scarpetta. "Guie meus dedos, Lucy. Mostre para mim onde está doendo."

Lucy esticou o braço para trás, pegou a mão de Scarpetta e guiou-a até um ponto específico.

"Bem aí. Puta que pariu, como dói. Acho que pode estar debaixo da pele. Merda, como dói. Ai meu Deus, não aperte, isso dói!"

Scarpetta não estava com seus óculos de leitura e não podia ver nada além de um borrão de cabelo ensanguentado. Ela pressionou a mão sem luva contra a parte de trás da cabeça de Lucy, que gritou.

"Temos que estancar o sangramento", disse Scarpetta com calma e gentileza, quase como se estivesse falando com uma criança. "A bala deve estar bem embaixo do couro cabeludo, e é por isso que dói quando a gente pressiona. Você vai ficar bem. Vai ficar ótima. A ambulância vai chegar daqui a um minuto."

Havia vincos em torno dos pulsos de Berger, e suas mãos estavam de um vermelho vivo, muito rijas e desajeitadas quando desdobrou diversas toalhas de banho brancas das grandes e colocou-as em torno do pescoço de Lucy e debaixo de suas pernas. Lucy estava nua e molhada, e devia ter acabado de sair do banho quando Morales lhe deu o tiro. Berger se agachou no chão ao lado delas, e o sangue sujou suas mãos e sua blusa quando tocou Lucy e disse repetidas vezes que ela ia ficar bem. Tudo ia ficar bem.

"Ele está morto", Berger disse a Lucy. "Estava prestes a atirar em Marino, a atirar em todos nós."

Os nervos das mãos de Scarpetta estavam acordando furiosos, como um milhão de agulhas espetando, e ela sentiu vagamente um caroço pequeno e duro na parte de trás do crânio de Lucy, diversos centímetros à esquerda do meio dele.

"Está bem aqui", ela disse para Lucy. "Ajude-me, se você puder."

Lucy ergueu a mão e ajudou-a a encontrar a perfuração, e Scarpetta foi tirando a bala aos poucos enquanto a sobrinha reclamava alto. Era uma bala de um calibre de médio a alto, deformada e com semiaro, e Scarpetta entregou-a a Berger e pressionou uma toalha com firmeza contra o ferimento para estancar o sangramento.

O suéter de Scarpetta estava encharcado e o chão ao redor estava escorregadio, de tanto sangue que havia. Ela não achava que a bala houvesse penetrado o crânio. Suspeitava que não tivesse atingido Lucy em linha reta e que a maior parte de sua energia cinética se gastara dentro de um espaço relativamente pequeno e em milissegundos. Existem tantos vasos sanguíneos perto da superfície do couro cabeludo que ele sangra assustadoramente, e um ferimento lá sempre parece pior do que é. Scarpetta pressionou a toalha com muita firmeza contra o ferimento, com a mão direita sobre a testa de Lucy, abraçando-a.

Lucy se recostou pesadamente contra ela e fechou os olhos. Scarpetta apalpou a lateral de seu pescoço para ver como estavam os batimentos cardíacos. Estavam rápidos, mas não de forma alarmante, e Lucy respirava bem. Não estava inquieta e não parecia confusa. Não havia sinais de que estivesse entrando em choque. Scarpetta pôs a mão sobre a testa dela de novo, pressionando com força a toalha sobre o ferimento para estancar o sangue.

"Lucy, você precisa abrir os olhos e ficar acordada. Está me ouvindo? Pode nos contar o que aconteceu?", perguntou Scarpetta. "Ele correu aqui para cima e ouvimos um tiro. Você lembra o que aconteceu?"

"Você salvou a vida de todo mundo", disse Berger. "Vai ficar bem. Todos estamos bem."

Ela estava acariciando o braço de Lucy.

"Não sei", disse Lucy. "Eu me lembro de estar no banho. Aí eu estava no chão, e parecia que alguém atingira a minha cabeça com uma bigorna. Como se um carro tivesse batido na parte de trás da minha cabeça. Por um minuto, fiquei cega. Achei que tinha ficado cega para sempre, mas de repente vi luz e imagens. Eu o ouvi falando lá embaixo, mas não podia andar. Estava tonta, então me arrastei até a cadeira, meio que escorreguei pelo chão de madeira até o lugar onde meu casaco estava e peguei a arma nele. Aí, comecei a ver de novo."

A Glock ensanguentada estava no chão ensanguentado ao lado do corrimão da galeria, e Scarpetta lembrou que aquela arma era uma que Marino dera a Lucy de Natal. Era a arma preferida dela. Lucy dissera que era a coisa mais legal que ele jamais lhe dera, uma pistola pequena de calibre quarenta com laser, mais caixas de balas de ponta oca de alta velocidade. Marino sabia do que ela gostava. Fora ele quem a ensinara a atirar quando era criança, quando os dois subiam na picape dele e sumiam. Depois a mãe de Lucy — a irmã de Scarpetta, Dorothy — ligava xingando, em geral após ter tomado diversos drinques, gritando com Scarpetta e dizendo que

ela estava estragando Lucy, ameaçando nunca mais deixá-la ver a sobrinha de novo.

Dorothy provavelmente nunca teria permitido que Lucy visitasse Scarpetta se não fosse pelo pequeno problema de que ela não queria uma criança, pois a própria Dorothy era uma criança que sempre ia querer um papai para tomar conta dela, mimá-la e adorá-la como o pai delas havia mimado Scarpetta e dependido dela.

Scarpetta empurrou a testa de Lucy com uma das mãos e pressionou a toalha contra a parte de trás de sua cabeça com a outra. Suas mãos estavam quentes e inchadas agora, e seu coração batia forte nelas. O sangramento diminuíra consideravelmente, mas ela resistiu à vontade de olhar. Continuou com a pressão.

"Parece trinta e oito", disse Lucy, fechando os olhos de novo.

Ela devia ter visto a bala quando a tia a entregou para Berger.

"Quero que você mantenha os olhos abertos e fique acordada", disse Scarpetta. "Você está bem, mas vamos ficar acordadas. Acho que ouvi alguma coisa. Acho que a equipe de resgate está aqui. A gente vai para a emergência fazer todos aqueles testes legais que você ama tanto. Raios X. Ressonância magnética. Diga para mim como você está se sentindo."

"Está doendo pra cacete. Estou bem. Você viu a arma dele? Queria saber qual era. Não me lembro de ter visto. Não me lembro dele."

Scarpetta ouviu a porta abrindo lá embaixo, os ruídos e a confusão de vozes tensas conforme a equipe entrava, e Marino subia correndo com eles, todos conversando alto. Ele saiu da frente, vendo Lucy em meio a toalhas ensanguentadas e então a Glock no chão, e se abaixou para pegá-la. Marino fez a única coisa que nunca se deve fazer numa cena de crime. Ele segurou a arma com as mãos sem qualquer proteção e foi embora com ela, desaparecendo dentro do banheiro.

Dois paramédicos conversavam com Lucy e lhe faziam perguntas. Ela respondia enquanto eles a amarravam numa maca. Scarpetta estava tão absorta com aquilo que não notou que Marino de alguma maneira voltara para o andar de baixo e estava lá com dois policiais uniformizados. Outros paramédicos estavam erguendo o corpo de Morales e colocando-o sobre outra maca, e ninguém parecia incomodado em tentar ressuscitá-lo, pois já estava morto havia algum tempo.

Parecia que Marino estava tirando o carregador da Glock — da Glock de Lucy — e tirava a munição da câmara enquanto um policial segurava uma sacola de papel aberta. Marino estava contando a eles como Berger destrancara remotamente a porta do apartamento e o deixara entrar sem que Morales soubesse. Ele estava inventando uma história sobre ter se aproximado o máximo que pôde pé ante pé e então deliberadamente feito um barulho para que Morales olhasse para cima.

"Isso me deu tempo suficiente para disparar uma vez antes que ele atirasse em alguém", mentiu para os policiais. "Ele estava atrás da doutora com o revólver apontado para ela."

Berger estava com eles, e disse: “A gente estava bem aqui no sofá”.

“Era um trinta e oito sem cão”, disse Marino.

Ele estava explicando tudo aquilo, levando a culpa, não o mérito, por ter matado alguém, e Berger estava ajudando-o de forma impecável. Parecia que a nova missão dela na vida era manter Lucy longe de confusões.

Legalmente, Lucy não podia ter uma arma em Nova York de jeito nenhum, nem mesmo dentro de uma residência, nem mesmo para autodefesa. Legalmente, a pistola ainda pertencia a Marino porque ele nunca realizara o procedimento necessário para transferir seu presente para Lucy, pois muito acontecera desde aquele Natal do ano anterior em Charleston. Ninguém estava feliz com ninguém, e depois Rose começou a agir de forma estranha e não se soube por que durante algum tempo. Scarpetta não conseguira manter o mundo deles fixo quando pareceu explodir em mil pedaços, como uma velha bola de golfe que perdeu o revestimento. Aquilo fora o começo do que ela concluíra, pouco tempo atrás, ser o fim deles.

Sua mão ensanguentada segurou a mão ensanguentada de Lucy quando os paramédicos levaram a maca aos trancos e barrancos até o elevador, com um deles falando pelo rádio com a ambulância que estava diante do prédio. As portas abriram e Benton surgiu em seu terno listrado, com a mesma aparência com que aparecera na cnn, quando Scarpetta o vira em seu BlackBerry conforme caminhava até o apartamento de Berger.

Benton pegou a outra mão de Lucy e olhou nos olhos de Scarpetta, e a tristeza e o alívio em seu rosto foram mais profundos que qualquer coisa no mundo.

35

13 de janeiro

Não foi graças à sua fama que Scarpetta conseguiu uma mesa no Elaine's, onde era impossível uma pessoa ser importante o suficiente para ganhar indulgências ou imunidade soberana se a lendária dona do restaurante não gostasse dela.

Quando Elaine se acomodava em uma de suas mesas todas as noites, uma expectativa subia como fumaça de cigarro, vinda de outra era, quando a arte era adorada, criticada, redefinida — qualquer coisa menos ignorada — e qualquer pessoa em qualquer condição podia entrar por aquela porta. Encerrados pelas paredes havia ecos de um passado que Scarpetta pranteava, mas do qual não sentia falta, tendo posto os pés ali décadas antes, numa viagem de fim de semana com um homem por quem se apaixonara durante a época em que fizera faculdade de direito na Universidade de Georgetown.

O homem se fora, Scarpetta tinha Benton, e a decoração do Elaine's não mudara: tudo preto com exceção do chão de azulejos vermelhos, e havia também ganchos para as pessoas pendurarem os casacos e telefones públicos que, pelo que Scarpetta sabia, não eram mais usados. Nas prateleiras havia livros autografados que os clientes sabiam que não deviam tocar e fotografias de estrelas da literatura e do cinema cobriam cada centímetro livre das paredes, até o teto.

Scarpetta e Benton pararam na mesa de Elaine para dizer oi — um beijo em cada bochecha e *Eu não vejo vocês há algum tempo, por onde andaram?* Scarpetta ficou sabendo que um antigo secretário de Estado acabara de sair, na semana anterior fora um *quarterback* dos Giants de quem ela não gostava e, hoje, um apresentador de um programa de entrevistas de quem gostava menos ainda estivera lá. Elaine disse que esperava outros convidados, mas isso não era novidade, pois aquela grande dama sempre sabia todos que iam entrar em seu salão a cada noite.

O garçom preferido de Scarpetta, Louie, encontrou a mesa perfeita para eles.

Ele disse para ela, enquanto lhe oferecia uma cadeira: "Eu não devia mencionar isso, mas ouvi falar de tudo o que aconteceu". Louie balançou a cabeça. "Eu não devia dizer isso — ainda mais para você. Gambino, Bonanno... Era melhor naquela época. Sabe? Eles faziam o que faziam, mas tinham os motivos deles, entende? Não saíam por aí matando gente só porque deu vontade. Ainda por cima fazer aquilo com a moça, coitada. Uma anã. E aquela viúva idosa. E também a outra mulher e o menino. Que chance eles tiveram?".

“Nenhuma”, disse Benton.

“Sabe o que eu acho? Que com um cara assim a gente deve enfiar o pé dele no cimento e jogar no rio. Algumas situações são especiais. Se vocês não se incomodarem que eu pergunte, como está o rapaz... vocês sabem, o outro anão? Acho que eu não devia usar essa palavra, pois tem muita gente que usa como um termo pejorativo.”

Oscar entrara em contato com o fbi e estava bem. Um microchip com gps fora removido de sua nádega esquerda e ele estava descansando, como dizia Benton, numa ala psiquiátrica privada e elegante do McLean chamada Pavilion. Estava fazendo terapia e, o que era mais importante, tendo a dádiva de poder se sentir seguro até ficar mais tranquilo. Scarpetta e Benton iam voltar para Belmont na manhã seguinte.

“Ele está indo bem”, disse Benton. “Vou dizer que você perguntou.”

Louie disse: “O que vocês querem? Drinques? Lula?”.

“Kay?”, perguntou Benton.

“Uísque escocês. O melhor puro malte que você tiver.”

“Pode trazer dois.”

Louie disse, com uma piscadela: “Para vocês? Minha reserva especial. Um dos novos, para vocês experimentarem. Tem alguém dirigindo?”.

“Forte”, disse Scarpetta, e Louie foi até o bar.

Atrás dela, numa mesa perto da janela que dava para a Segunda Avenida, um homem grandalhão vestindo um chapéu de caubói Stetson branco estava sentado sozinho, bebendo o que parecia ser vodca ou gim sem gelo com uma rodela de limão. De tempos em tempos ele entortava o pescoço para ver como estava o placar de um jogo de basquete que passava na tv sem som acima de sua cabeça, e Scarpetta viu seu maxilar bem marcado, seus lábios grossos e suas longas costeletas brancas. O homem então ficou olhando para o nada, fazendo círculos lentos com o copo sobre a toalha de mesa branca. Havia algo de familiar nele, e ela se lembrou das imagens que vira na tv e foi tomada pelo choque ao achar que estava olhando para Jake Loudin.

Mas não era possível. Jake Loudin estava preso. Esse homem era pequeno, bastante magro. Scarpetta se deu conta de que ele era um ator, que não andava trabalhando muito.

Benton examinou os pratos com o rosto escondido pelo cardápio de plástico com o rosto de Elaine na capa.

Scarpetta disse: “Você está parecendo o inspetor Clouseau tentando espionar alguém”.

Benton fechou o cardápio e colocou-o sobre a mesa, dizendo: “Tem alguma coisa em particular que você quer dizer para todo mundo? Já que organizou essa

reuniãozinha por outros motivos além de socializar. Só achei que deveria mencionar isso antes de eles aparecerem".

"Nada específico", disse Scarpetta. "Só queria espairecer. Sinto que todo mundo devia espairecer antes de a gente ir para casa. Gostaria que não fôssemos. Não parece certo estarmos lá enquanto todos os outros estão aqui."

"Lucy vai ficar perfeitamente bem."

As lágrimas brotaram nos olhos de Scarpetta. Ela não conseguia esquecer aquilo. Uma sensação de pavor envolvia seu coração como mãos inimigas, e ela permanecia consciente de sua quase perda mesmo quando dormia.

"Está escrito que ela não vai para longe de nós." Benton aproximou sua cadeira da dela e pegou sua mão. "Se não fosse assim, ela já teria se mandado há muito tempo."

Scarpetta secou os olhos com o guardanapo e olhou para a tv silenciosa, como se ligasse para quem estava jogando basquete.

Ela pigarreou e disse: "Mas é quase impossível".

"Não é. Sabe esses revólveres? Esses que estou sempre dizendo que são uma péssima ideia por serem tão leves? Bom, você viu por que, só que nesse caso a sorte estava a nosso favor. O coice é inacreditável. É como levar um coice de um cavalo na mão. Acho que ele deve ter levado um solavanco quando puxou o gatilho, Lucy provavelmente deve ter se mexido, o calibre era pequeno e o revólver era de baixa velocidade. Além do mais, o que está escrito é que ela deve ficar aqui com a gente. Não ir embora. Todos estamos bem. Mais do que bem", disse Benton, pressionando os lábios contra a mão dela e então beijando-a docemente na boca.

Ele não costumava ser tão afetuoso em público. Mas, agora, não parecia mais ligar. Se o *Quem Ver na Metrópole* ainda existisse, eles provavelmente sairiam nele no dia seguinte — assim como todas as pessoas que Scarpetta convidara para o jantar.

Ela jamais visitara o apartamento onde a autora anônima escrevera suas colunas cruéis e vingativas, e agora que sabia quem fizera isso sentia pena dela. Entendia completamente por que Terri Bridges se voltara contra ela. Terri recebia e-mails insensíveis e depreciativos de sua heroína, ou pensava isso, e, quando não aguentara mais, dera a seu alter ego a tarefa de eviscerar Scarpetta publicamente. Terri apertara seu próprio gatilho, fazendo diversos disparos contra uma mulher cujos supostos maus-tratos haviam sido a última gota numa vida inteira de maus-tratos.

Lucy determinara que Terri havia escrito as duas colunas postadas no primeiro dia do ano no dia 30 de dezembro, e que elas haviam ficado numa fila e sido mandadas automaticamente para Eva Peebles quando Terri já estava morta. Lucy também descobriu que na tarde do dia 31 de dezembro, meras horas antes de Terri ser assassinada, ela deletara todos os e-mails da conta Scarpetta126 não porque achava

que estava prestes a ser morta, Benton tinha certeza disso, mas porque acabara de cometer seu próprio crime, anonimamente, contra uma médica-legista que afinal ia conhecer, só que no necrotério.

Benton acreditava que Terri tinha uma consciência, e de um tamanho considerável, e que fora por isso que apagara os mais de cem e-mails que pensava terem sido trocados entre ela e Scarpetta. A ansiedade de Terri ditara que devia erradicar qualquer prova de que pudesse haver uma ligação entre o *Quem Ver na Metrópole* e Terri Bridges. Ao deletar a correspondência, ela também expungira sua heroína desgraçada de sua vida.

Aquela era a teoria de Benton. Scarpetta não tinha nenhuma teoria, exceto a de que sempre existiriam teorias.

"Escrevi uma carta para Oscar", ela disse, abrindo a bolsa e tirando um envelope de lá. "Acho que todos deviam ler, vou mostrar para todo mundo. Mas queria ler para você primeiro. Não é um e-mail, mas uma carta de verdade em papel de verdade, no meu papel de carta pessoal, que não uso desde Deus sabe quando. Mas não escrevi em letra cursiva. Minha caligrafia só fica pior com o passar do tempo. Já que nunca vai haver um processo, Jaime disse que não há problema nenhum em dizer a Oscar o que eu quiser, e fiz isso mesmo. Fiz tudo o que pude para explicar para ele que Terri passou por muitas agruras com seus pais, e que foi esse condicionamento inicial que a compeliu a controlar tudo o que podia. Terri tinha raiva porque fora machucada, e pessoas machucadas muitas vezes machucam em troca, mas, no fundo, ela era uma boa pessoa. Estou fazendo um resumo, porque a carta é longa."

Scarpetta tirou do envelope quatro páginas de um papel pesado e cor de creme e desdobrou-as com cuidado. Ela passou os olhos pelo texto até encontrar o trecho que queria que Benton ouvisse.

Leu para ele, baixinho:

> No quarto secreto do andar de cima, onde ela escrevia suas colunas, estavam as rosas amarelas que você lhe deu. Ela guardou cada uma delas, e aposto que nunca lhe contou. Ninguém faria algo assim se o que sentisse não fosse profundamente importante, Oscar. Quero que você se lembre disso, e, se esquecer, releia esta carta. É por isso que eu a escrevi. Para você guardar.
>
> Também tomei a liberdade de escrever para a família dela, dar os meus pêsames e contar-lhes tudo o que podia, pois eles têm muitas, muitas perguntas. Temo que a dra. Lester não tenha sido tão prestativa quanto eles gostariam, então preencho as lacunas, quase sempre com conversas pelo telefone, além de algumas trocas de e-mail.
>
> Eu falei de você, e, talvez, a essa altura, eles tenham entrado em contato. Se não tiverem, sei que você vai fazê-lo. Eles me disseram que queriam que eu lhe contasse o que Terri colocou em seu testamento e pretendem escrever para você sobre isso. Talvez já o tenham feito.
>
> Não vou divulgar os detalhes dos últimos desejos dela, pois seria uma intromissão. Mas, atendendo ao que a família dela me pediu, contarei o seguinte. Terri deixou uma soma considerável para a Associação Americana de Nanismo, para que eles possam criar uma fundação que ofereça assistência na forma de cuidados médicos para aqueles que desejam ou precisam de procedimentos (como cirurgias

corretivas) que não são pagas pelos planos de saúde. Como você sabe, muito do que poderia e deveria ser feito é injustamente considerado um procedimento eletivo: a ortodontia, por exemplo, e, em alguns casos, o alongamento dos ossos.

Nem é preciso dizer que Terri tinha um coração muito bom...

Scarpetta lera o máximo que podia, pois uma onda de tristeza se abatia sobre ela de novo. Dobrou as páginas e enfiou-as de volta no envelope.

Louie apareceu com os drinques deles, e foi embora da mesma maneira discreta como surgira. Scarpetta deu um gole no uísque, que a esquentou conforme ia descendo, enquanto os vapores exalados por ele estimularam seu cérebro como se tivesse se escondido num lugar recluso e precisasse de coragem.

"Se você achar que não vai interferir com o tratamento do seu paciente", ela deu o envelope para Benton, "pode entregar isso para ele?"

"Vai significar mais para ele do que você pode imaginar", disse Benton, colocando-o no bolso interno de sua jaqueta de couro preta e brilhante.

Era uma jaqueta nova, assim como o cinto com a fivela Winston em forma de cabeça de águia e as botas feitas à mão que ele também estava usando. A maneira de Lucy celebrar o fato de que, abre aspas, escapara dessa por um raspão, era comprar presentes para os outros. E não presentes baratos. Lucy dera a Scarpetta outro relógio do qual ela não precisava — um Breguet de titânio com um mostrador de fibra de carbono — para combinar com a Ferrari F430 Spider preta que dissera também ter comprado para a tia. Era uma brincadeira, graças a Deus. Scarpetta preferia andar de bicicleta que dirigir um troço daqueles. Marino ganhara uma nova moto, uma Ducati 1098 vermelha de corrida que Lucy estava guardando para ele em seu hangar em White Plains, porque o proibira de dirigir qualquer coisa com menos de quatro rodas na cidade. Bem mal-educada, ela acrescentara que Marino tinha que continuar com o mesmo peso ou não caberia numa supermoto, não importava quão super ela fosse.

Scarpetta não tinha ideia do que Lucy dera para Berger. Ela não fazia perguntas a não ser que Lucy o desejasse. Scarpetta estava sendo paciente enquanto a sobrinha continuava a esperar por uma desaprovação que não tinha intenção de expressar, pois não era isso que sentia. Nem de longe. Após ter se recuperado do choque inicial, embora não houvesse justificativa para qualquer choque, Scarpetta não podia estar mais feliz.

Ela e Berger haviam saído para almoçar na semana anterior, só as duas no Forlini's, que ficava perto do One Hogan Place, o edifício da promotoria. As duas tinham se sentado numa mesa que Berger dissera quase ter sido batizada em homenagem a Scarpetta. Dissera que era uma mesa que dava sorte, pois era a mesa do término do casamento. Scarpetta respondera que não via como isso podia ser considerado sorte e Berger, que ela depois descobrira que era uma fã dos Yankees,

costumava ir a jogos e estava com vontade de voltar a fazer isso, respondera que dependia de quem ia ser o próximo rebatedor.

Scarpetta não precisava entender de beisebol para compreender o cerne da questão. Ela simplesmente ficara feliz que uma mesa batizada em homenagem ao chefe dos bombeiros de Nova York não fosse o lugar estressante que poderia ter sido num passado não muito distante. Poucas pessoas sabiam tanto sobre Scarpetta quanto Jaime Berger.

"Não respondi sua pergunta", disse Benton, observando a porta. "Desculpe."

"Esqueci qual era."

"Sua carta. Obrigado por lê-la para mim, mas não a leia para eles."

"Também achei que era melhor não."

"Eles não precisam de provas de que você é um ser humano decente." Os olhos de Benton estavam fixos nos dela.

"É tão óbvio assim?"

"Todo mundo sabe que aquela merda na internet, os e-mails que Morales mandou fingindo ser você e todo o resto... A gente sabe quem você é e quem não é. Nada do que aconteceu foi culpa sua, e você e eu vamos continuar a conversar sobre isso, a dizer a mesma coisa várias vezes. Leva muito tempo para suas emoções alcançarem seu cérebro. Além do mais, eu devia me sentir culpado. Morales descobriu toda aquela merda com a tal de Nancy, e Marino jamais teria se tratado com aquela imbecil se eu não o tivesse mandado para aquele maldito centro de tratamento e perdido meu tempo discutindo o assunto com ela."

"Ela jamais deveria ter contado tudo para Morales, concordo. Mas entendo por que fez isso."

"Não", disse Benton. "Isso nunca devia ter acontecido. Ele deve tê-la seduzido pelo telefone. Não sei o que Morales disse, mas ela nunca devia ter dito a ele uma palavra do que Marino lhe revelara. É uma violação tão grande das regras de anonimato exigidas pelo governo que ela vai ser demitida. Vou me certificar disso."

"Não vamos punir ninguém. Já houve punições demais, gente brigando, agindo como defensoras dos outros, tomando decisões para os outros e se vingando uns dos outros, tudo demais. Indiretamente, é por isso que Terri está morta. É por isso que Eva está morta. Se Terri não estivesse se vingando de todo mundo... Bem, se Marino quiser se desforrar da imbecil da ex-terapeuta dele, deixe que faça isso pessoalmente."

"Você provavelmente tem razão", disse Benton. "E eles chegaram."

Ele se levantou para que Marino pudesse vê-lo no salão escuro e cheio de gente, e as quatro pessoas, que incluíam a nova namorada de Marino, Bacardi, que tinha, sim, um prenome — era Georgia —, e também Berger e Lucy, espremeram-se entre os vários outros clientes, foram cumprimentar Elaine e tagarelaram sobre coisas que

Scarpetta não conseguiu escutar. Logo depois todos estavam pegando cadeiras e se sentando, parecendo muito animados. Lucy estava usando um boné do Red Sox, provavelmente para provocar Berger, que, é claro, detestava os maiores inimigos dos Yankees. Mas o principal motivo do boné era esconder um pedaço da cabeça que fora raspado.

Fora só isso. Um insulto à vaidade de Lucy. O ferimento feito pela bala na parte de trás de sua cabeça estava fechado, e a pequena contusão de seu cérebro, curada. Marino resumira tudo do jeito que só ele sabia fazer, dizendo que Lucy estava tão bem porque não havia nada para atingir na cabeça dela, só osso.

Louie voltara trazendo pratos da famosa lula do Elaine's e ouviu os pedidos sem anotar nada. Berger e Lucy quiseram provar da reserva especial de uísque escocês de Louie, Bacardi não fez jus ao nome e pediu um martíni de maçã e Marino hesitou, depois balançou a cabeça e fez cara de constrangido. Ninguém prestou atenção, mas Scarpetta notou o que acontecera. Ela se inclinou por trás de Lucy e tocou o braço de Marino.

Ele se recostou na cadeira de madeira, fazendo-a gemer, e disse: "Como você está?".

"Você já veio aqui antes?", ela perguntou.

"Eu, não. Não é meu tipo de botequim. Não gosto de ter conversas particulares com a Barbara Walters sentada duas mesas para o lado."

"Aquela não é a Barbara Walters. Eles têm Red Stripe, Buckler, Sharp's. Não sei o que você anda bebendo esses dias."

Ela não estava encorajando-o a beber ou a não beber. Estava dizendo que não se importava com o que ele bebia, que apenas ele devia se importar, e que ela se importava com ele.

Marino disse para Louie: "Vocês ainda têm Red Stripe?".

"Com certeza."

"Quem sabe daqui a pouco", disse Marino.

"Quem sabe daqui a pouco", repetiu Louie, dizendo em voz alta os pedidos dos outros e indo pegar.

Berger estava olhando para Scarpetta, e ela indicou com o olhar o homem de chapéu de caubói branco sentado perto da janela.

"Você sabe o que estou pensando", disse Berger para ela.

"Não é ele", disse Scarpetta.

"Quase tive um ataque cardíaco quando entrei aqui", disse Berger. "Você não tem ideia. Eu pensei: *Como é possível?*"

"Ele ainda está onde deve estar?"

"Você quer dizer no inferno?", interrompeu Lucy, parecendo saber exatamente do que elas estavam falando. "É lá que ele deveria estar."

"Não vá inventando moda, Rocky", disse Marino para ela.

Esse costumava ser seu apelido para Lucy, porque ela nunca sabia quando parar de socar e estava sempre desafiando Marino para partidas de boxe e de luta greco-romana até fazer doze anos e ficar menstruada. O nome do meio de Marino era Rocco e, por isso, o fato de ele chamar Lucy de Rocky sempre parecera a Scarpetta certa projeção psicológica. O que Marino amava em Lucy era o que amava em si próprio, só que não sabia.

"Eu não ligo para o que os outros dizem, adoro essas drogas desses filmes", disse Bacardi, enquanto Louie retornava. "Até *Rocky Balboa*. Sempre choro no fim. Não sei por quê. Quando vejo sangue e entranhas de verdade, nem uma lágrima. Mas nos filmes? Eu me acabo."

"Tem alguém dirigindo?", disse Louie de novo, e então respondeu a si mesmo, como sempre fazia. "Claro que não. Não tem ninguém dirigindo. Não sei o que aconteceu aqui. Acho que foi a gravidade", ele acrescentou, querendo dizer que os drinques estavam fortes. "Começo a servir e a gravidade toma conta. Não consigo erguer a garrafa e continuo a servir."

"Meus pais costumavam me trazer aqui quando eu era criança", Berger disse para Lucy. "Essa é a Nova York dos velhos tempos. Você devia absorver cada detalhe, porque um dia não restará nada de uma época quando tudo era melhor, mesmo que não parecesse. As pessoas vinham para cá e conversavam mesmo sobre arte e ideias. Hunter Thompson. Joe DiMaggio."

"Nunca pensei em Joe DiMaggio conversando sobre arte e ideias. Só sobre beisebol, mas não sobre Marilyn Monroe. Todo mundo aqui sabe que ele não falava nela", disse Lucy.

"É melhor você torcer para que os fantasmas não existam", disse Benton para sua quase sobrinha. "Depois do que fez."

"Venho querendo falar com você sobre isso", disse Bacardi para Lucy. "Uau. Olha, aqui tem um monte de maçã mesmo."

Ela deu o braço a Marino e se recostou nele, fazendo com que uma tatuagem de borboleta brotasse de sua blusa apertada numa onda de seio.

"Já que aquela droga de site travou, que mistério enorme foi esse? Nunca cheguei a ver a droga da foto. Ela é forjada, certo?", disse Bacardi.

"Como assim?", perguntou Lucy inocentemente.

"Não faça essa cara de tola para mim." Bacardi sorriu e bebericou seu martíni de maçã de uma forma pouco delicada.

Scarpetta disse para Berger: "Você deve ter visto algumas pessoas bastante interessantes aqui quando era criança".

"Lucy nunca ouviu falar de metade das pessoas que têm fotografias nas paredes", disse Berger.

“Lá vamos nós de novo. É incrível que alguém me deixe pedir álcool”, disse Lucy. “Ainda tenho dez anos. Vou ter dez anos a vida toda.”

“Você não estava viva quando Kennedy levou um tiro, nem quando Bobby Kennedy levou outro, nem quando Martin Luther King levou outro. Nem durante o Watergate”, disse Berger.

“Será que perdi algo de bom?”

“Quando Neil Armstrong andou na Lua. Isso foi bom”, disse Berger.

“Eu já era nascida quando isso aconteceu, e quando Marilyn Monroe morreu também”, disse Bacardi, conseguindo voltar à conversa. “Então, diga logo. Fale dessa fotografia. Do verme, ou seja lá como a mídia o está chamando.”

“Há fotos dela morta na internet”, disse Marino. “Algumas. É nisso que dá. Um babaca que trabalha num necrotério vende uma foto. A gente podia proibir as pessoas de levar celular lá para dentro”, ele disse para Scarpetta. “Obrigá-las a deixá-los na recepção do necrotério, que nem eu tenho que deixar minha arma quando entro na cadeia. Ter um cofre ou sei lá.”

“Não é uma foto dela de verdade”, disse Lucy. “Não exatamente. Só do pescoço para cima. O resto eu cortei, colei e realcei.”

“Você acha que é verdade que ela foi assassinada?”, perguntou Bacardi num tom muito sério.

Scarpetta vira a foto alterada e o que Eva escrevera sobre ela, conhecia bem todos os arquivos do caso. Se já não tivesse bebido mais da metade de seu uísque escocês puro malte, sem água e sem gelo, talvez não tivesse sido tão honesta.

“Provavelmente”, ela disse.

“Provavelmente é melhor não dizer isso na cnn”, disse Benton para Scarpetta.

Ela deu outro gole. O uísque descia macio e tinha um gostinho final de fumaça que flutuava até seu nariz e evaporava em algum lugar de seu cérebro, mais fundo do que antes.

“As pessoas ficariam surpresas se soubessem as coisas que eu não falo”, ela disse. “Eva Peebles estava certa em quase tudo.”

Lucy envolveu o copo com os dedos, erguendo-o em homenagem à tia e levando-o aos lábios, explorando-o com o nariz e a língua como um enólogo faz com um bom vinho. Ela olhou para Scarpetta da sombra do seu boné e sorriu.

Copyright © 2008 by Cornwell Entertainment, Inc.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

título original Scarpetta

Capa Richard Hasselberger

foto de Capa Comstock Images/ Getty Images

Preparação Laura Finisguerra

Revisão Vivian Miwa Matsushita,
Renato Potenza Rodrigues e Juliane Kaori

ISBN 978-85-8086-227-0

Todos os direitos desta edição reservados à
editora schwarcz S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — sp
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.editoraparalela.com.br
atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br

Sobre o autor



Visite o site da autora:
www.patriciacornwell.com



BIBLIOTECA
DO EXILADO

Table of Contents

Rosto
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35

Créditos
Sobre o autor